Dimitri Merejkovski

o romance de

Leonardo da Vinci

(a ressurreição dos deuses)

(zero papel)

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

O ROMANCE DE LEONARDO DA VINCI

A RESSURREIÇÃO DOS DEUSES

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: *O romance de Leonardo da Vinci.*

TÍTULO ORIGINAL: *Voskresshie bogi. Leonardo da Vinci.*
AUTOR: Dimitri Merejkovski.
TRADUTOR: José Fernandes Costa.
CAPA: © 2013, (zero papel) baseada na foto de Luc Viator, de uma página do Codex Atlanticus.
EDIÇÃO DIGITAL:
© (zero papel), setembro de 2013.
Texto em conformidade com o acordo ortográfico da língua portuguesa de 16 de dezembro de 1990.

O ROMANCE DE LEONARDO DA VINCI

ROMANCE DE

Dimitri Merejkovski

——0——

(zero papel)
EDIÇÕES DIGITAIS
2013

O ROMANCE DE LEONARDO DA VINCI

(A RESSURREIÇÃO DOS DEUSES)

ÍNDICE

1. A diabinha branca
2. Ecce Deus — Ecce Homo (1494)
3. Os frutos venenosos (1494)
4. O sábado das feiticeiras (1494)
5. Seja feita a vossa vontade (1495)
6. Diário de Giovanni Beltraffio (1494-1495)
7. O Auto-de-Fé das «Vaidades» (1496)
8. Idade de Oiro (1496-1497)
9. Os cisnes (1498-1499)
10. Águas calmas (1499-1500)
11. Voará! (1500)
12. Ou César — ou nada (1500-1503)
13. A fera escarlate (1503)
14. Monna Lisa Gioconda (1503-1506)
15. Para ressuscitar os mortos (1506-1513)
16. Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo e Rafael (1513-1515)
17. A morte — O precursor alado

CAPÍTULO I
A diabinha branca

Quando os habitantes da cidade de Sienna encontraram numas escavações a estátua da Deusa Vénus, ficaram loucos de alegria e foram instalá-la no centro da grande praça, por cima da FONTE GAIA, — «a alegre nascente».

De todos os lados o povo acorria para a admirar; até que um dia, no tempo da guerra com Florença, numa reunião de governadores, um destes ergueu-se e disse: — «Cidadãos, como a Igreja cristã proíbe o culto dos falsos deuses, suspeito que as derrotas que temos sofrido são devidas a esta estátua que, tão levianamente, erguemos no meio da praça; é um castigo de Deus! Conjuro-vos a despedaçá-la e ir enterrar os destroços na terra dos Florentinos, a fim de atrair sobre eles a cólera divina».

E os cidadãos de Sienna assim o fizeram.

(Extraído do Diário *de Lourenço Ghiberti)*

I

Ao lado da igreja de «Or-San-Michel», em Florença, estavam instalados os depósitos de mercadorias da corporação dos tintureiros. Eram construções pesadas, com telheiros de saliências irregulares que atingiam quase as casas fronteiras, e com tetos tão próximos uns dos outros que mal se divisava, pelos interstícios, uma estreita nesga do céu. Mesmo em dias de sol, a rua era sempre sombria. Sobre prateleiras, à entrada das lojas, havia amostras de tecidos de lã, vindos de outros países e tintos em Florença, de lilás ou azul-claro. Na valeta, ao meio da rua pavimentada de grandes lajes, corriam, em veios de variegadas cores, os líquidos despejados das cubas dos tintureiros. Por cima das portas dos principais armazéns ou «fondachi», viam-se escudos ostentando, em campo vermelho, uma águia sobre um fardo de lã branca, brasão de armas da corporação dos tintureiros pertencentes à Grande Companhia de Galimala. (1)

Num desses «fondachi», sentado a uma mesa carregada de livros de contas e de pesados maços de contratos jurídicos, pontificava o rico mercador florentino *messer* Cipriano Bonaccorsi, um dos cônsules da nobre arte de Galimala.

Num dia frio de março, no meio da exalação húmida que subia dos subterrâneos atochados de mercadorias, o velho tiritava, aconchegando-se numa peliça parda, já muito rapada e rota dos cotovelos.

Com uma pena de pato atrás da orelha, Bonaccorsi, simulando indiferença e despreocupação, percorria muito atento, com os seus olhos de míope, a que nada escapava, as folhas de pergaminho do enorme livro de contas dividido em colunas horizontais e verticais, no qual se lia dum lado o «deve» e do outro o «haver». A letra dos registos era redonda e regular. Na primeira página havia, em grandes carateres, a seguinte inscrição: «Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Santa Virgem Maria, começou a escriturar-se este livro de contas no ano do Senhor de 1494». Depois de ter recapitulado os últimos lançamentos, *messer* Cipriano recostou-se fatigado sobre o espaldar da cadeira e cerrando os olhos começou a meditar numa carta de negócios que precisava escrever ao agente principal da feira de panos de Montpellier.

Nesta altura, alguém entrou no armazém. Bonaccorsi abriu os olhos e reconheceu Grillo, um aldeão a quem arrendara a terra de semeadura e as vinhas da sua propriedade de São Gervásio, no vale de Mugnone.

Grillo, que o saudou ao chegar, trazia um cabaz cheio de ovos bem acomodados em palha, e, presos da cintura, amarrados com as patas para o ar, dois pequenos galos vivos.

— Que Vossa Senhoria me permita esta lembrança para a festa da Páscoa: estes ovos e estes franganotes — disse modestamente depois dum silêncio. E piscava maliciosamente os olhitos verdes, num jeito que mais vincava em redor das órbitas as rugas da sua epiderme crestada pelo sol e pelo ar livre.

Bonaccorsi, depois de ter agradecido ao velho campónio, e de se ter informado da sua saúde, quis logo saber notícias sobre o trabalho de que o encarregara.

— Então, está tudo em ordem? Julgas que os teus homens acabarão no prazo marcado?

Grillo suspirou fundo, e, encostado ao cajado que trazia numa das mãos, ficou-se um momento a refletir.

— Está tudo a postos, tenho gente suficiente. Contudo, há uma coisa que vos queria dizer, *messer:* não seria melhor esperar?

— Esperar? Mas tu mesmo eras da opinião que não havia tempo a perder, não fosse outro ter a mesma ideia...

— Tudo isso é verdade, mas que quereis? Quando penso nisto sinto-me inquieto. Está à porta a Semana Santa, a Quaresma, vamos cometer um grande pecado...

— Com o pecado não te preocupes; esse, tomo-o eu sobre mim. Nada receies que eu não te trairei. O que é necessário é encontrar qualquer coisa. Que te parece?

— Sobre isso não tenhais dúvidas. Há sinais que não falham; já os nossos avós conheciam essa colina que fica atrás da «Caverna negra», e ainda há tempos, quando lá andavam cavando um poço, viram sair da greda um diabo todo inteirinho.

— Um diabo? Conta-me isso, homem.

— Sim, *messer*, um diabo de cobre, autêntico, com chifres, com pés de bode, ferrados, e um focinho... um focinho mais folgazão — até parecia rir, dando estalos com os dedos e saltando sobre um dos pés. Tinha o corpo todo coberto de azebre, de velho que era!

— E que lhe fizeram?

— Fundiram com ele um sino para a nova capela do arcanjo S. Miguel.

Nesta altura *messer* Cipriano não ocultou o seu agastamento:

— Porque não me preveniste, Grillo?

— Estáveis vós em Sienna, em negócios.

— Podias ter-me escrito! Eu teria vindo, ou mandado alguém, e teria dado o que me pedissem. Em vez de um, teria mandado fundir dez sinos. Imbecis! Um fauno bailarino, que era talvez obra do velho Copas, o grande escultor da Hélade!

— Decerto que são estúpidos, mas não vos zangueis, *messer*, foram bem castigados; desde que o sino se colocou na torre, vai para dois anos, que entrou o bicho nas maçãs e nas cerejas, matou as flores nos jardins, e a colheita da azeitona tem sido uma desgraça. Além disso, não se pode dizer que tenha lá uma bonita voz, o tal sino.

— Então, o que tem? Não lhe achas bom timbre?

— Não sei como dizer-vos... Não é bem o som que reconforta o coração de um crente, não nos fala

ao sentimento! É qualquer coisa que se balouça no ar... insensatamente. Tinha de ser assim. Fazer um sino com um diabo!

E aquela mão de mármore que encontraram o ano passado junto do monte do moleiro?! Quantas desgraças nos tem trazido! Deus se amerceie de nós. Sinto calafrios só de pensar nestas coisas.

— Conta-me, Grillo, como descobriram a mão?

— Olhe, *messer*, foi na véspera de S. Martinho, à hora da ceia. A ama tinha acabado de pôr a mesa, quando Zaccheo, um dos meus jornaleiros, me entrou de roldão pelo quarto.

— «Senhor!» — balbuciava ele, pálido e transtornado a bater os dentes de terror.

— «Valha-me Deus, homem, o que é isso?»

— «Uma coisa extraordinária, senhor, um cadáver que acaba de aparecer no campo, debaixo dum vaso de terra; se não acreditais, vinde ver, e podereis verificar com os vossos olhos!...»

Pegámos nas lanternas e partimos para o campo. Era já escuro. A Lua assomava por detrás das árvores. Vimos logo o vaso e, ao luar, entre torrões de terra remexida, qualquer coisa que alvejava.

Abaixei-me, e vi a sair da terra uma mão muito branca, como as das meninas da cidade, com os dedos muito afilados. Mergulhei a lanterna para ver melhor, mas eis que a mão começa a mexer e a chamar-me com o dedo.

Então, senti as pernas a tremer e não me contive, desatei a gritar. E vai daí Monno Bonda, a velhota que é bruxa e parteira (e ainda rija, benza-a Deus), que nos diz: «De que tendes medo, patetas, não vedes que esta mão não está viva nem morta, mas que é simplesmente de pedra?» E, segurando-a, puxa por ela, e arranca-a da terra como se fosse uma cenoura. — «Avozinha, não lhe toques que nos pode vir desgraça. Enterremo-la outra vez, depressa, depressa...» — «Não, disse ela, vamos levá-la já à igreja para que o senhor cura lhe reze um exorcismo». Mas a maldita enganou-me; em vez de a levar à igreja, foi escondê-la num canto detrás da chaminé, numa caixa onde guarda as pomadas e as ervas.

Por mais esforços que fizesse, Monna Bonda nunca ma quis entregar. Desde então a obstinada velha começou a curar todas as doenças, milagrosamente. Aparece alguém com uma dor de dentes? Toca-lhe na cara com a mão do ídolo, e o inchaço desaparece. Curava as febres, as mazelas de estômago, a epilepsia. Se uma vaca tinha dificuldade em dar à luz, batia-lhe no ventre com o talismã, e logo o vitelinho nascia!...

A fama destas maravilhas depressa correu pelos arredores, e a velha encheu-se de dinheiro. Mas estava escrito que o negócio tinha de acabar mal. O padre Faustino nunca mais me deixou um momento em sossego; na igreja repreendia-me durante o sermão; se me via na rua injuriava-me, chamava-me: «homem perdido, servo do Demónio». Ameaçava-me com o bispo e de me privar dos Sacramentos. Os garotos corriam atrás de mim, apontavam-me a dedo: «ali vai o feiticeiro; a avó é bruxa; venderam ambos a alma ao diabo!» Nunca mais dormi sossegado, até em sonhos a maldita me atormentava. Mas um dia pensei: «Isto, para brincadeira, já basta!» Levantei-me cedo, antes da aurora, e enquanto a velha tinha ido ao campo colher as ervas que se devem apanhar ainda rociadas de orvalho, fui ao esconderijo, roubei a mão e vim trazer-vo-la. O ferro-velho Lotto tinha-me oferecido dez soldos e de vós recebi apenas oito; mas o que não faremos nós por vossa senhoria? A própria vida nós daríamos, quanto mais dois soldos!

Que Deus vos proteja, a vós, a vossos filhos e netos e à Madona Angélica!...

Messer Cipriano mal escutara toda a narrativa, preocupado pela sua ideia, e voltou a perguntar-lhe:

— Julgas então, Grillo, que encontraremos alguma coisa na colina do moleiro?

— Com certeza, *messer*, o que é preciso, porém, é que o padre Faustino não saiba de nada; senão vai impedir as pesquisas e fazer-me a vida negra. É capaz de amotinar o povo e não poderemos acabar o trabalho. Deus tal não permita!...

Agora, queria também pedir-vos outra coisa, *messer* Cipriano. É que intercedais por mim junto do juiz de paz!

— Ah! Já sei, por causa dessa terra que o moleiro te quer roubar?

— Sim, meu protetor, o moleiro é um miserável, que nunca perde a ocasião de se apropriar das terras dos vizinhos. Eu já dei um bezerro, de presente, ao juiz; mas o moleiro foi mais esperto pois lhe ofereceu uma vitela, e, como esta já teve descendência, é mais que certo que lhe vai dar razão! Não vos esqueçais de mim, que eu também farei o possível por levar a bom termo as nossas pesquisas. Por mais ninguém eu consentiria em carregar a minha alma com tamanho pecado.

— Fica sossegado, Grillo, o juiz é meu amigo, e eu vou pedir-lhe por ti. E agora, vai-te! Passa pela cozinha, que te deem de comer e de beber, e ainda esta noite iremos os dois a São Gervásio.

O campónio retirou-se fazendo muitas mesuras, e *messer* Cipriano encerrou-se no seu gabinete de trabalho, ao lado do armazém, local onde mais ninguém tinha acesso.

Como num museu, as paredes deste quarto estavam guarnecidas de estatuetas de mármore e de bronze; sobre prateleiras forradas de panos, moedas raras e medalhas antigas faziam um efeito maravilhoso. Também ali havia caixas com fragmentos de estátuas. O mercador florentino, por intermédio dos seus agentes, recebia antiguidades de toda a parte onde era possível encontrá-las: de Atenas, de Esmirna, de Halicarnaso, de Chipre, de Leucósia, de Rodes, do Alto Egito, da Ásia Menor...

Depois de ter estado por algum tempo embebido na contemplação das suas preciosidades, o cônsul de Galimala voltou de novo às suas preocupações comerciais, e começou a escrever uma longa carta de negócios ao seu procurador em Montpellier.

(1) O comércio de panos estrangeiros na república florentina era exercido por vinte negociantes (cônsules), que constituíam a «Companhia de Galimala».

II

Ao fundo do armazém, onde as mercadorias se empilhavam até ao teto, e que era alumiado por uma lâmpada acesa diante da imagem da Madona, discorriam três adolescentes: Doffo, António e Giovanni. Doffo, o caixeiro de *messer* Bonaccorsi, tinha os cabelos ruivos, o nariz achatado e era de génio alegre e bondoso. António de Vinci, um jovem com ar de velho, de olhos embaciados como os dos peixes e madeixas de cabelos crespos e negros, media desembaraçadamente uma peça de pano com uma «canna», medida de comprimento florentina. Giovanni Beltraffio, estudante de Pintura chegado de Milão, devia ter cerca de dezanove anos. Tímido, com grandes olhos claros, inocentes e tristes, e um ar irresoluto, estava sentado com as pernas cruzadas em cima dum fardo de fazenda.

— Ao que nós chegámos — dizia António em voz baixa, mas num tom ameaçador. — Desenterram os antigos deuses pagãos! Lã parda escocesa: trinta e duas varas, seis palmos, oito polegadas, — acrescentou dirigindo-se a Doffo, que ia registando as medidas num livro de contas.

Depois, tendo dobrado convenientemente a peça, atirou-a num gesto de cólera, que não prejudicou a certeza com que ela foi cair no seu devido lugar, e, erguendo o índex num ar profético, que pretendia imitar o irmão Girolamo Savonarola, exclamou:

— *Gladius Dei super terram cito et velociter!* S. João prendeu o dragão, a antiga serpente, que não é senão o diabo; carregou-o de ferros e lançou-o num abismo. Depois fechou e selou o abismo, a fim de que o diabo não pudesse enganar o mundo antes que mil anos fossem volvidos. Mas hoje os mil anos vão passados, Satã libertou-se da prisão, e os deuses, os precursores e escravos do Anticristo, quebraram o selo do Anjo e surgem da terra para seduzir as gentes. Infeliz humanidade!... Lã amarela, lisa, do Brabante: dezassete varas, quatro palmos e nove polegadas,

— Julgas então que esses indícios pressagiam?... — interrogou timidamente Giovanni.

— Sim, que queres tu que seja? Temos de nos precaver; os dias vêm próximos! E agora, já não desenterram apenas os antigos deuses, mas fabricam também outros novos, pelo modelo dos antigos; os escultores e os pintores estão a soldo de Moloch, ou seja do diabo. Transformaram a igreja de Deus em templo de Satanás! Sob a forma de santos e de mártires, os pintores representam os falsos deuses e expõem-nos ao culto; em lugar de S. João Batista: Baco; em vez da Santíssima Virgem: Vénus, a impudica. Devíamos queimar estes quadros sacrílegos e deitar as cinzas ao vento!

Uma chama de furor iluminou por um momento os olhos tristes e embaciados do fanático António; Giovanni, sem ousar contraditá-lo, calava-se, franzindo, numa contração estéril, os sobrolhos finos de adolescente.

— António — disse por fim, — ouvi dizer que o teu primo Leonardo da Vinci recebia alunos no seu *atelier*. Há muito tempo já que ambiciono...

— Se queres perder a tua alma, podes ir ter com ele — interrompeu António com mau humor.

— Porque dizes isso?

— Escuta, se bem que ele seja meu primo, e mais velho que eu dez anos, devo lembrar-te o conselho das Sagradas Escrituras: «Após a primeira e a segunda admoestação, afasta-te do herético!» Leonardo é um herético, e um ateu; a sua inteligência está obnubilada por um orgulho satânico; pretende, com o auxílio da matemática e da magia negra, desvendar os mistérios profundos da Natureza.

E erguendo os olhos ao céu, pronunciou as palavras do último sermão de Savonarola:

— «A ciência dos nossos dias não é mais do que loucura aos olhos do Senhor; o Inferno espera por todos esses doutores! *Tutti vanno a casa del diavolo*».

— Ouviste dizer, António — murmurou Giovanni, — que *messer* Leonardo está em Florença? Dizem que acaba de chegar de Milão.

— Para fazer o quê?

— O Duque enviou-o para se informar da possibilidade de adquirir os quadros que pertenceram a Lourenço, o Magnífico.

— Pouco me importa que ele tenha vindo — interrompeu António voltando as costas com mau humor. E ia principiar a medir uma nova peça de tecido verde, quando os sinos começaram a tocar as vésperas.

Doffo espreguiçou-se alegremente e arrojou o livro. O dia de trabalho acabara; fechavam os armazéns.

Giovanni saiu; por entre os telhados molhados divisava-se o céu cinzento com um leve matiz róseo, quase impercetível.

Uma chuva miúda era como poalha no ar calmo. Duma janela aberta sobre a viela vizinha, chegaram as notas duma canção:

O vaghe montanine pastorelle!...

A voz era fresca e sonora. Giovanni compreendeu, pelo ruído regular que a acompanhava, que era uma tecedeira que cantava, sentada ao seu tear.

Muito tempo ficou imóvel, a escutar, sentindo o coração bater mais apressado, de ternura e de melancolia...

Lembrou-se que tinha chegado a primavera; e o estribilho embalador ressoava aos seus ouvidos como o som nostálgico e longínquo da flauta dum zagal:

O vaghe montanine pastorelle!...

Depois suspirou, e, furtando-se àquele encantamento, entrou na casa do cônsul de Galimala. Pela escada íngreme de corrimão carunchoso e vacilante, chegou à sala grande, que servia de biblioteca, onde Giorgio Merula, o cronista da corte do Duque de Milão, trabalhava ainda, debruçado sobre a sua

escrivaninha.

III

Merula, historiador e erudito, tinha vindo a Florença encarregado pelo seu soberano de comprar as obras preciosas da biblioteca de Lourenço de Médicis. Conforme o seu costume, tinha-se hospedado em casa do seu amigo Cipriano Bonaccorsi, que era, como ele, grande amador de antiguidades.

Por acaso, numa estalagem da estrada de Milão, tinha encontrado Giovanni Beltraffio, e como se desse a circunstância de precisar dum bom copista, e descobrisse em Giovanni uma letra bela e muito legível, tinha-o trazido consigo.

No momento em que Giovanni entrou na sala, Merula examinava cuidadosamente um manuscrito de páginas enrugadas, que parecia ser um missal ou um livro de salmos.

— Boa noite, fradinho — disse o velho gracejando; chamava-lhe assim muitas vezes, por causa da sua compostura e modéstia. — Estava com saudades tuas. Já tinha pensado: Onde ficará ele metido, que não aparece há tanto tempo? Andarás tu de amores com alguma rapariga? As florentinas são bem bonitas! Amar não é um pecado! Eu, por minha parte, não tenho perdido o tempo; estou certo que nunca viste na tua vida nada mais curioso do que este pergaminho, que eu estou aqui estudando, e te quero mostrar. Ou melhor, talvez não te mostre; tu és capaz de ir dar com a língua nos dentes. Comprei-o a um ferro-velho judeu, por uma bagatela; tinha-o misturado com uma porção de ninharias sem valor; vamos! Sempre to mostro.

Fez-lhe sinal com o dedo, num ar de mistério:

— Chega-te aqui mais para ao pé da luz!

E tomando o in-fólio que estivera estudando, mostrou-lhe uma folha coberta de carateres angulosos e esguios, como costumam ser os dos manuscritos eclesiásticos. Eram salmos e orações, com as notas do canto enormes e bastante mal desenhadas.

Abriu depois o livro noutra altura, aproximou-o da luz, ao nível dos olhos, e Giovanni pôde observar que, nos sítios onde Merula raspara os carateres, outras letras apareciam, formando linhas quase invisíveis, vestígios desbotados de uma escrita anterior. Eram como depressões no pergaminho, fantasmas de letras, pálidas, há muito desaparecidas.

— Estás a observar? — dizia solenemente Merula. — Elas lá estão, meu filho, eu bem te dizia que o caso era divertido.

— Mas, afinal, o que significa isto?

— Ainda não estou muito certo, mas a minha opinião é que estamos em presença dos fragmentos duma velha antologia. Vamos talvez descobrir novos tesouros da poesia grega há muito perdidos e que, sem a minha intervenção, jamais veriam a luz!

E Merula explicou a sua hipótese: um frade, um copista da Idade Média, na ânsia de aproveitar o precioso pergaminho, tinha raspado as antigas letras pagãs para escrever outras em seu lugar.

Os raios do sol que a custo se filtravam através da chuva espalhavam pelo aposento uma claridade vaga e rosada, e, nesse reflexo, as sombras das antigas letras ressaltavam mais distintamente.

— Vês, meu filho? São os mortos que se erguem do túmulo — exclamou Merula entusiasmado. — Este trecho deve ser um hino aos deuses Olímpicos; já se podem ler as primeiras linhas! Vou traduzir-tas:

«Glória a Baco, sumptuosamente coroado de pâmpano,
Glória a ti, Apolo, frecheiro divino e terrível,
Omnipotente Deus, que mataste os filhos de Niobe».
.....

E agora temos aqui também um hino a Vénus, a essa que tanto te assusta! Mas este está mais difícil:

«Glória a ti, mãe Afrodite dos pés de oiro,
Alegria dos deuses e dos homens...»

Daí por diante, os versos estavam ainda cobertos pelo texto eclesiástico. O reflexo doirado da tarde extinguira-se.

A escuridão começara a invadir o quarto.

Merula foi buscar uma garrafa de cristal cheia de vinho e encheu uma taça.

— Vamos, fradinho, bebe também à minha saúde!

* * * * * * * * * *

— Nesse caso, beberei eu em teu lugar. Que tens tu hoje, filho, que estás tão triste? Parece que te quiseram deitar à água! Ou seria esse beato, esse cristão do António, que te aterrorizou com as suas profecias? Vamos, Giovanni, confessa que falaste com ele.

— É certo que estivemos discutindo.

— De quê?

— Do Anticristo, e de *messer* Leonardo da Vinci.

— Ora aí está! Tu não fazes senão sonhar com Leonardo; parece que estás enfeitiçado. Escuta, deixa-te de asneiras, fica como meu secretário e serás alguém. Vou ensinar-te o latim, podes chegar a jurisconsulto, a orador, ser poeta da corte; terás riquezas, glória... Que vem a ser a pintura? O filósofo Séneca já a classificava de «ofício indigno dum homem livre». Basta olhar para os pintores: todos ignorantes, grosseiros...

— Eu creio — replicou Giovanni, — que *messer* Leonardo é um erudito.

— Erudito? Se fosse verdade! Ele nem sequer sabe ler o latim. Quanto ao grego, nem falar nisso. As próprias galinhas lhe dariam lições!

— Dizem — continuou Beltraffio, sem se dar por vencido, — que ele inventa máquinas maravilhosas, e que as suas observações sobre a Natureza...

— Máquinas, observações! Mas que significa tudo isso?! Aplicar umas rodinhas engenhosas a qualquer aparelho, ver os pássaros voar no céu, e as ervas crescer nos campos; isso não é ciência, isso são brincadeiras infantis.

E o velho, tomando um ar sério, continuou, segurando um braço do seu interlocutor:

— Escuta, Giovanni, e lembra-te das minhas palavras: os nossos mestres, os verdadeiros, são os antigos, os gregos e os romanos. Tudo quanto era dado aos homens realizar, já eles o fizeram; a única coisa que nos resta, é segui-los e imitá-los. Porque está escrito: «o discípulo não pode ser superior ao mestre».

De novo esvaziou uma grande taça de vinho, e olhando com alegre malícia para Giovanni:

— Ah! Mocidade, mocidade! Como eu te invejo, fradinho; tu foges das mulheres, tu não bebes, tu és humilde, silencioso... Mas, no fundo, não passas dum demónio!

— É já noite, *messer* Giorgio, não seria melhor acender o fogo?

— Espera um pouco, eu gosto de conversar nesta luz do crepúsculo, lembrando-me da minha juventude...

A língua entaramelava-se-lhe e começou a dizer palavras sem nexo.

O quarto estava quase completamente às escuras e Giovanni mal distinguia já as feições de Merula.

Cá fora a chuva começara a cair mais forte, e ouvia-se o ruído das grossas gotas que, do telhado, caíam sobre as poças.

— Escuta — disse Merula, — eram gigantes, os antigos. Os reis do mundo!... Sim, gigantes! Mas hoje não há a coragem de o dizer. Vejamos, o nosso duque de Milão, por exemplo, Ludovico o Mouro! Evidentemente, eu vivo às suas expensas, estou a escrever-lhe a história, — uma história à maneira de Tito Lívio — comparo-o a Pompeu e a César; a esse poltrão, a esse vaidoso, a esse insignificante! Mas cá por dentro, Giovanni, cá bem no fundo da minha alma...

Prudentemente, o velho cortesão lançou um olhar desconfiado para a porta, não fosse alguém ouvi-lo, e, inclinando-se para o jovem, murmurou-lhe ao ouvido:

— O amor da liberdade não se extinguiu ainda, nem se apagará jamais, no coração do velho Merula... Não o digas a ninguém! Os tempos vão maus; nunca os houve piores! Faz nojo ver estes pigmeus, que se atrevem a erguer a cabeça e a comparar-se aos antigos! Queres saber o que um dos meus amigos me escreve da Grécia? Então ouve: Há algum tempo, umas lavadeiras, dum convento da ilha de Chio, estavam lavando roupa, ao nascer do dia, à beira-mar, quando, de repente, descobriram na praia um deus, um Tritão com cauda de peixe, barbatanas, e o corpo todo coberto de escamas. E as pobres

criaturas julgando que era o diabo, tiveram medo e fugiram. Depois, reparando melhor, viram que ele era velho, fraco e talvez doente, visto que jazia inanimado com o rosto enterrado na areia; estava cheio de frio, e procurava aquecer ao sol o tronco esverdeado. Tinha a cabeça branca e os olhos inexpressivos como os dos recém-nascidos. Então, criaram ânimo, e, aproximando-se de novo, rodearam-no, começaram a recitar preces cristãs, e acabaram por bater-lhe com as pás, em nome da Santíssima Trindade... E assim o mataram, como quem mata um cão, ao Deus antigo, ao neto de Poseidon, o derradeiro, o poderoso Deus do mar!

O velho calou-se, baixou tristemente a cabeça e pelas suas faces rolavam as lágrimas da embriaguez, tão enternecido estava, e tal piedade lhe causava a morte do deus marinho, assassinado pelas lavadeiras cristãs.

Um criado entrou trazendo luzes, e foi cerrar os postigos das janelas. — E as visões pagãs desapareceram...

Chamaram Merula e Giovanni para a ceia; mas Merula estava tão embriagado, que foi necessário levá-lo para o leito.

Nessa noite, Beltraffio, durante muito tempo, não conseguiu adormecer; ouvindo o ressonar tranquilo de *messer* Giorgio, os seus pensamentos iam todos para aquele cuja lembrança constantemente o dominava: *messer* Leonardo da Vinci.

IV

Giovanni tinha vindo de Milão para Florença, por ordem de seu tio, Oswald Ingrim, mestre vidreiro, a fim de comprar tintas.

Oriundo de Gratz, Oswald Ingrim era um «magister a vitriatis», e trabalhava nas janelas da sacristia setentrional da catedral de Milão.

Giovanni era órfão. Filho natural de um irmão de Oswald, o marmorista Reinhold Ingrim herdara o nome de Beltraffio de sua mãe, que era de origem lombarda, e, segundo os dizeres do tio, criatura de costumes tão desordenados que tinha causado a ruína do pai de Giovanni.

Crescera solitário e sempre tímido em casa deste tio sensaborão. A sua inteligência conservara-se muito tempo obscurecida pelos intermináveis e constantes discursos de Oswald Ingrim acerca dos demónios, das forças impuras, das bruxas e dos feiticeiros. A criança sentia um terror especial quando lhe contavam uma história trazida para a Itália pagã pelos emigrantes do Norte; a lenda do demónio com cabeça de mulher, a fada com as pestanas e sobrolhos brancos, «a diabinha branca».

Muita novo ainda, quando chorava de noite no berço, já o tio o ameaçava com esta fada como se fosse um papão; a criança acomodava-se imediatamente e escondia a cabeça debaixo do travesseiro; mas, apesar do seu terror, sentia uma espécie de curiosidade, um desejo ardente de ver, pelo menos uma vez, a tal diabinha misteriosa ao pé de si.

Oswald mandara-o como aprendiz para casa de frei Benedetto, monge iluminista.

Era este um velho simples e indulgente; ensinava aos seus discípulos que antes de começarem a pintar deviam invocar o auxílio de Deus Todo-Poderoso, de Aquela que intercede pelos pecadores, — a Virgem Maria — de S. Lucas Evangelista, o primeiro pintor cristão, e de todos os Santos da corte dos Céus. As suas lições eram minuciosas e intermináveis.

Apesar de todas estas subtilezas, frei Benedetto permanecera sempre um artista duma candura infantil. Preparava-se para trabalhar com jejuns e vigílias. Antes de principiar qualquer obra, ajoelhava para rezar e pedir a Deus as forças e o entendimento necessários. Sempre que pintava o Cristo no Calvário, o seu rosto enchia-se de lágrimas.

Giovanni estimava o frade, e durante muito tempo o considerara como o maior dos mestres. Ultimamente, porém, sentia-se inquieto e perturbado, principalmente desde que frei Benedetto ao explicar a única regra de anatomia sua conhecida, — que o comprimento do corpo do homem é igual a oito comprimentos e dois terços do do rosto, — acrescentara desdenhosamente: «no que se refere ao corpo da mulher, não falemos nisso, não tem proporções possíveis!» Estava tão firmemente convencido desta verdade, como daquela outra que o fazia afirmar serem os peixes, e em geral todos os animais não inteligentes, escuros na cabeça e claros na cauda; ou ainda que o homem tem uma costela menos que a mulher, visto Deus ter criado Eva de uma costela de Adão!

Estas opiniões de frei Benedetto acabaram por provocar uma reação no espírito de Giovanni; um génio batalhador apossara-se dele, o «demónio da experiência mundana», segundo a expressão do monge; e quando viu pela primeira vez alguns desenhos de Leonardo da Vinci, pouco antes da sua partida de Florença, as dúvidas invadiram o seu espírito com tal violência, que julgava não poder resistir-lhes.

Nessa noite, deitado ao lado de *messer* Giorgio, que roncava tranquilamente, pensava pela milésima vez nestas coisas, e quanto mais tentava profundá-las, mais elas se baralhavam e confundiam no seu espírito, provocando-lhe um estado de ansiedade que lhe não deixava conciliar o sono.

Para se libertar desta angústia, resolveu invocar a ajuda celeste; e, fixando um olhar cheio de esperança num ponto vago perdido na obscuridade impenetrável da noite, recitou a seguinte oração:

«Meu Deus, valei-me, não me abandoneis! Se *messer* Leonardo é verdadeiramente um ateu, se na sua ciência não há mais do que pecado e sedução, fazei que eu não pense mais nele e esqueça os seus desenhos! Libertai-me desta tentação, não me deixeis cair no pecado! Mas se for possível honrar-Te e glorificar o Teu Nome pela nobre arte da pintura, se for possível aprender tudo o que frei Benedetto não sabe, e que eu desejo conhecer: a anatomia, a perspetiva, e as magníficas leis da luz e das sombras, então, ó meu Deus!, ilumina a minha alma, dá-me uma vontade forte, liberta-me das dúvidas e faz que *messer* Leonardo me acolha como discípulo, e que frei Benedetto me perdoe e compreenda que a minha alma está isenta de pecado!»

Depois desta prece, Giovanni experimentou uma verdadeira alegria e adormeceu tranquilamente. Na manhã seguinte, *messer* Giorgio, ao acordá-lo, propôs-lhe ir com ele a São Gervásio assistir às pesquisas que iam começar na colina do Moinho.

Giovanni aceitou logo, na esperança de lá encontrar Leonardo da Vinci.

V

Deixara de chover. O vento norte tinha varrido as nuvens. No céu sem Lua as estrelas cintilavam como lâmpadas acesas diante das santas imagens.

Os archotes de resina crepitavam, lançando muitas faíscas e fumo.

Atravessaram a Rua Sapienza e passaram diante da torre ameada de S. Marcos. À porta de S. Gallo os guardas injuriaram-nos e questionaram muito tempo sem compreender de que se tratava; estavam meio adormecidos e só depois de uma razoável espórtula consentiram em abrir as portas e deixá-los passar.

O caminho acompanhava o vale apertado e profundo da torrente do Mugnone. Depois de terem atravessado várias aldeias miseráveis, de ruas estreitas, como as de Florença, com casas de pedra de construção grosseira, semelhantes às velhas fortalezas, os viajantes penetraram nos olivedos da paróquia de São Gervásio.

Deixaram de lado a vinha de *messer* Cipriano e, caminhando com passo estugado, em breve chegaram à colina do Moinho.

Trabalhadores munidos de pás e enxadas aguardavam-nos ali. Grillo indicou o local onde, na sua opinião, se devia cavar e *messer* Cipriano deu ordem de principiar os trabalhos. O golpe das enxadas retiniu sobre o solo. Sentia-se o cheiro da terra remexida. Um morcego roçou a face de Giovanni, que estremeceu assustado.

— Não tenhas medo, fradinho, não tenhas medo — disse Merula para o encorajar, dando-lhe uma palmada no ombro. — Não encontraremos nenhum diabo. Graças a Deus, eu já tenho assistido a outras pesquisas! Por exemplo, em Roma, no tempo do papa Inocêncio VIII, os calceteiros lombardos, cavando na Via Appia, junto do túmulo de Cecília Metella, encontraram num antigo sarcófago romano, que tinha a inscrição: «Júlia, filha de Cláudia», o corpo embalsamado duma criança de quinze anos que parecia dormir tranquilamente. O rosado da vida não abandonara o seu rosto. Parecia respirar ainda. Uma multidão enorme cercava o túmulo. De países estrangeiros vinha gente para a contemplar, porque Júlia era tão bela que, mesmo que fosse possível descrever a sua beleza, aqueles que a não tivessem visto nunca acreditariam no que se lhes contava. O papa, aterrado ao ter conhecimento que o povo adorava uma morta pagã, mandou enterrá-la outra vez, de noite, secretamente, às portas do Pincio. E aqui tens, meu filho, no que deram as pesquisas.

Merula olhou com desprezo para a cova que rapidamente se ia tornando mais larga e profunda. De repente, a enxada dum dos obreiros retiniu e todos se inclinaram.

— Ossos — disse o jardineiro Strocco. — O cemitério chegava antigamente até aqui.

Um latido triste e prolongado ouviu-se vindo dos lados de São Gervásio.

«Profanam os túmulos! — pensou Giovanni. — É necessário que eu os deixe. Não quero perder a

minha alma.»

Nesta ocasião, um gemido de desespero soou vindo do fundo da escavação onde se encontrava Grillo.

— Ai! Ai! Segurem-me, eu caio, afundo-me!

De momento, nada se distinguia na obscuridade porque a lanterna de Grillo tinha-se apagado. Ouvia-se apenas o ruído que ele fazia ao debater-se, a sua respiração angustiada, e gemidos.

Trouxeram, então, outras lanternas e distinguiu-se uma abóbada ainda meio oculta pela terra, semelhante às que cobrem os sepulcros subterrâneos e que tinha aluído sob o peso do corpo de Grillo.

Dois dos cavadores, novos e robustos, deslizaram cautelosamente na escavação para socorrer o rendeiro de *messer* Cipriano.

Ao fim de algum tempo ouviu-se este soltar um grito de entusiasmo:

— Um ídolo! Um ídolo! Um ídolo maravilhoso!

— Não grites, homem — resmungou Strocco suspeitoso; — se calhar é o esqueleto de algum burro!

— Não, não; apenas a mão está quebrada. Mas os pés, o tronco, o peito, tudo está intacto — disse Grillo sufocado de alegria.

Giovanni, meio deitado sobre o solo, espreitava, por entre os corpos curvados dos cavadores, para a profundidade da cova, donde saía um cheiro de humidade fria e sepulcral.

Quando a cripta estava quase demolida, *messer* Cipriano disse:

— Afastem-se, deixem-nos ver.

E Giovanni divisou no fundo do buraco, entre paredes de tijolo, um corpo branco e nu: jazia como um cadáver num túmulo. Não parecia morto, mas vivo, quente e rosado, sob a luz trémula dos archotes.

— Vénus! — murmurou *messer* Giorgio, num tom cheio de emoção. — A Vénus de Praxíteles! Parabéns, *messer* Cipriano. Se vos tivessem dado o ducado de Milão e de Génova, não vos consideraríeis, por certo, mais feliz!

A estátua da Deusa subia lentamente, içada pelos operários.

Com o mesmo sorriso calmo que tinha nos lábios, outrora, quando surgia da espuma das ondas, Vénus Anadiómena saía hoje das trevas subterrâneas do túmulo muitas vezes secular.

Merula acolheu-a com os versos:

Glória a ti. Mãe Afrodite, dos pés de oiro,
Alegria dos deuses e dos homens...

As estrelas tinham-se extinguido todas, exceto Vénus, que brilhava como um diamante, no palor da aurora. E a Deusa parecia erguer a cabeça e surgir da terra para ir ao seu encontro.

Giovanni, ao divisar-lhe o rosto iluminado pela claridade do dia nascente, pálido de terror, murmurou:

— A diabinha branca!

E no primeiro momento quis fugir. Mas a curiosidade venceu o medo. E mesmo que lhe tivessem dito então que cometia um pecado mortal e condenava a sua alma às penas eternas, teria sido incapaz de desviar os olhos do corpo esplendoroso e nu da deusa...

Mesmo quando Afrodite fora soberana do mundo, nunca ninguém a contemplara com tal veemência e tão ardente devoção.

VI

Quando o sino começou a tocar na igrejinha da aldeia de São Gervásio, todos se entreolharam instintivamente e ficaram atónitos. O som desse sino ecoando na paz da manhã era plangente e semelhante a um grito de desespero.

— Jesus! Piedade! — exclamou Grillo apertando a cabeça entre as mãos. — Foi o nosso cura, o padre Faustino! Já distingo lá em baixo, no atalho, a multidão ululante a gesticular! Não tarda que estejam aqui! Valha-me Deus, estou perdido, que desgraça a minha!

Pela colina do moinho vinham subindo vários cavaleiros. Eram convidados retardatários, que se tinham transviado e só agora reencontravam o caminho.

Beltraffio, ao encará-los, apesar do embevecimento com que contemplava a estátua da deusa, sentiu-se logo impressionado pelo rosto de um dos recém-vindos e pela expressão de fria e penetrante curiosidade com que o desconhecido começou a examinar a Vénus.

Com os olhos presos na contemplação da estátua, Beltraffio sentia atrás de si a presença desse homem, cujo rosto denotava logo uma personalidade e um caráter fora de comum.

Como a sua serenidade contrastava com a perturbação de Giovanni!

Depois de ter estado a refletir alguns minutos, *messer* Cipriano propôs:

— A minha casa de campo está a dois passos, a construção é sólida, as portas são fortes e capazes de resistir a todas as investidas. Vamos transportar a estátua para lá, que ficará em segurança e a coberto de qualquer violência.

— Tendes razão — concordou Grillo, satisfeito com a ideia. — Vamos, rapazes, toca a levantá-la!

E, com ternura paternal, começou a dirigir o transporte com todas as cautelas.

Graças aos seus cuidados, a Vénus atravessou a «caverna negra» sem incidente. Tinham acabado de transpor as portas da casa de *messer* Cipriano, quando apareceu no cimo da colina a sombra ameaçadora do padre Faustino, erguendo os braços para o céu.

O rés do chão estava desabitado; uma enorme quadra com as paredes e as abóbadas caiadas de branco, servia de arrecadação às alfaias agrícolas. A um canto erguia-se uma meda de palha. Foi sobre esta palha, que constituía um bem humilde e rústico leito para uma deusa, que esta foi cautelosamente deitada.

Mal tinham acabado este trabalho, quando começaram a ouvir os gritos e as invetivas da multidão que batia desesperadamente à porta.

— Abram, abram! — gritava o padre Faustino. — Intimo-vos, em nome de Cristo, a que nos

entreguem o ídolo que foram desenterrar no antigo cemitério!

O cônsul de Galimala resolveu servir-se de um ardil de guerra e respondeu com calma e energia:

— Tomem cuidado! Já mandei um emissário a Florença falar ao capitão da guarda. Antes de duas horas, estará aqui um destacamento de cavalaria. Pela violência ninguém entrará na minha casa!

— Arrombem as portas! — gritava o padre — Quebrem as trancas! Nada receiem, que Deus está connosco!

E arrancando um machado das mãos dum velhote de rosto triste e humilde que lhe ficava próximo, começou a vibrar profundos golpes na porta.

No entanto, a multidão não lhe seguia o exemplo. A maioria, receando a chegada da guarda, só pensava em evadir-se, sem que ninguém o percebesse.

— É bem verdade que cada um é senhor da sua casa! — diziam alguns.

— A guarda não tarda em chegar! — murmuravam outros.

Durante este tempo, Giovanni não se cansava de admirar a Vénus libertada. Um raio de sol penetrava pela janela; o corpo de mármore, ainda mal limpo da terra, irradiava, e dir-se-ia sentir estranha voluptuosidade em absorver a luz e o calor depois da sua longa permanência na obscuridade fria do túmulo.

Giovanni contemplou de novo o desconhecido que, ajoelhado diante de Vénus, tinha tirado dos bolsos um compasso, um goniómetro, um transferidor e, animado duma curiosidade fria e obstinada, começara a medir as diferentes partes do corpo magnífico, inclinando a cabeça de tal forma que a sua longa barba loira aflorava o mármore.

«Que estará ele a fazer?» perguntava a si mesmo Giovanni, cuja admiração ia progredindo até atingir as raias do assombro, sem perder de vista os dedos que deslizavam com impudente vivacidade sobre o corpo de Vénus, desvendando-lhe todos os segredos de beleza e tateando e sondando as convexidades do mármore, inacessíveis à vista.

Cá fora, às portas da casa, a multidão dos aldeãos começara a rarear, tendo já debandado muitos.

— Porque fugis, infames, miseráveis que traís o nosso Deus? Tendes medo aos gendarmes da cidade, e não receais o Anticristo! — vociferava o padre, gesticulando furioso.

Toda a sua cólera se voltava contra os seus paroquianos:

— Ah! É assim que obedeceis ao vosso pastor! Se eu não rezasse por vós, noite e dia, filhos de Satanás, se me não arruinasse com penitências e jejuns, há muito já que a vossa aldeia teria desaparecido da face do mundo! Mas hoje, tudo acabou; vou deixar-vos entregues ao vosso destino! Maldita seja esta terra, e a água, e o pão, e os rebanhos! Excomungados sejam os vossos filhos e netos! Eu vos renego e amaldiçoo; já não sou mais nem vosso pai, nem vosso pastor! Anátema!

Merula aproximou-se do desconhecido que com uma paciência calma e objetiva ia medindo a

estátua estendida na sua cama de palha doirada:

— Procurais a harmonia divina das proporções? — perguntou o erudito com um sorriso benévolo de condescendência. — Para vós, sem dúvida, a verdadeira beleza deve derivar das nobres matemáticas!

Mas, absorvido, no seu paciente exame, o interpelado nada respondeu, como se nada tivesse ouvido.

As pontas do compasso estendiam-se desenhando figuras geométricas. Impassivelmente, aplicou o goniómetro sobre os lábios adoráveis de Afrodite, cujo sorriso enchia de pasmo o coração de Giovanni; mediu os graus e inscreveu-os no seu caderno.

— *Messer* Giorgio — murmurou Giovanni ao ouvido do velho, — quem é este homem?

— Ah! Estavas aqui, fradinho? — disse Merula, voltando-se — Já me tinha esquecido de ti. Pois não o reconheceste? Mas é o teu idolatrado artista! É *messer* Leonardo da Vinci!

E apresentou Giovanni ao pintor.

VII

Voltaram para Florença. Beltraffio seguia a pé, ao lado de Leonardo, que metera o seu cavalo a passo. Estavam sós.

Entre as raízes negras e húmidas das oliveiras, brilhava a erva de um verde-esmeralda, polvilhada, aqui e ali, de lírios azuis, imóveis nas suas hastes delicadas. Uma calma, como só se encontra nos prelúdios da primavera, ao alvorecer das manhãs, reinava por toda a campina.

«Será possível que eu vá aqui ao seu lado?» pensava Giovanni, observando cheio de interesse os mínimos pormenores da figura e das atitudes do seu companheiro.

O mestre tinha nessa altura cerca de quarenta anos. Quando se calava, embebido nas suas reflexões, os seus olhos pequenos e vivos, dum azul-pálido, tornavam-se frios e penetrantes sob os sobrolhos dum ruivo-doirado. Mas, quando começava a falar, havia logo neles a expressão duma bondade profunda. A longa barba loira e os cabelos também loiros e anelados, davam-lhe um aspeto majestoso. O rosto era duma beleza delicada, quase feminina; e a voz, apesar da sua forte estatura e robusta constituição, embora fosse alta e muito agradável, não tinha também um timbre másculo. A mão era pequena e fina, mas Giovanni presumia que ela fosse dotada de grande força dada a forma como conduzia o cavalo. Os dedos eram longos e afilados como os de uma mulher.

Tinham chegado às muralhas da cidade. Os zimbórios da catedral e as torres do Palazzo Vecchio apareciam através dum ténue véu de bruma.

«Tenho que me decidir, pensou Beltraffio, e perguntar-lhe se ele me admite no seu *atelier!* Ou hoje, ou nunca mais!»

Nesta ocasião, Leonardo, tendo parado o cavalo, seguia com os olhos, sem nada perder dos seus movimentos, o voo dum grifo que pairava batendo as asas. O artista abriu o caderno de notas que trazia pendurado à cintura e começou a escrever várias observações, naturalmente acerca do voo do pássaro.

Beltraffio notou que ele segurava o lápis com a mão esquerda, e não com a direita, e pensou: «É canhoto», e lembrou-se dos rumores extravagantes que corriam a seu respeito; dizia-se que Leonardo escrevia com uma letra caprichosa, retorcida, que só se podia ler num espelho e que começava, não como a escrita ordinária, da esquerda para a direita, mas sim em sentido contrário, como a escrita dos Judeus. Havia quem suspeitasse que escrevia assim para melhor esconder aos olhos do mundo os seus pensamentos criminosos e heréticos acerca de Deus e da Natureza.

«Ou agora, ou nunca, repetiu para si, novamente, Giovanni»; mas de repente, vieram-lhe à lembrança os dizeres de António de Vinci:

«Vai ter com ele, se queres perder a tua alma. É um herético e um ateu.»

Sentiu o coração confranger-se. Tinham passado as portas e entraram na cidade de Florença.

VIII

Beltraffio dirigiu-se à catedral, onde nessa manhã pregava o irmão Savonarola.

Os últimos acordes do órgão morriam sob as abóbadas de Santa Maria del Fiore, e da multidão emanava um sussurro discreto. Um calor sufocante reinava dentro do templo. Os homens, as mulheres e as crianças estavam separados uns dos outros, por cortinas; sob a curva das ogivas, uma obscuridade misteriosa, como no interior duma floresta e, em baixo, os raios de sol que se coavam através dos vitrais, caíam aqui e ali, em reflexos irisados, sobre as ondas vivas da multidão e sobre a massa pardacenta das colunas de pedra.

Tinha terminado a missa, e o povo esperava o pregador com os olhos fixos no alto púlpito de madeira, com a sua escada em caracol, encostada a um dos pilares da nave central. E Giovanni, de pé no meio da multidão, escutava as conversas em voz baixa, dos que lhe ficavam próximos, e que, cheios de impaciência, esperavam o orador, quando, de repente, todo aquele oceano de cabeças se agitou num frémito prolongado, e um murmúrio mais forte correu pela igreja.

— Lá vem, lá vem!...

Giovanni viu então subir a escada do púlpito um homem envergando o hábito preto e branco dos dominicanos, cingido à cintura por uma corda; tinha o rosto macilento, amarelo como a cera, os lábios grossos, o nariz adunco e uma testa estreita. Com um gesto de fadiga, deixou cair sobre o rebordo do púlpito a mão esquerda, enquanto erguia na direita um crucifixo, e percorreu, num lento volver dos olhos ardentes, todo o auditório, sem pronunciar uma palavra. O silêncio era absoluto, — cada um poderia ouvir pulsar o próprio coração; os olhos parados do monge tinham uma expressão cada vez mais veemente, brilhando como carvões incandescentes. O pregador conservava sempre o silêncio, e a ansiedade da multidão ia-se tornando insuportável. Mais uns instantes de espera, e o povo, incapaz de resistir, soltaria um grito de terror, — contudo, a calma era cada vez mais completa, e o silêncio mais angustioso...

De repente, ouviram-se uns sons sobre-humanos e lancinantes. Era a voz de Savonarola:

— *Ecce ego adduco aquas super terram!* — «Eis que faço jorrar a água sobre a terra!»

Um sopro de pavor arrepiou a assistência, Giovanni empalideceu; parecia-lhe que o solo tremia sob os seus pés, que as colunas oscilavam, e que a catedral ia desmoronar-se. Um mestre caldeireiro, obeso, que estava ao pé de si, batia os dentes e tremia, como um arbusto sob o vento; um pouco atrás, um jovem esbelto, duma grande palidez, encolheu-se transido e enterrou a cabeça entre os ombros, como se lhe tivessem vibrado um golpe no alto do crânio: o rosto de Giovanni contraiu-se numa expressão de sofrimento, — cerrou os olhos...

Uma espécie de delírio tinha empolgado aqueles milhares de pessoas, e arrastava-as, como o vendaval às folhas secas, num turbilhão.

Giovanni escutava, mal compreendendo as palavras soltas que chegavam até aos seus ouvidos.

— Olhai, o céu está negro e ameaçador! O Sol está vermelho como sangue coalhado! Fugi! Não tarda a cair uma chuva de enxofre e de fogo, e haverá uma saraivada de pedras e de rochas incandescentes. *Fuge, o Sion, quae habitas apud filiam Babylonis!...*

Ó Itália, os castigos vão chegar e suceder-se; depois do castigo da Guerra, o castigo da Fome, e depois o da Peste. Castigo após castigo; castigo por toda a parte!... Não haverá vivos suficientes para enterrar os mortos; as casas estarão pejadas de cadáveres, os coveiros irão pelas ruas, gritando: «Onde há mais mortos?» E hão de transportá-los em carretas cheias até cima, e depois despejá-los, empilhados uns sobre os outros, aos montes, para serem queimados!...

Ó Florença, ó Roma, ó Itália, o tempo dos folguedos e das cantigas acabou-se! O mundo está doente; aproxima-se a hora de morrer! Meu Deus! Tu sabes como eu pretendi, com a minha palavra, evitar a ruína e a destruição; mas já não posso mais, — faltam-me as forças, — nem sei que mais poderia dizer. Só me resta chorar... desfazer-me em lágrimas... Piedade, meu Deus! Piedade! Ó miserável povo, desgraçada Florença!...

Tinha aberto os braços em cruz, e, num murmúrio quase impercetível, deixara cair as últimas palavras, que ficaram flutuando sobre a multidão, até se extinguirem, semelhantes ao ruído do vento na folhagem, como suspiro revelador da infinita piedade do Profeta pelo seu povo.

E oprimindo os lábios exangues sobre o crucifixo, Savonarola, esgotado, caiu de joelhos, numa crise de soluços.

Tinha terminado o sermão; com uma lentidão grave, os sons do órgão elevavam-se solenes, profundos, ameaçadores, como o ruído noturno do Oceano.

Da multidão das mulheres subiu um lamento angustioso:

* * * * * * * * * *

A que respondeu, como um eco, o grito de desespero dos homens, numa súplica de arrependimento:

— Misericórdia, misericórdia!...

Em volta de Giovanni toda a gente chorava; ele próprio começou também a soluçar. Veio-lhe à memória a sua ambição de abandonar frei Benedetto, de se votar à ciência impiedosa de mestre Leonardo, lembrou-se dessa noite horrível passada na colina do moinho, da Vénus ressuscitada, e do seu arrebatamento criminoso diante da «diabinha branca».

Ergueu os braços para o céu, e a sua voz desesperada implorou, juntando-se à da multidão:

— Perdoai-me, meu Deus! Misericórdia! Misericórdia!

Nesse mesmo instante, erguendo os olhos enevoados de lágrimas, viu não longe de si a figura imponente e harmoniosa de Leonardo da Vinci, ereto, com o ombro apoiado a uma coluna, desenhando com a mão esquerda no seu inseparável caderno de apontamentos e olhando a espaços para o púlpito, na esperança de divisar, uma vez ainda, o rosto do pregador.

Indiferente a todos, só, no meio da turba abalada pelo terror, Leonardo conservava uma fleuma imperturbável; os seus lábios delgados e os olhos claros e frios, apenas revelavam uma expressão de curiosidade; a sua atitude fez morrer a prece nos lábios de Giovanni, e secar as lágrimas dos seus olhos.

Ao sair da igreja aproximou-se de Leonardo, e pediu-lhe para ver os esboços que ele estivera desenhando. Não era o rosto de Savonarola, mas a cabeça horrível de um demónio velho, com hábito de frade, que se parecia com Savonarola e, como ele, tinha impressos nas feições os sinais das penitências que se infligia sem lograr vencer a concupiscência e o orgulho. A maxila inferior era proeminente, as rugas sulcavam-lhe as faces e o pescoço descarnado e negro como o de uma múmia; as sobrancelhas eriçadas, e o olhar, que nada tinha de humano, estava erguido para os céus numa súplica pertinaz e enraivecida. Tudo o que o rosto de Savonarola tinha de sombrio, de pavoroso e de insensato, estava reproduzido no desenho, sem cólera nem piedade, com uma lucidez de observação impassível. Giovanni recordou-se das palavras que lhe ouvira, quando voltaram juntos de Florença: *«L'ingegno del pittore vuol essere a semilitude delle specchio»* — a alma do pintor deve ser semelhante a um espelho, que reflete todos os objetos, todos os movimentos e todas as cores sem perder a sua lucidez, a sua transparência e a sua imobilidade.

O discípulo de frei Benedetto, ao contemplar nesse momento Leonardo, compreendeu que embora este fosse o verdadeiro enviado de Anticristo, e que ele Giovanni perdesse para sempre a sua alma, já lhe não era possível resistir à força que o impelia para ele; tinha de o seguir até ao fim.

IX

Dois dias depois, Grillo chegou a Florença e correu a casa de *messer* Cipriano Bonaccorsi, para lhe dar uma má notícia. Bonaccorsi, retido em Florença por um extraordinário acréscimo no movimento do seu comércio, não tivera ainda tempo para transportar a estátua de Vénus para a cidade. Grillo contou-lhe como o cura da paróquia, o padre Faustino, saindo de São Gervásio, se dirigira à aldeia vizinha de São Maurício, e, ameaçando a população com as penas do Inferno, tinha conseguido levantar um bando com o qual fora cercar a *vila* de Cipriano. Tinham arrombado as portas, agredido à paulada o jardineiro Strocco, e manietado os homens, que estavam encarregados de guardar a estátua. Depois o padre Faustino tinha lido diante da deusa uma antiga oração: *Oratio super effigies vasaque in loco antiquo reperta*, na qual o oficiante pedia a Deus para purificar de todos os vestígios de paganismo os objetos desenterrados, transformando-os, para maior bem das almas cristãs e glória da Santíssima Trindade consubstancial: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Em seguida, tinham quebrado a estátua e, depois de lançar os fragmentos ao fogo, tinham-nos calcinado, fabricando, assim, uma pasta com que caiaram o muro novo do cemitério.

Ao ouvir esta narrativa do velho Grillo, que quase chorava, tal era a pena que lhe inspirava a destruição do ídolo, Giovanni sentiu-se cheio de audácia para pôr em prática os seus projetos. Nesse mesmo dia, foi a casa de *messer* Leonardo, e pediu ao pintor para o receber como discípulo, no seu *atelier*. Leonardo aceitou-o.

Pouco tempo depois chegou a Florença a notícia de que Carlos VIII, o mui cristão Rei de França, partira à frente de um poderoso exército, para vir conquistar Nápoles, a Sicília, e, possivelmente, Roma e Florença. Os cidadãos ficaram apavorados, porque viam chegar o dia em que as profecias do irmão Girolamo Savonarola se iriam cumprir. Aproximava-se a hora da expiação e o gládio de Deus ia abater-se sobre a Itália.

CAPÍTULO II
Ecce Deus — Ecce Homo
(1494)

Ecce homo!
(S. João, XIX — V. 5.)

Ecce Deus!
(Inscrição no monumento de Francisco Sforza.)

I

«Se, graças às suas asas, o corpo da águia pode pairar nos ares, se os pesados barcos de velas se podem manter à superfície das águas, porque não há de o homem triunfar do vento e elevar-se vitorioso no espaço, sulcando os ares, numa máquina voadora?...»

Leonardo releu estas palavras cheias de esperança, escritas cinco anos antes, num dos seus velhos cadernos. Numa das margens, um desenho representava uma espécie de lança ou timão, ao qual estava fixado, transversalmente, um cilindro de metal suportando um par de asas, acionadas por cordas. Esta máquina parecia-lhe hoje horrenda e disforme, comparada com a que acabava de construir.

O novo aparelho fazia lembrar um morcego. O esqueleto da asa era como o de uma mão, formado por cinco dedos ligados entre si por uma membrana de tafetá, engomado e impermeável, como a pata de um palmípede, que se contraía e distendia; estes dedos eram providos de grande número de articulações suscetíveis de movimento, e ligados ainda por um sistema de correias e fitas de seda, que funcionavam como músculos.

As asas elevavam-se por meio duma haste móvel e de uma biela; estavam dispostas em cruz, sendo o seu comprimento de cerca de 40 côvados e a sua altura de 8, dobravam-se para trás quando era preciso fazer avançar a máquina, e abaixavam-se para a fazer erguer.

O homem que fazia funcionar este engenho ficava de pé, apoiado em estribos, que imprimiam movimento às asas, por meio de cordas, roldanas e alavancas. Um grande leme, ornado de penas, como a cauda de uma ave, permitia dirigir o enorme passarolo.

Quando um pássaro pretende levantar voo, tem de se erguer sobre as patas, a fim de poder executar o primeiro movimento das asas; se colocarmos sobre o solo um gavião, que tem as pernas curtas, este debate-se antes de conseguir elevar-se no ar. Duas pequenas escadas de verga desempenhavam a função das pernas da ave. Leonardo sabia por experiência que a execução perfeita de qualquer obra exigia absolutamente a elegância e as proporções harmoniosas das suas partes componentes; por isso, o aspeto pouco elegante destas escadas, que não conseguia modificar nem dispensar, trazia-o aborrecido. De novo se embrenhou nos cálculos matemáticos, em procura de erros que não era capaz de encontrar. Febrilmente, percorreu uma página cheia de contas e cálculos, em cifras miúdas e muito cerradas, e escreveu à margem: *non é vero!* «é falso», e, encolerizado, acrescentou, numa letra convulsa: *Satanásso!* — «Prò diabo!»

Os seus cálculos, cada vez mais complicados e confusos, não o levavam a um resultado satisfatório. Em Milão, onde residia, depois da sua saída de Florença, Leonardo passara um mês inteiro trabalhando sem descanso.

O quarto-oficina estava atravancado de aparelhos e instrumentos de astronomia, de física, de química, de mecânica e de anatomia; com rodas, alavancas, parafusos, molas, tubos, arcos e êmbolos... Outras peças de máquinas, em cobre, em aço, em ferro e em vidro, semelhantes a membros de monstros desconhecidos, ou de insetos gigantescos, estavam espalhadas por todos os cantos, acumuladas numa

grande desordem e confusão. Havia um sino de mergulhador, um instrumento de ótica, em cristal cintilante, representando um olho de enormes dimensões, um esqueleto de cavalo, um crocodilo empalhado, um frasco de álcool contendo um feto humano, como uma enorme larva esbranquiçada, pás em forma de canoas, utilizadas para navegação; e, ao lado de tudo isto, uma cabeça em barro, representando uma donzela ou um anjo, com um sorriso triste e sedutor, fragmento de qualquer composição, trazido do *atelier*, e que viera parar ali, acidentalmente.

Ao fundo do quarto, pelo orifício negro do forno dos cadinhos, munido de foles de forja, brilhavam ainda restos de carvões acesos, sob a cinza.

E, no meio desta acumulação, do sobrado ao teto, as enormes asas do pássaro, uma ainda nua, a outra, já coberta da sua armadura. Entre elas, estendido no chão, estava adormecido, com a cabeça inclinada para trás, um homem, que devia ter caído extenuado pelo trabalho. Tinha ainda na mão direita o cabo de um tubo de cobre, do qual escorria por terra um fio de estanho fundido. Uma das asas da máquina tocava-lhe o peito, com a extremidade inferior do frágil esqueleto de vime, e a respiração do adormecido transmitia pequenas oscilações a toda a asa, que vibrava como um corpo vivo, indo a extremidade superior roçar no teto, com um ruído insólito. Na claridade indecisa da lua, e das velas, o aparelho com o homem estendido entre as suas asas semelhava um gigantesco morcego, prestes a levantar voo.

II

O dia despontava. Um cheiro de legumes e de plantas, de hortelã, funcho, de erva-cidreira, vinha dos jardins que cercavam a casa de Leonardo no arrabalde de Milão, que vai da fortaleza ao mosteiro de Santa Maria das Graças. Debaixo das janelas, as andorinhas chilreavam à beira dos ninhos, preparando-se para voar. No charco do pátio vizinho, os patos chapinhavam e salpicavam-se no meio dum estrídulo grasnar.

No *atelier*, ouviam-se as vozes dos dois discípulos: Giovanni Beltraffio e Andrea Salaino. Giovanni copiava um modelo anatómico, sentado em frente dum instrumento, que servia para estudar a perspetiva: um quadro retangular de madeira, com uma rede de fios, a que correspondia, no papel do desenhador, uma rede semelhante de linhas cruzadas. Salaino estendia uma camada de gesso sobre uma prancha de madeira, de tília, destinada à pintura. Era um adolescente, formoso, de cabelo loiro e anelado, o menino bonito do mestre, que o aproveitava como modelo para os seus anjos.

— Que te parece, Andrea — perguntou Beltraffio, — *messer* Leonardo levará em breve a sua obra a bom termo?

— Só Deus o sabe — respondeu Salaino, interrompendo uma canção que estava assobiando. — O ano passado, depois de ter trabalhado nela dois meses sem descanso, só conseguiu encher-se de ridículo. Esse urso desajeitado do Zoroastro teimou em fazer uma experiência, e, apesar de todos os esforços de Leonardo para o dissuadir, o brutinho tanto insistiu, que não houve remédio senão deixá-lo. Tu sabes o que aconteceu! O louco rodeou o corpo todo com bexigas de boi e de porco, subiu com a máquina para o telhado, e, depois de ter aberto as asas, lançou-se no espaço. Ao princípio, o vento ainda o susteve, mas, de repente, o desastrado, sem se saber porquê, largou tudo e precipitou-se de cabeça sobre um monte de estrume. Felizmente, não lhe aconteceu mal de maior, — apenas as bexigas estoiraram.

Tinha que ver o novel ícaro esperneando com o focinho enterrado no estrume, sem conseguir erguer-se!

Nesta ocasião entrou no *atelier* um terceiro aluno, César de Sesto. Era um homem já de meia-idade, com um rosto doentio e bilioso, mas de olhar inteligente, ainda que duro. Trazia numa mão uma fatia de presunto e um naco de pão, e na outra um copo de vinho.

— Puá! Está azedo — disse cuspindo, mal-humorado; — e o presunto, duro como uma sola. E é com semelhantes porcarias que nos sustentam! Que governo de casa! Uma verdadeira vergonha; e recebe este homem dois mil ducados por ano! Já lá vão dois meses que não conseguimos comer um pouco de presunto fresco. Marco garante que ele está sem dinheiro; a maldita máquina arruína-o, mas nós é que somos as vítimas.

— César — disse Giovanni, para mudar de conversa, — prometeste, há dias, ensinar-me uma regra de perspetiva, lembras-te? Não vale a pena esperar por Leonardo, que está entregue à sua engenharia.

— Que o diabo leve tais trabalhos; podeis ter a certeza que, dentro em pouco, estaremos todos

mortos de fome...

Uma expressão de cólera contraiu o rosto de César e um sorriso mau passou-lhe nos lábios delgados.

— Porque será — disse enraivecido, — que Deus dá talento a semelhantes criaturas?!

III

Leonardo trabalhava, sempre debruçado sobre a sua mesa. Uma andorinha entrou pela janela aberta; começou a esvoaçar em volta do quarto, roçando as paredes e o teto e acabou por se deixar prender na asa da máquina voadora, como numa armadilha, sem lograr soltar as suas asitas vivas do complicado sistema daquela rede de cordas. Leonardo aproximou-se, libertou delicadamente a prisioneira e, tomando-a nas mãos, beijou-lhe a cabecita negra e sedosa, e restituiu-a à liberdade.

A andorinha bateu as asas e lançou-se no espaço, soltando um grito de alegria.

«Como na natureza tudo é simples e fácil!» Pensou, acompanhando-a dum olhar cheio de inveja. Depois, com um sentimento de desdém e de tristeza, contemplou o deselegante esqueleto do morcego gigantesco.

O homem que dormia no chão despertou.

Era, simultaneamente, um discípulo e um ajudante de Leonardo, o habilidoso mecânico e mestre ferreiro florentino, Zoroastro, ou Astro Peretola.

Levantou-se esfregando o seu único olho — o outro levara-lho, um dia, uma faúlha diante de um diabólico fogo da sua forja. Este gigante, desajeitado, com o seu ar bonacheirão e infantil, constantemente coberto de suor e de fuligem, semelhava um ciclope.

— Deixei-me dormir — exclamou o ferreiro, passando com desespero a mão pela cabeça hirsuta. — Diabos me levem! Ah! Mestre, devíeis ter-me acordado. Estou ansioso por acabar ainda esta tarde a asa esquerda, para poder voar amanhã de manhã.

— Não há nada perdido, fizeste bem em dormir — disse Leonardo, — estas asas não estão capazes.

— Como? Outra vez? Não, *messer*, será como quiserdes, mas eu, por mim, não me conformo em recomeçar. Quanto dinheiro gasto, quanto trabalho perdido! E tudo inútil! Vós dizeis que estas asas não estão capazes de sustentar um homem nos ares; pois eu afirmo-vos que elas não só podem sustentar um homem, mas até levantariam um elefante. Vereis, mestre! Deixai-me fazer uma nova experiência, sobre a água, se assim o desejais, de forma a que, em caso de queda, eu me limite a tomar um banho; nado como um peixe e não me afogarei.

E juntava as mãos com ar suplicante.

Leonardo abanou a cabeça.

— Tem paciência, Astro. O teu dia há de chegar; mas, mais tarde...

— Mais tarde — suspirou o ferreiro quase a chorar, e o seu único olho pestanejou melancolicamente. — E porque não já? Juro-vos que voarei: tão certo como Deus ser Omnipotente, eu hei de voar...

— Não, Astro, ainda não é desta vez. A matemática...

— Diabos levem as matemáticas! Eu já o receava; são elas que nos entravam. Há quantos anos trabalhamos neste engenho. É de perder a paciência! Qualquer estúpido moscardo, qualquer imunda mosca — que Deus me perdoe — é capaz de voar; só os homens têm de rastejar, como vermes. É revoltante! Porque esperamos? Não, não esperarei mais, está tudo pronto, só me falta recomendar-me a Deus, e partir, agitando estas asas, e voar, voar... dizendo adeus a todos vós, que ficais cá em baixo!...

Leonardo, sem responder, baixou tristemente a cabeça.

Ao fim da manhã, Leonardo chamou Beltraffio e disse-lhe:

— Tu não viste ainda a minha «Última Ceia». Vou agora ao convento, queres vir comigo?

O discípulo aceitou cheio de contentamento. Havia alguns dias que se sentia pouco à vontade diante do mestre. Seu tio tinha-se zangado, não lhe enviava mais dinheiro e ele estava sem saber como pagar a Leonardo os seis florins do mês da pensão.

Durante dois meses ainda frei Benedetto lhe mandara com que poder satisfazer aquele compromisso, mas o frade estava também esgotado de recursos e não podia continuar a ajudá-lo.

Giovanni tentou desculpar-se.

— Mestre — começou timidamente, gaguejando e fazendo-se vermelho, — já estamos a catorze, e, segundo as nossas condições, eu devia ter pago no dia dez... Eu sei muito bem... Mas... neste momento só tenho três florins... Queria pedir-vos para esperar; em breve, com certeza arranjarei... Merula prometeu-me uns trabalhos de cópia...

Leonardo olhava-o admirado.

— Que tens tu, Giovanni? Vamos, tu não tens vergonha de me falar assim?

Mas, considerando melhor o rosto ruborizado e cheio de confusão do seu aluno, e reparando no estado miserável dos seus sapatos, muito cerzidos e remendados, e nas vestes velhas e usadas, compreendeu que o estado de finanças de Giovanni era verdadeiramente precário.

Franziu o rosto e começou a falar noutra coisa. Após uns momentos, extraindo da sua bolsa uma moeda de oiro, disse-lhe, num tom alheio e despreocupado:

— Giovanni, vai comprar-me umas vinte folhas de papel azul, para desenho, um pacote de giz vermelho, e alguns pincéis! Anda, toma lá esta moeda!

— Mas isto é um ducado, *messer*. Eu não gastarei em tudo mais do que uns dez soldos, trago-vos o resto...

— Não é preciso trazeres nada, tens muito tempo, depois... Ficas proibido, daqui para o futuro, de te amofinares com faltas de dinheiro. Nem quero que me fales mais nessas bagatelas!...

Afastando-se um pouco, embrenhou-se imediatamente em conselhos e observações acerca do desenho. Falou-lhe da diferença das sombras, que as nuvens projetam sobre as montanhas, no verão, quando estas estão cobertas de verdura, e no inverno quando estão despidas.

Depois, subitamente, disse-lhe:

— Eu sei bem a razão por que tu me julgas avarento. Quando falámos sobre as condições da tua entrada no meu *atelier*, e ajustámos o pagamento mensal, com certeza notaste que ia escrevendo tudo no meu caderno: o teu nome, a tua origem, as importâncias e a data do pagamento. Mas isso, Giovanni, é um velho hábito, herdado talvez de meu pai, que era o notário Pedro de Vinci, e o mais meticuloso dos homens; isso não significa nada, nem nunca me trouxe qualquer espécie de proveito. Não calculas como às vezes me divirto ao ler em cadernos antigos certas futilidades que notei, e de que já nem sequer me recordava. Se eu quiser, posso saber com exatidão quanto me custaram a pluma e o veludo para a boina nova de Andrea Salaino, e, no entanto, ignoro completamente o fim que levaram muitos milhares de ducados, que voaram sem deixar sombra de registo em nenhum dos meus cadernos. Um hábito estúpido, sem significação nem utilidade... Quando precisares de dinheiro, pede-mo sem rebuço ou acanhamento, como pedirias a teu pai...

E Leonardo contemplou-o com um sorriso impregnado de tanta bondade e simpatia, que produziu em Giovanni um estremecimento de felicidade.

Nestas práticas, tinham chegado ao convento e entraram no refeitório.

IV

Era uma comprida sala, de paredes brancas e nuas, com o travejamento do teto a descoberto. O cheiro enjoativo e quente da comida misturava-se ao perfume do incenso. Uma mesa pequena, reservada ao padre superior, estava arrumada ao tremó, existente à entrada da porta, e a todo o comprimento da estância alinhavam-se duas filas de mesas estreitas, destinadas às refeições dos frades.

O silêncio era tão profundo, que se podia ouvir o zumbido das moscas, e o ruído que estas faziam ao chocar com os vidros empoeirados e talhados em facetas profundas como os alvéolos dum favo de mel. Da cozinha chegava, às vezes de mistura com o ruído das vozes, o tinir das caçarolas e dos pingadeiros.

Ao fundo do refeitório, na parede oposta àquela em que se encontrava a cadeira do prior, erguia-se um andaime de tábuas, junto dum painel coberto por um espesso pano cinzento.

Giovanni logo presumiu que aquela cobertura ocultava a obra em que o mestre trabalhava havia já vinte anos: «A Ceia».

Leonardo subiu para as pranchas do andaime, abriu uma caixa onde tinha tintas, pincéis e muitos cartões cheios de desenhos e esboços, e, tirando de lá um pequeno livro latino, enxovalhado e com muitas anotações nas margens, entregou-o ao discípulo, dizendo:

— Lê-me o capítulo XIII do Evangelho de S. João.

E dizendo isto, descobriu o quadro.

Quando Giovanni levantou os olhos, pareceu-lhe no primeiro momento que tinha diante de si, não o «fresco», mas um espaço novo, cheio de ar e de luz, que atravessava o muro do refeitório; as traves do teto prolongavam-se na perspetiva do quadro até aos últimos planos do mesmo; a luz do ambiente fundia-se com a tranquila claridade crepuscular, azulada, dos cimos de Sião, que se divisavam pelas três janelas deste novo refeitório, quase tão simples como o dos frades, mas adornado de tapeçarias e duma aparência mais misteriosa e mais hospitaleira.

A longa mesa do quadro era semelhante à do refeitório do mosteiro: a mesma toalha de listas arrendadas e finas, com os cantos amarrados, fazendo pregas desiguais, os mesmos pratos, os mesmos copos, os mesmos vasos para o vinho. E Giovanni começou a ler o Evangelho:

«E antes da solenidade da Páscoa, sabendo Jesus que tinha chegado a sua hora, para que deste mundo passasse a casa de Seu Pai, como tinha amado os Seus, que estavam neste mundo, assim os amou até ao fim.

Durante a Ceia, já o Diabo tinha metido no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o desígnio de O entregar. E Jesus perturbou-se no seu espírito e testificou e disse: Em verdade, em verdade vos digo, que um de vós Me há de entregar.

Olhavam pois os discípulos uns para os outros, duvidando de quem falava.

Ora, um dos Seus discípulos, ao qual amava Jesus, estava recostado à mesa, no regaço de Jesus.

A este pois acena Simão Pedro com a cabeça, para que perguntasse quem era o de quem isto dizia.

E esse, tendo-se reclinado sobre o peito de Jesus, diz-lhe: Senhor, quem é *esse?*

Responde Jesus: É aquele a quem Eu der o bocado, depois de o molhar. E dá o bocado, depois de o molhar, a Judas Iscariotes, filho de Simão.

E após o bocado, logo entrou nele Satanás.»

Os rostos dos Apóstolos tinham tanta vida que a Giovanni parecia ouvi-los falar e penetrar nos seus pensamentos mais íntimos; via como aquelas almas estavam perturbadas pela aproximação do irremediável, pela ideia inconcebível da origem do mal, e da expiação das culpas de todos, por um Único — por um Deus!

Judas, João e Pedro impressionavam-no particularmente.

A cabeça de Judas ainda não estava pintada; um esboço incompleto delineava sumariamente a figura: deitado para trás, apertando convulsamente numa mão a bolsa do dinheiro, tinha entornado, num gesto desesperado, o recipiente do sal, que se espalhara sobre a mesa.

Pedro, colérico, erguera-se bruscamente e segurava numa mão uma faca, tendo a outra apoiada sobre o ombro de João, parecendo perguntar ao discípulo favorito de Jesus: Quem é o traidor?

A sua cabeça grisalha endireitava-se, nos olhos brilhava-lhe uma chama de amor ardente, e essa ânsia de heroísmo que o faria dizer mais tarde, quando compreendeu que o martírio e a Morte de Jesus eram inevitáveis: «Senhor, porque não posso eu acompanhar-Te? Eu daria a minha vida por Ti!»

João estava ao lado de Jesus, os seus cabelos, sedosos e lisos, no alto da cabeça, repartiam-se anelados; as pálpebras meio descidas, como pesadas por uma sonolência, as mãos juntas numa contrita submissão, o oval puro do rosto, tudo nele respirava uma calma e celestial serenidade. Era o único de todos os discípulos que já não sofria, nem temia, nem se irritava. Nele cumpria-se a vontade do Mestre: «Que todos sejam um, assim como Tu, Pai, estás em Mim, e Eu em Ti!»

Giovanni não se cansava de admirar e pensava: «Eis como é Leonardo! E pude eu, um momento, duvidar dele, e estive prestes a acreditar em maledicências! O artista que criou esta obra não pode ser um incrédulo; ninguém ama Jesus Cristo com maior devoção!»

Tendo terminado de retocar a cabeça de João, o pintor tomou um bocado de carvão e tentou desenhar o rosto de Jesus. Mas ainda desta vez não o conseguiu!

Depois de ter pensado nesse rosto durante dez anos, era incapaz de reproduzir qualquer feição.

Hoje, como sempre, em frente do espaço branco e vazio em que devia resplandecer a face do Redentor, o mestre sentia a sua incapacidade e duvidava de si próprio. Deitou fora o carvão, apagou com uma esponja os traços que levemente esboçara, e afundou-se numa dessas meditações que, por vezes, o

conservavam durante horas inteiras aniquilado diante do quadro.

Giovanni subiu para o andaime, aproximou-se silenciosamente, e viu-lhe no rosto envelhecido e sombrio uma expressão de desalento vizinha do desespero.

Ao ver o olhar enlevado e carinhoso de Giovanni, Leonardo disse, com afabilidade:

— Que te parece, meu filho?

— Que posso eu dizer, *messer?* É belo; é a coisa mais bela que ainda vi neste mundo! Ninguém nunca compreendeu *isto*, como vós... Mas, mais vale calar-me. Que sei eu; que posso eu dizer?...

A sua voz era repassada de comoção.

Neste momento, entrou César de Sesto, acompanhado de um homem que envergava o vestuário usado pelos operários em exercício na corte do Duque. Tinham-no mandado buscar Leonardo para que fosse reparar a tubagem da sala dos banhos e das cozinhas, que não funcionava.

Leonardo abandonou o quadro, e seguiu-o, depois de ter pedido a Giovanni para o esperar à entrada do castelo.

Uma hora depois, já este estava no local indicado, mas a mestre ainda não chegara.

O jovem aproximou-se da estátua gigantesca, que dominava as casas e as árvores circunjacentes. Chamavam-lhe o *Colosso*: era da autoria de Leonardo da Vinci e estava colocada à entrada do castelo dos Sforza.

O cavalo, enorme, moldado em barro verde-escuro, projetava a sua sombra, erguido sobre as patas traseiras, e esmagando, com o enorme peso, um guerreiro caído. O cavaleiro erguia o cetro ducal, no braço estendido: Era o grande *condottière* Francisco Sforza, aventureiro, meio soldado, meio bandido, que fizera almoeda do seu sangue. Filho dum humilde cavador, valente como um leão, matreiro como uma raposa, tinha-se elevado ao poder por brilhantes feitos de armas, mas também por muitos crimes e por muita perfídia. E morreu Duque de Milão.

Um raio de sol iluminou o rosto do *Colosso*.

Nos refegos do seu pescoço rebarbativo, no agudo olhar dos seus olhos minazes, transparecia a segurança da fera saciada.

Sob o pedestal de argila, Giovanni leu o dístico gravado pela própria mão de Leonardo:

Expectant animi molenque futuram
Suscipiciunt; fluat oes; vox erit: Ecce Deus!

Estas últimas palavras impressionaram-no: *Ecce Deus!*

Eis o Deus!

«Deus!», repetiu, contemplando o *Colosso* de barro e a vítima que o cavalo do tirano Sforza

espezinhava! Evocou as imagens do refeitório silencioso, no convento de Santa Mana das Graças, as montanhas azuis do Sião, a divina beleza do rosto de S. João, e a solenidade mística da última Ceia de Deus, desse de quem se diz: *Ecce homo!* Eis o homem!

«Como é possível que o mesmo artista tenha concebido e realizado estas duas obras: a «Ceia» e a estátua do *Colosso*? «De qual dos dois, em sua opinião, se deve dizer: *Ecce Deus?* Ou será possível, como afirma César, que este homem seja um descrente e que nenhum Deus tenha morada no seu coração?!» Estava dominado por estes pensamentos, quando Leonardo apareceu.

— Está tudo pronto, acabei a reparação; podemos voltar para casa.

V

Durante a noite, enquanto em casa todos dormiam, Giovanni, que não conseguira conciliar o sono, saiu para o pátio e sentou-se num banco, no alto do terraço abrigado por uma parreira.

O pátio era quadrado, com um poço no meio; o terraço estava encostado à casa e, em frente, erguiam-se as cavalariças. À esquerda, um muro de pedra cujo portão dava para a estrada da Porta Verceil; à direita, a parede dum jardinzinho, ao fundo do qual se divisava uma pequena casa isolada; a estreita porta que dava acesso ao jardim estava sempre fechada à chave, porque o mestre, à exceção de Astro, não deixava entrar lá ninguém e, muitas vezes, ia ali trabalhar na mais absoluta solidão.

A noite estava sossegada, quente, húmida, com um espesso nevoeiro que a claridade leitosa da lua impregnava.

Alguém bateu ao portão do muro que dava para a estrada.

As persianas de uma das janelas do rés do chão entreabriram se e um homem assomou, perguntando:

— Monna Cassandra?

— Sim, sou eu. Abre!

Astro saiu e veio abrir a porta.

Uma mulher, vestida de branco, que a claridade da lua fazia parecer vaporosa, e envolvia num reflexo glauco, entrou no pátio.

À entrada, disse a meia voz qualquer coisa a Astro; depois passaram diante de Giovanni, sem o ver, porque ele estava oculto pela sombra negra projetada pelo telheiro do terraço e pelos ramos da parreira. A jovem sentou-se sobre o muro baixo do poço.

Tinha um rosto estranho, inexpressivo e parado, como o de uma estátua antiga, a testa baixa, os supercílios direitos, um mento excessivamente pequeno e os olhos duma transparência doirada como o âmbar. Mas o que mais impressionou Giovanni foram os cabelos; eram finos, flocosos, e pareciam ter uma vida própria como as serpentes da Medusa; rodeavam-lhe a cabeça duma auréola negra que fazia parecer a sua tez ainda mais pálida, os lábios mais vermelhos e os olhos mais doirados e mais translúcidos.

— Tu também já ouviste falar no irmão Ângelo? — perguntou a rapariga.

— Sim, Monna Cassandra. Dizem que o papa o enviou para destruir a magia negra e todas as heresias. Faz arrepios ouvir como a pobre gente do povo fala dos padres da Inquisição. Livre-nos Deus de lhes cair nas garras! Vós, Cassandra, deveis tomar muito cuidado! E avisai, também, a vossa tia Sidónia...

— Ela não é minha tia!...

— É a mesma coisa; avisai Monna Sidónia, é com ela que vós viveis.

— Ouve lá. Tu pensas que nós somos feiticeiras?

— Eu não penso nada. *Messer* Leonardo já me explicou muito bem todas essas coisas, e me demonstrou que, pelas leis da Natureza, não há nem pode haver feitiçarias. *Messer* Leonardo tudo sabe e não acredita em nada que...

— Ele não acredita em nada — repetiu Monna Cassandra. — Ele não acredita no Diabo. E em Deus?

— Não façais críticas. *Messer* Leonardo é um justo!

— Acreditas nisso?!... E em que estado está a vossa máquina voadora? — perguntou, de repente, Cassandra. — Já está pronta?

O ferreiro teve um gesto de hesitação.

— Não, não está pronta. Vamos fazer tudo de novo outra vez.,.

— Ah! Astro, Astro! Como podes tu acreditar nessas histórias! Pois tu não vês que todas essas máquinas só servem para desviar a atenção? Eu suponho que *messer* Leonardo já voa há muito tempo...

— Que quereis dizer?

— Quero dizer que ele voa da mesma maneira que eu, eu também voo...

Astro contemplava-a com os olhos espantados; e, juntando as mãos como se fosse fazer uma oração, exclamou:

— Monna Cassandra, sabeis que eu sou um homem digno de confiança. Dizei-me tudo, contai-me o vosso segredo.

— Tudo o quê? Que segredo?

— Explicai-me como é que voais.

— Ah! Interessa-te saber isso? Pois bem, não, não te direi. Aquele que sabe muitas coisas, torna-se velho antes de tempo.

Calou-se e, depois de o ter olhado demoradamente, acrescentou em voz baixa:

— De nada serve falar! É preciso realizar!

— E o que é preciso fazer? — perguntou com voz trémula e empalidecendo.

— Depois de saber a palavra mágica, há que embeber o corpo num certo preparado, num veneno...

— E vós possuís esse veneno?

— Sim.

— E sabeis a palavra mágica?

A rapariga abaixou afirmativamente a cabeça.

— E, com isso, eu poderei voar?

— Experimenta, e verás que é mais seguro que a tua mecânica!

O olho único do ferreiro começou a brilhar com o fogo dum desejo insensato.

— Monna Cassandra, dai-me o vosso veneno; eu quero experimentar. Pouco me importa que seja graças a um milagre ou devido à minha mecânica, contanto que eu voe! Não posso esperar mais tempo...

— Está bem! Que Deus te proteja! Tu fazes-me pena; creio que acabaras por enlouquecer, se não conseguires voar. Seja assim. Eu vou dar-te o veneno e ensinar-te a palavra mágica com a condição, Astro, que tu também me farás aquilo que eu te pedir!

— Fá-lo-ei, Monna Cassandra, tudo o que vós quiserdes. Falai

A rapariga apontou-lhe as telhas molhadas do teto que luzia para lá do muro do jardim, sob a névoa lunar.

— Deixa-me entrar ali!

Astro abanou negativamente a cabeça.

— Não, tudo, menos isso!

— Porquê?

— Eu dei ao mestre a minha palavra de que não deixaria lá entrar ninguém.

— Mas tu já lá tens estado?

— Sim, eu posso lá entrar.

— Então, conta-me. O que há lá dentro?

— Realmente, Monna Cassandra, nada de extraordinário, nem de curioso, nenhum segredo: Máquinas, instrumentos, livros e manuscritos. Há também algumas flores raras, e plantas e animais... E também uma árvore... venenosa...

— ???

— Sim, para experiências. O mestre envenenou-a para estudar o efeito do veneno sobre as plantas.

— Oh! Astro! Conta-me tudo o que sabes a respeito dessa árvore.

— Mas não tem nada que contar. No começo da primavera, quando a seiva começava a subir, o mestre furou o tronco até à medula, e com uma comprida agulha injetou o líquido venenoso.

— Mas que estranhas experiências! E que árvore é essa?

— Um pessegueiro.

— E os frutos agora serão venenosos?

— Sim. Quando estiverem maduros serão venenosos.

— E há algum sinal exterior pelo qual se reconheça que estão envenenados?

— Não. Ninguém o pode perceber. E é por isso que o mestre não deixa lá entrar ninguém.

— Tu tens a chave?

— Tenho.

— Então, dá-ma, Astro.

— Que dizeis, Monna Cassandra? Estais louca. Eu jurei...

— Dá-me a chave — repetiu Cassandra. — E ainda esta noite te farei voar, ouves bem, ainda esta noite! Olha, está aqui o veneno.

Tirou do seio um frasquinho de vidro, cheio dum líquido escuro, que brilhava palidamente à claridade da lua e, aproximando-o do rosto de Astro, disse-lhe, num tom insinuante!

— De que tens medo, piegas? Tu próprio disseste que não há nenhum segredo. Nós vamos entrar apenas, e ver... Anda, dá-me a chave!

— Deixai-me, deixai-me — disse ele. — Eu não faltarei à minha palavra, guardai o vosso veneno! Ide-vos embora!

— Poltrão! — disse a rapariga com desprezo.

Astro calou-se, aborrecido, e desviou-se. A rapariga aproximou-se dele novamente.

— Está bem, Astro, tens razão... Eu não entrarei lá. Mas entreabre ao menos a porta, e deixa-me espreitar...

— Não entrareis?

— Não, abre só para eu ver.

Astro tirou a chave da algibeira e foi abrir.

Giovanni ergueu-se e viu ao fundo do jardinzinho, rodeado de muros, um pessegueiro vulgar, mas que, na claridade pálida e nublada da lua, tomava um aspeto fantástico e de mau augúrio.

No limiar da porta, a rapariga olhava com os olhos muito abertos, numa curiosidade ávida; depois deu um passo para entrar, mas o ferreiro segurou-a.

Ela lutou, escorregando-lhe das mãos, como uma enguia, mas ele empurrou-a com tal violência que a fez cair.

Cassandra ergueu-se de repente, lívida como uma morta, e os seus olhos tinham uma expressão terrível de maldade; parecia nesse instante ser, na verdade, uma feiticeira.

O ferreiro tornou a fechar a porta do jardim e entrou de novo em casa, sem se despedir de Monna Cassandra.

Esta seguiu-o um momento com os olhos. Depois, passando rapidamente diante de Giovanni, atravessou o pátio e saiu.

E o silêncio reinou de novo enquanto o nevoeiro se adensava acabando por fundir todo o cenário numa massa única e impenetrável.

CAPÍTULO III
Os frutos venenosos

(1494)

«E disse a serpente à mulher: Não morrereis ao certo. Porque sabe Deus que, no dia em que comerdes dele, se abrirão então os vossos olhos, e far-vos-eis como Deuses, conhecendo o Bem e o Mal.»

(*Génesis*, III — v. 4 e 5.)

«Depois de ter furado o tronco de uma árvore nova, injetai-lhe arsénico, sublimado corrosivo e ácido sulfúrico dissolvidos em álcool e tornareis os frutos venenosos.»

(Leonardo da Vinci.)

I

A duquesa Beatriz fazia doirar os cabelos todas as sextas-feiras. Uma vez lavados e tintos, era necessário deixá-los secar ao sol, e para esse efeito (muitas damas italianas tinham adotado esta moda) construíam-se os «altana», espécie de terraços circundados de balaustradas, sobre os tetos das casas.

A duquesa estava sentada no «altana» do magnífico palácio que os Sforza possuíam nos arredores de Milão, na margem direita do Tessino, entre as pastagens e os prados luxuriantes e verdes da província de Lomelina, suportando pacientemente o ardente calor do sol, na hora em que os trabalhadores do campo se veem obrigados a refugiar-se, com as suas juntas de bois, à sombra protetora das árvores.

Estava envolta num amplo penteador, espécie de romeira de seda branca, sem mangas, o «chiavinetto», e tinha a cabeça coberta com um chapéu de palha que preservava a sua epiderme da ação corante da luz. O chapéu tinha a copa quase totalmente cortada, de forma a que, por essa larga abertura, saíssem os cabelos doirados, que ficavam depois estendidos sobre todo o círculo das largas abas.

Uma escrava circassiana, de tez amarelada, ia humedecendo com uma esponja, fixada na extremidade dum cabo, os cabelos que uma outra serva, tártara, de olhos estreitos e oblíquos, ia penteando com um pente de marfim.

As duas escravas estavam alagadas em suor; o próprio cãozinho da duquesa não sabia onde acolher-se, naquele terraço escaldante; lançava à sua ama olhares repassados de queixa, a língua pendida, respirando com dificuldade e sem força sequer para rosnar. O macaco, esse sentia-se feliz no meio daquele calor, tal qual o negrito que segurava um espelho com moldura de nácar, orlada de pérolas.

Se bem que aparentasse sempre o ar de severidade e a atitude imponente e majestosa, que julgava convir à sua jerarquia, Beatriz não conseguia ocultar a sua mocidade de dezanove anos, e ninguém a julgaria já casada há mais de três, e mãe de dois filhos. A colegial mimada, autoritária, duma vivacidade sem freio, traía-se na forma infantil das suas bochechas, na finura do pescoço, nos lábios carnudos, caprichosamente contraídos, no queixo muito redondo, nos ombros estreitos, no peito sem relevo, e, enfim, nos seus gestos impetuosos, que lembravam os de um rapaz. E, no entanto, um espírito calculador fazia brilhar os seus olhos pardos cheios de firmeza e transparentes como o vidro.

O mais clarividente dos homens de Estado da época, Marino Sanuto, cônsul de Veneza, assegurava, nas cartas confidenciais ao seu governo, que esta rapariguinha era dotada de grande tato diplomático, e que a sua habilidade política excedia, em muito, a de seu marido, o duque Ludovico, que fazia bem em consultá-la em todos os assuntos.

O cachorrito começou a ladrar irritado.

Uma velha, com vestes negras de viúva, apareceu no alto da escada que ligava o «altana» aos quartos de vestir. Trazia numa mão o rosário e segurava na outra uma muleta, arrastando-se com dificuldade, gemendo e suspirando.

— Oh! Como custa ser velha!... Mal posso subir a escada! Deus tenha Vossa Graça em boa saúde! — disse a velha, e, erguendo servilmente a orla do «chiavinetto», que rojava por terra, beijou-o.

— Ah! Monna Sidónia! E então, arranjaste?!

A velha tirou dum saco um pequeno frasco de vidro, lacrado, que continha um licor esbranquiçado e turvo — leite de burra e de cabra, misturado com uma infusão de badiana, raízes de espargos e cebolas de lírio branco.

— É melhor deixá-lo ainda descansar um dia ou dois, em estrume de cavalo, bem quente; mas, no entanto, julgo que já pode servir. Filtrai-o primeiro pelo feltro, e depois molhai nele um pouco de miolo de pão untado de manteiga e esfregai o vosso ilustre rosto durante o tempo de rezar três *Credo*. Cinco semanas depois todo o bronzeado da pele terá desaparecido e tereis recuperado a vossa alvura natural. É também um excelente remédio para as borbulhas.

Monna Sidónia inclinou-se depois para a duquesa e começou a contar-lhe, ao ouvido, os últimos escândalos e intrigas da cidade: Como a jovem esposa do cônsul geral da gabela, a linda madona Felisberta, enganava o marido com um gentil-homem espanhol; a razão por que madona Angélica, que ia encalvecendo, adotara um certo penteado; e muitas outras histórias e mexericos. No caminho para o castelo, dizia ela, tinha atravessado a praça do palácio de Pavia, onde encontrara um grande ajuntamento. Quando madona Isabel aparecera ao balcão, com o filho, o pequeno Francisco, todos agitavam as mãos e os chapéus e muitos choravam. Gritavam: Viva Isabel de Aragão, viva João Galeas, soberano legítimo de Milão e o seu herdeiro Francisco!

* * * * * * * * * *

— Sim... Mas... Não me atrevo a dizer...

— Vamos, que mais diziam?

A velha baixava os olhos e continuava calada.

— Explica-te! Ordeno-te, fala!

— Gritavam... Senhora... gritavam: «Abaixo os usurpadores do trono!»

Beatriz fez uma careta.

— Então gritavam isso?

— Sim, e pior ainda...

— Que mais? Diz tudo, não tenhas receio!

— Gritavam... a minha boca recusa-se, Senhora... Gritavam: «Morram os ladrões!» — e a velha beijou novamente, num gesto contrito, a fímbria da veste de Beatriz. — Vossa Magnificência! Perdoai-me dizer estas coisas, minha linda estrelinha! Estimo-vos tanto, acreditai — disse chorando, — que rezo sempre por vossa intenção quando cantam o *Magnificat* nos ofícios de S. Francisco. Há quem me julgue feiticeira, mas mesmo que fosse verdade, mesmo que eu tivesse vendido a minha alma, Deus sabe que só

o teria feito para melhor servir Vossa Alteza.

A duquesa olhava-a em silêncio, cheia de curiosidade.

— Ao atravessar o jardim do palácio, para vir aqui, — continuou Monna Sidónia, num tom indiferente — vi um jardineiro colhendo, para um cabaz, uns magníficos pêssegos: é, naturalmente, um presente que ides mandar a *messer* João Galeas?

E, depois de uma pausa, continuou:

— Nos jardins do mestre florentino Leonardo da Vinci há também uns pêssegos duma beleza surpreendente, mas... são venenosos...

— Sim, a minha sobrinha, Monna Cassandra, já os viu...

A velha começou de novo a cochichar qualquer coisa ao ouvido de Beatriz.

A duquesa não respondeu nada. O seu rosto mantinha uma expressão de completa impassibilidade e indiferença. Os cabelos estavam já secos; levantou-se, despojou-se do «chiavinetto» e desceu para os quartos de vestir. Uma vez ali, escolheu um vestido, que muito lhe agradava, por julgar que disfarçava bem a sua estatura minúscula: o tecido deste era de riscas verticais, em que o brocado de oiro alternava com o veludo verde. As mangas, ligadas por fitas cor de cinza, eram justas, com abertos, à moda francesa, deixando passar o pregueado fino e elegante do linho branco da camisa. Uma rede de oiro, duma finura quase vaporosa, sustinha-lhe os cabelos apartados em bandós. A cabeça estava cercada duma estreita cadeia, também de oiro, a «ferronnière», à qual, no meio da testa, estava fixado um escorpião todo em rubis.

Beatriz costumava demorar tanto tempo a vestir-se e a embelezar-se que, segundo a expressão do marido, «poderia, entretanto, equipar-se completamente um navio mercante para as Índias».

II

Ao longe, ressoaram as trompas e ouviu-se o latido dos cães. Beatriz recordou-se que tinha organizado uma caçada para esse dia, e apressou-se. Uma vez pronta, deteve-se, ao passar, no quarto dos seus anões, que, por ironia, costumava designar com o nome de «morada dos gigantes», e que tinha sido construído segundo o modelo dos quartos de brinquedos do palácio de sua irmã Isabel de Este.

As cadeiras, os leitos, os utensílios, as escadinhas de degrau largos e baixos, uma capela mesmo, com um altar microscópico no qual o anão sábio Janacci oficiava, vestido de uma casula e de uma mitra feitas especialmente para ele, — tudo era proporcionado à estatura dos pigmeus.

Nesta «morada dos gigantes» havia sempre barulho, risos, choros, gritos muitas vezes terríveis, como numa jaula ou numa casa de doidos; porque ali agitavam-se, nasciam, viviam e morriam, numa promiscuidade imunda e sufocante, macacos, marrecos, papagaios, árabes, loucas, bobos, anões, coelhos e vários animais recreativos, no meio dos quais a duquesa gostava, muitas vezes, de vir passar o dia e onde se divertia como uma criança.

O seu negrinho Nanino, preto como o alcatrão, e que lhe tinham enviado de Veneza, estava doente, havia já alguns dias. Passara uma má noite e Beatriz receava que ele se não restabelecesse. A duquesa deu ordem para que o batizassem o mais depressa possível, não fosse morrer pagão.

No patamar da escada, encontrou a sua favorita, a pequena Morgantina, uma linda anã, idiota, e tão divertida que, dizia Beatriz, era capaz de fazer rir um morto.

Mas, às vezes, essa tão alegre anã tornava-se subitamente triste e sombria, e, então, passava dias inteiros soluçando e gritando que lhe tinham roubado um filhinho, que ela nunca tinha tido.

Com as mãos em roda dos joelhos, Morgantina chorava nessa ocasião copiosamente. A duquesa fez-lhe uma festa na cabeça:

— Não chores mais, pequerrucha, tem juízo!

A anã ergueu os olhos azuis e infantis para a duquesa e redobrou o seu choro:

— Oh! Oh!... Que desgraçada que eu sou, roubaram-me o meu querido menino! E porquê, meu Deus, porquê?... Ele não fazia mal a ninguém... Era a minha única alegria!...

A duquesa, deixando-a, dirigiu-se ao pátio onde os caçadores a esperavam.

Rodeada de batedores, de falcoeiros, de palafreneiros, damas de honor e pajens, conservava-se ousada e direita na sela do seu cavalo árabe, baio escuro, de formas esbeltas; Beatriz montava, não como uma mulher, mas como um hábil picador. «É a verdadeira rainha das amazonas», pensava o duque Ludovico com orgulho, na varanda do palácio, donde assistia à partida de sua mulher.

A duquesa estava de bom humor, apetecia-lhe brincar, rir, galopar, mesmo com risco de ser

desmontada. Com um sorriso dirigido ao marido, que mal teve tempo de lhe gritar: «Tome cuidado, o cavalo é fogoso!» fez um sinal aos seus companheiros e começou a galopar, esforçando-se por ultrapassá-los, primeiro na estrada, depois através dos campos, por cima de sebes, e valados.

Os batedores ficaram para trás. Beatriz tomara a cabeça com o seu enorme *bull-dog* preferido, e, ao lado dela, sobre uma égua espanhola, negra, a mais alegre e a mais audaciosa das suas damas de honor, Lucrécia Crivelli.

Esta Lucrécia trazia já há muito tempo perturbado, pelos seus encantos, o duque Ludovico. Quando há pouco a vira partir, admirada por todos, ao lado de Beatriz, não sabia dizer ao certo qual das duas mais lhe agradava. Depois, ficara inquieto, receando não sucedesse qualquer desastre a sua mulher. Quando os cavalos saltavam uma vala, fechava os olhos para não ver e sentia-se confrangido.

Ludovico repreendia a duquesa pelas suas extravagâncias, mas no fundo era incapaz de se zangar a sério. Sentia que a ele próprio faltava aquela audácia física, e orgulhava-se da coragem da mulher.

Os caçadores desapareceram detrás dos vimieiros que cobriam as margens baixas do Tessino, onde abundavam os patos, as narcejas e as garças. O duque, entrando em casa, dirigiu-se ao seu gabinete de trabalho, *studiolo*.

O secretário-geral, o dignitário a cargo de quem estavam as embaixadas estrangeiras, messer Bartolomeu Calco, esperava-o para continuarem os trabalhos interrompidos.

III

Sentado numa cadeira de espaldar elevado, o Mouro afagava, com a sua mão branca e tratada, as faces bem barbeadas e o queixo liso.

O seu rosto conseguia traduzir o aspeto duma franqueza sincera, qualidade que só é dada às pessoas versadas na arte ardilosa da política. O grande nariz aquilino com uma pequena bossa, e os lábios delgados e sinuosos, davam-lhe uma expressão de hipocrisia que lembrava o grande «condottière», seu pai, Francisco Sforza. Mas, enquanto seu pai era, simultaneamente, raposa e leão, segundo a expressão dos poetas, o Mouro só lhe tinha herdado a manha, sem a compensação da bravura do rei das selvas.

Ludovico envergava um trajo simples e elegante de seda azul-pálido, com ramagens, e o seu penteado, liso, à moda, a «sazzera», que lhe cobria as orelhas e a testa quase até às sobrancelhas, dava a impressão duma cabeleira muito basta. Uma cadeia de oiro pendia-lhe do peito. O duque de Milão era sempre duma delicadeza exagerada e igual para todos.

— Haveis recebido já informações exatas, *messer* Bartolomeu, acerca da partida das tropas francesas de Lião?

— Nenhumas, Alteza. Todas as noites anunciam a saída para a manhã seguinte, e sempre a adiam. O rei está muito ocupado em distrações que nada têm de guerreiras.

— Sabeis como se chama a sua favorita?

— Creio que tem muitas. O génio de Sua Majestade é voluptuoso e adora a variedade.

— Escrevei ao conde Belgiojoso — disse o duque, — que lhe vou mandar trinta mil... Não, é muito pouco... cinquenta mil ducados, para ele fazer novos presentes. Que não poupe nada! Vamos fazer sair o Rei, de Lião, por meio de cadeias de oiro. E, sabeis uma coisa? Bartolomeu, — é claro que isto fica entre nós, — parecia-me de boa política enviar a Sua Majestade os retratos de algumas beldades de Milão. Isso atuaria sobre o Rei da mesma forma que o oiro sobre o seu séquito.

Ludovico esfregou uma contra a outra, cheio de satisfação, as suas mãos brancas e finas.

Sempre que examinava a enorme teia de aranha da sua política, sentia o coração palpitar de contentamento. Em sua consciência não sentia remorsos de ter chamado a Itália os estrangeiros, esses bárbaros do Norte, porque fora forçado a isso pelos seus inimigos; especialmente pelo pior de todos, Isabel de Aragão, a mulher de João Galeas, que o acusava publicamente de ter usurpado o trono que pertencia ao sobrinho. Só quando o pai de Isabel, o rei de Nápoles, Afonso, ameaçara o Mouro com a guerra e com a perda do poder, para vingar o seu genro e a filha, é que o duque, abandonado por todos, se dirigira ao rei de França, Carlos VIII, a pedir-lhe auxílio.

«Os Teus desígnios são impenetráveis, Senhor! — pensou o duque enquanto o seu secretário escrevia a carta. — A salvação do meu ducado, da Itália, talvez de toda a Europa, está nas mãos desse

lamentável vagabundo, desse menino autoritário e idiota, o mui cristão rei de França, diante do qual nós, os descendentes dos grandes Sforza, somos obrigados a rastejar e a servir de alcoviteiros!»

Mas, assim é a política! Quando se vive no meio dos lobos é preciso uivar como eles.

Um velho baixo, calvo e marreco, com um grande nariz vermelho, apareceu à entrada do «studiolo»; o duque, com um sorriso afável, fez-lhe sinal para esperar.

A porta tornou a fechar-se de manso e o velho desapareceu.

O secretário começara a tratar de outro assunto, mas o Mouro escutava-o distraidamente lançando olhares furtivos para a porta. *Messer* Bartolomeu, vendo que o espírito do duque estava já ausente e ocupado noutra coisa, abreviou as suas considerações e retirou-se.

Olhando, então, cautelosamente para todos os lados, o duque aproximou-se da porta nas pontas dos pés.

— Bernardo, ó Bernardo, estás aí?

— Sim, Alteza!

E o poeta da corte, Bernardo Bellincioni, entrou rapidamente; os seus gestos eram cheios de mistério, e no seu rosto dominava a mais lídima expressão do servilismo; quis ajoelhar para beijar a mão do seu senhor, mas este não consentiu.

— Então, já deu à luz?

— Dignou-se ter o parto, esta noite, Alteza.

— Está bem de saúde?

— Graças a Deus!

O duque benzeu-se.

— Viste a criança? É rapaz, ou rapariga?

— Um rapaz. E forte, e barulhento!... Tem uns cabelos loiros que fazem lembrar os da mãe, e os olhos vivos, negros, inteligentes, tal e qual os de Vossa Graça. Vê-se logo que tem sangue real! É um hércules pequenino, no berço. Madona Cecília, que não se cansa de o admirar, encarregou-me de vos perguntar que nome vos seria agradável que o menino tivesse.

— Já tinha pensado nisso — disse o duque. — Sabes, Bernardo... Vai chamar-se César. Que te parece?

— César? É um nome soberbo, antigo e que soa bem! Sim, sim, César Sforza, é o verdadeiro nome para um herói!

— E o marido, o que diz?

— O sereníssimo conde de Bergamini continua como sempre, amável e encantador.

— É realmente uma excelente criatura — concordou o duque convictamente.

A condessa Cecília Bergamini era amante do Mouro, havia já muito tempo. Beatriz tivera conhecimento daquela ligação logo a seguir ao casamento, e, num acesso de ciúme, ameaçara Ludovico de voltar para casa do pai, o duque de Ferrara, Ercole de Este. Fora necessário ao Mouro jurar solenemente diante dos enviados de Ercole que de futuro respeitaria escrupulosamente a fidelidade conjugal; e para confirmar a promessa, casara Cecília com o velho conde de Bergamini, um fidalgo arruinado, capaz de todas as complacências.

Bellincioni tirou da algibeira um papel que deu ao duque.

Era um soneto em honra do recém-nascido, um pequeno diálogo no qual o poeta perguntava ao deus Apolo qual a razão por que se cobria de nuvens. E o Sol respondia, com a subserviência dum cortesão, que o fazia por se sentir envergonhado diante do novo astro que despontava: o filho do Mouro e de Cecília.

O duque acolheu favoravelmente o soneto, que recompensou com um ducado de oiro.

— A propósito, Bernardo, espero que não tenhas esquecido que no sábado faz anos a duquesa?

Bellincioni rebuscou febrilmente na espécie de saco que lhe servia de algibeira — a sua indumentária oscilava entre a do cortesão e a do mendigo, — sacou de lá um rolo de papéis já enxovalhados, e começou a procurar os versos pedidos entre as odes grandiloquentes e as elegias em que se deplorava a morte do falcão de madona Angélica, e a doença da égua húngara, malhada, da senhora Pallavicini.

— Tenho aqui três à escolha de Vossa Alteza! E por Pégaso vos juro que ficareis contente.

Nesse tempo, os soberanos serviam-se dos poetas da corte, como de instrumentos de música, para cantar serenatas não só em louvor das amantes, mas, também, das próprias esposas; exigindo, além disso, a moda, que nessas poesias o amor conjugal fosse tratado sob o prisma do mais puro idealismo, como os amores de Laura e Petrarca!

O Mouro leu as obras com curiosidade: tinha-se na conta de um amador consciencioso — poeta nato — a quem não fora dada a faculdade de rimar...

Dois versos o entusiasmaram principalmente, num dos sonetos, quando o marido dizia a sua mulher:

Sputando in terra quivi nascon fiori,
Come di primavera le viole.

Se cospes para o chão fazes nascer as flores
Como as violetas na primavera.

Num outro soneto, o poeta comparava madona Beatriz à deusa Diana e asseverava que os javalis e os veados sentiam verdadeira beatitude em receber a morte das mãos duma tão linda caçadora!

O duque, bem disposto, deu uma palmada nas costas do poeta e prometeu-lhe fazenda vermelha de Florença, para fazer uma peliça no próximo inverno. Bernardo, com grande choradeira, e asseverando ao duque que a sua capa estava já muito transparente e esburacada, conseguiu que este alargasse a promessa para mais uma pele de raposa destinada à gola.

— O inverno passado sofri tanto com o frio, e com a falta de lenha, que estive a pontos de queimar a própria escada.

O duque, divertido, prometeu também mandar-lhe um carro de lenha.

— Estás hoje inspirado, Bernardo? Ouve, preciso ainda que me arranjes mais uma poesia.

— Amorosa?

— Sim, e muito apaixonada.

— Para a duquesa?

— Não, mas toma muito cuidado, é necessário que sejas mudo como um peixe.

Bernardo piscou o olho com um ar de cumplicidade e de malícia.

— Apaixonada? Mas em que sentido? Uma súplica, ou agradecimentos?

— Uma súplica.

O poeta tomou uma expressão meditativa, concentrando-se.

— Senhora casada?

— Não, uma donzela.

— Bem! Como se chama?

— Para que precisas saber?

— É indispensável, Alteza; se os versos devem conter uma prece, como fazê-la sem nomear a santa?

— Madona Lucrécia. Não tens nada já pronto, neste género?

— Sim, Monsenhor, tenho, mas realmente gostava mais de fazer qualquer coisa de especial e de novo. Deixai-me recolher uns momentos aqui no quarto ao lado! Já sinto as rimas a borbulhar-me na mente, e não vos farei esperar muito!

Um pajem entrou anunciando:

— *Messer* Leonardo da Vinci.

Bernardo, tomando à pressa papel e uma pena, fugiu por uma porta, enquanto Da Vinci entrava pela

outra.

IV

Depois das primeiras saudações, o duque começou a conversar com o pintor acerca do grande canal, o *Naviglio Sforzesco*, em construção, que devia reunir o Césia com o Tessino, ramificando-se em vários canais mais pequenos, regando e fertilizando os prados e os campos de Lomellina.

Leonardo dirigia estes trabalhos, se bem que não tivesse o título de construtor da corte, nem mesmo o de pintor, mas apenas e mais modestamente, o de músico, *sonatore di lira*, que lhe fora conferido noutro tempo por ter inventado um instrumento de música. Este título dava-lhe uma categoria um pouco superior à dos poetas da corte, de Bellincioni, por exemplo.

Depois de ter explicado pormenorizadamente ao duque vários planos, e contas, o pintor pediu-lhe se dignasse dar as suas ordens relativas ao dinheiro necessário para a continuação dos trabalhos.

— Quanto? — perguntou-lhe o duque.

— Quinhentos e setenta ducados por légua, ou seja, ao todo, quinze mil cento e oitenta e sete ducados — respondeu Leonardo.

O semblante de Ludovico carregou-se, recordando-se dos cinquenta mil ducados que destinara para corromper os fidalgos franceses.

— É caro, *messer* Leonardo! Tu arruínas-me, na verdade! Só queres coisas impossíveis, e jamais vistas. Na realidade, os teus projetos são majestosos! Mas, vê tu: Bramante, que é também um construtor de mérito, nunca me pediu somas tão elevadas!

Leonardo encolheu os ombros.

— Como vós quiserdes, Monsenhor! Encarregai então Bramante deste trabalho!

— Vamos, vamos, não te zangues! Sabes bem que eu não tenho intenção de te ofender...

E o duque começou a regatear.

— Bem, está bem! Amanhã veremos! — arrematou ele, tentando, segundo o seu costume, adiar uma resolução; e começou a folhear os cadernos de Leonardo, cobertos de esquemas incompletos, de desenhos e de projetos de arquitetura.

O pintor teve que fornecer-lhe explicações de tudo, coisa que sempre o aborrecia muito.

Entretanto, Bellincioni, tendo terminado o soneto, entreabriu a porta e lançou um olhar para dentro do quarto.

O duque despediu Leonardo, convidando-o para a ceia dessa noite.

Assim que o pintor saiu, o Mouro chamou o poeta e deu-lhe ordem para ler os seus versos.

A «salamandra» — dizia o soneto — vive no fogo, mas não é ainda mais admirável que no meu coração ardente,

Uma beldade habite, fria como o gelo,
Sem nunca conseguir o fogo do amor
Ao gelo virginal um dia derretê-lo.

Ao duque agradou ainda muito o tom particularmente terno da segunda quadra:

Como o cisne que, um dia, canta e morre logo,
Assim imploro o amor: «Valei-me, eu estou ardendo!»
Mas o deus, assoprando, ateia mais o fogo:
«Apaga-o com os teus prantos», diz ele escarnecendo!

V

O duque deu uma volta pela casa antes de cear, esperando a duquesa, que em breve devia voltar da caça. Foi visitar os estábulos, semelhantes a um templo grego, com pórticos, colunas, cerrados, para guardar o gado durante o dia; entrou também numa magnífica queijaria, recentemente instalada, onde provou um *giuncata*, espécie de requeijão fresco. Passou diante de uma série de celeiros e caves e dirigiu-se à leitaria. Cada pormenor alegrava o seu coração de proprietário: o ruído do leite mugido da teta da sua vaca preferida, um animal de Languedoc, branco e vermelho, o grunhido maternal duma grande porca, semelhante a uma montanha de gordura, que acabava de dar à luz, e a espuma, grossa e doirada, nas cubas de freixo, junto do lagar de azeite, e o perfume de mel que exalavam os celeiros transbordantes de trigo!

Um sorriso de contentamento espelhou-se no rosto do Mouro; a sua casa estava realmente cheia como um ovo. Voltou para o palácio e sentou-se no terraço.

Caía a tarde, mas o Sol estava ainda acima do horizonte. Sentia-se uma frescura aromática que subia das pradarias baixas, regadas pelo Tessino. O duque percorreu com os olhos o seu imenso domínio: as pastagens, os campos, cuja irrigação se fazia por um sistema de canais e de valas, — com pomares de maças, de pereiras, de amoreiras, ligados por festões de vinhas.

De Mortaria até Abbiategrasso, e mais longe ainda, até aos limites do horizonte, lá onde brilham na bruma as neves eternas do Monte Rosa, a grande planície lombarda florescia, próspera e rica como um recanto do Paraíso.

— Meu Deus! — suspirou enternecido erguendo os olhos para o céu. — Graças Te sejam por tudo isto! Que mais falta ainda? Outrora, havia aqui um deserto sem vida. Construí canais, com a ajuda de Leonardo; tornei esta terra fértil; e, agora, cada espiga, cada tufo de verdura, me agradece, e eu por minha vez também Te agradeço, Senhor!

Ouviram-se os gritos dos caçadores, os latidos das matilhas, uma espécie de espantalho vermelho com asas de perdiz, que servia para atrair os falcões, apareceu por cima dos vimieiros

O duque e o mordomo principal davam uma última volta de inspeção, em torno da mesa já preparada, a ver se tudo estava em ordem, quando a duquesa entrou na sala, seguida pelos seus convidados, entre os quais se encontrava Leonardo, que devia cear e passar essa noite no castelo.

Lida uma prece, todos se apressaram em tomar os seus lugares...

Primeiro serviram-se alcachofras frescas, trazidas diretamente de Génova por um correio especial, depois enguias gordas, e carpas provenientes dos viveiros de Mântua, uma dádiva de Isabel de Este; a seguir um prato frio constituído por peitos de capão.

Conforme a moda, todos comiam com três dedos e com as facas, visto os garfos serem considerados como um luxo extravagante; apenas os usavam as damas e na altura das frutas e doçaria e eram em geral

de oiro, com os cabos de cristal.

O anfitrião fazia, com solicitude, as honras da ceia. Comia-se e bebia-se bem, mesmo demasiado. As damas e as donzelas mais elegantes não se pejavam de manifestar o seu apetite.

Beatriz estava sentada ao lado de Lucrécia.

O duque, de novo, se recreou ao admirá-las, ao lado uma da outra. Era-lhe agradável ver sua mulher ocupando-se da sua adorada, servindo-lhe os melhores bocados, murmurando-lhe segredinhos ao ouvido, apertando-lhe por vezes a mão, num transporte dessa ternura travessa e inesperada que se assemelha um pouco ao amor.

Falava-se da caça. Beatriz contou que um veado com as enormes hastes investira contra o cavalo, ao saírem da floresta, e por pouco a não lançara fora da sela.

Os bobos divertiam toda a sociedade. Os risos tornavam-se cada vez mais ruidosos. Os rostos animavam-se e enrubesciam sob a influência das abundantes libações. Depois da quarta iguaria as donzelas soltavam, a ocultas, os laços das cinturas, demasiado apertados. Os cavalheiros, sob a toalha, procuravam as mãos das suas damas, já enternecidas.

Os copeiros serviam um vinho branco muito leve, e um vinho de Chipre, vermelho, espesso, aquecido e perfumado com canela e cravos da Índia.

Sempre que Sua Alteza pedia de beber, os fâmulos interrogavam-se solenemente como se tivessem de celebrar um ofício divino. A taça era cheia sobre o bufete, e o grande senescal mergulhava nela por três vezes um talismã do feitio dum chifre, preso a uma cadeia de oiro. Se o vinho estivesse envenenado, o corno devia enegrecer e cobrir-se de sangue. Outros talismãs preservadores, do mesmo género, uma língua de serpente, e a pedra que se encontra na cabeça dos sapos, estavam presos às saladeiras.

O conde de Bergamini, o marido alcachinado e gotoso de Cecília, instalado pelo duque no lugar de honra, estava nessa noite extraordinariamente alegre, e até jocoso e brincalhão, apesar da sua idade. Designando o chifre, exclamou:

— Eu suponho, Alteza, que nem o rei de França tem um deste tamanho! É duma envergadura respeitável!

No fim da ceia chegou um frade muito gordo, chamado Tappone. Depois de se ter benzido, e arregaçado as mangas, sentou-se à mesa e começou a comer, com uma voracidade tal, que excitou a hilaridade de todos.

Os convivas à mesa do duque riam ruidosamente, e as gargalhadas degeneravam, por vezes, num barulho ensurdecedor. Somente Leonardo, sempre silencioso e alheio a tudo quanto o rodeava, mantinha no rosto uma expressão de aborrecimento respeitoso; estava muito acostumado às expansões escandalosas dos seus protetores e nada já conseguia interessá-lo ou causar-lhe admiração.

No fim do banquete os duques e os seus convidados desceram para o magnífico jardim, chamado o *Paraíso*, onde nessa noite se representou um espetáculo de versos seguido de canções e de danças, que se prolongaram pela noite fora.

VI

O Mouro viu uma luz que brilhava numa das quatro torres do palácio.

Era o astrólogo geral da corte do duque de Milão, *messer* Ambrósio de Rosate, senador e membro do conselho secreto, que acendera a sua lâmpada para escolher os instrumentos de astronomia necessários à observação duma conjunção dos planetas Marte, Júpiter e Saturno, que nessa noite se devia produzir no signo do Aquário, e ter grande influência nos destinos dos Sforza.

O duque, assaltado por uma ideia súbita, despediu-se rapidamente de madona Lucrécia, com a qual estava em mui terno e amoroso colóquio sob um hospitaleiro caramanchão. Entrou no castelo, verificou a hora, e esperou o minuto e o segundo fixados pelo astrólogo para tomar as pílulas de ruibarbo e engolir outra droga prescrita: consultou o seu calendário de algibeira, onde estava a nota seguinte: «Em cinco de agosto, às dez horas e oito da noite, rezar com muita fé e devoção, de joelhos, as mãos postas, e o olhar erguido para o céu!»

Ludovico apressou-se em direção a capela, a fim de não deixar passar o momento propício; senão, a prece astrológica perderia toda a eficácia.

Na capela, meio obscura, brilhava uma lâmpada em face duma imagem, que o duque muito apreciava: Leonardo da Vinci tinha representado Cecília de Bergamini sob a forma de Virgem, abençoando uma rosa.

Contou oito minutos na pequena ampulheta, pôs as mãos, ajoelhou e disse a *Confissão*.

Durante muito tempo rezou devotamente.

«Oh! Virgem! — murmurou, erguendo os olhos enternecidos para o céu. — Defende-me, protege-me e abençoa-me, assim como ao meu filho Maximiliano, e ao recém-nascido César, à minha amada esposa Beatriz, e madona Cecília e também ao meu sobrinho João Galeas: porque, como Tu muito bem vês, na minha alma, Virgem Santa, eu não lhe desejo mal nenhum! Peço por ele, se bem que a sua morte trouxesse talvez, não só para o meu ducado, mas também para toda a Itália, um benefício incalculável.»

Neste momento, o Mouro lembrou-se das razões inventadas pelos jurisconsultos para provar os seus direitos ao trono de Milão: o seu irmão mais velho, o pai de João Galeas, não era o filho do *duque*, mas apenas o filho do *Comandante* Francisco Sforza, visto ter nascido antes de Francisco subir ao trono. Ele, Ludovico, tinha nascido depois do advento de seu pai e era, por consequência, o único herdeiro legítimo.

Mas agora, sob o olhar da Madona, esta prova parecia-lhe bem frágil e duvidosa; e terminou a sua oração:

«Se eu pequei, ou se peço, seja contra quem for, Tu sabes, Rainha dos Céus, que o não faço por mim, mas para o bem do meu povo, para o bem de toda a Itália. Intercede pois, por mim, diante de Deus, e eu glorificarei o Teu Nome e mandarei concluir para Ti uma magnífica catedral em Milão, e também a

Cartuxa de Pavia; e Te farei ainda muitas doações.»

Tendo terminado esta prece, tomou uma tocha e dirigia-se para a câmara de dormir, através das salas obscuras do palácio adormecido Numa delas, encontrou Lucrécia:

«Esta noite, até o deus do Amor me é favorável!» pensou o duque.

— Monsenhor!... — disse a jovem, aproximando-se dele, e a sua voz extinguiu-se de emoção.

Quis ajoelhar-lhe aos pés, mas ele não o consentiu.

— Perdão, Monsenhor!

Lucrécia contou-lhe o que motivava a sua perturbação e angústia; acabava de saber que seu irmão, Mateo Crivelli, camareiro-mor do palácio da Moeda, homem de vida desregrada, mas por quem ela nutria fraternal afeto, tinha perdido ao jogo uma quantia grande de dinheiro que pertencia ao Estado.

— Não vos aflijais, madona, eu salvarei o vosso irmão!

E depois dum instante de silêncio o duque acrescentou com um profundo suspiro:

— Mas, consentireis vós em não prolongar mais a vossa crueldade para comigo?

Ela ergueu para ele os olhos inocentes, tímidos e infantis:

— Que quereis dizer, Monsenhor? Não vos compreendo!

Esta casta surpresa tornava-a ainda mais bela.

— Isto quer dizer, querida — começou apaixonadamente o duque, enlaçando-a pela cintura, num movimento brusco, quase brutal... — Isto quer dizer... Mas não percebeste ainda que eu te amo, Lucrécia?

— Deixai-me, deixai-me! Oh! Monsenhor, que fazeis? Madona Beatriz...

— Nada receies, ela nada saberá, eu sei guardar um segredo!

— Não, não, Monsenhor, ela é tão generosa, tão boa para mim!... Por amor de Deus, deixai-me!...

— Salvarei o teu irmão, farei tudo por ti, tudo, serei o teu escravo, mas tem piedade!...

E lágrimas meio sinceras tremiam na voz do Mouro, enquanto lhe murmurava aos ouvidos os versos de Bellincioni:

Como o cisne que, um dia, canta e morre logo,
.....
.....

— Deixai-me, deixai-me — repetia a donzela, cheia de desespero.

O Mouro inclinou-se, sentiu a frescura do seu hálito, o perfume de violeta e de musgo que toda a sua pessoa exalava e, beijando-a avidamente nos lábios, arrastou-a para uma câmara vizinha.

Lucrécia sentia-se desfalecer e abandonou-se às suas carícias...

VII

Entrando no seu quarto, o Mouro viu que Beatriz já extinguira a luz e se metera no leito. A enorme cama estava colocada no meio da estância, semelhante a um mausoléu, para o qual se subia por alguns degraus; o baldaquino era de seda azul e as cortinas bordadas de prata.

Despiu-se, e, soerguendo o canto da colcha, sumptuosa como uma casula, tecida de oiro e de pérolas — presente nupcial do duque de Ferrara — deitou-se ao lado da mulher.

Tomou-a nos braços e beijou-a; não podia, na obscuridade, distinguir-lhe o rosto, e a sua imaginação evocava uns olhos tímidos, inocentes e claros, como os de uma criança, e um perfume de violetas e musgo; tinha a impressão de estar acariciando uma outra mulher, e, amando simultaneamente a ambas, sentia-se criminoso, o que o embriagava.

— Estás, esta noite, bem apaixonado! — murmurou a duquesa com um secreto orgulho.

— Sim, sim, minha querida. Talvez não acredites, mas cada dia que passa te amo mais e mais!

— Porque zombas? — disse-lhe ela com um riso de mofa. — Tu amas muitas mulheres ao mesmo tempo. Devias ter vergonha, ao menos! É preciso que penses mais nos negócios... «Ele» vai melhorando...

— Luís Marliani disse-me, há poucos dias ainda, que «ele» ia morrer. Se está agora melhor, isso não durará muito: morre, com certeza... E o poder ficará nas nossas mãos.

— Quem sabe? — replicou Beatriz. — Tratam-no com tanto cuidado! Não seria melhor renunciar de vez ao mando e não tremer de noite e de dia, como ladrões, forçados a rastejar diante do rei de França e sujeitos à magnanimidade desse Afonso, orgulhoso e impudente? Oh! Como é doloroso ter que mendigar as boas graças dessa «bruxa de Aragão»! E dizem que está novamente grávida! Mais uma serpente no ninho maldito! E será assim toda a vida, Ludovico, pensa bem, toda a vida! Dizes tu ainda que o poder está nas nossas mãos!

— Mas os médicos estão todos de acordo em declarar a doença incurável — disse o duque; — cedo ou tarde...

— Eu já não acredito! Há dez anos que o dão como moribundo!

Calaram-se. De repente, ela abraçou-o e murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Ele estremeceu.

— Beatriz! Que Cristo e a Virgem te defendam! Nunca, ouves bem, nunca mais me fales nisso!...

— Se tens medo, eu mesma me encarregarei sozinha de o fazer, queres?

O duque não respondeu e depois dum silêncio perguntou:

— Em que pensas?

— Nos pêssegos...

— Sim. Já dei ordem ao jardineiro de lhe levar da minha parte um cesto com os mais maduros.

— Não, não é desses que eu quero falar, mas dos de *messer* Leonardo da Vinci. Tu ainda não ouviste dizer nada?

— Não, porquê?

— São venenosos...

— Como? Venenosos?

— Sim: envenena-os para uma experiência qualquer: é talvez feitiçaria. Foi Monna Sidónia que mo contou; esses pêssegos, se bem que venenosos, são formosíssimos...

De novo se calaram e ficaram muito tempo, abraçados, no silêncio calmo da noite, obcecados pelo mesmo pensamento; cada um sentia o coração do outro bater precipitadamente.

Enfim, o Mouro beijou sua mulher na testa com ternura paternal e disse-lhe, depois de ter feito sobre ela o sinal da cruz:

— Dorme, meu amor, dorme sob a graça de Deus!

Nessa noite, a duquesa viu em sonhos uns pêssegos maravilhosos num prato de oiro; seduzida pela sua beleza, tomou um e provou-o: era suculento e perfumado. De repente uma voz gritou-lhe aos ouvidos: «Têm veneno, têm veneno, veneno». E ela sentia medo, mas era-lhe impossível parar; continuou a comer os pêssegos, uns a seguir aos outros, com a sensação que ia morrer, mas, ao mesmo tempo, o coração enchia-se-lhe de beatitude.

O duque também teve uma visão extraordinária: passeava na relva, diante da fonte do jardim, quando viu ao longe três donas sentadas e enlaçadas, que pareciam irmãs, com vestidos brancos semelhantes. Aproximando-se, reconheceu, numa delas, madona Beatriz, na outra, madona Lucrécia, e na terceira, madona Cecília; e pensou com um cinismo tranquilo: «Deus louvado, Deus louvado; acabaram por entender-se, essas três queridas da minha alma; que pena não o terem feito há mais tempo!»

VIII

O relógio da torre bateu a meia-noite. Tudo dormia no palácio. Sozinha, sobre o telhado da «casa dos gigantes», estava sentada a anã Morgantina, que fugira da mansarda, onde a tinham encerrado para a noite. Chorava pelo seu filho imaginário:

«Oh! Oh! Que desgraçada que sou! Roubaram-me o meu querido menino! Porquê? Meu Deus, porquê? Não fazia mal a ninguém! E era toda a minha alegria!»

A noite estava clara e o ar tão transparente, que se distinguia no horizonte o pico gelado do Monte Rosa, e os seus enormes cristais.

Durante muito tempo ainda, ressoou, pela casa adormecida, a queixa aguda e angustiada da anã, como o grito de uma ave agoirenta.

Subitamente, suspirou, contemplou o céu e calou-se.

Reinava um silêncio de morte. A anã sorria, e as estrelas azuis cintilavam cândidas e incompreensíveis, como os seus olhos.

CAPÍTULO IV
O sábado das feiticeiras

(1494)

O céu, por cima, — o céu por baixo,
As estrelas por cima, — as estrelas por baixo,
Tudo o que está em cima também está em baixo;
Se puderes compreender, então serás feliz.
Voemos, voemos!...
Tabela Smaragdina.

I

Num dos arrabaldes desertos de Milão, perto da porta de Verceil, erguia-se uma casa isolada, quase em ruína, e com uma grande chaminé enegrecida, donde saía fumo constantemente. Ao lado, junto do dique e de um abarracamento destinado a serviços da Alfândega, passava o canal. Esta casa pertencia à velha parteira, Monna Sidónia, que alugava o andar superior a um alquimista, *messer* Galéotto Sacrobosco, residindo ela própria no rés do chão com Cassandra, a filha do irmão de Galéotto, o mercador Luís. Viajante incansável, o pai de Cassandra percorrera sem parar a Grécia, as ilhas do Arquipélago, a Síria, a Ásia Menor e o Egito, em busca de antiguidades; tudo lhe servia: fosse uma bela estátua grega ou um pedaço de âmbar no qual uma mosca se deixara enviscar, fosse um falso epitáfio do túmulo de Homero, uma nova tragédia de Eurípedes ou uma clavícula de Demóstenes.

Havia quem o considerasse um louco, outros julgavam-no mesmo um charlatão e um impostor, mas havia também quem o tivesse na conta de grande homem. Uma vez que perdera num naufrágio uma preciosa coleção de manuscritos antigos, sofreu tal choque e teve tamanho desgosto, que os cabelos lhe embranqueceram de repente e esteve tão gravemente doente que por pouco não morreu. Quando alguém lhe perguntava porque gastava tanto dinheiro, se dava a tantos trabalhos, e se expunha a tantos perigos, Luís respondia invariavelmente:

— Quero ressuscitar os mortos.

Um dia, no Peloponeso, junto das ruínas desertas de Lacedemónia, nos arredores da cidade de Mistra, encontrou uma rapariga duma excecional beleza, que se assemelhava a uma estátua da antiga deusa Artemisa. Era filha dum modesto diácono de aldeia, muito dado à bebida. Luís desposou-a e trouxe-a para Itália juntamente com uma nova cópia da *Ilíada*, os cacos duma Hécate de mármore e algumas ânforas quebradas. À filha que nasceu desse casamento deu o nome de Cassandra, em honra da heroína de Ésquilo, a escrava de Agamemnon, que então o interessava.

Perdendo pouco tempo depois a mulher, ao partir para uma das suas costumadas viagens, confiou a pequena Cassandra ao seu velho amigo, o filósofo Chalcondilas, um erudito grego de Constantinopla, que habitava Milão ao serviço dos duques Sforza. O grego, velho já de setenta anos, hipócrita, impostor e manhoso, pretendia fazer-se passar por um ardente defensor da igreja cristã, quando, na realidade, não era mais do que um aderente do último dos mestres da sabedoria antiga, o neoplatónico Plotino. Este filósofo, que morrera quarenta anos atrás, na própria cidade de Mistra, construída sobre as ruínas de Lacedemónia, em pleno Peloponeso, donde a mãe de Cassandra era também oriunda, acreditava que a alma do grande Platão descera do Olimpo e se incarnara nele próprio, para ensinar a filosofia. Os eruditos cristãos, porém, asseveravam que ele pretendia restabelecer a heresia do Anticristo, fundada pelo Imperador Juliano, o Apóstata, e o culto dos antigos deuses do Olimpo, e que era preciso combatê-lo e aos seus discípulos, não com argumentos sérios ou discussões conscienciosas mas com os instrumentos de tortura do Santo Ofício e com as chamas das fogueiras. Citavam até as próprias palavras de Plotino, pouco tempo antes da sua morte: «Os povos hão de converter-se a uma nova fé, que, nas suas linhas gerais, será semelhante ao paganismo.»

A pequena Cassandra foi assim educada em casa de Chalcondilas, nas regras duma piedade severa

mas hipócrita. A criança não compreendia as subtilezas filosóficas do neoplatonismo, e tudo quanto ouvia era motivo para a fazer sonhar com a Ressurreição dos antigos deuses como quem sonha com uma fábula maravilhosa.

Trazia sempre pendurado ao pescoço um talismã contra a febre. Fora um presente de seu pai, e era constituído por uma antiga pedra preciosa, na qual estava gravada uma imagem do deus Dionísio. Muitas vezes, quando estava só, costumava contemplar furtivamente, contra a luz, o seu amuleto. No brilho violeta da ametista transparente, surgia diante dela, como uma visão, o jovem Baco, nu, com um tirso numa mão e um cacho de uvas na outra. Ao lado, uma pantera, saltitante, pretendia comer as uvas. E o coração da criança sentia-se apaixonado por este deus ardente e belo...

Messer Luís, a quem a paixão pelas antiguidades levara à ruína, morreu com uma febre pútrida, entre as ruínas dum templo fenício que acabara de descobrir. Nessa época, o alquimista Galéotto Sacrobosco, voltando a Milão, depois de ter viajado muitos anos à procura do segredo da pedra filosofal, instalou-se na casa meio arruinada da porta de Verceil e tomou conta da sobrinha.

Messer Galéotto passara toda a sua vida em busca da pedra filosofal.

Depois de ter estudado medicina na Academia de Bolonha, entrara como discípulo para casa do célebre doutor em ciências ocultas, o conde Bernardo Trevisano. Durante quinze anos procurara o mercúrio transmutador em toda a espécie de substâncias: no sal das cozinhas, no amoníaco; em diferentes metais, no bismuto, no arsénico, no sangue humano; na bílis e nos cabelos; nos animais e nas plantas. Os seis mil ducados que herdara do pai desapareceram com o fumo, pela chaminé do forno dos cadinhos. Depois de ter gasto o seu dinheiro, gastou o dinheiro dos outros; e os credores meteram-no na cadeia. Fugiu e, durante os oito anos que se seguiram, fez mais de vinte mil experiências sobre ovos. A seguir, com o protonotário do papa, mestre Enrico, dedicou-se a estudar as propriedades do vitríolo e caiu doente, em resultado das emanações venenosas, permanecendo durante catorze meses abandonado de todos, entre a vida e a morte. Cheio de miséria, humilhado, perseguido pela justiça, percorreu vários países, como a Espanha, a França, a Áustria, a Holanda, África do Norte, a Palestina, a Grécia e a Pérsia, vivendo de pequenos mistéres ambulantes. Na corte do rei da Hungria, submeteram-no à tortura, esperando arrancar-lhe o segredo da transmutação. De volta, enfim, a Itália, envelhecido, doente, mas não desencorajado, recebeu de Ludovico, o Mouro, o título de alquimista da corte.

Giovanni Beltraffio nunca esquecera o diálogo entre o mecânico Zoroastro e Monna Cassandra, surpreendido uma noite e referente aos frutos venenosos. Tornara a ver a jovem em casa de Chalcondilas que, por pedido de Merula, lhe fornecia alguns trabalhos de cópia. Se bem que muita gente lhe dissesse que a jovem se dedicava a práticas de feitiçaria e bruxedos, Giovanni sentia-se atraído pela sua beleza enigmática e estranha.

Quase todas as tardes, depois de acabar o trabalho na oficina de Leonardo, Giovanni dirigia-se à pequena casa solitária da porta de Verceil, para ver Cassandra. Sentavam-se os dois no alto da colina, que domina o canal, junto das paredes meio arruinadas do mosteiro de Santa Radegunda, e conversavam. O caminho que conduzia à colina tornava-se quase invisível sob um espesso emaranhamento de bardanas, urtigas e sabugueiros; nunca ninguém por ali passava.

II

A tarde estava sufocante. O vento, de vez em quando, levantava a poeira branca da estrada e assoprava-a sobre as árvores; depois caía bruscamente e o ar tornava-se ainda mais pesado. Ouvia-se apenas, ao longe, o rolar surdo dos trovões, semelhante a um ruído subterrâneo. De mistura com estes ruídos ameaçadores e majestosos, ouviam-se as notas agudas duma cítara e as canções dos aduaneiros que se embriagavam numa taberna vizinha; era um domingo.

Às vezes, um relâmpago iluminava, de repente, tudo. Então, surgia da obscuridade a casa arruinada do alquimista, com a sua chaminé, donde saíam volutas de fumo negro; entrevia-se um diácono, alto e magro personagem, que, de pé sobre o dique, pescava à linha; distinguia-se o canal por onde subiam as barcas de fundo chato que, do lago Maior, traziam os blocos de mármore destinados à catedral.

E, subitamente, tudo recaía de novo nas trevas; era como uma visão que se desvanecia, para reaparecer daí a pouco outra vez. Apenas uma luz vermelha brilhava na margem oposta, na janela de *messer* Galéotto, refletindo-se nas águas escuras do Catarana. Do dique subia um perfume de fetos esmagados, de alcatrão, de lenha apodrecida e de águas paradas.

Giovanni e Cassandra estavam sentados junto do canal, no seu poiso costumado.

— Oh, como eu me aborreço! — dizia a rapariga, espreguiçando-se e juntando atrás da cabeça os dedos brancos e delicados. — Sempre, todos os dias, a mesma coisa! Hoje, como ontem; e amanhã será também como hoje: o mesmo diácono, estúpido e magro, pescará no dique e não apanhará nada; o fumo continuará a sair do laboratório de *messer* Galéotto, que procura inutilmente o que deseja; os mesmos barcos continuarão amanhã a subir o canal, rebocados pelas mesmas magras azêmolas, e o alaúde chorará tão tristemente como agora, no interior da taberna! Se ao menos surgisse qualquer coisa de novo! Se os franceses entrassem em Milão, e saqueassem a cidade! Ou se o diácono conseguisse, enfim, pescar um peixe, ou o tio descobrisse o segredo de fazer o oiro!... Mas não, meu Deus! Como tudo é monótono! E como a vida é pesada! E Monna Sidónia constantemente a dizer que é uma desgraçada e que só por caridade e bondade de alma é que nos sustenta a mim e ao meu tio!

— Sim — disse Giovanni, — compreendo-vos, eu também tenho momentos em que a vida me parece insuportável e em que desejaria morrer. Frei Benedetto ensinou-me uma linda oração para escorraçar da nossa alma o demónio do tédio. Quereis que eu vo-la diga?

A rapariga abanou a cabeça:

— Não, Giovanni. Se bem que o deseje, há muito tempo que não consigo rezar ao vosso Deus!

— Nosso Deus! Mas há algum outro, além do nosso? — perguntou Giovanni.

O clarão súbito dum relâmpago iluminou o rosto de Cassandra: nunca ele lhe parecera tão belo, tão enigmático e tão triste.

A jovem, passando as mãos pelos cabelos sedosos e negros, começou a falar:

— Escuta, meu amigo! Há já muito tempo que isto aconteceu quando eu era ainda criança e estava na minha pátria. Meu pai levou-me uma vez consigo, numa das suas viagens. Visitávamos as ruínas dum antigo templo, que se elevavam no extremo dum promontório. Estávamos rodeados pelo mar, as gaivotas soltavam gritos lamentosos, as ondas quebravam-se com fragor, sobre as rochas negras, roídas pela humidade salina e aguçadas como navalhas. A espuma levantava-se, tornava a cair sobre as pontas das pedras, com uma espécie de assobio. Meu pai lia uma inscrição meio apagada sobre um fragmento de mármore. Durante muito tempo fiquei sozinha, sentada sobre os degraus do templo, escutando os ruídos do mar e respirando a sua frescura misturada ao aroma acre do absinto. Mas por fim entrei no templo abandonado. Entre as colunas de mármore, castigadas pelo tempo, o céu parecia mais sombrio. Nas fendas, no cimo das paredes, cresciam papoilas. O ar estava calmo; apenas o barulho ensurdecedor das vagas enchia o santo local, como um canto litúrgico. Eu escutava, quando de repente, o meu coração estremeceu; caí de joelhos e comecei a implorar a esse deus desconhecido que outrora ali habitara e que os homens tinham ofendido. Beijei as lajes de mármore, e chorei, e amei esse deus que mais ninguém na terra amava já, e ao qual ninguém rezava, porque estava morto. E desde esse dia, eu nunca mais rezei a nenhum deus... Este templo era consagrado a Dionísio.

— Cassandra, profanaste as coisas santas! Dionísio nunca existiu!

— Nunca? — repetiu a jovem, com um sorriso desdenhoso. — Por que razão, nesse caso, os doutores da Igreja, em que tu acreditas, ensinam que, no tempo em que Jesus triunfou, os deuses escorraçados se transformaram em poderosos demónios? Porque é que no livro do célebre astrólogo Giorgio de Novare há uma profecia, baseada na observação dos planetas, que diz que a conjunção do planeta Júpiter com Saturno originou a crença de Moisés; com Marte, a fé caldaica; com o Sol a religião egípcia; com Vénus, o ensinamento de Maomé; e com Mercúrio o cristianismo? A próxima conjunção de Júpiter e da Lua anunciará o advento da religião do Anticristo, e, então, os deuses mortos hão de ressuscitar.

O ruído dos trovões ouvia-se mais perto, os relâmpagos tornavam-se mais brilhantes e iluminavam uma nuvem negra e pesada que deslizava lenta no céu; as notas importunas da cítara ressoavam sempre no meio daquele silêncio chocante e angustioso.

— Oh! Madona — exclamou Beltraffio num gesto de prece. — Como é possível que vos deixeis assim arrastar pelas tentações diabólicas?

A donzela, poisando-lhe então ambas as mãos sobre os ombros, murmurou-lhe:

— E a ti, o Demo não te tenta também? Se tu fosses um justo, Giovanni, não terias abandonado teu mestre Benedetto para procurar as lições desse ateu Leonardo da Vinci! Diz, porque me procuras tu a mim? Tu não sabes que eu sou uma bruxa, e que as bruxas são mais perigosas e malignas que o próprio Satanás? Como não receias perder a tua alma, na minha companhia?

— Que Deus vos proteja — murmurou ele a tremer.

Cassandra, sem dizer mais nada, trespassou-o até ao fundo da alma, com um olhar dos seus olhos doirados e transparentes como o âmbar. Um relâmpago, rasgando a nuvem, fez resplandecer o seu rosto, tão pálido como a da deusa de mármore, que na colina do moleiro se tinha levantado do seu túmulo

secular, em presença de Giovanni.

«Ela! — pensou, com terror. — Ela! Outra vez! A diabinha branca!»

Um trovão fez estremecer o céu e a terra, e o eco repetiu-se num ribombar majestoso duma alacridade ameaçadora, semelhante ao riso longínquo de invisíveis gigantes, até que morreu lentamente. Nem uma folha bulia nas árvores. A cítara calara-se. E neste momento preciso, ressoou a voz triste e cadenciada do sino do mosteiro, tocando as «Trindades».

Giovanni persignou-se; a rapariga ergueu-se e disse:

— São horas de voltar para casa; é já tarde. Vês aqueles archotes? É o duque Ludovico que vem a casa de *messer* Galéotto. Esquecia-me que meu tio deve fazer hoje diante dele uma experiência: a transmutação do chumbo em oiro.

Uma fila de cavaleiros estendia-se ao longo do canal, da porta de Verceil até casa do alquimista, que, aguardando o duque, terminava no laboratório os últimos preparativos para a experiência.

III

A parte central do laboratório era ocupada por um forno de barro refratário, com muitos compartimentos, portas, foles e cadinhos. Num canto, estavam amontoados, sobre uma camada de poeira, escórias e pedaços de sucata queimada, semelhantes a pedaços de lava ressequida.

A mesa de trabalho estava cheia de instrumentos complicados: alambiques, cubos, recipientes para reações químicas, retortas, funis, pilões, frascos de vidro de colos alongados, tubos enrolados em serpentina, enormes garrafas e minúsculos vasos.

Os sais, os álcalis e os ácidos venenosos espalhavam um cheiro forte.

Havia ali coisas com nomes bárbaros e inquietantes: a *lua de cinábrio*, o *leite de lobo*, o *Aquiles de cobre*, a *asterite*, a *androdame*, o *anagalis* e o *aristolóquio*. Vermelha como um rubi, brilhava uma preciosa gota de sangue de leão, descoberta depois de muitos anos de laboriosas pesquisas: curava todas as doenças e garantia a perpétua juventude.

O alquimista, sentado à sua mesa de trabalho, pequeno, magro, encarquilhado como um velho cogumelo, conservava, contudo, uma vivacidade infatigável e um alegre otimismo; com a cabeça apoiada nas mãos, observava atentamente o líquido que começava a ferver e a cantar docemente, sobre a chama azulada e rala do álcool. Era o «óleo de Vénus», *Oleum Veneris*, dum verde translúcido, como a esmeralda. Através do recipiente a lâmpada que ardia ao lado projetava um reflexo de «água marinha» sobre o pergaminho dum in-fólio aberto, a obra do velho alquimista árabe Djabira Abdallah.

Ao ouvir o ruído das vozes e dos passos que se aproximavam, Galéotto ergueu-se, verificou com um olhar se tudo estava em ordem no laboratório, e, fazendo sinal ao fâmulo taciturno para que metesse mais carvão na fornalha, dirigiu-se ao encontro dos visitantes.

A turba dos convidados vinha bem humorada; acabavam de sair de um jantar regado com malvasia. Entre os acompanhantes do duque, vinham Leonardo da Vinci e o médico da corte, Marliani, sábio de nomeada.

As «donas» entraram, e a tranquila cela do sábio depressa se encheu de perfumes, de rugidos de seda de vestidos, de ditos fúteis e risos perlados e alegres, como gorjeios de pássaros.

Uma dama, ao aflorar, com a sua manga, uma retorta de vidro, fê-la cair.

— Não tem importância, senhora, não vos preocupeis! — disse Galéotto solícito. — Eu vou apanhar os destroços, não vá algum ferir os vossos pés minúsculos e mimosos!

Uma outra dama, ao pegar num bocado de sucata de ferro, sujou a luva clara, perfumada de violeta, e logo o seu cavalheiro, galantemente, se esforçou por limpar a nódoa com um lenço de rendas, aproveitando o ensejo para lhe apertar, amorosamente, os dedos.

Diana, uma jovem loira e desinquieta, com um gesto de garotice tímida, entornara, dum frasco, algumas gotas de mercúrio sobre a mesa, e depois, logo que viu o metal rolando em pérolas brilhantes, exclamou encantada:

— Vede, senhores, que maravilha! Prata líquida a correr sozinha, prata viva!

E batia as mãos, de contentamento.

— Será verdade que, quando o chumbo se tornar em oiro, vamos ver o diabo a saltar no fogo do alquimista? — perguntava a linda e hipócrita Felisberta, mulher do velho cônsul da gabela, ao seu amante, o fidalgo espanhol Maradés. — Que pensais, *messer*, não será um pecado assistir a estas experiências?

Felisberta era tão devota, que se dizia permitir tudo ao seu amante, exceto a liberdade de a beijar na boca; pois supunha que o mandamento da castidade não era de facto violado, enquanto os lábios, que diante do altar tinham jurado a fidelidade, se conservassem inocentes.

O alquimista aproximou-se de Leonardo e murmurou-lhe ao ouvido:

— *Messer*, acreditai que a visita dum homem como vós é para mim motivo de honra e de orgulho...

E apertou-lhe calorosamente a mão. Leonardo ia responder, mas o velho interrompeu-o, abanando a cabeça:

— Oh! Compreendo, eu compreendo tudo muito bem. Certas coisas são segredos para o povo! Mas nós compreendemo-las sem necessidade de palavras.

Depois, com um sorriso amável, dirigiu-se aos seus hóspedes:

— Com a permissão do meu protetor, o sereníssimo duque, e também com a destas senhoras, as nossas lindas rainhas, vou iniciar a experiência da divina metamorfose! Atenção, «signori»!

Para que nenhuma dúvida pudesse subsistir sobre a autenticidade da experiência, deu a examinar a todos o cadinho: um vaso de barro refratário de paredes espessas; e pediu que todos o apalpassem e batessem no fundo com os dedos, para se convencerem que não havia nenhuma fraude. Explicou que, muitas vezes, alquimistas desonestos escondiam o oiro no fundo falso dos cadinhos, para que, quando a parte superior se fundia pela ação do calor, o oiro aparecesse a descoberto.

Os fragmentos de estanho, os carvões, os foles, e os pauzinhos que serviam para escumar o metal em fusão, todos os objetos que eram suscetíveis de se prestar ao dolo, foram observados.

Depois, introduziram-se os pequenos fragmentos de estanho no cadinho, e esse foi colocado à boca do forno, sob os carvões em brasa. O fâmulo taciturno, de face cadavérica, — tão pálido e mal-encarado, que uma dama quase desmaiou tomando-o, na obscuridade, pelo próprio Diabo — começou a dar movimento aos enormes foles. Os carvões reacendiam-se e brilhavam sobre a ação ruidosa da corrente de ar.

Galéotto conversava com os seus convidados; despertou a hilaridade geral chamando à alquimia *casta meretrix*, a cortesã casta, a que tinha muitos admiradores, enganando-os sucessivamente; parecendo

acessível a todos, mas que até ali ainda se não abandonara as carícias de nenhum: *in nullos unquam pervenit amplexus.*

O médico da corte, Marliani, homem corpulento e desajeitado mas de fisionomia inteligente e cheia de imponência, franziu o sobrolho diante deste discurso; depois, passando um lenço pela testa, não se conteve mais, e disse:

— *Messer*, não vos parece oportuno começar? Já oiço o estanho ferver.

Galéotto tomou um pacote azul que desdobrou cuidadosamente e que continha um pó amarelo-claro, cor de limão, oleoso, e brilhante, como vidro pilado e que espalhou no aposento um cheiro semelhante ao do sal queimado: era a substancia sagrada, o tesoiro impagável dos alquimistas, a milagrosa pedra filosofal, *lapis philosophorum.*

Com a ponta duma faca, tomou uma partícula do tamanho duma pequena semente, pô-la sobre cera de abelha, e, formando uma pequena bola, atirou-a para dentro do estanho em fusão.

— Que poder atribuís a esta mistura? — perguntou Marliani.

— Calculo a percentagem, de uma parte, para duas mil oitocentas e vinte do metal transformado — respondeu Galéotto. — Evidentemente que não chegámos ainda à solução perfeita mas espero em breve atingir a proporção de uma unidade para um milhão. Bastará o peso dum grão de milho deste pó, dissolvido numa tonelada de água, e regar depois com essa água uma vinha, para termos os cachos maduros já no mês de maio! Se me derem mercúrio suficiente, sou capaz de transformar o mar em oiro!

Marliani encolheu os ombros e afastou-se; as gabarolices de Galéotto irritavam-no; e começou a demonstrar a impossibilidade da transmutação, por deduções escolásticas e silogismos tirados de Aristóteles. O alquimista sorria:

— Aguardai um pouco, *domine magister* — disse em voz baixa — não tarda que vos apresente um argumento que vos será difícil refutar.

Lançou sobre os carvões em brasa uma pitada de pó branco. Espessas nuvens de fumo encheram o laboratório, e chamas umas vezes azuis e verdes, outras vezes vermelhas, cresceram crepitando.

Os espetadores mostravam-se agitados. Mais tarde madona Felisberta contou que vira a figura do Diabo envolto em chamas vermelhas. Com um comprido gancho de ferro, o alquimista levantou a tampa do cadinho, aquecido ao rubro-branco: o estanho rugia, espumava e fervia. Galéotto tapou o cadinho; o fole começou de novo a ranger e a assoprar; e quando, poucos minutos depois, o alquimista introduziu no vaso uma vareta de ferro, todos viram, na extremidade da mesa, brilhar uma gota doirada.

— Pronto, acabámos! — disse Galéotto.

Tirou-se o cadinho da fornalha e, depois de o deixar arrefecer, quebraram-no; uma barra de oiro, escorregadia e brilhante, apareceu aos olhos dos assistentes, mudos de admiração.

Dirigindo-se a Marliani, o alquimista pronunciou solenemente:

— *Solve mihi hunc syllogismum!* Resolve-me agora este silogismo

— Inaudito... Incrível... contrário a todas as leis da natureza e da lógica! — murmurou Marliani confuso e estupefacto.

O rosto de *messer* Galéotto estava pálido; levantando para o céu os olhos brilhantes de inspiração, disse:

— *Laudetur Deus in aeternum, qui partem suae infinitae potenciae nobis, suis abjectissimis creaturis, communicavit. Amen!*

O oiro passado à pedra-de-toque, humedecida com nitrato, deixou um risco amarelado e brilhante; era mais puro que o mais fino metal da Hungria e da Arábia.

Todos rodearam o velho, felicitando-o e apertando-lhe efusivamente as mãos.

O Mouro chamou-o à parte.

— Serás capaz de me servir sempre, com fidelidade?

— Vossa Graça pode dispor da minha vida — respondeu o alquimista.

— Toma cuidado, Galéotto... Que nenhum outro soberano...

— Vossa Alteza pode mandar que me enforquem como um cão, se um só de entre eles suspeitar de qualquer coisa!

E depois dum instante de silêncio, acrescentou curvando-se servilmente:

— Queria ainda pedir-vos...

— O quê! Ainda mais?...

— Oh! Juro-vos por Deus, será a última vez!

— Quanto?

— Cinco mil ducados!

O duque refletiu, regateou, fez baixar a quantia para quatro mil ducados, e acabou por consentir.

Fazia-se tarde; madona Beatriz devia estar inquieta, e o duque deu ordem para se retirarem. O dono da casa, ao despedir-se dos seus convidados, ofereceu a cada um, como recordação, uma pequena partícula de oiro novo. Leonardo tinha-se deixado ficar para trás.

Quando todos os visitantes deixaram o laboratório, Galéotto aproximou-se do artista e disse-lhe:

— Mestre, que dizeis à minha experiência?

— O oiro estava dentro das varetas de madeira — respondeu tranquilamente Leonardo.

— Dentro dos pauzinhos? Que quereis dizer, *messer?*

— Sim, dentro dos pauzinhos, com os quais remexeste o estanho em fusão: eu vi tudo.

— Mas todos examinaram...

— Não. As varetas examinadas foram outras.

— O quê, outras? Mas...

— Eu já vos disse que vi tudo — repetiu Leonardo, sorrindo. — Não negueis, Galéotto. O oiro estava escondido no interior das varetas ocas; e, quando o fogo consumiu as extremidades da madeira, o metal caiu no cadinho.

O velho tremia; o seu rosto tinha uma expressão miserável e humilde, semelhante à dum ladrão apanhado em flagrante.

Leonardo aproximou-se dele e, pondo-lhe amistosamente a mão sobre o ombro:

— Nada receeis de mim! Asseguro-vos que não vos denunciarei!

Galéotto apertou a mão do artista e murmurou:

— É certo, não direis nada a ninguém?

— Não. Para quê prejudicar-vos? Mas agora, contai-me: porque fazeis vós isto?

— Oh! *Messer* Leonardo! — exclamou Galéotto; e nos seus olhos, ainda há pouco cheios de desespero, brilhava de novo um clarão de esperança. — Juro-vos... Parece-vos que eu os engano, mas será já por pouco tempo. Eu faço tudo isto para o bem do duque, para o triunfo da ciência, e porque, na realidade, encontrei... encontrei a pedra filosofal. Ou melhor... ainda não a encontrei, mas estou no bom caminho para lá chegar... e isso é o essencial. Ainda três ou quatro experiências, e acabou-se. Que faríeis vós, mestre, no meu lugar? Não vos parece que a descoberta duma verdade tão grande como esta suporta bem o peso de algumas insignificantes mentiras?

Leonardo contemplava-o, interessadamente.

— Quer dizer — disse com um sorriso involuntário, — vós acreditais sinceramente?...

— Sim, acredito — exclamou Galéotto. — Mesmo que o próprio Deus descesse à terra, e viesse a minha casa dizer-me: «Galéotto, não há pedra filosofal», eu responder-lhe-ia: «Senhor, perdoai-me, mas tão certo como toda a Natureza ser obra da Vossa Criação, há uma e eu encontrei-a.»

Leonardo não lhe respondeu nada, mas também não se revoltou e ouvia-o cheio de curiosidade.

Quando a conversação caiu sobre o papel que o Diabo representa nas ciências ocultas, o alquimista afirmou que Satanás era a criatura mais desprezível de toda a Natureza e que nada no mundo se podia comparar à sua insignificância. O velho acreditava unicamente na Omnipotência do saber humano, e asseverava que para a ciência nada era impossível.

Depois, de repente, sem nenhuma espécie de transição, como quem se lembra de qualquer coisa de

divertido e de agradável, perguntou ao pintor se ele convivia com os espíritos dos elementos; e quando o seu interlocutor lhe confessou que nunca tinha visto nenhum, Galéotto, admirado da resposta, explicou-lhe, minuciosamente, como era a «salamandra», com um corpo de três polegadas de comprimento, alongado, esbelto, rugoso, coberto de manchas; como era o corpo da Sílfide, divindade aérea, azul e transparente como o céu. Falou depois das ninfas, das ondinas, espíritos da água, dos pigmeus e dos gnomos subterrâneos, dos espíritos dos vegetais, e dos diabretes que moram nas minas das pedras preciosas.

— Não podeis fazer uma ideia como são belos e benéficos!

— Mas porque é que os espíritos dos elementos não aparecem a toda a gente, e se mostram apenas aos eleitos? — perguntou Leonardo.

— Como poderiam eles aparecer a todos? — retorquiu Galéotto. — Receiam as pessoas ordinárias, os depravados, os sábios, os ébrios e os glutões. Mas estimam a simplicidade e a inocência infantis. Apenas se encontram onde não há nem perversão, nem malícia. De contrário, tornam-se tímidos, como as feras das florestas, e refugiam-se no seu elemento natural, longe dos olhares humanos.

O rosto do alquimista iluminava-se com um sorriso sonhador e enternecido.

«Pobre homem!» pensava Leonardo, sem sentir qualquer espécie de indignação pelas extravagâncias e absurdos que povoavam a mente do alquimista.

Separaram-se, como bons amigos; e quando Leonardo saiu, *messer* Galéotto mergulhou, de novo, nas suas experiências sobre o *óleo de Vénus*.

IV

Enquanto o alquimista, diante da brilhante assembleia composta pelo duque, pelas damas e pelos cavalheiros que faziam parte do seu séquito, se ocupava na transformação do chumbo em oiro Cassandra voltara para casa. Monna Sidónia estava instalada diante da enorme lareira, no quarto do rés do chão, por baixo do laboratório. A jovem, sem dizer palavra, sentou-se num escabelo.

Um fogo vivo de sarmentos cantava sob a marmita de ferro, onde fervia já o jantar: uma sopa de rábanos e de alho. Num movimento monótono dos dedos enrugados, a velha ia torcendo o fio da roca, e o fuso ora se abaixava, ora se erguia. Cassandra olhava-a em silêncio: «Sempre a mesma vida! Hoje, como ontem, sempre a mesma monotonia; o grilo canta, o rato rói, o fuso gira, os ramos secos ardem e estalam, e cheira sempre a alho e a rabanete».

E, como sempre, também hoje a velha lhe dirigia as mesmas recriminações; isto dava-lhe a impressão do ruído contínuo e arrepiante duma serra: «Monna Sidónia é uma pobre desgraçada; é um absurdo dizer que ela tem enterrada na vinha uma caixa cheia de dinheiro: é absurdo! O tio e a sobrinha arruínam-na, há tanto tempo a comer à sua custa; e se ela os sustenta é só pelo seu bom coração! Mas Cassandra está já uma mulher e precisa de pensar no futuro.»

«Quando um dia o tio morrer, ficará na miséria. Porque não há de ela aceitar as propostas de casamento do rico alquilador, que há tanto tempo a deseja? Verdade, verdade, ele já não é nenhum menino, mas é uma pessoa razoável, devoto: nem estúrdio, nem vadio! É um proprietário; tem um moinho e um olival. E Deus que envia a Cassandra toda esta felicidade. Que mais quer ela ainda? Porque não o aceita?»

Monna Cassandra ouvia; e uma impressão de repugnância, de nojo intolerável invadia-a, sufocava-a, apertava-lhe as fontes, dando-lhe vontade de chorar, de gritar de angústia e de tédio, como sob a ação duma dor física.

A velha tirou da marmita um rábano fumegante, pelou-o com uma faca, regou-o de sumo de uva espesso e rosado, mascando ruidosamente com a boca desdentada.

Num gesto que lhe era habitual, e que traduzia um desespero resignado, a rapariga espreguiçou-se, juntando atrás da cabeça as suas mãos finas e pálidas.

Acabado o jantar, a fiandeira escabeceou como uma Parca melancólica; os olhos começavam a fechar-se-lhe; a voz rouca ia-se tornando mais arrastada e a sua tagarelice a propósito do cigano tornava-se incoerente. Cassandra retirou, com cuidado, do peito o amuleto, presente de seu pai, de que nunca se separava; pô-lo em frente dos olhos, contra a chama da lareira e contemplou a imagem de Baco: na transparência violeta da ametista, surgiu na sua frente, como um espectro, o deus esbelto e nu, segurando um tirso numa das mãos e um cacho de uvas na outra; e a pantera ao lado prestes a saltar sobre o cacho.

O coração de Cassandra estava repleto de amor pelo deus tão jovem e tão belo. Suspirou profundamente, guardou o talismã e disse com voz tímida:

— Monna Sidónia, esta noite há festa em Barco de Ferrara, em Benevento! Tia! Minha querida, minha boa tia! Eu não quero sequer dançar. Iremos só espreitar e voltamos logo para casa. Prometo fazer tudo o que vos agradar, e até consentirei que o cigano me faça um presente; mas hoje gostaria de voar até lá, a Barco de Ferrara, hoje, agora, já!...

Um desejo ardente, dementado, brilhava-lhe nos olhos. A velha olhou-a, e, subitamente, os lábios azulados e engelhados escancararam-se, deixando ver o único dente, um canino amarelo, e uma careta de alegria satânica contraiu o seu rosto:

— Queres ir, tens muito desejo, tomaste-lhe o gosto?! Oh! A doida! Queres então ir até lá? Mal chega a noite, ninguém te segura em casa! Mas lembra-te bem, Cassandra, a culpa é tua, o pecado é só teu! Hoje, nem sequer pensava em tal! E se consinto, é apenas por tua causa e porque sou boa!

Lentamente, a velha inspecionou a casa, fechando todas as janelas, calafetando todas as frinchas, e deu uma volta à chave. Depois, derramou alguma água sobre as cinzas da lareira, acendeu uma vela mágica, preta, de sebo e tirou duma arca um pote de barro contendo uma pomada que exalava um cheiro pestilencial. Fazia tudo isto esforçando-se por aparentar calma, mas as mãos tremiam-lhe, como as dum ébrio e nos seus olhos passavam clarões de loucura. Cassandra tinha trazido para o meio do quarto duas grandes amassadeiras. Terminados estes preparativos, Monna Sidónia despediu-se completamente, colocou o vaso da pomada entre as duas amassadeiras, e, a cavalo sobre um pau de vassoira, começou a friccionar todos o corpo com a pomada oleosa e esverdeada. Um cheiro penetrante espalhou-se em todo o quarto. O unguento era composto com alface venenosa, agriões, acónito, cepa virgem, raízes de mandrágora, papoilas, beladona, sangue de serpente, e gordura de meninos mortos pelas bruxas antes de batizados. Cassandra desviava a vista para não contemplar a hediondez da velha. Nos últimos momentos, quando a realização do seu desejo estava já prestes, e era inevitável, sentia apossar-se da sua alma um estranho sentimento de repulsa.

— Vamos, despacha-te, por que esperas? — resmungou a velha, curvada sobre a amassadeira. — Ao princípio, tudo são pressas, e agora não te mexes! Despe-te, não quero partir sozinha!

— Bem, vou já. Mas antes, Monna Sidónia, deixai-me apagar a luz, que me incomoda!

— Oh! Oh! Que modéstia. Mas lá em cima, na montanha, acabou-se a vergonha!...

Apagada a luz, a velha, para ser agradável ao Diabo, fez o sinal da cruz, com a mão esquerda, gesto adotado pelas bruxas. A rapariga despiu-se, conservando apenas a camisa e, pondo-se de joelhos dentro da amassadeira, começou a friccionar-se rapidamente com a pomada. Na obscuridade, ouviam-se as imprecações entrecortadas e sem nexo, proferidas pela velha:

— Emen Hétan, Emen Hétan, Palande, Baal Bérith, Astaroth, valei-nos! Agora, Patrica, ajudai-nos!

Cassandra respirava com avidez o cheiro forte da untura mágica. A pele ardia-lhe, a cabeça andava-lhe à roda; um arrepio voluptuoso agitava-a toda. Círculos vermelhos e verdes passavam-lhe diante dos olhos e, de repente, a voz aguda e triunfante da tia Sidónia chegou-lhe como vinda de muito longe:

— Hop, hop! Voemos, voemos!

V

E Cassandra saiu pela chaminé da lareira; cavalgava um bode negro, cujo velo lhe acariciava as pernas nuas. Um êxtase enchia-lhe a alma, e, sufocando de felicidade, lançava gritos agudos como andorinha que mergulha no azul profundo do céu:

— Hop, hop! Voemos, voemos!...

Monstruosa na sua repugnante nudez, Monna Sidónia cavalgava a seu lado num cabo de vassoira. Atravessavam o espaço com tanta velocidade que sentiam o ar assobiar-lhes aos ouvidos como um furacão.

— Para o norte, para o norte! — gritava a velha, dirigindo a vassoira, como se fosse um cavalo dócil.

Sensações maravilhosas embriagavam Cassandra.

«E o nosso mecânico, e o pobre Leonardo da Vinci, com as suas máquinas de voar!» pensou, de repente, e esta ideia ainda mais a alegrou. Ia sempre subindo, a direito, sempre para cima... Primeiro, atravessou as nuvens negras riscadas de relâmpagos azuis, e descobriu o céu claro iluminado pela Lua cheia, resplandecente, redonda como uma mó, e tão próxima que parecia ao alcance da mão. Depois, segurando o bode pelas hastes retorcidas, fê-lo descer, e caíram como uma pedra cai num precipício.

— Onde vais tu, onde vais tu! Tu estás danada, filha de Satanás! Quebras a cabeça! — gritava Sidónia, seguindo-a com dificuldade.

Tinham descido tanto, estavam já tão perto da terra, que descobriam as ervas adormecidas, ondulando nos campos; viam os fogos-fátuos a iluminar-lhes o caminho, destroços de madeira podre fosforejando; e as corujas e os mochos que se chamavam mutuamente com pios aflitivos, no interior das florestas sombrias.

Atravessaram os cimos dos Alpes com as suas geleiras transparentes e fulgurantes à claridade da Lua, e desceram para o mar. Ao rasarem as ondas, Cassandra entretinha-se apanhando água na concha da mão e lançando-a depois para o ar para admirar como ela caía numa chuva de gotas de safira.

A cada momento, o voo se ia tornando mais rápido e começavam a encontrar já muitos companheiros que levavam o mesmo destino: Um feiticeiro velho, felpudo, acocorado numa selha, um cónego jovial e obeso, de faces rubicundas, de Sileno, a cavalo num ferro de fogão; depois, uma garota de dez anos, loira, de olhos azuis e cândidos, cavalgando uma vassoira; uma bruxa antropófaga, de pele vermelha, completamente nua, conduzindo um grande javali, que grunhia surdamente, — e muitos mais.

— Donde vindes, irmãos? — gritava Monna Sidónia.

— Da Grécia, da Ilha de Cândia.

Outras vezes respondiam:

— De Valença, de Broquino, de Salaguzzi, para baixo de Mirandola, de Bevevento. Da Núrsia.

* * * * * * * * * *

— A Biterna, a Biterna!

— Esta noite casa-se o bode, o grande bode de Biterna! Reuni-vos todos para o festim, voai, voai!

E desapareciam sobre a planície desolada, como enormes bandos de corvos.

VI

Através da bruma, a Lua parecia ensanguentada. Ao longe apareceu uma cruz na torre da igreja duma aldeia. A feiticeira ruiva, a que conduzia o javali, aproximou-se, com um grunhido, da igreja e arrancou da torre o sino grande. Depois arremessou-o para um pântano, onde ele caiu com um som tão lamentoso que a bruxa desatou a rir, num riso que mais parecia um ladrido. A rapariguinha loira, sobre a sua vassoira, batia as mãos numa alegria travessa.

A Lua escondera-se por detrás duma nuvem. À luz de tochas de cera verde, cujas chamas ardiam brilhantes e azuladas, sobre uma montanha branca, de greda, rastejavam, corriam, emaranhavam-se e desapareciam sombras enormes, negras como o carvão. Era a ronda das bruxas.

— Hop! Hop! «Sabbat»! Da direita para a esquerda, da direita para a esquerda!

Em torno do Bode Noturno, alcandorado no pico da rocha, desfilavam as sombras aos milhares e milhares, como folhas apodrecidas do outono, num turbilhão, sem começo e sem fim.

— Glória ao Bode de Biterna! Glória ao Hirco Noturno! Todas as nossas desgraças acabaram, alegrai-vos!

As gaitas de foles, fabricadas com ossos de esqueletos, espalhavam as suas notas roucas; e, sobre tambores feitos com peles de enforcados, um lobo rufava com a cauda, marcando compasso.

Em gigantescas marmitas cozinhava-se o horrível repasto, dum gosto indescritível, insosso, porque o Glorificado detestava o sal.

Nos recantos isolados esboçavam-se amores híbridos: filhas com os próprios pais, irmãos com as irmãs, o grande lobisomem, de olhos verdes com a menina obediente, o íncubo acéfalo e engelhado, pardo como uma aranha, com uma monja chocarreira.

Por toda a parte se viam conúbios ignóbeis.

Uma bruxa enorme, com um sorriso maternal e uma expressão de idiota, amamentava dois diabinhos recém-nascidos; os dois glutões, apertados contra os seios volumosos, enchiam-se ávida e ruidosamente de leite. Crianças de três anos, que ainda não tomavam parte no «Sabbat», apascentavam nos campos um rebanho de sapos cobertos com xairéis, cortados duma veste cardinalícia; e alimentavam-nos com hóstias sagradas.

— Vem, Cassandra, vem depressa dançar! — chamava, impaciente, a tia Sidónia.

— E se o meu apaixonado alquilador me vê? — dizia a rapariga rindo.

— Diabos levem esse cigano — respondeu a velha.

E entraram ambas na roda, que as arrastou como uma tempestade, no meio dos rugidos, dos uivos e

dos risos diabólicos.

— Da direita para a esquerda! Da direita para a esquerda! Hop! Hop!

Uns bigodes, compridos, húmidos e ríspidos, como os bigodes duma foca, — que Cassandra não sabia a quem pertenciam — picavam-na e arranhavam-na no pescoço; alguém beliscava-a brutalmente, fazendo-lhe doer; mordiam-na, sopravam-lhe aos ouvidos as propostas mais obscenas. E ela não resistia: quanto mais monstruosa e horrível era a situação, mais ela se sentia feliz; mas, de súbito, tudo parou como petrificado. Do pico negro em que estava entronizado e Desconhecido, saiu uma voz surda e roufenha, como o ruído dum desmoronamento subterrâneo.

— Recebei as minhas dádivas: aos fracos, a minha força; aos humildes, a minha altivez; aos mentecaptos a minha sabedoria; aos infelizes, a minha alegria! Recebei as minhas dádivas!

Um velho venerável, de barbas brancas, membro da Santa Inquisição, o Patriarca dos feiticeiros, que ajudava à missa negra, pronunciou, triunfantemente: *Sanctificetur nomen tuum per universum mundum et libera nos ab omni malo.*

— Saudai, saudai, ó fiéis!

Todos se prosternaram, imitando os cantos da igreja e entoando o coro sacrílego: *Credo in Deum patrem Luciferum, qui creavit caelum et terram. Et in filium ejus Belzebuth.*

Quando as últimas palavras foram pronunciadas, e se fez de novo silêncio, ouviu-se outra vez a mesma voz, semelhante ao trovão longínquo dum tremor de terra:

— Tragam-me a noiva bem-amada, a minha pomba casta e pura!

O arcipreste perguntou:

— Como se chama a tua noiva bem-amada, a tua pomba casta e pura?

— Madona Cassandra! Madona Cassandra! — foi a resposta.

Ao ouvir o seu nome, a rapariga sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias, e os cabelos eriçarem-se-lhe na cabeça.

— Madona Cassandra! Madona Cassandra! — repetiu a multidão. — Onde está ela? Onde está a nossa rainha? *Ave, archisponsa Cassandra!*

Escondendo o rosto nas mãos, quis fugir; mas já, de todos os lados, dedos ossudos, garras, antenas, patas felpudas de aranhas, se erguiam para ela, agarrando-a, rasgando-lhe a camisa, e arrastando-a, trémula e nua, para o trono.

Um sopro gelado perpassava no ar, misturando-se com o cheiro nauseabundo do Bode.

Cassandra baixou os olhos para não ver; enquanto aquele que estava no trono dizia:

— Vem!

Baixou ainda mais a cabeça e divisou a seus pés uma cruz ardente, brilhando na obscuridade. Fez um derradeiro esforço, vencendo a sua repulsa, avançou um passo, e ergueu os olhos para o que estava na sua frente.

E o milagre realizou-se.

A pele do Bode caiu como as escamas duma serpente, na muda; e Dionísio, o antigo deus do Olimpo, apareceu diante de Cassandra com o sorriso da perene alegria nos lábios, erguendo, alto, numa mão, o tirso e tendo na outra o cacho de uvas, que a pantera gulosa tentava lamber.

E, simultaneamente, o «sabbat» transformou-se na orgia divina de Baco: as velhas bruxas tornaram-se em ménades; os monstruosos demónios, em sátiros caprípedes; onde existiam blocos mortos da greda, surgiram colunas de mármore branco, luminosas, por entre as quais se distinguia, ao longe, o azul do mar.

Então, Cassandra viu nas nuvens, reunida, toda a assembleia esplendorosa dos deuses da Hélade. Os sátiros, as bacantes, tocando os seus saltérios, dilacerando o peito, donde, para taças de oiro, corria o vinho misturado com o próprio sangue, dançando, rodopiando e cantando: Glória! Glória a Dionísio! Glória aos omnipotentes deuses ressuscitados!

Baco estendeu os braços para Cassandra, e, a sua voz como um trovão, fazia tremer o céu e a terra:

— Vem! Vem, noiva querida! Pomba casta e pura!

E Cassandra deixou-se cair nos braços do deus.

VII

Ouviu-se o cantar matinal do galo; um cheiro acre de nevoeiro e de humidade fumarenta envolvia a montanha. De muito longe, chegavam os sons dos sinos convocando os fiéis para a missa.

Foi o sinal do «salve-se quem puder»; as bacantes transformaram-se de novo em horrendas bruxas; os faunos silvanos, em demónios abomináveis; e o elegante e formoso Dionísio reencarnou no Bode asqueroso, no repugnante Hirco Noturno.

— Para casa! Para casa! Depressa!

— Roubaram-me o cavalo! — urrava com desespero o cónego obeso, gesticulando como um doido, em busca do ferro do fogão.

— Javardo! Javardo! A mim! — gritava, tossindo, a bruxa ruiva e nua, estremecendo na friagem da manhã.

A Lua descia detrás das nuvens, e, no seu clarão purpúreo, passavam rapidamente, uma atrás das outras, as bruxas apavoradas, como negros pássaros fugindo da montanha de greda.

— Hop! Hop! Fujam! Salvem-se!

O Bode Noturno baliu queixosamente e abismou-se na terra, no meio duma fumarada de enxofre infecta e sufocante.

E o sino que convocava os fiéis à missa da manhã, cada vez se ouvia mais triunfalmente.

VIII

Quando Cassandra voltou a si, estava estendida sobre o sobrado do quarto da casinha em que morava, junto a Porta de Verceil. Sentia um grande mal-estar, comparável ao de alguém que tivesse bebido demasiado: a cabeça pesada como chumbo, o corpo todo dorido e quebrado de fadiga.

Os sinos do convento de Santa Radegundes continuavam a soar tristes e monótonos. Nesta ocasião, golpes persistentes, que provavelmente já não eram os primeiros, abalavam a porta exterior da casa. A jovem, aplicando o ouvido, reconheceu a voz do seu pretendente, o mercador de cavalos, de Abiategrasso.

— Abri! Abri! Monna Sidónia! Monna Cassandra! Estão surdas? Abram! Estou encharcado como um cão e não posso voltar para casa debaixo deste aguaceiro do diabo!

Penosamente fez um esforço e ergueu-se; aproximou-se da janela cujos postigos estavam cerrados, retirou a estopa com a qual a tia Sidónia tinha calafetado as frinchas, e a claridade tíbia do dia tempestuoso penetrou no quarto, iluminando a figura da velha bruxa, que dormia com um sono de morta, estendida sobre o sobrado, completamente nua, ao lado da amassadeira voltada.

Cassandra espreitou para fora, através dum orifício.

A chuva caía torrencialmente. Em frente da porta, o alquilador apaixonado tinha ao lado um burrico de cabeça baixa e compridas orelhas, atrelado a uma carrocinha, onde mugia um vitelo. O alquilador batia cada vez mais forte, sem se fatigar. Cassandra perguntava a si mesma como iria tudo aquilo acabar, quando, do andar superior, se abriu uma das janelas do laboratório e o velho alquimista, estremunhado, despenteado e aborrecido, começou a invetivar o causador daquele barulho. Fora arrancado aos seus sonhos, no momento em que começava a compreender que o chumbo não se queria transformar em oiro. E mal-humorado, rancoroso, gritou:

— Quem faz tanto barulho, aqui? Tu estás doido, bárbaro?! Que todas as desgraças te caiam em cima! Não vês que está tudo a dormir? Vai-te!

— *Messer* Galéotto! Não vos zangueis, trago-vos aqui de presente um vitelo e queria falar com a vossa sobrinha dum assunto muito importante!

— Vai para o diabo! — gritou Galéotto, furioso. — Vai para o diabo, vadio, velhaco, tu e mais o vitelo; os dois para o diabo! — E fechou a porta.

O cigano ficou um momento indeciso, mas depressa se ressarciu e começou novamente a bater, com golpes cada vez mais fortes, como se quisesse arrombar a porta. O burrico baixou ainda mais a cabeça. A chuva corria-lhe ao longo das compridas orelhas que pendiam tristemente, encharcadas.

— Meu Deus! Que aborrecimento — murmurou a rapariga, fechando os olhos.

Lembrou-se da alegria louca do «sabbat», do Bode Noturno transformado em Dionísio, da ressurreição dos deuses poderosos do Olimpo! E pensou:

«Era um sonho, ou uma realidade?... Com certeza não era senão um sonho!... Depois do sol, vem sempre a sombra, depois da alegria, vem sempre a tristeza!...»

— Abri! Abri! — berrava o alquilador, numa voz desesperada, que começava a enrouquecer.

A violenta chuva já formara em frente da casa grandes charcos de água. O vitelo continuava os seus balidos tristes. Os sinos do convento, esses badalavam sempre, indiferentes, nos seus toques solenes e monótonos.

CAPÍTULO V
Seja feita a vossa vontade

(1495)

O mirabile giustizia di te, Primo Motore: tu non ai voluto mancare a nessuna potenzia l'ordine et qualità dei suoi necessari effeti! O stupenda necessita.

Leonardo da Vinci.

... seja feita a Vossa Vontade, assim na Terra; como nos Céus!

Padre-Nosso.

I

O cidadão milanês Corbolo, sapateiro de seu ofício, tendo entrado em casa a desoras, e levemente embriagado, recebera da mulher, como de costume, «mais pancadas do que as precisas para conduzir um burro preguiçoso, de Milão até Roma»: eram estas as suas expressões.

Na manhã seguinte, assim que ela saiu para ir a casa da vizinha adela comer o *migliacci*, espécie de geleia de sangue de porco, Corbolo, munindo-se de alguns cobres retirados da sua bolsa particular, e deixando a loja entregue a um aprendiz, saiu a passear.

Com as mãos enterradas nas algibeiras das velhas pantalonas, enveredou, com passo pachorrento, por uma rua tortuosa e sombria, e tão estreita que, se nela um cavaleiro se cruzava com um peão, havia fatalmente de roçá-lo com as botas ou com as esporas. Nessa viela cheirava nauseabundamente a ovos podres, vinho azedo, bolor e azeite quente, mal frito.

Assobiando, Corbolo contemplava a estreita faixa de céu, visível entre os altos prédios, e essa mesmo ainda meio mascarada pelos farrapos e andrajos que secavam ao sol da manhã, em cordas estendidas de um lado ao outro da rua. Corbolo consolava-se pensando num privilégio cheio de sabedoria, que ele infelizmente nunca pudera pôr em prática: *Mala femina, buona femina, vuol bastone.* «Toda a mulher, seja má ou seja boa, merece ser zurzida.»

Para encurtar caminho, resolveu atravessar a catedral. Uma agitação permanente reinava no interior do templo, como um mercado. Apesar da multa de cinco soldos que os arquitetos tinham estabelecido, uma multidão constante circulava entre uma porta e a outra; transportavam-se tonéis de vinho, cestos, caixas, tabuleiros, tábuas e barrotes; havia até quem conduzisse os cavalos e as mulas.

Com uma voz roufenha, os padres iam cantando o *Te Deum;* cochichava-se às portas dos confessionários; as lâmpadas brilhavam nos altares, enquanto os garotos da rua corriam e jogavam a malha, os mendigos esfarrapados esmolavam e os cães latiam perseguindo-se.

Corbolo misturou-se por um momento a toda esta turba, e com um prazer maligno prestou atenção aos seus dizeres e querelas.

Ao sair da catedral e entrar na praça de Arengo, toda assoalhada, a claridade era tão ofuscante que o obrigou a cerrar os olhos.

Era a praça mais frequentada de Milão; estava cheia de lojas de pequenos comerciantes, vendedores de peixe e de legumes, ferros-velhos; uma enorme quantidade de caixas acumulando-se por toda a parte e de quitandas ao ar livre, mal deixava o espaço necessário para a circulação.

Este cenário tão seu conhecido era sempre para ele motivo de curiosidade e de distração.

Todos aqueles negociantes se tinham instalado ali desde tempos imemoriais, e não havia leis nem multas que conseguissem escorraçá-los.

«Salada de Valteline, limões, laranjas, alcachofras, espargos, os belos espargos!» gritavam os vendilhões de legumes aos fregueses. As adelas regateavam e cacarejavam umas com as outras como galinhas chocas.

Um burrico que mal se distinguia sob a enorme carga de uvas brancas e pretas, de laranjas, de beringelas, celgas, couves-flores e cebolas, começou a zurrar descompassadamente: Hi-ó! Hi-ó! Atrás dele o condutor estimulava-o com sonoros golpes aplicados sobre as ancas peladas e com um grito imperioso e gutural: Arre! Arre!

Alguns cegos apoiados aos seus bordões cantavam um gemebundo «Intemerata»; um charlatão com boné de pele de lontra adornada de dentes, insígnias da profissão, arrancava, com a ligeireza de um prestidigitador, um queixal dum desgraçado, a quem apertava a cabeça entre os joelhos.

Os garotos apupavam um judeu mostrando-lhe uma orelha de porco, e jogavam o pião por entre as pernas dos transeuntes. Um mais atrevido, meio mulato e de nariz esborrachado, chamado Farfanichio, trouxera uma ratoeira; soltou uma ratazana e começou a persegui-la com uma vassoira, assobiando e gritando com voz aguda: *eccola, eccola.*

Os cães latiam; rostos curiosos assomavam espreitando às janelas.

Por toda a praça corria uma imensa algazarra, risos, assobios, disputas, vociferações humanas e zurros.

Ao contemplar todo este espetáculo, um sorriso apareceu no rosto do sapateiro, e pensou:

«Como seria bom viver nesta terra, se as mulheres não roessem a paciência dos maridos, como a ferrugem rói o ferro!»

Fazendo um abrigo com a mão, contra o sol, ergueu a cabeça para admirar a parte superior do enorme edifício por acabar, rodeada por andaimes de madeira.

Era a catedral que o povo de Milão erguia à glória do nascimento da Virgem — *Maria Nascente.*

Ricos e humildes, todos contribuíam para a construção do templo. A rainha de Chipre mandara patenas incrustadas de oiro. Uma pobre velhota, a trapeira Catarina, depusera no altar-mor a sua oferta à Virgem, sem se preocupar com os rigores de inverno, — o seu único manto, muito esfarrapado, que não valia talvez uma vintena de soldos.

Corbolo, que desde a sua infância estava acostumado a contemplar esta obra, notou nessa manhã progressos na ereção da nova torre, e isso encheu-o de contentamento.

Os operários azafamavam-se no trabalho. Enormes blocos de mármore branco, brilhante, das pedreiras do lago Maior, chegavam do desembarcadouro do Laghetto, junto do grande hospital, onde os barcos atracavam.

Os cabrestantes guinchavam, as cadeias entrechocavam-se, as serras mordiam o mármore, enquanto os operários trepavam como formigas ao longo das escadas dos andaimes.

E o enorme edifício ia-se erguendo a pouco e pouco, adornando-se de incontáveis agulhas góticas,

semelhantes a estalagmites, de coruchéus e torres de puro mármore branco.

Era como um louvor eterno do povo à Santa Virgem Nascente!

II

Descendo alguns degraus duma escada íngreme, Corbolo entrou na cave abobadada, fresca e cheia de tonéis, do estalajadeiro alemão Tibaldo.

O sapateiro cumprimentou a assistência já abancada e foi sentar-se ao lado dum estanhador, Scarabullo, seu conhecido, encomendando vinho e os pequenos pastéis milaneses, temperados com cominho. Sem se apressar a beber, começou comendo os pastéis e disse:

— Scarabullo, ouve o que te digo, se queres ter juízo, nunca te cases!

— Porquê?

— O casamento, meu amigo — continuou sentenciosamente o sapateiro, — é como a lotaria. Mais vale ter um ataque de gota, do que uma mulher!

Numa mesa ao lado, um bordador de oiro, Mascarello, bom orador e amigo de fazer as suas partidas, contava a um vagabundo esfarrapado e faminto as maravilhas do fantástico país de Berlinzona, autêntica terra da Cocagna, onde as vinhas dão salsichas, e onde se vende um pato por um soldo dando-se ainda por cima um patinho de brinde; em que o «vernaccio», o melhor vinho do mundo, que não contém uma gota de água, corre de graça e à descrição para toda a gente.

Um homenzinho escrofuloso e míope entrou abruptamente na cave; era Gorgolio, um operário vidreiro, homem muito conversador, bisbilhoteiro e alvissareiro.

— Senhores — anunciou solenemente, tirando o chapéu empoeirado e roto, e limpando o suor do rosto, — senhores, acabo de deixar os franceses!

— O quê, Gorgolio? Já cá chegaram?

— Sim... Quer dizer, estão em Pavia... Mas deixai-me tomar fôlego porque estou estafado; vim a correr, não chegasse cá alguém primeiro do que eu dar-vos a novidade!

— Vamos, bebe este copo e conta; como são esses franceses?

— É um povo guerreiro, meus irmãos, e é preciso evitar questões com eles. São violentos, selvagens, ateus; uma gente extraordinária; semelhantes aos animais; numa palavra, são bárbaros. Trazem arcabuzes, colubrinas de oito côvados, bombas todas de bronze, granadas de pedra, e os cavalos parecerem monstros marinhos, indomáveis, com a cauda e as orelhas cortadas.

— E são muitos? — perguntou o alfaiate Maso, um homenzinho ruivo de rosto alegre e olhos de rato.

— Uma multidão! Cobrem toda a planície, como uma praga de gafanhotos, sem deixar ver o mais pequeno bocado de solo. O Senhor enviou-nos estes demónios do Norte, como castigo dos nossos

pecados!

— Não vale a pena injuriá-los, Gorgolio — observou Mascarello, — visto serem nossos amigos e aliados!

— Nossos aliados? Cuidado com as algibeiras! Amigos desta raça são piores que os inimigos.

— Mas, porque julgas os franceses nossos inimigos? — perguntou Maso.

— São nossos inimigos, porque talam os nossos campos, derrubam as nossas árvores, porque levam os nossos rebanhos, porque roubam os nossos camponeses e violam as nossas raparigas. O rei de França é um devasso; corre sem parar atrás de todas as mulheres, se bem que não passe dum insignificante e dum doente; e possui retratos das mais lindas mulheres de Itália, todas nuas. Os soldados que o acompanham, dizem: «Se Deus quiser, não havemos de deixar uma única donzela intacta de Milão até Nápoles!»

— Os canalhas! — exclamou Scarabullo, dando na mesa uma tão forte punhada que os copos e as garrafas tilintaram.

— O nosso duque — continuou Gorgolio, — só faz aquilo que ao rei de França agrada. E esses bárbaros não nos consideram, como seus semelhantes. «Vós não passais de ladrões e assassinos, dizem eles, haveis assassinado com veneno o vosso legítimo soberano e deixais morrer de fome uma criança inocente. É por isso que Deus vos castiga e que o vosso território passa para a nossa posse.» Nós recebemo-los de braços abertos, mas eles fazem provar primeiro aos cavalos a comida que lhes oferecemos, dizendo: «Quem sabe se aqui não haverá também veneno, como aquele que vocês deram ao duque?»

— Tu mentes, Gorgolio!

— Que me arranquem os olhos e a língua, se isto não é verdade! Mas há ainda mais, *messeri*, de que eles se gabam: «Vamos primeiro conquistar toda a Itália; depois, subjugaremos todos os mares e terras; faremos prisioneiro o Grande Turco, conquistaremos Constantinopla e, finalmente, ergueremos de novo a cruz sobre o monte das Oliveiras, em Jerusalém. Só então voltaremos à nossa pátria e Deus nos julgará. Mas se vós tiverdes a veleidade de nos resistir, o vosso nome desaparecerá da face da terra.»

— Que tempos terríveis estes, irmãos — disse o bordador de oiro Mascarello; — nunca os houve piores, nem semelhantes!

Todos se calaram.

Um frade, o irmão Timóteo, exclamou solenemente, erguendo os braços ao céu:

— Ouvi as palavras de Girolamo Savonarola, grande profeta de Deus: «O homem que vai submeter a Itália sem desembainhar a espada, não tarda a chegar. Ó Florença! Ó Roma! Ó Milão! O tempo dos folguedos e das canções já passou. Arrependei-vos! O sangue do duque João Galeas, sangue de Abel derramado por Caim, clama a vingança do Senhor!»

III

No alto da catedral em construção, um operário subia por uma escada de corda a uma das torres, junto da cúpula principal. Levava uma pequena estátua de Santa Catarina, mártir, que devia ser colocada no alto da torre ogival. De roda dele, erguiam-se, como estalagmites, coruchéus de flechas agudas; ele só via arcos, rendas de pedra formando flores, folhas fantásticas, anjos, mártires, profetas sem conto, e diabos de faces escarninhas; pássaros monstruosos, sereias, harpias, dragões de asas pontiagudas e de faces escancaradas e gárgulas. E todo este mundo de mármore puro, duma brancura resplandecente, com sombras azuis leves como o fumo, semelhava uma enorme floresta coberta de geada.

Apenas os gritos das andorinhas, esvoaçando em torno do pedreiro, perturbavam o silêncio que reinava naquelas alturas. O ruído da multidão que formigava sobre a praça chegava lá acima como um fraco murmúrio. Nos limites da verde Lombardia brilhavam ao longe os cimos nevados dos Alpes, perfilados e brancos, como as flechas da catedral. Às vezes parecia-lhe ouvir os ecos do órgão, suspiros de piedade vindos do interior do templo, do âmago do seu coração de pedra; e julgava então que todo aquele imenso barco vivia, respirava, crescia e se projetava para o céu como uma homenagem a Santa Maria Nascente, como um hino de glória, de todos os séculos e de todos os povos, a Sagrada Virgem.

Subitamente, o tumulto aumentou na praça; os sinos tocaram a rebate.

O pedreiro deteve-se e olhou para baixo; sentiu uma vertigem e tudo escureceu diante dos seus olhos: pareceu-lhe que o gigantesco edifício lhe tremia debaixo dos pés e que a torre em que estava suspenso se dobrava como um vime.

«Vou cair! — pensou com terror. — Meu Deus, acode-me!»

Num esforço enorme, agarrou-se à escada de corda, fechou os olhos e rezou:

— *Ave Maria, piena de grazia!...*

A vertigem passou sob a ação duma brisa fresca e, reanimado, tomou fôlego e continuou a ascensão, sem se preocupar mais com os ruídos que chegavam da praça.

E ia repetindo:

— *Ave Maria, piena de grazia!...*

Neste momento, os membros do conselho encarregados da construção, *Consiqlio della Fabbrica,* e os arquitetos estrangeiros e italianos, apareceram sobre o largo teto de mármore da catedral. Tinham sido convidados pelo duque para deliberar sobre o projeto do «tibúrio» — ou torre principal, que devia ser erguida sobre a cúpula do templo.

Entre estes encontrava-se Leonardo da Vinci. O seu projeto tinha sido rejeitado; consideravam-no demasiado audacioso e contrário às tradições da arquitetura religiosa. Durante algum tempo, discutiram

sem conseguir chegar a acordo. Uns pensavam que os pilares exteriores não eram suficientemente sólidos; na opinião de outros, a catedral tinha uma resistência que desafiava a eternidade.

Leonardo, conforme o seu costume, tinha-se alheado do debate e conservava-se afastado e silencioso.

Um operário aproximou-se dele e entregou-lhe uma carta.

— *Messer*, um cavaleiro chegado de Pavia espera por vós, em baixo na praça.

O pintor abriu a carta e leu: «Leonardo. Apressa-te; tenho necessidade urgente de te ver. Duque João Galeas. 14 de outubro.»

O artista despediu-se dos membros do conselho, desceu rapidamente e partiu a cavalo para o castelo de Pavia, que distava poucas horas de Milão.

IV

Os castanheiros e os olmeiros do parque brilhavam ao sol, na sua folhagem amarelecida pelo outono. As folhas mortas caíam e revoluteavam como borboletas. As fontes estavam secas e a erva crescia nos tanques onde a água não corria. Nos canteiros abandonados murchavam as últimas flores.

Ao aproximar-se do castelo, Leonardo encontrou um anão. Era um velho bobo de João Galeas, um dos poucos que lhe ficara fiel quando todos os outros servidores o tinham abandonado.

Ao reconhecer Leonardo, correu para ele, coxeando e saltitando.

— Como está Sua Alteza? — perguntou o pintor.

O anão teve um gesto de desalento. Quando Leonardo pretendia enveredar pela álea principal, o anão impediu-o, dizendo:

— Não, não, por aí não, que podiam ver-nos! Sua Alteza deseja que a vossa visita se conserve secreta... Se a duquesa descobre a vossa chegada, com certeza vos não deixará entrar... Vamos antes aqui por este atalho desviado... Neste momento devem estar a fazer uma sangria ao duque...

Subiram uma escada, atravessaram diversas salas, depois o anão abriu uma porta, e Leonardo entrou num quarto esquecido, onde o ar estava impregnado do cheiro dos medicamentos.

Era uso praticar a sangria com as janelas todas fechadas, e à luz de velas, segundo as boas regras da arte de curar.

O ajudante do barbeiro segurava uma bacia de cobre, para a qual corria o sangue. O doutor, «o físico», *dottor físico*, pensativo, com umas grandes lunetas encavalitadas no nariz, estava vestido com o trajo clássico de veludo violeta, orlado de peles; contentava-se em observar o trabalho do barbeiro, sem colaborar nele, porque o médico não podia, sem desdouro para a sua profissão, manejar o escalpelo.

Terminada a operação, o doutor e o barbeiro afastaram-se. O anão compôs os travesseiros e cobriu novamente os pés do doente com a colcha.

Leonardo observava o quarto. Por cima do leito estava suspensa uma gaiola com um papagaio verde. Sobre uma mesa redonda, um baralho de cartas, um jogo de dados e uma piscina de vidro, cheia de água, onde nadavam peixinhos doirados. Um cachorrinho branco dormia enrodilhado aos pés do duque: eram as últimas distrações que o servo fiel tinha imaginado para distrair o seu senhor.

— Alteza — disse o anão, — chegou *messer* Leonardo!

— Já está aí?

Um sorriso de satisfação iluminou o rosto do doente, que fez um esforço para se erguer.

— Mestre! Finalmente! Receei que não viesses.

João Galeas apertou a mão do pintor, e o seu belo rosto, em que a doença não apagara de todo a juventude — tinha apenas vinte e quatro anos — ruborizou-se ligeiramente.

O anão saiu e foi colocar-se de vigia a porta do quarto.

— Amigo, murmurou o doente, com certeza já te chegaram aos ouvidos os boatos que correm a teu respeito? Não. Então, vou contar-te e riremos os dois!

Fez uma pausa, fitou-o nos olhos e disse-lhe, com um pálido sorriso:

— Acusam-te de ser o meu assassino!

Leonardo julgou que o doente delirava.

— Sim, sim. É o que dizem! Que te parece semelhante loucura? Tu, o meu assassino! — repetiu o duque. — Há três semanas, meu tio Ludovico, o Mouro, e Beatriz, mandaram-me de presente um cesto de pêssegos. Madona Isabel assevera que desde que eu comi esses frutos, o meu mal se agravou e que morro envenenado, lentamente... mais dizem que no teu jardim há uma certa árvore...

— É verdade — disse Leonardo, — há uma árvore envenenada.

— O quê, meu amigo! Será então possível?!

— Não, graças a Deus! Ainda que os pêssegos que vos mandaram viessem do meu jardim, nunca podiam fazer-vos mal algum. Efetivamente, eu estudava o efeito de veneno e fiz algumas experiências sobre um pessegueiro; disse mesmo ao meu aluno Zoroastro Peretola que esses pêssegos eram venenosos. E deve ser essa a origem do boato. Mas as minhas experiências não deram resultado. Os frutos de que vos falo são absolutamente inofensivos.

— Ah! Eu bem o suspeitava! — exclamou aliviado o duque. — Ninguém é responsável pela minha morte! Durante este tempo, esses desgraçados, suspeitando-se mutuamente, odeiam-se e tremem. Que pena que não nos possam ouvir neste momento! O meu tio julga-se o meu assassino; mas eu sei que ele é bom, que me ama e que o seu único defeito é ser fraco e tímido. E que interesse teria ele com a minha morte? Eu estou disposto a entregar-lhe o poder. Eu não preciso nem desejo nada. De boa-vontade os deixaria a todos e me refugiaria em qualquer parte, onde pudesse viver sossegado, na companhia de alguns amigos. Teria sido frade, ou teu aluno, Leonardo! Mas nunca ninguém quis compreender que eu não ambicionava o mando. Outrora, aterrava-me a ideia de morrer cedo. Hoje, Mestre, já compreendi; não desejo nada, nem receio nada. Sinto a calma e o bem-estar de alguém que, numa tarde escaldante de verão, se despoja das vestes empoeiradas para mergulhar na água pura e fresca dum regato. Amigo, eu não me sei exprimir bem, mas tu percebes o que eu quero dizer, não é verdade?...

Leonardo apertou-lhe a mão, sem responder.

— Eu bem sabia — continuou o doente, fitando enternecido Leonardo, — eu bem sabia que tu só eras capaz de compreender... Tu lembras-te? — disseste-me uma vez que a compreensão das leis eternas e imutáveis da mecânica concedem ao homem a verdadeira humildade e a perfeita paz da consciência! Então, eu não te entendera bem, mas agora... mas agora, só, dominado pelo delírio, quantas vezes me

tenho lembrado de ti, do teu rosto e de cada uma das tuas palavras, Mestre! Sabes uma coisa, às vezes parece-me que nós chegámos ao mesmo destino, mas por caminhos diferentes; tu, através da vida, eu, pela agonia!

A porta abriu-se e o anão anunciou, aterrado:

— Monna Druda!

Leonardo quis sair, mas o duque deteve-o.

A velha ama de João Galeas entrou trazendo na mão um pequeno frasco de cheiro dum líquido turvo e amarelado. Era um unguento de escorpiões com que friccionavam o peito e o ventre do doente. As feiticeiras asseguravam que não havia medicamento melhor, não somente contra o veneno, mas também contra os malefícios, encantamentos, e sugestões de toda a ordem.

Vendo Leonardo sentado à beira da cama, a velha deteve-se, empalideceu, e as mãos tremeram-lhe tanto, que ia deixando cair o frasco.

— Valha-nos a Virgem Nossa Senhora!

E saiu precipitadamente, benzendo-se e murmurando orações. Depois correu o mais depressa que as suas velhas pernas permitiam, até aos aposentos de madona Isabel, para lhe anunciar a terrível novidade.

Monna Druda estava convencida que o infame Ludovico e o seu cúmplice Leonardo se tinham mancomunado para fazer morrer o duque, ou por envenenamento, ou graças a qualquer malefício e conjuração diabólica.

Quando Monna Druda procurou a duquesa, encontrou-a rezando na capela, ajoelhada diante dum altar.

Ao ter conhecimento da chegada de Leonardo, ergueu-se e gritou irritada:

— Como é possível? Quem o deixou entrar?

— Quem? — perguntou a velha abanando a cabeça. — Eu não sei como esse maldito conseguiu aqui chegar! Não sei se surgiu da terra ou se desceu pela chaminé! Vossa Alteza não me acreditará... Aqui há qualquer coisa de diabólico.

Nesta ocasião entrou na capela um pajem que, dobrando respeitosamente um joelho, anunciou:

— Sereníssima madona, Sua Majestade o mui cristão rei de França pede-vos, e ao vosso esposo, a graça de o receber.

V

Ludovico, o Mouro, tinha instalado sumptuosamente o rei Carlos VIII, nos pavimentos térreos do castelo de Pavia.

Carlos, educado, por seu pai Luís XI, numa atmosfera de terror, tivera uma infância triste, solitária, entrecortada por doenças, no desolado castelo de Amboise, alimentando o espírito, já de si fraco, com a constante e perniciosa leitura de romances de cavalaria. Ao subir ao trono, parecia-lhe ser um dos heróis daquelas fabulosas aventuras, um dos cavaleiros andantes da Távola Redonda.

Aos vinte anos, sem nenhuma experiência da vida, timorato, imprudente, pretendeu pôr em prática o que lera nos livros. «Filho do deus Marte, descendente de Júlio César», conforme a expressão dos cronistas da corte, partiu à frente dum poderoso exército para conquistar Nápoles, a Sicília e Constantinopla, destronar o Grão-Turco, destruir completamente a heresia de Maomé e libertar o túmulo de Cristo do jugo dos infiéis.

Nesse dia, depois dum copioso jantar, sonhava com as suas futuras conquistas e glórias. Os pensamentos emaranhavam-se-lhe na mente; sentia a cabeça pesada e uma agonia, consequências da alegre ceia da véspera na companhia das lindas milanesas. Toda a noite vira em sonhos o rosto duma delas, a bela Lucrécia Crivelli.

Carlos VIII era de pequena estatura e feio; tinha as pernas magras e curvas como agulhas de meia; os ombros estreitos, um mais alto que o outro; o peito encolhido, um nariz adunco duma grandeza desmesurada e os cabelos ralos e ruivos. Uma penugem amarelada adornava-lhe os lábios e o queixo, num simulacro de barba. Um espasmo nervoso muito desagradável contraía-lhe constantemente o rosto e as mãos. Os lábios grossos, sempre entreabertos como os das crianças, os olhos enormes à flor da pele, esbranquiçados e míopes, davam-lhe uma expressão triste, abstrata e contrafeita, como sucede aos fracos de espírito. As suas falas eram, em geral, bruscas e sem nexo.

Preparou-se para ir visitar o duque João Galeas, e Isabel, sua mulher.

À frente, partiram os arautos. Quatro pajens sustentavam o magnífico pálio de seda azul, semeado de lírios de prata; o senescal colocou-lhe sobre os ombros um magnífico manto forrado de arminhos; o veludo escarlate estava bordado de abelhas de oiro e duma divisa de cavalaria: «o rei das abelhas não tem ferrão». O cortejo atravessou várias salas desertas do castelo de Pavia, antes de chegar ao quarto do moribundo.

Ao passar diante da capela, Carlos viu a princesa Isabel. Tirou respeitosamente a sua carapuça e pretendeu aproximar-se dela, tratando-a por «querida irmã» a fim de a beijar na boca.

Mas a duquesa, adiantando-se, impediu-o e lançou-se-lhe aos pés.

— Monsenhor — começou, recitando um discurso preparado, — apiedai-vos de nós! Deus vos recompensará. Magnânimo Senhor, defendei os inocentes! Ludovico, o Mouro, tudo nos roubou, usurpou

o nosso trono, envenenou o soberano legítimo de Milão, o meu querido esposo João Galeas. Dentro da nossa própria casa estamos rodeados pelos assassinos.

Carlos mal compreendia, ouvindo distraidamente os seus dizeres.

— Hem? Hem? O que foi, o que é? — murmurou como alguém, que acorda dum sonho. E repetia, agitando convulsivamente as mãos: — Não, não, não pode ser... Não, por favor, querida irmã... Erguei-vos!

Mas ela não se levantava, beijando as mãos do rei, abraçando-o pelos joelhos e, sem poder conter os prantos, exclamou num desespero sincero:

— Se vós nos abandonais, Monsenhor, eu porei termo à minha vida!

Desta feita o rei perturbou-se e o rosto contraiu-se-lhe como se estivesse também prestes a chorar.

— Vamos, vamos!... Meu Deus... Eu não sei... Briçonnet... diz-lhe... que...

Mas uma enorme vontade de fugir dominava-o: Isabel não lhe inspirava nenhuma compaixão. Apesar do seu desespero e humilhação, era tão bela e tão altiva, que semelhava uma majestosa heroína de tragédia.

— Acalmai-vos, Sereníssima Madona. Sua Majestade fará a vosso favor e por vosso esposo, *messer* João Galeas, tudo o que for possível — disse o cardeal Briçonnet, com afável frieza e uns ressaibos de altivez.

A duquesa observou-o, e olhou também com atenção para o rei, calando-se de repente, como se, só nesse momento, compreendesse com quem estava falando.

O príncipe que estava na sua frente era uma feia, ridícula e insignificante criatura. Os seus beiços grossos, entreabertos, tinham o sorriso estúpido, contrafeito e distante dos idiotas; os olhos enormes rolavam-lhe esbranquiçados e inexpressivos.

— Eu, a neta de Fernando de Aragão, de joelhos aos pés deste fedelho imbecil!

Ergueu-se ruborizada e cheia de confusão. O rei sentia a necessidade de sair daquele penoso silêncio. Fez um esforço, ergueu várias vezes os ombros, olhou ansiosamente em roda de si como que à espera dum socorro estranho, e murmurou simplesmente o seu habitual: «Hem? Hem? O que foi?...» Fez um gesto de desalento e calou-se.

A duquesa contemplava-o com um desprezo mal dissimulado. Carlos baixara a cabeça:

— Vamos, Briçonnet, vamos... Hem?

Os pajens abriram as portas, e Carlos entrou no quarto do duque.

As persianas tinham sido abertas. Os últimos raios dum sol de outono, prestes a desaparecer por detrás das colinas, entravam pelas janelas. O rei aproximou-se do leito do doente, chamou-lhe «querido primo» e perguntou-lhe se estava melhor.

João Galeas respondeu com um sorriso cheio de tanta serenidade e afeição que Carlos se sentiu imediatamente à vontade; a sua perturbação dissipara-se.

— Que Deus proteja Vossa Majestade e lhe conceda a vitória! — disse o duque. — Quando estiverdes em Jerusalém, junto do túmulo do Senhor, rezai pela minha pobre alma, porque, nesse momento, eu...

— Ah! Não, não, querido primo. Como podeis dizer isso?! — interrompeu o Rei. — Deus é misericordioso. Haveis de curar-vos! E ainda iremos os dois, juntos, numa expedição contra os infiéis!

João Galeas abanou a cabeça.

— Não. Essas coisas não foram feitas para mim!

E olhando o Rei com um olhar perscrutador, acrescentou:

— Quando eu morrer, Senhor, não abandoneis o meu filho Francisco, nem Isabel; ela é muito desgraçada; não tem mais ninguém no mundo!

— Ah! Meu Deus, meu Deus! — exclamou Carlos com emoção súbita e inesperada; os cantos da boca tremiam-lhe numa contradição dolorosa e o seu rosto tomou uma expressão de bondade inusitada, como o reflexo duma luz interior.

Inclinando-se vivamente sobre o doente, beijou-o com ternura impetuosa, e gaguejou:

— Querido primo... querido primo...

Sorriam um para o outro, como dois desgraçados meninos doentes e beijavam-se fraternalmente.

Ao sair da câmara do duque o rei chamou o Cardeal:

— Briçonnet, eh Briçonnet... Ouve... sabes?... É preciso defendê-los... Não os posso abandonar, não... Eu sou um cavaleiro... Há que defendê-los, ouviste?... Ordeno-te...

— Sire — respondeu evasivamente o Cardeal, — ele vai morrer com certeza, e nós não podemos salvá-lo! Não há nada a fazer por ele! Ludovico, o Mouro é nosso aliado, nós não devemos...

— Ludovico, o Mouro, é um miserável, um assassino!... — exclamou o Rei com energia.

— Não vos amofineis — continuou Briçonnet erguendo os ombros, num sorriso condescendente. — Ludovico, o Mouro, não é nem melhor nem pior do que os outros. É assim a política, sire! Todos nós somos homens...

Um escudeiro trouxe ao rei uma taça de vinho que Carlos bebeu com avidez. Esta distração varreu os seus tristes pensamentos.

Juntamente com o escudeiro tinha entrado um gentil-homem enviado por Ludovico, com a missão de convidar o rei Carlos para a ceia. O Rei recusou, e o gentil-homem insistiu, mas, vendo que o rei mantinha a sua recusa, aproximou-se do aio Thibauld e murmurou-lhe umas palavras ao ouvido. Este fez

um sinal de aquiescência e de compreensão e, por sua vez, disse ao ouvido do rei:

— Majestade, madona Lucrécia...

— Hem? O quê!... O que foi?... Lucrécia?...

— A dama com quem Vossa Majestade dançou ontem à noite no baile.

— Ah! Sim! Já me lembro... Madona Lucrécia... Muito linda! Dizes então que está hoje na ceia?

— Com certeza estará, e suplica a Vossa Majestade...

— Ela suplica... Ah! Está bem! Que fazer, Thibauld? Hem? O quê?... Eu, suponho... Amanhã parto para a guerra... Uma última vez... Agradecei ao duque, *messer* — disse ao enviado, — eu aceito o convite... E chamando Thibauld de parte:

— Quem vem a ser essa madona Lucrécia?

— É a amante do Mouro, Majestade!

— A amante do Mouro. Ah! Que pena!...

— Sire, não tendes mais que dizer uma palavra e tudo se arranjará muito facilmente. Hoje mesmo, se assim o desejardes. E o Mouro até ficará lisonjeado — acrescentou Thibauld.

VI

Oito dias mais tarde, o jovem e infeliz duque João Galeas entregava a alma a Deus.

Antes de morrer pediu a sua mulher que chamasse Leonardo; mas esta recusou. Monna Druda tinha asseverado a Isabel que todos os enfeitiçados sentem o desejo invencível e funesto de tornar a ver o autor do malefício. A velha continuava sempre a friccionar o corpo do doente com o unguento de escorpiões, e os médicos, até ao fim, a martirizá-lo com as suas sangrias.

Apesar de tudo, o duque expirou suavemente.

— Seja feita a Sua Vontade! — foram as suas últimas palavras.

O Mouro ordenou que o corpo fosse transportado para Milão, e exposto na catedral.

Entretanto, os gentis-homens reuniram-se no castelo de Milão. Ludovico, assegurando que a morte prematura do sobrinho lhe causava vivo pesar, propôs que fosse declarado como legítimo herdeiro do duque o seu filho Francisco. Todos, porém, se opuseram, alegando os inconvenientes que resultariam de confiar um poder tão vasto a uma criança, e solicitaram a Ludovico, em nome do povo, para aceitar o cetro ducal.

Depois de ter hipocritamente recusado o convite, o Mouro acabou enfim por aceder, como contra sua vontade, às instâncias dos partidários.

Trouxeram-lhe então um sumptuoso manto de brocado de oiro, com que se vestiu, e, montando a cavalo, dirigiu-se à igreja de Santo Ambrósio. Os gritos: *viva il Moro, viva il Duca!* misturavam-se ao som das charamelas e aos repiques dos sinos.

Mas quem soltava estes gritos eram os amigos e os apaniguados do duque; o povo, esse, mantinha-se silencioso.

Na presença dos síndicos, dos cônsules e dos cidadãos de categoria, os arautos leram do alto da «Loggia degli Osii», sobre a praça do mercado, ao lado da câmara municipal, o «privilégio» conferido ao duque Ludovico, o Mouro, por Maximiliano, o Chefe perpétuo do Santo Império romano.

«*Maximilianus divina favente clementia Romanorum Rex semper Augustus*. Todos os domínios compreendendo as terras, as cidades, as aldeias, os castelos, as fortalezas, as montanhas, as pastagens e as planícies; os bosques, os prados, as charnecas, os rios e os lagos; as caças, as pescas, e as minas; todas as propriedades dos vassalos, bem como as dos marqueses, viscondes e dos barões; os conventos, as igrejas e as paróquias; de tudo nós te fazemos doação a ti, Ludovico Sforza, e aos teus herdeiros; nomeamos-te duque de Milão, confirmamos-te todos os teus direitos; elevamos-te ao poder e escolhemos-te, a ti, aos teus filhos, aos teus netos, e aos teus bisnetos, como soberanos autocratas da Lombardia, por todos os séculos dos séculos.»

Alguns dias mais tarde foi anunciada a trasladação solene, para a catedral, na mais sagrada relíquia de Milão: um dos pregos da verdadeira cruz em que expirara o Senhor.

Com esta cerimónia esperava Ludovico, o Mouro, captar as boas graças do povo e consolidar a sua situação ducal.

CAPÍTULO VI
Diário de Giovanni Beltraffio

(1494-1495)

«O amor é filho do conhecimento. É tanto mais ardente, quanto mais certa for a ciência.»

Leonardo da Vinci.

«... sede prudentes como as serpentes, e inocentes como as pombas.»

S. Mateus, X, XVI.

Entrei para a academia do mestre florentino Leonardo da Vinci no dia vinte e cinco de março de 1494. O plano dos estudos é o seguinte: perspetiva, dimensões e proporções do corpo humano; desenhos copiados dos modelos dos mestres consagrados; e desenhos tirados diretamente da Natureza.

* * * * *

Hoje, o meu amigo Marco de Oggione entregou-me um livro contendo as regras do mestre a respeito da perspetiva. Este livro começa assim: «A luz do sol proporciona ao corpo a maior das alegrias; assim, a clareza das verdades matemáticas proporciona a maior alegria ao espírito.»

* * * * *

O mestre trata-me como se eu fosse um membro da sua família; tendo sabido da minha má situação financeira, recusou-se a aceitar, da minha parte, o pagamento combinado dos cinco florins mensais.

* * * * *

O mestre disse-me:

«Assim que tu conheceres o fundo das leis da perspetiva e quando souberes de cor as dimensões do corpo humano, observa com atenção, durante os teus passeios, os movimentos das pessoas; a sua maneira de estar, de andar, de falar, de discutir; como riem e como lutam; as expressões diferentes que nesses momentos tomam as fisionomias dos espetadores que têm a intenção de intervir, e daqueles que se contentam em contemplá-los em silêncio. Observa tudo e faz um esboço a lápis, o mais depressa que te for possível, num caderno que deves sempre trazer contigo. Quando esse caderno estiver cheio, arranja outro, mas põe o primeiro de parte e conserva-o cuidadosamente. Lembra-te que é preciso guardar sempre esses apontamentos, porque os movimentos do corpo são tantos e tão variados, que nenhuma memória de homem é capaz de os reter. Por isso, esses estudos serão os teus melhores professores e guias.»

Comprei um dos tais cadernos e todas as tardes inscrevo nele as palavras pronunciadas pelo mestre durante o dia, que me parecem mais dignas de atenção.

* * * * *

Hoje, na viela dos Trapeiros, situada ao pé da catedral, encontrei meu tio, o mestre vidreiro Osvaldo Ingrim. Declarou que me renegava, e que eu tinha perdido a minha alma ao entrar em casa do herege e do ateu Leonardo.

Assim fiquei completamente só; a não ser Leonardo, não tenho ninguém: nem parentes, nem amigos!

E, repito a altiva prece de Leonardo: «Que o Senhor, Luz do mundo, me ilumine, e me ajude a estudar a perspetiva, que é a ciência da Sua Luz!» Será possível que isto sejam palavras dum ateu?

* * * * *

Nos momentos de maior preocupação e desalento, basta-me contemplar a figura do mestre para que a minha alma se sinta, de súbito, alegre e desanuviada.

Como são maravilhosos os seus olhos translúcidos, pálidos e frios como o gelo! E a sua voz como é doce e agradável; e o seu sorriso! As pessoas mais obstinadas e perversas não podem resistir à doçura convincente das suas palavras quando ele deseja que digam «sim» ou «não».

Muitas vezes contemplo-o demoradamente, quando está à mesa de trabalho, mergulhado nas suas reflexões, e, num movimento calmo que lhe é habitual, acaricia com os dedos longos a comprida barba frisada e macia, como os caracóis duma adolescente. Quando fala com alguém, semicerra, ordinariamente, os olhos irónicos e zombeteiros, mas cheios, ao mesmo tempo, de bondade; parece então que o seu olhar, filtrando-se através das espessas pestanas, nos penetra até ao fundo da alma.

* * * * *

O mestre veste-se simplesmente; não suporta as cores vivas nos vestuários, nem aceita a vaidade das modas novas. Detesta os perfumes. A sua roupa branca é do mais fino linho da Normandia e está sempre imaculada e alva como a neve. Usa uma boina de veludo negro, sem enfeites, medalhas ou plumas. Sobre o casaco negro, que lhe chega quase aos joelhos, uma capa vermelho-escuro de pregas direitas, *pitocco rosato*, como se usava antigamente em Florença. Os seus movimentos são calmos e iguais; mas, apesar da simplicidade de toda a sua compostura, é impossível, onde quer que ele esteja — entre fidalgos ou no meio da plebe, — que não atraia as atenções, tal a nobreza e a invulgaridade de toda a sua pessoa.

* * * * *

Não há nada que ele não saiba fazer; conhece tudo: atira bem a frecha, é um mestre de esgrima, ao sabre, e um grande nadador.

Uma vez vi-o competir com homens do povo, num jogo que consistia em lançar uma pequena moeda para o ar, dentro da catedral, e fazer que ela alcançasse o alto da cúpula. Mestre Leonardo a todos venceu pela agilidade, pelo vigor e pela destreza com que jogava.

É canhoto. Mas a mão esquerda, delicada e fina como a duma linda mulher, é capaz de torcer uma ferradura, de dobrar o badalo de cobre duma campainha, e, simultaneamente, desenhar o rosto belo duma virgem, e esboçar no papel, com o lápis ou o carvão, sombras transparentes e mais ténues que o frémito

das asas duma borboleta.

* * * * *

Hoje, depois de jantar, acabou diante de mim um desenho representando a cabeça da Virgem Maria escutando, com atenção a boa nova da boca do Arcanjo.

Sobre os bandós ornamentados de pérolas ondulavam mechas de cabelo, penteadas segundo a moda das jovens florentinas, e arranjadas com a maior arte, embora, na aparência, de forma despretensiosa. A beleza deste penteado cativa-nos como uma música estranha. Os olhos misteriosos parecem brilhar através das pálpebras, na sombra das pestanas, lembrando as flores submarinas que se entreveem sob as vagas transparentes, sem se poderem atingir.

Subitamente, o criadito Jacopo precipitou-se no *atelier* saltando de alegria e batendo as mãos.

— Que monstros! Que monstros! — exclamou. — Mestre Leonardo, vinde depressa à cozinha! Trouxe-vos dois soberbos exemplares! Mendigavam no átrio da Igreja de Santo Ambrósio; e prometi que vós lhes daríeis de cear se consentissem em se deixar retratar. Ah! Ides ver. Que milagre!

O mestre, interrompendo o desenho, dirigiu-se logo à cozinha, onde eu o segui.

Vimos então, sentados sobre um banco, dois velhos que pareciam irmãos; o corpo inchado como o dos hidrópicos, e com os pescoços tumefactos por enormes bócios repugnantes. Esta doença é de resto vulgar na região de Bergamo.

O rosto de Jacopo resplandecia de satisfação

— Então, eu não vos dizia — murmurou, — que vos haviam de agradar! Já conheço muito bem os vossos desejos!

Leonardo sentou-se ao lado dos monstros, mandou vir vinho e começou a interrogá-los amistosamente, e a fazê-los rir contando-lhes histórias.

Em breve, os dois personagens estavam completamente ébrios e manifestavam a mais franca alegria, fazendo horríveis caretas. Incomodado, desviei a vista e afastei-me para não as ver; mas Leonardo observava-os com uma curiosidade grave e profunda, como um sábio fazendo as suas experiências. Quando a fealdade atingiu as suas mais horríveis expressões, pegou num papel e começou a desenhar os monstros ignóbeis, com o mesmo lápis que há pouco esboçara o sorriso divino da Virgem Maria.

À tarde mostrou-me uma quantidade de caricaturas de pessoas e de animais grotescos, semelhantes às que os doentes entreveem nas horas dos seus delírios febris.

As cabeças de animais representavam expressões humanas.

E o mais terrível é que esses monstros parecem ser já vossos conhecidos; têm qualquer coisa de sedutor, que simultaneamente vos atrai e vos repele, como um precipício. Quando os olhamos, sentimo-nos contrafeitos, e apesar disso não temos coragem de desviar a vista. Da mesma forma que, quando contemplamos a cabeça duma linda donzela pintada por Leonardo, assim ficamos também presos e admirados como diante dum milagre.

* * * * *

César de Sesto conta que Leonardo, se encontra na rua qualquer pessoa apresentando uma monstruosidade curiosa, é capaz de a seguir o dia inteiro, passo a passo, a fim de a observar e fixar a sua fisionomia.

«Uma monstruosidade verdadeira, diz ele, é coisa tão rara como uma maravilha; só o comum é destituído de interesse.»

* * * * *

Marco de Oggione é o discípulo mais aplicado e mais consciencioso de Leonardo. Trabalha sem descanso, segue com exatidão todos os preceitos do mestre, mas, a meu ver, quanto mais trabalha menos resultado tira. Marco é excessivamente teimoso; ideia que uma vez se aposse do seu espírito ninguém é capaz lha arrancar. Convenceu-se que «a paciência e um trabalho constante vencem tudo». Por isso, não perde nunca a esperança de chegar a vir a ser um dia um ilustre artista. César de Sesto troça dele constantemente.

Este querido Marco é um verdadeiro mártir da ciência. O seu exemplo prova que as regras tão afamadas, e o processo descoberto pelo mestre para reconhecer as almas pelas fisionomias, não valem absolutamente nada. Não basta saber como nascem as crianças, para as ter. Leonardo engana-se, enganando também os outros; diz uma coisa e faz o contrário. Não contente com ser um grande artista, pretende também ser um sábio; quer aliar a arte à ciência, a inspiração às matemáticas. Quem quer correr assim ao mesmo tempo atrás de duas lebres, arrisca-se a não apanhar nenhuma!

Será possível que nas palavras de César haja qualquer parcela de verdade? Porque será que ele detesta assim tanto o nosso mestre?

Leonardo perdoa-lhe tudo, ouve com paciência as suas ironias e os seus discursos cheios de maldade, e parece que estima o seu espírito pois nunca se zanga com ele.

* * * * *

Tenho observado a sua forma de trabalhar no quadro da «Ceia». Às vezes, muito cedo, mal nasceu o Sol, sai de casa e dirige-se para o refeitório do convento; e, durante todo o dia, até ao crepúsculo, trabalha sem largar os pincéis um só instante, esquecido até de comer e de beber. Em compensação, também é capaz de passar uma semana ou duas sem pegar na paleta para continuar a sua obra. Nessas ocasiões, porém, passa quotidianamente duas ou três horas sobre o andaime em frente do fresco, contemplando e examinando o que já está feito. Acontece também, às vezes, ao meio-dia, quando o Sol no zénite escalda, interromper qualquer trabalho começado e dirigir-se ao mosteiro, pelas ruas desertas, sem se incomodar com o calor, como arrastado por uma força invisível; uma vez em frente do quadro, dá duas ou três pinceladas, e volta outra vez para casa.

* * * * *

Todos estes dias, Leonardo tem trabalhado na cabeça de S. João. Devia acabá-la hoje. Mas, com grande admiração minha, todo o dia se tem conservado em casa, e desde pela manhã, com o pequeno Jocopo, se tem entretido a observar o voo dos zangãos, das vespas e das moscas. Tão absorvido se

mostra no estudo da estrutura do corpo e das asas destes insetos, que se poderia supor que a sorte do mundo está em jogo. Quando descobriu que as patas posteriores das moscas lhes servem de lemes, rejubilou. Segundo a sua opinião, este pormenor é extremamente importante e útil para a sua máquina de voar; mas, quanto a mim, é realmente lamentável que a cabeça de S. João tivesse sido abandonada por causa das patas das moscas. Jacopo apanha e traz-lhe, constantemente, abelhas, moscas e aranhas. Curiosa criatura este Jacopo! Selvagem, repelindo toda a gente, não estimando ninguém, vagueia pelas ruas grande parte do dia; é cruel para os animais, mas tem tal adoração pelo mestre que, creio, seria capaz de dar a vida para satisfazer o mais insignificante dos seus caprichos.

* * * * *

Hoje, novo aborrecimento. As moscas foram também esquecidas, assim como a «Ceia». Leonardo tem estado ocupado na invenção dum ornato para o escudo destinado à nova academia de belas-artes de Milão, que ainda não existe, senão num projeto do duque. Não me contive e atrevi-me a lembrar-lhe a sua intenção de contemplar a cabeça de S. João. Encolheu os ombros e, sem mesmo levantar os olhos do desenho, murmurou entre os dentes: «Está descansado que ela não fugirá, havemos de ter tempo para tudo!»

Às vezes chego a compreender a maledicência de César.

* * * * *

O duque Ludovico encarregou-o da instalação no seu palácio de uns tubos acústicos ocultos no interior das paredes, a que chama «ouvidos de Denis», e que lhe permitirão escutar num dos quartos o que se diz e passa nos outros. No princípio, Leonardo dedicou-se a este trabalho com entusiasmo; mas em breve o seu ardor esfriou e agora adia constantemente a sua continuação sob os mais variados pretextos.

Em vão o duque o tem instado, e se tem até enfadado. Hoje, muito cedo, vieram por diversas vezes recados do palácio a chamá-lo. Mas um outro assunto mais importante ocupa o mestre nesta ocasião: anda fazendo novas experiências sobre as plantas.

* * * * *

Gosta de todos os animais. Às vezes passa dias inteiros a observar e a desenhar os gatos, estudando os seus hábitos; como brincam, como dormem, como limpam o focinho com as patas, como caçam os ratos, e como ouriçam o pelo contra os cães.

Outras vezes, com o mesmo entusiasmo, olha, através das paredes de vidro dum aquário, os peixes e outros animais aquáticos. E o seu rosto exprime uma profunda e silenciosa alegria quando lutam e se entredevoram.

* * * * *

Traz sempre entre mãos uma infinidade de obras. Ainda uma não está terminada, já começa a ocupar-se de outra. De resto, cada uma das suas obras é comparável a um brinquedo, e cada brinquedo tratado da mesma forma que um assunto sério.

É extremamente volúvel e caprichoso. César diz que seria mais fácil ver os rios inverter o sentido

dos seus cursos, que Leonardo dedicar-se a um assunto e levá-lo até ao fim.

Costuma chamar-lhe, a rir, «o maior dos estouvados», e assegura que os seus trabalhos não têm a mais pequena utilidade.

— Leonardo — diz, — escreveu já mais de cento e vinte grossos cadernos intitulados «Da Natureza», *Delle Cose Naturale*. Mas, até este momento, tudo isso não é mais que um amontoado de citações, de observações isoladas, espalhadas por cinco mil folhas, numa tão grande desordem e confusão que ele próprio se perde, e não consegue encontrar nunca a passagem que procura.

* * * * *

Novamente o mestre trabalhou dois dias na capela de S. João, e voltou a abandoná-la para se ocupar de outros assuntos imprevistos. Diz que o cheiro das tintas e a própria vista da paleta lhe causam náuseas quando está trabalhando durante muito tempo.

É esta a nossa sorte: Vamos seguindo os caprichos do destino; vivendo na maior incerteza a respeito do dia seguinte, confiando-nos à vontade de Deus!

Devemos considerar-nos, no entanto, muito felizes por Leonardo não ter ainda recomeçado a construção da máquina voadora, porque, nesse caso, nem sequer lograríamos vê-lo.

* * * * *

Notei que, quando Leonardo retoma o trabalho depois dum longo período de hesitações e dúvidas, o temor domina-o quando pega nos pincéis. Nada do que faz o deixa satisfeito. As criações que para os estranhos parecem atingir os limites da perfeição, para ele são sempre inferiores e cheias de defeitos. A sua aspiração é sempre para o mais alto, para o inacessível, para o que não pode ser realizado por maior que seja o talento do artista. E é por essa razão que nunca termina as suas obras.

* * * * *

Hoje, um alquilador judeu veio oferecer-lhe cavalos. O mestre deseja comprar um cavalo baio, inteiro. O judeu começou a insistir com ele, para que comprasse também uma égua, e tantas coisas disse, tanto suplicou, que Leonardo acabou por transigir e deixar-se convencer a fim de se ver livre dele o mais depressa possível.

Eu assisti a esta cena e custava-me a acreditar no que via.

— De que te admiras? — perguntava, mais tarde, César. — É sempre assim; qualquer pessoa o engana. Não nos podemos fiar nele nunca. É um irresoluto, tudo nele é dúbio: simultaneamente é a favor e contra — diz «sim» e «não» ao mesmo tempo — conforme o lado donde sopra o vento. Apesar de toda a sua força física e moral, é desprovido de verdadeira coragem, e o seu carácter não tem nenhuma solidez.

César continuou ainda por muito tempo as suas críticas e recriminações, exagerando ao máximo os defeitos de Leonardo, e indo até às calúnias. Apesar de tudo eu sentia que nas suas mentiras havia uma parcela de verdade.

* * * * *

Andrea Salaino adoeceu. O mestre trata dele e passa a noite à sua cabeceira. Não quer ouvir falar em drogas, nem em sangrias. Marco de Oggione trouxe-lhe às escondidas umas pílulas. Leonardo, ao descobri-las, lançou-as pela janela, declarando que os doutores e os barbeiros não passavam todos de charlatães e de ladrões.

* * * * *

Leonardo escreveu hoje várias páginas do livro em que trabalha há muito tempo, *Trattato sulla Pittura* — que só Deus sabe quando terminará. Nestes útimos dias tem trabalhado bastante comigo, tem-me dado muitos conselhos e ensinado regras sobre a perspetiva linear e no espaço, sobre a lei da luz e das sombras, citando constantemente passagens de livros e máximas a respeito da arte.

* * * * *

Que o Senhor o recompense pelo amor e pela sabedoria com que me guia pelos sublimes caminhos desta tão nobre ciência!

* * * * *

O mestre disse: «Tudo quanto no homem há de belo, morre, mas na arte não sucede o mesmo»; *Cosa bella mortal passa, e non d'arte.*

* * * * *

Esta tarde vi-o, debaixo de chuva, numa betesga, estreita, imunda e mal cheirosa, observando as nódoas produzidas pela humidade num muro de pedras, nódoas que a meu ver nada tinham de extraordinário. Este exame durou tanto tempo que já os garotos estavam a apontá-lo e a troçar dele, como se se tratasse de um desassisado. Aproximei-me, então, e perguntei-lhe o que descobrira.

— Repara, Giovanni — respondeu, — repara que verdadeiro milagre: Vê esta quimera de fauces escancaradas, e ao lado este anjo mimoso, com os caracóis que esvoaçam, e que pretende fugir à perseguição do monstro. Que conjunto de circunstâncias criou aqui tão estranhas imagens!

Com um dedo ia marcando o contorno das nódoas, e eu pude ver, efetivamente, o que me acabara de descrever.

— Talvez muitos achem esta ocupação vã e estúpida; mas eu sei por experiência própria a vantagem que há em estimular constantemente o espírito, forçando-o a novas descobertas.

* * * * *

Hoje fez a comparação entre as rugas do rosto durante o riso e durante o choro. Não há nenhuma diferença nesses momentos, no aspeto geral dos olhos, da boca, e das faces. Apenas naquele que chora as sobrancelhas se erguem e se reunem, as pregas da testa cavam-se e os cantos da boca abaixam-se; enquanto que no rosto daquele que ri, os sobrolhos se afastam um do outro ao máximo e os cantos da boca se erguem. E disse como conclusão: Esforça-te por ser um observador atento e consciencioso dos que riem ou choram, dos que amam ou odeiam, daqueles que empalidecem e gritam com dores; olha, estuda, analisa, examina tudo para bem conhecer todas as diversas expressões dos sentimentos humanos!

César contou-me que Leonardo gosta de assistir às execuções capitais, para poder observar no rosto dos condenados todas as gradações da angústia e do terror por que passam. Esta sua curiosidade chega a provocar o espanto e a repulsa dos carrascos ao verem a frieza indiferente e objetiva com que espia atentamente as últimas convulsões dos desgraçados moribundos.

— Tu não podes avaliar, Giovanni, o que é este homem — concluiu César com um sorriso triunfante. — É capaz de te tirar debaixo dos pés uma pobre lagarta, para evitar que tu a pises, mas, uma vez mergulhado nas suas fantasmagorias, creio bem que, se visse chorar a própria mãe, não deixaria de observar-lhe o movimento dos supercílios e todas as contrações do rosto.

* * * * *

Eis aqui a história da pintura, contada pelo mestre em poucas palavras.

— Depois dos Romanos, quando os pintores começaram a imitar-se uns aos outros, a arte caiu em decadência, durante uns poucos de séculos. Até que apareceu o florentino Giotto, que não se contentou em seguir as lições do seu mestre Cimabuo. Oriundo de um país montanhoso e deserto onde não se encontram senão raros rebanhos, sentiu-se atraído pela arte e começou a desenhar nas pedras a imagem das cabras que andava apascentando, e bem assim as sombras de outros animais da região. Enfim, depois de longos estudos, conseguiu ultrapassar não apenas os artistas do seu tempo, mas também muitos outros dos séculos precedentes. A seguir a Giotto veio novamente um período de marasmo e de mediocridade, porque ninguém criava e todos procuravam apenas reproduzir os modelos já executados. Assim passou todo um século até que Tomás, o florentino, cognominado o Masaccio, demonstrou, pelas suas obras, até que ponto aqueles que se limitam a copiar perdem o seu tempo, em vez de se inspirarem diretamente na Natureza que é o mestre de todos os mestres.

* * * * *

A primeira obra de arte foi uma linha traçada numa parede delineando o contorno da sombra de um homem iluminado pelo sol.

* * * * *

Parece que quanto mais tempo vivemos na sua companhia, menos o conhecemos. Ainda hoje assistimos a uma brincadeira de criança executada por ele! Eu estava no meu quarto lendo, antes de adormecer, o meu livro favorito, as *Fioretti di San Francesco*, quando, de repente, se ouviram uns gritos da nossa velha, a boa Mathurina.

— Fogo! Fogo! Socorro! Está tudo a arder!

Desci precipitadamente as escadas e entrei, aflito, no *atelier* que estava cheio de um espesso fumo branco.

Iluminado pelo brilho de chamas azuis, como as dos relâmpagos, Leonardo estava de pé envolvido numa nuvem branca e parecia um antigo mago, com um sorriso alegre e escarninho sobre os lábios; contemplava a cozinheira Mathurina, que gesticulava lívida de pavor, enquanto Marco, que chegara com dois baldes cheios de água, para apagar o incêndio, se preparava para os entornar, sem atenção nem piedade, sobre os desenhos do mestre, se este o não impedisse, gritando que tudo aquilo não passava

duma brincadeira.

Vimos, então, que toda aquela fumarada e as chamas eram produzidas por um pó branco composto de mirra e colofane que o mestre lançava sobre uma marmita de ferro aquecido ao rubro. Tinha fabricado esta mistura para simular este pequeno incêndio, divertindo-se imenso com a brincadeira.

Não sei, nesta farsa, qual dos dois estava mais entusiasmado: se o seu inseparável companheiro de brinquedos, esse pequeno patife de Jacopo, ou se o próprio Leonardo! Como ele se riu dos baldes salvadores do Marco, e do susto da velha Mathurina!

Quem assim consegue divertir-se duma forma tão infantil e isenta de malícia, não pode ser certamente um criminoso.

César mente nas suas críticas. Mas, no meio de todo este incidente, Leonardo não deixou de notar as observações recolhidas na expressão de Mathurina, demonstrando ainda uma vez de que forma a pele se contrai e enruga quando o pavor se manifesta na fisionomia humana.

* * * * *

Nunca fala de mulheres. No entanto, uma vez disse que os homens eram tão injustos com elas como com os animais. César afirma que, durante toda a sua vida, Leonardo tem estado sempre tão ocupado pela mecânica e pela geometria, que não tem tido tempo de amar. No entanto, César não o supõe absolutamente impoluto, porque afirma que Leonardo, que mais não fosse por mera curiosidade científica, havia de ter querido estudar o amor, uma vez pelo menos, com a mesma frieza e atenção que dedica a outros fenómenos da Natureza.

* * * * *

Começo a sentir remorsos das conversas que tenho com César a respeito do mestre. Nós ouvimo-lo e observamo-lo como espiões. César sente uma maldosa alegria sempre que consegue fazer qualquer comentário em seu desabono. Mas que interesse pode ele ter em envenenar assim a minha alma?

Nestes últimos dias temos ido às vezes a uma pequena e muito ordinária taberna, ao lado da alfândega de Cataragne, por trás da Porta de Verceil. Durante horas inteiras bebendo um vinho barato mas muito azedo, na companhia duns barqueiros que jogam com umas cartas sebentas e que se injuriam constantemente, conspiramos como uns miseráveis traidores.

* * * * *

Hoje compreendo como Leonardo se afasta das mulheres: Para a realização das suas vastas conceções necessita de ter uma grande liberdade e uma perfeita tranquilidade de espírito.

* * * * *

Andrea Salaino queixa-se às vezes amargamente do tédio da nossa existência, laboriosa, monótona e solitária, asseverando que os alunos de outros mestres passam uma vida bastante mais divertida.

Como uma rapariga, Andrea gosta de enfeites e atavios, e aborrece-lhe o facto de não ter a quem os mostrar. Ambicionava festas, músicas, ruídos, o esplendor, e olhares apaixonados...

Hoje, o mestre, ao ouvir as suas queixas e censuras, respondeu-lhe, troçando, e afagando, no seu gesto habitual, a longa barba sedosa:

— Não te amofines, meu filho, que eu prometo levar-te à primeira festa que houver na catedral. E agora, se queres, vou contar-te uma história.

— Sim, mestre. Há muito tempo que não nos contais nada! — disse Andrea, regozijando-se como um menino; e, preparando-se para bem ouvir a narrativa do mestre, sentou-se-lhe aos pés.

— Num local elevado, que dominava a estrada — começou Leonardo, — no preciso sítio em que uma paliçada limitava o jardim, estava uma grande pedra rodeada de musgos, de flores, de ervas e de árvores. Uma vez, tendo descoberto abaixo dela uma multidão de pedras na estrada, pretendeu reunir-se-lhes e disse: «Que prazer poderei eu continuar a ter aqui no meio destas flores frágeis e passageiras? Gostaria bem mais de viver no meio dos meus irmãos e das minhas irmãs, das pedras das estradas que me são semelhantes!» E deixou-se rolar até à estrada para junto dos seus irmãos e das suas irmãs. Uma vez ali, porém, teve que suportar o peso dos veículos carregados, as ferraduras dos machos e dos burros, e as botas ferradas que a raspavam e feriam ao passar. Quando por acaso lhe sucedia erguer-se um pouco para ter a ilusão de poder respirar um pouco melhor, era logo maculada pela lama pegajosa ou pela pegada de qualquer animal. Olhava então tristemente para o local onde estivera outrora, no retiro solitário do jardim, e lamentava ter deixado aquele paraíso.

É o que acontece, Andrea — concluiu o mestre, — aos que abandonam uma existência calma e laboriosa para mergulhar nos prazeres vãos da turba, prazeres cuja perversidade não tem limites.

* * * * *

O mestre proíbe que se cause qualquer dano aos animais e até às plantas. Zoroastro de Peretola conta-me que Leonardo, desde os seus verdes anos, não come carne, e que preconiza que chegará o momento em que toda a humanidade, assim como ele, se há de contentar com a alimentação vegetal; considera o assassínio dos animais tão sacrílego e criminoso como o dos homens.

* * * * *

Esta manhã acordei muito cedo; o Sol acabara de nascer, toda a gente na casa dormia ainda. Dirigi-me ao pátio para me lavar com a água fria do poço. Tudo estava calmo e sossegado. De muito longe chegavam ruídos de sinos, como zumbidos de abelhas sobre as flores...

De repente, ouvi, como num sonho, o ruflar duma multidão de asas. Ergui os olhos e vi o mestre empoleirado na escada do pombal. Com os seus cabelos ensoalheirados, que lhe rodeavam a cabeça como uma auréola, parecia estar no Céu, feliz e solitário. Um bando de pombas arrulhava a seus pés. Outras, esvoaçavam de roda dele, pousando-lhe sem receio nos ombros, nas mãos e sobre a cabeça.

E ele ia-as acariciando e dando-lhes de comer, até que, erguendo as mãos, como para as abençoar, as pombas levantaram voo, agitando as brancas asas aveludadas, e subiram, como flocos de neve, a pouco e pouco, fundindo-se no azul do céu. Um sorriso enternecido do mestre acompanhava-as, e pareceu-me ver nesse momento uma semelhança entre Leonardo e S. Francisco, o grande amigo de todos os seres vivos, aquele que chamava ao vento seu irmão, à água a sua irmã, e à terra a sua mãe!...

* * * * *

Que Deus me perdoe! Mais uma vez não soube resistir às sugestões de César e de novo fui com ele a essa maldita taberna. Falei-lhe da bondade do mestre.

— Dizes isso porque ele não come carne e porque se alimenta apenas com as ervas do Senhor?

— E se fosse por isso, César? Eu sei...

— Tu não sabes nada! — interrompeu ele. — O mestre faz isso não por bondade, mas por distração, como poderia fazer outra coisa; pretende ser original, singularizar-se e pratica extravagâncias.

— Extravagâncias! Que queres tu dizer?

César teve um riso forçado.

— Bom, bom! Não discutamos mais. Enche-te de paciência, que assim que chegares a casa te mostrarei alguns desenhos do teu bondoso mestre, que te hão de edificar!

À volta, entrámos sorrateiramente, como ladrões, no *atelier*. Não estava ninguém. César rebuscou sobre a mesa e tirou um caderno colocado sobre uma rima de livros, que me entregou para eu observar os desenhos em questão. Apesar de sentir que estava praticando uma ação condenável, não pude resistir a observá-los com curiosidade.

Eram reproduções de bombas gigantescas, de balas explosivas, de canhões complicados; máquinas de guerra monstruosas executadas com a mesma delicadeza alada e a mesma lucidez que os rostos das mais lindas madonas. Lembro-me duma bomba enorme, cuja construção César me explicou. Ao lado, numa das margens, estava escrita pelo mestre a seguinte nota: «Esta bomba é duma utilidade muito grande. Inflama-se à saída do canhão, após o lapso de tempo suficiente para rezar uma *ave-maria*.»

— *Ave-maria* — repetiu César. — Que dizes a isto, meu amigo? Não te parece um emprego um pouco extraordinário para uma oração cristã? Ah! Que homem espantoso é este Leonardo! Que coisas que ele inventa! E a propósito, tu sabes como ele chama à guerra?

— Como é?

— *Pazzia bestialissima* — «A mais cruel das loucuras.» Não achas engraçado que seja o autor desta frase o mesmo que o das máquinas que te mostrei?

Voltando a página, mostrou-me a reprodução de um carro de guerra, armado com enormes foices de ferro; bastava comunicar-lhe um impulso violento e começava a abrir caminho através das fileiras do inimigo. Os formidáveis braços de aço, cortantes como navalhas e semelhantes às patas duma enorme aranha, agitavam-se com um assobio agudo e um rugido estridente, esfacelando corpos e dispersando para todos os lados farrapos de carne e ondas de sangue. De roda, juncando o solo, viam-se pés, mãos, cabeças e troncos despedaçados.

Observámos então outro desenho: no pátio dum arsenal uma turba de operários, semelhantes a demónios, erguiam um enorme canhão, de goela ameaçadora e escancarada. O terror apossou-se de mim, à vista de todos esses corpos nus e ofegantes. Pareciam uma tropa de demónios trabalhando nas forjas do

Inferno.

— Então? Não te dizia, Giovanni, que eram curiosos estes desenhos? Eis aqui o homem divino, que respeita as ervas, que não come carne, que apanha uma lagarta do chão, não vá um viandante esmagá-la! Isto e aquilo, simultaneamente! Hoje, pecador endurecido, amanhã um santo; Jano de dupla face; uma voltada para Cristo, a outra para o Anticristo! E agora, distingue qual é o falso e qual é o verdadeiro! E faz tudo isto de ânimo leve, a rir, com uma alegria secreta, como se tudo não fosse mais que um passatempo ou uma brincadeira!

Eu ouvia em silencio e sentia um frio mortal que me penetrava até ao coração.

— Que tens tu, Giovanni? — perguntou César. — Estás desfigurado, rapaz! Tu tomas tudo muito a sério; tranquiliza-te, com o tempo hás de habituar-te e já não te admiraras de nada, como me sucede! E agora, voltemos à *Tartaruga Doirada*, beber ainda um copo.

Dum vinum potamus...
Te Deum laudamus!

Sem responder, escondi o rosto nas mãos e fugi.

* * * * *

Como pode ser possível esta estranha dualidade!

Que seja o mesmo homem, que abençoa as pombas com o sorriso inocente de S. Francisco, aquele que com uma inspiração diabólica inventa o monstro de metal de horrendas patas ensanguentadas? Um único e o mesmo homem!

Não, não é possível. Não se pode admitir semelhante coisa. É preferível ser ateu, que servir simultaneamente a Deus e ao Diabo!

* * * * *

Hoje Marco de Oggione disse:

— Mestre, acusam-te, e também a nós teus alunos, de não ir à igreja e de trabalhar nos dias de guarda.

— Deixai falar os hipócritas — respondeu Leonardo. — E que os vossos corações se não perturbem por isso, meus amigos! Estudar os fenómenos da Natureza é agradar ao Senhor: equivale a uma prece. Aprendendo a conhecer as leis naturais, honramos, por isso mesmo, o primeiro Criador, o grande artista do Universo; aprendemos a amá-lo, porque o grande amor a Deus é sempre a consequência duma vasta e clara sabedoria. Aquele que sabe pouco não pode amar muito. Se amas a Nosso Senhor somente na esperança das bondades que d'Ele esperas, és semelhante a um cão que abana a cauda e lambe a mão do dono, na esperança de receber uma guloseima. Quanto maior não seria o amor do cão pelo seu dono, se lhe compreendesse a alma e o raciocínio! Lembrai-vos, filhos, que o amor é filho da ciência: é tanto mais ardente, quanto mais certa esta for. Aliai a sabedoria da esperança à simplicidade da pomba!

— Será possível unir — perguntou César, — a sabedoria da serpente à simplicidade da pomba?

Parece-me que é preciso escolher entre as duas!

— Não! Juntai-as a ambas — afirmou Leonardo. — Juntas! Uma não pode existir sem a outra: a ciência perfeita e o perfeito amor são uma e a mesma coisa!

* * * * *

Ao ler as Epístolas de S. Paulo, encontrei no capítulo VIII da primeira Epístola aos Coríntios as seguintes palavras:

«O saber torna orgulhoso, mas o amor edifica.»

«Se alguém cuida saber alguma coisa, ainda nada conhece, como convém que conheça.»

«Mas se algum ama a Deus, esse é conhecido dele.»

O Apóstolo afirma:

«Do amor nasce o saber.»

Leonardo diz:

«Do saber nasce o amor.»

Quem tem razão? Não consigo resolver este problema e não me é possível continuar a viver nesta incerteza.

* * * * *

Sinto-me perdido nos meandros dum medonho labirinto. Corro sobre mim mesmo, chamo e não vejo chegar nenhum socorro.

Quanto mais ando, buscando uma saída, mais me perco e me enredo. Onde estou? Que será de mim, se Tu, ó meu Deus, me abandonas?

* * * * *

Oh! Frei Benedetto, como eu gostaria de voltar à tua tranquila cela, contar-te todo o meu sofrimento, cair nos teus braços, a fim de que tu te compadecesses de mim, e me aliviasses do fardo que pesa sobre a minha alma! Pai bem-amado, humilde ovelha, tu que realizaste a profecia de Cristo: «Felizes os pobres de espírito!»

* * * * *

Tivemos conhecimento duma nova desgraça.

O cronista da corte, *messer* Giovanni Merula, e o seu velho amigo, o poeta Bernardo Bellincioni, conversavam numa sala deserta do palácio, depois de cear. Merula estava ligeiramente embriagado e referiu-se ao duque Ludovico de forma pouco respeitosa, chegando mesmo a acusá-lo de «assassino e

envenenador do legítimo soberano João Galeas». Porém, graças à forma como estão instalados os famosos «ouvidos de Denis», o duque, que estava num quarto afastado, surpreendeu esta conversação; deu ordem para prenderem Merula e encarcerá-lo numa masmorra subterrânea, junto do grande fosso que circunda o castelo.

Que pensará de tudo isto Leonardo, que instalou ele próprio os tubos acústicos sem se preocupar das suas consequências, boas ou más, e com o fim de pôr em prática curiosas leis e invenções, ou apenas por simples «desfastio e brincadeira», segundo a expressão de César? É de resto assim que ele procede em tudo; quando inventa as monstruosas máquinas de guerra, as bombas destruidoras e as aranhas de ferro, cujas foices podem massacrar meio cento de homens duma só vez.

* * * * *

O rosto do mestre tem por vezes uma tal expressão de serenidade e de inocência, resplandece duma beleza tão virginal, que eu me sinto inclinado a tudo perdoar, e acreditar outra vez nele, e a confiar-lhe novamente a minha alma. Mas de repente, nas sinuosidades misteriosas daqueles lábios delgados, parece-me antever um abismo que me apavora, e novamente tenho a impressão que na sua alma há um segredo, e lembro-me duma frase enigmática que ele um dia me disse:

«Os mais caudalosos rios, é debaixo da terra que correm!»

* * * * *

Morreu o duque João Galeas.

Dizem — Oh! Meu Deus! Tu és testemunha que é com dificuldade que a minha mão escreve estas palavras, em que eu me recuso a acreditar — dizem que Leonardo é o assassino; teria envenenado o duque com os frutos da sua árvore venenosa.

Recordo-me que o mecânico Zoroastro Peretola mostrou uma vez esta árvore maldita a Monna Cassandra. Como teria sido melhor para mim não ter assistido a essa cena! Hoje recordo-me dessa noite, e da árvore entrevista através da bruma lunar com as gotas de veneno perolando sobre as folhas húmidas e com os frutos, que, amadurecendo, acalentavam a morte e o terror e novamente ressoam aos meus ouvidos as palavras do Evangelho: «Não provarás os frutos da árvore da ciência, do bem e do mal, porque, no dia em que o fizeres, morrerás certamente!»

Ó desgraça, que infelicidade a minha!

Outrora, na calma cela de frei Benedetto, eu vivia numa santa inocência, como o primeiro homem no Paraíso. Mas pequei, deixei entrar a tentação na minha alma, provei da árvore da ciência e os meus olhos abriram-se; conheci o bem e o mal, a luz e a sombra, Deus e o Diabo; e então vi também que estava nu, pobre e desamparado e a minha alma morre da verdade!

* * * * *

Do fundo do abismo, ergo a minha voz, para Te endereçar a minha prece e implorar a Tua misericórdia! Como o ladrão sobre a cruz, confesso o Teu Nome: «Lembra-Te de mim, Senhor, quando estiveres no Teu Reino!»

* * * * *

Leonardo recomeçou a trabalhar na cabeça de Cristo.

* * * * *

Esta noite uma multidão de homens, excitados por alguns que gritavam que o Mouro tinha envenenado o duque João Galeas com o auxílio de Leonardo, cercaram a nossa casa.

«À morte! À morte o envenenador! O anticristo.»

Leonardo escutava imperturbável as injúrias da plebe.

Quando Marco de Oggione quis pegar num arcabuz para atirar sobre os assaltantes, não lho consentiu.

O rosto do mestre conservava-se pálido e calmo como de costume.

Então, ajoelhei-me a seus pés e supliquei-lhe que me dissesse que todas aquelas acusações eram falsas e pronunciasse uma única palavra para dissipar as minhas dúvidas. Deus é testemunha que eu teria acreditado se ele tivesse respondido. Mas ele não quis ou não pôde dizer-me nada!

O pequeno Jacopo, com risco da própria vida, conseguiu atravessar a multidão exasperada e, depois de ter percorrido algumas ruas, encontrar uma patrulha que trouxe até junto da casa. No momento preciso em que as portas se desmantelavam sobre a pressão dos assaltantes, os soldados, chegando de improviso, lançaram-se sobre estes e puseram-nos em fuga. Jacopo ficou ferido na cabeça por uma pedrada e meio morto; mas o rapazito sente-se, apesar de tudo, feliz porque sabe que a sua intervenção salvou a vida do mestre.

* * * * *

Assisti na catedral à festa da Consagração da grande Relíquia: o Sagrado Prego da Cruz do Senhor.

Apresentaram-no aos fiéis no momento designado pelos astrólogos. A máquina construída por Leonardo para a elevação do Santo Cravo funcionou o melhor possível. Foi um verdadeiro triunfo e um milagre de mecânica.

O coro cantava:

Confixa Clavis viscera,
Tendens manus vestigia,
Redemptionis gratia
Hic immolata est Hostia.

E o relicário parou sob a sombria abóbada, por cima do altar-mor da catedral, que está perpetuamente iluminado pelas cinco lâmpadas.

O Arcebispo pronunciou solenemente as palavras:

— *O Crux benedicta, quae sola fuisti digna portare Regem caelorum et Dominum. Alleluia!*

E o povo de joelhos repetia também: *Alleluia! Alleluia!*

O usurpador do trono, o assassino, o Mouro, o rosto banhado de lágrimas, estendia as mãos para a Santa Relíquia.

Depois distribuíram ao povo um bodo: vinho, carne, cinco mil medidas de grão e dois mil quintais de gordura. A multidão, esquecida do duque assassinado, comia glutonamente e embriagava-se, gritando: «Viva o Mouro! Viva o Santo Cravo!»

Bellincioni compôs uma ode em hexâmetros na qual se compara o Mouro a Augusto, e se anuncia que um novo século de oiro iluminara o mundo.

Ao sair da catedral, o duque aproximou-se de Leonardo abraçou-o e beijou-o nos lábios, chamando-lhe o seu Arquimedes; agradeceu-lhe a maravilhosa invenção da máquina elevatória, e prometeu recompensá-lo, com uma égua árabe, puro sangue, das suas próprias coudelarias, e mais dois mil ducados imperiais! Depois, abraçando-o familiarmente, disse-lhe que poderia agora trabalhar novamente na cabeça do Cristo da Última Ceia, que ele não o distrairia com novos encargos.

* * * * *

Não posso suportar estas coisas mais tempo. Definho-me e sinto que enlouquecerei à força de repisar tantas vezes os mesmos pensamentos: o equívoco do rosto do Anticristo, transparecendo através do rosto de Cristo. Senhor, porque me abandonas?!

* * * * *

É forçoso fugir antes que seja demasiado tarde...

* * * * *

Esta noite, levantei-me, amarrei num pacote as minhas roupas juntamente com os livros, peguei num bordão de viagem e desci, às apalpadelas na obscuridade, até ao *atelier;* deixei sobre a mesa os trinta florins que devia ao mestre, pelos últimos seis meses da pensão. Este dinheiro arranjara-o eu vendendo um anel com uma esmeralda, presente que conservava de minha mãe.

Sem me despedir de ninguém, porque todos dormiam ainda, deixei para sempre a casa de Leonardo.

* * * * *

Frei Benedetto disse-me que, desde que eu o abandonara, todas as noites rezava por mim e que tivera uma visão na qual Deus me guiava de novo para o bom caminho.

Frei Benedetto vai a Florença visitar um irmão doente, que é dominicano do convento de S. Marcos, onde é prior Girolamo Savonarola.

* * * * *

Louvado sejas Tu, meu Deus, que me retiraste das garras do inimigo.

Hoje renego a ciência do mundo, marcada com o selo da serpente, do monstro que se ergue das trevas e que se chama o Anticristo!

Renuncio aos frutos venenosos da árvore do conhecimento, renuncio à vaidade da ciência, essa ciência ímpia que tem por pai o Diabo.

Renuncio a todas as seduções da beleza pagã.

Renuncio a tudo que não seja a Tua Santa Vontade, a Tua Glória, a Tua Sabedoria, ó Jesus, meu Deus! Ilumina a minha alma com a Tua Luz única, liberta-me dos pensamentos ambíguos que me obcecam, encoraja os meus passos nos Teus Caminhos, a fim de que os meus pés não hesitem, e protege-me com a sombra das Tuas asas. E enquanto eu viver, eu cantarei a Glória do Senhor meu Deus!

* * * * *

Daqui a dois dias vou a Florença com frei Benedetto. Encorajado com a bênção do meu pai espiritual, quero entrar como noviço no convento de S. Marcos, ir para junto do grande eleito do Eterno, o irmão Savonarola. Deus salvou-me!

* * * * *

É com estas palavras que termina o «Diário» de Giovanni Beltraffio.

CAPÍTULO VII
O Auto-de-Fé das «Vaidades»

(1496)

Quanto mais fortes são os sentimentos, mais forte é a dor.

Leonardo da Vinci.

O homem de ânimo dobrado é inconstante em todos os seus caminhos.

(*Epístola São Tiago, Apóstolo,* Cap. I — v. VIII.)

I

Mais de um ano era passado desde que Beltraffio entrara como noviço no convento de S. Marcos.

Uma tarde, nos fins do Carnaval do ano de 1496, Girolamo Savonarola, sentado à mesa de trabalho da sua cela, registava uma visão que tivera poucos dias antes. Deus tinha-lhe mostrado duas cruzes erguidas sobre a cidade de Roma: uma negra, num torvelinho assassino, com a inscrição: «A cruz da cólera de Deus», e a outra, num azul brilhante, ostentando a legenda: «A cruz da misericórdia divina.»

O sol pálido de fevereiro entrava através da janela gradeada, até meio da cela. Encostado à parede branca e nua, havia um grande crucifixo, e, sobre prateleiras, grossos livros, com antigas encadernações de pele. De vez em quando, ouviam-se os álacres gritos das andorinhas, perseguindo-se no céu azul.

Savonarola sentia uma grande fadiga e arrepios de febre. Descansando a pena, deixou cair a cabeça sobre o braço e começou a rememorar o que tinha ouvido essa manhã mesmo acerca da vida do papa Alexandre VI, narrado pelo humilde frei Pagolo, que fora enviado especialmente a Roma fazer um inquérito e que acabara de regressar a Florença.

Semelhantes a visões do Apocalipse, passavam diante dos olhos de Savonarola as mais monstruosas imagens. Primeiro o escudo dos Bórgias, com o seu boi vermelho, sugestão do antigo boi Ápis dos egípcios; o velo de oiro, em vez do doce cordeiro das Escrituras; a seguir, os espetáculos obscenos representados de noite, depois da ceia, nas salas do Vaticano, diante do Muito Santo Padre, da sua muito amada filha, e da multidão dos Cardeais; era ainda a formosa Júlia Farnese, a jovem concubina do papa, que servia de modelo a todos os pintores de Roma para os rostos das suas Virgens. Finalmente, eram os dois filhos mais velhos de Alexandre, César, duque de Valentinois (2) e João, duque de Gândia, porta-estandarte da Igreja Romana; ambos possuídos duma paixão impura por sua irmã Lucrécia, paixão que levara um deles, num ódio brutal, como Caim, até ao fratricídio.

E Savonarola estremecia, só ao recordar-se da monstruosidade que frei Pagolo mal ousara murmurar-lhe ao ouvido: o amor incestuoso do pai pela própria filha, do velho papa por Madona Lucrécia.

«Não, não, Deus vê bem que eu não acredito nisto, que não deve passar duma odiosa calúnia! Não é possível, repetia, mas, no seu íntimo, sentia que não havia nenhum crime que não pudesse ser cometido por esses terríveis membros da casa dos Bórgias.»

Um suor frio corria sobre a fronte do monge, que se ajoelhou diante do crucifixo.

Alguém bateu ligeiramente à porta da cela.

* * * * * * * * * *

— Sou eu, meu pai!

Savonarola reconheceu a voz do seu dedicado amigo e assessor, o irmão Domenico Buonviccini.

— O mui digno Ricardo Becchi, legado de Sua Santidade, pede licença para te falar.

— Bem. Diz-lhe que espere um pouco e vai buscar-me frei Silvestre.

Silvestre Marufi era um frade, pobre de espírito, e sujeito a crises epiléticas. Savonarola considerava-o como bafejado por todas as graças divinas; amava-o, temia-o e estudava os sonhos de Silvestre, segundo as regras duma escolástica especiosa, encontrando sempre um sentido profético no que os outros não viam mais do que balbucios idiotas. Marufi não manifestava o menor respeito pelo seu superior: amiúde o difamava, injuriava-o publicamente, e chegava até a bater-lhe. Savonarola suportava todas estas ofensas com humildade e obedecia-lhe em tudo. Se o povo de Florença estava dominado por Savonarola, este, por sua vez, estava entre as mãos do imbecil Marufi.

Ao entrar na cela, frei Silvestre foi sentar-se no chão a um canto e começou a coçar a sola dos crestados pés nus, assobiando uma canção monótona. O seu rosto sardento tinha uma expressão triste e estúpida; o nariz era pequeno e pontiagudo como uma sovela, o lábio inferior pendente e os olhos lacrimejantes, com reflexos glaucos.

— Irmão — explicou Savonarola, — acaba de chegar de Roma um legado secreto do papa. Diz-me se o devo receber e que lhe hei de responder? Não terás tu já tido alguma visão, ou ouvido algumas vozes?

Marufi fez uma careta divertida; começou a ladrar como um cão e depois a grunhir como um porco; uma das suas habilidades era imitar com perfeição as vozes de muitos animais.

— Meu querido irmão — insistiu Savonarola, — sede bom, respondei-me! A minha alma está em grande transe e aflição. Pede a Deus que faça baixar sobre ti o espírito profético!

O monstro fez nova careta, deitando a língua de fora; o seu rosto estava descomposto.

— Vejamos. Quando acabarás tu de maçar-me? Maldito choramingas, estúpida aventesma, cabeça de carneiro! — gritou-lhe num acesso de cólera inesperado. — Quem as arma, que as desarme; não sou nem teu profeta, nem conselheiro!

E olhando de soslaio para Savonarola, suspirou e continuou já num outro tom de voz, mais doce e acariciante:

— Tu fazes-me pena, irmão, tu fazes-me pena, pobre pateta... Como podes tu saber se as minhas visões procedem de Deus ou do Diabo?

Silvestre calou-se, fechou os olhos e o rosto imobilizou-se-lhe, como o de um morto. Savonarola, julgando-o já em transe profético, esperava, cheio de fé.

Mas Marufi abriu os olhos, voltou lentamente a cabeça e, como quem está escutando qualquer coisa, olhou pela janela para o exterior e disse, com um sorriso calmo, bom, quase de pessoa ajuizada:

— Os passarinhos, ouves os passarinhos? O campo deve estar cheio de florinhas amarelas. Ah! Irmão Girolamo! Já tens feito muito dano por aqui, dado largo pasto ao teu orgulho, e assaz contentado o

Demónio. É tempo de acabar! É preciso também pensar um pouco em Deus. Deixemos este mundo em que campeia o escândalo e procuremos um refúgio no deserto.

E começou a cantar, baixinho, passeando na cela, dum lado para o outro:

Vamos para os verdes bosques,
Para um asilo escondido,
Onde brotem frescas águas
E cantem os tentilhões!...

De repente, levantou-se bruscamente, fazendo ouvir as cadeias de ferro que sempre trazia para se mortificar, e, correndo para Savonarola, agarrou-lhe uma mão e murmurou numa voz abafada pela cólera:

— Já vi, sim, já vi, vi!... Ah! Maldito filho do Diabo, cabeça de burro..., vi, vi!...

— Fala, irmão, anda, diz depressa!

— Fogo! Fogo! — disse Marufi.

— E depois?

— Fogo de fogueira — continuou Silvestre, — e um homem lá dentro!

— Quem? — perguntou Savonarola.

Marufi levantou a cabeça mas não respondeu de seguida: fitou primeiro, com os seus olhos pequenos e esverdeados, os olhos de Savonarola, e começou a rir, mansamente, como um doido; depois, inclinou-se para ele e disse baixinho:

— Tu!

Girolamo estremeceu e empalideceu de pavor.

Marufi afastou-se, saiu da cela, arrastando as cadeias e cantarolando:

Vamos para os verdes bosques,
Para um asilo escondido,
Onde brotem frescas águas
E cantem os tentilhões!...

Recuperada a serenidade, Savonarola deu ordem de introduzir o legado pontifical, Ricardo Becchio.

(2) Valentinois, pequeno país da antiga França, no Delfinado, erigido por Luís XII em ducado, que doou a favor de César Bórgia. *(N. do T.)*

II

O secretário da muito santa chancelaria apostólica entrou na cela de Savonarola envergando um longo hábito de seda roçagante, semelhante a uma sotaina, com mangas venezianas orladas de raposa azul; todo ele exalava um perfume de âmbar e de musgo. *Messer* Ricardo Becchio tinha essa unção característica dos gentis-homens da Cúria Romana, que se revelava em todas as suas atitudes e movimentos, no sorriso inteligente, cheio de imponência benévola, nos olhos claros, quase inocentes, e nas covas risonhas da face rósea e bem barbeada.

Pediu a bênção ao frade, inclinando-se com uma flexibilidade quase cortesã, beijou-lhe a mão, e começou a falar em latim, com rodeios de frases, duma elegância ciceroniana, em longos períodos de construção erudita.

Começou pelo que se chama nos cânones da boa arte oratória «a pesca da simpatia», lembrando a glória do profeta florentino. Depois, abordou o verdadeiro assunto da sua missão: o Pontífice, justamente agastado pela teimosia com que o irmão Girolamo se recusava a ir a Roma, mas ao mesmo tempo ardendo em zelo pela prosperidade da Igreja, e pela completa união de todos os crentes em Cristo, e desejando não a morte mas a salvação de todos os pecadores, estava resolvido a conceder a Savonarola o perdão fraternal se ele se mostrasse arrependido da sua desobediência.

O monge ergueu os olhos e disse:

— *Messer*, dizei-me francamente: o papa acredita em Deus?

Ricardo não respondeu, como se não tivesse compreendido ou não quisesse responder a uma pergunta importuna; retomou o fio do seu discurso, dando a entender que o mais alto grau da hierarquia espiritual, o chapéu cardinalício, estava ao alcance de Girolamo, se ele se submetesse, e, inclinando-se para o frade, afagou-lhe a mão com os dedos e acrescentou com um sorriso insinuante:

— Bastará da vossa parte uma simples palavra, irmão Girolamo, e o chapéu vermelho será vosso!

Savonarola fixou o seu interlocutor com um olhar duro e impassível e disse lentamente:

— E o que acontecerá, *messer*, se eu não me submeter, nem me calar. Que acontecerá se o frade imprudente repelir a honra da púrpura romana, e, sem se deixar seduzir pelo vosso chapéu vermelho, continuar a guardar a vinha do Senhor, e a ladrar como um cão de guarda, que se não deixa intimidar?

Ricardo observou-o com curiosidade; depois, franzindo o rosto contemplou com ar distraído as unhas lisas e ovais como amêndoas e ajeitou os anéis. Num movimento lento, tirou da algibeira um papel e estendeu-o ao frade: era a excomunhão do irmão Girolamo Savonarola, à qual apenas faltava a assinatura do papa e o selo de chumbo dos Pontífices.

Savonarola era nesta bula apelidado pelo papa de «filho de perdição», e de «o mais desprezível dos insetos», *nequissimus omnipedum.*

— Esperais a minha resposta? — disse o frade depois de ter lido o papel.

O secretário inclinou afirmativamente a cabeça, sem responder.

Savonarola ergueu-se e, arremessando a bula pontifical, amarrotada, aos pés do legado, exclamou:

— Eis a minha resposta! Ide a Roma, e dizei que aceito o desafio do papa, do Anticristo. Vamos ver se é ele que me excomunga, ou se serei eu que sairei vencedor deste pleito!

Nesta ocasião, a porta da cela entreabriu-se mansamente e frei Domenico espreitou. Ouvira a voz sonora do prior e tinha vindo ver o que se passava. Atrás dele, os frades acorriam pressurosos.

Ricardo, várias vezes já, lançara para a porta olhares inquietos; friamente, delicadamente, observou:

— Permito-me observar-vos, irmão Girolamo, que a nossa entrevista é estritamente secreta...

Então, Savonarola levantou-se, aproximou-se da porta, que escancarou, e disse em voz alta:

— Escutai! Ouvi todos, porque não é apenas a vós, meus Irmãos, mas a todo o povo de Florença, que eu quero desmascarar o infame suborno: propõem-me escolher entre a purpura cardinalícia e a excomunhão!

Os seus olhos encovados brilhavam como carbúnculos, a sua maxila inferior, disforme, de prógnata, avançava ainda mais numa expressão de raiva e de orgulho imenso, que a faziam tremer.

— Chegaram finalmente os dois! Vou levantar-me contra vós, cardeais e prelados romanos, como me tenho levantado contra os pagãos! Vou dar a volta à chave dessa fechadura, e hei de abrir o cofre abominável da vossa Roma vil e orgulhosa: e o fétido que se vai exalar será tal que o povo morrerá envenenado! Hei de dizer-vos palavras que vos farão perder a cor; o mundo oscilará nos seus alicerces, e a Igreja de Deus, que vós assassinastes, ressuscitará do meio dos mortos. Não preciso nem das vossas mitras nem dos chapéus cardinalícios! Ó Senhor! Concedei-me o único chapéu que eu ambiciono a gorra escarlate da morte, a coroa ensanguentada dos mártires!

Caiu de joelhos soluçando, e estendendo as mãos exangues para o crucifixo.

Ricardo, aproveitando o momento de confusão geral, esgueirou-se subrepticiamente para fora da cela e afastou-se apressado.

III

Entre os frades que escutavam frei Girolamo, estava o noviço Giovanni Beltraffio. Quando todos se dispersaram para voltar às suas ocupações, ele desceu juntamente com eles a escadaria até à entrada principal do convento e procurou um local seu favorito, no claustro, sempre sossegado e deserto àquela hora do dia.

No pátio cresciam loureiros, ciprestes e havia maciços de rosas de Damasco, a cuja sombra Savonarola gostava muitas vezes de pregar: uma lenda corria que os próprios anjos vinham de noite regar estas roseiras.

O noviço abriu a Epístola de S. Paulo aos Coríntios e leu:

«Não podeis beber o cálice do Senhor, e o cálice dos demónios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor, e da mesa dos demónios.»

Levantou-se, começou a passear no claustro, rememorando todas as ideias e sensações que tinham ocupado o seu espírito durante o ano decorrido, desde a sua entrada para o convento.

Ao princípio, sentiu uma grande doçura espiritual só ao pensar que se encontrava entre os discípulos de Savonarola. Às vezes, de manhã, frei Girolamo levava-os de passeio para fora dos muros da cidade. Por um estreito caminho, abrupto, que parecia conduzir ao céu, atingiam as alturas de Fiesole, donde se entrevia Florença, na planície do Arno. O prior sentava-se no chão, na relva florida de violetas e lírios. Ciprestes ainda novos, aquecidos pelo sol, deixavam escorrer a sua resina, cujo aroma embalsamava o ambiente. Os frades deitavam-se aos pés do prior; uns, entrançavam coroas, conversavam, dançavam ou brincavam como crianças; outros, tocavam violino ou viola, assim como os anjos representados por Fra Angélico nos frescos.

Savonarola nem lhes dava lições, nem prédicas, simplesmente lhes dizia palavras carinhosas e amigas e chegava mesmo a brincar e a rir com eles. Giovanni, ao contemplar o sorriso que lhe iluminava o rosto nessas ocasiões, parecia-lhe que, nesse bosque deserto, cheio de música e canções, nessa altura de Fiesole, envolvida pelo céu azul ele e os seus companheiros eram como os eleitos de Deus no Paraíso,

Do alto da colina, Savonarola contemplava com enternecimento a cidade que a manhã revestia duma ténue neblina tal uma mãe cobrindo o filho adormecido. Os carrilhões dos sinos distantes ressoavam doces como as frases entrecortadas duma criança mal desperta. E durante as noites de verão, quando os pirilampos cintilavam como velas levadas por anjos invisíveis, Savonarola, sentado à sombra perfumada das rosas de Damasco, no pátio de S. Marcos, falava aos frades desse amor imenso e divino que deixara estigmas de sangue e abrira feridas semelhantes às chagas do Senhor, perfumadas por rosas, sobre o corpo de Catarina de Siena.

Deixai-me inebriar da dor das feridas,
E regozijar-me de divina paixão,

Da paixão do Teu filho sobre a Cruz!

cantavam os frades. E Giovanni teria querido que o milagre a que se referia Savonarola se realizasse na sua pessoa, e que os raios de fogo caídos do cálice das Santas Hóstias marcassem sobre o seu corpo, como um ferro em brasa, a forma de uma Cruz.

— *Gesu, Gesú, mio amore!* — suspirava ele num êxtase de ternura.

Um dia, Savonarola, como fazia muitas vezes com outros noviços, enviou-o a tratar dum doente à vila Carreggi, a duas léguas de Florença, na vertente meridional das colinas Uccellato. Fora ali que habitara, durante muito tempo, Lourenço de Médicis. Numa das salas do castelo, deserto e silencioso, iluminado de fraca luz sepulcral, Giovanni viu um quadro de Botticelli, o nascimento de Vénus. Branca e nua como um lírio aquático, parecia exalar a frescura salina do mar, deslizando sobre as águas, de pé, numa concha de nácar. A pesada cabeleira loira caía, envolvendo-lhe o corpo, como se as madeixas aneladas fossem serpentes. Com um gesto pudico, tentava envolver-se nelas, para encobrir a nudez. O magnífico corpo respirava a sedução do pecado, ao passo que os lábios inocentes e os olhos infantis pareciam velados por uma estranha tristeza.

O rosto da deusa pareceu a Giovanni ser já seu conhecido. Contemplou-a muito tempo; lembrou-se então que aqueles olhos de criança que pareciam ter chorado, que aqueles lábios virginais com uma expressão de sobre-humana angústia, ele já os tinha visto num outro quadro de Botticelli, que representava a Virgem Maria. Baixou os olhos e abandonou a vila.

Ao entrar em Florença, por uma estreita ruela, viu no recôncavo duma parede um velho crucifixo e ajoelhou para rezar e afastar as tentações. Do jardim, do outro lado do muro sob um roseiral, que devia formar como que um berço sombreado e perfumado, vinham os sons duma mandolina, e alguém soltou um grito assustado:

— Não, não, deixa-me...

— Meu amor — respondia outra voz. — Minha querida! *Mio amore!*

A mandolina caiu, sem dúvida, porque se ouviram as cordas vibrando; depois, ouviu-se o ruído dum beijo.

Giovanni ergueu-se bruscamente, repetindo: «*Gesú, Gesú!*»

«Até aqui», pensou. «Até aqui... Sob o olhar da Madona, no meio do perfume das rosas, que dão sombra ao crucifixo... sempre, por toda a parte «*l'amore*», por toda a parte...»

Tapou o rosto com as mãos e afastou-se como quem procura escapar a uma obsessão perturbadora.

Chegado ao mosteiro, Giovanni contou a Savonarola tudo o que lhe tinha acontecido. O prior aconselhou-lhe, como fazia sempre em casos semelhantes, a combater Satanás por meio de jejuns e de orações. O noviço tentou explicar-lhe que não era o demónio da concupiscência carnal que o tentava, mas sim o da beleza pagã e espiritual. O frade, admirado, não o compreendia. Com voz severa, observou-lhe que, nos falsos deuses, não há mais do que orgulho e luxúria, e que a beleza consiste unicamente e reside apenas nas virtudes cristãs.

Giovanni deixou-o com o espírito ainda perturbado. Nesse dia, o demónio da tristeza e da inquietação tomou posse dele.

Outra vez, Savonarola falara-lhe de pintura; só a compreendia como meio de edificação, e não a admitia senão quando dava origem a pensamentos salutares. Por isso considerava como uma obra agradável a Deus a destruição de todos os quadros profanos que existiam em Florença.

Savoranola tinha ideias análogas a respeito da ciência. «Aquele que pensa que a lógica e a filosofia confirmam a verdade da fé, é estúpido e ignaro. A luz brilhante não precisa da ajuda das luzinhas! A sabedoria de Deus não se preocupa com a do homem! Os apóstolos e os mártires nunca conheceram nem a lógica nem a gramática. Uma velha analfabeta, rezando com fé diante duma sagrada imagem, está mais perto de Deus que todos os sábios e eruditos.»

Ao ouvir o frade amaldiçoar as seduções da arte e da ciência, Giovanni pensava nas palavras do seu antigo mestre: «Quem sabe pouco, não pode amar muito. Um grande amor é filho dum grande conhecimento.» Lembrava-se da conversa espiritual de Leonardo, do seu rosto tranquilo, dos seus olhos frios e do sorriso impregnado duma atraente sedução.

Não se esquecera dos frutos terríveis da árvore envenenada nem da aranha de ferro nem da máquina que produzira a ascensão do Santo Cravo, nem dos ouvidos de «Denis», nem do rosto do Anticristo, transparecendo por baixo do de Cristo. Mas também pensava que, possivelmente, era ele que não lograra encontrar o núcleo inicial donde partem todos os fios e em que se resolvem todas as contradições.

Era assim que Giovanni pensava durante o ano que tinha passado em S. Marcos. Enquanto passeava sob a arcada do claustro, a noite caíra e tudo escurecera. Um fraco toque das ave-marias chamou os frades, que se dirigiram para a igreja, numa longa fila silenciosa.

Ao voltar à sua cela, Giovanni deitou-se.

De manhã, teve um sonho; viu-se sentado, ao lado de Monna Cassandra, sobre um bode negro que fendia os ares. «Vamos ao *sabbat* das feiticeiras», dizia ela, aproximando do seu o rosto branco como o mármore. Via-lhe os lábios vermelhos como o sangue e os olhos transparentes como o âmbar. Reconheceu nela a diabinha branca. O plenilúnio iluminava-lhe o corpo nu, que rescendia com tão doce aroma que os dentes de Giovanni se entrechocavam. Tomou Cassandra entre os braços e aproximou-a do coração. «*Amore! Amore mio!*», suspirava ela, rindo; e o velo negro do bode estendia-se sob eles como um leito ardente e macio. Parecia-lhe que a pouco e pouco ia mergulhando no abismo da morte.

IV

O sol, o repicar dos sinos e um ruído de vozes juvenis, acordaram Giovanni. Desceu ao pátio e viu uma turba de crianças, vestidas de branco, empunhando ramos de oliveira e pequenas cruzes vermelhas. Eram os filiados do Santo Exército dos Inquisidores, criado por Savonarola para manter a pureza dos costumes em Florença.

Rapazes e meninas, dos sete aos catorze anos, vinham alistar-se espontaneamente quando não eram requisitados aos pais. Formavam diversos destacamentos; deviam apreender tudo o que vissem de suspeito ou culpável nas habitações; denunciar aqueles que jogassem aos dados e blasfemassem ou não rezassem. Deviam além disso indicar os locais onde estivessem escondidos quadros profanos ou livros proibidos. Apoderavam-se de todos esses objetos ímpios, destruíam as estátuas, rasgavam os livros, e transportavam para o mosteiro todos esses destroços, a fim de serem queimados. O comandante deste Santo Exército era um rapaz de catorze anos, pálido e magro, chamado Federici. A *troupe* percorria as ruas guiada pelos frades e protegida pela polícia da cidade.

Quando Giovanni chegou, as fileiras romperam-se e inúmeras mãozinhas começaram a agitar as cruzes e os ramos de oliveira; vozes agudas entoaram um cântico em honra de Savonarola, que nesse momento fazia também a sua aparição no pátio.

— *Lúmen ad revelationem gentium et gloriam plebis Israel.*

As raparigas rodeavam o frade lançando-lhe flores primaveris e violetas; ajoelharam-se e beijaram-lhe os pés.

Aos raios do sol matinal, o frade silencioso e sorridente abençoava-as:

— Viva Cristo, Rei de Florença! Viva a Virgem Maria, a nossa Rainha! — gritavam as crianças.

— Em forma! Avançar! — ordenaram os pequenos comandantes.

A música tocou, os estandartes desfraldaram-se e os regimentos puseram-se em marcha.

O «Auto de Fé das vaidades» — *Bruciamento delle vanità* — devia realizar-se esse dia, na praça da Senhoria, em frente do Palazzo Vecchio. O Santo Exército ia pela última vez percorrer Florença e recoltar objetos sacrílegos, «as vaidades», para serem queimados.

V

Quando todos partiram, Giovanni viu chegar *messer* Cipriano Bonnaccorsi, o cônsul de Galimala. Foi ao seu encontro e durante alguns momentos estiveram conversando. *Messer* Cipriano contou-lhe que Leonardo da Vinci tinha sido encarregado pelo duque de Milão de vir a Florença, para comprar as obras de arte dos palácios saqueados pelo Santo Exército. Também acabava de chegar, com o mesmo fim, Giorgio Merula, que, depois de ter passado dois meses na prisão, fora agraciado pelo duque, devido às diligencias de Leonardo.

O mercador pediu a Giovanni para o acompanhar até junto de Savonarola; e dirigiram-se os dois à cela do prior.

Entre portas, Beltraffio escutou a conversação que se entabulou entre eles.

Primeiramente, *messer* Cipriano ofereceu vinte e dois mil florins de oiro por todos os livros, estátuas, quadros e outros tesoiros artísticos, que deviam nesse dia ser lançados à fogueira. O frade recusou.

O mercador refletiu demoradamente e ofereceu mais oito mil florins.

O prior nem sequer respondeu; o seu rosto mantinha-se severo e impassível.

Então, Cipriano, depois de ter engolido várias vezes em seco, tapou os joelhos com as abas da sua velha peliça de raposa, e, piscando os olhos, disse mansamente, numa voz que se esforçava por tornar agradável:

— Irmão Girolamo, vou arruinar-me, e ofereço-vos tudo quanto possuo, quarenta mil florins!

Savonarola ergueu então os olhos para ele e perguntou-lhe:

— Se realmente vos arruinais neste negócio, sem mira em nenhum interesse, porque o tomais tão a peito?

— Nasci em Florença, e tenho amor a esta terra — respondeu o mercador com simplicidade, — não gostaria que estrangeiros pudessem um dia dizer que nós, semelhantes aos bárbaros, destruímos as obras inofensivas dos artistas e dos sábios.

O monge olhou-o com espanto e disse:

— Ó meu filho, que pena tenho que tu não ames a tua pátria celeste, como dizes que amas a tua pátria terrena!... Mas consola-te; o que hoje vai ser lançado à fogueira merece bem esse destino, porque as coisas más e criminosas nunca podem ser belas, são os próprios sábios que o dizem.

— Tendes a certeza, meu pai — redarguiu Cipriano, — que as crianças possam com infalibilidade distinguir o bem do mal, nas produções da arte e da ciência?

— A verdade sai das bocas das crianças — replicou o frade. — Se vos não converteis e vos não tornais como elas, não podereis entrar no Reino dos Céus. O Senhor disse: «Hei de destruir a sabedoria dos sábios e repelirei a razão dos pensadores.» Rezo de dia e de noite por esses inocentes, a fim de que lhes seja revelado, por dom do Espírito Santo, aquilo que a inteligência não compreenda, no que respeita às vaidades da arte e da ciência.

— Peço-vos encarecidamente que reflitais! — concluiu o cônsul, erguendo-se. — Talvez uma parcela deste dinheiro...

— Não gasteis em vão mais palavras, *messer* — interrompeu frei Girolamo; a minha decisão é irrevogável.

Cipriano mordeu de novo os lábios descorados e murmurou algumas palavras entre os dentes, de que Savonarola só ouviu a última:

— Loucura!

— Loucura! — repetiu, e os seus olhos fuzilaram. — E o Velo de Oiro dos Bórgias, que aparece nas festas ímpias do Vaticano, não é uma loucura? E o Sagrado Cravo, erguido por meio de uma máquina diabólica, para a glória de Deus, pelo usurpador do trono, Ludovico, o assassino, não é uma loucura? Loucura é a vida impura que se leva hoje! Loucura e sacrilégio são o vosso culto pela beleza pagã!

VI

Ao sair da cela de Savonarola, Giovanni dirigiu-se à praça da Senhoria. Os membros do Santo Exército percorriam as ruas gritando:

— Abaixo as vaidades, os objetos sacrílegos, os adornos profanos!

Detinham as mulheres vestidas com elegância e obrigavam-nas a despojar-se das suas riquezas e adereços.

Nesse dia, um dos destacamentos, sob a direção do pequeno Dolfo, um jovem de treze anos, dirigiu-se ao palácio dos Médicis, a fim de executar a sentença de Deus sobre as seduções da ciência e das artes. Rebuscavam por toda a parte as «vaidades» ajudados pelo Espírito Santo.

Em baixo, na rua, estacionava uma carroça para onde eram lançados todos os artigos condenados: quadros de mestres, retratos, estátuas, esculturas, livros preciosamente encadernados, enfim, tudo quanto lhes caía na mão.

Giovanni contemplava cheio de tristeza este vandalismo que se encarniçava sobre tão grandes preciosidades, sobre o que a arte e a ciência tinham criado de mais belo!

VII

Em frente da torre elegante e severa do Palazzo Vecchio, ao lado da galeria de Orcagna, estava preparada a pira para o auto de fé. Tinha a forma duma pirâmide octaédrica, rodeada por quinze degraus; a altura era de trinta côvados, e media mais de cem de largura.

No primeiro degrau estavam amontoados e misturados os mais variados acessórios carnavalescos: máscaras de histriões, fatos, cabeleiras, barbas postiças, etc.; nos três degraus seguintes, os livros sacrílegos ou demasiado ousados, a começar por Anacreonte e Ovídio e a acabar no Decameron, de Boccacio e em Morganti, de Pulci; por cima, acumulavam-se os artigos de elegância e arrebique, como os cremes, os perfumes, as borlas as limas de unhas, as pinças de epilar e os ferros de frisar; mais alto ainda, os cadernos de música e os saltérios, as mandolinas os baralhos de cartas, os tabuleiros de xadrez, as bolas e toda a casta de divertimentos e frivolidades de que o Demónio se serve para se franquear passagem no coração fraco dos homens. Apareciam ainda mais acima os quadros libertinos, os desenhos e retratos de lindas mulheres e ainda bustos de cera e de madeira dos deuses do paganismo, dos heróis e dos filósofos. Coroando tudo, como um enorme espantalho, uma figura representava o Diabo, o primeiro progenitor das «vaidades» e «sacrilégios», cheio de enxofre e de pólvora, horrendamente pintado, felpudo, com pés de bode e pretendendo assemelhar-se ao antigo deus Pã.

A tarde caía; o ar estava frio, seco e dir-se-ia sonoro; no céu brilhavam as primeiras estrelas. Na praça, a multidão agitava-se e sussurrava devotamente, como na igreja.

No crepúsculo, os frades iam e vinham, semelhantes a sombras, ocupando-se dos últimos preparativos. O irmão Domenico Buonvicini, ordenador-geral, viu aproximar-se um homem ainda novo, com muletas, provavelmente atacado de paralisia. As mãos e as pernas tremiam-lhe, tinha as pálpebras descidas, e uma convulsão, semelhante ao bater de asas dum pássaro ferido, contraía-lhe por vezes o rosto. Entregou ao monge um grande rolo de papéis.

— O que é? — perguntou Domenico. — Mais desenhos?

— Anatomias de corpos nus, que acabo de encontrar no sótão duma casa vizinha.

O frade pegou no rolo e disse com um sorriso quase jovial:

— Devem arder muito bem na nossa fogueira!

O homem das muletas contemplou a pirâmide dos «sacrilégios» e das «vaidades» e suspirou:

— Ó meu Deus, meu Deus! Perdoai aos pecadores. Sem a intervenção do padre Girolamo, morreríamos todos em pecado de impureza. E quem sabe se ainda chegaremos a tempo, e se as nossas preces conseguirão resgatar os nossos pecados?!

Benzeu-se e começou a murmurar ladainhas, desfiando um rosário.

O sofrimento de Giovanni ao ver e ao ouvir tudo isto, ia-se tornando cada vez mais intenso.

Na obscuridade, os filiados do Exército dos Inquisidores; avançavam silenciosos, vestidos de compridas túnicas brancas e empunhando cada um uma figura representando Jesus, que mostrava com uma mão a coroa de espinhos, e ia com a outra abençoando o povo. Atrás seguiam os frades, a cleresia, os gonfaloneiros, os membros do Conselho dos Oitenta; os cónegos, os professores e os doutores em teologia; os cavaleiros, os trombeteiros e os alabardeiros.

Um silêncio de morte, como o que precede as execuções, reinava entre a multidão.

Na praça, em frente do velho palácio, apareceu Savonarola, elevando bem alto um crucifixo, e pronunciou com voz solene e sonora:

— Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, acendei a fogueira!

Quatro frades aproximaram-se da pirâmide com archotes de resina inflamados e puxaram-lhe fogo.

A chama crepitou, desenvolvendo primeiro uma fumarada cinzenta, e depois negra. As trombetas ressoaram. Os monges entoaram *Te Deum Laudamus*. As vozes frescas das crianças responderam:

— *Lumen ad revelationem gentium et gloriam plebis Israel*.

Ouviram-se os sinos da torre do castelo e, a seguir, como respondendo a este chamamento, repicaram também os de todas as igrejas de Florença.

As chamas avivavam-se. As antigas folhas de pergaminhos encarquilhavam-se e iam-se consumindo lentamente, como se uma vida misteriosa as animasse até ao fim. Do primeiro degrau, onde se amontoavam os artigos de Carnaval, voou uma barba, como um floco ardente. A multidão soltava invetivas.

Uns rezavam, outros choravam; estes, riam, saltavam, agitavam as mãos e os chapéus; aqueles, profetizavam.

— Cantai um novo hino ao Senhor! — exclamou um sapateiro coxo, com um olhar de louco. — Tudo se desmorona, irmão, tudo arderá, tudo se consumirá completamente, como estas «vaidades», e todas estas impurezas, no fogo purificador; tudo, tudo, a Igreja, as leis, as potências, os reinos, as artes, as ciências, e não ficará nada até que seja de novo criado um novo Céu e uma nova Terra! Então, Deus secará todos os prantos dos nossos olhos, não mais haverá morte, nem choros, nem penas, nem doenças! Oh! Suplico-te, vem, Senhor Jesus!

Uma mulher nova, grávida, com um rosto pálido de mártir, sem duvida mulher dum pobre operário, caiu de joelhos e, estendendo as mãos para a fogueira, onde o Cristo lhe aparecia na sua glória rompeu em soluços, como uma possessa e gritou:

— Vem, Senhor Jesus! Vem! Ámen, ámen.

VIII

Giovanni viu um quadro que a fogueira iluminava mas que ainda não atingira; era uma obra de Leonardo da Vinci.

Junto das águas sombrias dum lago, na montanha, um cisne gigantesco envolvia com as suas asas uma branca Leda. Com a cabeça levantada, enchia o Céu deserto e a Terra do seu grito de amor triunfante; aos pés de Leda, no meio das plantas, dos animais e dos insetos aquáticos, rodeados de larvas e de sementes, numa obscuridade tépida e húmida, vagiam os gémeos recém-nascidos, Castor e Polux, acabados de sair da casca dum enorme ovo. Leda, no esplendor da sua nudez, e lançando um olhar de admiração aos filhos, apertava o pescoço do cisne com um sorriso simultaneamente apaixonado e cândido.

Giovanni via as chamas avançar sempre em direção ao quadro e o seu coração apertava-se de terror.

Nesta ocasião, os frades levantaram no meio da praça uma grande cruz negra. Depois, dando-se as mãos, dispuseram-se em três filas, em honra da Santíssima Trindade, e, para celebrar a alegria espiritual dos fiéis, em face da fogueira das «vaidades», começaram a andar de roda da cruz, primeiro devagar, depois acelerando os movimentos, até correrem a toda a velocidade, cantando:

Humilhai-vos ao Senhor,
Dançai, dançai, sem vergonha,
Como dançou o Rei David!...
Erguendo as nossas sotainas,
Dancemos sem ter parança
Esta dança.

Inebriados de amor
Pelo sangue do Senhor,
Que está escorrendo da Cruz,
Numa loucura ruidosa,
Dancemos, doidos, dancemos,
Glorificando a Jesus!

Uma vertigem apossou-se dos espetadores; os pés e as mãos de todos começaram a agitar-se espontaneamente, e de súbito, saindo dos seus lugares, crianças velhos e mulheres, todos se precipitaram para a ronda enraivecida. Um velho frade calvo e vermelhusco, ao dar um passo em falso, escorregou, caiu e quebrou a cabeça; o sangue correu. A custo, conseguiram retirá-lo de sob os pés da multidão, que inconscientemente o ia esmagando. O reflexo escarlate da fogueira ao morrer iluminava os rostos desfigurados dos assistentes. O crucifixo, centro imóvel daquele louco rodopio, projetava uma sombra imensa, sinistra.

Agitando as nossas cruzes,

Dancemos, dancemos sempre,
Como o Rei David dançou.
Sempre à roda, sempre à roda.
Nesta dança sem igual,
Celebrando o Carnaval!

As chamas tinham, finalmente, atingido a «Leda», lambido com as línguas vermelhas o seu branco corpo, e esse reflexo ardente emprestava-lhe uma nova vida que a tornava mais misteriosa e mais bela.

Giovanni estava pálido e trémulo.

O grande espantalho com a figura do Diabo, suspenso por cima da fogueira, ardia também. O ventre cheio de pólvora explodiu com um estrondo ensurdecedor. Um ramalhete de faíscas subia para o céu. O monstro baloiçou-se lentamente por cima do braseiro, inclinou-se e caiu por fim, dispersando-se em carvões que se consumiram sem chama.

Novamente as trombetas e os címbalos ressoaram. E os sinos ouviram-se outra vez. A multidão começou a soltar gritos furiosos de triunfo como se o próprio Satanás tivesse morrido sobre a fogueira sagrada, e com ele toda a dor, todo o pecado e toda a iniquidade do mundo.

Giovanni, horrorizado, escondeu o rosto entre as mãos e quis fugir, mas nessa ocasião alguém o reteve; uma mão pousara-lhe no ombro, e, ao voltar-se, encontrou-se frente a frente com o rosto calmo do seu antigo mestre.

Leonardo tomou-lhe o braço e conduziu-o para fora da multidão.

IX

Ao saírem da praça, coberta de espessa fumarada sufocante e iluminada ainda pelas últimas claridades da fogueira moribunda, enveredaram por uma escura viela que conduzia ao Arno. Ali reinava a paz e a solidão; apenas se ouvia o marulhar das águas. O crescente da Lua iluminava as colinas prateadas pela geada. As estrelas cintilavam distantes e melancólicas.

— Porque me deixaste, Giovanni? — perguntou Leonardo.

O jovem ergueu a cabeça, quis responder qualquer coisa, mas os lábios tremeram, a voz sumiu-se e começou a chorar.

— Perdoai-me, mestre...

— Realmente tu não tens culpa — retorquiu Leonardo.

— Eu não sabia o que fazia — disse então Beltraffio. — Como pude eu, meu Deus, como pude eu deixar-vos?

A sua vontade era contar ao mestre as suas intoleráveis inquietações a respeito do cálice do Senhor e do cálice do Demónio, a respeito de Cristo e do Anticristo, mas suspeitava que Leonardo o não compreenderia; e, assim, limitou-se a contemplá-lo com uma expressão de súplica desesperada. Os olhos de Leonardo, serenos como sempre, davam a impressão de estar distantes como as estrelas.

O mestre não o interrogou, pousou-lhe simplesmente a mão sobre a cabeça e disse-lhe com um sorriso repassado de bondade:

— Que Deus te proteja, meu filho! Tu sabes que eu sempre te estimei como filho. Se queres vir novamente comigo e tornar a ser meu aluno, receber-te-ei com alegria!

E, como se falasse consigo mesmo, naquele laconismo enigmático e confuso que lhe era habitual, quando exprimia os seus pensamentos mais íntimos, acrescentou numa voz quase indistinta:

— Quanto mais forte é o sentimento, maior é a dor!

O som dos sinos, o canto dos frades, os gritos delirantes da multidão, ouviam-se ainda ao longe, mas não perturbavam já o silêncio e a calma espiritual que envolviam o mestre e o discípulo.

CAPÍTULO VIII
Idade de Oiro

(1496-1497)

Tornerá l'étà dell'oro,
Cantiam tutti: viva il Moro!
Bellincioni.

I

No fim do ano de 1496, a duquesa de Milão, Beatriz, escrevia uma carta a sua irmã Isabel, mulher do marquês Francisco Gonzaga, o vencedor de Mântua. A carta dizia assim:

«Ilustríssima Madona, e irmã muito querida: meu marido e Senhor, Luís e eu desejamo-vos boa saúde, bem como a vosso muito ilustre esposo Francisco.

Satisfazendo o vosso pedido, envio-vos o retrato do meu filho Maximiliano. Peço-vos apenas que o não julgueis tão pequeno como o retrato. Pensámos primeiro enviar a Vossa Senhoria o retrato em tamanho natural, mas a ama advertiu-nos que isso podia impedir o seu crescimento. Ele cresce realmente duma maneira tão notável, que, se estou alguns dias sem o ver, encontro tais progressos que me envaidecem.

Tivemos ultimamente um grande desgosto: *Nanino* morreu. Vós, que igualmente o conhecestes e o amastes, compreendereis toda a minha dor, pois que, se eu tivesse perdido qualquer coisa que se pudesse substituir, facilmente me consolaria, mas a Natureza não faz outra vez um ser equivalente ao nosso *Nanino*.

O poeta Bellincioni, na sua elegia, disse que, se a sua alma foi para o Céu, fará rir todo o Paraíso, mas, se foi para o Inferno, «Cérbero» não diz nada, não ri, mas está divertido. Enterrámo-lo na cripta de Santa Maria das Graças, ao lado do nosso querido falcão e da nossa inolvidável cachorra *Fontina*, para que depois da morte estas queridas criaturas não estejam longe de nós. Chorei durante duas noites e o meu senhor Ludovico, para me consolar, prometeu dar-me, como presente de Natal, uma linda cadeira de prata maciça coberta de oiro, para alívio do corpo. Ludovico queria que o artista florentino Leonardo da Vinci adaptasse a esta cadeira uma caixa de música, mas Leonardo recusou, pretextando estar muito ocupado na execução de outros trabalhos.

Perguntais-me, querida irmã, se vos poderia ceder este artista durante algum tempo. Com prazer satisfaria o vosso desejo, e vo-lo enviaria até definitivamente. Mas, não sei porquê, *messer* Ludovico afeiçoou-se-lhe de tal maneira que por coisa nenhuma neste mundo consentiria em separar-se dele. Não vos desgosteis muito por isto; Leonardo dedica-se demasiado à alquimia, à mágia, à mecânica e a outras fantasias, além da pintura; e é de tal maneira moroso na satisfação do que se lhe encomenda, que faz perder a paciência a um anjo.

Além disso, é, segundo dizem, ateu e herege.

Ultimamente, tivemos uma caçada aos lobos. Mas eu não pude ir, pois já me proíbem de montar a cavalo, devido ao estado da minha gravidez.

Presentemente, divertimo-nos como podemos. Jogamos as cartas, patinamos; esta última distração foi-nos ensinada por um jovem fidalgo flamengo. O inverno tem sido muito rigoroso: não só os poços mas até os rios estão gelados.

No parque do palácio, Leonardo esculpiu, na neve branca e dura como o mármore, uma soberba «Leda» com o seu cisne. Que lástima que tão linda obra se derreta na primavera!

E vós, querida irmã, como passais? Conseguistes apurar a raça de gatos de pelo comprido? Se tiverdes algum gatinho ruivo, de olhos azuis, enviai-mo com a pretinha prometida! Da minha parte, mandar-vos-ei as crias da minha cadela sedosa.

Peço-vos muito que não vos esqueçais de me enviar o molde do gibão de cetim azul! Já vo-lo pedi na minha carta anterior. Fazei por remetê-lo o mais breve possível: amanhã, se houver um correio especial.

Enviai-me, pelo mesmo, o frasco do vosso preparado tão eficaz contra as borboletas, e também um pouco da madeira exótica para polir as unhas...

O nosso astrólogo prediz para breve uma guerra, e vaticina um verão muito quente; haverá muitos cães danados e os soberanos não se entenderão. E o que diz o vosso? Em geral, acreditamos mais nos astrólogos alheios do que no próprio.

Aqui junto encontrareis para o vosso glorioso esposo e Senhor Francisco, a receita do doutor Luís Marliani, contra o «mal francês». Dizem que é muito eficaz; e necessário fazer as fricções mercuriais, pela manhã, em jejum, nos dias ímpares a seguir à Lua nova.

Ouvi dizer que esta doença se contrai no momento da conjunção doentia dos planetas Vénus e Mercúrio.

Eu e meu esposo Ludovico recomendamo-nos à vossa benévola estima, minha querida irmã, assim como à do vosso mui ilustre marido, o marquês Francisco.

Beatriz Sforza.»

II

Esta missiva, na sua aparente simplicidade, estava cheia de política e de simulação. A duquesa ocultava à irmã os seus desgostos íntimos. A paz e a harmonia, que, segundo a carta, pareciam reinar entre os esposos, não existiam de facto. Beatriz detestava Leonardo, não pela sua heresia e ateísmo, mas porque, outrora, tinha pintado, por ordem do duque, o retrato de Cecília Bergamini, a célebre amante do Mouro, e a sua rival mais detestada.

Havia já tempo que tivera também conhecimento da nova paixão do marido por uma das suas donzelas da corte, Lucrécia Crivelli, e isso enchia-a de furor. O duque de Milão atingia então o apogeu do seu poderio. Filho do soldado-bandido Francisco Sforza, antigo mercenário românico, (3) Ludovico sonhava tornar-se soberano autocrata de toda a Itália unificada.

«O papa, dizia vaidosamente o Mouro, é o meu confessor; o Imperador — o meu general em chefe; a cidade de Veneza — o meu erário, e o rei dos franceses — o meu postilhão.»

Assinava-se *Ludovicus Maria Sfortia Anglus dux Mediolani*, fazendo assim subir a sua ascendência até ao nobre herói troiano, companheiro de Eneias.

O *Colosso*, esse monumento erigido à memória de seu pai, obra-prima de Leonardo, de que Ludovico se orgulhava com razão, — não tinha a legenda: «*Ecce Deus!*» atestando assim a divindade dos Sforza.

No entanto, a felicidade de Ludovico era muitas vezes perturbada por secretos alarmes. Sabia bem que o povo não o amava, considerando-o como um usurpador.

Um dia, a multidão, tendo entrevisto de longe a viúva do falecido duque João Galeas com o primogénito Francisco, gritara: «Viva Francisco, o duque legítimo!» Este tinha então oito anos, mas era já notável a viveza do seu espírito e a sua extraordinária beleza. O povo desejava veementemente tê-lo um dia como soberano.

Beatriz e o Mouro verificavam assim que a morte de Galeas não correspondera às suas esperanças, e que a sombra do defunto se erguia do túmulo, na pessoa dessa criança.

Havia já algum tempo que Beatriz perdera aquele encanto e petulância infantis que tanto agradavam ao duque. A aproximação do novo parto era para ela motivo dos mais sinistros pressentimentos.

(3) A România era a província dos antigos estados romanos, que tinha por capital Ravena.

III

No primeiro do ano de 1497, realizava-se no castelo dos Sforza um grande baile.

Os preparativos duravam havia três meses, tendo colaborado neles Bramante e Leonardo da Vinci.

Às cinco horas da tarde, começaram a chegar os convidados, que eram mais de dois mil.

A tempestade varria estradas e caminhos. Sob o céu nublado, as muralhas ameadas, as torres, os abrigos dos canhões, os bastiões da fortaleza, tudo estava coberto de neve. No pátio, brilhavam fogueiras, em roda das quais os palafreneiros, os batedores, os portadores de cadeirinhas, se aqueciam galhofando alegremente.

À entrada do palácio ducal, e até às balaustradas de ferro forjado que rodeavam o pátio interior do pequeno Palácio Rocchetti, enfileiravam os grandes coches doirados, de onde desciam damas e cavalheiros envoltos em sumptuosas peliças russas. Os vidros gelados das janelas resplandeciam.

No vestíbulo, os convidados passavam entre as duas filas da guarda pessoal do duque: mamelucos, turcos, estradiotas gregos, besteiros escoceses, e lansquenetes suíços, perfilados e empunhando pesadas alabardas. À frente destes, os pajens, elegantes e esbeltos como donzelas, ostentavam a libré de duas cores, enfeitada de penas de cisne: uma das metades da libré era em veludo cor de rosa, outra em cetim azul, com o brasão dos Sforza-Visconti bordado no peito. Empunhavam castiçais com velas de cera vermelha e amarela, semelhantes a círios.

À medida que os convivas penetravam na sala de receção, um arauto anunciava-os. O enorme palácio resplandecia; a sala vermelha de pavimento marchetado de pombas brancas, a sala doirada com os quadros das caçadas ducais, a sala purpura revestida de alto a baixo de cetim. Num pequeno mas elegante quarto negro, que servia de vestiário às senhoras, viam-se «frescos» ainda incompletos de Leonardo.

A multidão rumorejava como um enxame de abelhas. Os fatos distinguiam-se pela vivacidade e diversidade das cores e por uma riqueza muitas vezes acompanhada de acentuado mau gosto. Os tecidos que usavam as senhoras, dispostos em pregas direitas, não vergavam sequer sob a profusão de oiro e de pedras preciosas de que estavam cobertos e assemelhavam-se às vestes eclesiásticas. Eram tão sólidos e duradouros que se transmitiam de geração em geração. As damas ostentavam vastos decotes. Os cabelos, encerrados à frente numa rede de oiro, eram enrolados à moda lombarda, numa longa trança que descia até ao chão, muitas vezes à custa de postiços e fitas. A moda exigia que as sobrancelhas fossem apenas perceptíveis; e as damas que as tinham espessas epilavam-nas com pinças de aço especiais.

Deixar de empoar o rosto e de o avermelhar com cremes e pomadas, era considerado como uma inconveniência. Usavam-se os perfumes mais violentos e penetrantes: o musgo, o âmbar, a verbena, o pó de Chipre, que tornavam capitosa a atmosfera.

Entre os convidados havia donzelas e damas de rara beleza, como se não encontra senão na

Lombardia, caracterizada por essas sombras aladas, que se fundem como um vapor sobre a pele branca e pálida, e esse delicioso oval dos rostos, que Leonardo reproduzia nas suas telas.

A senhora Violante Borromeo, com os seus lindos olhos e os negros cabelos, e com o encanto irresistível de toda a sua pessoa, era a rainha do baile. Sobre a veste de veludo púrpura, estavam bordadas — aviso aos apaixonados — borboletazinhas queimando as asas numa chama.

E no entanto não era a senhora Violante quem mais atraía as atenções dos convidados, mas sim Diana Pallavicini, com os olhos frios e transparentes, com os cabelos cinerários, com o sorriso altivo e indiferente, e a sua pronúncia arrastada como o som dum violino... Estava vestida com a maior simplicidade, de damasco verde-mar e longas fitas de seda. No esplendor da festa, perpassava vaga e alheia a tudo, só e triste, como essas pálidas flores aquáticas que dormem à superfície dos tanques, sob os raios da lua.

As trombetas soaram e os convidados dirigiram-se para o salão de jogo da pela, *sala per il giuoco della palla.*

Sob a cúpula azul, em forma de abóbada e semeada de estrelas de ouro, ardiam velas de cera dispostas em cruz. Tapetes de seda, com grinaldas de loureiro, de hera e de zimbro, ornamentavam o terraço onde estava a orquestra. À hora precisa marcada pelos astrólogos (o duque, segundo dizia um embaixador, não era capaz de mudar de gibão, nem de beijar a mulher sem primeiro consultar os astros), Ludovico e Beatriz, envoltos nos mantos reais bordados a oiro, cuja longa cauda era também moda para os barões e camaristas, entraram na sala. Sobre o peito do duque brilhava, encastoado num broche, o enorme rubi que pertencera a João Galeas.

A beleza de Beatriz ia-se desvanecendo; emagrecera, o estado avançado da sua gravidez contrastava com o seu aspeto de adolescente, amástica, e com os seus gestos bruscos de rapaz.

A um sinal do Mouro, o grande senescal ergueu o cetro, dando assim o sinal à música para principiar.

Os convidados sentaram-se às mesas do festim.

IV

Houve, então, um incidente inesperado e cómico. O embaixador do grande príncipe moscovita, Danilo Marmirov, recusou sentar-se abaixo do embaixador da república de Veneza. Em vão tentaram convencê-lo. O teimoso velho a nada atendia e repetia sempre a mesma frase: «Não me sentarei, porque isso me desonraria!»

Todos o olhavam, ou irritados ou trocistas.

— Que vem a ser isto? Outra vez incidentes com os russos? Que bárbaros! Não podem ir a parte nenhuma estes selvagens!

O intérprete, o ágil e azougado Boccalino, chegou junto de Marmirov.

— *Messer* Daniel, *messer* Daniel — balbuciou em mau russo, fazendo muitas caretas e cumprimentos. — Não pode ser, é impossível! Tendes de sentar-vos, é o uso de Milão e não podeis exigir outra coisa! O duque vai, decerto, zangar-se.

Um jovem que acompanhava Marmirov e fazia parte da embaixada, Nikita Karatcharov, aproximou-se por sua vez,

— Danilo Kousmitch, paizinho, não vos revolteis! Não podemos impor os nossos costumes em país estrangeiro. Ninguém os compreenderia! E depois, que mal há? É preciso ceder, não vão forçar-nos a cobrir-nos de ridículo!

— Cala-te, Nikita, cala-te! És ainda muito novo para me dares lições! Sei muito bem o que faço. Tenho que manter a categoria que sempre ocupei! Não me assentarei abaixo do embaixador de Veneza, não posso desonrar a nossa embaixada. Está escrito: «cada embaixador representa o rosto e pronuncia as palavras do seu soberano». E nós estamos aqui representando o imperador autocrata e ortodoxo de todas as Rússias.

— *Messer* Daniel, *messer* Daniel — suplicava o intérprete Boccalino.

— Deixa-me em paz! Que estás para ai a rosnar, com esse focinho de macaco? Já disse que não me sentarei, e não me sentarei!

Sob as espessas sobrancelhas, os olhos de urso de Marmirov brilhavam de cólera, de altivez e de obstinação. A alta bengala com castão de brilhantes tremia-lhe entre os dedos convulsos. Toda a gente percebia que era impossível obrigar o irascível velho a transigir.

O Mouro chamou então o embaixador de Veneza, e com aquela amabilidade melíflua em que era mestre, prometendo-lhe a sua proteção especial, pediu-lhe como um favor particular para ceder o seu lugar ao moscovita, sanando assim a questão e evitando mais discussões. Assegurou-lhe que ninguém entre a assistência ligava importância ao amor-próprio imbecil desses selvagens. A verdade, porém, é

que Ludovico tinha necessidade de conservar as boas graças e proteção do Grão-Duque de todas as Rússias, *granduca di Rossia*, pois esperava o seu concurso para concluir uma aliança vantajosa com o Sultão.

O veneziano contemplou Marmirov com um sorriso irónico e, erguendo desdenhosamente os ombros, concordou que Sua Alteza tinha razão, e que discussões desta natureza a propósito de primazias eram indignas de pessoas civilizadas; e foi sentar-se no lugar que lhe indicavam.

Danilo Kousmitch não compreendera o discurso do seu rival. Mas se o tivesse compreendido, não se teria perturbado e continuaria a julgar-se no seu direito; ele não ignorava que dez anos atrás, em 1487, quando da saída triunfal do papa Inocêncio VIII, os embaixadores da Moscóvia, Dmitri e Manuel Ralew, tinham ocupado nos degraus do trono apostólico os lugares mais em evidencia a seguir aos senadores romanos, representantes da antiga cidade que governava o mundo.

Sem se importar com os olhares ameaçadores que lhe lançavam, Danilo, compondo o cinturão sobre o desmesurado ventre e erguendo o seu manto de arminho e de veludo escarlate, dirigiu-se para o lugar conquistado.

Um sentimento obscuro, alegre e inebriante como o hidromel, enchia a sua alma.

Nikita e o intérprete Boccalino sentaram-se juntos, no fim da mesa ao lado de Leonardo da Vinci.

O intérprete gabarola descrevia as maravilhas que vira na Moscóvia, misturando a verdade a muitas fantasias. Leonardo sempre desejoso de obter informações e de aumentar os seus conhecimentos, interrogava Karatcharov acerca desse longínquo país que tanto excitava a sua curiosidade, como tudo o que é grandioso. Interrogava-o sobre os frios rigorosos, sobre os vales infindáveis, sobre os rios caudalosos e sobre as florestas incomensuráveis da Rússia.

Neste momento, Nikita, embasbacado de admiração, contemplava um espetáculo que jamais tinha visto. Era um enorme prato representando Andrómeda nua; o corpo da heroína era constituído por delicados peitos de aves; estava amarrada a um rochedo formado por uma pasta de queijo com o seu libertador Perseu, feito de carne assada, à sua beira.

O serviço para as carnes era todo em baixelas de oiro e de prata doirada, e, para os peixes, em prata, metal que melhor corresponde ao elemento aquático. Havia limões prateados para a salada e, enfim, dominando os esturjões e as lampreias, apareceu a deusa Anfitrite, amassada dum fino puré de enguias; deslizava na sua concha de nácar sobre uma geleia verde que figurava o mar, puxada por golfinhos. A seguir vieram as sobremesas incontáveis, monumentos de maçapão, de nozes, de amêndoas, de açúcar queimado, executados segundo desenhos de Bramante e de Leonardo, e representando Hércules colhendo os pomos doirados do jardim das Hespérides, a fábula de Hipólito e de Fedora, de Baco e Ariana, de Júpiter e de Danai, enfim de todo o Olimpo ressuscitado.

Nikita contemplava todas estas maravilhas com uma curiosidade infantil, enquanto Danilo Kousmitch, perdendo toda a vontade de comer ao ver a nudez impudica das deusas, murmurava entre os dentes:

— Idolatrias pagãs! Atentados contra a Igreja!

V

O baile começou.

Danças antigas, como «Vénus e Júpiter», «O cruel destino», «Cupido», distinguiam-se pela lentidão, pois as vestes das damas eram tão compridas e pesadas que não permitiam nenhum movimento rápido. Donas e cavalheiros aproximavam-se e arrastavam-se, numa compostura cerimoniosa, trocando cumprimentos, sorrisos e suspiros.

As damas deviam mover as caudas como os pavões, e deslizar como os cisnes, de forma que os minúsculos pés, segundo a expressão dum poeta, «não andassem depressa de mais». A música era lânguida, suave, como adormecida, cheia duma ardência oprimida que lembrava a poesia de Petrarca.

Toda a gente dançava, todos se distraíam e divertiam. A duquesa, a única pessoa que estava aborrecida, saiu do salão de baile e entrou numa sala vizinha. Aí, um ilustre poeta, chegado de Roma, recitava versos; era Serafim de Aquila, cognominado o «Único», figura fisicamente insignificante, completamente glabro, mas que desfrutava dum enorme sucesso principalmente junto das damas. Desde que chegara, tinha eclipsado a aura do poeta da corte, Bellincioni.

Beatriz, tendo entrevisto Lucrécia Crivelli entre as pessoas que rodeavam o poeta, perturbou-se, empalideceu, mas depressa se recompôs e, avançando para a sua rival, beijou-a com as habituais demonstrações de carinho.

O poeta declamava um soneto da sua lavra, onde se descrevia como, durante o incêndio da casa da sua bem-amada, não fora possível apagar o fogo, porque todos os que chegavam eram obrigados a empregar a água, para apagar os próprios corações, inflamados pelos ardentes olhares da bela. Estes versos entusiasmavam o auditório feminino, provocando aplausos frenéticos entre as admiradoras do poeta. Umas exclamavam:

— É um génio! O seu nome há de resplandecer com um brilho igual ao de Dante!

— «Único» é maior do que Dante! — respondiam outras.

Beatriz não pôde suportar esta cena mais tempo e retirou-se.

Ao voltar para o salão principal, deu ordem ao seu pajem Ricciardetto, que a amava, para que a fosse esperar com luzes à entrada dos aposentos do duque, e atravessando, precipitadamente, as salas brilhantemente iluminadas e cheias de gente, alcançou uma galeria distante e abandonada, onde alguns guardas solitários dormitavam apoiados as lanças; abriu uma porta de ferro, subiu uma escura escada em caracol e entrou na grande sala abobadada, que era o quarto de dormir do duque. Beatriz aproximou-se dum pequeno armário de carvalho incrustado na espessura da parede, onde o duque costumava guardar os documentos importantes e secretos; introduziu na fechadura a chave que tinha roubado ao marido e tentou abrir; mas notou que a fechadura estava quebrada e, ao abrir-se o armário, verificou que todos os compartimentos estavam vazios. O Mouro, ao dar pela falta da chave, tinha decerto guardado as cartas

noutro esconderijo.

Deteve-se perplexa.

Nas janelas, os flocos de neve voejavam, como fantasmas, o vento assobiava, uivava e chorava. E as vozes das rajadas noturnas despertavam na alma da duquesa ideias obscuras, mas familiares, muito antigas e terríveis...

De repente, um pensamento atravessou o espírito da duquesa: «Bellincioni! Como é possível que eu não tivesse ainda pensado nele! Sim, é o caminho! É por ele que eu saberei tudo... Mas como poderei falar-lhe sem que ninguém o note? Vão certamente procurar-me. Tanto pior! Tenho necessidade absoluta e urgente de saber... não posso suportar mais tempo estas mentiras!»

Lembrou-se que Bellincioni, dizendo-se doente, não viera ao baile; e, pensando que a essa hora com certeza devia estar em casa, chamou o pajem Ricciardetto, que ficara no limiar da porta.

— Ordena a dois portadores que me esperem com uma cadeirinha, em baixo, no pátio, junto da poterna. Se me queres ser agradável, toma todas as precauções precisas, de forma que ninguém suspeite da minha saída, ouviste? Ninguém!

Deu-lhe a mão a beijar e o pajem correu a desempenhar a sua missão.

Beatriz entrou no seu quarto de dormir, deitou sobre os ombros uma capa de zibelina, pôs uma máscara de seda negra, e alguns minutos depois estava instalada na cadeirinha, que se dirigia para a casa de Bellincioni.

VI

O poeta chamava à sua casa, arruinada e miserável, «um buraco de rãs».

Recebia muitos presentes mas a sua vida desordenada, de ébrio e jogador, trazia-o constantemente nos maiores apuros e nas situações mais precárias. A pobreza, conforme ele dizia, perseguia-o, como «algumas mulheres fiéis, mas detestadas».

Deitado numa cama miserável, coxa e coberta com um delgado e roto colchão, Bellincioni esgotava a terceira garrafa dum detestável vinho, enquanto compunha um epitáfio para o chorado cãozinho de madona Cecília. O poeta via os últimos pedaços de carvão consumindo-se na lareira e tentava inutilmente aquecer-se, cobrindo as pernas magras, como patas de cegonha, com uma pele de esquilo meio devorada pelas traças. Ouvia o ruído da tempestade e conjeturava o frio que devia reinar no exterior. No baile da corte devia ser lida essa noite uma alegoria por ele composta em honra do duque, intitulada «O Paraíso». Se bem que há muito tempo andasse doente, não fora isso que o levara a não assistir à festa. A verdadeira causa da sua ausência era a inveja; preferia gelar no seu tugúrio, a ter que assistir ao triunfo do rival, esse miserável, esse patife incontestado, o «Único», que com os seus versos idiotas conseguia dar volta às cabeças loucas de todas as mulheres.

Só de pensar nele, Bellincioni sentia o sangue ferver-lhe nas veias. Cerrou os punhos e levantou-se do leito. Fazia tanto frio no quarto que, imediatamente, se tornou a deitar, a tremer, com um ataque de tosse.

— Canalhas! — exclamou. — Ter que fazer quatro sonetos com um frio destes!

Uma rajada entrou pela janela mal fechada e embrenhou-se pela chaminé, chorando e rindo como uma bruxa.

Tomando uma resolução desesperada, o poeta tirou debaixo da cama um taco de madeira que substituía um dos pés e, rachando-o em pequenos bocados, atirou-os ao fogo. A chama irrompeu, iluminando o triste aposento. Bellincioni sentou-se sobre os calcanhares e estendeu as mãos arroxeadas para o fogo, esse último amigo dos poetas solitários.

«Maldita vida! — pensou. — E porquê? Será possível que eu seja pior do que os outros?» Com um amargo sorriso, deixou pender a cabeça, entregue aos seus tristes pensamentos.

Alguém batera em baixo, à porta da casa. Uma voz meio adormecida respondeu com uma praga; era a única criada da habitação, uma velha rabugenta que não gostava que a incomodassem. O matraquear dos tamancos ouviu-se pela escada abaixo.

«Com mil raios! — pensou Bellincioni. — É ainda esse infame judeu Samuel que me vem reclamar os juros! Infiéis malditos! Nem de noite me deixam descansar!»

A velha introduzira alguém na habitação. Os degraus da escada rangeram. A porta abriu-se e no

quarto entrou uma mulher embuçada numa peliça de zibelina, o rosto oculto por uma máscara de seda negra.

Bellincioni, sobressaltado, olhava-a fixamente.

A recém-chegada aproximou-se, em silêncio, da única cadeira que havia no aposento.

— Tomai cuidado, madona, o espaldar está quebrado!

E num tom de galantaria, rematou:

— A que génio bom devo agradecer a ventura de receber na minha humilde choça uma tão ilustre madona? Com certeza alguma encomenda; algum madrigal amoroso!

Generosamente, deitou para o fogo as últimas achas de madeira. Nesta altura, a dama tirou a máscara.

— Sou eu, Bernardo!

O pasmo do poeta foi tal que recuou e teve de se apoiar à parede para não cair.

— Jesus! Virgem Puríssima! — balbuciou, arregalando os olhos. — Vossa Senhoria... A ilustríssima duquesa...

— Bernardo. Tu vais prestar-me um grande serviço — disse Beatriz; e olhando em volta, perguntou. — Ninguém nos ouve?

— Podeis estar sossegada, Alteza, ninguém, a não ser os ratos...

— Escuta — continuou lentamente Beatriz, fixando-o com um olhar perscrutador. — Sei que tu compuseste, para madona Lucrécia, muitos versos amorosos. Deves ter cartas do duque com essas encomendas e encargos.

Bellincioni olhava-a em silêncio, os olhos dilatados de estupefação.

— Nada receies — acrescentou ela, — que ninguém o saberá. E dou-te a minha palavra que serei generosa contigo, se fizeres o que te peço. Ficarás rico, Bernardo!

— Alteza — articulou este com esforço, como se a língua se lhe embrulhasse, — não acrediteis... São tudo calúnias... Não tenho carta nenhuma... Juro... por Deus!

Os olhos de Beatriz fuzilavam de cólera; ergueu-se lentamente e, sem deixar de o fitar, aproximou-se dele.

— Não mintas. Sei tudo. Entrega-me as cartas do duque, se tens amor à vida! Ouviste? Dá-mas! Acautela-te, Bernardo, não vim aqui para brincar contigo! Lá em baixo esperam as minhas ordens alguns homens decididos!

Bellincioni caiu de joelhos.

— Seja feita a vossa vontade, signorina! Não tenho carta nenhuma...

— Não tens — repetiu ela curvando-se para ele e olhando-o sempre fixamente nos olhos, — não tens, insistes?

— Não tenho nenhumas...

Então a raiva apoderou-se dela.

— Espera um pouco, alcoviteiro maldito, hei de forçar-te a dizer a verdade! Vou estrangular-te com as minhas próprias mãos, bandido!... — gritou Beatriz; e, com efeito, lançou-lhe as mãos à garganta e apertou com tal força, que o sufocava e as veias do pescoço já lhe latejavam tumefactas.

Não se defendia, mas as pálpebras batiam com movimentos rápidos e desesperados; naquela ocasião, mais do que nunca, parecia um desgraçado pássaro doente.

«Vai-me matar, tão certo como Deus ser Deus, vai-me matar!— pensou Bernardo. — Seja! Não trairei o duque.»

Bellincioni fora toda a sua vida um histrião da corte, um vagabundo descarado, sem vergonha, um mercenário de rimas, mas não era um traidor.

A duquesa voltou a si. Com um gesto de nojo, deixou cair as mãos, repeliu o poeta, aproximou-se da mesa e, pegando num pequeno castiçal de estanho, dirigiu-se para o quarto vizinho que conjeturava ser o gabinete de trabalho do poeta.

Bernardo ergueu-se de repente e, metendo-se de permeio, quis impedir-lhe o passo. Mas a duquesa, silenciosamente, fulminou-o com um tal olhar que ele se encolheu e se desviou para a deixar passar.

Penetrou então no antro da mísera musa. Cheirava a bafio; nas paredes nuas, caiadas de branco, alastravam nódoas de humidade. Nas janelas, muitas das vidraças partidas estavam substituídas por farrapos. Sobre uma prancheta inclinada, que servia de escrivaninha, suja de nódoas e de tinta e com penas de pato marcadas pelas mordidelas do poeta, nas esperas de rimas tardias, estavam espalhados papéis que deviam ser rascunhos de versos.

Pousando a vela sobre a prancheta, sem se preocupar mais com Bernardo, Beatriz começou a rebuscar no meio de toda aquela papelada; sonetos dirigidos aos tesoureiros do palácio, aos carcereiros, aos dignitários da corte, aos copeiros; queixas irónicas, pedidos de dinheiro, de vinho, de agasalhos, de víveres e de lenha. De repente, descobriu, no meio de tudo isto, um cofrezinho de madeira preta. Abriu-o e retirou dele um pacote de cartas, cuidadosamente amarrado.

Bernardo, que a observava, ergueu as mãos, aterrado. A duquesa observou-o, depois olhou para as cartas, leu o nome de Lucrécia, reconheceu a letra do Mouro, e compreendeu que tinha finalmente encontrado aquilo que procurava — as cartas do duque e os rascunhos das poesias amorosas, por ele encomendadas para madona Lucrécia.

Escondeu o pequeno embrulho no seio do corpete, e, sem pronunciar uma palavra, atirou ao poeta, como quem atira um osso a um cão, a bolsa cheia de ducados, e saiu.

Bellincioni ouviu-a descer a escada, fechar cuidadosamente a porta, e, durante muito tempo, ficou no meio do quarto, como fulminado; o soalho oscilava debaixo dos seus pés, como as tábuas dum navio durante a tempestade.

Enfim, extenuado, deixou-se cair sobre o leito e adormeceu profundamente.

VII

A duquesa voltou ao castelo.

Os convidados já tinham notado a sua ausência e murmuravam entre si, na curiosidade de saber o que se passava. O duque começava a inquietar-se.

Ao entrar na sala de baile, Beatriz aproximou-se do marido, ligeiramente pálida, e contou-lhe que, sentindo-se um pouco fatigada depois do festim, se tinha retirado uns momentos para repousar.

— Bice — murmurou o duque, pegando-lhe na mão fria e trémula, — se te sentes mal, diz-mo, por piedade! Não te esqueças do teu estado! Se queres, podemos dar a festa por terminada, e deixar o resto para amanhã! Todo este programa foi apenas organizado para ti, por tua intenção, para te ser agradável, minha querida!

— Não, não é necessário — disse Beatriz. — Não te inquietes, suplico-te, Vico. Já há muito tempo que não me sinto tão bem como hoje, tão feliz! Não desisto de ver «O Paraíso». E ainda quero esta noite dançar.

— Deus seja louvado, minha querida! — disse o duque tranquilizado e beijando com respeitosa ternura a mão da mulher.

Os convidados voltaram de novo a sala do jogo da pela, onde o mecânico do palácio, Leonardo da Vinci, tinha instalado as diversas máquinas para a representação da peça de Bellincioni. Quando todos estavam sentados, e se apagaram as luzes, ouviu-se Leonardo gritar: «Atenção!»

Uma mecha carregada de pólvora inflamou-se e na escuridão brilharam, como astros transparentes, uma série de esferas de cristal, cheias de água, dispostas em círculo e iluminadas interiormente por uma multidão de chamas brilhantes formando arco-íris.

No mesmo momento, todos estes astros começaram a girar em torno do eixo da máquina, com um acompanhamento de estranhos e suaves acordes, como se o choque das esferas umas com as outras produzisse essa música divina e misteriosa, de que falam os pitagóricos. Na realidade, eram martelos que percutiam pequenos sinos de vidro, invenção de Leonardo, que produziam tão estranhas harmonias.

Toda a assistência admirava o inesperado espetáculo. Os planetas pararam; e por cima de cada um deles apareceram, sucessivamente, os deuses que os representavam: Júpiter, Apolo, Mercúrio, Marte, Diana, Vénus, Saturno, e todos endereçavam a Beatriz cumprimentos de boas-vindas.

No fim deste número, os convidados passaram a uma nova sala, onde outro espetáculo os esperava: um desfile de carros de triunfo, puxados por negros, por leopardos, por grifos, por centauros e por dragões. Nesses carros, em grupos alegóricos, iam: Numa, Pompeu, César, Augusto, Trajano, que todos eram heroicos antepassados de Ludovico, conforme diziam as inscrições. A fechar o desfile, uma espécie de apoteose: um carro tirado por licórnios e conduzindo um enorme globo terrestre, no qual estava

deitado um guerreiro com uma cota de malha de aço, enferrujada. Uma estátua de oiro, representando uma criança com um ramo de amoreira *(moro, em italiano)* na mão, saía por um buraco da armadura, o que significava a morte do velho século de ferro e a nascença do século de oiro, acontecimento motivado pela sábia administração de Ludovico. Com espanto de todos, a estátua de oiro era uma autêntica criança que os parentes tinham alugado por alguns ducados. O pobrezito, com o corpo todo coberto de um verniz doirado, sentia-se mal. Nos seus olhos apavorados brilhavam as lágrimas. Com voz trémula e lacrimosa, começou a recitar um cumprimento dirigido ao duque, que rematava pelo seguinte refrém:

Em breve, muito breve com certeza,
Por mandado do Moiro,
Sem mágoas — só coroado de beleza —
Raiará para vós o «século de oiro».

O baile começou em redor do carro, que transportava a «idade de oiro».

A repetição interminável do estribilho enfastiava toda a gente. Já ninguém o ouvia. A criança, debruçada no alto do grupo alegórico, continuava a balbuciar, com os lábios dormentes, numa monotonia desesperante:

Sem mágoas — só coroado de beleza —
Raiará para vós o «século de oiro».

Beatriz dançava com Gaspar Visconti. De tempos a tempos, um riso espasmódico que parecia um soluço comprimia-lhe a garganta; sentia uma dor lancinante, o sangue latejava-lhe nas fontes, os olhos enevoavam-se-lhe. Mas procurava conservar a tranquilidade; sorria.

Acabada a dança, a duquesa, esquivando-se por entre a alegre multidão, retirou-se sem que ninguém o percebesse.

VIII

Dirigiu-se à torre isolada da «Tesouraria». Ali ninguém entrava a não ser ela e o duque. Tomando uma vela das mãos do pajem Ricciardetto, deu-lhe ordem para a esperar, e entrou na enorme e lúgubre sala, fria e escura como um túmulo. Sentou-se, tirou do seio o maço das cartas, e, desamarrando-o, espalhou-as sobre a mesa e começava a ler, quando de súbito o vento, engolfando-se pela chaminé com uma queixa angustiosa, um silvo agudo que correu todo o castelo, por pouco não apagou a luz, deixando-a mergulhada nas trevas. A seguir, fez-se profundo silêncio, e parecia à duquesa distinguir os longínquos ecos da música do baile, e também, como um ruído de vozes apagadas, e sons de cornetas arrastadas vindos dos subterrâneos da torre onde eram as prisões.

E então teve a perceção de uma presença estranha atrás de si. Um pavor já seu conhecido apossou-se dela. Sabia que não devia olhar, mas não pôde resistir e voltou-se.

Num canto da sala estava alguém, que ela já tinha visto uma vez, um personagem alto, magro, negro, mais negro do que as trevas, a cabeça envolta num capuz de frade, tão descido sobre os olhos, que lhe escondia as feições. Quis gritar, chamar Ricciardetto, mas a voz quebrou-se-lhe na garganta. Quis levantar-se para fugir, mas as pernas vacilaram e recusaram-se. Caiu de joelhos:

— Tu!... Tu, outra vez!...

O espectro ergueu lentamente a cabeça, deixando cair o capuz.

Era o falecido duque João Galeas.

Beatriz ouviu uma voz surda que murmurava: «Desgraçada!... Desgraçada!...»

— Perdoa-me... perdoa... — disse, cheia de angústia.

E ao vê-lo avançar, transida de terror, gelada, soltou um grito lancinante, sobre-humano, e caiu sem sentidos.

Ricciardetto, ao ouvir este grito, acorreu, e, ao vê-la inerte sobre o solo, precipitou-se através das galerias escuras, onde de longe em longe agonizavam as lanternas dos vigilantes adormecidos e chegou às salas cheias de gente e brilhantemente iluminadas, onde começou a procurar o duque.

Soava a meia-noite. O baile estava em todo o seu esplendor.

O duque acabava nesse instante de passar sob um arco de triunfo ao som duns melodiosos acordes, mais suaves que o canto das rolas ou que as flautas dos pastores.

Ricciardetto, ofegante, ao vê-lo, gritou num tom de voz desesperado:

— Socorro! Socorro!

— O quê! O que há? — perguntou Ludovico.

— Alteza, a duquesa está muito mal... Depressa! Depressa!... Socorro.

— Sentiu-se mal? Outra vez!... — O duque levou as mãos à cabeça. — Mas aonde? Explica-te!

— Na torre da «Tesouraria».

O Mouro começou a correr tão precipitadamente que a sua «zazzera», negra e crespa, se deslocou e ia caindo, e a grossa cadeia de oiro cinzelado que trazia ao pescoço batia-lhe sobre o peito. Muitos começaram a correr atrás dele, enquanto outros, aterrados, se precipitavam para as portas de saída, como um rebanho de carneiros, gritando:

— Fogo! Fogo!

— A duquesa morreu!

— Deu à luz! — diziam algumas damas.

Pouco depois, Ricciardetto, ao entrar numa das salas do andar superior, ouviu através duma das portas dum quarto vizinho um grito tão terrível, que parou perplexo e, aproximando-se duma das muitas mulheres que passavam com açafates de roupas, com braseiras e com vasilhas de água quente, perguntou:

— O que foi?

Mas ninguém lhe respondeu.

Uma mulher já velha, que devia ser talvez a parteira, olhou-o com severidade e disse:

— Vai com Deus! Estás a empecer o caminho! Incomodas toda a gente. Isto não é lugar para crianças, vai-te embora!

A porta entreabriu-se um instante e Ricciardetto viu, ao fundo do quarto, sobre o leito, numa desordem de roupas e de vestidos rasgados, aquela que ele amava com o desespero dum amor infantil. Tinha o rosto vermelho, coberto de suor, as madeixas de cabelo coladas à fronte, e da boca entreaberta saía um lamento contínuo. O rapazito empalideceu e fugiu.

O duque saía do quarto e deixava-se cair sobre uma cadeira, torcendo as mãos e soltando suspiros desesperados:

— Meu Deus! Meu Deus! Não posso mais... Bice, Bice!... A culpa é só minha! Oh! Maldito!

Lembrou-se que a duquesa, mal o vira, tinha gritado num acesso de cólera frenética: «Vai-te embora! Volta para a tua Lucrécia!»

Do quarto da doente saiu então o médico principal da corte, Luís Marliani, na companhia de outros médicos.

O duque correu para eles.

— E então? Como está?...

Todos se calaram.

— Alteza — disse enfim Marliani, — tudo quanto podíamos fazer, foi feito. Resta-nos esperar a misericórdia do Senhor!...

O duque pegou-lhe nas mãos.

— Não! Não, há de haver ainda um meio. Por piedade! É preciso tentar ainda qualquer coisa!

— Acalme-se Vossa Alteza, posso assegurar que todos os recursos da ciência...

— Diabos levem a ciência — exclamou de repente o duque, sem se conter, e crescendo para ele com os punhos cerrados. — Ela morre, ouvis! Morre! Miseráveis! E vós não tendes meio de a salvar! Merecíeis ser todos enforcados!

E numa ansiedade mortal, marchava dum lado para o outro, com grandes passos, ouvindo sempre o grito ininterrupto, quando, de súbito, viu *messer* Leonardo. Tomou-o de parte.

— Ouve — murmurou como em delírio, e era flagrante que não tinha a consciência do que dizia, — ouve, Leonardo, tu vales para mim mais do que todos eles. Salva-a, suplico-te!

Leonardo quis responder mas já o duque se afastara esquecido da sua presença; acabavam de chegar o capelão e os frades.

— Deus seja louvado! O que trazeis?

— Algumas relíquias de Santo Ambrósio, o cinto de Santa Margarida, que alivia as mulheres nestes transes, e o muito venerado dente de S. Cristóvão. Trazemos um cabelo da Virgem Maria...

— Está bem, está bem, ide e rezai.

O Mouro quis também entrar com eles no quarto da doente; mas, nesse instante, o grito transformou-se num gemido tão angustioso, que ele tapando as orelhas se evadiu. Depois de percorrer algumas salas, deteve-se na capela, debilmente alumiada pelas lâmpadas, e caiu de joelhos diante da imagem da Imaculada.

— Mãe de Deus, Virgem Puríssima, pequei, pequei, maldito seja eu! Sacrifiquei um inocente, o meu soberano legítimo João Galeas. Mas Tu, Mãe de Misericórdia e minha protetora, ouve a minha prece e perdoa. Tudo, dou tudo, em troca da sua vida, mas salva-a! Leva-me a mim em seu lugar.

Farrapos de pensamentos desconexos, delirantes, passavam-lhe na mente e impediam-no de rezar. Lembrou-se duma narrativa que ainda recentemente o divertira: a história dum marinheiro que, prestes a morrer numa tempestade, prometera à Virgem um círio mais alto que o mastro dum navio, e que, a um camarada que lhe notara a impossibilidade de conseguir uma tão grande quantidade de cera, respondera: «Cala-te, que, uma vez salvos, teremos tempo de reconsiderar! De resto é possível que a Madona se contente com um círio mais pequeno.»

— Oh! Que tenho eu? Meu Deus! — exclamou o duque. — Eu endoideço!

E num esforço imenso para associar as ideias, começou a rezar.

Mas na sua cabeça passavam em turbilhão, semelhantes a sóis de cristal transparente, as esferas ardentes de Leonardo, e uma música melodiosa acompanhava o fastidiento refrém do menino representando a idade de oiro:

Sem mágoas — só coroado de beleza —
Raiará para vós o «século de oiro».

Depois tudo desapareceu. Quando o duque voltou a si, e que lhe parecia terem decorrido dois ou três minutos, viu através dos vitrais gelados da capela o dealbar triste da manhã de inverno.

IX

O Mouro entrou nas salas do Palácio Rocchetti, onde reinava a maior tranquilidade. Uma aia, que transportava um cofre e algumas roupas de criança, dirigiu-se para ele:

— Houve por bem dar à luz.

— Viva? — perguntou o duque, empalidecendo.

— Sim, mas a criança morreu. Está extremamente fraca, Chama por vós. Vinde!

Entrou no quarto e viu, enterrado nas almofadas, um rosto miúdo como o de uma criança, com os olhos muito encovados e que pareciam nublados por um véu; esses olhos parados eram para o duque, simultaneamente, familiares e estranhos. Aproximou-se e inclinou-se para ela.

— Manda chamar Isabel... Que venha depressa, murmurou em voz baixa.

O duque deu a ordem. Ao fim de alguns minutos, uma mulher alta, esbelta, de feições altivas e melancólicas, a duquesa Isabel de Aragão, viúva de João Galeas, entrou na câmara e aproximou-se da moribunda. Todos se afastaram, exceto o duque e a enfermeira, que se conservaram próximos.

Durante um certo tempo, ambas conversaram em voz baixa. A seguir Isabel beijou Beatriz, como para lhe provar que lhe tinha perdoado, e, ajoelhando, escondeu o rosto nas mãos e começou a rezar.

Beatriz chamou de novo o marido para o pé de si.

— Vico, perdoa-me! Não chores! Lembra-te... Eu sempre fui para ti... Sei que tu também só a mim...

Não pôde terminar. Mas ele compreendeu que ela queria dizer: «Sei que tu não amaste mais ninguém.» Olhou-o profundamente, com o olhar já longínquo, e murmurou:

— Beija-me!

O Mouro beijou-a levemente na testa; ela quis dizer ainda qualquer coisa que não conseguiu, e, num suspiro, ciciou:

— Beija-me na boca!

Um frade começou a recitar as orações dos agonizantes. As pessoas da corte da duquesa reentraram no quarto.

O duque, sem poder separar os seus lábios dos de sua mulher, sentia estes arrefecerem a pouco e pouco; e, nesse beijo derradeiro, recolheu o último suspiro de Beatriz.

— A senhora duquesa morreu! — anunciou o doutor Marliani.

Todos se benzeram e caíram de joelhos. O Mouro ergueu-se lentamente. O seu rosto conservava-se imóvel, não exprimindo sofrimento mas sim uma ansiedade terrível, extraordinária. Respirava com dificuldade, ofegante, como um homem que acaba de subir uma montanha. De repente, agitando os braços, gritou com voz estranha: «Bice», e caiu redondo.

* * * * *

De toda a assistência, Leonardo era a única pessoa que conservava o sangue-frio.

Com um olhar perfeitamente calmo e lúcido, observava o duque.

Em ocasiões destas, a curiosidade do artista sobrelevava qualquer outro sentimento. A exteriorização dos sentimentos, a expressão dos enormes sofrimentos que se manifestam às vezes nos rostos, e que se traduzem por gestos e movimentos de corpos, considerava-as como um fenómeno perfeitamente natural e digno de estudo. Observando o duque, à sua atenção não escapava o mais pequeno estremecimento dos músculos do seu rosto. O seu desejo era esboçar imediatamente no seu caderno a figura do Mouro, transtornado pela dor.

Dirigiu-se apressadamente para os quartos térreos do palácio, então desertos.

Aproximou-se da chaminé sem fogo, olhou em redor para se certificar da sua solidão e começava a desenhar, quando de repente divisou a um canto da lareira o garoto que tinha personificado a «idade de oiro». Dormia, trémulo de frio, enrolado sobre si próprio, com a cabeça pousada sobre os joelhos, que rodeava com as mãos. As cinzas já extintas não podiam comunicar nenhum calor àquele corpinho nu e doirado. Leonardo tocou-lhe levemente no ombro; a criança ergueu a cabeça e suspirou. O artista pegou-lhe ao colo, bafejando-a com o seu hálito para a aquecer.

— Como te chamas? — perguntou-lhe.

— Lippo! Lippo! — respondeu a criança, ainda ensonada. — Dói-me muito... quero ir para casa.

— Onde é que tu moras?

— Ai! Dói muito... dói muito... Para casa... — balbuciou a criança, e numa agitação ia dizendo, como num sonho:

Por mandado do Moiro,
Sem mágoas — só coroado de beleza —
Raiará para vós o «século de oiro».

Leonardo embrulhou-o na capa e dirigiu-se para a saída. O garoto tiritava nos seus braços.

«O nosso século de oiro», pensou o artista com um sorriso cheio de melancolia.

— Pobre passarito! — comentou com infinita piedade; e embrulhando-o bem, estreitou-o contra o peito, com tanta delicadeza e tanta ternura, que o pobre doentinho sonhou que a mãe voltava novamente ao mundo para o embalar e para o acalentar.

X

A duquesa morrera numa terça-feira, 2 de janeiro de 1497, às seis horas da manhã. O duque passou mais de vinte e quatro horas junto do corpo de sua mulher, sem atender ninguém, recusando-se a dormir e a comer. Houve receio que endoidecesse.

Na quinta-feira de manhã pediu papel e tinta e escreveu a Isabel de Este, irmã da falecida duquesa, uma carta anunciando a morte de Beatriz, na qual se encontravam estas linhas: «Teríamos mil vezes preferido que a morte nos tivesse escolhido a nós! Pedimo-vos que nos não envieis ninguém para nos consolar, porque isso só conseguiria reavivar o nosso tormento.»

Nesse mesmo dia, cedendo enfim aos rogos dos seus próximos, consentiu finalmente em tomar algum alimento. Não quis porém sentar-se à mesa e comeu de pé, num tabuleiro, que Ricciardetto sustentava na sua frente.

Os funerais foram duma riqueza e duma magnificência nunca vistas.

Logo após a cerimónia, o duque encerrou-se num quarto, sem luz nem ar, forrado de crepes negros, com todas as persianas corridas e iluminado por tochas funerárias.

Durante alguns dias recusou-se a sair desta cela macabra.

Uma tarde, que conversava com Leonardo acerca da «Ceia» que devia ser colocada junto do túmulo de Beatriz, acrescentou:

— Leonardo, disseram-me que tu tomaste conta do menino que representava o nascimento do «século de oiro», naquela noite funesta. Como está ele?

— Alteza — morreu no próprio dia dos funerais da duquesa.

— Morto! — exclamou o duque, com ar de surpresa e de satisfação. — Morto! Que curioso!

Deixou pender a cabeça e suspirou.

— As coisas passaram-se como era justo e natural! O «século de oiro» morreu juntamente com o meu tesouro idolatrado. Enterrámo-lo ao mesmo tempo que enterrámos Beatriz, porque ele não queria, nem poderia sobreviver. Não é assim, querido amigo? Que extraordinária coincidência, e que formosa alegoria!

XI

Tinha decorrido um ano do mais rigoroso luto. O duque, sempre de negro, afetava uma compostura desmazelada, como sinal de anojamento. Nunca se sentava a mesa, contentando-se em comer de pé, sobre um tabuleiro que os criados seguravam na sua frente.

«Desde a morte da duquesa, escrevia nas suas memórias o embaixador de Veneza, Marino Sanuto, o Mouro tornou-se devoto; assiste a todas as cerimónias religiosas, pratica os jejuns, leva uma vida casta, segundo se diz, e orienta os seus pensamentos pelo temor de Deus.»

Ia frequentemente visitar o túmulo de sua mulher, onde rezava durante muito tempo; mas, muitas vezes também, ao voltar destas peregrinações, dirigia-se a casa de Cecília ou de Lucrécia, a fim de espalhar o tédio que começava a pesar-lhe. A despeito do «temor divino», e das saudades que sentia por Beatriz, não somente conservou as suas amantes, mas até se lhes dedicou com maior interesse. Madona Lucrécia e a condessa Cecília tinham acabado por se aproximar e harmonizar.

Cecília, criatura bondosa e ingénua, tinha resolvido associar o seu amor ao da sua jovem rival, para consolar o duque. Lucrécia, ao princípio, desconfiada e ciumenta, resistia a estes projetos, mas Cecília acabou por desarmá-la pela bondade e pela insistência. E assim, Lucrécia não teve outro remédio senão abandonar-se a tão estranha amizade.

Durante o ano de 1497, Lucrécia teve, de Ludovico, um filho. A condessa Cecília desejou ser a madrinha e, com uma ternura exagerada — se bem que ela tivesse também filhos do duque — começou a dedicar-se ao recém-nascido, a quem tratava sempre por «sobrinho». E assim se realizavam os desejos secretos do Mouro: as suas amantes eram as melhores amigas. Encomendou ao poeta da corte um soneto em que Lucrécia e Cecília eram comparadas, uma à Aurora, a outra ao Crepúsculo, enquanto ele próprio, viúvo inconsolável, entre as duas divindades radiantes, estava condenado, como a escura noite, a permanecer sempre distante do sol, distante da sua Beatriz.

XII

Dia frio e enevoado, uma semana antes do aniversário da morte de Beatriz. Toda a noite sonhara com sua mulher. Pela manhã, fora ao convento de Santa Maria das Graças e devotamente rezara sobre o túmulo da duquesa.

A seguir, partilhara a refeição do prior, e longamente discutira com ele sobre o assunto que trazia apaixonados todos os teólogos da época: o dogma da Imaculada Conceição.

Ao deixar o convento dirigiu-se para casa de Lucrécia Crivelli.

Numa das salas, tão hospitaleiras, do palácio, viu Lucrécia e Cecília sentadas uma junto da outra, perto da chaminé. Como todas as damas da corte, estavam vestidas do mais rigoroso luto.

— Como está Vossa Alteza? — disse-lhe Cecília, «o crepúsculo», muito diferente de Lucrécia, «a aurora», mas bela também, com a sua epiderme branca e pálida, os cabelos dum ruivo ardente e os olhos meigos, glaucos e transparentes, como a ondulação calma dum lago da montanha.

Havia algum tempo que o duque costumava sempre queixar-se da saúde. Nessa tarde não se sentia pior do que o costume. Mas segundo o hábito, apresentava um ar de fadiga e suspirando fundo, disse:

— Podeis fazer ideia, madona: como poderei passar? Não tenho outra ambição senão descer o mais depressa possível para o túmulo, a fim de me reunir à minha querida morta!

— Ah! Não, Alteza, não deveis dizer isso, — exclamou Cecília, juntando as mãos — é até um pecado! Se madona Beatriz vos ouvisse... Toda a dor nos vem de Deus e temos obrigação de a aceitar com reconhecimento...

— Evidentemente! — concordou Ludovico. — Eu não murmuro, Deus me livre! Sei que o Senhor toma mais cuidado em nós do que nós próprios. Felizes os que choram, porque, está dito, serão consolados!

E apertando as mãos das amigas, ergueu os olhos para o teto:

— Que Deus vos recompense, minhas queridas, pela vossa dedicação a este desgraçado viúvo!

Limpou os olhos e tirou dos bolsos da sua veste de luto dois documentos. Um, era um ato de doação feito pelo duque ao convento de Santa Maria das Graças, de Pavia, das enormes propriedades dos Sforza junto de Viggevano.

— Alteza — disse a condessa admirada, — julgava que tínheis grande estimação a essas terras!

— Essas terras! Essas terras! — replicou amargamente o duque. — Oh! Madona, não são só esses bens que eu alieno. De resto, para que precisa um homem de tão grandes territórios?

Adivinhando que ele ia falar novamente da morta, a condessa tapou-lhe os lábios com a mimosa mão, num gesto de carinhosa reprimenda.

— E o que vem a ser o outro documento? — perguntou com curiosidade.

O sorriso de outrora, malicioso e alegre, iluminou o rosto do duque.

Fez então leitura do segundo documento, que enumerava as terras, os prados, os bosques, as aldeias, as coutadas, os viveiros, as granjas e outras dependências, que o duque doava a madona Lucrécia Crivelli e ao filho ilegítimo João Paulo. Era o domínio preferido de Beatriz, a vila Cusnago, célebre pelas suas lindas lagoas.

Num tom de voz comovida, o Mouro chegou às últimas palavras da doação: «Esta mulher tem sido sempre duma dedicação tão perfeita, nas relações divinas e preciosas do amor tem manifestado sentimentos tão nobres, que a sua convivência tem sido para nós um grande reconforto moral e um grande lenitivo no meio dos nossos desgostos.»

Cecília aplaudiu com entusiasmo e abraçou a sua amiga, chorando enternecidamente.

— Vês, querida irmã, como eu tinha razão: o duque tem um coração de oiro! Agora, o meu querido sobrinho Paulo é o mais rico herdeiro de Milão!

— Que dia é hoje? — perguntou o duque.

— 28 de dezembro, Alteza! — respondeu Cecília.

Ao ouvir tal, o duque e Lucrécia olharam-se admirados e trémulos. Tinham completamente esquecido esta data.

Havia exatamente um ano, contado dia por dia, hora por hora, que a falecida duquesa, atormentada pelos ciúmes, chegara ao Palácio Crivelli, na esperança de surpreender o marido na companhia de Lucrécia. Tinha-os salvo a presença de espírito desta, escondendo o Mouro num dos seus guarda-vestidos. O duque lembrava-se agora do susto passado, encerrado no armário, do suor frio que lhe corria pelo rosto, só de pensar que Beatriz o podia surpreender naquela situação e, finalmente, a alegria indescritível que sentira quando ela se retirara. Amava-a verdadeiramente, e daria tudo por tornar a passar um tão angustioso transe, por ouvi-la de novo a bater à porta da casa, e por ver entrar a aia, aterrada, gritando: «Madona Beatriz!» Teria também ficado outra vez uns instantes imóvel, depois ter-se-ia escondido, como um ladrão apanhado em flagrante, e teria ouvido a voz dela, ameaçadora, a voz da sua mulher, da sua querida Beatriz! Ah! Mas essas coisas já se não podiam repetir!

Olhou em volta. Na sala, nada tinha sido mudado: era hoje tão hospitaleira e tão alegre como nesse dia; o vento do inverno soprava na chaminé, um fogo vivo ardia no fogão, por cima do qual corria um friso representando um grupo de cupidos nus, dançando e brincando com os instrumentos da Paixão do Senhor. Sobre uma mesinha redonda, coberta por um tapete verde, estava o mesmo vaso antigo de bronze, a mesma mandolina, e os mesmos cadernos de música. As portas da alcova estavam abertas e, para lá desta, entrevia-se o quarto de vestir e o grande armário onde ele estivera encerrado.

O Mouro deixou pender a cabeça sobre o peito; e lágrimas duma sincera dor corriam-lhe pelas

faces.

— Ah! Meu Deus! Vês como ele chora! — exclamou a condessa Cecília. — Vamos, acarinha-o, beija-o, consola-o! Não tens vergonha de permanecer fria diante da sua dor?

E empurrou suavemente a rival para os braços do seu amante.

Havia já algum tempo que Lucrécia experimentava uma sensação de náusea perante esta exagerada amizade da condessa. Era como a impressão que produzem alguns perfumes excessivamente langorosos. Quis levantar-se e sair; mas o duque apertava-lhe as mãos, sorrindo-se para ela através das lágrimas.

Cecília pegou na mandolina e começou a cantar os versos de Petrarca, celebrando a celestial aparição de Laura:

Meus pensamentos partem prà mansão daquela
Que em vão tento encontrar aqui na Terra;
Do Céu, no terço ciclo, entre os eleitos,
Mais bela, e sem orgulho, já a vejo.

Pegando-me na mão, me diz: «Tu nesta esfera
Junto a mim ficarás eternamente.
Eu sou a mesma por quem tu tanto sofrias.
Acabei o meu dia, antes do sol morrer.»

O duque tornou a chorar. Repetiu diversas vezes o último verso, soluçando, os braços estendidos para uma visão fugitiva:

Acabei o meu dia, antes do sol morrer.

— Sim, minha pomba! Sim, minha alma, antes do sol morrer!

— Sabes uma coisa, madona? Parece-me que ela nos contempla lá do Céu e que nos abençoa aos três... Oh! Bice!...

Enternecido, apoiou o rosto molhado pelas lágrimas ao ombro de Lucrécia, e, enlaçando-a pela cintura, atraiu-a a si. Lucrécia, contrafeita e envergonhada, resistia. O duque, furtivamente, beijou-a no pescoço. O olhar vigilante e maternal de Cecília surpreendeu este beijo; a condessa ergueu-se e, indicando o Mouro a Lucrécia, como uma irmã que confia o irmão doente a uma amiga, saiu pela ponta dos pés para a sala oposta à alcova e fechou a porta. O crepúsculo não tinha ciúmes da aurora, porque uma longa experiência ensinara-lhe que, depois dos cabelos negros, o duque encontraria mais encantos nos seus cabelos ruivos e ardentes.

Ludovico olhou em volta, e, rapidamente, num movimento brusco, sentou Lucrécia nos joelhos.

Ainda não estavam secas as lágrimas pela defunta esposa, e já um sorriso de desejo e voluptuosidade se lhe desenhava nos lábios delgados e sinuosos.

— Pareces uma freira, toda de negro... — disse-lhe rindo e beijando-lhe o rosto. — Um vestido tão simples... e como te fica bem! O negro realça ainda mais a tua brancura.

Soltou um dos colchetes de ágata do vestido de Lucrécia e a carne nua do colo brilhou mais tentadora, por entre as pregas negras da roupa...

Por cima da chaminé onde o fogo crepitava alegremente, os pequenos deuses de barro de Caradosso, os cupidinhos nus e os anjos dançavam sempre a sua roda, brincando com os instrumentos da Paixão: o prego, o martelo, as tenazes e a lança. Parecia que ao reflexo róseo das chamas se entreolhavam cheios de malícia e cochichavam baixinho, lançando através das cepas de Baco olhadelas furtivas para o amoroso par. As suas faces redondas, bochechudas, pareciam rir às gargalhadas.

De longe, chegavam os sons lânguidos da mandolina, e a condessa Cecília cantava sempre:

Do Céu, no terço ciclo, entre os eleitos,
Mais bela, e sem orgulho, já a vejo.

E ao ouvir estes versos de Petrarca, celebrando o novo e celestial amor, os pequenos deuses antigos riam como doidos!

CAPÍTULO IX
Os cisnes
(1498-1499)

«I sensi sono terrestri, la ragione stá fuor di quelli quando contempla.»

«Os sentidos pertencem à terra; mas a razão paira acima deles quando contempla.»

Leonardo da Vinci.

I

Leonardo trabalhara toda a noite no seu gabinete. Não tinha sequer notado que as estrelas se apagavam e que o dia começava a despontar. Uma claridade rosada iluminava os tetos das velhas casas de tijolo. Ouviam-se na rua os passos e as falas dos transeuntes. Bateram à porta. Giovanni entrou e recordou ao mestre que era, nesse dia, véspera do domingo de Ramos, que se devia realizar «o duelo do fogo».

— Que duelo? — perguntou Leonardo.

— Frei Domenico por Savonarola, e frei Juliano Rondinelli pelos inimigos do irmão Girolamo: ambos passarão através das chamas; aquele que o fogo não tocar será considerado justo à face do Senhor! — explicou Beltraffio.

— Vai, Giovanni! Tenho a certeza de que o espetáculo te há de interessar.

— Porque não vindes também?

— Não posso. Tu bem vês como estou ocupado.

O discípulo ia a afastar-se, mas, dominando a sua timidez, fez ainda uma nova tentativa:

— No caminho para aqui encontrei *messer* Paulo Lomenzi, que prometeu arranjar-nos lugares donde pudéssemos ver tudo bem. É pena que não possais acompanhar-nos. Eu tinha pensado... talvez... Ouvi, mestre... O duelo começará ao meio-dia. Se até lá conseguirdes acabar o vosso trabalho, creio que chegaríamos ainda a tempo.

Leonardo sorriu.

— Parece que desejas muito que eu assista a esse milagre!?

Giovanni, confuso, baixou os olhos.

— Está bem. Far-te-ei companhia, para te ser agradável.

Beltraffio voltou, como prometera, à hora fixada, na companhia de Paulo Lomenzi, criatura extremamente ativa, que uma permanente agitação dominava sempre. Parecia ter azougue nas veias; passava por ser o principal espião florentino do duque Ludovico e o pior inimigo de Savonarola.

— Será possível, *messer* Leonardo, que não desejeis acompanhar-nos? — disse Lomenzi com a sua voz desagradável e aguda, fazendo mil contorções e caretas. — Como podereis ser indiferente, vós, um tão grande amador das ciências naturais, a um espetáculo que é uma verdadeira experiência de física?

— Mas deixá-los-ão, realmente, entrar na fogueira? — disse Leonardo.

— Não sei que dizer-vos! Se as coisas chegarem até esse ponto, frei Domenico decerto não recuará.

E não somente ele, mas duas mil e quinhentas pessoas, cidadãos ricos e pobres, letrados e ignorantes, mulheres e crianças, declararam ontem no mosteiro de S. Marcos que tinham intenção de tomar parte nessa luta. Tudo isto é duma tal estupidez, que causa vertigens às pessoas sensatas. Os filósofos e os espíritos fortes começam já a ter receio: e se um dos frades não ardesse?! Oh, *messer*, imaginai as caras desses devotos choramingas quando virem os dois em torresmos!

— Não é possível que Savonarola acredite nessas coisas! — disse Leonardo, pensativo, como se falasse consigo próprio.

— Talvez de facto não acredite — respondeu Lomenzi, — ou pelo menos que não acredite completamente. Mas já não lhe é possível desdizer-se; fez crescer a água na boca a toda a gente, e agora todos se babam: é preciso a todo o custo mostrar-lhes um milagre. Porque, em tudo isto, há uma matemática que não é menos concludente que a vossa, mestre: se há realmente Deus, porque não fará Ele um milagre, quando os crentes o imploram? Porque não permitirá que dois e dois, em vez a quatro, sejam cinco, para envergonhar os tais espíritos fortes e os descrentes como eu próprio e como vós?

— Bem! Vamos, creio que são horas! — disse Leonardo, olhando Lomenzi com mal dissimulada repugnância.

— São horas, são horas! — respondeu este, na sua constante agitação.

Saíram. A multidão enchia as ruas. Em todos os rostos se lia a mesma expressão de febril ansiedade que Leonardo já notara em Giovanni.

Na rua dos Calzaioli, em frente da igreja de S. Michele, havia um aperto terrível. Era ali que no recanto duma parede estava erguido o grupo de bronze de Verocchio, que representava o apóstolo S. Tomé tocando as chagas do Senhor. Uns soletravam, outros ouviam ler e discutiam as oito teses teológicas escritas em grandes letras vermelhas.

O «duelo do fogo» devia proclamar a verdade ou a mentira destas proposições:

1. — A Igreja de Deus deve reformar-se;
2. — Deus há de castigá-la;
3. — Deus há de reformá-la;
4. — Depois do castigo, Florença reformar-se-á também e elevar-se-á acima de todos os outros povos;
5. — Os ateus converter-se-ão;
6. — Tudo isto acontecerá imediatamente;
7. — A excomunhão de Savonarola proferida pelo papa Alexandre VI não é válida;
8. — Os que não respeitam esta excomunhão não são pecadores.

Acotovelados e oprimidos pela multidão, Leonardo, Giovanni e Lomenzi detiveram-se e escutavam as conversações.

— Aconteça o que acontecer, concordai, irmãos, que tudo isto é terrível — dizia um velho operário; — contanto que não haja pecado!

— Que pecado pode haver, Filipe? — replicou um jovem contramestre, num sorriso cheio de

segurança. — Estou certo que não há aqui maldade nenhuma, nenhum pecado...

— Há uma tentação, amigo! — continuou Filipe. — Nós esperamos um milagre, mas seremos nós dignos dele? Porque foi dito: «Tu não tentarás o Senhor teu Deus!»

— Cala-te, velho! Não rosnes mais! «Aquele que tiver fé, seja ela mais pequena que um grão de areia, se disser a uma montanha que se mova, será obedecido.» Deus não deixará de fazer o milagre para nós acreditarmos n'Ele.

— Qual dos dois entrará primeiro no fogo, frei Domenico ou frei Girolamo?

— Os dois ao mesmo tempo.

— Não, frei Girolamo rezará apenas, não entrará.

— Não entrará, porquê? Quem há de entrar senão ele? Primeiro Domenico, a seguir Girolamo, e depois todos aqueles pecadores, como nós, que se inscreveram ontem no convento de S. Marcos, serão dignos de participar.

— Diz-se que frei Girolamo vai ressuscitar um morto! Será verdade?

— Claro que é verdade. Primeiro o milagre do fogo e a seguir a ressurreição dum morto. Já li a carta que ele escreveu ao papa, onde diz: «Escolham-me um rival, que nós os dois desceremos a um túmulo, e cada um por sua vez dirá: *Levanta-te!* Aquele cuja ordem for obedecida e que conseguir chamar à vida o morto, será o profeta, o outro o impostor.»

— Esperai, irmãos, há de haver muitas outras coisas! Se tendes fé vereis descer das nuvens o Filho do Homem reencarnado. E haverá auspícios e milagres tais, como nunca foram vistos.

— Ámen! Ámen! — bradavam muitas vozes.

Os rostos empalideciam, e os olhos denunciavam a febre e o delírio que perturbava toda a assistência.

A multidão avançava arrastando Leonardo e os seus companheiros. Giovanni voltou-se, olhou ainda uma vez para a estátua de Verocchio e contemplou o sorriso de Leonardo que lhe parecia semelhante ao sorriso terno, subtil e interrogador de Tomé, o incrédulo, tocando as feridas do Senhor.

II

Ao chegarem à praça da Senhoria, foram violentamente empurrados pela populaça.

A Giovanni parecia nunca ter visto, na sua vida, uma multidão assim. Não era somente a praça, mas os balcões, torres, as janelas, os telhados das casas, tudo estava coalhado de gente. Lutava-se para conseguir ver qualquer coisa. Um homem caiu dum telhado e morreu.

As ruas estavam vedadas por cadeias, com exceção apenas de três, a cujas embocaduras estavam postados guardas que não deixavam passar ninguém que trouxesse armas.

Lomenzi apontou e explicava aos seus companheiros a construção da «máquina», destinada ao duelo. Entre o Ringhiera, onde campeava o leão de bronze, heráldico, de Florença, — o *Marzocco* — e o telheiro chamado «Teto dos Pisanos», estava disposta a pira, estreita e comprida, embebida de alvatrão misturado com pólvora, através da qual passava o estreito caminho pavimentado de pedras, barro e areia: era por ali que deviam seguir os frades, entre as duas muralhas de fogo.

Os franciscanos, inimigos de Savonarola, chegaram, vindos da Rua Vecherechia. Frei Girolamo, envolto numa sotaina de seda branca, transportando nas mãos um cálice que resplandecia ao sol, e frei Domenico com hábito de veludo escarlate, fechavam a procissão.

— Dai graças a Deus! — cantavam os dominicanos. — A sua grandeza sobre o povo de Israel, e ao seu poderio nos Céus! Tu és terrível, Senhor, na Tua sagrada mansão!

E, retomando o cântico dos frades, a multidão respondia com um comovedor:

— Hosana! Hosana! Bendito seja o que vem em nome do Senhor!

Os inimigos de Savonarola ocuparam metade da galeria vizinha à Casa da Câmara; a outra metade, separada da primeira por uma divisória, era reservada aos discípulos do frade.

Estava tudo pronto, só faltava acender a fogueira. A multidão agitava-se cada vez que os comissários organizadores do duelo saíam do Palazzo Vecchio. Mas, ainda desta vez, depois de se terem aproximado de frei Domenico e de lhe terem segredado qualquer coisa, tornaram a desaparecer. Frei Rondinelli, o adversário de Savonarola, continuava oculto.

A incerteza e a ansiedade cresciam; uns erguiam-se nas pontas dos pés e estendiam o pescoço a fim de ver melhor; outros benziam-se ou desfiavam o rosário, repetindo numa ingenuidade infantil: «Faz o milagre, Senhor, faz o milagre!»

O ar estava pesado e sufocante. Os trovões surdos e longínquos que se ouviam desde pela manhã, aproximavam-se; o sol escaldava.

— Porque se espera? — perguntou um personagem, sentado nos lugares reservados aos cônsules e aos cidadãos de categoria. — Se eles têm tanta pressa de arder, é melhor deixá-los ir quanto antes, e

acabar com isto!

— Mas, considerai, isto é um verdadeiro crime!

— Que idiotice! Julgais então uma grande desgraça que haja dois imbecis a menos sobre a face do mundo!

— Dizeis que eles arderão! Mas é preciso que ardam segundo todas as regras da Igreja, segundo os cânones, e aí está o ponto capital da questão! Tudo isto é duma grande delicadeza teológica!

— Se se trata de teologia, é melhor consultar o papa.

— Que tem o papa que ver com isto? Nós devemos apenas pensar no povo, senhor. Se com isto que se vai passar se consegue restabelecer e consolidar a ordem na cidade, valeria a pena enviar, não só para o fogo, mas também para a água, para os ares, e para o interior da terra, todos os clérigos e todos os frades!

— Bastaria atirá-los para a água! E aí está o que eu aconselharia: deitai os dois frades para dentro dum tanque repleto de água até aos bordos, e aquele que conseguir sair enxuto será esse o justo. Esta variante será pelo menos mais humana!

Os comissários continuavam nas suas idas e vindas entre a Casa da Câmara e a galeria. Parecia que as negociações nunca mais acabavam.

Os franciscanos asseguravam que Savonarola tinha enfeitiçado a sotaina de frei Domenico. Este último foi obrigado a despi-la. Depois, como podia haver ainda encantamento nas suas roupas interiores, obrigaram-no a despir-se completamente e a envergar as vestes doutro frade. Foi-lhe proibido aproximar-se de novo de Savonarola, a fim de evitar que este pudesse praticar novo sortilégio. Forçaram-no também a largar a cruz que tinha nas mãos. Domenico consentiu, mas declarou que não entraria no fogo se o não deixassem ser portador das hóstias sagradas.

Começou então uma discussão escolástica interminável.

Rumores de toda a ordem elevavam-se da multidão; e nesse mesmo momento o céu cobriu-se de nuvens.

De repente, um rugido surdo e prolongado ouviu-se vindo da Via de Leoni, detrás do Palazzo Vecchio.

Era aí, numa fossa de pedra, que estavam encerrados os leões cuja imagem figurava nas armas de Florença. Naturalmente, na confusão e agitação dos preparativos para o duelo, as feras tinham sido esquecidas e reclamavam o seu repasto habitual.

A multidão respondeu a estes rugidos com um outro, mais terrível e mais esfomeado.

— Depressa, depressa! Fogo com eles! Frei Girolamo! O milagre, o milagre...

Savonarola, que rezava diante do cálice contendo as sagradas partículas, voltou a si, aproximou-se da galeria e com o seu gesto autoritário ergueu um braço para impor o silêncio à multidão. Mas o povo

não conseguia calar-se.

Dum dos grupos estacionados sob o Teto dos Pisanos, uma voz ergueu-se, dominando todas as outras:

— Tem medo!

E este grito fez, por um momento, cessar o tumulto.

Um destacamento de cavalaria tentava romper através das últimas filas dos populares. Os cavaleiros pretendiam chegar até junto de Savonarola e cair sobre ele, matando-o na confusão.

— Carregai, carregai, sobre os malditos beatos! — gritavam vozes furiosas.

Diante de Giovanni passavam rostos com expressões verdadeiramente selvagens. Fechou os olhos para não ver, pensando que iam agarrar Savonarola e fazê-lo em pedaços.

Neste momento ribombou um enorme trovão, um raio atravessou o céu, e uma chuva diluviana, como havia muitos anos se não via em Florença, começou a cair.

A tempestade não durou muito tempo, mas não se podia pensar mais no «duelo do fogo»: uma verdadeira torrente corria na passagem destinada aos frades, ao longo das muralhas da lenha.

— Bravo, bravo! — gritava-se na multidão. — Os frades queriam o fogo e encontraram a água. Eis aqui o milagre!

Um destacamento de soldados acompanhou Savonarola através da populaça excitada.

A borrasca passou mas o céu continuava ameaçador.

O coração de Beltraffio confrangeu-se ao ver frei Girolamo curvado sob a chuva, cambaleante e apressado, o capuz descido sobre os olhos e as vestes salpicadas de lama. Leonardo contemplou o rosto pálido de Giovanni e, tomando-o pela mão, como na noite do auto de fé, levou-o para longe da multidão.

III

Na tarde seguinte, Giovanni foi visitar Leonardo para lhe dar conta dos últimos acontecimentos.

A seguir ao «duelo do fogo», a hostilidade que já reinava em Florença contra Savonarola tinha aumentado de violência.

A Senhoria ordenara aos Irmãos Girolamo e Domenico que abandonassem a cidade. Ao saber porém que eles procuravam ganhar tempo, os mais enraivecidos dos seus adversários, armados de espingardas e canhões, e seguidos por enorme multidão, cercaram o convento de S. Marcos e invadiram a igreja onde os frades assistiam aos ofícios. Estes defenderam-se com as tochas acesas e com os crucifixos de madeira e de cobre. Envoltos nos turbilhões do fumo da pólvora, e nos reflexos abrasados do incêndio, pareciam ridículos como galos coléricos e terríveis como demónios. Um marinhara para o teto da igreja donde atirava pedras, outro saltou para o altar e, sob o crucifixo, dava tiros de arcabuz, gritando a seguir a cada descarga: «Viva Cristo!»

O convento foi tomado de assalto. Os frades não conseguiram convencer Savonarola a fugir. Este e o irmão Domenico entregaram-se nas mãos dos inimigos que os conduziram para a prisão.

Em vão os guardas da Senhoria defendiam, ou fingiam defender, Savonarola contra os insultos da populaça.

Uns esbofeteavam-no, gritando: «Adivinha, homem de Deus, adivinha quem te bateu...?» Outros, arremedavam a maneira de cantar dos «carpidores» nas cerimónias da Igreja.

Também havia os que se punham de gatas em frente dele, como se procurassem qualquer coisa no chão e que rosnavam: «A chavinha! A chavinha! Ninguém viu para aí a chave de frei Girolamo?» Fazendo assim alusão a chave tantas vezes citada pelo frade nos seus sermões, e que devia abrir o cofre misterioso das iniquidades romanas.

As crianças, aquelas mesmas que tinham sido «soldados do Santo Exército dos Pequenos Inquisidores», atiravam-lhe com maçãs sorvadas e com ovos podres.

Alguns que não tinham conseguido aproximar-se, gritavam de longe, desesperadamente, até não poderem mais, repetindo ininterruptamente as mesmas invetivas, como se nunca estivessem saciados:

— Cobarde! Cobarde! Sodomita! Judas! Bruxo! Traidor! Anticristo!

Giovanni tinha-o acompanhado até às portas da prisão do Palazzo Vecchio.

Na manhã seguinte, Leonardo e o seu discípulo saíram de Florença.

Assim que chegou a Milão, o pintor dedicou-se com toda a sua alma à obra que havia mais de oito anos adiava de dia para dia: o rosto de Cristo no quadro da *Ceia*.

IV

Naquele mesmo dia que estivera marcado para o «duelo do fogo», véspera de domingo de Ramos, 7 de abril de 1498, morria subitamente Carlos VIII, rei de França.

A notícia deste acontecimento aterrorizou o Mouro, porque o pior dos inimigos dos Sforza, o duque de Orleães devia suceder-lhe no trono, sob o nome de Luís XII. Neto de Valentina Visconti, filho do primeiro duque de Milão, considerava-se este como único herdeiro legítimo ao trono da Lombardia, e estava disposto a conquistá-la, destruindo completamente aquilo que chamava «o ninho dos bandidos Sforza».

Pouco antes da morte de Carlos VIII, o duque organizara na sua corte de Milão um «duelo científico», *scientifico duello*, e tanto este lhe agradara que resolveu repeti-lo dois meses mais tarde. Todos supunham que as perspetivas da guerra o forçassem a adiar a execução do novo torneio oratório. Mas Ludovico considerava vantajoso aparentar uma completa indiferença em face dos inimigos, e simultaneamente demonstrar que no propício reinado dos Sforza, mais que em nenhuma outra época, floresciam na Lombardia as artes e as ciências, «esses brutos de oiro da árvore da paz», e que o seu trono se mantinha e era defendido, não apenas pelas armas, mas também pela glória do protetor das musas, o mais ilustrado de todos os soberanos de Itália.

Leonardo tinha assistido a esse segundo duelo, no qual tivera mesmo de participar, e que, durante muitas horas, se prolongou em intermináveis e estéreis discussões escolásticas. Ao sair do palácio, enveredou por uma rua silenciosa do arrabalde da Porta de Verceil, ao fim da qual as cabras pastavam no campo. Um rapazote, tostado pelo sol, vestido de farrapos, conduzia um bando de patos com um galho de árvore, seco. A noite estava clara. Ao norte apenas, por cima dos Alpes invisíveis, acumulavam-se grandes massas de nuvens raiadas de oiro, pesadas como se fossem de pedra, enquanto que, numa estreita nesga de céu límpido que deixavam entre elas, brilhava uma estrela solitária.

Rememorando os dois duelos de que fora testemunha, o duelo do milagre de Florença, e o duelo da ciência de Milão, Leonardo pensava que, na sua aparente diversidade, os dois eram realmente semelhantes como dois sósias.

Nos degraus duma escada exterior, encostada a uma velha casa, uma garota de seis anos comia uma broa de centeio com cebola cozida. Leonardo parou e chamou-a.

A pequena mirou-o, timidamente, depois, tranquilizada pelo sorriso, sorriu também e desceu, pousando levemente os pezinhos trigueiros e sujos nos degraus cobertos de imundícies, cascas de ovos e restos de camarões. O artista tirou da algibeira uma laranja de doce, doirada, e artisticamente envolvida num fino papel: era uma das muitas guloseimas que habitualmente ofereciam aos convidados do palácio. Leonardo costumava muitas vezes guardar algumas nas algibeiras para as distribuir depois pelos pequenos da rua, durante os seus passeios.

— Uma bola de ouro — murmurou a criança, — uma bola de ouro!

— Não, não é uma bola, é uma laranja! Prova e verás que bom que é.

Sem se atrever a mordê-la, a pequenita mirava o fruto desconhecido com uma silenciosa admiração.

— Como te chamas? — perguntou Leonardo!

— Maia.

— E tu sabes, Maia, a história do galo, do burro e do chibo que foram os três à pesca?

* * * * * * * * * *

— Então, vou contar-te essa história.

Com a sua mão macia e delicada, afagou os cabelos emaranhados da rapariguinha.

— Bem. Onde é que nos sentamos? Espera — trazia também uns bolos de anis; — estou a ver que tu não queres comer a laranja de oiro, Maia!

Começou a procurar nas algibeiras.

Uma mulher ainda nova apareceu à porta da casa. Contemplou Leonardo e Maia, acenou amigavelmente com a cabeça e sentou-se a fiar.

Atrás dela, porém, uma outra mulher, já velha, e corcovada, saiu também de casa. Tinha uns olhos claros como os de Maia: era a avó, provavelmente.

Olhou para Leonardo, e de repente, como se o tivesse reconhecido, juntou as mãos e, curvando-se para a fiandeira, murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido; esta ergueu-se e gritou:

— Maia! Maia! Vem depressa!...

A pequena não se mexia.

— Mas anda, despacha-te, preguiçosa! Espera, que eu te arranjo...

Maia, assustada, correu para elas. A velha arrancou-lhe das mãos o fruto de oiro e atirou-o para um quintal vizinho, onde refocilavam os porcos. A petiza começou a chorar. A velha disse-lhe qualquer coisa apontando-lhe Leonardo, e Maia serenou imediatamente, olhando-o com os olhos arregalados e medrosos.

Leonardo voltou-se, baixou a cabeça e afastou-se rapidamente, sem dizer palavra. Compreendeu que a velha o conhecia de vista; a sua reputação de feiticeiro chegara já até aos mais afastados arrabaldes, e a avó receava que o seu mau olhado desse quebranto à menina.

Fugindo quase, ia tão perturbado que continuava a rebuscar, nas algibeiras, os já agora inúteis bolos de anis, e sorria sem saber bem de quê.

Ao recordar-se dos olhos inocentes e assustados da criança, sentiu-se mais isolado ainda que diante

da multidão que o quisera matar como herético, ou que no meio da assembleia ilustre à qual acabava de assistir e onde a verdade tinha sido chasqueada como os propósitos dos loucos. Parecia-lhe estar tão afastado dos homens como a estrela solitária que cintilava no céu infinito.

De volta a casa, encerrou-se no seu quarto de trabalho, que lhe pareceu mais soturno que uma prisão, com os livros e instrumentos de física cobertos de poeira; sentou-se à mesa, acendeu uma vela, pegou num caderno e mergulhou no estudo há pouco começado, relativo ao «movimento dos sólidos em planos inclinados».

A matemática, assim como a música, tinham o condão de o acalmar. Nessa tarde, como sempre, ela realizava a sua missão, proporcionando-lhe uma grande alegria espiritual.

A luz alumiava frouxamente. O gato, único companheiro das suas vigílias, saltou para cima da mesa e veio roçar-se por ele, ronronando. A estrela solitária, que se divisava através dos vidros empoeirados, parecia-lhe mais longínqua e mais melancólica que nunca. Ao contemplá-la, lembrou-se dos olhos de Maia, fitando-o, assustados, mas essa recordação já lhe não causava nenhuma mágoa: sentia-se de novo em plena posse de toda a serenidade e de toda a impassibilidade, filhas do isolamento.

Porém, no fundo do seu coração, num recesso ignorado dele próprio, fervilhava uma amargura misteriosa, como duma nascente que procura em vão romper a crosta de gelo que a aprisiona: uma amargura que era como uma censura e lhe despertava o sentimento desagradável de ser realmente um criminoso em relação a Maia, e de haver qualquer coisa de que quereria redimir-se sem nunca o conseguir.

V

Na manhã seguinte Leonardo preparava-se para ir ao convento de Santa Maria das Graças, no intuito de terminar o rosto do Cristo.

O mecânico Astro esperava-o à saída da porta com os cadernos, os pincéis e as caixas de tintas. No pátio, Leonardo viu o palafreneiro Nastasio que almofaçava cuidadosamente, debaixo do telheiro, uma égua picarça.

— Como está «Giannino»? — perguntou Leonardo.

Era dos seus cavalos preferidos.

— Está bem — respondeu distraidamente o rapaz. — Mas o cavalo malhado, esse está coxo.

— Coxo? — disse Leonardo, aborrecido. — E há muito tempo já?

— Há quatro dias.

Sem se atrever a olhar para o patrão, Nastasio, calado e indolente, continuava a esfregar as ancas do cavalo com tanta força que este se sustinha, alternadamente, ora num pé ora noutro.

Leonardo quis então ir ver o cavalo coxo e Nastasio conduziu-o à cavalariça.

Quando Giovanni Beltraffio chegou ao pátio, para se lavar na água fria do poço, ouviu a voz aguda e esganiçada, como a duma mulher, que era frequente em Leonardo, quando se zangava.

Os acessos de cólera do mestre, porém, nem duravam muito, nem assustavam o seu pessoal.

— Quem te autorizou, grande borracho e imbecil, quem te autorizou a mandar vir o veterinário para este cavalo?

— Dizei-me, *messer*, o que se há de fazer quando um cavalo adoece?

— Vai para o diabo mais os teus remédios! Como pode esse ignorante, esse magarefe, ter a pretensão de curar, ele que não tem a mínima ideia da estrutura dos corpos, ou da sua anatomia!

Nastasio ergueu os olhos preguiçosos e como que enterrados na gordura da sua face papuda, e, olhando de soslaio para o patrão, disse com um ar de profundo desprezo:

— A anatomia!

— Miserável! Já para o meio da rua! Desaparece quanto antes da minha vista!

O moço de cavalariça nem se mexeu; sabia por experiência própria que a cólera do mestre era

momentânea, e que, passada ela, este lhe pediria para continuar ao seu serviço, porque o apreciava pelo muito que entendia de cavalos.

— Precisamente, já tinha intenção de me ir embora. Vossa Graça deve-me três meses de salário. Quanto ao feno, a culpa não é minha. Marcos não me tem dado dinheiro para o comprar.

— Que vem a ser isso? Como pode ele desobedecer às minhas ordens?

O palafraneiro encolheu os ombros e afastou-se para mostrar que não desejava prolongar por mais tempo a conversação. Pôs-se a andar dum lado para o outro, muito açodado, e recomeçou a escovar o cavalo com tal energia que dava a ideia de querer vingar-se no animal.

Giovanni ouvia toda esta cena com um sorriso maldoso e divertido, enquanto ia com uma toalha esfregando o rosto avermelhado pela água fria.

— Então, mestre? Vamo-nos embora? — perguntou Astro, impaciente...

— Espera! — disse Leonardo. — Quero interrogar Marcos acerca do feno, e saber se este velhaco falou verdade...

E entrou em casa, onde Giovanni o seguiu.

Marcos trabalhava no *atelier*. Como sempre, era com uma exatidão matemática que seguia as indicações do mestre, preparando as tintas pretas para as sombras, calculando-lhe as quantidades com uma minúscula colher de chumbo e consultando às vezes uma tabela coberta de números. Gotas de suor aljofravam-lhe a testa, as veias do pescoço estavam tumefactas, e respirava penosamente.

— Ah! *Messer* Leonardo! Ainda bem que vos vejo. Creio que me enganei aqui num cálculo. Quereis verificar?...

— Bom, Marcos! Isso fica para depois! Agora vim apenas para te perguntar o seguinte: é verdade que tu não dás dinheiro para comprar a ração dos cavalos?

— Sim, é verdade; não dou.

— Mas porquê, amigo? Estou farto de te dizer — continuou Leonardo, contemplando o rosto sério do seu aluno com um olhar que se ia tornando cada vez mais tímido e indeciso, — estou farto de te dizer que é preciso dar dinheiro para as rações. Ou não te lembras?

— Lembro-me, sim, mestre, mas... não tenho dinheiro.

— Ora aí está! Eu bem o dizia. Já gastaste o dinheiro todo! Mas, vejamos, Marcos, tu pensas que os cavalos podem passar sem comer?

Marcos não respondeu e atirou com o pincel num gesto furioso.

Giovanni observava as diferenças sobrevindas nas atitudes de ambos: o mestre tinha tomado o lugar do aluno, e o aluno a posição do mestre.

— Ouvi, *messer* — disse Marcos. — Quando vós me distribuístes estes encargos domésticos, foi com a condição de que nunca mais vos importunaria com semelhantes coisas. Porque vindes agora com isto?

— Marcos — exclamou Leonardo com ar de censura. — Marcos, ainda há bem poucos dias te dei trinta florins! Já os gastaste?

— Trinta florins! Vamos lá fazer as contas! Dois florins emprestados a Lucas Pacioli, outros dois a esse pedinchão de Galéotto Sacrobosco, cinco ao carrasco que vos arranja os corpos dos enforcados para a vossa anatomia, três no conserto dos vidros e do forno da estufa dos peixes e dos répteis e seis florins de oiro para esse demónio às riscas, a girafa. Para poder alimentar esse maldito bicho, temos nós de passar muita fome! Mas, apesar de tudo isso, creio bem que ela ela não se aguenta e há de estourar!

— Isso não me incomoda muito, Marcos — disse mansamente Leonardo. — Se morrer, disseco-a, e estudar-lhe-ei as curiosas vértebras do pescoço.

— Curiosas vértebras! Ah! Mestre, mestre! Se não fossem todas essas fantasias, os cavalos, os cadáveres, as girafas, os peixes, e tudo o mais, nós passaríamos bem a nossa vida com fartura e sem pedir nada a ninguém! O pão de todos os dias não vale mais...

— Pão! Eu por mim não preciso de mais nada! Mas já percebi, Marcos, que tu ficarias muito contente se todos estes animais, que eu adquiro às vezes com tanta dificuldade e que me custam tanto dinheiro, morressem. Não compreendes quanto interesse eu lhes dedico!

A voz do mestre começava a tremer. Estava magoado, evidentemente; a impressão vaga duma ofensa que considerava injusta entristecia-o, e sentia como que um vácuo em seu redor.

O aluno calou-se, aborrecido, baixando a voz.

— E agora? — perguntou Leonardo. — Que fazer, Marcos? Nem temos feno! Isto não é brincadeira nenhuma! E eis ao que estamos reduzidos! Nunca pensei que chegássemos a este ponto!

— Sempre assim aconteceu, e parece que assim continuará a ser para o futuro — replicou Marcos. — Há mais de um ano que não recebemos do duque um «soldo» sequer. Ambrogio Ferrari repete sempre: «Amanhã pagarei», mas creio que se está a divertir à nossa custa, pois nunca nos dá nada.

— A divertir-se! — exclamou Leonardo. — Hei de ensinar-lhe a brincar comigo! Vou queixar-me ao duque e obrigarei esse bandido a pagar o que me deve. E até lá, que Deus lhe dê umas Páscoas desgraçadas!

Marcos contentou-se em sacudir as mãos, num gesto que pretendia significar que não era certamente Leonardo que meteria na ordem o tesoureiro do duque.

— Deixemos isso, *messer* — disse, ao passo que uma expressão de ternura protetora lhe iluminou subitamente o rosto habitualmente severo e duro.

— Deus é grande! — continuou. — Havemos de nos arranjar de qualquer maneira! Vou fazer a diligência e certamente conseguirei comprar o feno para os cavalos!

Bem sabia ele que para conseguir isso não teria mais remédio senão sacrificar um pouco do próprio dinheiro, desse que costumava enviar à sua pobre mãe doente.

— E se fosse só isto! — disse Leonardo deixando-se cair, desalentado, numa cadeira. — Ouve, Marcos — continuou. — Ainda te não disse nada, mas, para o mês que vem, tenho que arranjar, dê por onde der, oitenta ducados, que pedi emprestados... Ah! Escusas de me olhar com esses olhos!

— Emprestados, a quem?

— Ao cambista Arnoldo.

O aluno, desesperado, juntou as mãos, e as madeixas dos seus longos cabelos ruivos caíram-lhe na testa.

— Ao cambista Arnoldo! Dou-vos os parabéns! Não há nada a dizer, haveis batido a boa porta! Mas então vós ignorais de que raça é esse patife, esse celerado, pior que o mais sórdido judeu ou mouro! Ah! Mestre, mestre! O que haveis feito!?... Porque me não falastes primeiro?...

Leonardo deixou pender a cabeça.

— Marcos, tinha tanta falta de dinheiro! Não te zangues...

E uns instantes depois acrescentou, lamentosamente, com ar tímido:

— Traz-me o livro das contas! Vamos ver o que se pode arranjar.

Marcos estava absolutamente convencido que não havia nada a fazer; mas, como era o único meio de o acalmar, foi buscar o livro.

Ao vê-lo, o rosto de Leonardo sombreou-se novamente, e contemplou o grosso caderno, encadernado de verde, com a expressão dum homem que olha para uma própria ferida incurável.

Mergulharam nos números. Leonardo, como grande matemático que era, enganava-se a cada passo nas adições e subtrações. De repente, lembrou-se de uma fatura de muitos milhares de ducados, extraviada. Procurou-a febrilmente, rebuscando nos armários, nas caixas, nos maços de documentos empoeirados. Inutilmente; só descobria papéis e faturas sem importância, cuidadosamente copiados com a sua própria letra, como por exemplo a que dizia respeito à capa do aluno Salaíno:

Brocado da prata ... 15 libras e 4 soldos

Veludo vermelho para a guarnição ... 9 libras

Cordões ... 9 soldos

Botões ... 12 soldos

Furioso, rasgou esses papeluchos e atirou-os para debaixo mesa. Giovanni olhava-o atentamente e

observava que o grande homem era sujeito também às fraquezas humanas. Lembrou-se das palavras dum dos admiradores de Vinci: «O novo deus Hermes Trimegisto, e o novo titã Prometeu, reuniram-se na mesma pessoa.»

«Não — pensou enternecido, — não é nem um deus, nem um gigante, mas apenas um homem como os outros. Porque me intimida, então? Oh? Desgraçado e querido mestre!»

VI

Dois dias passados, aconteceu tudo quanto Marcos previra. Leonardo tinha esquecido completamente a sua conversação e os seus cuidados. Já mesmo no dia imediato pedira três florins para comprar um fóssil antediluviano, e isto com tal entusiasmo que o discípulo não teve coragem de o entristecer com uma recusa; deu-lhe os três florins do dinheiro que já tinha reservado para sua mãe.

Apesar das reclamações de Leonardo, o tesoureiro nunca mais pagava os vencimentos atrasados: Nesse momento o duque tinha grande falta de todos os fundos que pudesse obter para fazer face aos grandes preparativos da guerra com a França,

Leonardo pedia dinheiro emprestado a toda a gente; até aos próprios alunos.

O Mouro não o deixava acabar o monumento ao Sforza; se bem que tudo já estivesse pronto: a estátua de barro, o molde, o esqueleto de ferro, o tanque para fundir o metal, fornos cadinhos, tudo enfim. Mas, quando o pintor apresentava o orçamento para a compra do bronze, o Mouro, atemorizado, zangava-se e despedia-o.

No dia 20 de novembro de 1498, o artista, nos últimos apuros, escreveu uma carta ao duque. O rascunho desta, encontrado nos papéis de Leonardo, está cheio de frases violentas mas sem seguimento; são as hesitações de um homem que sente pudor e relutância em pedir, mesmo aquilo que lhe é devido:

«Monsenhor, se bem que saiba que Vossa Alteza está ocupado por assuntos muito mais importantes, mas receando também que o meu silêncio possa dar motivo ao enfado do Meu Muito Gracioso Protetor, tomo a liberdade de vos lembrar as grandes dificuldades em que me encontro, e notar-vos que as artes estão condenadas a um período de suspensão...

... Há já dois anos que não recebo vencimentos...

... Outras pessoas que estão ao serviço de Vossa Alteza podem esperar, visto terem outros recursos; mas eu vivo exclusivamente da minha arte, que, de resto, faria talvez bem em abandonar por outra ocupação mais lucrativa...

... Sempre dediquei a minha vida ao serviço de Vossa Alteza, e continuo disposto a obedecer-lhe constantemente...

... A respeito do monumento, não direi nada, porque compreendo que os dias...

... É extremamente penoso ver-me coagido, pela necessidade de ganhar a vida, a interromper o meu trabalho, para me ocupar de ninharias. Durante trinta e seis meses tive de sustentar seis pessoas, possuindo para tanto apenas cinquenta ducados.

... Não sei já bem em que devo aplicar as minhas forças...

... Terei que escolher entre a glória e o pão de todos os dias?!...»

VII

Nos princípios de março de 1499, Leonardo recebeu enfim, num belo dia, da tesouraria ducal, os dois anos de ordenados em atraso.

Corria então, com muita insistência, o rumor de que o Mouro, aterrado pela nova tríplice aliança contra ele formada por Veneza, o papa e o rei de França, tinha a intenção de fugir para a Alemanha, até junto do imperador, assim que as tropas francesas fizessem a sua irrupção na Lombardia. No desejo de consolidar e manter a fidelidade dos súbditos durante a sua ausência, o duque aliviou muito os impostos e contribuições, pagou dívidas e encheu os cortesãos de presentes.

Pouco tempo depois, Leonardo recebeu também um testemunho do favor e da munificência ducal:

«Ludovico Maria Sforza, duque de Milão, dá a *messer* Leonardo da Vinci, de Florença, pintor ilustre, dezasseis jeiras de terra com uma vinha, compradas aos frades de S. Vítor, e situadas junto da Porta de Verceil»: tais eram os termos do ato de doação.

O pintor foi agradecer ao duque. Marcaram-lhe uma audiência para essa mesma tarde. Leonardo, porém, teve de esperar até à noite, de tal maneira o Mouro estava sobrecarregado de trabalho.

Terminadas as suas audiências, o duque dirigiu-se ao terraço de Bramante, sobranceiro a um dos fossos do castelo. A noite estava calma; de tempos a tempos ressoavam os toques de trombeta, os gritos prolongados das sentinelas, e ouvia-se o ranger das cadeias enferrujadas da ponte levadiça.

O pajem Ricciardetto trouxe duas tochas que colocou nas argolas de bronze fixas à parede, e estendeu ao duque um prato de oiro cheio de migalhas de pão. Cisnes brancos, atraídos pela luz, aproximaram-se, deslizando sobre o espelho sombrio das águas do fosso. Encostado à balaustrada, o duque começou a atirar-lhes o pão e a admirar a elegância com que avançavam, fendendo silenciosamente a água com o peito.

Tinha sido a marquesa Isabel de Este, irmã da falecida Beatriz, que lhe mandara esses cisnes de Mântua. Ludovico sempre gostara muito deles, mas havia algum tempo que se lhes dedicara ainda mais, e todas as tardes era ele próprio quem se entretinha a alimentá-los; era o único momento de descanso para o seu espírito, constantemente alucinado pelas angustiosas reflexões da guerra, dos negócios, da política e das traições; das suas e das dos outros! Os cisnes recordavam-lhe a meninice, quando também dava de comer a outros semelhantes nas lagoas adormecidas, no meio da luxuriante vegetação de Viggevano.

Aqui, porém, pareciam-lhe mais belos ainda, mais puros e mais alvos, no nevoeiro azulado e argênteo da lua, deslizando nas águas dos fossos do seu castelo de Milão, ao pé dos sombrios torreões, com as suas baterias, paióis, pirâmides de balas e as bocas ameaçadoras das peças.

Atrás do duque entreabriu-se uma portinha, que deu passagem ao camarista Pusterla. Inclinando-se respeitosamente, aproximou-se do Mouro e disse-lhe:

— Chegou *messer* Leonardo.

— Ah, sim, Leonardo! Porque me não disseram há mais tempo? Manda-o entrar!

E voltando-se de novo para os cisnes, pensou:

«Leonardo não me incomoda.»

Um sorriso excecionalmente bondoso iluminou-lhe o rosto amarelado e emurchecido e os lábios finos em que costumava perpassar o rito da maldade e do ardil.

Quando o artista chegou junto dele, o Mouro continuava atirando o pão para a água e fitou-o com o mesmo sorriso que dirigia aos cisnes.

Leonardo quis dobrar o joelho mas o duque deteve-o e beijou-o na testa.

— Eu te saúdo! Há muito já que nos não víamos. Como tens tu passado, meu amigo?

— Eu vinha agradecer a Vossa Alteza...!

— Deixemos isso. Tais presentes não chegam a ser dignos de ti. Concede-me ainda algum tempo e verás que eu sei recompensar-te de acordo com os teus méritos...

Interrogou então Leonardo acerca dos seus últimos trabalhos; as invenções, os projetos, escolhendo de preferência aqueles que lhe pareciam mais fantásticos e impraticáveis: o sino de mergulhador, as asas humanas, etc.

Quando, porém, Leonardo se referiu a assuntos mais sérios, tais como a fortificação do castelo, o canal de Martesana, a fundição do monumento, o duque imediatamente mudou de conversa, com um ar de desdém e de aborrecimento.

De repente, Ludovico afundou-se numa profunda meditação, como havia já alguns meses lhe acontecia frequentemente; calou-se, baixou a cabeça e dir-se-ia ter esquecido a presença do seu interlocutor. Leonardo quis retirar-se.

— Bem, adeus! — disse o duque, erguendo distraidamente o rosto.

Assim porém que Leonardo chegou à porta, tornou a chamá-lo, aproximou-se dele, pousou-lhe as duas mãos sobre os ombros, e fitou-o com um longo olhar cheio de tristeza.

— Adeus — repetiu com voz trémula, — adeus, querido Leonardo! Quem sabe se nos tornaremos a ver!

— Vossa Alteza vai deixar-nos?

O Mouro suspirou e não respondeu.

— É assim a vida, meu amigo — disse depois dum instante de silêncio. — Durante dezasseis anos viveste junto de mim e sempre procedeste bem; pela minha parte também espero não te ter nunca

ofendido. Digam o que disserem; mas nos séculos futuros, quando alguém evocar o nome de Leonardo, há de lembrar também o nome de Ludovico, para o louvar!

O pintor não apreciava demasiado este género de efusões sentimentais, e limitou-se a pronunciar as palavras que costumava dizer em ocasiões semelhantes, e que eram toda a sua eloquência de cortesão:

— Monsenhor, desejaria ter à minha disposição muitas existências, para dedicá-las todas ao serviço de Vossa Alteza!

— Acredito na tua sinceridade — disse o duque. — Talvez mais tarde, quando te lembrares de mim, tenhas saudades...

Não acabou a frase, começou a soluçar, e, abraçando o pintor, beijou-o nos lábios:

— Que Deus te proteja, que Deus te proteja!

Quando Leonardo se afastou, Ludovico ficou ainda durante algum tempo sentado no terraço de Bramante, admirando os cisnes; a sua alma estava cheia de sentimentos que ele não podia facilmente exprimir por palavras. Parecia-lhe que na sua vida, talvez criminosa e sombria, Leonardo passara semelhante a esses pássaros que deslizavam sobre a água dos fossos, de roda da fortaleza de Milão, entre as baterias ameaçadoras, os fortins, os paióis, os montes de granadas e as peças, tão inútil e belo, tão puro e virginal como os cisnes brancos.

No silêncio da noite só se ouvia o ruído da queda lenta das gotas de cera que caíam das tochas quase consumidas. A claridade rósea que estas projetavam fundia-se com o luar e semelhantes a uma visão, sobre o espelho negro das águas os cisnes, mergulhados em misterioso sonho, perpassavam majestosamente sob o céu coberto de estrelas,

VIII

Ao deixar o duque, Leonardo dirigiu-se, apesar da hora tardia, ao convento de S. Francisco, onde estava internado o seu discípulo Giovanni Beltraffio, que havia quatro meses fora atacado duma febre cerebral.

Fora no dia 20 de dezembro de 1498. Nesse dia, Giovanni, na visita que fazia ao seu amigo mestre frei Benedetto, encontrou em casa deste um frade dominicano, o irmão Pagolo, chegado de Florença. A pedido de Benedetto e de Giovanni, este contou o que sabia acerca da morte de Savonarola.

A execução fora marcada para 23 de maio de 1498, às nove horas da noite, na praça da Senhoria, em frente do Palazzo Vecchio, no mesmo local em que se tinham realizado o «Auto de Fé das Vaidades» e o «Duelo do Fogo».

Na extremidade duma estreita e comprida ponte estava disposta a lenha para a fogueira, sobre a qual se erguia a forca, formada por um grosseiro e forte barrote enterrado no solo e encimado por uma prancha transversal a que estavam presos três laços corredios de corda e as cadeias de ferro. Apesar de todas as diligências dos artífices que tinham trabalhado na construção do cadafalso, já prolongando, já encurtando as dimensões da prancha transversal, este mantinha sempre a forma duma cruz.

Uma multidão tão numerosa, como a que assistira ao «Duelo do Fogo», agitava-se na praça e apinhava-se nas janelas, nos balcões e nos telhados das casas.

Os condenados, Girolamo Savonarola, Domenico Buonvicini e Silvestre Marufi, saíram do Palácio.

Em frente da tribuna onde estava o bispo de Vasona, enviado do papa Alexandre VI, fizeram a primeira paragem. O bispo ergueu-se, tomou frei Girolamo pelo braço e leu-lhe o texto da bula de excomunhão, com uma voz hesitante e sem ousar erguer os olhos.

Ao pronunciar, num tom de voz quase impercetível, as últimas palavras:

— *Separo te ab Ecclesia militante atque triumphante.* Separo-te da Igreja militante e triunfante.

— *Militante, non triumphante; hoc enim tuum non est!* Militante, podes tu dizer; mas triunfante não, a tanto não chegam as tuas atribuições! — corrigiu Savonarola.

Despojaram os excomungados das vestes, não lhes deixando mais que a camisa, e estes continuaram o seu caminho, detendo-se ainda diante da tribuna dos comissários apostólicos, que leram a sentença do tribunal eclesiástico, e diante da tribuna dos «Oito da República Florentina» que os condenaram à morte em nome do povo.

Nesta última parte do trajeto, frei Silvestre tropeçou e ia caindo.

A Domenico e a Savonarola aconteceu-lhes o mesmo; descobriu-se mais tarde que garotos da cidade, antigos membros do «Santo Exército dos Pequenos Inquisidores», se tinham ocultado sob as pranchas da ponte e colocado espinhos entre estas, a fim de ferir os condenados.

Frei Silvestre Marufi devia ser o primeiro supliciado. Subiu os degraus da forca conservando o ar de estúpida apatia que lhe era habitual, como se ainda não tivesse compreendido o que se passava. Porém, quando o carrasco lhe passou o baraço ao pescoço, ergueu os olhos ao céu e exclamou:

— Entrego a minha alma nas Tuas mãos, Senhor.

Depois, saltou da escada sem esperar o auxílio do carrasco, num movimento cheio de audácia, e nessa ocasião o seu rosto tomou uma expressão de beatitude e de inteligência sobrenaturais.

Frei Domenico mantinha-se ora num pé ora noutro, esperando a sua vez com uma impaciência cheia de alegria; e, quando lhe fizeram sinal para se aproximar, dirigiu-se para a forca com um sorriso de felicidade, semelhante ao que teria se partisse para o Céu.

Os corpos de Silvestre e de Domenico pendiam nas duas extremidades da trave. O lugar do meio era destinado a Savonarola.

Ao subir para o suplício, este deteve-se e baixou os olhos sobre a multidão.

Um silêncio semelhante ao que precedia as primeiras palavras dos seus sermões, quando pregava na catedral de Santa Maria del Fiore, fez-se em toda a praça. Quando lhe passaram ao pescoço o laço da corda, alguém gritou:

— Faz o milagre, faz o milagre, profeta!

Ninguém saberia dizer se era o grito de um louco e de um crente ou se era um sarcasmo.

O carrasco sacudiu-o da escada.

Assim que frei Girolamo foi enforcado, um velho operário, de feições bondosas e piedosas, que há muitas horas já se mantinha em expectativa no seu posto, benzeu-se rapidamente e com um archote inflamado acendeu a fogueira, pronunciando as mesmas palavras que Savonarola dissera ao acender o «auto de fé das vaidades»:

— Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

Uma chama irrompeu, mas o vento abateu-a sobre o solo. A multidão agitou-se, todos se acotovelavam e apertavam, ou corriam cheios de terror. Ouviram-se gritos:

— Um milagre! Um milagre! Um milagre! Não ardem!

O vento acalmou-se. A chama ergueu-se de novo e começou a lamber os cadáveres. As cordas que prendiam as mãos de Savonarola começaram a arder, desprenderam-se e caíram; nesta ocasião, as mãos pareceram mover-se no meio das chamas, e a muitos dos espetadores deram a impressão de que o frade abençoava o povo pela última vez.

Quando a fogueira se extinguiu, e que não restaram mais do que os ossos carbonizados, e alguns farrapos de carne agarrados às correntes de ferro, os discípulos de Savonarola rodearam o cadafalso na ânsia de reunir os restos mortais dos mártires.

Os guardas sacudiram-nos e recolheram as cinzas numa carreta para as irem deitar no rio, dos parapeitos da Ponte Vecchio. No caminho, porém, alguns «carpidores» conseguiram roubar uns punhados de cinzas, e o coração de Savonarola que, segundo se dizia, ficara intacto.

Ao terminar a sua narrativa, o irmão Pagolo mostrou aos auditores um saquinho cheio dessas cinzas. Frei Benedetto longamente o beijou, regando-o com as suas lágrimas.

IX

Os dois frades dirigiram-se depois à igreja para os ofícios da tarde, deixando Giovanni só.

Quando voltaram, encontraram-no estendido no solo, sem sentidos, junto do crucifixo; tinha nos dedos crispados o saquinho das cinzas de Savonarola.

Durante três meses esteve entre a vida e a morte. Frei Benedetto não o deixou um só momento. Muitas vezes, no silêncio da noite, à cabeceira do doente, escutava as frases que a Giovanni escapavam no delírio, e que o aterravam.

O doente via Savonarola, Leonardo da Vinci e a Virgem Santa, que, desenhando com o dedo figuras geométricas sobre a areia do deserto, ensinavam ao Menino Jesus as leis imutáveis do Universo.

— Que imploras Tu nas Tuas orações, ó Cristo? — repetia Giovanni numa dor inarrável. — Tu não sabes que não há milagres, e que o cálice se não pode afastar dos Teus lábios, da mesma maneira que a linha reta nunca poderá deixar de ser o caminho mais curto entre dois pontos?!

Giovanni salvou-se graças aos cuidados e a dedicação de frei Benedetto. Nos princípios de junho de 1499, assim que as forças lhe permitiram erguer-se e andar, voltou para o atelier de Leonardo, a despeito de todas as exortações e súplicas do frade. No fim de julho desse mesmo ano o exército do rei de França, Luís XII, comandado por D'Aubigné, Luís de Luxemburgo e João Jacques Trivulce, atravessou os Alpes e invadiu a Lombardia.

CAPÍTULO X
Águas calmas
(1499-1500)

Le onde sonore e luminose sono governate dalle stesse leggi che governano le onde delle acque: l'angolo incidente deve eguagliare l'angolo rifflettente...

Il duca ha perso lo stato e la roba e libertá, e nessuna opera sua si fini per lui.

Leonardo da Vinci.

As ondas do som e da luz estão sujeitas às mesmas leis de mecânica que as ondas da água: o ângulo de incidência é igual ao ângulo de reflexão...

O duque perdeu os domínios, a fortuna e a liberdade e não triunfou em nenhum dos seus empreendimentos.

Leonardo da Vinci.

I

Na torre nordeste do Palácio Rocchetti havia uma porta chapeada de ferro, ornada com uns frescos incompletos de Vinci representando o deus Mercúrio. Esta porta, que se abria numa grossa muralha de tijolo, dava acesso a uma escada de pedra que conduzia a um subterrâneo abobadado, comprido e estreito, cheio de cofres de carvalho: era a tesouraria do duque Ludovico. Na noite de 1 de setembro de 1499, o tesoureiro da corte, Ambrogio de Ferrari, com o diretor dos rendimentos ducais, Borgonzio Botta, e os seus ajudantes, ocupavam-se em retirar dos cofres o dinheiro, as pérolas e as pedras preciosas, que colhiam às mãos-cheias, como se se tratasse dum simples cereal, e iam metendo em sacos de couro que imediatamente eram fechados e selados. Estes sacos eram a seguir transportados através do jardim e carregados em mulas. Duzentos e quarenta sacos foram assim preparados e distribuídos por trinta carregamentos; no entanto, as tochas fumarentas iluminavam ainda montanhas de ducados no fundo dos cofres.

O duque, sentado à porta da tesouraria, diante duma mesa sobrecarregada de livros de contas, contemplava com ar abstrato as chamas das velas, alheio ao que se passava em sua volta.

Desde o dia em que recebera a notícia da fuga do seu capitão-general, o «signor» Galéas Sanseverino, e da próxima chegada dos franceses a Milão, caíra num torpor estranho, semelhante à catalepsia.

Quando todos os valores foram retirados do subterrâneo, o tesoureiro perguntou-lhe se desejava deixar, ou levar consigo também, a baixela de oiro e de prata. O Mouro mirou-o, franzindo os sobrolhos, como num esforço para associar as ideias e tentar compreender o que lhe diziam: depois desviou-se, fez um gesto vago com a mão e olhou de novo fixamente para a chama da vela. Quando *messer* Ambrogio repetiu a pergunta, o duque nem sequer o ouviu. Os tesoureiros retiraram-se então e o Mouro ficou só.

Alguns instantes depois o velho camarista Pusterla veio anunciar-lhe a chegada do novo comandante da fortaleza, Bernardino de Corte. Ludovico passou a mão pelo rosto, ergueu-se e disse;

— Sim, sim, com certeza, mandai-o entrar!

Como tinha pouca confiança nos descendentes das famílias ilustres, costumava dar títulos de nobreza a pessoas do povo, fazendo dos últimos os primeiros e dos primeiros os últimos.

Entre a gente da sua corte havia filhos de caldeireiros, de pescadores, de cozinheiros, de condutores de mulas. Bernardino, cujo pai passara de criado de quarto da corte a ecónomo das cozinhas, tinha ele próprio na sua mocidade vestido libré de lacaio.

Ludovico elevara-o às mais altas dignidades, e dava-lhe agora a maior prova de estima, entregando-lhe nas mãos a defesa do castelo de Milão, a última fortaleza que lhe restava na Lombardia.

Recebeu o novo comandante com afabilidade, fê-lo sentar e deu-lhe conselhos e explicações sobre a maneira de fortificar e defender o castelo.

— Lembra-te, Bernardino — disse-lhe terminando, — que tudo foi previsto; tens o necessário, e mais até: dinheiro, pólvora, provisões para o reabastecimento das armas de fogo e três mil mercenários com os soldos já pagos. Sob o teu comando fica uma fortaleza capaz de suportar um cerco de três anos; mas eu peço-te para resistir apenas durante três meses, e, se eu não vier em teu socorro, poderás fazer o que quiseres. E creio que é tudo. Adeus! Que Deus te proteja, meu filho!

Beijou-o e despediu-o.

Assim que o comandante saiu, Ludovico deu ordem ao seu pajem para lhe preparar a cama de campanha; rezou uma prece e deitou-se, mas não conseguiu adormecer. Conservou-se deitado até à meia-noite, depois ergueu-se e começou a passear na sala. Pensava nos sofrimentos que o afligiam, na injustiça do destino, e na ingratidão dos homens.

«Que lhes fiz eu? Porque me odeiam? Chamam-me miserável e assassino! Mas, nesse caso, Rómulo, que matou o seu irmão, e César, e Alexandre, todos os heróis da antiguidade não são também miseráveis assassinos? Quis dar-lhes um novo século de oiro, como os povos não conheciam desde o tempo de Augusto, de Trajano e de António. Se me tivessem dado ainda algum tempo, na Itália unificada sob o meu mando, teriam florescido os antigos loureiros de Apolo e os olivedos de Palas-Ateneia; a idade da paz eterna e das divinas musas teria começado. Eu fui o primeiro soberano que procurou a grandeza, não em explicações sangrentas, mas nos frutos de oiro da concórdia e das ciências.»

A chama da vela agonizante deu um último lampejo que iluminou as abóbadas da sala e o deus Mercúrio por cima da porta da tesouraria, e depois extinguiu-se. O duque estremeceu, vendo nisto um mau presságio. Dirigiu-se às apalpadelas para o leito, para não acordar o pajem Ricciardetto, despiu-se, e desta vez conseguiu adormecer rapidamente.

Viu-se, em sonhos, ajoelhado aos pés de madona Beatriz, que acabara de saber dos seus amores com Lucrécia e o esbofeteava e insultava. Sentia-se triste mas não ofendido.

Oferecendo submissamente o rosto aos golpes das mãos de Beatriz, segurava-as para as beijar; chorava de amor e de ternura por ela. Depois, de repente, já não era Beatriz que tinha diante de si, mas o deus Mercúrio, o mesmo que Leonardo pintara no «fresco», por cima da porta de ferro, e que se assemelhava a um anjo ameaçador. O deus agarrou-o pelos cabelos e gritava: «Estúpido! Estúpido! Por que esperas tu? Julgas que as tuas manhas te livrarão de dificuldades, e que escaparás ao castigo divino?»

Quando o Mouro acordou, os primeiros lampejos da aurora brilhavam nas janelas. Os cavaleiros, os gentis-homens, os militares, os mercenários alemães que o deviam acompanhar à Alemanha — ao todo uns trezentos cavaleiros — aguardavam a saída do duque espalhados na grande álea do parque e ao longo da estrada que a caminho dos Alpes se dirigia para o norte.

O duque montou a cavalo e dirigiu-se ao mosteiro de Santa Maria das Graças, para rezar, pela última vez, junto do túmulo de sua mulher.

Aos primeiros raios do sol o triste cortejo pôs-se em marcha para Insbruck; devia passar por Como, Bellaggio, Bormio, Balzano e Brisina.

II

Devido às grandes chuvas outonais, o estado das estradas era desgraçado: a viagem durou mais de duas semanas.

A 18 de setembro, já pela noite dentro, a expedição aproximava-se do seu termo. O duque, fatigado e doente, resolveu passar a noite na montanha, numa caverna de pastores. Não teria sido difícil encontrar um abrigo mais confortável e tranquilo; mas escolhera este local selvagem propositadamente, com o desígnio de ali receber o enviado que o imperador Maximiliano enviara ao seu encontro.

O fogo iluminava as estalactites da gruta. O duque, sentado num banco portátil de correias, estava friorentamente envolvido em coberturas e tinha uma braseira aos pés. Ao seu lado, tranquila e serena como sempre, madona Lucrécia preparava-lhe, como boa enfermeira, uma mistura da sua invenção contra as dores de dentes, composta de vinho, pimenta, cravinho da Índia e outras especiarias.

Nesta altura chegava o enviado do imperador.

— Vede, *messer* Odoardo — disse Ludovico; encontrava na magnitude dos seus sofrimentos uma satisfação secreta que o consolava — podeis dizer ao imperador onde e em que circunstâncias encontrastes o soberano legítimo da Lombardia!

Estava num destes acessos de loquacidade súbitos, que se apoderavam muitas vezes dele depois dos períodos de meditação e de longo silêncio:

— As raposas têm a sua toca, os corvos o seu ninho, mas eu não tenho na terra nenhum sítio onde descansar a cabeça!

— Corio — continuou, dirigindo-se ao historiador da corte, — quando fizeres a tua crónica, não te esqueças de mencionar esta noite passada numa caverna de pastores, último refúgio do filho do grande Sforza, o descendente do herói troiano Angulo, companheiro de Eneias!

— Monsenhor, as vossas desditas mereciam ser contadas por um moderno Tácito! — retorquiu Odoardo.

Lucrécia ofereceu ao duque o gargarejo que estivera preparando, e que este lhe agradeceu com um olhar de reconhecida admiração. Pálida e fresca ao reflexo róseo da chama, os cabelos lisos em bandós sobre as orelhas, e no meio da testa um brilhante preso ao estreito fio da «ferronnière», olhava-o com um sorriso de ternura maternal; os seus olhos atentos e sérios refletiam um orgulho inocente como o das crianças.

«Querida Lucrécia! — pensou o duque. — Não será ela que me trairá ou me enganará!»

Ouviram-se à entrada da caverna relinchos de cavalos, piafés, e vozes abafadas. O camarista Pusterla entrou correndo e murmurou algumas palavras ao ouvido do secretário-geral, Bartolomeu Calco.

— O que há? — perguntou o duque.

Todos se calaram e baixaram os olhos.

— Alteza!... — disse o secretário, mas a sua voz tremia, e afastou-se sem acabar a frase.

— Monsenhor — disse então o médico Luigi Marliani, aproximando-se do Mouro. — Deus proteja Vossa Alteza! Preparai-vos para tudo: más notícias...

— Dizei, dizei depressa! — exclamou o Mouro empalidecendo.

À entrada da caverna, no meio dos soldados e dos servos, divisou um homem calçado de altas botas cobertas de lama. Todos se afastaram silenciosamente. O duque repeliu *messer* Luigi e precipitou-se ao encontro do mensageiro. Tirando-lhe das mãos uma carta que trazia, arrancou-lhe os selos, leu-a rapidamente, e soltando um grito deixou-se cair para o lado. Pusterla e Marliani mal tiveram tempo de o segurar.

Borgonzio Botta informava o Mouro que, em 17 de dezembro, dia de S. Sátiro, o traidor Bernardino de Corte entregara o castelo de Milão ao marechal do rei de França, Trivulce. O duque costumava desmaiar com frequência, e servia-se até dessa faculdade como dum artifício diplomático. Desta vez, porém, o desmaio não foi simulado.

Durante muito tempo não conseguiram reanimá-lo. Quando, enfim, abriu os olhos, soergueu-se e benzendo-se devotamente disse:

— Desde Judas até hoje ainda não apareceu um traidor maior do que este Bernardino de Corte! Foi uma serpente que eu acalentei no meu peito!

E durante o resto da noite não tornou a pronunciar mais uma palavra.

Alguns dias depois, em Insbruck, onde o imperador Maximiano o tinha gentilmente recebido, Ludovico, encontrando-se só a uma hora adiantada da noite com o seu secretário principal, Bartolomeu Calco, passeava dum lado para o outro num dos aposentos do palácio imperial; estava ditando duas cartas credenciais para os embaixadores que secretamente ia enviar a Constantinopla implorando do sultão auxílio contra os franceses.

Nessa noite o duque rezou demoradamente, com maior fé e com esperança que o sultão viesse em seu socorro. Rezou diante da sua imagem favorita, obra de Leonardo da Vinci que era a Virgem representada sob as feições da sua amante, a condessa Cecília Bergamini.

III

Dez dias depois da rendição da fortaleza, Trivulce, saudado pelos gritos de alegria da população: «França! França!» e pelo repicar dos sinos, entrava em Milão como numa cidade conquistada.

O rei devia chegar em 6 de outubro. Os habitantes preparavam-lhe uma receção triunfal.

Nas vésperas da festa, os síndicos dos mercadores retiraram do tesouro da catedral dois anjos de oiro, que no tempo da República tinham simbolizado os génios da liberdade. As molas frágeis que punham em movimento as asas doiradas estavam gastas. Os síndicos entregaram-nas ao antigo mecânico da corte Leonardo da Vinci para as consertar. Nesta época, Leonardo estava completamente absorvido na construção duma nova máquina voadora.

Numa manhã sombria em que se embrenhava na revisão dos cálculos matemáticos da sua obra, Astro, ao seu lado, consertava as molas quebradas dos anjos da Comuna de Milão. Junto deles jaziam os esqueletos das asas de verga cobertas duma membrana de tafetá, e que lembravam não as asas dum morcego, como nos modelos precedentes, mas sim as duma gigantesca andorinha. Uma delas estava já pronta; fina, pontiaguda, extremamente perfeita, erguia-se do chão até ao teto.

Desta vez Leonardo resolvera imitar o mais possível a estrutura do corpo dos pássaros, nos quais a Natureza oferecia ao homem o verdadeiro modelo das máquinas de voar.

— Enfim, Deus seja louvado, acabei! — disse Astro, dando corda ao mecanismo consertado.

Os anjos começaram a bater rapidamente as pesadas asas. Uma corrente de ar atravessou o quarto, e a asa fina e leve da gigantesca andorinha estremeceu e agitou-se também, como se estivesse viva. E o ferreiro contemplava-a com manifesta ternura.

— Quanto tempo inutilmente perdido com estas bagatelas! — resmungou, mostrando os anjos. — Mas agora, seja ou não da vossa vontade, mestre, já daqui não sairei sem ter acabado as asas. Dai-me o plano da cauda!

— Ainda não está pronto, Astro. Tens de esperar que eu reflita.

— Como, mestre? Há três dias já que me prometestes...

— Que queres, meu amigo? A cauda do nosso pássaro tem que servir de leme. Bastaria o mais pequeno erro de cálculo para estragar tudo.

— Bem, bem, vós deveis sabê-lo melhor do que eu. Esperarei; e durante esse tempo a outra asa...

— Astro — disse o mestre, — é preferível não te apressares. Receio ter que fazer ainda algumas modificações.

O ferreiro não respondeu nada. Levantou cuidadosamente o esqueleto de verga e, depois, voltando-

se de súbito para Leonardo, disse com voz trémula e surda:

— Mestre, mestre, não vos zangueis comigo, mas se, pelos vossos cálculos, vós não considerais ainda esta máquina apta a voar, eu tentarei apesar de tudo; apesar da mecânica e da matemática... hei de voar, não tenho coragem para esperar mais tempo, porque desta vez...

Não concluiu a frase. Leonardo contemplava com atenção o rude e casmurro ferreiro, em cujo rosto se lia um pensamento único e loucamente obsessivo.

— Mestre — concluiu Astro, — dizei-me francamente: voaremos ou não?

As suas palavras traíam uma tal esperança e um tal receio, que Leonardo não teve coragem de lhe dizer a verdade.

— Com certeza — respondeu baixando os olhos, — mas não se pode afirmar nada, antes de fazer a experiência. No entanto, creio, Astro, que voaremos!

— Bem, isso me basta — disse o ferreiro, radiante, — não quero saber mais nada! Se vós dizeis que voaremos, é porque voaremos!

Via-se que procurava conter o seu entusiasmo, mas que não o conseguia. Soltou uma grande gargalhada infantil.

— Que tens tu? — perguntou Leonardo surpreendido.

— Desculpai, mestre. Não vos interromperei mais. É esta a última vez. Mas acreditai-me, quando começo a meditar nos franceses, nos milaneses, no duque, no rei, sinto uma grande vontade de rir; sinto muita pena deles e fico contente; agitam-se esses senhores, combatem, e pensam: «Que grandes pessoas que nós somos, e que grandes coisas fazemos!» Pobres vermes da terra, que rastejam, pobres animais sem asas! E nenhum deles suspeita o milagre que aqui se prepara! Imaginai, mestre, como abrirão a boca e arregalarão os olhos quando nos virem, com as nossas asas, voando nos céus! Porque não seremos como estes anjos doirados, que agitam inutilmente as suas asas, para recreio da populaça! Hão de ver e não hão de acreditar! «Deuses!», pensarão eles. A mim, por exemplo, é provável que não me tomem por um habitante do céu, mas de preferência por um diabo, mas, quanto a vós, com as vossas asas haveis de parecer um verdadeiro deus. A menos que vos não julguem o «Anticristo». Hão de ficar aterrorizados; cairão de joelhos, saudar-vos-ão. Ó mestre Leonardo, meu Deus! Meu Deus! Será possível?

Excitava-se como um homem presa do delírio.

«Desgraçado! — pensou Leonardo. — Como ele acredita! É capaz de endoidecer. Como dizer-lhe a verdade!»

Neste momento ouviu-se um violento ruído à porta exterior da casa, depois vozes e passos, e, finalmente, o mesmo rumor que se repetia já junto da porta cerrada do *atelier*.

— Quem diabo será? — resmungou o ferreiro, mal-humorado. — Quem está aí? Não se pode falar com o mestre. Não está em Milão.

— Sou eu, Astro, sou eu, Lucas Pacioli. Por amor de Deus, abre depressa!

O ferreiro foi abrir e entrou um frade, velho conhecido de Leonardo.

— Que tendes, frei Lucas? — perguntou o mestre, ao ver-lhe o rosto transtornado.

— Eu por mim nada, mestre Leonardo, ou melhor talvez; mas isso fica para depois; por agora... ó mestre Leonardo! O vosso *Colosso*... Os besteiros gascões, vi com os meus próprios olhos, destroem o cavalo... vamos, vamos depressa!

— Para quê? — replicou tranquilamente Leonardo, cujo rosto empalidecera ligeiramente. — Que poderemos nós fazer?

— Mas quê? Não podeis ficar aqui de braços cruzados, enquanto estão destruindo uma das vossas maiores obras-primas! Sei como podemos chegar junto de *sire* de la Trémouille. É preciso pedir-lhe...

— Já não chegaremos a tempo — respondeu o artista.

— Sim, chegaremos; podemos atravessar o jardim, mas... o que é preciso é despacharmo-nos!

Leonardo, arrastado pelo frade, saiu de casa, e apressaram-se, quase correndo, a caminho do castelo.

Durante o caminho, frei Lucas contou-lhe então o seu próprio infortúnio. Na noite anterior, a cave de S. Sulpício fora saqueada pelos lansquenetes, ébrios, que tendo descoberto numa das celas reproduções em cristal de sólidos geométricos, e tomando-as por «invenções diabólicas», e «instrumentos divinatótios», tudo fizeram em pedaços.

— Que mal lhes faziam — balbuciou Pacioli, desesperado, — que mal lhes faziam os meus inocentes cristais!

— Por favor, frei Lucas, não vos preocupeis mais comigo! — disse então Leonardo. — Ide à vossa vida, que eu me arranjarei como puder, sozinho!

Arregaçando a batina, o ágil frade, com os pés nus metidos em socos de madeira que matraqueavam ruidosamente o solo, abalou, correndo e saltitando.

Leonardo atravessou a ponte levadiça do castelo, e entrou no pátio interior, chamado «Campo de Marte».

IV

A manhã estava enevoada; as fogueiras do bivaque extinguiam-se. A praça e os edifícios vizinhos estavam transformados numa imensa caserna — com cavalariças e tabernas, — por toda a parte canhões, obuses, imundícies, tendas, sacos de aveia, fardos de palha e montes de estrume. No meio de utensílios de cozinha, em redor de tonéis cheios ou vazios, voltados a servir de mesas de jogo, ouviam-se os risos, os gritos, as pragas, lançadas em todas as línguas, as imprecações e os cantos dos borrachos. Por momentos tudo se calava à passagem dos chefes. Depois os tambores rufavam de novo, as cornetas dos lansquenetes normandos e suavos atroavam os ares, e as trompas dos mercenários suíços, oriundos dos cantões de Uri e de Unterwald, espalhavam os seus sons selvagens e melancólicos. Ao chegar ao meio da praça, o artista viu ainda o seu *Colosso* intacto.

O duque ilustre, o conquistador da Lombardia, Francisco Sforza, com a sua cabeça de calvo, como um imperador romano, e a expressão em que se aliava a força do leão à manha da raposa, lá estava sempre no seu cavalo, que se empinava sobre as patas traseiras e apoiava as mãos ao corpo dum guerreiro caído.

Os arcabuzeiros suavos, os frecheiros da Picardia, os alabardeiros gascões, e outros mercenários, agitavam-se em roda da estátua, soltando grande gritaria. Compreendiam-se mal uns aos outros, e supriam por gestos as palavras que lhes faltavam. Leonardo acabou por compreender que a discussão era motivada por disputa entre dois besteiros, um alemão e outro francês. Desafiavam-se para atirar, cada um por sua vez, a uma distância de cinquenta passos, depois de ter bebido quatro cântaros de vinho forte. Uma marca no pescoço do *Colosso* serviria de alvo.

A cantineira trouxe o vinho. O alemão esvaziou as quatro vasilhas combinadas, uma após outra, sem tomar o fôlego; depois, colocando-se no lugar marcado, apontou, atirou... e falhou. A frecha, raspando a face, partiu o lóbulo da orelha e não bateu no alvo.

O francês empunhou o arco, e preparava-se para atirar, quando de repente houve um movimento na multidão. Os soldados afastaram-se para deixar passar um cortejo magnífico precedido de arautos e que foi saudado com aclamações.

— Quem é? — perguntou Leonardo ao frecheiro.

— Sire de la Trémouille.

«Então ainda não é tarde! — pensou o artista. — Posso correr atrás dele, pedir-lhe...»

Mas manteve-se no mesmo lugar, experimentando uma tal incapacidade de movimentos, uma indiferença tão invencível, uma tão grande apatia, que se nesse mesmo minuto a sua vida estivesse em jogo, não seria capaz, para a salvar, de mexer o dedo meiminho. O terror, a vergonha, a repugnância apossavam-se dele só à ideia de que teria sido preciso atravessar aquela multidão vil de lacaios e palafreneiros, para correr atrás do poderoso senhor, como propusera Lucas Pacioli.

O gascão tornou a apontar: a flecha silvou e acertou no alvo.

— Bigorre! Bigorre! Montjoye-Saint Denis! — gritaram os seus camaradas, agitando as boinas. — A França ganhou!

Os frecheiros rodeavam o *Colosso* e o jogo continuava.

Leonardo desejava partir mas estava pregado ao solo; era como se um sono terrífico e estúpido o tivesse invadido; assistia tranquilamente à destruição duma obra em que gastara dezasseis dos melhores anos da sua vida, e que era talvez uma das mais belas obras do génio humano desde Fídias e Praxíteles.

Sob a avalanche das balas, das frechas e das pedras o barro desfazia-se em fina poeira e caía em pedaços, deixando a nu, semelhante aos ossos, o esqueleto de ferro da estátua.

O Sol saíra das nuvens. No esplendor alegre dos seus raios a ruína do *Colosso* parecia ainda mais lamentável, como o corpo do herói mutilado, sobre o cavalo sem pés, os restos do cetro real na mão que ficara intacta, e a inscrição, no pedestal: *Ecce Deus*...

Neste momento passou na praça o generalíssimo dos exércitos do rei, o velho marechal Trivulce. Lançando um olhar para o *Colosso*, parou surpreendido, olhou novamente, abrigando os olhos com a mão, e, depois, dirigindo-se aos que o acompanhavam, perguntou:

— Que quer isto dizer?

— Monsenhor — respondeu timidamente um dos seus ajudantes, — foi o capitão Cockburn que permitiu aos seus besteiros...

— Mas é o monumento a Sforza — exclamou o marechal, — a obra de Leonardo da Vinci, que está a servir de alvo aos frecheiros gascões!

Aproximou-se rapidamente da multidão dos soldados, que estavam tão absorvidos no seu torneio, que não tinham dado fé do que se passava em roda deles, agarrou pelo pescoço o frecheiro gascão e lançou-o violentamente a terra, insultando-o. O rosto de Trivulce tornava-se roxo, as veias do pescoço incharam-lhe.

— Monsenhor — balbuciou o soldado de joelhos e tremendo de medo. — Monsenhor, nós não sabíamos... O capitão Cockburn...

— Esperai um pouco... canalhas... cachorros — gritava Trivulce. — Eu vos darei o capitão Cockburn! Vou mandar-vos enforcar...

Num gesto brusco, Trivulce tinha levantado a espada, tomara balanço, e ia lançar o golpe se nesse instante Leonardo, com a sua mão esquerda, não segurasse o punho do marechal, com tanta força que lhe amachucou a pulseira de cobre.

Esforçando-se inutilmente por soltar a mão, o marechal olhava estupefacto para Leonardo.

— Quem és tu? — perguntou-lhe.

— Leonardo da Vinci — respondeu este tranquilamente.

— Como te atreveste? — começou o velho furioso, mas, encontrando o olhar modesto e franco do artista, calou-se.

— Assim, és tu, Leonardo — disse ele contemplando o artista. — Mas larga-me a mão. Que força! Dobraste-me o bracelete! Digo-te que és um homem corajoso!

— Monsenhor, peço-vos, perdoai-lhes! — disse o artista num tom de súplica respeitosa.

O marechal olhou para ele outra vez mais atentamente, começou a rir e abanou a cabeça.

— Que original! Destruíram a tua obra-prima e tu ainda pedes por eles!

— Alteza! Se os enforcais, que aproveitaríamos, eu e a minha obra? Não sabem o que fazem.

O velho marechal concentrou-se uns momentos. Subitamente, todo o rosto se iluminou: nos seus olhos inteligentes passou um clarão de bondade.

— Ouve, *messer* Leonardo, há uma coisa que eu não compreendo bem! Como é possível que tu tenhas estado a assistir a isto, indiferente e sem intervir? Porque não me mandaste procurar? Porque te não queixaste, a mim ou ao senhor de la Trémouille? Justamente ele deve ter passado aqui há pouco.

Leonardo baixou os olhos e disse, corando como um culpado:

— Já não tive tempo... Não conheço sire de la Trémouille...

— É pena, realmente — concluiu o marechal, olhando para os destroços. — Teria dado uma centena dos meus melhores soldados pelo teu *Colosso*...

Ao voltar para casa, o pintor atravessou a ponte dominada pelo elegante balcão, obra de Bramante e onde Ludovico lhe dera a última audiência, e viu os pajens e os palafreneiros franceses que se entretinham a atirar sobre os cisnes aprisionados, que o duque tanto estimava. Os malandrins lançavam as flechas sobre os pássaros aterrados que em vão tentavam escapar. Os corpos ensanguentados nadavam baloiçando-se na água negra, entre tufos de penugem branca e plumas. Um cisne que acabava de ser ferido estendeu o pescoço num grito lamentoso e agudo, e bateu frouxamente as asas numa ânsia de levantar voo antes de morrer.

Leonardo desviou-se e apressou o passo. Parecia-lhe que ele próprio era semelhante àquele cisne.

V

No dia 6 de outubro, num domingo, o rei de França Luís XII entrou em Milão pela porta do Tessino. Da escolta que o acompanhava fazia parte César Bórgia, duque de Valentinois, o filho do papa. No momento em que o cortejo desembocava na praça da catedral, para se dirigir ao castelo, os anjos da Comuna de Milão desempenharam-se pontualmente da sua missão, agitando as asas.

Desde o dia em que o *Colosso* fora destruído, Leonardo nunca mais trabalhara na sua máquina voadora. Astro acabava-a sozinho. O pintor não tivera a coragem de lhe dizer que as asas não estavam ainda capazes. O ferreiro, evitando ostensivamente encontrar-se com o mestre, nunca mais lhe falara da próxima experiência, mas às vezes olhava-o de relance, com o seu olho único, em que brilhava, juntamente com uma silenciosa censura, o fogo da sua ambição insensata.

Na manhã do dia 20 de outubro, Pacioli apareceu em casa de Leonardo para o prevenir que o rei o esperava no castelo.

O pintor não se dirigiu para esta entrevista de muito boa vontade. Sentia-se inquieto: as asas da máquina voadora tinham desaparecido havia alguns dias. Leonardo receava que Astro, na ânsia de voar fosse como fosse, fizesse algum disparate e provocasse uma desgraça.

Quando Leonardo entrou nas salas do Palácio Rocchetti, tão suas conhecidas, Luís XII recebia os síndicos e os anciãos da cidade.

O pintor lançou um rápido olhar ao seu futuro soberano, o rei de França.

O aspeto exterior deste não tinha nada de nobre: um corpo magro e frágil, os ombros estreitos, o peito encolhido, e o rosto enrugado e denunciando um sofrimento doentio; umas feições vulgares, ordinárias, em que havia mesmo uma expressão de bondade burguesa.

Nos degraus mais elevados do trono estava um homem dos seus vinte anos de idade, envergando um simples gibão preto. Não ostentava nenhuma joia, salvo as pérolas da orla da sua touca, e uma cadeia de oiro e búzios, da Ordem do Arcanjo S. Miguel; usava os cabelos compridos, e a barba era dum ruivo carregado, ligeiramente apartado ao meio, a tez morena e pálida e os olhos dum azul profundo, inteligentes e cheios de afabilidade.

— Dizei-me, frei Lucas — murmurou Leonardo ao ouvido do seu companheiro, — quem é aquele gentil-homem?

— O filho de Sua Santidade — respondeu o frade, — César Bórgia, duque de Valentinois.

O pintor ouvira muitas vezes falar dos crimes de César. Se bem que não houvesse deles provas flagrantes, ninguém duvidava que fora ele o assassino do seu irmão João Bórgia, por se sentir humilhado na sua situação de filho mais novo, e impaciente por abandonar a púrpura cardinalícia, e herdar o posto de comandante ou «gonfaloneiro» da Igreja Romana. Rumores mais abomináveis, porém, corriam ainda a

seu respeito: dizia-se que a causa deste assassínio fora a rivalidade existente entre os irmãos, não apenas no que respeitava à munificência paterna, mas também relativa a paixão incestuosa que ambos nutriam pela própria irmã, madona Lucrécia.

«Não pode ser verdade!» pensava Leonardo ao examinar o rosto calmo e os olhos risonhos e inocentes de César.

O filho de Sua Santidade, sentindo sem dúvida fixadas em si as pupilas investigadoras de Leonardo, olhou-o também; depois curvando-se para um belo ancião vestido de negro que estava a seu lado, sem dúvida o seu secretário, perguntou-lhe qualquer coisa, designando Leonardo. Ao ouvir a resposta deste, começou a observar o pintor com maior atenção. Um sorriso astucioso, quase impercetível, desenhou-se-lhe nos lábios. E, imediatamente, Leonardo pensou:

«Sim, deve ser verdade, com este homem tudo é possível; deve ter cometido não só os crimes que lhe imputam, mas possivelmente outros ainda piores!»

Acabada a enfadonha leitura dum memorial, o síndico principal aproximou-se do trono, ajoelhou e entregou-o ao rei. Como Luís deixasse cair o rolo de pergaminho, o síndico quis apanhá-lo, mas César, adiantando-se, num movimento rápido e cheio de destreza, ergueu-o ele do chão e entregou-o ao rei, com uma vénia.

— Lacaio! — murmurou um dos gentis-homens franceses, por detrás de Leonardo. — Não podias deixar de te exibir!

— Tendes razão, *messer* — continuou um outro. — O filho do papa desempenha conscienciosamente as funções de um escudeiro. Se o pudésseis ver, de manhã, ao vestir do rei, como ele se multiplica nos mais pequenos cuidados, como lhe aquece a camisa!... Julgo que era até capaz, se o mandassem, de ir limpar as cavalariças!

O pintor notara o movimento servil de César, mas considerara-o menos como um gesto de baixeza que como um sinal: denunciador de mais perigosos sentimentos. Era como que a hipócrita mansidão duma fera voraz.

Durante este tempo, Pacioli agitava-se enervado e empurrava Leonardo com o cotovelo; ao ver porém que o artista, com a sua timidez habitual, seria capaz de passar o dia inteiro no meio da multidão, sem encontrar um ensejo de atrair a atenção do rei, resolveu tomar medidas decisivas, e, levando-o pelo braço e inclinando-se profundamente, apresentou-o a Luís XII, com um fluxo de palavras ininterrupto, em que o emprego dos superlativos ia numa escala ascendente: *estupendíssimo, prestantíssimo, invincibilíssimo.*

O rei falou-lhe da «Última Ceia»; elogiou os rostos dos Apóstolos, mas declarou que era a perspetiva do quadro o que mais o entusiasmara.

Frei Lucas estava à espera, a todo o momento, de ouvir sua majestade convidar Leonardo para entrar ao seu serviço; mas antes disso um pajem aproximou-se e entregou ao rei uma carta que acabava de chegar de França.

O rei reconheceu a letra de Ana, sua mulher, a «sua bretã bem-amada», anunciando que acabava de

dar à luz.

Os gentis-homens acorreram a felicitar Luís. A turba empurrava Leonardo e Pacioli. O rei mirou-os, lembrou-se de qualquer coisa, quis falar-lhes, mas de novo se esqueceu, e convidou amavelmente as damas a beberem à saúde da Delfina recém-nascida. A seguir passaram a outra sala.

Pacioli, tomando o braço do seu companheiro, quis arrastá-lo.

— Vamos, depressa!!

— Não, frei Lucas! — respondeu sossegadamente Leonardo. — Agradeço-vos todos os trabalhos que haveis tido comigo, mas acho preferível não insistir mais; Sua Majestade tem agora outras preocupações mais importantes.

Saiu do palácio.

Na ponte levadiça de Battiponte, à porta sul do castelo, foi abordado pelo secretário de César Bórgia, *messer* Agapito, que lhe propôs, em nome do seu senhor, o lugar de «engenheiro da corte», a mesma função que Leonardo tinha desempenhado junto do Mouro.

O pintor prometeu dar uma resposta depois de alguns dias de reflexão.

Ao aproximar-se de casa, viu de longe, na rua, uma multidão junto da sua porta, e apressou o passo. Sobre uma das grandes asas, enrugada e quebrada, da nova máquina voadora, semelhante à duma gigantesca andorinha, Giovanni, Marco, Salaíno e César transportavam o seu companheiro, o ferreiro Astro de Peretola, com o rosto mortalmente pálido, e os fatos rotos e ensanguentados.

O que o mestre receava tinha acontecido; o ferreiro quisera experimentar as asas e tentara levantar voo: aos primeiros movimentos, porém, a máquina caíra e o imprudente teria certamente morrido, se uma das asas não se tivesse prendido e ficado pendurada nos ramos duma árvore.

Leonardo ajudou os discípulos a levar Astro para casa; o doente foi cuidadosamente deitado numa cama. Quando o artista se debruçou sobre ele para examinar as feridas, Astro recuperou os sentidos e, ao reconhecê-lo, murmurou com uma expressão de infinita súplica:

— Mestre! Perdão!

VI

Nos primeiros dias de novembro realizaram-se em Milão festas esplendorosas em honra da princesa recém-nascida. Luís XII depois de ter obrigado os milaneses a prestar juramento de fidelidade, nomeou o marechal Trivulce seu lugar-tenente na Lombardia, e regressou a França.

Na catedral celebrou-se uma missa do Espírito Santo, em ação de graças. A ordem parecia restabelecida na cidade; mas o povo odiava Trivulce, pela sua crueldade e perfídia. Os partidários de Ludovico excitavam os habitantes, distribuindo pasquins injuriosos, contra os franceses. Aqueles que, ainda há pouco, o perseguiam no seu exílio, crivando-o de invetivas e de motejos, falavam agora dele como do melhor dos soberanos.

No fim do mês de janeiro, a multidão amotinada destruiu às portas do Tessino a Recebedoria da Alfândega francesa. Nesse mesmo dia, em Lardirago, perto de Pavia, um soldado atentou contra a honra duma camponesa lombarda. Esta defendeu-se, e, com uma vassoura, feriu no rosto o seu agressor, que a ameaçou com um machado. Ao ouvir os gritos da rapariga, o pai desta acorreu em seu socorro, sendo, após curta luta, morto pelo soldado. Os espetadores tomaram o partido da camponesa e abateram o assassino. Isto foi o começo de maiores desordens. Os franceses atacaram os lombardos e massacraram numerosas pessoas, saqueando o burgo. Em Milão, a notícia destes sucessos foi a faísca que lançou fogo ao paiol da pólvora. O povo invadiu as praças, as ruas, os mercados, aos gritos furiosos de:

— Abaixo o rei! Abaixo o lugar-tenente! Morram os franceses! Viva o Mouro!

Trivulce, que tinha pouca gente para se defender contra a população duma cidade de trezentas mil almas, mandou colocar os canhões na torre que servia de campanário provisório à catedral, e ordenou que apontassem as peças contra a multidão e fizessem fogo à primeira voz. Entretanto, quis tentar ainda uma última vez a conciliação e saiu ao encontro dos assaltantes. Pouco faltou, porém, para ser massacrado pela populaça, que o perseguiu até à Casa da Câmara, onde teria perecido se um destacamento de mercenários suíços, comandado pelo capitão Coursinge, não saísse da fortaleza para o libertar.

Os revoltados começaram então a matar, a saquear e a torturar todos os franceses que lhes caíam nas mãos, assim como os cidadãos milaneses suspeitos de pactuarem com o inimigo.

Na noite precedente ao primeiro de fevereiro, Trivulce confiou o comando ao capitão Espe Codebécar e abandonou secretamente a fortaleza. Nessa mesma noite, Ludovico, o Mouro, regressando da Alemanha, era recebido com entusiasmo pelos habitantes de Como. Os milaneses aguardavam-no como um libertador.

Leonardo, receando os tiros de peça que já tinham destruído algumas casas vizinhas da sua, instalara-se, durante os últimos dias dos tumultos, na cave onde tornara habitável alguns quartos, construindo tubagens, chaminés, etc. Para esta pequena fortaleza fora transportado tudo quanto havia de precioso na casa: quadros, desenhos, manuscritos, os livros e os aparelhos científicos.

Foi por esta altura que o artista decidiu, definitivamente, aceitar as propostas do Bórgia. Antes porém de se dirigir à Romênia, onde não devia chegar senão nos meados do verão de 1500, conforme as cláusulas do tratado com *messer* Agapito, Leonardo preparou-se para ir para casa do seu velho amigo Girolamo Melzi, na isolada vila de Vaprio, fora de Milão, no intuito de ali passar o período perigoso da guerra e das revoltas.

Na manhã de 2 de fevereiro, dia da Candelária, frei Lucas Pacioli acorreu a casa do pintor para lhe anunciar que havia uma inundação no castelo.

O milanês Luigi da Porta, que estivera ao serviço dos franceses, passara-se para os amotinados, e tinha aberto durante a noite as comportas dos canais que serviam para encher os fossos da fortaleza. A água tinha-se espalhado; inundara o moinho do parque junto do Palácio Rocchetti, penetrara nas caves onde estavam armazenadas as provisões e a pólvora, de tal maneira que, se os franceses não conseguissem salvar uma parte destas provisões, teriam de se render pela fome.

Era com isso que contava *messer* Luigi. No momento da inundação, os canais vizinhos da fortaleza, nos arrabaldes baixos da Porta de Verceil, tinham saído também do leito, inundando o local alagadiço onde se erguia o convento de Santa Maria das Graças. Frei Lucas exprimiu ao pintor o receio que o assaltava acerca dos efeitos funestos que a água podia ter sobre a «Última Ceia», e propôs-lhe para irem ambos ver se o quadro estava intacto.

Leonardo respondeu, com uma fingida indiferença, que não tinha tempo disponível naquela ocasião, e que de resto não receava nenhum perigo para a «Ceia», colocada demasiado alto para poder ser atingida pela água. Porém, assim que Pacioli saiu, o artista correu ao convento.

Ao entrar no refeitório, viu sobre o solo de tijolo as poças de água lamacenta que deixara a inundação. Respirava-se um cheiro de bolor. Um dos frades contou-lhe que a água atingira um quarto de braça.

Leonardo aproximou-se da parede onde estava o «fresco».

As tintas conservavam-se sempre vivas. Chegado junto da parede, o pintor observou a superfície do quadro com uma lente. De repente, descobriu uma pequena racha no canto inferior esquerdo. Sob a toalha da mesa a que estavam sentados os Apóstolos, perto dos pés de Bartolomeu, aparecia um começo de infiltração, do branco aveludado da geada, sobre as cores levemente desvanecidas.

Leonardo empalideceu, mas, dominando-se em seguida, continuou mais minuciosamente o seu exame.

A primeira camada de argila tinha cedido à influência da humidade e destacara-se da parede, levantando o gesso exterior coberto dum ligeiro reboco; neste iam-se formando fendas ainda invisíveis à vista desarmada, que davam passagem às emanações do salitre, roendo os velhos tijolos porosos.

O futuro da «Última Ceia» estava comprometido; se o pintor podia ser poupado ao desgosto de ver desaparecer as tintas, que tinham probabilidades de durar ainda quarenta ou mesmo cinquenta anos, não lhe era dado duvidar da terrível verdade: a maior das suas obras estava condenada.

Antes de sair do refeitório, contemplou pela última vez o rosto de Cristo, e, como se até ali ainda a

não tivesse visto bem, compreendeu quanto aquela obra lhe era querida.

Com o aniquilamento do *Colosso* e da «Ceia», teve a impressão de que se quebravam os laços que o ligavam aos humanos, senão aos seus contemporâneos, pelo menos aos seus amigos e admiradores dos séculos futuros; a sua solidão tornava-se mais desesperada.

A poeira de barro do *Colosso* era levada pelo vento; sobre o muro onde resplandecia o rosto do Senhor, o bolor ia cobrindo duma crosta lívida as tintas que já estalavam, e tudo quanto tinha sido a sua própria vida desaparecia como uma sombra.

Entrou em casa, desceu à cave e ao passar pelo quarto de Astro demorou-se uns momentos. Beltraffio estava preparando para o doente umas compressas de água fria.

— Outra vez com febre? — perguntou o mestre.

Leonardo inclinou-se para examinar as ligaduras e ouviu o murmúrio rápido e sem nexo do ferreiro:

— Mais alto, mais alto! Para o Sol! Contanto que as asas não ardam... Um demoniozinho! De onde vens tu? Como te chamas? Mecânica? Nunca ouvi dizer que o Diabo se chamasse «mecânica». Porque ranges os dentes? Vamos, acaba com isso! Basta de troça. Queres levar-me, queres levar-me.. Não posso mais... Deixa-me respirar... Oh! A morte!

O rosto do doente exprimia um profundo desgosto. A seguir, um grito de terror saiu-lhe do peito. Via-se na iminência de cair num precipício.

Então, começou de novo a falar rapidamente:

— Não, não, não façam pouco dele! A culpa foi minha... Ele bem me tinha dito que as asas não estavam prontas. Cobri o mestre de ridículo... Ouvis? Quem é? Bem sei que é ele, o mais pequeno mas o mais pesado de todos os demónios: a mecânica!

Leonardo, olhando-o, pensava:

«E é por minha causa que ele vai morrer! Lancei-lhe mau olhado. Trouxe-lhe a desgraça, involuntariamente, tal qual como a Giovanni!...»

Pousou a mão sobre a testa ardente de Astro. O doente começou a acalmar-se lentamente e a sossegar.

Leonardo dirigiu-se então à cela subterrânea, acendeu uma vela e embrenhou-se nos seus cálculos. Durante muito tempo trabalhou febrilmente.

Os gemidos do doente ouviam-se através da parede.

O pintor abandonou, finalmente, o seu trabalho, e, de súbito, a recordação de todos os seus desastres lhe veio à mente: a destruição estúpida do *Colosso*, a ruína imprevista da «Última Ceia», a terrível queda de Astro.

«Será possível — pensou, — que todos os meus trabalhos pereçam assim, sem deixar vestígios, nem

glória, como tudo quanto tenho tentado?! Será possível que nunca ninguém oiça a minha voz, que eu permaneça eternamente só, como estou hoje, nesta escuridão, debaixo da terra; que seja enterrado vivo e condenado a sonhar e a ambicionar as impossíveis asas?»

Estes pensamentos, porém, não extinguiram a alegria que lhe criara o trabalho.

«Fique só, embora! Permaneça na sombra, no silêncio, no esquecimento! Que nunca ninguém saiba! Que importa, saberei eu!»

Um sentimento de força e de triunfo enchia-lhe a alma, como se as asas, toda a sua vida desejadas, tivessem enfim sido criadas e o librassem no espaço.

O subterrâneo pareceu-lhe excessivamente acanhado, quis ver o céu. Saiu de casa e dirigiu-se para a praça da catedral.

VII

Era uma noite clara, de luar. Por cima dos tectos flutuava a bruma sangrenta projectada pelos incêndios. Quanto mais se aproximava do centro da cidade, da Praça Brolleto, mais a multidão se tornava compacta. Umas vezes, à luz vermelha dos archotes, outras à claridade azulada da lua, as visões passavam rápidas: rostos transtornados pela cólera, estandartes brancos com a cruz vermelha da Comuna de Milão, paus suspendendo lanternas, arcabuzes, mosquetes, colubrinas, mocas, lanças, fueiros, foices e forquilhas. Os populares agitavam-se como formigas, ajudando os bois a transportar uma enorme e velha bombarda, formada de aduelas ligadas por arcos de ferro. Os sinos tocavam desesperadamente a rebate. O troar de artilharia era ininterrupto. Os mercenários franceses que estavam na fortaleza faziam convergir o fogo sobre as ruas de Milão. Os assediados gabavam-se que, antes de se renderem, a cidade ficaria destruída. E ao som dos sinos, ao estrondear dos canhões, juntava-se o grito incessante da multidão:

— Morram os franceses! Abaixo o rei! Viva o Mouro!

Tudo o que Leonardo via parecia-lhe um pesadelo terrível e incoerente.

Na praça do Mercado de Broletto, ao pé da Porta Oriental, estavam enforcando um tambor picardo, um rapazola de dezasseis anos, que se deixara apanhar. Estava de pé, sobre uma escada encostada à parede. O bordador de oiro Mascarello, sempre alegre e chocarreiro, fazia as vezes do carrasco. Passou-lhe a corda ao pescoço e, tocando-lhe levemente com o dedo na cabeça, pronunciou, com ar solene:

— Escravo de Deus, soldadinho francês, nomeamos-te cavaleiro da Ordem do Esparto! Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

— Ámen! — respondeu a turba.

O tambor, evidentemente, compreendia mal o que se passava à sua roda; as pálpebras batiam-lhe apressadamente, como as de uma criança prestes a chorar; enrolou-se sobre si mesmo, arranjando ele próprio o laço da corda em volta do delicado pescoço. Um estranho sorriso brincava-lhe nos lábios. De repente, no último momento, como quem acorda por fim do seu torpor, voltou para a multidão o rosto formoso, maravilhado e pálido; tentou falar, pedir qualquer coisa, mas a multidão rugiu. Então a criança fez um gesto com a mão timidamente, e, com ar submisso, tirou do peito uma cruz de prata presa por uma fita negra! Era sem dúvida uma recordação da mãe ou da irmã; beijou-a rapidamente e benzeu-se. Mascarello empurrou-o da escada e exclamou com ar jovial:

— Mui nobre cavaleiro do Colar de Esparto, mostra-nos agora como em França costumam dançar a «gaillarde».

E no meio da hilaridade geral, sob o braço de ferro fixado na parede, e destinado a suspender um lampião, o corpo da criança balouçava-se nas convulsões da agonia, como se estivesse efetivamente a dançar.

Alguns passos mais adiante, Leonardo encontrou uma velhota esfarrapada, parada em frente dum

casebre que as balas da artilharia começavam a destruir; de pé, no meio dos antigos utensílios da sua casa, da louça de cozinha quebrada em pedaços, no meio dos colchões e travesseiros espalhados em desordem, a velha estendia as mãos ossudas e nuas, gemendo:

— Oh! Oh! Oh! Socorro! Socorro!

— Que tens tu, tiazinha? — perguntou o sapateiro Corbolo. — Porque choras?

— O menino está sufocado! Estava deitado na cama... O sobrado abateu! Quem sabe se ainda estará vivo!... Oh! Oh! Oh! Socorro!

Uma nova bala de bronze foi cair, com um silvo, sobre o teto já meio arrasado da casa. As vigas saltaram. Um turbilhão de poeira ergueu-se. O teto abateu com um grande ruído e a mulher calou-se.

Chegado à Praça de Arrego, Leonardo divisou a floresta dos brancos coruchéus e das torres góticas da catedral, erguendo-se como estalagmites, e iluminadas alternadamente pela luz azul da lua e pelos reflexos escarlates dos incêndios.

Diante do palácio do Arcebispo, no meio da multidão que parecia um amontoado de corpos, ouviam-se gemidos.

— Que vem a ser isto? — perguntou o pintor a um velho operário cujo rosto triste e bondoso parecia aterrado.

— Sabe-se lá? Eles próprios não o sabem. Dizem que é um espião, comprado pelos franceses, o vigário do mercado, *messer* Giacobo Crotto. Parece que envenenava o povo com os víveres que lhe vendia. E pode ser que não seja ele. Batem no primeiro que lhes cai nas mãos. Que desgraça terrível, Senhor! Apiedai-vos destes pobres pecadores.

Gorgólio, o operário vidreiro, saiu da multidão empunhando como um troféu um comprido chuço em cuja extremidade estava espetada uma cabeça ensanguentada.

O malandrim Farfanichio corria atrás dele e, saltando e mostrando a cabeça, gritava:

— O cachorro morreu como um cachorro! À morte os traidores!

O velho benzeu-se devotamente e recitou as palavras da oração:

— *A furore populi libera nos, Domine!* Livrai-nos Senhor dos furores da turba!

Do lado do castelo chegavam os sons das trombetas, os rufos dos tambores, os estoiros dos arcabuzes, e os gritos dos soldados subindo ao assalto. No mesmo momento, os bastiões da fortaleza lançaram uma tal descarga que a terra tremeu e a cidade inteira pareceu prestes a desmoronar-se. Era a célebre bombarda, o gigantesco monstro de cobre, que os franceses chamavam «a Doida Margot», e os alemães «Die tolle Grete».

A granada atingiu uma casa do Borgo Novo, que já ardia. Uma coluna de fogo subiu para o céu sombrio. A praça iluminou-se duma luz vermelha e a claridade plácida da lua desapareceu.

Um pânico apoderou-se da multidão; na confusão as pessoas corriam, atropelavam-se cheias de pavor.

Leonardo contemplava aquelas sombras humanas.

No meio do terror da chusma, o pintor sentia o coração repleto da calma e da paz, apanágio da contemplação; era como a radiação serena do luar flutuando sobre as chamas dos incêndios.

Na manhã de 4 de fevereiro de 1500, o Mouro entrou em Milão pela Porta-Nuova.

Na véspera, Leonardo tinha partido para Vaprio, para casa do seu amigo Melzi.

VIII

Girolamo Melzi tinha outrora feito parte da corte dos Sforza. Quando em 1490 enviuvou, abandonou o serviço e retirou-se para a sua vila solitária, junto dos Alpes, a cinco horas de viagem de Milão; ali, longe dos ruídos do mundo, vivia como um filósofo, cultivava o seu jardim e dedicava-se à música, arte que adorava. Dizia-se que *messer* Girolamo também cultivava as artes mágicas a fim de poder evocar a sua esposa desaparecida e bem-amada...

O alquimista Galéotto Sacrobosco e frei Lucas Pacioli vinham frequentemente visitá-lo e passar temporadas em sua casa; os três amigos consumiam as noites a discutir a filosofia de Platão e as leis dos números de Pitágoras, que regem a música das esferas. As visitas de Leonardo, porém, constituíam uma verdadeira alegria para o dono da casa. Enquanto dirigia a construção do canal de Martesana, o pintor vinha muitas vezes à região e apaixonara-se pela encantadora residência.

Vaprio ficava na margem esquerda do Adda. Ali a corrente rápida do rio era contida pelos diques. Ouvia-se o ruído incessante da água, lembrando o quebrar amortecido das ondas à beira-mar. Entre as margens estreitas e abruptas, formadas de calcário amarelo eflorescente, o Adda tumultuoso, livre, insubmisso à vontade do homem, precipitava as ondas verdes e frias; e, junto dele, corria o canal liso e transparente como um espelho, formado pela água fria e tumultuosa do rio, mas, aqui, tranquila, dócil e sossegada, parecendo mergulhada em profundo sono e deslizando lentamente entre as margens.

Este contraste parecia ao pintor encerrar um sentido profético; comparava e não podia decidir o que era mais belo: se a criação devida à inteligência e à vontade do homem, a sua própria criação — o canal de Martesana, — ou se o seu irmão — o selvagem e irrequieto Adda. Os dois cursos eram-lhe igualmente queridos; compreendia-os a ambos.

Junto do terraço que dominava os jardins, desfrutava-se um panorama magnífico: a planície verde da Lombardia com Bergamo, Trevise, Cremona e Brescia. No verão, o perfume do feno pairava sobre as vastas pradarias. Nos campos férteis, o centeio e o trigo cresciam até aos ramos das árvores de fruto, de tal maneira que as espigas se enlaçavam aos pomos, às cerejas e às ameixas e toda a planície parecia transformada num grande jardim.

Ao norte, para o lado de Como, as montanhas sombreavam o horizonte; por cima delas, erguiam-se em semicírculo os primeiros contrafortes dos Alpes, e, mais alto ainda, entre as nuvens, brilhavam picos nevados, dum róseo doirado.

Entre a planície feliz da Lombardia, com todos os palmos de terreno cultivado, e as extensões imensas dos Alpes, desertas e selvagens, Leonardo sentia o mesmo contraste, cheio de harmonia, que entre o calmo Martesana e o violento e tumultuoso Adda.

Naquela ocasião estavam também na vila frei Lucas Pacioli e o alquimista Sacrobosco, cuja casa de Milão fora destruída pelos franceses. Leonardo conservava-se habitualmente afastado, preferindo a solidão. Em breve, porém, começou a procurar a companhia dum filho de Melzi, Francesco, que era ainda um garoto.

Tímido e envergonhado como uma menina, a criança evitou-o durante muito tempo. Uma vez, porém, que foi ao quarto do pintor por ordem de seu pai, Francesco descobriu uma série de vidros de cores com as quais Leonardo estudava as leis da ótica. O pintor deu-lhe licença de lhes mexer e de olhar através deles. Este divertimento agradou-lhe. Os objetos vulgares tomavam um ar fantástico; umas vezes desairoso, outras alegre, umas vezes hostil, outras carinhoso, conforme se olhava através dum vidro amarelo, azul, vermelho, violeta ou verde.

Uma outra invenção de Leonardo também o encantou: a câmara escura. Quando a imagem aparecia sobre a folha de papel branco, parecia viva; viam-se distintamente girar as asas dum moinho, o voo das cegonhas pairando sobre a torre da igreja, o burrinho cinzento do serrador Peppo avançar carregado de maravalhas, na estrada lamacenta, e os ramos dos choupos inclinando-se sob o vento. Francesco, sem se conter, encantado, batia as mãos de contente.

A criança mostrava pouco interesse pelas lições, na escola da aldeia, dirigida pelo velho abade da igreja vizinha. Soletrava com aborrecimento a gramática latina e todo o rosto se lhe sombreava de contrariedade diante do livro de aritmética, verde, todo cheio de nódoas de tinta. A ciência de Leonardo, porém, era uma coisa bem diferente: a Francesco parecia tão curiosa como um conto. Os instrumentos de mecânica, de ótica, de acústica, de hidráulica, exerciam sobre ele uma violenta atração, e eram como brinquedos animados e fantásticos. Nunca se cansava de ouvir, de manhã até à noite, as narrativas de Leonardo. O pintor era, em geral, reservado com as pessoas crescidas, porque sabia que qualquer imprudente palavra lhe poderia atrair sarcasmos ou provocar suspeitas. Mas, com Francesco, falava com simplicidade e confiança.

Nessa época, estava escrevendo o seu «Tratado das estrelas» — *Trattato sulle stelle.*

Durante aquelas noites de março, em que o ar frio era já cortado pelos primeiros sopros da primavera, de pé, ao lado de Francesco, no terraço da casa, contemplava a órbita das estrelas, e desenhava as manchas da Lua, para as poder comparar mais tarde e saber se elas mudavam ou não de forma. E ia explicando à criança as leis do movimento dos astros.

IX

Quando as árvores começaram a florir, Leonardo e Francesco passavam dias inteiros no jardim ou nos bosques vizinhos, a examinar a vida renascente das plantas. Às vezes, o pintor copiava uma árvore ou uma flor, esforçando-se por fixar, como para um retrato, a semelhança viva, particular, do modelo, e única.

Ia explicando a Francesco os géneros e as espécies das flores, a sua vida e o seu crescimento.

Um dia chegou o poeta Giotto Prestinari que morava em Bergamo, perto de Vaprio. Leonardo molestara-o, não elogiando suficientemente os seus versos, e, ao jantar, o poeta provocou uma discussão para demonstrar que a poesia levava a melhor à pintura. O pintor calava-se, mas a persistência de Giotto acabou por fazê-lo sorrir e começou a responder-lhe em tom de gracejo.

— A pintura — disse entre outras coisas Leonardo, — é superior à poesia, porque exprime em si o próprio ato divino, e não apenas as invenções humanas, com que se contentam os poetas; os dos nossos dias, pelo menos. Os poetas não realizam, limitam-se a descrever, emprestando-se mutuamente tudo quanto possuem; fazem negócio com as mercadorias doutros; só podem compor apropriando-se dos restos inúteis das diversas ciências; podíamos compará-los a mercadores de objetos roubados...

Frei Lucas, Melzi e Galéotto ripostaram. Leonardo entusiasmou-se a pouco e pouco, até que concluiu, dizendo com muita seriedade:

— A vista dá ao homem um conhecimento da Natureza mais perfeito do que o ouvido. O que se vê merece maior confiança do que o que se ouve. E por isso a pintura — a poesia muda — está mais perto da ciência exata do que a poesia — a pintura cega. A descrição verbal não é mais que uma série de imagens soltas que se sucedem, enquanto que num quadro todos os elementos, todas as cores, aparecem em conjunto, unindo-se como acordes diferentes, o que dá a possibilidade (e o mesmo acontece na musica) de atingir um mais alto grau de harmonia do que na literatura. Tirareis o encanto supremo duma obra se essa não atingir o máximo de harmonia. Perguntai a um apaixonado o que prefere: se o retrato da sua amada, se a descrição que dela puder fazer o melhor dos poetas!

Este argumento fez sorrir todos os ouvintes.

— Quero contar-vos uma coisa que me aconteceu uma vez — continuou Leonardo. — Um jovem florentino de tal forma se apaixonou por um rosto de mulher representado num dos meus quadros, que mo comprou com a intenção de fazer desaparecer do mesmo todos os indícios que demonstravam que eu tinha querido reproduzir um motivo religioso. Decidira isto, para poder beijar sem escrúpulo aquela imagem adorada. A consciência, porém, levou a melhor ao amor. Mandou retirar de casa o quadro porque não podia acalmar-se doutra maneira. Dizei-me agora vós, poetas, se descrevendo a beleza duma mulher conseguiríeis excitar uma tão grande paixão! Sim, meus senhores, não falo de mim — sei o pouco que valho, — mas falo de um pintor que tivesse atingido a perfeição na sua arte, que estivesse naquele estádio em que o artista tem tal poder de conceção e de contemplação, que deixa de ser um homem. Tudo lhe é acessível: a beleza divina, ou a monstruosidade abominável que nos faz chorar de dor. Domina

todos os sentimentos, — assemelha-se a um deus!

Nos últimos dias de março chegaram à vila Melzi as piores notícias. As tropas de Luís XII, comandadas por sire de la Trémouille, tinham atravessado os Alpes. O Mouro, suspeitando da lealdade dos seus soldados, evitava travar batalha e, oprimido por supersticiosos pressentimentos, tornava-se «medroso como uma lebre».

Sem se preocupar com o rei de França, nem com o duque, Leonardo e Francesco vagueavam pelas colinas, pelos vales e pelos bosques vizinhos. Às vezes subiam o curso do rio até as montanhas cobertas de florestas. Era aí que Leonardo tinha conduzido trabalhadores para fazer sondagens e pesquisas, na esperança de encontrar conchas antediluvianas, e animais ou plantas fósseis.

Foi em Vaprio que Leonardo terminou o quadro que começara em Florença, havia já alguns anos.

A Mãe divina sentada entre rochedos, no meio duma caverna, aperta com o braço direito, contra os joelhos, João Batista, menino; com o braço esquerdo protege o Filho, como que unindo no mesmo amor os dois princípios, — o homem e o Deus. João com os braços devotamente cruzados ajoelha diante de Jesus, que o abençoa.

Quando se contempla o Menino Jesus, completamente nu, sentado no chão, com uma das pernas gorduchas dobrada sob a outra, e apoiando-se na mãozinha aberta, vê-se logo que ele ainda não sabe andar, só pode gatinhar. Mas no seu rosto há já traços dessa divina sabedoria, que é, simultaneamente, a simplicidade da criança. Um anjo ajoelhado segura pela mão o Menino, e, apontando João Batista, volta para os espetadores o rosto iluminado por um sorriso triste e como tocado dum pressentimento doloroso. O sol brilha através do nevoeiro húmido, por cima das montanhas azuis, dentadas e semelhantes a estalagmites, dum aspeto estranho, ultraterrestre. Estes rochedos, que dir-se-iam roídos pela água salgada, lembram o fundo seco dum oceano. E, na caverna, através da sombra densa, como submarina, a vista mal distingue a fonte subterrânea, as folhas redondas e palmiformes das plantas aquáticas e as delicadas e pálidas corolas dos lírios. Parece que se ouvem cair, da abóbada inclinada e negra das rochas de dolomite, as gotas lentas filtrando-se através das raízes das plantas trepadeiras, dos fetos e dos licopódios.

Em todo o quadro, apenas a fisionomia da Madona, meio criança, meio mulher, resplandece nas trevas como um fino alabastro iluminado por uma chama interior. Pela primeira vez, no seio da Natureza, a Rainha celeste aparece aos homens como o mistério supremo, nas trevas da gruta subterrânea, que é talvez o asilo do antigo deus Pã, ou das ninfas: é a Mãe do Homem-Deus surgindo do seio da Natureza, da Terra, — a Mãe de todos nós.

Era a obra dum grande artista e dum grande sábio, simultaneamente. A combinação da luz e da sombra, a anatomia do corpo humano, a estrutura da terra, as leis da vida vegetativa e da mecânica, as pregas das vestes, os anéis dos cabelos, as leis da incidência e da reflexão — tudo quanto o sábio estudava com uma seriedade persistente, experimentava e media com precisão, dissecava como um cadáver inanimado, — todas estas coisas o artista as fundira numa unidade divina, penetrada dum encanto vivo, fazendo delas uma música muda, um hino enigmático à Virgem Mãe de Deus. Com o mesmo amor e a mesma ciência representara as veias delicadas nas pétalas dos lírios, a covinha no cotovelo gordo do Menino, as rugas seculares nas rochas de dolomite, a vibração da água na fonte subterrânea e o arrepio de dor no sorriso do anjo.

Conhecia tudo e tudo amava, porque o grande amor nasce da grande ciência.

X

Alguns dias depois os habitantes de Vaprio receberam a alarmante notícia da aproximação das tropas francesas.

O rei de França, Luís XII, para se vingar da revolta e da traição, abandonava Milão à pilhagem das tropas mercenárias.

Todos os que puderam fugiram para as montanhas, arrastando pelas estradas carros cheios de móveis e utensílios, seguidos pelas mulheres e pelas crianças que choravam. À noite, das janelas da vila viam-se no céu, por cima do vale, os reflexos purpúreos dos incêndios.

Aguardava-se a cada momento a batalha que devia decidir a sorte da Lombardia.

Um dia, frei Lucas Pacioli, que voltava de Milão, trouxe as últimas notícias.

No dia 10 de abril de manhã, Ludovico, tendo saído de Novara, dispusera as suas tropas em face do inimigo; mas os mercenários suíços, a sua força principal, estavam subornados pelo marechal Trivulce e recusaram-se a combater. Em vão o duque, de lágrimas nos olhos, lhes suplicara que o não perdessem, jurando dar-lhes, em caso de vitória, uma parte dos seus bens. Os suíços mantiveram-se irredutíveis. O Mouro, disfarçado com hábitos de frade, tentou a fuga, mas um suíço de Lucerna, chamado Shattenhalb, conheceu-o e entregou-o aos franceses.

Luís XII deu ordem para o prisioneiro ser conduzido para França. Aquele que, na expressão dos poetas da corte, dirigia, «a seguir a Deus, a roda da fortuna e o leme do Universo», foi metido numa jaula de grades, como um animal feroz apanhado a laço. Contava-se que o duque pedira aos carcereiros, como um favor especial, licença para levar consigo a *Divina Comédia*, para estudar, *per studiare!*

A permanência em Vaprio tornava-se de dia para dia mais perigosa. Os franceses saqueavam Lomellina, os lansquenetes, Seprio; os venezianos, a região de Martezana. Bandos de malfeitores vagueavam já nos arredores da vila.

Messer Girolamo, com Francesco e a aia Bonna preparavam-se para partir para Chiavenna.

Era a última noite que Leonardo passava em casa de Melzi. Como habitualmente, notou no seu «diário» tudo quanto vira e ouvira de interessante nesse dia.

«Quando um pássaro, escreveu nessa noite, tem uma cauda pequena e asas muito largas, agita estas fortemente, colocando-se de maneira que o vento sopre justamente sob as mesmas, e é assim que se eleva. Foi o que hoje observei no voo dum abutre, por cima de Vaprio, à esquerda da estrada de Bergamo.»

Logo a seguir, na mesma página:

«O Mouro perdeu o reino, as riquezas, a liberdade e não levou a bom termo nenhuma das suas

empresas.»

Nem uma palavra mais nessas notas do dia 14 de abril de 1500, como se a queda da grande casa dos Sforza, e o perigo que corria o homem junto do qual passara dezasseis anos da sua vida, tivessem para ele uma importância menos imediata e fossem dum interesse menos significativo que o voo solitário duma ave de rapina.

CAPÍTULO XI
Voará!
(1500)

Piglierá il primo volo il grande ucello sopra del dosso del suo magnio Ceceri, empiendo di sua fama tutte le scritture, e gloria eterna al nido dove nacque.

Leonardo da Vinci.

O grande pássaro começará a voar enchendo o mundo de espanto e as folhas dos livros com o seu nome imortal; a glória eterna assinalará o ninho onde ele nasceu.

Leonardo da Vinci.

I

A aldeia de Vinci, pátria de Leonardo, ficava situada entre Pisa e Florença, perto da cidade de Empoli, e na vertente ocidental dos Montes Albanos na Toscana.

Terminados os seus negócios em Florença, quis Leonardo, antes de partir para a Romênia a ocupar o seu posto na corte de César Bórgia, visitar esta aldeia onde vivia seu velho tio, *messer* Francesco da Vinci, um irmão de seu pai que tinha enriquecido no comércio das sedas. Era esta a única pessoa da família que o estimava. O artista ambicionava vê-lo e, se fosse possível, instalar em casa de *messer* Francesco o mecânico Zoroastro de Peretola, ainda não restabelecido das consequências da terrível queda. O ar da montanha, o silêncio e o repouso da aldeia — o mestre assim o esperava — curariam o doente melhor que todos os remédios.

Sozinho, montado numa mula, Leonardo saiu de Florença e seguiu o curso do Arno. Chegado a Empoli abandonou a grande estrada que conduzia a Pisa, acompanhando o rio, e tomou por um caminho transversal que serpenteava entre as colinas.

O tempo estava fresco e brumoso. Quando se dissipava o nevoeiro, o Sol aparecia com uma luz branca e difusa, prenúncio de vento norte.

O horizonte alargava-se de ambos os lados do caminho. As colinas subiam em vagas sucessivas, que pareciam fundir-se na atmosfera. Para além, adivinhavam-se as montanhas. Nos prados crescia uma erva de primavera descorada e pouco compacta, tudo em redor era fusco, silencioso, dum verde pardo, débil pobre e lembrando o Norte. Viam-se campos de pálidas espigas, de vinhas intermináveis cercadas de muros de pedras, e, a espaços regulares, as oliveiras de robustos e torcidos troncos nodosos, que projetavam sobre a terra as sombras entrelaçadas semelhantes a teias de aranha. Aqui e ali, uma capela solitária, casotas abandonadas, de paredes amarelas e nuas, e janelas de grades irregularmente dispostas com alpendres de tijolo para os instrumentos agrícolas. No horizonte calmo e monótono desenhavam-se as montanhas cinzentas, e renques harmoniosos de ciprestes negros como o carvão, e fuselados, surgiam semelhantes aos que aparecem nos quadros dos pintores florentinos.

A estrada ia ganhando altitude. A respiração tornava-se mais fácil. O viajante passou por Sant-Ansano, Calistri, Lucardi e pela capela de S. João.

A tarde caía, as nuvens dissipavam-se, as estrelas começavam a brilhar. O vento refrescou; era o vento do norte, agudo e frio, que se anunciava, a lavada e sonora «tramontana».

De repente, depois de uma última volta de estrada, apareceu a aldeia de Vinci. Estava-se já em plena região montanhosa. Numa prega da serra alcandorava-se um pequeno burgo de pedra. A torre negra e elegante da antiga fortaleza erguia-se para o céu crepuscular. As janelas das casas cintilavam aos últimos raios do sol.

Num local da montanha, cruzamento de dois caminhos, uma lâmpada alumiava, numa concavidade do muro, uma estatueta da Virgem que o artista conhecia desde a sua infância. Diante da Madona uma

mulher pobremente vestida de escuro, uma aldeã provavelmente, estava ajoelhada e dobrada com o rosto escondido entre as mãos.

— Catarina!...

Leonardo murmurou o nome de sua mãe, que fora também uma simples camponesa.

Depois de ter atravessado a ponte lançada sobre a rápida torrente, tomou à direita por um estreito atalho ladeado de muros; uma haste de roseira debruçada dum destes roçou-lhe levemente o rosto, na obscuridade.

Diante da velha cancela de madeira, apanhou rapidamente uma pedra e bateu com ela sobre a aldraba de ferro. Era esta a casa que outrora pertencera a seu avô, António de Vinci, e que hoje era pertença do seu tio Francesco. Ali passara Leonardo alguns anos da sua infância.

Ninguém respondeu. Ao fundo da ravina, no meio do silêncio ouvia-se o murmúrio da torrente. Por cima, na aldeia, os cães despertados pelo ruído começaram a uivar. Outro uivo roufenho, denunciando um cão muito velho, respondeu-lhes do pátio.

Finalmente, um ancião enrugado e dobrado saiu com uma lanterna. Era surdo e durante muito tempo não percebeu quem era Leonardo. Mas assim que o reconheceu começou a chorar de alegria e beijou a mão do patrão, desse patrão que ele trouxera ao colo havia mais de quarenta anos. E repetia, por entre lágrimas: *O signore, signore, Leonardo mio!* O velho cão de guarda agitava vagarosamente a cauda, associando-se à alegria do velho João Batista — que assim se chamava o jardineiro. Este anunciou a Leonardo que *messer* Francesco partira para a vinha junto de Madona dell l'Erba e que dali tencionava ir a Marcigliano consultar um velho frade seu conhecido que o devia curar das suas dores de rins, com uma certa infusão. Dentro de dois dias estaria de volta. Leonardo resolveu-se a esperá-lo, tanto mais que Zoroastro e Giovanni Beltraffio deviam chegar na manhã seguinte, vindos de Florença.

O velho conduziu-o a casa, onde nessa ocasião não se encontrava ninguém da família, visto os filhos de Francesco viverem em Florença. Ao chegar chamou a neta, uma loirinha de dezasseis anos a quem começou a encomendar a ceia; mas Leonardo apenas queria pão, vinho de Vinci e um pouco dessa água de que se vangloriava a propriedade do tio. *Messer* Francesco, apesar dos seus rendimentos, vivia como tinham vivido o seu pai, seu avô, e bisavô, com uma modéstia que podia parecer pobreza a um homem habituado ao conforto das grandes cidades.

O artista entrou na quadra do rés do chão, que lhe era tão familiar. Servia ao mesmo tempo de sala e de cozinha, com as suas cadeiras grosseiras, os bancos e as arcas de madeira escura torneada, que os anos tinham tornado polidas como espelhos, e o bufete carregado da pesada baixela de estanho. Das traves enegrecidas do teto pendiam ramos secos de ervas medicinais. As paredes eram nuas e brancas. Havia uma enorme lareira enegrecida pelo fumo e o solo estava coberto de tijolos. Nada mudara a não ser as janelas em que hoje havia espessos vidros dum verde fosco, em facetas arredondadas como alvéolos. Leonardo recordava-se que, nos tempos da sua infância, as janelas, como todas as das outras casas dos camponeses toscanos, não tinham vidros mas sim uma tela embebida em cera e tão opaca que mesmo de dia fazia escuro dentro de casa. As outras janelas dos quartos de dormir dos andares superiores fechavam apenas com portas de madeira, e muitas vezes de manhã, durante os frios do inverno, quase sempre áspero nessa região, a água gelava nos jarros.

Com perfumada urze da montanha e alguns ramos de zimbro o jardineiro fez um belo fogo; a seguir acendeu uma pequena lâmpada de barro suspensa da chaminé por uma cadeia de cobre e duma configuração semelhante à das que se encontram nos antigos túmulos etruscos. A configuração elegante desta lâmpada destacava-se ainda mais no meio da simplicidade e pobreza do quarto. Era ali, nesse canto meio selvagem da Toscana, no sangue e na linguagem dos seus habitantes, nos seus utensílios domésticos e nos costumes do povo, que se encontravam os vestígios da antiguidade imemorial da raça etrusca.

Enquanto a rapariga se afadigava colocando sobre a mesa um pão redondo, sem fermento, do feitio dum bolo, um prato de salada de alface com vinagre, um cangirão de vinho e figos secos, Leonardo subiu aos quartos superiores pela velha escada que rangia. Ali tudo estava como outrora. No meio do enorme quarto baixo o mesmo imenso leito quadrado, onde cabia toda uma família e onde a boa avozinha, Monna Lúcia, a mulher de António de Vinci, tinha dormido com o pequeno Leonardo. O velho leito de família, devotamente conservado, coubera em partilhas ao tio Francesco.

À cabeceira lá estava sempre o mesmo crucifixo, uma imagem da Madona, uma concha para a água benta, um ramo de erva cinzenta e seca chamada «nevoeiro», — *nebbia*, e um pequeno folheto com uma inscrição latina.

Leonardo tornou a descer e sentando-se junto do fogo bebeu a água e o vinho por uma escudela redonda de madeira, cujo perfume de azeitona lhe recordava também a sua mais longínqua infância. Ao ficar só, depois de João Batista e da neta se terem ido deitar, ficou largo tempo embebido nos seus pensamentos e nas suas queridas recordações.

II

Pensou em seu pai, o notário Pedro de Vinci, que vira alguns dias atrás em Florença, na casa que este adquirira e onde habitava, na populosa Via Ghibellina. Era um velho de setenta anos, ainda fresco, de figura rubicunda e de cabelos crespos. Leonardo nunca encontrara ninguém que mais amasse a vida, com tanta ingenuidade e com uma sinceridade que ia às vezes até ao impudor. Antigamente o notário sentia especial ternura pelo primeiro filho, não obstante ser um filho natural, mas os outros filhos legítimos, António e Julião, quando cresceram, esforçaram-se por malquistá-lo com Leonardo a fim de que este não recebesse nenhuma parcela da herança.

Ao deixar pela primeira vez a casa, o artista sentiu que se tornara já um estranho para os seus. Tinha corrido a fama do seu ateísmo e isso fora motivo de especial tristeza, principalmente para o irmão Lourenço. Este, ainda muito novo, mas excessivamente desenvolvido, andara entre os discípulos de Savonarola e fora um «carpidor». Muitas vezes, diante do pai, falara a Leonardo da fé cristã, da necessidade do arrependimento, da humildade, das opiniões heréticas de alguns filósofos contemporâneos e, à despedida, tinha-lhe dado um *Tratado da Salvação*, da sua própria autoria.

Era o livro que Leonardo agora contemplava, e sentia exalar-se dele o perfume dessa religiosidade burguesa que envolvera os anos da sua infância, e que reinava na família, transmitindo-se de geração em geração.

Um século antes da sua nascença, os fundadores da casa Vinci eram já funcionários da Comuna Florentina, honestos, económicos e piedosos como seu pai, *messer* Pedro. Os arquivos comerciais do ano de 1339 mencionavam um antepassado do artista, o notário Guido Michele de Vinci.

O avô de Leonardo, António, surgia-lhe na memória como se estivesse vivo. A ciência da vida que sempre praticara era exatamente a mesma que influenciara e por que sempre se governara o neto Lourenço.

Ensinava aos filhos que não deviam aspirar às eminências, nem à glória ou honras, nem às funções militares ou civis, nem à excessiva sabedoria ou às riquezas extraordinárias. «Conservar sempre o meio termo, dizia, é a melhor política.» — *Starsi mezzanamente è cosa piu sicura.*

Leonardo recordava-se da voz do velho, tranquila e grave, ensinando esta singular norma da vida, «a média em tudo».

«Meus filhos — ensinava, — tomai o exemplo das formigas que se preocupam hoje com o dia de amanhã! Sede cautelosos e moderados! A quem poderei eu comparar o bom educador e o chefe de família? Compará-lo-ei à aranha no meio da enorme teia; sensível ao movimento do mais ténue dos seus fios e prestes a consolidá-los.»

Exigia que todos os dias, ao toque das ave-marias, a família estivesse reunida. Ele próprio dava volta a toda a casa, fechando as portas e as cancelas e levando as chaves para o seu quarto de dormir onde as escondia debaixo do travesseiro. Nenhum pormenor da vida doméstica escapava à sua

observação perspicaz; notava tudo ocupava-se de tudo; mas em nenhum dos seus atos havia qualquer parcela de mesquinhez. Nunca empregava nas suas roupas senão fazendas da melhor qualidade, e o mesmo aconselhava aos filhos, quando era preciso escolher algum tecido; nunca lamentava o dinheiro assim gasto; porque, sendo boa a matéria empregada, a sua duração seria maior; «é por isso — dizia, — que um fato de bom pano, não somente é mais respeitável, mas sai mais barato».

A família, na opinião do avô, devia viver sem se separar, debaixo do mesmo teto, porque era mais prático e mais económico.

Olhava as mulheres com superioridade: «devem ocupar-se da cozinha e dos filhos, sem se imiscuir nos negócios dos homens; aquele que acredita na inteligência das mulheres é tolo». A sabedoria de *messer* António não era desprovida duma fina malícia e de certa velhacaria. «Meus filhos — repetia, — sede misericordiosos, como exige a Santa Madre Igreja; mas preferi os amigos felizes aos desgraçados, os ricos aos pobres! A arte superior da vida consiste em ser mais atilado que o atilado, sem deixar de praticar o bem.»

Ensinava-lhes a plantar as árvores de fruto no limite da propriedade, de maneira que a sombra caísse no campo do vizinho. Também, lhes ensinava a dar de mão aos que vinham pedir, sem deixar de ser amável.

«Há nisto uma dupla vantagem — acrescentava, — ficais com o vosso dinheiro e rindo-vos à custa de quem vos queria enganar. E se o pretendente for pessoa de espírito, compreender-vos-á e respeitar-vos-á, porque tereis sabido refutar-lhe o pedido, sem faltar às boas conveniências. O que recebe é esperto, e o que dá é tolo. Quanto aos pais, ajudai-os não somente com dinheiro mas com o suor, com o sangue e com a honra, numa palavra, com tudo quanto possuís, sem poupar mesmo a própria vida se disso depender a salvação da raça: porque, lembrai-vos, queridos filhos, o homem adquire maior glória e benefício se faz bem aos seus do que se o faz aos estranhos!»

Depois duma ausência de trinta anos, sentado ao fogo da lareira, Leonardo ouvia o vento gemer e contemplava os tições que se consumiam. Verificava que toda a sua vida não fora mais do que uma permanente negação dessa sabedoria económica, velha como o mundo, dessa sabedoria da aranha e da formiga que fora a do avô; dizia a si próprio que a sua existência tinha transbordado para esse supérfluo desordenado que na opinião do irmão Lourenço deveria ser cortado pela tesoura da deusa Mediocridade.

III

No dia seguinte, de manhã muito cedo, Leonardo saiu de casa sem despertar o jardineiro e, atravessando a humilde aldeia de Vinci, de velhas e pequenas casas de pedra, com os telhados cobertos duma argila que aderia aos flocos da montanha, começou a subir o caminho íngreme e rude que conduzia ao lugarejo vizinho de Anciano. Como na véspera, brilhava um pálido e triste sol de inverno. O céu límpido tingia-se no horizonte, mesmo àquela hora matinal, duma turva tinta violeta. A «tramontana» aumentara durante a noite. O vento soprava do norte, em rajadas contínuas como se caísse diretamente do céu, e assobiava impertinente aos ouvidos. Outra vez, também, os mesmos campos desolados e tranquilos, de searas pouco densas, lembrando as regiões do norte; de raquíticas vinhas dispostas em degraus semicirculares; de erva rala e pálida, de papoulas, de oliveiras duma folhagem cinzento empoeirado cujos ramos robustos tinham arrepios mórbidos sob as rajadas.

À entrada de Anciano, Leonardo, não reconhecendo os locais, deteve-se. Lembrou-se que outrora existiam ali as ruínas dum muito velho castelo, Adimari, tendo instalada numa das suas torres uma pequena estalagem aldeã. Mas nesse mesmo lugar, no sítio chamado Campo della Torraccia, erguia-se agora, no meio duma vinha, uma casa nova de paredes lisas e caiadas de branco. Por detrás dum muro baixo de pedra, um aldeão trabalhava na vinha. Este explicou ao artista que o proprietário da estalagem morrera, e que os herdeiros tinham vendido a terra a um rico negociante de carneiros de Orbianino, que depois de limpar o monte ali plantara a vinha e o olival.

Não era sem motivo que Leonardo se informava da taberna de Anciano: fora ali que ele nascera. Fora ali que, à entrada da humilde aldeia montanhesa, dominando a estrada que através dos Montes Albanos conduz do vale de Nievole a Prato e a Pistoia, no obscuro esqueleto da torre do castelo de Adimari, se alojava, cinquenta anos atrás, uma alegre locanda aldeã, uma *osteria*. A tabuleta, suspensa de enferrujados e rangentes ganchos, tinha a seguinte inscrição: *Bottigleria*, loja de bebidas. A porta aberta deixava entrar as filas de tonéis, os púcaros de estanho e os cangirões de barro, bojudos; havia duas pequenas janelas gradeadas, de batentes enegrecidos que pareciam piscar o olho com ar malicioso. Os degraus da entrada, puídos pelos pés da clientela, conduziam ao átrio fresco engrinaldado pela parreira, brilhando ao sol. Os habitantes das aldeias vizinhas que se dirigiam a São Miniato, à feira, ou a Fucecchio, os caçadores de cabras montesas, os almocreves, os guardas da alfândega florentina e outros personagens modestos, entravam ali a tagarelar um pouco, a beber uma garrafa de vinho acre e barato, ou a jogar ao xadrez, às cartas, aos dados e outros jogos.

A criada da locanda era então uma rapariga de dezasseis anos, órfã, uma pobre *contadina*, oriunda de Vinci e chamada Catarina.

Uma vez, na primavera de 1451, o jovem notário florentino Pedro António de Vinci, indo de visita a seu pai, a Florença, onde este passava grande parte do tempo, teve necessidade de parar em Anciano para concluir um arrendamento; tratava-se dum contrato a longo prazo relativo à sexta parte dum lagar de azeite. Redigida a escritura, os aldeãos convidaram o notário a regar a convenção na taberna vizinha em Campo della Torraccia. *Messer* Pedro, pessoa simples, afável e condescendente, mesmo com os humildes, aceitou de boa vontade. Foi Catarina que o serviu. O notário confessou mais tarde ter ficado

apaixonado por ela desde esse momento. Sob o pretexto de caçar as codornizes, adiou até ao outono a partida para Florença; e tornando-se um frequentador assíduo da estalagem, começou a fazer a corte a Catarina, que mostrava ser menos fácil e acessível do que ao princípio supusera. Não era porém em vão que *messer* Pedro passava por um conquistador de corações femininos. Tinha vinte e quatro anos; vestia-se com elegância, era esbelto, ágil e forte e possuía essa eloquência amorosa cheia de segurança, que domina as mulheres. Catarina ainda resistiu algum tempo invocando a ajuda e a proteção da divina Virgem Maria; mas acabou por ceder. Quando as codornizes toscanas, gordas pelo sumo dos cachos do outono, emigram do vale de Nievole, estava grávida.

Os rumores das relações de *messer* Pedro com uma mísera rapariga, criada duma taberna de Anciano, chegaram aos ouvidos de António de Vinci. Depois de ter ameaçado o filho com a maldição, mandou-o imediatamente para Florença, e nesse mesmo inverno, a fim de «arrumar o rapaz», conforme a sua própria expressão, casou-o com Madona Albierra Amadori, que, não sendo nem muito jovem nem formosa, tinha um belo dote e pertencia a uma família respeitável. Casou também Catarina com um seu jornaleiro, um pobre aldeão de Vinci chamado Accattabrighe del Vacca, homem de certa idade, macambúzio, de hábitos rudes e que se dizia ter levado à sepultura com os maus tratos infligidos nos seus acessos de embriaguez, a primeira mulher. Como ambicionava os trinta florins prometidos e a nesga do olival, Accattabrighe não desdenhou de emprestar a sua honra para cobrir os pecados alheios. Catarina, essa submeteu-se sem protestar. Após o parto, porém, esteve prestes a morrer de desgosto. Não tinha leite para alimentar o pequeno Leonardo, — fora o nome dado à criança, — e houve que arranjar uma cabra montesa. Pedro, apesar do amor sincero que tinha a Catarina, e da mágoa de a ter perdido, submeteu-se também mas pediu ao pai para que recolhesse Leonardo em casa e o educasse. Nessa época, os bastardos não eram motivo de vergonha; criavam-nos quase sempre como filhos legítimos, e muitas vezes até marcando-se por eles uma preferência. O avô consentiu de melhor vontade ainda, por o primeiro casamento de seu filho ser estéril; confiou o pequeno aos cuidados da mulher, a boa avó Monna Lúcia.

Foi assim que Leonardo, nascido dos amores ilegítimos dum jovem notário florentino e duma moça de estalagem, entrou para o seio da generosa e devota família dos Vinci.

Nos arquivos da cidade de Florença, no recenseamento de 1457 encontra-se a seguinte nota, escrita pelo próprio punho do avô, o notário António de Vinci: *Lionardo, figluolo di detto Ser Piero non legeptimo, nato di lui el della Catherina, al presente donna d'Accattabrighe del Vacca, da Vinci, d'anni 5.* «Leonardo, filho ilegítimo do dito Pedro, e de Catarina, atualmente mulher de Accattabrighe del Vacca, oriundo de Vinci, de cinco anos de idade.»

Leonardo lembrava-se de sua mãe como através dum sonho; do seu sorriso, sobretudo, tenro, subtil, cheio de mistério, um pouco malicioso talvez e contrastando com a simplicidade e a compostura triste do seu rosto.

Aqueles que a tinham conhecido na sua mocidade afirmavam que o filho se lhe parecia. Principalmente as mãos compridas e finas, os cabelos louros macios como a seda, e o sorriso. Do pai herdara a compleição robusta, a saúde e o amor à vida; da mãe a feminil beleza que impregnava todo o seu ser.

A casota em que Catarina vivia com o marido ficava perto da vila de *messer* António. Ao meio-dia, quando o avô fazia a sesta e Accattabrighe ia para os campos trabalhar com os bois, o rapazinho esgueirava-se pela vinha, saltava o muro e corria para junto da mãe. Esta esperava por ele, sentada à

soleira da porta, com o fuso nos dedos. Ao vê-lo de longe, estendia-lhe os braços; e Leonardo corria para a mãe que lhe cobria de beijos os olhos, a boca e o cabelo.

As entrevistas noturnas, essas então ainda lhe agradavam mais. Accattabrighe ia para a taberna ou para casa dos camaradas jogar aos dados. Durante a noite Leonardo levantava-se sorrateiramente do enorme leito de família onde dormia ao lado da avo Lúcia; meio vestido, abria sem ruído o guarda-vento, deixava-se escorregar da janela agarrando-se aos ramos da figueira até chegar à terra, e corria para casa de Catarina. Tudo lhe era agradável: o frio da erva coberta de orvalho, o grito das aves noturnas, a queimadura das urtigas, as pedras agudas que lhe feriam os pés nus, o brilho das estrelas distantes e o receio que uma noite a avó, ao acordar, se apercebesse da sua falta. Depois eram as carícias da mãe, assim que chegava a casa de Catarina e se abraçava estreitamente a ela, na escuridão e debaixo da roupa.

Monna Lúcia estragava o neto com mimo. Este lembrava-se do vestido castanho-escuro, sempre o mesmo, que usava a avó, da touca branca rodeando o rosto bronzeado e enrugado, das suaves barcarolas que lhe cantava e do perfume delicado das guloseimas caseiras, os «berlingozzi» que lhe preparava com leite, creme e côdeas de pão.

Com o avô, porém, não se entendia da mesma maneira. *Messer* António principiara ele próprio a ensinar o neto. O rapazito não aprendia de boa vontade. Aos sete anos entrou para a escola da igreja de Santa Petronilha, ao pé de Vinci. Os seus progressos na gramática latina, no entanto, não eram grandes.

Muitas vezes, de manhã, ao sair de casa, em vez de ir para a escola esgueirava-se pela ravina densa de canaviais e ali, deitado de costas no chão, a cabeça inclinada para trás, contemplava cheio de inveja, durante horas inteiras, o voo dos grous no céu. Outras vezes, desenrolava as pétalas das flores, cautelosamente, sem as arrancar, para não lhes fazer mal, admirava a delicada estrutura dos estames aveludados, embebidos em mel, e das anteras. Quando *messer* António ia à cidade tratar dos seus negócios, o pequeno Nardo, aproveitando a bondade da avó, evadia-se durante dias inteiros, para a montanha, para o meio dos monólitos suspensos sobre precipícios. Por atalhos desconhecidos de todos, por onde só passavam as cabras, chegava às alturas calvas dos Montes Albanos, donde se distinguiam, a perder de vista, os prados, os bosques e os campos pantanosos de Fusiano, Prate, Florença, as alturas nevadas dos Alpes Apuanos, e em tempo claro a lista estreita dum anil enevoado que ao longe fazia o Mediterrâneo. Voltava para casa cheio de arranhões e de poeira, queimado pelo sol, mas tão contente que Monna Lúcia não tinha coragem de o repreender nem de fazer queixas ao avô. A criança passava uma vida solitária. Raras vezes via o tio Francesco que o acariciava ou o pai que lhe trazia guloseimas da cidade: ambos passavam a maior parte do ano em Florença; pouco se juntava também aos seus companheiros de escola. Os brinquedos destes não o interessavam. Quando os via arrancar as asas duma borboleta para vê-la rastejar, encolhia-se confrangido, empalidecia e afastava-se. Uma vez, no pátio do estábulo, viu uma velha criada sangrando um leitão, cevado, para a festa; o animal debatia-se lançando gritos estridentes. Desde esse dia, Leonardo recusou teimosamente, mas sem dizer porquê, comer carne, apesar de toda a insistência e do descontentamento de *messer* António.

Outra vez, capitaneados por um certo Rosso, um garotão atrevido, inteligente e perverso, cujo pai era cozinheiro dum rico proprietário vizinho, *messer* Rucellai, protetor do avô António, os camaradas agarraram uma toupeira e, depois de a terem feito sofrer toda a casta de barbaridades, amarraram-na, semimorta, por uma pata, para acabar de ser espatifada pelos cães dos pastores. Leonardo precipitou-se sobre eles, deitou três a terra (era forte e destro) e, aproveitando a surpresa dos colegiais, que não esperavam dele uma tal atitude, dada a sua conduta habitualmente tranquila, apoderou-se da toupeira, e

fugiu a sete pés para o campo. Refeitos da surpresa, os outros lançaram-se em sua perseguição com gritos, risos, assobios e injúrias e começaram a atirar-lhe pedras. O esbelto Rosso — que era cinco anos mais velho que Nardo — agarrou-o pelos cabelos e começaram a lutar. Se João Batista, o jardineiro do avô, não tivesse chegado a tempo, Nardo teria apanhado uma grande sova. Mas o seu fim estava atingido; no momento em que o tinham agarrado a toupeira conseguira escapar-se. Estava salva. No calor da refrega, e enquanto se defendia de Rosso, Leonardo vibrara-lhe um soco num olho. O pai do garotão queixou-se ao avô António, que se encolerizou a ponto de querer chibatar o neto. Valeu-lhe a intervenção da avó para evitar o castigo. Foi apenas fechado durante alguns dias no celeiro, debaixo da escada.

Mais tarde, ao recordar esta injustiça, a primeira duma série de outras que viria a sofrer pela vida fora, perguntava no seu «Diário»:

«Se te encarceraram, sendo ainda menino, e quando tinhas praticado uma boa ação, o que te farão agora, que já és um homem?»

Enquanto estava fechada no celeiro escuro a criança contemplava uma aranha que devorava uma mosca no meio da sua teia. Um raio de sol que penetrava por uma fenda fazia brilhar na teia as cores do arco-íris. A vítima debatia-se entre as patas da aranha com um zumbido doce que se ia extinguindo a pouco e pouco. Nardo teria podido salvá-la, como já salvara a toupeira mas um sentimento vago e invencível detinha-o. Sem impedir a aranha de devorar a sua presa, examinava a avidez do monstruoso inseto com a mesma impassível e inocente curiosidade com que costumava observar os segredos da complicada estrutura das flores.

IV

Perto de Vinci, o arquiteto florentino Biaggio da Revenna, discípulo de Alberti, construía uma grande vivenda para *messer* Rucellai. Leonardo vinha muitas vezes ver o operário erguer as paredes, esquadrar as pedras com o goniómetro e elevá-las por meio de guindastes. Uma vez, *messer* Biaggio, começando a falar com ele, ficou admirado da subtileza do seu espírito. Começou então a ensinar-lhe os primeiros elementos da aritmética, da álgebra, da geometria e da mecânica, ao princípio ligeiramente, depois a pouco e pouco, com mais profundidade. Ao professor parecia incrível e quase maravilhosa a facilidade com que o colegial aprendia de repente todas as lições, como se fosse coisa já de há muito sabida, sem a ajuda do professor, e de que se estivesse recordando.

O avô, porém, não via com bons olhos os progressos extraordinários do neto. Também lhe causava certo desgosto o facto de ele ser canhoto. Este defeito era tido como mau presságio. Supunha-se ser inerente às pessoas que mantinham relações com os feiticeiros e nigromantes ou que tinham feito pactos com o Demónio. Este sentimento de hostilidade para com a criança aumentou no espírito de *messer* António quando uma bruxa de muita fama, que havia em Faltumiano, lhe assegurou que a proprietária da cabra que fora ama de Nardo era uma feiticeira. Não era muito extraordinário supor que os bruxos, para agradar ao Diabo, tivessem enfeitiçado a cabra de Nardo. «As coisas são o que são — pensava o avô. — De qualquer forma que se alimente o lobo, este terá sempre a ambição de fugir para a floresta. Seja feita a vontade do Senhor! Em todas as famílias tem que haver um monstro!»

O velho aguardava com impaciência que o filho favorito, Pedro, lhe desse a alegria dum neto legítimo, digno da herança, porque Nardo era uma criança encontrada, por assim dizer, um filho do acaso.

Os montanheses falavam com frequência dum fenómeno particular àquela região e que se não via em mais parte nenhuma: muitas plantas e animais tinham a cor branca. As pessoas a quem não tinha sido dado observar o fenómeno com os seus próprios olhos duvidavam destas narrativas, mas os que vagabundeavam pelos prados e pelos bosques de Vinci sabiam bem que era verdade, que ali encontravam muitas vezes violetas brancas, pardais brancos, e, até, nos ninhos dos melros negros, avezinhas brancas. Era por isso, asseguravam os habitantes de Vinci, que toda aquela cordilheira recebera na distante antiguidade o nome de «Branca», «Montes Albanos».

O pequeno Nardo era um dos milagres da Montanha Branca: um monstro na honesta e burguesa família dos notários florentinos, — uma avezinha branca no ninho dos melros negros.

V

Ao fazer treze anos, o pai levou-o para a sua casa de Florença. Desde essa época Leonardo raras vezes voltou à terra natal.

No seu «Diário» encontra-se esta nota breve e, segundo o seu costume, enigmática, datada de 1494, quando estava ao serviço do duque de Milão:

«Catarina chegou em treze de julho de 1493.» Poder-se-ia pensar que a referência dizia respeito a qualquer criada entrada ao seu serviço nesta data. Mas, em realidade, tratava-se da sua própria mãe.

Depois da morte do marido, Accattabrighe del Vacca, Catarina, sentindo que a sua vida já não seria longa, desejou tornar a ver o filho antes de morrer.

Juntou-se a uma peregrinação de camponeses da Toscana que se dirigia à Lombardia para adorar as relíquias de Santo Ambrósio e o Santo Cravo da Cruz e chegou a Milão. Leonardo recebeu-a com um respeito repassado de ternura.

Ao pé dela parecia-lhe voltar a ser o pequeno Nardo de outrora, que tantas vezes, descalço, no mistério da noite, corria para a ir abraçar, sob as roupas, na calentura do leito.

A pobre mulher, depois de ter visto o filho, quis regressar à sua aldeia, mas este reteve-a, alugou e mobilou-lhe uma tranquila cela num convento de mulheres, vizinho do de Santa Clara, perto da Porta de Verceil. Catarina adoeceu e viu-se na necessidade de permanecer na cama, mas recusou obstinadamente deixar-se transportar para casa do filho a fim de lhe não causar maior prejuízos ou transtornos. Leonardo fê-la entrar no melhor hospital de Milão, *Ospedale Maggiore*, obra do duque Francisco Sforza, que parecia um palácio. Era ali que ele ia todos os dias visitá-la, não a abandonando durante todo o tempo da sua doença. No entanto, nenhum dos seus amigos ou alunos teve nunca notícia da presença de Catarina em Milão. Quase não fala nela nas suas notas diárias. Apenas uma vez menciona Catarina, de passagem, a propósito do rosto curioso duma rapariga que encontrara no mesmo hospital em que estava sua mãe.

A nota dizia assim: *Giovannina — viso fantastico — sta asca Catherina, all ospedale*, «Giovannina — rosto fantástico — está ao lado de Catarina, no hospital.»

Quando, pela última vez, beijou aquela mão que arrefecia, pareceu-lhe que tudo quanto era o devia a essa pobre aldeã de Vinci, a essa humilde habitante das montanhas. Fez-lhe funerais magníficos, como se Catarina tivesse sido mulher de alta estirpe e não uma modesta criada duma hospedaria de Anciano. Com aquela exatidão herdada do pai, o notário, apontou as despesas do enterro:

Despesas com a morte e enterro de Catarina: 27 florins
Dois arráteis de cera: 18 florins
Um catafalco: 12 florins
Transporte e colocação da cruz: 4 florins

Transporte do corpo: 8 florins
Quatro padres e quatro acólitos: 20 florins
Pelo toque dos sinos: 2 florins
Aos coveiros: 16 florins
Licenças e pagamento aos funcionários: 1 florim
Total: 108 florins
Despesas anteriores:
Ao médico: 4 florins
Açúcar e velas: 12 florins
= 124 florins

Seis anos mais tarde, em Milão, em 1500, após a queda do Mouro, uma vez que Leonardo arrumava as suas roupas para se dirigir a Florença, encontrou num dos armários um pacotinho cuidadosamente arrumado. Eram presentes rústicos que Catarina lhe tinha trazido de Vinci: duas camisas grosseiras de estopa fiada por suas próprias mãos, e três pares de meias de pelo de cabra, igualmente feitas por ela. Leonardo nunca as usara por estar habituado a roupas mais finas e mais caras. Mas agora, ao rever de repente esse pacote, esquecido no meio dos livros de ciências, dos instrumentos de física e de máquinas de todas as espécies, sentia o coração confrangido de amargura.

Sempre, durante as suas peregrinações solitárias, longas e tristes, de país em país e de terra em terra, nunca deixava de levar consigo o modesto embrulhinho inútil que encerrava as meias e as camisas; escondia-o aos olhos de todos, guardando-o cuidadosamente com uma espécie de pudor, no meio das coisas que lhe eram mais queridas.

VI

As recordações invadiam a alma de Leonardo enquanto subia a montanha pelo atalho abrupto tão seu conhecido.

Ali nada mudara. Parecia-lhe que ainda na véspera passara por aqueles caminhos. Como quarenta anos atrás, por toda a parte cresciam as violetas brancas. As folhas amarelas e secas dos carvalhos rangiam sob os seus pés; a montanha tinha as mesmas cores azuis, baças, e tudo em redor lembrava o Norte, tão simples e calmo como outrora, talvez mais pobre e mais pálido.

Depois de ter repousado alguns momentos, ergueu-se de novo e continuou a trepar pelo estreito córrego rochoso que subia sempre. À maneira que se elevava, a «tramontana» tornava-se cada vez mais áspera e gelada.

As reminiscências assaltavam-no de novo; agora eram os primeiros anos da sua juventude que lhe acudiam à memória.

Os negócios do notário Pedro de Vinci prosperavam. Tinha a habilidade de viver bem com todos; hábil, alegre e bondoso, era daquelas pessoas a quem tudo corre bem, que sente o gozo da existência e não prejudicam o caminho dos outros. Entre a gente eclesiástica tinha em especial muitas simpatias; homem de confiança do rico mosteiro de Santa Anunciada e de muitas outras instituições de caridade, *messer* Pedro arredondava o seu pecúlio, comprava casas, e vinhas nos arrabaldes de Vinci, sem mudar os seus hábitos modestos, segundo os sábios preceitos de *messer* António. Fazia grandes donativos às igrejas, e, sempre respeitador das tradições e da honra da raça, fizera erigir uma lápide funerária no túmulo da família Vinci, em Badia de Florença.

Morta a primeira mulher, depressa se consolou, e aos trinta e oito anos de idade tornou a casar com uma encantadora menina quase uma criança, Francesca de Lanfredini. Esta segunda união também foi estéril. *Messer* Pedro acalentou então a ideia de dar ao primogénito ilegítimo uma boa educação, sem olhar ao dinheiro, de forma a poder talvez mais tarde fazer dele o seu herdeiro e, como todos os primeiros filhos da família dos Vinci um notário florentino.

Nesta época habitava Florença um célebre naturalista, matemático, físico e astrónomo, Paulo dall Pozzo Toscanelli. Segundo a expressão dos seus contemporâneos, este homem vivia «como um santo», silencioso, desinteressado, abstinente, nunca comendo carne, e, além disso, absolutamente casto. O rosto era mal conformado, quase repelente; apenas os olhos claros e tranquilos, cheios de infantil simplicidade, eram magníficos.

Quando, numa noite de 1470, um adolescente desconhecido lhe bateu à porta da casa, junto do Palácio Pitti, Toscanelli recebeu-o com secura e frieza, suspeitando nele apenas um banal visitante, curioso e desocupado. Logo porém que conversou com Leonardo, ficou, como outrora *messer* Biaggio da Ravenna, estupefacto pelo seu génio matemático. Tornou-se seu mestre. Pelas claras noites de verão, ambos subiam a uma das colinas dos arredores de Florença, Poggio del Pino, coberta de urzes, de

zimbros perfumados e de negros e resinosos pinheiros. No cimo havia um grande casarão meio arruinado que servia de observatório ao astrónomo. Era ali que ele ensinava ao aluno tudo quanto sabia acerca das leis da Natureza.

Nestas conversações consolidava Leonardo a sua fé na ciência nova e desconhecida dos homens.

Seu pai, deixando-lhe a liberdade de escolha, aconselhava-lhe no entanto uma ocupação lucrativa.

Vendo-o sempre modelando e desenhando, *messer* Pedro levou um dia alguns dos seus trabalhos ao seu velho amigo ourives, pintor e escultor, Andrea del Verocchio; — e foi assim que Leonardo entrou como aprendiz para o *atelier* deste.

VII

Verocchio, filho dum modesto oleiro, nascera em 1435, sendo, por consequência, dezassete anos mais velho que Leonardo. Vivia numa velha e modesta casa a beira do Arno, e o seu aspeto era mais o dum comerciante que o dum artista. O rosto, de pouca mobilidade e achatado, terminava por um duplo queixo. Os olhos eram pequenos, mas o olhar agudo e penetrante anunciava um espírito calmo, perscrutador e minucioso.

Verocchio considerava as matemáticas como a base da arte e das ciências, e dizia que a geometria, sendo uma parte das matemáticas, «mãe de todas as ciências», era ao mesmo tempo «mãe do desenho, pai de todas as artes». A ciência perfeita e a plenitude da beleza eram para ele uma e a mesma coisa. Se encontrava uma cabeça ou qualquer parte do corpo humano que lhe parecia rara, pela beleza ou pela fealdade, logo a estudava e a moldava em gesso.

No dia em que *messer* Pedro de Vinci lhe trouxe o filho, que tinha então dezoito anos, a sorte de ambos ficou decidida. Andrea tornou-se simultaneamente professor e aluno de Leonardo.

No quadro encomendado a Verocchio pelos frades de Vallombrosa, o *Batismo do Senhor*, Leonardo pintou um anjo ajoelhado. Tudo o que Verocchio sentia, tudo quanto ele procurava às apalpadelas, como um cego, já Leonardo tinha visto, compreendido e encarnado na figura do anjo. Mais tarde, contava-se que o mestre, desesperado por se ver ultrapassado pelo jovem discípulo, renunciara à pintura. Mas isso era maledicência. Na realidade, completavam-se um ao outro. Sem invejas nem emulações, muitas vezes eles próprios não sabiam o que um ao outro ficavam devendo.

Verocchio andava então a moldar em bronze um grupo representando Cristo e o Apóstolo Tomé, para a igreja de Orsanmichele.

No meio das visões paradisíacas de frei Beato Angélico e os sonhos de Sandro Botticelli, apareceu então, pela primeira vez, no gesto de Tomé tocando a chaga do Senhor, o que ainda se não tinha visto: a audácia do homem em face de Deus, do espírito experimentador perante o milagre.

VIII

A primeira obra de Leonardo foi um desenho em cartão, executado em duas cores, a pincel, para a tapeçaria de oiro e de seda, tecida na Flandres, que os cidadãos florentinos queriam oferecer ao rei de Portugal. O desenho representava a queda de Adão e Eva. Os pormenores do tronco nodoso duma das palmeiras eram dados com tal perfeição que, segundo a expressão de um entendedor, «o espírito perturbava-se com a ideia que um homem pudesse possuir tamanha soma de paciência». A serpente tinha um rosto de mulher de sedutora beleza e parecia estar dizendo:

«Não, não morrereis, mas sabe Deus que no dia em que comerdes deste fruto os olhos se vos abrirão e sereis iguais aos deuses, conhecendo o bem e o mal.»

A mulher estendia a mão para a árvore da ciência, com o mesmo sorriso de audaciosa curiosidade que brincava no rosto de Tomé, o incrédulo, pousando os dedos nas feridas do Crucificado, na obra de Verocchio.

Em 1481, Leonardo recebeu dos frades de São Donato em Scopeto, a encomenda dum quadro representando a adoração dos Magos.

No esboço desta obra revelou um tal conhecimento da anatomia e uma tal arte em traduzir os sentimentos humanos nos movimentos do corpo, como nunca até então tinham sido encontrados em nenhum mestre.

Ao fundo do quadro, vê-se uma igreja em ruínas; os personagens entregam-se a alegres folguedos e lutas; à sombra das oliveiras, a Mãe de Deus está sentada com o Menino Jesus e sorri, admirada dos presentes que os Magos lhe trazem. Estes, carregados de anos e de sabedoria, contemplam o milagre da Encarnação de Deus feito homem, e ajoelham diante d'Aquele que há de dizer estas palavras: «Em verdade vos digo que, se vos não transformardes em meninos, vós não entrareis no Reino dos Céus.»

Nas suas duas primeiras obras, Leonardo exprimiu por assim dizer toda a gama das suas aspirações. A *Queda* mostra-nos a sabedoria da serpente na audácia do espírito; a *Adoração dos Magos* a simplicidade infantil na humildade da fé.

Este segundo quadro nunca o pintor o terminou; como, no futuro, não acabou quase nenhum dos trabalhos principiados. Na ânsia da inacessível perfeição, criava-se tais dificuldades que o pincel era incapaz de as vencer. «O desejo desmedido», na expressão de Petrarca, «impede a satisfação.»

A segunda mulher de *messer* Pedro, Madona Francesca, morreu ainda nova. Pedro tornou a casar, pela terceira vez, com Margherita di Guglielmo, que lhe trouxe em dote trezentos e sessenta e cinco florins. A nova madrasta não estimava Leonardo, principalmente depois de terem nascido os seus filhos António e Juliano.

Leonardo era pródigo. *Messer* Pedro ajudava-o, mas com parcimónia. Monna Margherita censurava asperamente o marido por este despojar dos seus bens os herdeiros legítimos, em benefício do filho

ilegítimo, que bebera o leite duma cabra enfeitiçada.

Entre os camaradas encontrados em casa de Verocchio, e outros *ateliers*, contava Leonardo muitos inimigos. Um destes, tomando como pretexto a extraordinária amizade que reinava entre o mestre e o discípulo, fizera um relato anónimo em que os acusava de sodomia. A calúnia tinha os seus visos de veracidade no facto de o jovem Leonardo, um dos mais belos rapazes de Florença, viver sempre afastado das mulheres. «Em todo o seu exterior — diz um contemporâneo, — havia uma tal irradiação de beleza que à sua vista a alma mais triste se iluminava.»

Nesse mesmo ano abandonou o atelier de Verocchio e instalou-se por sua própria conta. Corriam então rumores acerca das suas opiniões heréticas e do seu ateísmo. A permanência em Florença tornava-se cada vez mais difícil.

Messer Pedro arranjou para o filho uma encomenda lucrativa de Lourenço de Médicis. Leonardo, porém, não logrou satisfazê-lo. Lourenço exigia, sobretudo de quantos se lhe aproximavam, um respeito servil; não estimava as inteligências ousadas, nem os espíritos livres e originais.

O artista quis então abandonar Florença. Sentia que se ali permanecesse mais tempo a vida lhe seria impossível no meio das contínuas complicações que teria de suportar.

O acaso veio em seu auxílio. Inventou um alaúde de prata com o feitio duma cabeça de cavalo e provido de inúmeras cordas. O som e o singular feitio deste instrumento agradaram tanto a Lourenço, o Magnífico, que este o encarregou de ir a Milão entregá-lo como presente a Ludovico, o Mouro, duque da Lombardia.

Em 1482, com trinta anos de idade, Leonardo abandonou Florença e dirigiu-se a Milão, não como artista ou como sábio, mas simplesmente como músico da corte, *sonatore di lira*. Na carta que escreveu a Ludovico, Leonardo propunha-lhe também os seus serviços como construtor de máquinas de guerra, pontes incombustíveis, bombardas, canhões, casas e palácios.

Assim que Leonardo viu pela primeira vez a verde Lombardia dominada pelos picos nevados dos Alpes, sentiu que uma nova vida tinha começado para si e que aquela terra estrangeira se tornaria a sua pátria.

IX

Era assim que trepando a montanha Leonardo rememorava o meio século da sua existência.

Estava próximo do cimo. A vereda agora subia a direito sem torcicolos. As montanhas vizinhas, que sob a ação do vento se tingiam dum violeta vago, pareciam selvagens, desertas e terríficas, como se pertencessem a um outro planeta. As rajadas cegavam Leonardo, vergastando-lhe o rosto, picando-o de agulhas geladas. Às vezes, os seus passos faziam rolar no abismo uma pedra que se perdia com um rumor surdo.

Ia subindo sempre e uma estranha alegria vinha-lhe do esforço dessa ascensão, como se tivesse vencido a montanha selvagem e abrupta, defendida pelo vento; e a cada passo o seu olhar explorava o horizonte, que se ia alargando cada vez mais.

Ainda não tinha chegado a primavera: nenhum rebento nas árvores, a erva verdejava apenas. Sentia-se o olor húmido e penetrante dos musgos. E mais alto ainda, — para onde ele ia — as rochas e o céu pálido. A planície onde estava Florença não se divisava, mas toda a extensa paisagem do lado de Empoli se lhe desenrolava sob os olhos: primeiro, as montanhas, a seguir as colinas em vagas infinitas prolongando-se de Livorno, por Castellina-Marítima e o Volteranno, até San-Gimignano. Por toda a parte a imensidade, o vácuo, a leveza do ar, como se o estreito atalho lhe fugisse debaixo dos pés. Lentamente, com uma facilidade de que não tinha consciência, parecia-lhe que pairava sustentado por umas gigantescas asas, para além dos longínquos e ondulados horizontes. Essas asas pareciam-lhe já ser naturais, necessárias mesmo, e a sua ausência fazia nascer-lhe na alma a admiração e o temor, como num homem subitamente privado dos pés.

Lembrou-se como, na sua infância, costumava seguir com a vista o voo dos corvos, como lhe parecia ouvir esse grito, pouco distinto, semelhante a um apelo: «Voemos, voemos.» E ele chorava de raiva. Lembrou-se ainda como costumava abrir às escondidas as gaiolas onde o avô prendia os estorninhos e as toutinegras, feliz por poder restituí-las à liberdade. Um dia, o frade, seu mestre-escola, contou-lhe a história de Ícaro, filho de Dédalo, que, querendo elevar-se nos ares com umas asas ligadas com cera, caiu e matou-se. Mais tarde, o professor perguntou-lhe qual o herói da antiguidade que lhe parecia maior e que mais admirava, e ele respondera sem hesitação: «Ícaro, filho de Dédalo.» Recordou-se ainda da sua admiração e contentamento quando descobriu pela primeira vez no campanário de Santa Maria del Fiori, entre os baixos-relevos de Giotto, que representavam os diversos graus das ciências e das artes, o mecânico Dédalo coberto de penas, dos pés até à cabeça. Havia ainda uma outra recordação da sua primeira infância, um desses sonhos que parecem talvez ridículos mas que são às vezes cheios dum mistério profético. Era um sonho que ele guardava no mais profundo da sua alma:

«É bem certo que toda a minha vida hei de procurar um meio de voar», escreve no seu «Diário», «pois que me lembro ter sonhado uma vez, sendo ainda muito menino, e estando no meu berço, que um milhafre real voando por cima de mim me abriu a boca e passou por diversas vezes as suas asas sobre os meus lábios, significando assim que toda a minha vida eu me ocuparia dessas asas.»

A profecia tinha-se realizado. As asas humanas tinham-se tornado a aspiração principal de toda a

sua vida.

E agora mesmo, nessas alturas dos Montes Albanos, lhe parecia, como há quarenta anos, que era uma ofensa insuportável e uma inferioridade os homens não terem asas. «Aquele que tudo sabe, tudo pode — pensava Leonardo. — É preciso pois saber, e as asas virão.»

X

Numa última volta do caminho, sentiu de repente que alguém atrás dele o agarrava pela veste. Voltou-se e viu o seu discípulo Giovanni Beltraffio.

Sobrolhos franzidos, cabeça baixa, segurando o chapéu com a mão, Giovanni lutava contra o vento; aproximou-se enfim e entregou ao artista uma carta em que este logo reconheceu a letra de *messer* Agapito, o secretário do duque César Bórgia.

— Desce! — disse-lhe ao ver o rosto de Giovanni arroxeado pelo frio. — Sigo-te imediatamente!

Beltraffio começou a descer, o dorso curvado, agarrando-se aos arbustos escorregando nas pedras. Era tão pequeno, tão magro e tão fraco que o vento parecia, constantemente, querer empolgá-lo e arrojá-lo, como quem arroja uma folha.

Leonardo, ao contemplar a mesquinha figura do discípulo, considerava a sua própria fraqueza, — a maldição da impotência que pesava sobre toda a sua vida, — os insucessos constantes, a ruína estúpida do *Colosso*, as desditas de todos que o amavam, a doença de Giovanni, e o terrível, o eterno isolamento. «Asas! — pensou. — Será possível que eu morra sem ver realizada esta minha aspiração?»

Vieram-lhe à ideia palavras que o mecânico Astro murmurava às vezes no seu delírio, a resposta do filho do homem Àquele que o seduzia, mostrando-lhe o horror do abismo e o êxtase do voo: «Não tentarás o Senhor teu Deus.»

O vento transformara-se em furacão, assobiando e gemendo aos ouvidos com rugidos semelhantes aos de uma trovoada ensurdecedora e constante, como se pássaros invisíveis, malfazejos e rápidos, passassem constantemente açoitando o ar com as suas asas formidáveis.

Leonardo, chegado à beira do precipício, deteve-se, debruçou-se e, de repente, mais forte do que nunca, se apoderou dele o sentimento de que o homem tinha uma necessidade natural e imperiosa de voar.

— Terá asas — murmurou, — esse dia há de chegar! Se não for eu, será um outro que desvendará o segredo, mas o homem voará. O espírito não mentiu, os que tiverem asas serão iguais aos deuses!

Por um momento julgou ser o rei do ar, o vencedor da gravidade, e de todas as distâncias; o Filho do homem em toda a sua pujança e sua glória; a águia real, voando com as asas gigantes, brilhantes e brancas como a neve, no azul do céu.

E a sua alma encheu-se duma alegria tal que raiava o pavor!

XI

Ao descer da montanha, o Sol estava quase a esconder-se. O vento diminuía.

Chegou a Anciano. De repente, numa volta do caminho, em baixo, na planície profunda e acolhedora, apareceu a aldeia sombria de Vinci, semelhante a um berço, ou a um cortiço, com a torre da fortaleza pontiaguda como um cipreste.

Parou e escreveu no seu caderno de notas o seguinte:

«Da montanha que herdou o nome de vencedor — *Vinci*, *vincere* significa vencer — o grande pássaro levantará o seu primeiro voo; o homem cavalgando o cisne soberbo encherá o mundo de espanto e todos os livros com o seu nome imortal. A glória eterna marcará o ninho onde ele nasceu.»

Olhando a sua aldeia natal, no sopé da Montanha Branca, repetiu: «A glória eterna marcará o ninho onde nasceu o grande cisne.»

A carta de *messer* Agapito exigia a apresentação imediata do novo mecânico no acampamento de César, para montar as máquinas destinadas ao projetado assalto de Faenza.

Dois dias mais tarde, Leonardo deixava Florença para ir apresentar-se a César Bórgia, na Romênia.

CAPÍTULO XII
Ou César — ou nada

(1500-1503)

Aut Caeser — aut nihil.

César Bórgia.

Um soberano deve ser simultaneamente um herói e um animal feroz.

Maquiavel.

I

«Nós, César Bórgia, pela graça de Deus duque de Romênia, Príncipe de Andria, soberano de Piombino, etc., etc., porta-estandarte e capitão-general da muito Santa Igreja Católica?

A todos os lugares-tenentes, castelãos, comandantes de exército, *condottieres*, oficiais, soldados e a todos os nossos vassalos, ordenamos: que recebam com amizade o portador da presente, a ele (e a todos os que o acompanharem), o célebre e amado Leonardo da Vinci, nosso arquiteto e construtor geral; que lhe concedam livre-trânsito; que lhe permitam medir, examinar e estudar tudo o que quiser nos nossos castelos e fortalezas; que lhe forneçam imediatamente quantos homens ele requisitar e que lhe prestem em tudo auxílio e concurso.

Dado em Pavia, aos 18 de agosto do ano de 1502 da era cristã, e do segundo ano do nosso reino em Romênia.

Caesar Dux Romandiolae.»

Tal era o salva-conduto de Leonardo, destinado à sua inspeção geral às fortalezas da Romênia.

Nessa época, graças às perfídias e às concussões cometidas sob a alta proteção do Pontífice Romano e do mui cristão rei de França, César Bórgia tinha conquistado os antigos domínios da Igreja que os Papas julgavam ter recebido como presente do imperador Constantino. Depois de tomada a cidade de Faenza ao seu legitimo senhor, Astorre Manfredi, jovem de 18 anos e a cidade de Forli, a Catarina Sforza, lançou a mulher e a criança que tinham confiado na sua honra de cavaleiro nas masmorras do castelo romano de Santo Ângelo. Concluiu um tratado com o duque de Urbino, Guidobaldo di Montefeltro, para mais facilmente poder cair sobre ele, e, encontrando-o desarmado, espoliá-lo, como usam fazer os salteadores de estrada.

No outono de 1502, decidiu uma expedição contra Bentivoglio, administrador de Bolonha, com o intuito de fazer desta cidade, após a conquista, a capital do seu novo estado. O terror ia dominando os chefes dos estados vizinhos, que compreendiam que, cedo ou tarde, se tornariam presas do César ambicioso, que sonhava, indubitavelmente, com a ruína dos seus rivais, para proclamar-se soberano único e autocrata da Itália.

Em 25 de setembro, os inimigos do duque de Valentinois: o cardeal Pagolo, o duque de Cravina-Orsini, Vitellozzo Vitelli, Oliverotto da Fermo, Jean-Paul Baglioni, governador de Peruza, António de Benaffro, enviado dos Regentes de Siena, e Pandolfo Petracchi, reuniram-se na cidade de Maggione e concluíram um pacto secreto contra César. Vitellozzo Vitelli fez mesmo que nessa assembleia fosse pronunciado o juramento de Aníbal: matar, prender ou escorraçar o inimigo comum dentro dum ano.

Logo que a notícia do tratado de Maggione se espalhou, inúmeros personagens que o duque de Romênia tinha ofendido aderiram àquele pacto. O ducado de Urbino revoltou-se e separou-se de César. Nos seus próprios regimentos começaram as traições. O socorro do rei de França tardava; — o duque

estava à beira do precipício. Se bem que traído, abandonado e quase desarmado, César não perdera uma parcela da sua ferocidade. Tendo deixado passar, em hesitações e mesquinhas querelas, a boa oportunidade de o vencer, os inimigos acabaram por entrar em negociações com ele e consentir num armistício, Seduzindo-os com ardis, ameaças e promessas, conseguiu ludibriá-los e desuni-los. Depois do que, com o profundo sentimento da hipocrisia que lhe era peculiar, encantou com as suas amabilidades os novos amigos, convidando-os a reunir-se a ele em frente da cidade de Sinigaglia, pretendendo mostrar-lhes assim a sua dedicação não só por palavras mas por atos, numa expedição comum.

Leonardo tornou-se um dos principais familiares de César Bórgia.

Por ordem do duque, embelezava as cidades conquistadas com magníficos monumentos, palácios, escolas, bibliotecas; construía enormes casernas para as tropas de César no local ocupado pela destruída fortaleza de Castel-Bolonese; escavava a entrada de Porto-Cesenatico, o melhor de toda a margem ocidental do Adriático, e reunia-o a Casena por meio dum canal; fundava a formidável fortaleza de Piombino. Planeava máquinas de guerra, desenhava mapas militares; seguindo o duque por toda a parte, e sempre presente a todas as sangrentas empresas de César, mantinha como de costume o seu «Diário» breve, exato e imparcial. Notava tudo quanto encontrava no seu caminho, mas, como se não visse ou não desejasse ver o que se fazia em seu redor, nenhuma palavra deste «Diário» fazia alusão ao duque de Romênia.

Em 9 de junho de 1502, foram encontrados no Tibre, perto de Roma, os cadáveres do jovem soberano de Faenza, Astorre, e de seu irmão, estrangulados com cordas. Tinham-lhes prendido pedras ao pescoço e deviam ter sido lançados ao Tibre do alto do castelo de Santo Ângelo. Os corpos eram tão belos, segundo a opinião dos contemporâneos, que dificilmente teria sido possível encontrar semelhantes entre muitos milhares de outros; conservavam os vestígios das violências sofridas. A opinião pública atribuía este crime a César. Nesta mesma altura, Leonardo escrevia o seguinte no seu jornal: «Empregam-se em Romênia carros de quatro rodas; as rodas da frente são pequenas; as de trás, grandes; esta combinação é absurda, porque segundo as leis da física — veja-se o quinto parágrafo dos meus Elementos — todo o peso incide sobre as rodas da frente.»

Era assim que, guardando o silêncio sobre as grandes violações das leis do equilíbrio moral, Leonardo se preocupava com a violação das leis da mecânica, na construção dos carros na Romênia.

II

Na segunda metade do mês de dezembro do ano de 1502, o duque de Valentinois dirigiu-se, acompanhado por toda a sua corte e pelo seu exército, à cidade de Fano, sobre o Adriático, a vinte milhas de Sinigaglia; era ali que devia realizar-se a entrevista do Bórgia com os antigos conspiradores Oliverotto Fermo, Orsini e Vitelli. No fim desse mesmo mês, Leonardo deixava também a cidade de Pesaro para ir reunir-se a César.

Tendo partido de manhã, pensava chegar ao seu destino na tarde do mesmo dia. Porém, uma tempestade que se desencadeou, enchendo de neve os caminhos e tornando-os intransitáveis, dificultando a marcha das mulas que a cada passo tropeçavam, escorregando nas pedras cobertas de geada, prejudicou os seus cálculos. Em baixo, à esquerda do estreito atalho da montanha, sobranceiro ao precipício sob o qual cachoavam as ondas negras do Adriático que se vinham quebrar sobre a praia branca de neve, de repente, com grande terror do guia, a sua montada espantou-se; sentira o cheiro do corpo dum enforcado, que se baloiçava no galho duma árvore solitária.

A noite caía. Os viajantes iam já ao acaso, rédeas lassas, fiados no instinto dos animais. Ao longe viram cintilar uma luz. O guia reconheceu uma hospedaria nos arrabaldes de Novilara, lugarejo perdido na montanha, exatamente a meio caminho entre Pesaro e Fano.

Durante muito tempo bateram às enormes portas pregueadas de ferro, semelhantes a portas de fortaleza. Finalmente, um moço de cavalariça, meio estremunhado, apareceu segurando uma lanterna, e a seguir acudiu o próprio hospedeiro, recusando agasalho aos recém-vindos sob o pretexto de ter completamente cheios todos os quartos e cavalariças. Não havia em toda a estalagem, nessa noite, nenhum leito para o qual não estivessem destinadas já três ou quatro pessoas, e muitas até personagens de nobreza ou militares da comitiva do duque.

Assim porém que Leonardo declinou o seu nome e apresentou o salvo-conduto, com o selo e a assinatura de César, o locandeiro desfez-se em desculpas e ofereceu-lhe o seu próprio quarto, que por enquanto estava apenas ocupado por três comandantes dum destacamento francês. Estes, completamente embriagados, dormiam já com um sono de chumbo. O hospedeiro e a mulher iriam dormir para uma dependência ao lado da forja.

Leonardo entrou para a sala que servia, simultaneamente, de cozinha e de casa de jantar; esta era semelhante a todas as suas congéneres dos albergues da Romênia: sórdida, enfumarada, com as paredes nuas cobertas de nódoas da humidade; as galinhas passeavam nela livremente; das traves do teto, enegrecidas, pendiam fieiras de presuntos e chouriços. Um grande fogo chamejava na enorme lareira, no qual um porco estava sendo assado no espeto. Ao reflexo vermelho das chamas, sentados a uma comprida mesa, os hóspedes comiam, questionavam, jogavam aos dados, ao xadrez e às cartas. Leonardo sentou-se junto do fogo, aguardando a ceia encomendada.

À mesa, onde o artista reconheceu o velho capitão dos lanceiros do duque, Baldassar Scipione, tesoureiro principal da corte, Alessandro Spanoccia, e o enviado de Ferrara, Pandolphe Colenuccio, um conviva, cujo rosto lhe era desconhecido, falava com voz estridente acompanhando o discurso com uma

gesticulação exuberante:

— Posso demonstrar-vos isto, *signori*, com precisão matemática, baseado nos exemplos colhidos na história antiga e moderna. Lembrai-vos apenas dos estados que adquiriram glória militar: os Romanos, os Lacedemónios, os Atenienses, os Etolianos, os Acheus, e muitas outras tribos do lado de lá dos Alpes. Todos os grandes conquistadores tomaram os seus exércitos com súbditos da sua própria nação: Nino, entre os Assírios; Ciro, entre os Persas; Alexandre, nos Macedónios. Verdade seja que Pirro e Aníbal ganharam as suas vitórias com mercenários; mas aqui tudo dependia do génio extraordinário dos chefes que sabiam insuflar aos soldados estrangeiros a coragem e o valor das milícias nacionais. Além disso, não esqueçais também que a pedra angular da arte da guerra é a infantaria; é nela que reside a força decisiva dum exército e não na cavalaria nem nas armas de fogo ou na pólvora, essa inepta invenção dos tempos modernos.

— Não vos deixeis arrebatar pelo vosso entusiasmo, *messer* Niccolo — respondeu o capitão de lanceiros com um sorriso delicado; — as armas de fogo cada dia que passa adquirem maior importância. Os exércitos atuais estão bem melhor equipados que os antigos. Seja dito, sem ofender Vossa Graça, um esquadrão dos nossos cavaleiros franceses, ou um corpo de artilharia com trinta bombas, repeliria não apenas uma guarda-avançada mas até toda a vossa infantaria romana, fosse ela, embora, firme como um rochedo!

— Sofismas, sofismas! — dizia *messer* Niccolo, entusiasmando-se. — Reconheço nas vossas palavras, *signori*, um erro lamentável, à custa do qual os melhores estrategistas do nosso tempo adulteram a verdade. Dai tempo ao tempo! Uma horda de bárbaros do Norte há de vir um dia lutar com os italianos e então estes reconhecerão a mesquinha fraqueza dos mercenários. Convencer-se-ao do pouco que valem a cavalaria e a artilharia, comparadas à força duma massa de infantaria correta; mas então será demasiado tarde. Como é possível que pessoas de senso discutam assim contrariamente a toda a evidência!

Leonardo olhava com curiosidade para aquele homem que falava de todas estas coisas antigas como se as tivesse visto com os seus próprios olhos.

O desconhecido envergava uma veste de fazenda vermelho-escuro, dum corte majestoso, em pregas direitas como usavam os altos funcionários da República florentina e os secretários de embaixada. Esses trajos, porém, tinham um ar cansado e sujo, e a fazenda mostrava já o fio nas mangas. A julgar pelo colarinho da camisa, que se via subir por fora do gibão, a roupa branca estava também duma alvura duvidosa. As grandes mãos ossudas, com um calo no terceiro dedo da direita, como costumam ter as pessoas que escrevem muito, estavam manchadas de tinta. Quase nada, no aspeto externo deste homem, inspirava respeito; não era demasiado velho, mas aproximava-se dos quarenta: era magro, de ombros estreitos, e as feições duras do rosto anguloso tinham qualquer coisa de vivo e característico. Os olhos grandes e cinzentos queriam parecer sarcásticos e perversos, mas, apesar disso, passavam neles às vezes uns vislumbres de timidez, de fraqueza e de impotência infantil.

Messer Niccolo continuava a desenvolver as suas teorias sobre a força militar da infantaria, e Leonardo admirava-se da mistura de falso e de verdadeiro, de audácia infinita e de imitação servil dos antigos, que se manifestava nas suas palavras. Não chegou a assistir ao fim da discussão porque o hospedeiro veio buscá-lo para o conduzir ao aposento já preparado.

III

Na manhã seguinte a tempestade redobrou de violência. O guia recusou-se a partir, asseverando que, com tempo semelhante, nem homens nem animais se aguentariam no exterior; e assim o artista viu-se forçado a passar o dia na estalagem. Dirigiu-se à sala onde *messer* Niccolo explicava a um moço sargento de artilharia francesa, jogador inveterado, uma regra que dizia ter encontrado nas leis das matemáticas puras e pela qual conseguia ganhar sempre ao jogo dos dados, vencendo assim «a sorte inconstante e obscena», segundo a sua própria expressão. Explicava o seu sistema de maneira inteligente e prolixa, mas, cada vez que tentava uma demonstração prática, perdia sempre, com grande espanto seu e gáudio da assistência. Justificava-se então, dizendo ter cometido um erro na aplicação da regra, de resto estritamente exata e infalível. O jogo terminou, contudo, de forma imprevista e pouco agradável para *messer* Niccolo: na altura da liquidação das contas, verificou-se que a sua estava completamente vazia e não tinha com que pagar.

Noite adiantada, chegou uma célebre cortesã veneziana, conhecida pelo apodo de «a grande pecadora», Lena Griffa que se fazia acompanhar de grande quantidade de bagagens, inúmeros criados, pajens, moços de cavalariça, bobos, negros e variadíssimos animais recreativos. Esta dama conseguira outrora, em Florença, escapar milagrosamente dos ataques do Santo Exército dos Pequenos Inquisidores, organizado pelo irmão Girolamo Savonarola, devido às suas altas proteções.

Dois anos antes, seguindo o exemplo de muitas das suas amigas, Monna Lena dissera adeus ao mundo, e transformada em Madalena arrependida tomara o véu de freira. Mas a pouco convicta crisálida monacal em breve deixara voar uma brilhante borboleta metamorfoseada. Lena Griffa fez então rápida e afortunada carreira: segundo o costume das cortesãs de alto coturno, a *mammola*, a hetaira veneziana, arquitetara-se uma muito completa árvore genealógica que provava ser filha ilegítima de Ascânio Sforza, irmão do duque de Milão. Tornou-se então a concubina principal dum velho cardeal, meio idiota e extremamente rico. Era para encontrar-se com ele em Feno que Lena Griffa partira de Veneza e empreendera esta viagem.

O dono da hospedaria encontrava-se numa situação difícil: por um lado, não se atrevia a recusar alojamento a uma dama tão célebre, «Sua Reverência», amiga dum cardeal; e, por outro, não tinha quartos livres. Após várias diligências, conseguiu entender-se com um comerciante de Ancona, que transigiu, mediante um grande abatimento no ajuste combinado, em abandonar o seu vasto quarto de dormir à comitiva da cortesã. Para alojar pessoalmente a dama, pediu a *messer* Niccolo e aos seus companheiros de quarto, os cavaleiros franceses d'Yves e d'Allegre, que fossem fazer companhia ao comerciante, dormindo todos essa noite na forja.

Niccolo encolerizou-se e começava a irritar-se, perguntando ao proprietário se estava em seu juízo, se sabia com quem estava tratando, para permitir-se semelhantes inconveniências com pessoas de categoria, e tudo isto por causa duma aventureira. Aqui, porem, interveio a mulher do estalajadeiro, criatura de humor tempestuoso e sem papas na língua, que fez notar a Niccolo que, em vez de fazer barulho, mais valeria que pagasse o que devia pela sua alimentação, e pelo serviço, sem falar já em quatro ducados que seu marido lhe emprestara, por pura bondade, a semana precedente.

Havia, com certeza, uma parte de verdade nestas acusações, porque Niccolo calou-se de repente e, baixando os olhos sob o olhar acusador da hospedeira, começou a refletir na maneira mais airosa de sair daquele passo. «*Messer* — disse-lhe então Leonardo tirando a sua touca e dirigindo-se-lhe com um sorriso amável, — se quereis partilhar comigo o asilo que me coube, considerarei para mim uma grande honra prestar esse pequeno serviço a Vossa Graça.»

Niccolo voltou-se para ele sem disfarçar certa admiração e acanhamento, mas a seguir aceitou e agradeceu com dignidade.

Dirigiram-se então para o quarto de Leonardo, e o artista começou a preparar o melhor lugar para o seu novo companheiro.

Quanto mais o examinava, mais esse homem lhe parecia curioso e atraente. Este declinou então o seu nome e atributos. «Niccolo Maquiavel, secretário do Conselho dos Dez da República de Florença.»

Três meses antes a Senhoria, astuta e prudente, tinha enviado Maquiavel a negociar com César Bórgia, a quem esperava ludibriar, respondendo às suas proposições de aliança contra os inimigos comuns — Oliverotto, Orsini e Vitelli, com declarações de dedicação platónicas e ambíguas. Na realidade, a República temia o duque, mas não o desejava ter nem como amigo, nem como inimigo. *Messer* Niccolo, sem credenciais de poderes particulares, estava simplesmente encarregado de negociar as cláusulas do livre-trânsito das mercadorias florentinas através dos territórios do duque, ao longo do Adriático, assunto, de resto, bem importante para o comércio, essa «mola real da República», como se exprimiam as cartas que acreditavam o seu representante.

Leonardo deu-se também a conhecer, nomeando o título do seu cargo na corte do duque de Valentinois. Conversaram depois com essa facilidade e confiança próprias das criaturas meditativas e solitárias, e de opiniões fortemente enraizadas.

— *Messer* — confessou imediatamente Niccolo, e esta franqueza agradou a Leonardo, — tenho ouvido muitas vezes falar de vós como de um grande artista, mas devo confessar-vos que não entendo nada de pintura, que é arte que me interessa pouco; no entanto, tenho também ouvido dizer que o duque de Valentinois vos considera um grande sábio, versado nas ciências políticas e militares, e, nesse capítulo, muito gostaria de conversar um pouo com Vossa Graça. Sempre me pareceu ser esse um tema importante e digno de atenção; considero-o como o meu cavalo de batalha, e dele não descerei senão quando vós me ordenardes que me cale. Os nossos Magníficos Senhores não pretendem saber coisa nenhuma além dos preços da venda da lã e da seda; e, eu — acrescentou com um sorriso cheio de altivez e de amargura, — eu, a quem o destino tanto tem castigado, como não sei discutir acerca de lucros e perdas, nem do que se refira ao comércio, tenho de escolher entre estas duas coisas: ou calar-me ou falar de política. Quero estudar a natureza desses grandes organismos chamados Repúblicas ou Monarquias, sem paixão, sem louvor nem vitupério, como matemático que estuda a natureza dos números. Sei que é perigoso e difícil, porque é na política que mais se teme a verdade, que ela é o campo das maiores vinganças; mas apesar de tudo hei de dizer-lhe a verdade, embora venha a perecer numa fogueira como o irmão Girolamo Savonarola.

Leonardo estudava com um sorriso involuntário, no rosto de Maquiavel, as diversas expressões que neste deslizavam: a aura profética, a frivolidade, a audácia escolástica e certo estouvamento, ao passo que, nos olhos estranhos e brilhantes do secretário florentino, se acendia por vezes um clarão de loucura.

E o artista pensava: «Com que emoção fala de tranquilidade e com que paixão fala de impassibilidade!»

IV

Conversaram durante muito tempo. Leonardo perguntou-lhe, entre muitas outras coisas, como pudera ele, no decorrer da discussão do dia anterior, com o capitão dos lanceiros, negar a importância das fortalezas, da pólvora e das armas de fogo; não estivera a brincar?

— Os antigos Romanos e os Espartanos — respondeu Niccolo, — esses mestres infalíveis na arte da guerra, não faziam a mínima ideia da pólvora!

— Mas a experiência e o estudo da Natureza, cada dia que passa, nos trazem coisas novas com que os antigos nem sequer sonhavam! — exclamou o artista.

Maquiavel mantinha-se na sua opinião:

— Eu penso — afirmou, — que, no que diz respeito aos negócios civis e a arte militar, os povos modernos caem em erro sempre que se afastam dos exemplos antigos.

— E julgais possível essa imitação, *messer* Niccolo?

— E porque não? A humanidade e os elementos, o céu e a terra, mudaram porventura de movimento, de estrutura, ou de forças, são diferentes do que eram na antiguidade?

Nenhum raciocínio logrou convencê-lo. Leonardo via o seu interlocutor, audacioso até à temeridade em certos assuntos tornar-se de repente tímido e supersticioso como um escolástico enfatuado assim que se falava na antiguidade.

«Este homem tem grandes desígnios, mas como conseguirá ele realiza-los?» perguntava-se Leonardo, ao lembrar involuntariamente a partida de dados durante a qual Maquiavel expunha com tanta inteligência princípios abstratos, que o não impediam de perder, assim que passava à prática.

Era já tarde. Todos dormiam havia muito tempo. Na estalagem tudo estava tranquilo; apenas um grilo cantava a um canto e através da divisória de madeira ouviam-se às vezes passos no quarto vizinho.

Leonardo deitou-se depois de ter desejado a boa noite ao seu companheiro; não conseguiu, porém, adormecer, contemplava Maquiavel sentado à mesa de trabalho e escrevendo com uma velha pena de pato. Redigia, para os magníficos senhores de Florença, um relatório sobre os projetos e ações do duque de Valentinois, que, apesar do tom frívolo e jocoso empregado, não era isento de profunda sabedoria política.

A sua sombra, projetada sobre a pedra nua, parecia enorme à luz do coto de vela que se consumia.

A cabeça desenhava-se em traços angulosos e duros; o lábio inferior pendente e excessivamente comprido, o pescoço estreito e o nariz adunco como um bico de pássaro. Terminado o relatório sobre a política de César, Maquiavel subscritou-o e lacrou-o, ajuntando ao endereço a nota habitual para as cartas urgentes: *Cito, citissime, celerissime.* «Depressa, mais depressa, o mais depressa possível», e

abriu um volume de Tito Lívio, mergulhando no seu trabalho preferido já de muitos anos: os comentários que seriam mais tarde conhecidos sob o título de *Discursos sobre as Décadas*.

Leonardo seguia com o olhar a estranha sombra negra projetada na parede, à luz moribunda da vela. Enquanto a sombra se agitava e oscilava em convulsões irónicas, o rosto do secretário da República florentina mantinha uma calma solene e grave, um reflexo da grandeza da antiga Roma. Apenas na profundidade dos seus olhos, e às vezes nas comissuras dos lábios sinuosos, passava uma expressão de malícia equívoca, amarga e displicente, quase cínica.

V

Na manhã seguinte, a tempestade amainou. Através dos vidros gelados, dum verde turvo, o sol cintilava como através de pálidas esmeraldas. Os campos e as colinas debaixo dos flocos de neve brilhavam com ofuscante esplendor sob o céu desanuviado.

Quando Leonardo acordou, o seu companheiro já saíra do quarto. O artista desceu à cozinha, onde ardia um grande fogo, e deu ordem ao guia para aparelhar as mulas. Depois sentou-se à mesa a fim de restaurar as forças e preparar-se para a viagem. Ao seu lado, *messer* Niccolo, extraordinariamente agitado, conversava com dois recém-vindos. Um deles era um correio de Florença; o outro, um homem novo ainda, vestido com impecável elegância, mas duma figura banal semelhante às que se encontram a cada passo: era um certo *messer* Lúcio, sobrinho, conforme Leonardo soube mais tarde, de Francisco Vettori, cidadão importante e bem relacionado que protegia Maquiavel. Este jovem, que era também aparentado com o gonfaloneiro de Florença, Pedro Soderini, dirigia-se a Ancona a tratar de assuntos particulares e encarregara-se de procurar Niccolo na Romênia e entregar-lhe uma carta dos seus amigos florentinos. Chegara juntamente com o correio.

— Não tendes razão para vos preocupar, *messer* Niccolo! — dizia Lúcio. — Meu tio Francisco garante-vos que o dinheiro será em breve expedido. Quinta-feira passada ainda os Senhores lhe prometeram...

— *Messer* — interrompeu Maquiavel com voz irritada, — tenho comigo dois criados e três cavalos a quem não posso sustentar com a promessa dos Magníficos Senhores. Em Ímola recebi sessenta ducados e já devia setenta. Se pessoas generosas se não tivessem compadecido de mim, o secretário da República de Florença teria morrido de fome. E é assim que os Senhores defendem como convém a honra da cidade, obrigando o seu homem de confiança a pedir emprestados ducados, aos três e aos quatro, em países estrangeiros!

Bem sabia ele que suas queixas eram vãs. Mas isso era-lhe indiferente, contanto que pudesse desabafar a amargura que lhe enchia o coração. Não havia quase ninguém na cozinha; podia-se falar livremente.

— O nosso concidadão, *messer* Leonardo de Vinci, o gonfaloneiro deve conhecê-lo, — continuou Maquiavel, designando o artista; e Lúcio saudou delicadamente, — *messer* Leonardo foi ainda ontem testemunha dos insultos a que eu ando exposto. Exijo, ouvi bem, não peço, exijo a minha demissão! — concluiu excitando-se cada vez mais e julgando ver na sua frente, na pessoa do jovem florentino toda a Magnífica Senhoria. — Sou pobre! Toda a minha vida está desordenada! E para mais, sinto-me doente! Se as coisas continuarem assim, regressarei ao meu país, dentro dum caixão! Alem disso, já fiz aqui tudo quanto podia fazer com os escassos poderes que me atribuíram e não vale a pena prolongar mais esta situação. Já escrevi, também ao vosso tio...

— Meu tio — retorquiu Lúcio, — fará por vós, *messer*, tudo que estiver em seu poder; mas, e isto é o pior, o Conselho dos Dez considera os vossos relatórios tão indispensáveis à prosperidade da República, que não quer ouvir falar na vossa demissão. «Este homem é único e insubstituível», dizem, «é

a vista e o ouvido da nossa República.» Posso assegurar-vos, mestre Niccolo, que as vossas cartas têm em Florença um grande sucesso. Todos estão maravilhados da elegância e da fluência do vosso estilo. E então quando escreveis em tom humorístico, conseguis despertar uma alegria geral.

— Sim, senhor, magnífico! — exclamou Maquiavel, cujo rosto se alterou de repente. — Agora sim, que eu compreendo tudo. As minhas cartas são do agrado desses Senhores. Deus seja louvado, *messer* Niccolo serve ao menos para alguma coisa. A satisfação é geral, dignai-vos notar, apreciam a elegância do meu estilo, enquanto eu vivo aqui como um cão, gelado, morrendo de fome e tiritando de febre, e sofro toda a casta de humilhações, debatendo-me como um peixe no meio do gelo; e tudo isto para a prosperidade da República, que os diabos levem, mais o seu gonfaloneiro!

Uma cólera impotente apossava-se dele de tal maneira, à ideia dos seus chefes desprezados, que se deixou arrastar até às injúrias soezes.

Desejando mudar de conversação, Lúcio entregou-lhe então uma carta da mulher, a jovem Monna Marietta.

Maquiavel leu rapidamente as primeiras linhas traçadas numa escrita infantil e desajeitada:

«Ouvi contar — escrevia entre outras coisas Marietta, — que as febres e outras moléstias grassam nas terras por onde andais. Calculai, por isso, a inquietação em que vivo. Constantemente, de dia e de noite, os meus pensamento, vos acompanham. O menino, graças a Deus, está bem. Começa a assemelhar-se-vos duma maneira extraordinária, e por isso me parece tão bonito! É esperto e alegre como o era há já um ano. Peço-vos insistentemente que volteis depressa, e não vos esqueçais de nós! Por Deus vos peço! Que Deus, a Santa Virgem Maria e o todo-poderoso Santo António (a quem eu rezo todos os dias para vos dar saúde) vos protejam.»

Leonardo notou que, enquanto Maquiavel lia esta carta, o rosto se lhe iluminava dum sorriso terno e bom, que pelo imprevisto espantava, nas suas feições secas e angulosas. Mas esse sorriso depressa desapareceu; erguendo os ombros com desprezo, amarrotou a carta, que meteu na algibeira e murmurou irritado:

— Quem seria que teve a ideia ou sentiu a necessidade de espalhar boatos alarmantes acerca da minha saúde?

— Era impossível guardar segredo — respondeu Lúcio. — Monna Marietta ia todos os dias a casa dum dos vossos amigos, ou de algum membro do Conselho dos Dez; perguntava e tentava saber onde estáveis e tudo quanto vos acontecia...

— Ah, sim, não preciso que mo conteis, não tive sorte com ela!

Fez um gesto de impaciência com a mão e acrescentou:

— As comissões públicas e os negócios de Estado deviam ser apenas confiados aos celibatários! É preciso escolher: ou a mulher ou a política!

E, afastando-se um pouco, continuou com voz aguda e animada:

— Não tendes intenção de vos casar, meu jovem amigo?!

— Por enquanto, não, *messer* Niccolo — respondeu Lúcio.

— Aconselho-vos a não fazer nunca semelhante disparate! Deus vos preserve! O casar, *messer*, equivale a procurar uma enguia num saco cheio de serpentes. A vida conjugal é um fardo feito para as espáduas de Atlas, e não para as dum simples mortal. Não é verdade, *messer* Leonardo?

Leonardo olhava-o e compreendia que Maquiavel nutria por Monna Marietta uma profunda ternura, mas que tinha pudor desse sentimento e que pretendia dissimulá-lo sob a capa do cinismo.

A hospedaria esvaziava-se. Os viajantes tinham-se erguido muito cedo e partido para os seus destinos. Leonardo preparava-se também para a marcha, e convidou Maquiavel a acompanhá-lo. Este, porém, abanou tristemente a cabeça e manifestou-lhe a necessidade em que se encontrava de aguardar o dinheiro de Florença a fim de satisfazer as suas dívidas e poder alugar os cavalos. O artista pediu-lhe então insistentemente que aceitasse, como empréstimo, algum dinheiro; e Maquiavel consentiu, depois de alguma hesitação, em receber trinta ducados.

VI

Partiram. A manhã estava calma e agradável, duma tepidez primaveril ao sol, e duma frescura perfumada e gelada à sombra. A neve espessa, de reflexos azuis, estalava sob as ferraduras dos cavalos e das mulas. Entre as colinas brancas cintilava um mar de inverno, dum verde pálido, onde passavam velas doiradas semelhantes a asas de borboletas.

Niccolo gracejava, tagarelava e ria. Os pormenores da paisagem, os encontros fortuitos, tudo lhe servia de pretexto para reflexões, umas vezes alegres, outras melancólicas.

Ao meio-dia chegaram às portas da cidade de Fano. Todas as casas estavam cheias de soldados, de capitães, de gentis-homens do partido de César. Graças à sua qualidade de arquiteto da corte, Leonardo conseguiu obter dois quartos com janelas sobre a praça, ao lado do palácio. Ofereceu um ao seu companheiro de viagem, a quem seria difícil encontrar alojamento noutro sítio.

Maquiavel saiu logo em busca de novidades e voltou dentro em pouco com uma terrível notícia: o lugar-tenente principal do duque, Dom Ramiro de Lorqua, fora executado. Na manhã do dia de Natal, o povo encontrara na Piazzetta, entre o castelo e a Rocca Cesena, o seu corpo decapitado, num mar de sangue: ao lado, um machado e a cabeça cortada espetada numa lança enterrada no solo.

— Ninguém conhece as causas da execução — dizia Niccolo. — Porém, em toda a cidade, não se fala noutra coisa; e as opiniões são muito curiosas. Voltei a casa no intuito de vos convidar a dar um passeio para ouvirmos o que se diz!

Diante da antiga catedral de S. Fortunato, a multidão aguardava a passagem do duque, que se devia dirigir ao campo onde se realizava uma revista de tropas. Todos falavam na execução do lugar-tenente e Leonardo e Maquiavel misturaram-se com a multidão.

— Explicai-me, amigos — dizia um moço artífice de aspeto bonacheirão e estúpido, — por que razão se diz que César preferia o seu lugar-tenente a todos os outros gentis-homens?

— Foi por muito o estimar que o castigou — afirmou sentenciosamente um imponente comerciante de aspeto respeitável, envolto numa peliça de *petit-gris*. — Dom Ramiro enganava-o, oprimia o povo em seu nome, fez morrer muita gente, por meio da tortura, e, nas prisões, praticou todas as violências! Diante do duque, porém, fazia-se passar por um inofensivo cordeiro. Esperava que nunca ninguém conhecesse os seus crimes; mas não sucedeu assim. Chegou um dia em que a longanimidade do soberano se esgotou; e não concedeu o perdão ao seu primeiro gentil-homem quando se tratava da felicidade do povo. Haveis de ver agora que todos os que têm a consciência intranquila e pesada vão baixar receosos a cabeça. Compreenderão que a cólera do duque é terrível, mas as suas sanções justiceiras. Agracia os humildes e abate os orgulhosos!

Um frade citou então as palavras do Apocalipse: «Apascentá-los-ás com um cetro de ferro.»

— Sim, é preciso castigá-los com um cetro de ferro, aos cachorros, aos tiranos do povo!

— Sabe punir e sabe perdoar.

— Não podíamos ter um príncipe melhor.

— Na verdade — disse um camponês, — é evidente que o Senhor tomou a Romênia sob a Sua proteção. Antigamente, esfolavam-nos, mortos ou vivos; os impostos e as contribuições arruinavam-nos. Apenas, sob a regência do duque de Valentinois, que Deus conserve por muitos anos, conseguimos respirar um pouco.

— Protege os órfãos e consola as viúvas — acrescentou o frade.

— É um verdadeiro amigo do povo e não faz mal a ninguém!

— Meu Deus, meu Deus! — tartamudeou uma velha mendiga, enferma, chorando de enternecimento — Tu és o nosso benfeitor, o nosso pai bem-amado; que a Rainha dos Céus te proteja, ó Claro Sol!

— Ouvis, ouvis? — ciciou Maquiavel ao ouvido do seu companheiro. — A voz do povo é a voz de Deus. Eu sempre o disse: Para ver a montanha é preciso estar na planície; para conhecer o soberano é preciso descer até junto do povo.

Ouviam-se as trombetas. A multidão agitava-se.

— É ele... É ele... Vem aí... Olhai...

Todos se erguiam nas pontas dos pés e estendiam o pescoço. Cabeças curiosas assomavam às janelas. Raparigas e lindas mulheres de olhares amorosos acorriam aos balcões e às *loggias* para ver passar o herói, «o César loiro e belo». Não podiam perder aquela ocasião, porque o duque raras vezes se mostrava em público.

À frente, vinham os músicos fazendo um barulho ensurdecedor com os címbalos. A seguir, a guarda românica dos alabardeiros do duque, escolhida entre os mais belos mancebos, com elmos e couraças de ferro, e vestidos duma túnica, amarela do lado direito e vermelha do esquerdo. Niccolo não se cansava de admirar a harmonia, realmente digna da Roma antiga, deste corpo criado por César. A seguir à guarda vinham os pajens, com gibões de brocado de oiro e romeiras de veludo papoila, ornadas de folhas de feto bordadas também a oiro; as bainhas das espadas e os cinturões eram de escamas de serpente com fechos representando sete cabeças de víboras com os estiletes venenosos enristados para o céu: era este o escudo do duque. A palavra «César» enchia os peitos, bordada a prata sobre seda negra. No fim, vinha a guarda pessoal do duque, os estradiotas albaneses, com turbantes verdes e amarelos dos recurvados iatagãs.

O *maestro del campo* Bartolomeu Catranica empunhava alto o gládio nu de alferes da Igreja Romana. Atrás dele, num puro-sangue árabe, negro, vinha enfim o soberano da Romênia: César Bórgia, duque de Valentinois, envolto num manto de seda azul pálido, bordado de lírios brancos e realçados por pérolas finas: os lírios da França. A couraça de bronze, polida como um espelho, tinha gravada uma cabeça de leão; o capacete representava uma espécie de monstro marinho ou de dragão de asas pontiagudas.

O rosto de César, que tinha então vinte e seis anos, emagrecera desde a época em que Leonardo o

tinha visto em Milão, pela primeira vez, na corte de Luís XII. As suas feições tinham ganhado uma maior dureza. Os olhos, dum azul profundo, brilhante como o aço, dardejavam olhares mais firmes e impenetráveis. Os cabelos loiros, sempre bastos, e a barba apartada ao meio, iam escurecendo. O nariz alongado lembrava o bico duma ave de rapina. Uma serenidade perfeita reinava, como outrora, nesta fisionomia impassível, aliada a uma expressão de audácia ainda mais impetuosa, e assustadora como uma espada afiada e nua.

Depois, vinham a artilharia, a melhor de toda a Itália, e as máquinas de guerra, puxadas por bois, rolando com um barulho surdo e inquietante que se misturava ao som das trombetas e dos címbalos. Aos raios escarlates do sol poente, os canhões, as couraças, os elmos e as lanças, dardejavam faíscas; e parecia que César marchava direito como um herói, envolto na purpura real desse crepúsculo de inverno, para o astro enorme e ensanguentado.

A multidão contemplava-o silenciosa, sustendo a respiração sem ousar aclamá-lo, mergulhada numa veneração semelhante ao terror. As lágrimas corriam pelas faces da velha mendiga.

— Anjos do Céu!... Mãe de Deus — murmurava, fazendo o sinal da cruz. — Não quis o Senhor que eu morresse antes de ver a sua luminosa figura!...

A espada faiscante, entregue pelo papa a César, para a defesa da Igreja, parecia-lhe ser o gládio de fogo do próprio Arcanjo S. Miguel...

Leonardo sorriu involuntariamente ao notar que nos rostos de Niccolo e da velha mendiga passava a mesma expressão de arrebatado êxtase.

— Quereis saber a minha opinião acerca da execução de Dom Ramiro? — disse Maquiavel assim que chegaram a casa. — Antes de o duque a ter conquistado, a Romênia, como muito bem sabeis, sofrera a opressão duma série de tiranos; fora presa de todas as revoltas, pilhagens e violências. Para pôr termo a esta situação e restabelecer rapidamente a ordem, César nomeou lugar-tenente principal o seu dedicado servidor Dom Ramiro de Lorqua, que dominou todas as revoltas, violentamente, por meio de execuções ferozes. Assim que o soberano atingiu o seu fim, mandou prender o lugar-tenente sob o pretexto de corrupção e fê-lo decapitar, expondo o seu corpo na praça pública. Este horrível espetáculo satisfez o povo e aterrorizou-o ao mesmo tempo. O duque conseguiu três vantagens: primeiro, desenraizou o gérmen das dissensões; depois, colheu os frutos da crueldade do seu lugar-tenente, lançando sobre ele toda a responsabilidade e lavando-se as mãos das atrocidades cometidas supostamente contra a sua vontade; finalmente, sacrificando ao povo o seu auxiliar preferido, deu um exemplo de alta e incorruptível justiça.

VII

Muito cedo, na manhã seguinte, chegou um camarista do palácio a convidar Leonardo para visitar Sua Alteza nesse dia, e, ao mesmo tempo, para se informar se o arquiteto do duque estava satisfeito nos seus alojamentos. Com os cumprimentos de César, este emissário entregou-lhe também um presente composto, segundo o costume hospitaleiro da época, de várias provisões: um saco de farinha, um pequeno barril de vinho, um carneiro, oito galos e oito galinhas, dois grandes archotes, três pacotes de velas de cera e duas caixas de bolos. Ao ver as atenções de César por Leonardo, *messer* Niccolo pediu a intervenção deste junto do duque a fim de obter-lhe uma audiência.

Às onze horas da noite, hora da receção habitual do príncipe, Leonardo dirigiu-se ao palácio.

A maneira de viver de César era extravagante. Quando os embaixadores de Ferrara se queixaram ao papa por não conseguirem ser recebidos, Sua Sanidade respondeu-lhes que ele próprio estava descontente com a conduta do filho, que mudava o dia em noite e adiava durante dois e três meses as audiências de negócios.

O seu tempo estava assim dividido: tanto no inverno como no verão, deitava-se às quatro ou cinco horas da manhã; para ele a aurora não começava a despontar senão às três horas da tarde e o sol não nascia senão às quatro; às cinco levantava-se, jantava a seguir, quase sempre deitado no leito, e recebendo e despachando durante o jantar. Toda a sua vida estava envolta num mistério impenetrável, não apenas pelo hábito de dissimular mas também por cálculo.

Raras vezes saía do palácio, e em geral mascarado. Só se mostrava ao povo nos dias de grande solenidade, e às tropas nos momentos decisivos das batalhas; por isso sempre as suas aparições chocavam e impressionavam como as dum semideus. Realizava admiravelmente o seu desígnio de espantar e maravilhar o povo.

Acerca da sua generosidade, corriam os mais incríveis rumores. Para a manutenção do capitão geral da Igreja era pouco todo o oiro que da Cristandade corria para o tesouro de S. Pedro. Os enviados que o visitavam diziam aos seus soberanos que este príncipe gastava pelo menos mil e oitocentos ducados por dia. Quando César passava pelas ruas das cidades, a multidão corria atrás dele sabendo que os cavalos eram ferrados de prata e que as ferraduras mal pregadas caíam facilmente para se perderem, com o desígnio de servir de presente ao povo.

Contavam-se maravilhas acerca da sua força física; uma vez, dizia-se, durante um combate de touros, em Roma, o moço César, então cardeal de Valence, fendera com um único golpe de espada a cabeça do animal.

Havia alguns anos, porém, que o «mal francês» abalara a sua saúde.

César era um cavaleiro consumado, e gostava particularmente de lançar e espalhar todas as modas novas. Uma noite, durante as festas do casamento de sua irmã Lucrécia, abandonando o cerco duma fortaleza, chegou inopinadamente ao palácio do noivo, Afonso de Este, duque de Ferrara. Vestido de

veludo negro e mascarado, atravessou a multidão dos convidados sem ser reconhecido, e, a seguir, assim que lhe fizeram lugar, começou a dançar sozinho ao som da música e deu algumas voltas à sala com tal elegância e ligeireza, que imediatamente todos o reconheceram. «César, César, é ele, o único César!» Estas palavras corriam num murmúrio arrebatado, no meio da assistência. Sem se preocupar, nem com os convidados, nem com o noivo da irmã, tomou esta de parte e inclinando-se para ela começou a falar-lhe ao ouvido. Lucrécia baixou os olhos, ruborizou-se, depois empalideceu, tornando-se ainda mais bela, mais delicada, mais branca, tal uma pérola de preço. Possivelmente estaria inocente, mas era fraca e de tal maneira submissa à vontade do irmão, que a sua fraqueza, dizia-se, a levava até ao incesto.

César apenas se preocupava com uma coisa: evitar o flagrante delito. Não se sabia se os boatos exageravam os crimes do duque ou se, pelo contrário, ficavam ainda aquém das realidades. Em todo o caso, sabia como ninguém destruir todas as provas comprometedoras.

A velha Casa da Câmara da gótica cidade de Fano servia de palácio do duque.

Depois de ter atravessado uma vasta antecâmara, triste e fria, onde aguardavam a receção os visitantes de menos categoria, Leonardo entrou numa sala inferior, mais pequena, onde se encontravam vários membros da corte ducal. Falava-se a meia voz: a proximidade do soberano sentia-se mesmo através das paredes.

Um velho, calvo, o mal-afortunado representante de Rimini, que havia três meses aguardava audiência, dormitava a um canto, fatigado sem dúvida por muitas noites passadas em claro. Às vezes uma porta entreabria-se, o secretário Agapito passava a cabeça com um ar inquieto, as lunetas na ponta do nariz e a pena atrás da orelha, e convidava a entrar nos aposentos de Sua Alteza algum dos presentes.

A cada uma destas aparições o enviado de Rimini estremecia e soerguia-se; após o que, vendo que não era ainda a sua vez, suspirava profundamente e recaía no sono interrompido. Leonardo não esperou muito tempo; apenas uma hora.

Pela porta entreaberta apareceu a cabeça do secretário, que fez um aceno ao artista.

Atravessando um longo corredor escuro, ocupado pela guarda pessoal dos soldados albaneses, Leonardo chegou ao quarto de dormir do duque; este aposento, muito aprazível, tinha duas das paredes cobertas de tapeçarias de seda representando uma caçada ao unicórnio. No teto, altos-relevos em talha doirada reproduziam os amores da rainha Pasífae com o touro. O animal heráldico da família dos Bórgias repetia-se em todos os motivos ornamentais do quarto, alternando com as tiaras de três coroas e com as chaves de S. Pedro.

O quarto estava sobreaquecido; na chaminé de mármore ardiam ramos de zimbro e o azeite das lâmpadas estava misturado com essência de violetas: César gostava de perfumes.

Segundo o seu costume, estava deitado, completamente vestido, sobre um leito baixo, sem cortinas, colocado no meio do quarto. As duas posições do corpo suas preferidas eram: deitado ou a cavalo. Imóvel, impassível, encostado a uma almofada seguia com atenção uma partida de xadrez que dois cortesãos estavam jogando ao pé do leito, sobre uma pequena mesa de jaspe, e simultaneamente ouvia um relatório do secretário: possuía a faculdade de aplicar a sua atenção a diversos assuntos ao mesmo tempo. Perdido numa íntima meditação, passava duma mão para a outra, com um movimento distraído e monótono, a pequena esfera de oiro cheia de perfumes que, como o seu punhal de aço de Damasco, não

abandonava nunca.

VIII

Acolheu Leonardo com a amabilidade cativante que lhe era própria. Não consentiu que ele se curvasse, estendendo-lhe amistosamente a mão e fazendo-o sentar numa poltrona.

Chamara-o para o consultar acerca dos projetos de Bramante para o novo convento da cidade de Ímola, que se viria a chamar «Mosteiro de Valentinois», para uma rica capela, um hospital e um asilo. O duque desejava erguer estas magníficas instituições de caridade como uma recordação duradoira dos seus sentimentos cristãos.

Agapito apresentou ao soberano uma coleção de odes lisonjeiras da autoria do poeta da corte, Francesco Uberti. Sua Alteza recebeu-as com agrado e deu ordem para recompensar generosamente o poeta.

A seguir, como ele exigia sempre que lhe mostrassem não só as obras lisonjeiras mas também as sátiras, o secretário entregou-lhe um epigrama do poeta Napolitano Mancioni, que fora preso em Roma e encerrado no castelo de Santo Ângelo; era um soneto repleto de injúrias, em que César era apelidado de «rebento duma meretriz e dum papa, de turco, de incestuoso, de fratricida e ímpio»...

— Que ordena Vossa Alteza que se faça a este biltre? — perguntou Agapito.

— Deixa isso por minha conta — disse docemente o duque, — eu quando voltar o castigarei pessoalmente e lhe ensinarei as regras da delicadeza!

A forma como César «ensinava a delicadeza» aos escritores que o ofendiam, era cortar-lhes as mãos e atravessar-lhes a língua com um ferro em brasa.

Terminado o relatório, o secretário afastou-se.

Chegou então o astrólogo da corte, Valguglio, que vinha trazer um novo horoscópio. O duque ouviu-o com uma atenção quase respeitosa, pois acreditava na infalibilidade dos augúrios, e na influência dos astros.

Despedindo-o, depois, com um aceno, voltou-se para o seu arquiteto. Leonardo desenrolou na sua frente as plantas militares e os mapas. Estas obras não eram apenas as observações do sábio, explicando a estrutura do solo, a divisão das águas e as nascentes dos rios; eram também a obra dum grande artista. César mergulhou na observação das plantas, pedindo muitas vezes explicações. O seu rosto exprimia satisfação e ao erguer enfim os olhos para Leonardo, estendeu-lhe a mão com um sorriso cheio de amizade e de sedução.

— Obrigado, Leonardo, serve-me sempre como até aqui, que eu saberei recompensar-te!

— Estás satisfeito? — acrescentou solícito. — Os teus honorários são suficientes? Tens alguma coisa a pedir? Sentir-me-ia feliz em satisfazer-te qualquer pretensão.

Leonardo aproveitou então a ocasião para apresentar o pedido de *messer* Niccolo.

César encolheu os ombros com um sorriso.

— Extraordinária criatura esse Niccolo! Solicita uma audiência, e depois quando o recebo não me fala de nada. Não sei com que fim me enviaram esse original! A propósito, ouvi dizer que ele estava escrevendo um livro acerca da política e dos negócios de Estado?... Enfim! Talvez o receba... Daqui a algum tempo...

Fazia-se tarde, iam soar as três horas. Trouxeram então ao duque uma refeição composta dum prato de legumes, fruta e um pouco de vinho branco; como verdadeiro espanhol, César distinguia-se por uma grande sobriedade.

O artista despediu-se. O duque agradeceu-lhe mais uma vez as plantas militares, com uma amabilidade cativante, e deu ordem a três pajens para o reconduzirem a casa, com archotes, em sinal de consideração.

Leonardo descreveu a Maquiavel a forma como decorrera a audiência.

Quando este soube que o artista levantara para o duque a planta dos arredores de Florença, ficou aterrado.

— Como? Vós, um cidadão da República, fazeis isso ao pior inimigo da vossa pátria!?

— Eu supunha — retorquiu Leonardo, — que César era considerado um nosso aliado!

— Aliado! — exclamou o secretário de Florença, e nos seus olhos passou uma chama de indignação. — Ignorais assim *messer* que se este caso chega a ser conhecido pelos Magníficos Senhores, podereis ser acusado de traição?

— Será possível? — disse ingenuamente Leonardo. — Asseguro-vos, não julgueis... Niccolo, eu não sei nada de política... Nesses assuntos sou como um cego...

Fitaram-se demoradamente, em silêncio. E, de repente, compreenderam que em tal campo eram dissemelhantes até ao mais profundo das suas almas, e que seriam sempre irreconciliavelmente estranhos um ao outro; para um, a Pátria, por assim dizer, não existia; o outro, amava-a, segundo a sua própria expressão, «mais que a própria alma».

IX

Nessa mesma noite, Niccolo ausentou-se sem dizer porquê, nem para onde.

Regressou na tarde do dia seguinte, cansado e transido de frio, entrou no quarto de Leonardo e, fechando cautelosamente a porta, declarou-lhe que havia muito tempo desejava inteirá-lo dum assunto que requeria o mais profundo segredo. Eis o que ele lhe contou:

Uma vez, havia já três anos, num local deserto da Romênia, entre Cérvia e Porto Cesenático, alguns cavaleiros mascarados e armados tinham atacado, pela escuridão da noite, um destacamento de cavalaria que conduzia, de Urbino para Veneza, Madona Doroteia, mulher de Batista Caracciolo, capitão de infantaria da Sereníssima República. Tinham-na raptado, bem como a uma sua prima que a acompanhava, Maria, donzela de quinze anos, noviça num convento de Urbino; fizeram-nas montar a cavalo e tinham-nas levado. A partir desse dia Doroteia e Mana desapareceram, e nunca mais ninguém ouvira falar nelas.

O Conselho e o Senado de Veneza dirigiram a Luís XII, ao rei de Espanha e ao papa, queixas contra o duque da Romênia, acusando-o do rapto de Doroteia. Não havia, porém, provas e César afirmou ser completamente estranho àquele caso.

Dizia-se que Madona Doroteia depressa se consolara e conformara, e que seguia o duque em todas as suas expedições, sem mostrar muitas saudades do marido.

Maria tinha um irmão, *messer* Dionísio, moço capitão dum regimento ao serviço de Florença, nessa ocasião acampado em Pisa. Este dirigiu-se à Romênia e, apresentando-se ao duque com um nome suposto, conseguiu ganhar a sua confiança e penetrar na fortaleza de Cesena, donde fugiu com Maria disfarçada em rapaz. Imediatamente perseguidos, foram presos na fronteira dos estados de Perusa. O irmão foi executado, e Maria de novo encerrada na fortaleza.

Maquiavel, na sua qualidade de secretário da República florentina, tinha tratado deste caso. *Messer* Dionísio tornara-se seu amigo, tinha-lhe confiado o segredo da sua audaciosa empresa, e contara-lhe tudo o que a irmã lhe dissera acerca dos carcereiros, que a consideravam como uma santa.

César, assim que se fatigou de Doroteia, dirigiu as suas vistas para Maria. O célebre conquistador de mulheres não duvidava que o seu amor fosse rapidamente partilhado.

Enganava-se porém; a sua vontade encontrou no coração daquela criança uma resistência invencível. Contava-se que o duque, nos últimos tempos, ia muitas vezes visitar a prisioneira na cela e tinha com ela longas entrevistas; mas o que nelas se passava era um segredo para todos.

Ao concluir a sua narrativa, Niccolo expôs-lhe a resolução que tomara de salvar Maria, e pediu o auxílio de Leonardo, que logo lho concedeu. Entre ambos estabeleceram um plano de evasão. A data da fuga de Maria foi marcada para o dia 30 de dezembro, dia em que o duque devia ausentar-se de Fano.

Dois dias antes, um dos carcereiros, que fora previamente subornado, veio informá-los, já noite alta,

que corriam o perigo duma denúncia; mas Niccolo recusou-se a ligar importância a estes receios, dizendo não haver motivo para inquietações. Estava outra vez sem dinheiro, de mau humor e queixando-se de tudo.

— Que vida miserável! — repetia. — Se Deus não se amerceia de mim, creio que vou abandonar tudo: os negócios, Monna Marietta e o meu filho, para os quais não sou mais do que um tropeço; que todos julguem que eu morri, e entretanto esconder-me-ei num buraco qualquer, no fim do mundo, onde ninguém me conheça. Empregar-me-ei como secretário ou serei professor de meninos, numa escola de aldeia, para não morrer de fome, até embrutecer completamente e perder a consciência da minha situação; porque não há nada mais terrível do que uma pessoa sentir-se com aptidões para fazer qualquer coisa de grande e não conseguir mais do que ir morrendo a pouco e pouco, estupidamente, um dia após outro dia!

Na véspera da data fixada, Niccolo dirigiu-se a uma aldeia vizinha onde deviam ser feitos os últimos preparativos para a fuga de Maria. Leonardo deveria reunir-se-lhe na manhã do próprio dia.

Ficando só, este esperava a cada momento receber uma má notícia, convicto como estava que a aventura terminaria por um fracasso, como uma garotice de colegiais.

Um pálido dia de inverno despontava; bateram à porta. O artista foi abrir e Niccolo entrou, transtornado.

— Acabou-se — disse, deixando-se cair inclinado numa cadeira. — Esta manhã, antes da aurora, encontraram Maria morta, no solo da prisão, com as goelas cortadas...

— Quem é o assassino? — perguntou Leonardo, apavorado.

— Ninguém sabe; mas, a julgar pelo aspeto das feridas, não é o duque. Tudo leva a crer que foi ela que se matou.

— É impossível! Uma rapariga como ela!

— Tudo é possível — respondeu Niccolo, — vós não conheceis ainda suficientemente o duque...

Calou-se, empalideceu, mas continuou logo num assomo:

— Esse homem é capaz de tudo! Até de ter levado essa santa a atentar contra a própria vida... Ao princípio, quando ela não era ainda tão vigiada, vi-a duas vezes. Era fina e débil como uma haste de roseira. Um rosto de criança. Os cabelos loiros como o linho. Não se podia chamar bonita. Não se percebe como o duque se deixou seduzir por ela. Oh! *Messer* Leonardo, se soubésseis como essa criança era adorável e digna de piedade!

Niccolo voltou-se e ao artista pareceu ver as lágrimas brilharem nos seus olhos.

X

A trinta de dezembro, ao romper da aurora, as principais forças do duque de Valentinois, cerca de dez mil infantes e dois mil cavaleiros, saíram de Fano e acamparam na margem do rio Metauro, no caminho para Sinigaglia, aguardando o duque que devia reunir-se-lhes no dia seguinte, trinta e um, dia escolhido pelo astrólogo Valguglio, em quem César tinha toda a confiança.

Concluída a paz com o duque, os conspiradores de Maggione, de acordo com ele, prepararam uma expedição comum contra Sinigaglia. A cidade capitulou; no entanto, o governador declarou que só abriria as portas ao duque, e a mais ninguém. Os antigos inimigos deste, seus atuais aliados, pressentindo no último momento qualquer coisa de funesto, pretenderam esquivar-se a uma entrevista. César, porém, com tal arte se houve, «encantando-os com lisonjas», que mais uma vez os enganou. Maquiavel dizia mais tarde que o duque era semelhante ao basilisco que fascina com a vista as suas vítimas.

Niccolo, ardendo em curiosidade, preparou-se para seguir imediatamente o duque, sem esperar por Leonardo, que partiu só, algumas horas mais tarde.

A estrada seguia para o sul, e desde Pesaro passava à beira-mar. À direita erguiam-se as montanhas, às vezes tão próximas da costa que mal restava uma estreita passagem.

O dia estava plúmbeo e pesado. O mar, cinzento também, liso como o céu. O ar imóvel parecia dormitar. O crocitar dos corvos, anunciava o degelo. Um crepúsculo precoce caía e, ao mesmo tempo, começou a cair uma chuva tão fria que não se sabia se era chuva gelada ou neve fundida.

Apareceram as torres de Sinigaglia, em tijolos vermelho-escuro.

A cidade estava apertada entre a água e as montanhas. Ao chegar à margem do rio Misa, o caminho voltava bruscamente para a esquerda e, aí, uma ponte lançada obliquamente sobre o rio conduzia às portas da cidade. Diante destas, os casebres baixos do arrabalde formavam uma pequena praça, rodeada em parte por armazéns pertencentes a mercadores venezianos.

Nessa época, Sinigaglia era um importante mercado meio oriental, onde os negociantes de Itália trocavam as suas mercadorias pelas dos turcos, dos arménios, dos gregos, dos persas, dos eslavos do Montenegro e da Albânia. Mas, nesse dia, até mesmo as ruas mais frequentadas estavam desertas. Leonardo não encontrou ninguém a não ser os soldados. Por toda a parte, sinais de pilhagem: os vidros das janelas quebrados, as fechaduras e os fechos arrancados, as portas arrombadas, os fardos de mercadorias rebentados, espalhados por toda a parte. Cheirava a queimado. As casas incendiadas fumegavam ainda, e às portas dos palácios viam-se, pendurados de grossas argolas, os corpos dos enforcados.

Fazia já escuro quando Leonardo divisou, à luz dos archotes, César no meio das suas tropas, na praça principal da cidade.

Estava julgando os soldados acusados de pilhagem. *Messer* Agapito lia a sentença, César fazia um

sinal e os condenados eram levados para a forca.

No momento em que o artista procurava entre os cortesãos alguém a quem pudesse pedir informações do que se tinha passado, descobriu o secretário florentino.

— Já sabeis?... Já vos contaram?... — disse Niccolo, dirigindo-se-lhe.

— Não, não sei nada e estimo ter-vos encontrado. Dizei-me o que se passou.

— O quê em verdade, ainda não sabeis? — disse solenemente — Então ouvi! Um acontecimento extraordinário e memorável! César vingou-se dos inimigos. Os conspiradores foram presos. Oliverotto, Orsini e Vitelli aguardam apenas a sentença de morte!

Eis o que se tinha passado:

Tendo chegado de manhã cedo ao acampamento das margens do Matauro, César enviou como guarda-avançada um destacamento de duzentos cavaleiros; a seguir fez avançar toda a infantaria, e atrás desta avançou ele próprio com o resto da cavalaria. Ao chegar as portas de Sinigaglia, no local em que a estrada, cortando à esquerda, segue as margens do Misa, ordenou à cavalaria para fazer alto, dispô-los em dois corpos, um com as costas voltadas ao rio, o outro aos campos, deixando entre ambos espaço para uma passagem, por onde, sem se deter, a infantaria avançou, e ele atravessou a ponte e entrou na cidade.

Os aliados Oliverotto, Vitelli, Cravina e Paulo Orsini, vieram ao seu encontro montados em mulas e acompanhados de numerosos cavaleiros. Apressaram-se a descobrir-se e saudar o duque. Este desceu igualmente do cavalo, apertou primeiro a mão a cada um, depois abraçou-os e beijou-os com uma encantadora afabilidade, tratando-os por «queridos irmãos».

Entretanto, os capitães de César, como fora previamente combinado, cercaram os aliados de maneira que cada um destes se encontrou de repente rodeado por dois familiares do duque. Ao chegarem ao vestíbulo do palácio, Oliverotto e os seus amigos pretenderam despedir-se; o duque, porém, sempre sedutor, reteve-os e convidou-os a entrar com ele.

Assim que entraram na sala de receção, as portas fecharam-se subitamente, e oito homens armados lançaram-se sobre eles. Eram dois contra um; agarraram-nos, desarmaram-nos e manietaram-nos. O espanto dos desgraçados foi tão grande, que não tentaram sequer defender-se.

Corria o boato de que o duque decidira acabar com os seus inimigos nessa mesma noite, fazendo-os estrangular nas masmorras subterrâneas do palácio.

— Oh! *Messer* Leonardo — comentou Niccolo, — se tivésseis visto como ele os estreitava nos braços e como os cobria de beijos! O mais ligeiro descuido, o mais imprudente olhar e estaria perdido; mas havia uma tal sinceridade no seu rosto e na sua voz, que, embora vós não o acrediteis, eu próprio até ao último minuto não suspeitei de nada; teria apostado a minha vida pela sua absoluta sinceridade. Suponho que de todos os embustes realizados no mundo, desde que existe a política, este é de todos o mais belo!

Leonardo sorriu.

— Não se pode negar — disse ele, — que o duque possua em alto grau a audácia e a astúcia; mas, no entanto, confesso-vos, Niccolo, sou pouco versado na política e não compreendo bem a razão por que vos extasiais de tal maneira perante esta traição!

— Traição? — interrompeu Maquiavel. — Quando se trata dos interesses da Pátria, não há traição nem fidelidade, não há bem nem mal, não há crueldade nem misericórdia; todos os meios são bons, contanto que se atinja o fim!

— Que vem fazer aqui o interesse da Pátria? Estou convencido, Niccolo, que o duque pensou apenas nos seus interesses próprios!

— O quê? Não compreendeis então?! Pois é claro como o dia! César é o futuro unificador e autocrata da Itália. Nunca houve nenhum momento mais favorável do que este para o advento dum herói. A Itália nunca esteve numa situação mais desgraçada do que esta. Semimorta, aguarda quem venha pôr um bálsamo às suas feridas, quem acabe com as violências na Lombardia, com o saque e com a corrupção em Nápoles e na Toscana, quem cure as chagas repugnantes da sua decrepitude carunchosa. Dia e noite, a Itália invoca Deus pedindo-Lhe um libertador; e esse libertador é César!

— Quem viver verá, Niccolo! — disse Leonardo. — Apenas desejava perguntar-vos uma coisa: por que é que apenas hoje vos mostrais, por assim dizer, seguro da eleição divina de César? Seria a emboscada de Sinigaglia que logrou convencer-vos, mais que todas as anteriores ações do duque, de que ele é um herói? Ainda não há muito que o consideráveis como um monstro!

— Sim — respondeu Niccolo, já senhor de si e sem prestar atenção às últimas palavras de Leonardo. — A perfeição desta perfídia, mais que todos os outros atos do duque, revela nele a união, tão rara nos humanos, das qualidades opostas. Notai que eu nem o louvo nem o condeno; limito-me a observar. Todos os soberanos devem reunir em si duas naturezas: uma feroz, outra divina. As pessoas ordinárias, depois de terem cometido um crime, sucumbem sob o peso dos remorsos. Apenas o Herói, eleito pelo destino, tem força para tudo suportar, para violar as leis, sem medo nem arrependimento, conservando-se inocente depois do mal, da mesma forma que os animais ferozes e os deuses! Foi hoje que pela primeira vez eu vi esse aspeto da personalidade de César; é o selo da escolha divina, é ele o semideus!

— Quando os homens possuírem a ciência perfeita — disse Leonardo pensativo, depois de alguns instantes de silêncio, — hão de inventar as asas; criarão uma máquina que lhes permitirá voar, e serão como os deuses. Tenho pensado muito nisso. Talvez não resulte nada; possivelmente não serei eu quem resolva o problema, mas outro o resolverá, e os homens hão de ter asas! E quando chegar esse dia, a face do mundo mudará.

— Bem! Bem! Parabéns! — disse rindo Niccolo. — Eis-nos outra vez a contas com os homens voadores. O meu príncipe fará uma bonita figura, meio Deus, meio fera, e com asas de pássaro. Vamos, deixemos essas quimeras!

Como começassem a soar horas numa torre vizinha, ergueu-se bruscamente. Não devia descuidar-se se queria chegar ao castelo a horas de assistir aos preparativos para a próxima execução dos conjurados.

Todos os príncipes italianos felicitaram César pelo seu dolo, *bellissimo inganno*. Luís XII, ao ter conhecimento da emboscada de Sinigaglia, classificou-a como ação digna dum capitão da Roma antiga. A

marquesa de Mântua, Isabel de Gonzaga, enviou, como presente a César, um cento de mascarilhas de seda, de diversas cores, para o Carnaval que se aproximava.

XI

No começo de março de 1503, César regressou a Roma.

O papa tinha proposto aos cardeais recompensar o herói com a dádiva da mais alta distinção que a Igreja podia conferir aos seus defensores, a «Rosa de Oiro». Obtida a aprovação dos cardeais, a cerimónia fora fixada para dois dias mais tarde.

No primeiro andar do Vaticano, na sala dos Pontífices, cujas janelas davam para o pátio do Belvedere, tinham-se reunido a Cúria Romana e os delegados das grandes potências.

Brilhante de pedrarias e tendo na cabeça a tiara, rodeado de leques de penas de pavão que lhe agitavam em volta um ancião gordo, de setenta anos, ainda robusto e de aspeto belo e majestoso, o papa Alexandre VI subiu os degraus do trono.

As trombetas dos arautos ressoaram e a um sinal do alemão Johann Burkhard, mestre de cerimónias, entraram na sala gentis-homens, os pajens, os batedores, os oficiais da guarda do duque e o comandante Bartolomeu Capranica erguendo alto no ar o gládio nu de alferes da Igreja Romana.

O terço inferior da espada era doirado e artisticamente tauxiado; via-se nele a deusa Fidelidade, num altar, com a seguinte inscrição: «A Fidelidade é mais forte que uma espada»; via-se também Júlio César, triunfador, avançando num carro cuja divisa era: «Ou César ou nada», e ainda uma cena de sacrifício ao toiro, — o boi Ápis da família Bórgia — em roda do qual sacerdotes nus queimavam o tomilho sobre os restos duma vítima humana que fora imolada. O altar estava encimado pelas seguintes palavras: *Deo optimo maximo Hostis*; «A Deus Omnipotente e misericordioso, a vítima.» E por baixo: *In nomen Caesaris omen*; «O nome de César é um feliz augúrio.»

A seguir apareceu o herói, coroado da coroa ducal encimada pela pomba do Espírito Santo adornada de pérolas.

Retirando a coroa, aproximou-se do papa, ajoelhou-se e beijou a cruz de rubis que ornamentava a pantufa do pontífice. O cardeal Monreale entregou então a Sua Santidade a Rosa de Oiro, que era uma autêntica maravilha de ourivesaria.

O papa ergueu-se e começou a falar com uma voz que a comoção tornava trémula:

— Recebe, filho bem-amado, esta Rosa, símbolo da alegria das duas Jerusaléns, a terrestre e a celeste; da Igreja guerreira e triunfante; da beatitude dos justos, da beleza das coroas imorredouras; para que as tuas virtudes floresçam em Cristo, como floresce a Rosa mística. Ámen!...

César recebeu das mãos paternas a Rosa misteriosa. O papa, porém, não conseguiu dominar a sua emoção; segundo a expressão duma testemunha, «a voz da carne vencera-o». Violando o protocolo com grande desapontamento do meticuloso Burkhard, curvou-se, estendeu para o filho as mãos que tremiam e o rosto contraiu-se-lhe; todo o seu pesado corpo estremeceu. Com os grossos lábios a tremer, numa

comoção infantil, gaguejou:

— Meu filho... César... César!...

O duque teve que entregar a Rosa ao cardeal de Saint-Clément, que estava ao seu lado, e o papa beijou-o convulsivamente, estreitando-o contra o peito, rindo e chorando ao mesmo tempo.

De novo ressoaram as trombetas dos arautos e os sinos da catedral de S. Pedro começaram a tocar. Responderam-lhes os sinos de todas as igrejas de Roma e uma salva do castelo de Santo Ângelo.

— Viva César! — gritou a guarda romana no pátio do Belvedere.

O duque assomou ao balcão para se mostrar ao exército.

Ao esplendor do sol matinal, sob um céu de profundo anil imperialmente revestido de púrpura e de oiro, com a pomba do Espírito Santo na cabeça, e a Rosa mística — a alegria das duas Jerusaléns — nas mãos, apresentava-se à multidão, não como um homem mas como um Deus.

XII

Nessa tarde organizou-se um magnífico cortejo, com uma mascarada que reproduzia o desenho damasquinado na espada e representando o triunfo de Júlio César.

Num carro, no qual se lia a inscrição «o divino César», ia sentado o duque de România com uma palma na mão e a cabeça coroada de loiros. O carro ia rodeado de soldados vestidos de legionários da antiga Roma com as águias de ferro e os fáscios das lanças. Tudo fora reproduzido com minuciosa exatidão de acordo com os documentos fornecidos pelos livros, os monumentos, os baixos-relevos e as medalhas.

À frente do carro marchava um homem envergando a longa túnica branca dos hierofantes egípcios; segurava um estandarte sagrado em que se destacava em oiro vermelho o Boi heráldico da família Bórgia, o Ápis escarlate, o deus protetor de Alexandre VI. Crianças com túnicas bordadas de prata faziam soar os címbalos e cantavam:

— Viva o Boi! Viva o Boi! Viva o Bórgia!

E, bem alto, sobre a multidão, destacando-se no céu estrelado, iluminado pelo revérbero dos archotes, baloiçava-se o ídolo, a Besta, dum vermelho de fogo, como o Sol nascente.

Entre a multidão encontrava-se o discípulo de Leonardo, Giovanni Beltraffio, que acabava de chegar de Florença a reunir-se ao seu mestre. Ao contemplar o deus purpúreo, recordou-se das palavras do Apocalipse:

«E eles adorarão a Besta dizendo: «Quem é semelhante à Besta? E quem poderá combatê-la?»

E vi uma mulher sentada sobre uma Besta escarlate, cheia dos nomes das blasfémias, com sete cabeças e dez cornos.

Sobre a sua testa estavam gravadas as palavras: Mistério e Babilónia — a Grande-Mãe das lubricidades e das abominações da Terra.»

E da mesma maneira que aquele que escrevia outrora estas palavras, Giovanni, ao contemplar a Besta, foi tomado «duma grande admiração».

CAPÍTULO XIII
A fera escarlate

(1503)

A Besta que sobe do abismo.
.....
Apocalipse, XI, v. 7.

I

Leonardo ocupava-se em trabalhos de anatomia, em Roma, no Hospital do Espírito Santo.

Beltraffio ajudava-o. Notando a tristeza contínua de Giovanni e no intuito de o distrair, o mestre convidou-o um dia a acompanhá-lo numa visita ao palácio do papa. Nessa época os espanhóis e os portugueses tinham recorrido a Alexandre VI, para que este resolvesse as questões religiosas que surgiam acerca da propriedade das terras e das ilhas descobertas havia pouco por Cristóvão Colombo. O papa devia definitivamente sancionar o limite que dividia o globo terrestre e que fora marcado dez anos antes da primeira notícia da descoberta da América. Leonardo tinha sido convidado a ir ao Vaticano, assim como outros sábios que o papa desejava consultar.

Giovanni recusou primeiramente aceder ao convite do mestre; mas a seguir a curiosidade dominou-o: tal era o desejo de conhecer esse papa de quem tanto ouvia falar.

Na manhã seguinte, dirigiram-se ambos ao Vaticano e, depois de terem atravessado a sala dos Pontífices, onde havia pouco Alexandre VI tinha entregue a César a Rosa de Oiro, penetraram nos aposentos interiores; primeiro na sala de audiência chamada «Sala de Cristo e da Virgem», a seguir, no gabinete do papa. As abóbadas, os hemiciclos, os painéis dos tremós entre os arcos estavam ornados com «frescos» de Pinturicchio, descrevendo diversas cenas do Novo Testamento e da vida dos Santos.

No teto da mesma sala, o pintor representara mistérios pagãos: o filho de Júpiter, Osíris, deus do sol, descendo do céu para se unir à deusa Ísis e para ensinar aos homens a arte de cultivar a terra, de colher os frutos e de plantar a vinha. Os homens matam-no; mas ele ressuscita e reaparece sob a forma de boi branco, o Ápis imaculado.

Parecia contraditório ver, lado a lado, nos aposentos do Pontífice Romano, estas cenas religiosas e a deificação do Boi de Oiro da família Bórgia sob a forma do boi Ápis; mas todas estas pinturas respiravam a mesma alegria. Nas ornamentações das salas, entre as grinaldas de flores, no meio dos anjos segurando cruzes e turíbulos, e os faunos caprípedes que dançavam empunhando tirsos e açafates de frutas, aparecia o boi misterioso, — a fera escarlate.

Esse deus, diante do qual os homens ajoelhavam, cantavam louvores, e pelo qual queimavam o tomilho sobre os altares, esse boi heráldico dos Bórgias, esse velo de oiro transformado, não era mais que o próprio Pontífice Romano divinizado pelos poetas:

Caesare magna fuit nunc Roma est maxima. Sextus Regnat Alexander. Ille vir, iste Deus.

«Roma era grande sob o império de César, mas hoje é maior ainda. Alexandre reina; aquele era um homem, este é um Deus.»

Esta reconciliação de Deus com a Besta era para Giovanni a mais terrível das contradições.

Ao mesmo tempo que examinava as pinturas, ia prestando atenção às conversas dos gentis-homens e dos prelados que enchiam as salas e esperavam o papa. Interessava-lhe particularmente ouvir o que diziam, porque, entre o povo, começavam já a alcunhar o papa de Anticristo e a infamá-lo de todas as maneiras.

— Donde vindes, Beltrando? — perguntou o cardeal Arbona ao enviado de Ferrara.

— Da catedral, Monsenhor.

— E então, o que há de novo? Como está Sua Santidade. Não está cansado?

— Absolutamente nada. Cantou tão bem a missa que era impossível desejar melhor. A sua voz tem uma grandeza, uma pureza e uma beleza semelhantes às dos anjos. Parecia-me não estar na Terra mas no Céu, no meio dos santos! Não era eu o único a chorar quando o papa ergueu o cálice...

— De que doença morreu o cardeal Miguel? — perguntou com curiosidade o enviado francês que acabava de chegar.

— Deve ter provado qualquer iguaria ou bebida que lhe foi funesta — murmurou a meia voz um dos cortesãos, Dom Juan Lopez, espanhol de origem, como a maioria dos oficiais da corte de Alexandre VI.

— Diz-se — retorquiu Beltrando, — que na sexta-feira, no dia seguinte mesmo à morte do cardeal Miguel, Sua Santidade recusou receber o embaixador de Espanha, que, entretanto, esperava impacientemente havia dias; e isto por causa das preocupações e desgostos que lhe causavam a morte do cardeal.

Todos se entreolharam.

O sentido oculto desta conversação não escapava a ninguém. Todos sabiam que os cuidados e a falta de tempo causados ao papa pela morte do cardeal Miguel, só provinham da sua impaciência em contar o dinheiro do defunto, tarefa em que passara todo o dia. A iguaria «funesta» saboreada por Sua Reverência não era mais que o célebre veneno dos Bórgias: um pó branco açucarado, que matava lentamente, num prazo fácil de prever; ou ainda uma infusão de cantáridas secas e pulverizadas. O papa inventara este processo prático e fácil de arranjar dinheiro. Conhecendo sempre exatamente os rendimentos dos seus cardeais, quando a necessidade se fazia sentir, enviava para o outro mundo um que lhe parecia já suficientemente rico, e declarava-se seu herdeiro. Engordava-os como quem engorda porcos para a matança. O alemão Johann Burkhard, o mestre de cerimónias, inscrevia às vezes no seu «diário», entre as descrições de serviços da Igreja, uma nota breve e significativa a propósito da morte súbita de algum prelado: «esvaziou a taça», *Biberat calicem*.

— Será verdade, Monsenhores — perguntou o camarista Pedro Caranza, também espanhol, — será verdade que o cardeal Monreale também adoeceu esta noite?

— Não é possível! — exclamou Arboria aterrado. — Que tem ele?

— Não se sabe ao certo. Dizem que tem náuseas, vómitos...

— Oh! Meu Deus! Meu Deus! — suspirou profundamente Arboria e começou a contar pelos dedos: — os dois cardeais Orsini, Ferrari, Miguel, Monreale...

— Pode ser que os ares de Roma, ou talvez a água do Tibre, sejam fatais a saúde de Sua Reverência, insinuou hipocritamente Beltrando.

— Um atrás do outro! Um atrás do outro! — murmurou Arboria empalidecendo. — Hoje vivo e amanhã...

Todos se calaram.

Uma nova multidão de gentis-homens, de cavaleiros e de soldados da sua guarda pessoal, sob o comando de Dom Rodriguez Bórgia, sobrinho do papa, com camaristas e outros dignitários da Cúria Romana, precipitou-se nos aposentos. Um murmúrio respeitoso ergueu-se, e depois extinguiu-se: o Santo Padre! Todos recuaram, fazendo alas, as portas abriram-se e o papa Alexandre VI entrou na sala de receção.

II

Na sua juventude fora belo. Dizia-se que bastava ele fitar uma mulher para acender imediatamente nela a chama da paixão, como se os seus olhares possuíssem a força atrativa dum íman. As feições conservavam ainda uma beleza majestosa, se bem que um pouco desvanecida pela excessiva gordura do papa. Tinha uma tez bronzeada, o crânio calvo, com alguns raros cabelos grisalhos na nuca, um enorme nariz como um bico de águia, o queixo fugidio, os olhos pequenos, vivos, cheios duma animação extraordinária, os lábios carnudos e gulosos, distendidos numa expressão de voluptuosidade e de malícia misturada a uma espécie de candura infantil.

Em vão Giovanni procurava, no aspeto deste velho de setenta anos, qualquer coisa de terrível ou cruel. Alexandre Bórgia possuía no mais alto grau um tato requintado e uma elegância inata. Fosse o que fosse que dissesse ou fizesse, parecia proceder sempre da melhor forma, e que teria sido impossível atuar de outra maneira.

Os Bórgias pretendiam descender de mouros castelhanos, emigrados de África; e, com efeito, a julgar pela cor morena, os lábios carnudos e o olhar de fogo de Alexandre VI, devia correr-lhe nas veias um sangue africano. Apesar dos seus setenta anos, Bórgia, cheio de saúde e robusto como um boi, conservava-se como um verdadeiro rebento da besta heráldica, do toiro vermelho, deus do sol, da alegria, da fecundidade e da voluptuosidade.

Alexandre VI entrou na sala conversando com o ourives judeu Salomão de Cesso. Este ganhara a estima particular de Sua Santidade por ter gravado uma Vénus Calipígia numa esmeralda lisa que imitava os camafeus antigos; tanto esta obra agradara ao papa que mandara encastoar a pedra na cruz com que abençoava o povo em dias de cerimónias solenes na catedral de S. Pedro; desta maneira, ao beijar o crucifixo, beijava também a bela divindade.

Entretanto, o papa não era ímpio. Não somente cumpria todas as cerimónias exteriores do culto, mas no fundo do seu coração habitava uma espécie de devoção. Honrava em especial a Virgem Maria; considerava-a como tendo o direito de intercessão suprema e não duvidava que Ela pedisse sempre ardentemente por ele a Deus.

O lampadário que encomendava naquele momento ao judeu Salomão era uma promessa a Santa Maria del Popolo pelo restabelecimento de Madona Lucrécia.

Sentado junto da janela, o papa examinava as pedras preciosas. Amava-as até à loucura. Com os seus dedos delgados, apalpava-as e escolhia-as, estendendo os grossos lábios numa expressão de voluptuosidade e gulodice.

Um grande crisópraso, mais escuro que uma esmeralda, de misteriosos lampejos de oiro e púrpura, agradou-lhe especialmente.

Deu ordem então para lhe trazerem, do seu próprio tesoiro, o cofre das pérolas.

Cada vez que o abria, pensava na sua filha bem-amada, nessa Lucrécia que tinha também o encanto e a palidez duma pérola fina. Depois de ter procurado com os olhos entre a multidão dos gentis-homens o enviado do seu genro, o duque de Ferrara, Alfonso de Este, o papa fez-lhe sinal para se aproximar.

— Eis aqui, Beltrando, um pequeno presente para Madona Lucrécia! Não me parecia bem que regressasses à sua corte com as mãos vazias, sem um presente de seu tio!

Intitulava-se «tio», porque nos documentos oficiais Madona Lucrécia era sempre designada como sobrinha e não como filha de Sua Santidade; — o Pontífice Romano não podia ter filhos legítimos.

Rebuscou no cofre e tirou uma enorme pérola da Índia, oval, dum reflexo róseo e do tamanho duma noz; era uma joia sem preço; colocou-a contra a luz para melhor a admirar.

— Beltrando — disse de novo ao enviado, — assim que vires a duquesa recomenda-lhe da Nossa parte que cuide da sua preciosa saúde e que reze com devoção a Nossa Senhora. Nós, como vedes, graças a Deus e à Virgem Santa, que intercede sempre em Nosso favor, estamos com saúde e bem dispostos e enviamos-lhe a Nossa Bênção Apostólica. Entregar-lhe-ás em Nosso Nome — e deu-lhe a pérola — este pequeno presente.

Mergulhando as mãos nas pérolas e fazendo-as escorregar entre os dedos, deliciava-se voluptuosamente ouvindo-as cair com um ruído surdo e lançando os seus pálidos reflexos.

— Tudo, tudo para ela, para a nossa querida filha — repetia com uma alegria infantil. — Quero que por minha morte a minha Lucrécia tenha os mais belos brilhantes e as mais finas pérolas de Itália.

E, de repente, nos seus olhos passou um fulgor que enregelou de espanto o coração de Giovanni e lhe recordou os rumores que corriam acerca da monstruosa lubricidade do velho Bórgia nas relações com a própria filha.

Anunciaram o duque César.

O papa mandara chamar o filho para um assunto importante: o rei de França exprimira, por intermédio do seu embaixador na corte de Vaticano, o seu desagrado pelos projetos hostis do duque de Valentinois contra a República florentina, então sob a alta proteção da França, e acusava Alexandre VI de secundar o filho nos seus desígnios.

Assim que lhe anunciaram a chegada do duque, o papa olhou furtivamente para o embaixador francês, aproximou-se dele, e tomando-o pelo braço disse-lhe qualquer coisa ao ouvido e conduziu-o, como que inadvertidamente, para junto da sala onde César o aguardava. A seguir, entrou nessa sala deixando a porta entreaberta, como por descuido, de forma a que os que se encontravam perto, e entre eles o enviado francês, pudessem ouvir o que se dizia.

Uma vez junto de César, o papa começou a expandir as mais veementes censuras.

César respondeu primeiro com calma e respeito. Mas a cólera de Sua Santidade não diminuiu; em certa altura, começou a bater com o pé e a gritar enfurecido:

— Afasta-te da minha vista! Maldito! Cachorro!

— Ah! Meu Deus! Ouvis? — murmurou o enviado francês ao seu vizinho, «l'oratore» veneziano António Justiniani. — Vão lutar; o papa vai-lhe bater!

Justiniani limitou-se a encolher os ombros; sabia bem que era mais fácil o filho bater no pai, do que o pai atrever-se a tocar no filho. Desde o assassínio do irmão de César, o duque de Gândia, o papa tremia diante dele, se bem que o amasse com uma ternura ainda maior, em que o orgulho paternal se misturava a um terror supersticioso. Ninguém tinha ainda também esquecido a forma como César apunhalara o jovem camarista Perotto, que julgara encontrar um refúgio seguro entre os braços do papa; o sangue da vítima espirrara sobre o rost do Pontífice.

Justiniani adivinhava que a questão não era mais que uma finta, pela qual o papa, de cumplicidade com o filho, pretendia desarmar definitivamente o enviado francês, provando-lhe que, mesmo que o duque tivesse projetos hostis à República, ele, o papa, não o coadjuvava.

Depois de ameaçar o duque com a maldição paterna e com a excomunhão, o Santo Padre voltou à sala de audiência, trémulo de raiva, sufocado e limpando o suor que lhe corria pelo rosto congestionado. No fundo dos seus olhos, entretanto, brilhava uma chama de malícia esperta e alegre.

Aproximou-se do enviado francês e, tomando-o de novo pelo braço, arrastou-o para o vão duma porta que dava para o pátio do Belvedere.

— Vossa Santidade... — disse delicadamente o francês, — eu não pretendia ser o causador da cólera...

— Ouviríeis então qualquer coisa? — perguntou o papa, ingenuamente. E sem lhe dar tempo a refletir, fez-lhe no queixo uma festa carinhosa e paternal e começou a falar com uma volubilidade irresistível da sua dedicação ao rei e da pureza das intenções do duque.

O enviado ouvia desconcertado, estupefacto, e, se bem que tivesse provas irrefutáveis da traição, estava de tal forma impressionado pela voz persuasiva e pela expressão dos olhos e do rosto do papa, que começava a perguntar-se se não seria ele que se enganava. As mentiras do velho Bórgia tinham sempre qualquer coisa de natural e espontâneo; nunca as preparava, corriam-lhe dos lábios tão inocente e involuntariamente quase como os ternos galanteios que costumava dirigir às mulheres ao falar-lhes de amor.

III

Chegara o verão. Na cidade grassava a «malária», a febre pútrida do Pontino. Nos fins de julho e no começo de agosto não passou dia nenhum sem que morresse algum dos cortesãos do papa.

Havia já muito tempo que o Pontífice manifestava uma declarada inquietação e tristeza. Não era no entanto o receio da morte que o atormentava. O que o oprimia era o vácuo causado pela ausência da filha, Madona Lucrécia. Já por outras vezes tinha sido vítima desses desejos furiosos, cegos e surdos, semelhantes à loucura, e tinha medo deles: parecia-lhe que, se os não satisfizesse imediatamente, seriam eles que o matariam.

Escreveu a Lucrécia suplicando-lhe que voltasse, ainda que não fosse senão por poucos dias. Esperava a seguir poder retê-la pela violência. A filha respondeu-lhe que o marido não a deixava partir. O velho Bórgia não teria recuado diante de nenhum crime para se desembaraçar do genro atual, que odiava mortalmente. Já tinha provado suficientemente, fazendo perecer os anteriores maridos de Lucrécia, que nada o detinha quando se tratava de saciar as suas paixões. Não lhe era porém possível lutar com o duque de Ferrara, que possuía então a melhor artilharia de toda a Itália.

Em 5 de agosto, o papa passou o dia na «vila» do cardeal Adriano. Apesar das recomendações do médico, não se privou, à ceia, de alguns pratos muito condimentados, seus favoritos, bebeu também vinho forte da Sicília, e conservou-se muito tempo ao ar livre, exposto à frescura da noite, tão perigosa em Roma.

Nessa noite começou a sentir náuseas e vómitos.

Os médicos não eram unânimes na classificação da sua doença: uns diziam que era a febre pútrida, outros opinavam por um derramamento de bílis e os terceiros por uma congestão. Na cidade corriam boatos de envenenamento.

O papa ia enfraquecendo gradualmente. Em 16 de agosto decidiu-se ensaiar um método supremo: um remédio composto de pedras preciosas pulverizadas. O doente piorou.

Uma vez, durante a noite, recuperando a consciência, começou a rebuscar febrilmente qualquer coisa sobre o peito. Durante muitos anos, Alexandre VI usara sempre sobre si um minúsculo relicário de oiro, um pequeno cibório do feitio duma esfera que continha uma partícula do corpo e do sangue de Jesus. Os astrólogos tinham-lhe garantido que não morreria enquanto o conservasse consigo. Tê-lo-ia perdido? Algum dos seus familiares, desejando a sua morte, lho teria roubado? Não o sabia. Mas ao ter conhecimento que a relíquia não aparecia em parte nenhuma, o papa fechou os olhos e, com um misto de submissão e de desespero, murmurou: «Vou morrer. Está tudo acabado.»

Na manhã do dia 17, sentiu uma fraqueza mortal. Deu ordem a todos para saírem do quarto e mandou chamar o seu médico preferido, o bispo Vanossa. Lembrou a este a tentativa feita por um judeu, médico de Inocêncio VIII, para prolongar a vida do papa moribundo: a transfusão, nas veias, do sangue de três crianças.

— Vossa Santidade — respondeu o bispo, — sabe também como essa experiência terminou?

— Sei, sei — ciciou o papa. — Mas talvez não tivesse dado resultado porque as crianças escolhidas tinham já sete ou oito ano parece que é preciso empregar crianças de mama.

O bispo não respondeu. Uma névoa velou os olhos do doente. Começou a delirar:

— Sim, sim, muito pequeninos... Muito brancos... O seu sangue é puro, vermelho... Como eu gosto das crianças! Deixai-as vir. *Sinite parvulos venite ad me.*

O delírio do moribundo, que era o representante de Deus na terra, horrorizava o impassível bispo, de resto habituado aos mais terríveis espetáculos.

Com um movimento monótono, impotente, febril e convulsivo, como o de um afogado, a mão do papa rebuscava sempre no peito, procurando o cibório com o sangue e o corpo de Cristo e que tinha desaparecido.

Durante toda a sua doença, o papa não se lembrou uma única vez dos filhos e foi com a maior indiferença que recebeu a notícia de César estar também no leito da morte. Quando lhe perguntaram se desejava que as suas últimas vontades fossem transmitidas ao filho ou à filha, voltou o rosto sem responder, como se aqueles que toda a vida amara com um amor insensato já não existissem para ele.

A 18 de agosto, uma sexta-feira, pela manhã, confessou-se ao seu capelão, o bispo de Carinola, Pedro Gamboa, e recebeu os Santos Sacramentos.

Rezadas as «completas», seguiram as orações dos agonizantes. O moribundo fez várias vezes sinal, com a mão, de que queria dizer qualquer coisa. O cardeal Herda inclinou-se para ele e conseguiu perceber as fracas e entrecortadas palavras que saíam dos lábios do Pontífice:

— Mais depressa, mais depressa, a oração à Virgem...

Se bem que, pelo ritual, não fosse uso ler essa prece à cabeceira dum agonizante. Herda acedeu ao desejo do seu amigo e leu o *Stabat Mater Dolorosa*:

Junto á Cruz dolorosa estava a Mãe constante,
Vendo pendente o Filho agonizante,
Sua alma enternecida
Gemia trespassada
Da penetrante dor da aguda espada.
Do Unigénito Filho,
Oh! Que triste, e que aflita,
A morte vendo estava a Mãe bendita!
.....
Preclara Virgem pura,
Um mar seja meu peito de amargura.
Nele de Cristo a morte se imprima amargamente,
Sentindo o que voss'alma agora sente.
Por compassivo afeto dessas chagas ferido

Imerso em puro amor perca o sentido.
P'ra que assim abrasado, lá no terrível dia,
Alcance a vossa dor por grã valia.
Fazei que, defendido pela cruz, logre a ventura,
Que o tormento de Cristo me assegura.
E quando esta se acabe, duração transitória,
Do Paraíso possa ter a glória.
Assim seja.

Um brilho estranho e inexprimível passou no olhar de Alexandre VI, como se visse já diante de si Aquela a quem sempre rezara e pedira para interceder por ele. Fez um derradeiro esforço para se erguer, estendeu os braços num tremor, e, murmurando com uma voz apagada:

— Não me repilas, ó Virgem!... — caiu sobre as almofadas e expirou.

César, pela sua parte, estava também entre a vida e a morte.

O seu médico, o bispo Gaspar Torella, submeteu-o a um tratamento extraordinário: mandou abrir o ventre duma mula e colocar o doente, trémulo de febre, no meio das entranhas sangrentas e fumegantes do animal. Retiraram-no em seguida para o mergulhar num banho de água gelada. Este estranho remédio, ou talvez a incrível força de vontade de César, fizeram que triunfasse da doença.

Durante esses dias terríveis, conservou sempre uma serenidade absoluta e um perfeito domínio de si próprio. Seguiu constantemente os acontecimentos exteriores, ouviu os relatórios, ditou cartas e deu ordens. Ao ter conhecimento da morte do papa, fez-se transportar, por um caminho subterrâneo, do Vaticano até ao castelo de Santo Ângelo.

Na cidade corriam muitas lendas acerca da morte de Alexandre VI. O enviado veneziano, Marino Sanuto, num relatório ao seu governo, contava que o papa moribundo tinha visto um macaco, que o escarnecia, e que, quando os cardeais se propunham agarrá-lo, o papa, aterrorizado, gritara: «Deixem-no! Deixem-no! É o Diabo!» *«Lassolo, lassolo ché il diavolo!»* Outros contavam ter ele dito diversas vezes: «Já vou, já vou, espera-me um pouco!» E explicavam assim estas palavras: Quando estava reunido o Conclave que devia eleger o sucessor de Inocêncio VII, Rodrigo Bórgia, o futuro Alexandre VI, que dele fazia parte, tinha concluído um pacto com o Demónio e vendera-lhe a alma em troca dos doze anos de pontificado. Asseguravam também que, imediatamente a seguir à morte do papa, tinham aparecido à sua beira sete demónios, que o seu corpo entrara imediatamente em decomposição, que o sangue tinha começado a ferver e a espuma lhe corria sem cessar da boca. Segundo o costume, era necessário, antes de enterrar o Pontífice Romano, celebrar missas pelo repouso da sua alma, durante dez dias seguidos. Porém, o horror inspirado pelo cadáver do Pontífice era tal que não se encontrava oficiante. Em roda do corpo não havia nem círios nem lâmpadas, nem incenso, nem leitores, nem guardas, nem ninguém a rezar. Durante muito tempo, andou-se em busca dos coveiros. Finalmente, encontraram-se seis malandrins, destas criaturas capazes de tudo em troca dum copo de vinho. O esquife era demasiado pequeno; tiraram-lhe então da cabeça a tiara das três coroas. À guisa de mortalha, cobriram-no com um tapete esburacado, e o corpo foi violentamente calcado a pés, para caber no caixão, curto e estreito.

A calma não se restabeleceu, porém, mesmo depois do enterro do papa: um terror supersticioso continuava a dominar o povo. Havia muita gente convencida que Alexandre VI não morrera de morte

natural e que ia ressuscitar para subir de novo ao trono e começar então o reinado do Anticristo.

IV

Nessa época, Leonardo trabalhava tranquilamente, longe do mundo, num quadro começado há muito tempo, que lhe fora encomendado pelos frades servitas, para a Igreja de Santa Maria da Anunciada, em Florença. Trabalhara nele com a sua lentidão habitual, enquanto estivera ao serviço de César Bórgia. O assunto representava Santa Ana e a Virgem Maria. No meio duma pastagem montanhosa e deserta, numa atitude de que se viam os picos agudos e azuis das montanhas longínquas e os lagos calmos, a Virgem Maria tinha o Menino Jesus sobre os joelhos, segundo o uso antigo. Jesus agarrava o cordeiro pelas orelhas, e forçava-o a inclinar a cabeça para o chão, ao mesmo tempo que erguia a perninha, com uma alegre vivacidade, como quem tenta encavalitar-se-lhe no dorso. Santa Ana era semelhante à sibila eternamente jovem. A expressão risonha dos olhos baixos, o sorriso dos lábios delgados e móveis, esse sorriso fugitivo, cheio de sabedoria, de sedução e de mistério, como uma água transparente e profunda, lembrava a Giovanni o sorriso do próprio Leonardo.

Ao lado de Santa Ana, o rosto infantil da Virgem Maria respirava uma simplicidade de pomba. Maria era o perfeito amor. Ana, a ciência perfeita. Maria sabia porque amava, Ana amava porque sabia. E ao contemplá-las, Giovanni compreendeu pela primeira vez as palavras do mestre: «O grande amor é filho do perfeito conhecimento.»

Enquanto trabalhava nesse quadro, Leonardo desenhava também diversas máquinas da sua invenção.

A morte do papa, influenciando a sorte de César, ia, por contrapartida afetar a vida de Leonardo. Apesar do sangue-frio e da audácia que mantinha aquele a quem Maquiavel chamava «o grande conhecedor dos destinos», este sentia que o destino ia mudar para ele. Ao anúncio da morte do Pontífice e da doença do duque, os inimigos dos Bórgias tinham-se conluiado e tomaram conta da campina romana. O Conclave reunido para eleger o novo papa exigia que o duque fosse afastado de Roma. Tudo ia mudar; não subsistiria nada do que fora até ali. Aqueles que havia pouco tremiam diante de César, já troçavam dele e prediziam a sua queda. A seu respeito corriam por toda a parte os epigramas.

V

No outono de 1503, Pedro Soderini, gonfaloneiro perpétuo da República de Florença, convidou Leonardo a entrar no seu serviço; e, assim que ele aceitou, resolveu enviá-lo ao acampamento de Pisa, como engenheiro militar, para ali construir máquinas de guerra.

O pintor poucos dias se devia conservar em Roma.

Uma tarde, subiu em passeio ao Monte Palatino. No local onde se erguiam outrora os palácios dos imperadores Augusto, Calígula e Sétimo Severo, não restavam mais que ruínas, através das quais soprava o vento; sob os olivais grisalhos, os carneiros faziam ouvir os seus balidos a que se misturava o canto dos grilos. Ao ver a quantidade de destroços de mármore branco dispersos pelo solo, adivinhava-se que deuses duma beleza ignorada repousavam ali, como mortos esperando a ressurreição. A tarde estava calma. A massa dos arcos, das paredes, cujos tijolos luziam ao sol, brilhando com um vermelho vivo, contrastava com o azul profundo do céu. O oiro e a púrpura do outono tinham qualquer coisa de mais imperial que o oiro e a púrpura que adornaram outrora os palácios dos imperadores romanos.

Na vertente norte da colina, junto dos jardins da Capranica, Leonardo, ajoelhado, afastava as ervas e examinava com cuidado uma ruína de mármore na qual se distinguia ainda um delicado desenho.

Um homem, saindo de dentro dos arbustos, avançou pelo estreito atalho. Leonardo ergueu-se, mirou-o e, aproximando-se dele, exclamou:

— Vós, *messer* Niccolo?! — e sem esperar resposta, abraçou-o e beijou-o como a um irmão.

As vestes do secretário de Florença pareciam ainda mais usadas e puídas do que as que usava em Romênia. Via-se que os governadores da República se não ocupavam dele mais generosamente do que naquele tempo. Tinha emagrecido, as rugas do rosto mais fundas, mais cavadas; o delgado pescoço alongara-se mais, e o nariz, em bico de pato, parecia ainda mais proeminente. Os olhos luziam-lhe com um brilho febril.

Contou a Leonardo que, durante o tempo que se não tinham visto, trabalhara muito, e tinha quase pronta a sua obra sobre a política. Como sempre, queixava-se da pobreza e tristeza da sua situação.

Conversando, desceram a colina e, pela estreita e lamacenta Rua della Consolazione chegaram junto do Capitólio, ao pé das ruínas do templo de Saturno, na praça onde se erguia outrora o *Fórum Romano*.

Dos dois lados da antiga Via-Sacra, desde o arco de Sétimo Severo até ao anfiteatro dos Flavianos, erguiam-se pequenos casebres arruinados. Dizia-se que os alicerces de muitos destes tinham sido feitos de destroços de estátuas preciosas e de membros de deuses olímpicos. Durante um século, o *Fórum* tinha servido de pedreira. As igrejas cristãs, ainda tímidas e pobres, procuravam asilo entre os vestígios dos templos pagãos.

Niccolo mostrou ao seu companheiro o local do antigo senado romano, da Cúria, da Assembleia

popular. Tinham construído ali um mercado de gados. As colunas de mármore quebradas, as lápides com inscrições meio apagadas, que os animais cobriam de imundícies, enterravam-se numa lama negra e líquida. Ao Arco de Triunfo de Tito Vespasiano, encostava-se uma velha torre que servira outrora de covil aos bandidos do barão de Frangipani. Atualmente, mesmo em frente do Arco, erguia-se uma estalagem destinada aos camponeses que vinham ao mercado, relas janelas abertas, chegavam os gritos das mulheres, questionando, e um olor de gorduras rançosas e de peixe frito. Suspensos duma corda, secavam andrajos; um velho mendigo, minado de febre estava sentado numa pedra e enrolava em farrapos a perna inchada e doente.

As duas faces interiores do Arco eram adornadas de baixos-relevos; dum lado, um representava o imperador Tito Vespasiano, conquistador de Jerusalém; ia sentado num carro atrelado a quatro bois e seguido dum cortejo triunfal; no outro, o artista representara escravos judeus arrasando ferros e conduzindo os troféus do vencedor: o altar para os sacrifícios a Jeová, os pães do ofertório e os candelabros de sete braços do templo de Salomão. Ao centro do Arco, uma águia com as asas abertas conduzia para o Olimpo o César divinizado. No frontão do pórtico, Niccolo leu a seguinte inscrição, ainda intacta: *Senatus populusque Romanus divo Tito divi Vespasiani filio Vespasiano Augusto.*

Os raios do sol que desciam em direção ao Capitólio, penetraram sob o Arco e iluminaram o triunfo do imperador. Os últimos reflexos escarlates filtravam-se através do fumo vulgar que subia das cozinhas, tornando-o semelhante a uma nuvem de incenso.

Entraram no Coliseu.

— É bem certo — disse Niccolo contemplando os gigantescos blocos de pedra que formavam os muros do anfiteatro, — é bem certo que não nos podemos comparar àqueles que construíram semelhantes edifícios. É aqui, é somente em Roma, que se sente a diferença entre nós e os antigos!

— Parece-me — replicou lentamente Leonardo, fazendo um esforço como quem sai dum sonho, — parece-me, Niccolo, que não tendes razão. Os homens de hoje não são inferiores aos antigos... são apenas diferentes...

— Será talvez a humildade cristã?

— Sim, a humildade entre outras...

— Talvez — disse friamente Niccolo.

Sentaram-se a descansar no degrau inferior, meio destruído, do anfiteatro.

— Eu por mim — continuou Niccolo com um entusiasmo súbito e irresistível, — penso que os homens deveriam aceitar ou renegar a religião de Cristo. Não temos feito nem uma nem outra coisa. Nem somos cristãos, nem somos já pagãos. Não escolhemos entre as duas crenças; rejeitámos uma sem nos prendermos a outra. Não temos a coragem de ser bons e temos medo de ser maus. À força de mentir, de hesitar entre Cristo e Satã, não sabemos nós próprios o que queremos, nem para onde vamos. Os antigos, ao menos, sabiam e eram lógicos e coerentes. Mas desde o tempo em que os homens se convenceram que deviam sofrer todas as injustiças e violências na vida terrena, para alcançar a bem-aventurança, abriu-se um fértil e imenso campo aos incrédulos. E não foi senão a nova crença que enfraqueceu o mundo e o colocou à mercê dos miseráveis!

A voz tremia-lhe, os olhos brilhavam-lhe com um furor quase insensato, as feições alteravam-se-lhe como se estivesse sob o domínio dum intolerável sofrimento íntimo.

Leonardo calava-se. A sua alma enchia-se de pensamentos lúcidos, infantis, tão simples, que os não podia exprimir por palavras. Contemplava o céu azul que brilhava através das brechas dos muros do Coliseu e sonhava que em nenhuma outra parte o céu é tão eternamente e triunfalmente jovem, como visto através das ruínas dos velhos edifícios.

Ao saírem do Coliseu, anoitecia. Uma Lua enorme e doirada erguia-se por detrás dos negros arcos da basílica de Constantino, trespassando as nuvens transparentes e nacaradas.

Flocos de bruma azul iam desde o Arco de Tito Vespasiano até ao Capitólio, as três brancas colunas solitárias erguidas em frente da Igreja de Santa Maria Libertadora surgiam mais belas ao clarão da Lua e semelhantes a uma visão de sonho. Um sino soou tristemente, anunciando o «Angelus» da tarde, como uma lamentação fúnebre que ficou pairando sobre o *Fórum Romano*.

CAPÍTULO XIV
Monna Lisa Gioconda

(1503-1506)

Dentro da caverna a solidão era profunda. Passado um certo tempo, nasceram em mim dois sentimentos antagónicos: o medo e a curiosidade; o medo perante a exploração da sombria caverna, e a curiosidade de saber se ela não conteria qualquer segredo maravilhoso.

Leonardo da Vinci.

I

Em Florença, Leonardo instalou um amplo e claro *atelier* na Rua Martelli. O proprietário da casa, *messer* Pierro di Barto, era um cidadão florentino de categoria, amador das matemáticas; pessoa muito inteligente que nutria por Leonardo uma grande amizade.

Era um dia quente, calmo e enevoado, dos fins da primavera de 1505. O Sol atravessava o véu húmido das nuvens, espalhando uma luz vaporosa, como submarina, com sombras leves, esparsas, semelhantes ao fumo: a luz predileta de Leonardo, e que, segundo dizia, nimbava de especial beleza os rostos femininos.

«Será possível que não venha?» Pensava naquela cujo retrato pintava, havia quase três anos, com uma persistência e um interesse, nele sem precedentes.

Preparou o *atelier* para a receber. Giovanni Beltraffio seguia-o com os olhos disfarçadamente, e admirava-se da expectativa inquieta que era quase impaciência, — estado de alma extraordinário no mestre, habitualmente calmo.

Leonardo pôs em ordem os pincéis, as paletas e as tintas; descobriu a tela do retrato colocado num cavalete de três pés e abriu as águas da fonte, situada no meio do pátio, que construíra para a distrair, a ela. Em volta da fonte abriam-se as suas flores prediletas, os lírios plantados e tratados por sua mão; trouxe num açafate pedaços de pão, já cortados, para a corça domesticada que circulava no pátio e que ela costumava alimentar. Finalmente arranjou, diante da poltrona, um fofo tapete. Um gato branco, duma raça oriental muito rara, comprado também para seu regalo, estava já enrolado sobre a alfombra, no seu lugar preferido, e ronronava suavemente.

Andrea Salaino dispôs os cadernos de música e começou a afinar o violino. Atalante, outro músico, chegou também. Leonardo tinha-o encontrado em Milão, na corte do Mouro. Tinha um talento especial para a cítara de prata, esse instrumento em forma de cabeça de cavalo, da invenção de Leonardo.

O pintor convidava os melhores músicos, cantores e poetas, a fim de a distrair e evitar o aborrecimento especial que transparece na expressão das pessoas que *posam* para um retrato. Leonardo estudava-lhe o rosto a evolução das ideias e dos sentimentos que a conversação, as recitações e a música faziam nascer.

Estas reuniões iam-se tornando, no entanto, cada vez mais raras. Sabia que elas já não eram necessárias, que Monna Lisa não se aborreceria mesmo sem essas distrações. Somente a música continuou; esta ajudava-os a ambos. A retratada interessava-se tanto pelos progressos da obra que se podia dizer tomar ela própria parte na sua execução.

Tudo estava preparado e ela não tinha ainda chegado.

«Será possível que não venha? — pensava. — Hoje, que a luz e as sombras eram tão favoráveis! Terei que mandá-la buscar? Ela bem sabe que eu a espero. Deve vir!»

Giovanni via crescer a sua ansiedade.

De repente, um leve sopro de vento fez curvar o repuxo da fonte e as pétalas dos lírios brancos tremeram sob as gotas de água. Leonardo prestou atenção. E Giovanni, se bem que não tivesse ouvido nada, compreendeu, ao ver a expressão do mestre, que era «ela».

Entrou primeiro a irmã Camila, que saudou modestamente. Era uma «conversa» que vivia em sua casa e a acompanhava sempre que vinha ao *atelier* do pintor.

Atrás de Camila vinha aquela que todos esperavam; era uma mulher de trinta anos, envergando um vestido escuro, com a cabeça envolta num véu de gaze transparente que lhe descia até meio do rosto: Monna Lisa Gioconda.

Beltraffio sabia que ela era napolitana e que pertencia a uma antiga família; era filha dum gentil-homem, António Gerardini, que perdera toda a sua fortuna na época da invasão francesa de 1495; casara com o cidadão florentino Francesco del Giocondo, já duas vezes viúvo.

Leonardo, quando começou o retrato, passava já dos cinquenta anos e o marido de Lisa, *messer* Giocondo, tinha então quarenta e cinco. Fora escolhido como um dos doze representantes da República e seria em breve prior. Era um homem vulgar, nem muito mau nem muito bom, económico, extraordinariamente ativo e sempre absorvido pela política e pela agronomia. A elegância da esposa parecia-lhe ser um útil ornamento para a sua vida e para a sua casa. Porém, a beleza de Monna Lisa interessava-o menos que a qualidade duma nova raça de toiros sicilianos, ou o rendimento da tarifa cobrada sobre as peles frescas de carneiro. Dizia-se que ela se casara, não por amor, mas para satisfazer a vontade paterna e que o seu primeiro noivo, desesperado, procurara voluntariamente a morte numa batalha. Rumores, maldosos decerto, corriam a respeito dos seus adoradores, apaixonados e persistentes, mas sempre repelidos. De resto, as más-línguas, e havia muitas em Florença, não podiam dizer nada de mal acerca de Gioconda. Tranquila, modesta, devota, seguindo escrupulosamente todas as cerimónias da Igreja, caridosa com os pobres, era uma esposa fiel, uma boa dona de casa e uma carinhosa madrasta para a pequena Dianora, criança de doze anos.

Era tudo quanto Giovanni sabia dela. Mas a Monna Lisa que vinha ao *atelier* de Leonardo parecia-lhe ser uma criatura diferente.

Durante três anos, o tempo não enfraquecera, antes pelo contrário, exagerara essa estranha impressão. A cada uma das suas aparições, experimentava uma admiração semelhante ao temor, como diante de qualquer coisa de sobrenatural e de quimérico. Explicava estes sentimentos pelo facto de que, estando habituado a ver-lhe o rosto no retrato, e sendo a arte do pintor infinita, a Monna Lisa viva parecia-lhe menos real do que a pintura. Mas havia qualquer outra coisa ainda de mais misterioso.

Sabia que Leonardo apenas a via na ocasião do trabalho, em presença de outras pessoas, às vezes no meio de numerosos convidados, outras vezes apenas com a inseparável Camila, mas nunca só; e, no entanto, Giovanni pressentia que havia entre eles um segredo que os aproximava e unia. Sabia também que esse segredo não era um segredo de amor, ou, pelo menos, do que vulgarmente se chama «amor».

Ouvira dizer muitas vezes a Leonardo que todos os artistas têm uma tendência para recordar as próprias feições no corpo ou nos rostos dos retratados. O mestre considerava como causa dessa tendência o facto de que, sendo a alma humana a criadora do seu invólucro carnal, sempre que tem de

representar um novo corpo, esforça-se em repetir no desenho aquilo que já ela própria tinha criado; e esta predisposição é tão forte que, às vezes mesmo nos retratos, através da semelhança exterior do original, desponta, se não o rosto, pelo menos a alma do próprio pintor.

O que se passava diante dos olhos de Giovanni era ainda mais flagrante; parecia-lhe que não somente a que estava pintada na tela, mas a própria Monna Lisa viva, se tornava cada vez mais semelhante a Leonardo, como acontece às pessoas que viveram juntas durante muitos anos. A característica principal dessa semelhança crescente não residia apenas nas próprias feições, — se bem que a houvesse a ponto de causar admiração, — mas na expressão dos olhos e no sorriso. Lembrava-se, com indizível surpresa, já ter visto o mesmo sorriso na figura de Eva, a mãe do género humano, de pé diante da árvore da ciência, no primeiro quadro do mestre. O anjo da *Virgem nos Rochedos*, a *Leda com o Cisne* e muitas outras cabeças de mulher pintadas por Leonardo, antes de conhecer Monna Lisa, tinham igualmente o mesmo sorriso. Dir-se-ia que Leonardo passara toda a sua vida a procurar, através de todas as suas criações, o reflexo da própria beleza e que o tinha enfim encontrado no rosto da Gioconda.

Às vezes, quando Giovanni observava durante muito tempo esse sorriso, que era comum a ambos, um sentimento de inquietação, de terror mesmo, invadia-o como se estivesse em presença dum milagre: a realidade parecia tornar-se sonho, e o sonho realidade: tinha a impressão que Monna Lisa não era uma criatura real, nem a mulher do cidadão florentino, *messer* Giocondo, o mais banal dos homens, mas um ente de sonho, evocado pela vontade do mestre, o *double* feminino do próprio Leonardo.

O pintor começou a trabalhar. Mas, de repente, deixando cair o pincel, olhou atentamente o rosto de Lisa: a mais ligeira sombra, a mais pequena mudança na fisionomia, não escapavam à sua observação.

— Madona, há hoje qualquer coisa que vos inquieta.

Lisa ergueu para Leonardo o seu tranquilo olhar.

— Sim, um pouco — respondeu, — Dianora está adoentada. Não dormiu nada em toda a noite.

— Se estais fatigada e vos aborrece hoje a sessão — disse o pintor, — podemos adiá-la para outro dia.

— Não, de maneira nenhuma. Não teríeis pena de perder um dia semelhante? Vede que sombras delicadas, que luz difusa, foi um dia feito de propósito para mim!

— Sabia — acrescentou, depois dum instante de silêncio, — que estáveis à minha espera. Gostaria de ter chegado mais cedo, mas retiveram-me; Madona Sofonisba, essa tagarela...

— Ah! É essa a razão! Não foi a indisposição de Dianora mas sim a conversa dessa gralha que vos perturbou! É extraordinário! Já haveis reparado, Madona, quanto essas enfadonhas frioleiras que nos não interessam e com que os estranhos muitas vezes nos afligem conseguem obscurecer e perturbar a nossa alma, às vezes mais do que os próprios desgostos?

Ela inclinou silenciosamente a cabeça; via-se que eles estavam há muito tempo habituados a compreender-se mutuamente, quase sem palavras: bastava uma alusão ou um olhar.

O pintor tentou novamente recomeçar o trabalho.

— Contai-me qualquer coisa! — disse Monna Lisa.

— O quê?

Depois de ter refletido um instante, ela disse-lhe:

— A história do reino de Vénus.

Havia um certo número de narrativas que ela preferia a todas as outras: eram as que se referiam a recordações pessoais de Leonardo, às suas viagens, às suas observações sobre a Natureza, aos projetos dos seus quadros. O artista contava-as sempre, quase com as mesmas palavras simples, meio infantis, enquanto a música tocava em surdina.

A um sinal de Leonardo, Andrea Salaino pegou no violino, Atalante na cítara de prata, e começaram a tocar, enquanto Da Vinci contava, com a sua voz dum timbre quase feminino: era como uma barcarola ou um velho conto.

«Os mestres dos barcos, que vivem nas costas da Sicília, asseguram que aqueles cuja sorte é morrer no meio das vagas, divisam às vezes, durante as mais terríveis tempestades, a ilha de Cípris, o reino da deusa do Amor. Em roda, rugem as águas furiosas e os vendavais, e muitos marinheiros atraídos pela beleza da ilha vão despedaçar os seus navios contra os rochedos escarpados, no meio daquelas águas perigosas. Oh! Quantos navios têm naufragado, precipitados no abismo! Na costa veem-se ainda os míseros esqueletos, meio enterrados na areia e cobertos de algas; uns têm a popa para o ar, outros a proa; uns deixam a nu os cavernames esburacados, semelhantes a esqueletos negros de cadáveres meio apodrecidos; de outros não há mais do que destroços. E há tantos, que dir-se-ia o dia da Ressurreição, quando o mar há de restituir todos os barcos que tragou. Sobre a própria ilha, o céu é eternamente azul e o sol esplende sobre as colinas floridas, o ar é maravilhosamente calmo, e a longa chama das caçoilas, ardendo nos degraus do templo, eleva-se para o ar tão direita e imóvel, como as colunas de mármore branco e como os gigantescos ciprestes negros que se refletem no lago, semelhante a um espelho. Apenas os repuxos, caindo dum tanque de pórfiro para outro, murmuram docemente. Do mar, os náufragos veem o lago tranquilo, tão próximo e que eles nunca conseguirão atingir; o vento traz-lhes o aroma dos bosques de murta, e quanto mais terrível é a tempestade, mais o sossego é profundo no reino de Cipris.»

Calou-se. As cordas do violino e da cítara murmuraram os últimos acordes; foi o momento daquele silêncio que é mais belo que todos os outros. O silêncio que sucede à música. Não se ouvia mais que o jorrar da água na fonte.

E, como que embalada pela música e separada da vida real pelo silêncio, serena, alheia a tudo, exceto à vontade do artista, Monna Lisa olhava-o nos olhos, com um sorriso cheio de mistério, qual uma água tranquila, perfeitamente límpida, mas de que o olhar não consegue distinguir o fundo.

Pareceu a Giovanni que nesse momento Leonardo e Monna Lisa eram como dois espelhos que se permutavam a mesma imagem, refletindo-se um no outro até ao infinito.

II

Na manhã seguinte, no Palazzo Vecchio, o pintor trabalhou na *Batalha de Anghiari*, quadro encomendado pela Senhoria da República.

Ao regressar a casa, Leonardo deteve-se na Praça, diante do *David* de Miguel Ângelo.

Parecia estar de sentinela às portas da Casa da Câmara de Florença, esse gigante de mármore branco que se destacava sobre o fundo negro da torre, harmoniosa e severa.

O corpo nu do adolescente era magro. A mão direita, armada com a funda, abaixava-se, o que fazia sobressair os tendões; a esquerda, erguida ao nível do peito, segurava uma pedra. As sobrancelhas estavam franzidas, e o olhar fixo na distância como o de alguém que faz uma pontaria.

Era obra de Miguel Ângelo, que nunca deixava de manifestar a sua antipatia pelo pintor, se bem que este estivesse sempre disposto a ajudá-lo de todas as formas. Leonardo sentia no autor dessa estátua uma alma porventura tão grande como a sua, mas oposta, como a ação é contrária a meditação, a paixão à frieza, a tempestade à bondade. Uma força estranha atraía-o, despertava nele a curiosidade, o desejo de se aproximar e de o estudar a fundo.

Outrora, nas pedreiras da construção da catedral de Florença, jazia um enorme bloco de mármore branco, estragado por um escultor desastrado. Os peritos tinham-no recusado, declamando que já não podia ser aproveitado.

Quando Leonardo chegou a Florença, ofereceram-lho. Mas enquanto ele refletia, media, calculava e hesitava, com a sua lentidão habitual, um outro artista, vinte e três anos mais novo, Miguel Ângelo Buonarotti, intercetou a encomenda, e trabalhando com incrível rapidez, não só de dia mas de noite, à claridade do fogo, acabou o gigante em vinte e cinco meses. Leonardo levara dezasseis anos a acabar o monumento ao Sforza, esse *Colosso* de argila, e não ousava sequer sonhar no tempo que lhe teria sido necessário para um mármore do tamanho do David.

Os florentinos tinham então considerado Miguel Ângelo como um rival de Leonardo na arte da escultura.

Agora, porém, esse rival, que raramente pegara num pincel, começara a pintar um quadro, representando uma cena guerreira, para a Sala do Conselho, e transportava assim o seu desafio a Leonardo para o terreno da pintura, com uma audácia que parecia insensata.

Quanto mais benignidade e benevolência Buonarotti encontrava no seu rival, maior e mais cruel era a raiva que sentia por ele. O sangue-frio de Leonardo, considerava-o como desprezo. Com uma desconfiança mórbida, dava ouvidos a todas as calúnias, procurando sempre pretextos para disputas e aproveitando todas as ocasiões que se apresentavam para magoar Leonardo, que odiava talvez por considerá-lo superior a si.

III

Por essa altura, um assunto importante obrigou Leonardo a abandonar Florença, e partiu acompanhado de Maquiavel.

Desde tempos imemoriais a República estava em guerra com a vizinha cidade de Pisa — e esta luta interminável e impiedosa esgotava ambas as cidades.

O Conselho dos Dez ordenou a Leonardo a execução de um projeto, que consistia em desviar as águas do Arno, a montante de Pisa, e a conduzi-las por meio dum canal até aos pântanos de Livorno, a fim de cortar as comunicações da cidade assediada com o mar e impedir o seu reabastecimento, obrigando-a a render-se.

Ao princípio, o trabalho parecia correr bem. O nível das águas do rio baixara. Em breve, no entanto, surgiram dificuldades que originaram despesas cada vez maiores, e os ecónomos da Senhoria começaram a regatear cada florim que era preciso desembolsar.

No verão de 1505, o rio, saindo do leito depois dumas chuvas torrenciais de tempestade, destruiu uma parte do dique. Leonardo, chamado para reparar este desastre, teve de dirigir-se ao local dos trabalhos. Na véspera da partida, regressara das margens do Arno onde tratara com Maquiavel da rutura do dique e, ao voltar para casa, atravessou a ponte da Santíssima Trindade, na direção da Rua Tornabuoni.

Àquela hora tardia, eram raros os transeuntes. O silêncio era apenas interrompido pelo marulhar da água contra o dique do moinho. O dia fora quente, mas pela tarde umas chuvas tinham refrescado o ar. Na ponte, sentia-se o relento morno da água estival. Sobre a colina de São Miniato erguia-se a Lua. À direita, no cais da Ponte Vecchio, pequenas casas arruinadas, assentes sobre pilares arredondados de madeira, refletiam-se como num espelho, na água dum verde turvo. À esquerda, por cima dos contrafortes dos Montes Albanos, dum violeta pálido, luzia uma estrela solitária.

O perfil de Florença desenhava-se no céu puro, semelhante a um frontispício gravado no oiro descorado de velhos pergaminhos, perfil único no mundo, familiar e atraente, como a figura viva duma pessoa querida. Toda Florença, à luz dupla do crepúsculo e da Lua, desabrochava como uma enorme flor de prata.

Leonardo notara que cada cidade, da mesma forma que cada pessoa, tem o seu perfume especial. Parecia-lhe que o perfume de Florença era como o duma poeira húmida, semelhante ao pólen dos lírios, misturado ao aroma fresco e indefinível dos vernizes e das tintas dos quadros muito antigos.

Pensou em Gioconda.

Sabia da sua vida quase tão pouco como Giovanni. Admirava-se que ela tivesse um marido como *messer* Francesco, magro e alto, com uma verruga na face direita e sobrolhos espessos; um homem positivo que só gostava de falar de política e de negócios. Havia momentos em que Leonardo sentia

prazer ao contemplar a beleza de sonho de Monna Lisa, essa beleza rara, longínqua, sobrenatural e contudo mais real que a própria realidade. Mas havia também outros minutos em que era sensível aos seus encantos puramente humanos.

Monna Lisa não era dessas mulheres que se designavam então por «madonas letradas», *dotte eroine*. Nunca ela lhe falara dos seus conhecimentos literários. Apenas, por acaso, soubera que lia o latim e o grego. A sua compostura era sempre simples, os seus propósitos inteligentes. Dizia às vezes coisas que a aproximavam de si mais que todas as outras pessoas que ele conhecia; tornava-se então a amiga, a irmã única e eterna. Nesses momentos, teria querido transpor o círculo mágico que separa a meditação da vida. Mas imediatamente abafava esse desejo, e, cada vez que conseguia aniquilar o sentimento da beleza real de Monna Lisa, a imagem de sonho que se criara dela, sobre a tela do quadro, tornava-se mais humana e mais dominadora.

Parecia-lhe que ela o sabia, que se submetia, e o ajudava a sacrificá-la ao seu próprio fantasma; que lhe dava a sua alma e se sentia feliz.

Seria o amor que os unia assim?

Leonardo era alheio ao que a maioria dos homens chama o «amor físico».

Assim como não comia carne, porque isso lhe parecia, não uma coisa proibida, mas repugnante, da mesma forma se privava das mulheres, porque toda a possessão carnal, quer na vida conjugal, quer no adultério, lhe parecia, não criminosa, mas grosseira. Mas, mesmo que ele sentisse por ela amor, teria podido desejar uma união mais perfeita com a bem-amada, do que aquela que encontrava nessas carícias misteriosas e profundas, na criação da imagem imortal dum ser novo que era sua conceção e que nascia deles como a criança nasce do pai e da mãe, e que era a conjunção de ambos?

Entretanto, sentia que mesmo nessa comunhão tão casta havia um perigo, maior talvez que nos laços ordinários do amor carnal. Marchavam ambos à beira dum precipício, sobre um terreno onde ninguém ainda os precedera, e triunfavam da sedução e da atração do abismo. Mas muitas vezes se perguntava a si próprio se teria o direito de sondar aquela alma viva, a única verdadeiramente afim da sua, a alma da amiga, da irmã eterna, com a mesma curiosidade impassível com que estudava as leis da mecânica ou das matemáticas, a vida das plantas venenosas ou a anatomia dum cadáver.

Não se revoltaria ela um dia, a querida amiga, e não o repeliria com raiva e desprezo, como o faria qualquer mulher?

Parecia-lhe às vezes estar a assassiná-la lentamente, e a sua submissão sem outros limites, além da curiosidade dele, insaciável e impiedosa, fazia-lhe horror. Apenas nos últimos tempos compreendera que, cedo ou tarde, deveria decidir se ela era para ele uma criatura em carne e osso ou apenas uma visão: o reflexo da sua própria alma no espelho da beleza feminina. Tivera ainda uma esperança: que a separação adiaria por algum tempo a necessidade dessa decisão. Mas agora, que tinha de sair de Florença e a hora da decisão se aproximava, compreendia que se tinha enganado, e que a sua partida não prolongaria mas sim encurtaria o prazo que se tinha marcado para tomar um partido.

Perdido nestes pensamentos, nem reparou que tinha entrado numa escura viela, e quando voltou a si não soube imediatamente onde se encontrava. A julgar pelo campanário de mármore de Giotto, que se erguia por cima dos telhados, devia estar cerca da catedral. Um dos lados da comprida e estreita viela

estava mergulhado em impenetrável escuridão, o outro banhado pela luz viva e branca do luar. Ao longe brilhava uma luz; à esquina duma casa divisou um balcão coberto por um baldaquino de declive suave, apoiado num hemiciclo de arcas sustentados em harmoniosos pilares; debaixo desta «loggia» florentina, num grupo, alguns mascarados, embrulhados em longas capas negras, cantavam uma serenata ao som das cítaras. Leonardo pôs-se a escutar.

Era uma velha canção de amor, composta outrora por Lourenço de Médicis, o Magnífico, para acompanhar o cortejo de Baco e de Ariana, no Carnaval; um canto de amor alternadamente triste e alegre. Leonardo gostava de o ouvir, porque se recordava de já o conhecer desde os tempos da sua juventude.

Quant'é bella giovenezza,
Che se fugge tuttavia,
Chi vuol essev lieto, sia:
Di doman non c'é certezza.

Oh! A bela mocidade fugitiva!
Como corre ligeira e desaparece...
Não a deixeis passar — a sorte é esquiva,
E o dia de amanhã ninguém conhece.

O último verso despertou-lhe um negro pressentimento.

Não era certo ter-lhe o destino enviado, no limiar da velhice, no meio da sua tristeza e solidão, uma alma gémea da sua? Deveria repeli-la, e renunciar como já o fizera tantas vezes, preferindo a meditação à ação? Deveria sacrificar de novo o presente ao futuro e o real ao imaginário? Quem escolheria, a Gioconda viva ou a criatura imortal? Sabia que preferindo uma, perdia a outra, e ambas lhe eram igualmente queridas. Sabia que era necessário decidir-se e que não podia prolongar por mais tempo o suplício de Lisa. Mas a sua vontade era impotente. Não queria nem podia tomar um partido: nem sacrificar a viva à imorredoura, nem a imortal à viva: a que existia, àquela que existiria perpetuamente sobre a tela do quadro.

Depois de ter vagueado ainda por algumas ruas, chegou à porta da casa da Rua Martelli.

Estava tudo fechado, as luzes apagadas. Ergueu o martelo pendente duma cadeia e percutiu com ele o florão de bronze.

O porteiro não respondeu. Dormia provavelmente, ou talvez tivesse saído. Os golpes ressoando sob as abóbadas sonoras da escadaria, acabaram por extinguir-se. O silêncio reinou de novo. Parecia que o luar o tornava ainda mais profundo.

De repente, ouviram-se badaladas lentas, pesadas e harmoniosas; eram horas numa torre vizinha. A voz de bronze do sino falava do voo ameaçador do tempo, da triste velhice solitária, do passado irrecuperável...

Durante algum tempo ainda, o eco das últimas badaladas vibrou, ora mais fraco, ora mais forte, prolongando-se, como que a repetir no silêncio da noite o ritmo da balada:

Di doman non c'é certezza.

IV

No dia seguinte, Monna Lisa chegou ao *atelier* de Leonardo à hora habitua], mas, pela primeira vez, sozinha, sem a sua eterna dama de companhia, a irmã Camila. Gioconda sabia que era esta a última entrevista.

O *atelier* estava inundado de sol, duma claridade ofuscante. Leonardo correu uma cortina, e o pátio de paredes escuras recaiu numa luz crepuscular, transparente como uma sombra submarina e que realçava a beleza do rosto de Monna Lisa.

Estavam sós.

Leonardo trabalhava silenciosamente, concentrado, a sua alma numa tranquilidade perfeita, esquecido dos pensamentos que na véspera o tinham atormentado, receando a separação iminente e a escolha indispensável. Era como se não houvesse para ele nem passado nem futuro, e a marcha do tempo estivesse suspensa; como se a jovem Madona tivesse sempre estado sentada na sua frente, e que assim devesse permanecer para sempre, aureolada pelo seu raro e calmo sorriso.

O que não podia realizar materialmente, realizava-o em sonho, em meditação: fundia as duas imagens numa, unindo a realidade e o reflexo, a morte e a vida. E isto dava-lhe o alívio duma grande libertação. Os seus terrores tinham desaparecido — já não tinha pena dela...

Sabia que Madona Lisa lhe seria obediente até ao fim que suportaria tudo, que aceitaria tudo, que morreria sem um gesto de revolta. E contemplava-a com a mesma curiosidade com que costumava espiar nos condenados à morte, que acompanhava até ao suplício, os últimos frémitos da agonia.

De repente, pareceu-lhe que a sombra dum pensamento intruso, que ele não inspirara nem compreendia, brincava no rosto do seu modelo, como o sinal dum hálito na superfície dum espelho. A fim de reconduzir Lisa, e de a trazer de novo para o âmbito do seu sonho, afastando a importuna sombra, começou a contar-lhe, com aquela voz imperativa e cantante que os magos empregam nas suas encantações, uma dessas narrativas misteriosas como enigmas, que escrevia às vezes no seu «diário»:

«Não tinha força — disse, — de resistir à tentação de ver as imagens novas, desconhecidas dos mortais, e criadas pela arte da Natureza; e, tendo caminhado muito tempo por entre rochas nuas e desoladas, cheguei enfim à caverna; à entrada detive-me hesitante e perplexo.

Decidindo-me enfim, baixei a cabeça e encostei a palma da mão para me acostumar à obscuridade. Entrei, e dei alguns passos. Com o rosto contraído, e os olhos semicerrados, a fim de dar maior agudeza à visão, mudei várias vezes de caminho e vagueei às apalpadelas no meio das trevas. A escuridão, porém, era demasiado profunda. Passado um certo tempo, dois sentimentos despertaram em mim e se digladiaram: o medo e a curiosidade; o medo, perante a exploração da escura caverna, e a curiosidade de conhecer qual era o segredo misterioso que ela encerrava.»

Calou-se. A sombra importuna e enigmática pairava sempre sobre o rosto de Gioconda.

— E qual dos dois sentimentos triunfou — perguntou ela.

— A curiosidade.

— E qual era o segredo da caverna?

— Só soube o que era possível saber.

— Estais disposto a revelá-lo?

— Não poderia dizer tudo, porque o não saberia. O meu desejo seria inspirar aos homens uma tal força de curiosidade que vencesse sempre neles o temor.

— E se a curiosidade não fosse suficiente, *messer* Leonardo? — perguntou Gioconda com um olhar inusitado e brilhante. — Se fosse necessário qualquer outro sentimento, diferente e maior, para penetrar os derradeiros e porventura os mais maravilhosos segredos da caverna?

Olhou-o fixamente nos olhos, com um sorriso como ele nunca lhe tinha visto.

— Que mais seria preciso? — perguntou ele.

Ela calou-se.

Neste momento, um raio de sol indiscreto e vivo penetrou através duma abertura da cortina. A semiobscuridade submarina iluminou-se. Do rosto de Monna Lisa desapareceu o encantamento do claro-escuro e das sombras delicadas e suaves como uma música longínqua.

— Sempre partis amanhã? — perguntou Gioconda.

— Não, esta noite.

— Eu parto também brevemente!

O pintor fixou-a. Quis dizer qualquer coisa, mas não o conseguiu; calou-se. Adivinhou que ela partia para não permanecer em Florença durante a sua ausência.

— *Messer* Francesco, meu marido — continuou ela, — vai passar três meses na Calábria, a tratar dos seus negócios. Pedi-lhe para me levar consigo.

Leonardo desviou-se, o rosto carregado, e olhou aborrecido para o raio de sol que invadira, brutal e sincero, o ambiente crepuscular do pátio. Até ali, o repuxo da fonte tinha-se mantido duma brancura transparente; agora, atravessado por esse raio refrator, repartia-se nas cores do arco-íris, as cores da vida.

Leonardo sentiu de repente que recaíra na realidade, fraco, cheio de piedade e digno também de dó.

— Não faz mal — disse Monna Lisa. — Arranjai a cortina, que é ainda muito cedo e eu não estou fatigada. Podemos continuar.

— Não. É suficiente! — disse ele, arrojando o pincel.

— Não terminareis nunca o retrato?

— Porque mo perguntais? — disse vivamente o pintor, apreensivo. — Não voltareis a minha casa no vosso regresso?

— Certamente, voltarei. Mas talvez me transforme nestes três meses de tal maneira que vós me não reconheçais! Tenho-vos ouvido dizer muita vez que o rosto humano, principalmente o das mulheres, muda tão rapidamente!...

— Gostaria de acabar — disse ele lentamente e como se falasse consigo mesmo. — Mas não sei. Parece-me às vezes que desejo o impossível.

— O impossível? — disse ela admirada. — Parece com efeito que nunca acabais as vossas obras porque aspirais ao irrealizável.

Nestas palavras, Leonardo julgou perceber uma censura tímida, repassada de infinita bondade.

— Será realmente assim? — pensou angustiado.

Ela ergueu-se e disse simplesmente, com a palidez habitual:

— São horas. Adeus, *messer* Leonardo. Boa viagem.

Novamente ergueu os olhos para ela e outra vez divisou no seu rosto a sombra duma censura desesperada ou duma prece.

Sabia que, para ambos, aquele instante era sem remissão e eterno como a morte. Sabia que não se devia calar. No entanto, apesar de toda a sua concentração mental no sentido de tomar uma resolução e de encontrar palavras para a exprimir, cada vez sentia mais profunda a sua incapacidade e adivinhava o abismo impossível de transpor que se cavava entre ambos. E Monna Lisa sorria com o seu habitual sorriso, sereno, calmo e enigmático. Mas a expressão desse sorriso, na sua serenidade e na sua calma, parecia-lhe ser semelhante à do sorriso dos mortos.

O seu coração foi trespassado por uma mágoa infinita, uma piedade intolerável, que o tornou ainda mais fraco.

Monna Lisa estendeu-lhe a mão, e, silenciosamente, ele beijou-lha, pela primeira vez desde que se conheciam. Nesse momento, sentiu que ela, curvando-se rapidamente, tinha aflorado os seus cabelos com os lábios.

— Que Deus vos acompanhe — disse ela com a sua habitual simplicidade.

Quando Leonardo recuperou a noção das coisas, já Monna Lisa ia longe. Em roda, reinava o silêncio pesado da tarde de verão, mais terrível que o silêncio das mais profundas e sombrias trevas.

E como na noite anterior, mas mais ameaçadores e mais solenes ainda, ressoaram os sons cadenciados e lentos das horas no campanário vizinho. A voz do sino falava do voo formidável do tempo,

da triste e solitária velhice, e do passado que não volta mais.

Muito tempo ainda, ficou vibrando, até morrer nas trevas; e parecia repetir:

Di doman don c'é certezza.

V

Dois meses mais tarde, Leonardo teve notícia da morte de Gioconda.

Um velho comerciante chegado de Florença deu-lhe a notícia nestes termos:

— Ah! Meu Deus! É verdade, vós viveis aqui e não sabeis! Calculai que desgraça! Pobre *messer* Giocondo! Novamente viúvo! Monna Lisa morreu há um mês. Seja feita a vontade de Deus!

Leonardo sentiu que tudo escurecia em sua volta. Por instantes julgou que ia cair.

Mas fez um esforço prodigioso para se dominar, e o seu rosto, que tinha levemente empalidecido, recuperou a tranquilidade. Pelo menos, o comerciante não se apercebeu de nada.

A primeira ideia de Leonardo foi que o seu visitante, que era um velho indiscreto e coscuvilheiro, tinha mentido e inventara a notícia propositadamente para ver a impressão que ela lhe causava, e ir em seguida, lá fora, divulgar o incidente, dando assim novo alento aos rumores, que havia tempo corriam, duma intriga de amor entre Leonardo e Gioconda.

A realidade dessa morte, como acontece sempre no primeiro minuto, parecia-lhe impossível.

Mas nessa tarde soube tudo; ao regressar de Calábria, onde *messer* Giocondo tinha arranjado a seu contento os negócios que ali o levavam, — entre outros o da importação em Florença de peles frescas de carneiro, — na pequena cidade de Lagonera, Monna Lisa morrera de febres palustres, na opinião de uns, de uma infeção na garganta, segundo outros.

VI

As obras do canal destinadas a desviar o Arno do seu curso, terminaram por um completo desastre.

Quando das cheias do outono, a inundação destruíra os trabalhos começados e transformara as terras baixas, outrora florescentes, num lamaçal infecto onde os operários morriam de epidemias. O dinheiro, um trabalho imenso, e as vidas humanas, tudo ali se enterrara em vão.

Os construtores dos trabalhos hidráulicos de Ferrara lançaram toda a responsabilidade sobre Leonardo e Maquiavel. Os amigos destes desviavam-se deles quando os cruzavam na rua e nem sequer os saudavam. Niccolo adoeceu de vergonha e de desgosto.

Dois anos antes, o pai de Leonardo tinha também morrido.

«No dia 9 de julho de 1504, quarta-feira, às sete horas da tarde», notou ele no seu diário, com o seu laconismo habitual, «morreu meu pai, *messer* Pedro de Vinci, notário do Podestat de Florença. Tinha oitenta anos. Deixou dez filhos do sexo masculino e dois do feminino.»

Messer Pedro tinha, por diversas vezes, diante de testemunhas, manifestado a sua vontade de legar ao seu primogénito ilegítimo Leonardo uma parte dos seus bens igual à dos outros filhos. Teria mudado de ideia antes de morrer, ou os filhos não quereriam cumprir as suas últimas vontades? O facto é que estes declararam que, na sua qualidade de filho natural, Leonardo não tinha nenhum direito à herança. O pintor, instigado pelos seus credores, lançou-se num processo (que devia durar seis anos) para se habilitar ao quinhão na partilha, que ascendia a trezentos florins.

Além das dificuldades financeiras, todos os desgostos e contrariedades o acabrunhavam. Por não ter terminado nas datas fixadas os trabalhos encomendados, concitara a animosidade dos Senhores da República, que o censuravam por receber adiantadamente os seus honorários e não cumprir as suas promessas.

Numa noite de inverno, Leonardo estava sentado sozinho no seu gabinete de trabalho.

Cá fora rugia a tempestade. As paredes da casa estremeciam sob os assaltos furiosos do vento; a chama da candeia oscilava; um esqueleto de pássaro, de asas roídas pelas traças, baloiçava-se suspenso, como se quisesse levantar voo; num canto, por cima duma prateleira de livros, onde estavam as obras de Plínio, o Naturalista, uma aranha corria inquieta sobre a teia. A chuva ou a neve fundida açoitava as janelas, como se alguém estivesse batendo nas vidraças.

Depois dum dia de apoquentações, Leonardo sentia-se cansado, quebrado, como após uma noite de febre e de delírio. Tinha tentado trabalhar, ler, mas sem o conseguir.

Olhou a rima dos livros empoeirados, as retortas, os quadrantes de cobre, os globos, os instrumentos de mecânica, de astronomia, de física e de anatomia, e uma repugnância indizível encheu-lhe a alma.

Não seria ele semelhante àquela aranha no sombrio canto, por cima da bafienta acumulação dos livros, dos ossos dos esqueletos humanos e dos membros mortos das máquinas mortas? Que lhe restava mais na vida, que o separava ainda da morte, a não serem algumas folhas de papel que cobria de algarismo e de carateres incompreensíveis para todos?

Recordou-se como era feliz, sem nada saber nem pensar, na sua infância, quando subia aos montes e ouvia os apelos dos corvos, quando aspirava o perfume das plantas aromáticas e contemplava o perfil transparente e violeta de Florença, através da gaze luminosa do sol.

Seria possível que todo o trabalho da sua vida fosse apenas um erro e que o grande amor não nascesse da grande ciência?

Pôs-se a escutar o fracasso da tempestade. Palavras de Maquiavel acudiram-lhe à memória: «O que há de terrível na vida, não são os cuidados, nem a pobreza, nem os desgostos, nem a doença, nem a própria morte; é o tédio.»

Também as vozes sobre-humanas falavam dessas angústias familiares à alma dos homens: o tédio e a morte, a derradeira solidão nas trevas cegas, no seio do antigo Caos, o criador de tudo o que é criado.

Leonardo levantou-se, tomou a candeia, abriu a porta do quarto vizinho e entrou.

Aproximou-se dum quadro colocado sobre um cavalete de três pés e coberto dum pano de pesadas pregas semelhante a uma mortalha.

Era o retrato de Monna Lisa Gioconda.

Não o tinha visto desde o dia em que nele trabalhara durante a última sessão. Sentiu uma tal intensidade de vida irradiar daquele rosto, que foi tomado duma estranha angústia em frente da sua própria criação. Lembrou-se de narrativas supersticiosas referentes a retratos enfeitiçados, que, ao serem trespassados por uma agulha, provocam a morte do retratado. Neste caso, pensou ele, sucedeu o contrário; fora ele que tirara a vida da viva para a dar à morta.

Tudo nela era lúcido e perfeito, até a mais leve prega do vestido, até as cruzinhas do delicado enfeite arrendado que enquadrava o decote do corpete escuro, sobre o branco pescoço.

Parecia, ao mirá-la atentamente, ver o peito soerguer-se, palpitante, o sangue correr sob a pele e a expressão do rosto transformar-se. Ao mesmo tempo, era transparente, longínqua, enigmática, mais antiga na sua juventude imutável que os blocos primitivos de rochas de basalto que se desenhavam no fundo do quadro, e as montanhas azuladas, e semelhantes a estalagmites, pertencendo a um mundo estranho há muito desaparecido. O contorno das torrentes que corriam entre os rochedos, lembrava a sinuosidade dos seus lábios, em que pairava o eterno sorriso. As ondas dos cabelos, sob o véu sombrio e transparente, caíam segundo as mesmas leis de mecânica divina que regem o movimento das águas.

Somente, agora, como se a morta lho tivesse revelado, compreendeu que a beleza de Monna Lisa era tudo quanto ele sempre procurara na Natureza, com insaciável curiosidade; compreendeu que o segredo do mundo era o segredo de Monna Gioconda.

E ele não o tinha adivinhado, esse segredo! Era ela que o guardava ainda. Que significava o olhar

daqueles olhos que refletiam a sua alma, a dele?

Estaria ela dizendo o que não quisera precisar na sua última entrevista: que é preciso alguma coisa mais que a simples curiosidade para profundar os segredos maravilhosos da caverna?!

Ou seria o seu sorriso, o dos mortos contemplando os vivos?

Sabia que a sua morte não fora devida ao acaso, e que ele a teria podido salvar, se tivesse querido. Nunca até ali, parecia-lhe, tinha visto tão perto e tão diretamente a face da morta. Sob o olhar frio e carinhoso de Gioconda, um terror insuportável gelou-lhe a alma.

Pela primeira vez na sua vida, recuou diante do abismo, sem ousar profundá-lo; não quis saber.

Num gesto precipitado, como um ladrão, deixou recair sobre aquele rosto a cobertura das pesadas pregas que parecia um sudário.

Na primavera, a pedido do lugar-tenente do reino de França, Charles d'Amboise, governando em nome do rei, Leonardo obteve permissão de sair de Florença, por três meses, e partiu para Milão.

Mantinha-se o mesmo exilado dos antigos tempos; sentia-se tão feliz ao sair da sua pátria, como havia vinte anos quando vira os picos nevados dos Alpes dominando as verdes planície da Lombardia.

CAPÍTULO XV
Para ressuscitar os mortos

(1506-1513)

Conhecei toda a gente, mas fazei por que ninguém vos conheça.

Basílio, o Gnóstico.

I

No ano seguinte, em 1507, o pintor conseguiu da Senhoria uma licença ilimitada e entrou definitivamente ao serviço de Luís XII. Instalou-se em Milão, e não voltou a Florença senão raramente, quando os seus negócios a isso o obrigavam.

Assim decorreram quatro anos.

No fim de 1511, Giovanni Beltraffio, já então um mestre de renome, trabalhava nos «frescos» da nova igreja de S. Maurício, que pertencia a um convento de mulheres, o Mosteiro Maior, construído sobre as ruínas dum antigo circo romano e do templo de Júpiter. Ao lado, por detrás do alto muro que dava para a Rua della Vigna, existia um jardim abandonado em roda do palácio Carmagnola, outrora magnífico, mas desabitado havia muito e num desgraçado estado de ruína. As freiras alugaram esta casa e o terreno adjacente ao alquimista Galeotto Sacrabosco e a sua sobrinha, Monna Cassandra, que tinham regressado de Milão havia pouco.

Depois das primeiras invasões francesas e do saque da casa de Monna Sidónia, tio e sobrinha tinham abandonado a Lombardia e viajado, durante dez anos, no Oriente. Rumores extraordinários corriam a seu respeito; dizia-se que o alquimista tinha encontrado a pedra filosofal que transforma o estanho em oiro; que Monna Cassandra tinha espoliado um velho e rico mercador de Esmirna, em Constantinopla; e dizia-se também que o alquimista tendo obtido do governador da Síria avultadas quantias para fazer experiências, fugira com o dinheiro. Um facto porém era inegável: tendo partido de Milão sem recursos, regressavam com uma grande fortuna.

A antiga feiticeira, a discípula da velha Sidónia, Cassandra era, ou fingia ter-se tornado, uma rapariga devota; cumpria todos os ritos e jejuns, ia frequentemente à missa e dava muito dinheiro à Igreja. As freiras do convento estimavam-na, e o próprio bispo de Milão manifestava-lhe o seu interesse. Contudo, as más-línguas espalhavam que tudo isto não passava de comédia, que Cassandra continuava a ser pagã, que fugira de Roma com o tio para não cair nas mãos da Santa Inquisição, que os procurava, e que cedo ou tarde os queimaria vivos.

Messer Galeotto não se esquecera de Leonardo, a quem testemunhava a antiga amizade, e emprestava-lhe muitas vezes livros raros que tinha trazido das suas viagens. Era Giovanni que vinha buscá-los; e, em pouco tempo, as suas visitas a Galeotto se tornaram frequentes. Vinha sempre com diversos pretextos, mas na realidade para ver Cassandra.

Ao princípio, esta, desconfiada, manifestava uma atitude reservada; apresentava-se sempre sob o aspeto de pecadora arrependida e falava da sua intenção de professar; a pouco e pouco, porém, vendo que nada tinha a recear, tornou-se mais confiante.

Rememoraram as antigas conversações, quando ambos eram quase crianças, e se encontravam na colina deserta, junto do convento de Santa Radegundes; evocaram as noites de tempestade com o céu iluminado pelos relâmpagos do calor, quando a atmosfera era sufocante e se ouvia o ruído surdo e longínquo do trovão; recordaram-se finalmente que ela lhe predissera a ressurreição dos deuses

olímpicos.

Cassandra raras vezes saía; estava frequentemente doente, ou pretendia fazê-lo acreditar, e conservava-se reclusa no seu quarto, onde não deixava entrar ninguém e cujo mobiliário lembrava simultaneamente um museu e uma biblioteca.

Falava a Giovanni das suas viagens, das maravilhas que tinha visto, da majestade dos templos vazios, cujo mármore branco se elevava sobre os rochedos negros, roídos pelas águas do mar Jónio; das ondas eternamente azuis, impregnadas do odor salino; contava-lhe as dificuldades e os perigos por que passara. Quando um dia ele lhe perguntou o que procurava ela nessas viagens, porque tinha colecionado tantas coisas e suportado tantos sofrimentos, ela respondeu com as palavras de seu pai, o falecido *messer* Luigi Sacrobosco: *Para ressuscitar os mortos.*

E nos seus olhos brilhou uma chama que trouxe à memória de Giovanni a antiga Cassandra, a feiticeira.

Tinha mudado pouco: o mesmo rosto pálido onde não transpareciam nem os pesares nem as alegrias, imóvel como a máscara duma estátua; uma testa larga e baixa, lábios delgados sempre cerrados, sem um sorriso, e olhos doirados e transparentes como o âmbar. Agora, talvez devido à doença, ou a qualquer pensamento que a obcecava insistentemente, o rosto exprimia uma tranquila serenidade, associada a uma timidez infantil. Mais ainda do que dez anos atrás quando a conhecera, o encanto da jovem atraía Giovanni, despertando nele a curiosidade, o temor e a piedade.

Na sua viagem à Grécia, Cassandra visitara a pátria de sua mãe, a pequena e triste cidade de Mistra, junto das ruínas de Lacedemónia, nas colinas desertas do Peloponeso, onde meio século antes morrera Plotino, o derradeiro mestre da sabedoria helénica. Recolhera fragmentos dos seus livros, das suas cartas, e as lendas espalhadas pelos seus discípulos que acreditavam que a alma de Platão tinha ainda uma vez abandonado o Olimpo, para se encarnar na pessoa de Plotino. Contando a Giovanni esta visita, Cassandra repetiu a profecia que ele pronunciara três anos antes de morrer: «Alguns anos depois da minha morte, todos os povos do mundo terão a mesma religião.» E quando lhe perguntaram se essa religião seria a do Cristo ou a do Maomé, respondera: «Nem uma nem outra, mas uma religião nova que será muito semelhante ao antigo paganismo.»

Enquanto conversavam, Cassandra fixava nele, continuamente, os seus olhos doirados e translúcidos.

— Giovanni — perguntou-lhe ela uma vez, — ouviste já falar do homem que há mais de dez séculos sonhou, como o filósofo Plotino, com a ressurreição dos deuses mortos, — o imperador Flávio Cláudio Juliano?

— Juliano, o Apóstata?

— Sim, esse que se considerava ele próprio como um apóstata, e a quem os seus inimigos, os galileus, designavam por esse epíteto!

Giovanni respondeu-lhe que tinha visto uma vez em Florença um «mistério» composto por Lourenço de Médicis, representando o martírio de dois adolescentes que, pela sua fé, Juliano mandara conduzir ao suplício. Recordava-se de alguns versos desse «mistério», em que um episódio especialmente o

impressionara: a cena que representava Juliano, moribundo, trespassado pelo sabre de S. Mercúrio, exclamando: «Venceste, Galileu!» *O Cristo Galileo, tu hai pur vinto!*

— Ouve, Giovanni — disse Cassandra, — no destino estranho e triste desse homem há um grande segredo. Nenhum dos dois, nem o imperador Juliano nem o sábio Plotino, tinha razão, porque nenhum deles possuía mais que meia verdade, a qual, sem a outra metade, não passa de mentira. Tinham esquecido a profecia que diz que os deuses só ressuscitarão quando tudo mudar, quando a terra se juntar com o céu e quando tudo o que existe se integrar na unidade. Não compreenderam isto e o seu sacrifício pelos deuses olímpicos foi vão.

Deteve-se, como se lhe custasse continuar, e acrescentou em voz baixa:

— Se eu pudesse dizia-te tudo... mas é ainda cedo. Só acrescentarei uma coisa: há um Deus entre os deuses olímpicos que está mais próximo dos seus irmãos da terra; um deus radiante e sombrio, ao mesmo tempo caridoso e cruel. Não me peças que te diga mais. Um dia, mais tarde, te explicarei o resto.

Giovanni, embora não compreendesse, sentia que nem a fé de Benedetto, nem a ciência de Leonardo, o satisfaziam já. Nas profecias obscuras e enigmáticas de Cassandra, parecia-lhe entrever um pálido raio da verdade; esperava no futuro decifrar estes enigmas e agarrava-se a essa esperança como um náufrago se agarra à tábua que supõe poder salvar-lhe a vida.

A sua intimidade com Cassandra crescia de dia para dia.

II

Foi nessa altura que chegou a Milão o célebre doutor em Teologia, o inquisidor frei Giorgio Casale, enviado do papa Júlio II, a fim de acabar com as práticas de feitiçaria que cada vez se espalhavam mais por toda a Lombardia. As freiras do Mosteiro Maior, e os protetores que tinha no palácio episcopal, preveniram Monna Cassandra do perigo iminente, tendo esta resolvido fugir para França ou Inglaterra.

Na noite da projetada partida, marcara uma entrevista a Giovanni. Tinha intenção, desta vez, de lhe revelar o segredo dos seus ambíguos e misteriosos discursos, explicando-lhe o que até ali não compreendera.

À hora marcada, Giovanni encontrava-se junto da porta do jardim que rodeava o palácio Carmagnola.

A porta estava cerrada. Bateu durante muito tempo e ninguém acudiu. Aproximou-se da entrada do convento e aí o porteiro deu-lhe a terrível notícia: o inquisidor Giorgio Casale chegara a Milão mais cedo do que se esperava, e, apenas chegado, ordenara a prisão de Galeotto Sacrobosco e da sobrinha, como suspeitos de práticas de magia negra.

Galeotto, porém, tinha conseguido fugir, tendo Cassandra sido detida e encerrada nos cárceres da Santa Inquisição.

Ao saber deste acontecimento, Leonardo dirigiu-se aos seus amigos: o tesoureiro principal de Luís XII e o embaixador do rei de França em Milão, Charles d'Amboise, pedindo a sua intervenção a favor da desgraçada rapariga. Giovanni, pelo seu lado, empreendeu também diversas diligências; era portador das cartas do mestre e ia frequentemente ao tribunal da Inquisição.

Foi aí que travou conhecimento com o primeiro secretário de frei Giorgio, o doutor em Teologia, frei Michele Valdera, que se mostrava duma grande amabilidade com Beltraffio, fingindo interessar-se pela sorte de Cassandra, enquanto tratava de fazer falar o seu interlocutor, pedindo-lhe informações sobre a vida de Leonardo, sobre os seus pensamentos e as suas atividades. Giovanni, no entanto, desconfiado, mantinha-se numa prudente reserva.

Frei Michele contava-lhe coisas interessantes sobre os aspetos dos poderes satânicos; por exemplo, os sinais que denunciam facilmente os filhos dum diabo e duma feiticeira: estas crianças conservam-se muito pequenas, são mais pesadas que as outras, e choram constantemente com fome. Com uma precisão matemática, este sábio fixava o número dos soberanos principais do Inferno: eram quinhentos e setenta e dois; quanto aos governadores, aos diabos de ordem inferior e aos simples súbditos, eram ao todo sete milhões quatrocentos e cinco mil novecentos e vinte e seis.

O que porém impressionava mais Giovanni eram os pormenores sobre os Íncubos e os Súcubos, os demónios andróginos que, alternadamente, se apresentam debaixo do aspeto de homem ou de mulher, para melhor poder realizar a sua obra de sedução.

Às vezes, frei Michele convidava-o a ir ao tribunal para assistir aos julgamentos. Giovanni acedia, se bem que sofresse horrivelmente com estas visitas em que muitas vezes assistia à aplicação da tortura aos acusados. Mas esperava vir a conhecer a sorte de Cassandra, ou no próprio tribunal ou pelas informações do inquisidor. Tinha aprendido coisas verdadeiramente inauditas, nas quais o ridículo se misturava ao horrível. Uma feiticeira, por exemplo, ainda jovem, que se arrependera e convertera à religião da Igreja, invocara a bênção divina para os seus carrascos por estes a terem salvo das penas do Inferno; suportara o suplício com uma paciência e uma resignação infinitas, e marchara para a morte, cheia de contentamento por julgar que o fogo temporal a salvava das fogueiras eternas que a esperavam. Tinha suplicado aos juízes que lhe extraíssem duma mão o Diabo que nela tinha entrado debaixo da forma dum aguçado fuso.

Os santos padres consultaram um célebre cirurgião; mas este apesar das grandes quantias de dinheiro oferecidas, recusou tentar qualquer esforço para a extração do fuso, receando que no meio da operação o Diabo se soltasse e, caindo sobre ele, lhe quebrasse a cabeça.

Uma outra feiticeira, viúva dum padeiro, mulher forte e formosa, era acusada de ter dado à luz diversos lobisomens, frutos das suas relações com um demónio, durante dezoito anos.

Enquanto a sujeitavam aos mais terríveis suplícios, a desgraçada rezava, ladrava como um cão e acabava por cair numa espécie de torpor que a fazia perder os sentidos. Esta, morreu durante as torturas.

A tia de Cassandra, Monna Sidónia, fora igualmente presa. Para escapar ao suplício, puxou fogo durante a noite à enxerga em que estava deitada e morreu asfixiada pelo fumo.

Uma velha louca era acusada de passear todas as noites às cavalitas da filha, rapariga que os demónios tinham ferrado, deixando-lhes os pés e as mãos estropiados.

Com olhares maliciosos e condescendentes para os juízes, como se estes fossem cúmplices numa combinada mistificação, a velha confessava todos os crimes que lhe imputavam e estava de acordo com todas as acusações.

Era muito friorenta, e, quando a conduziram à fogueira onde devia ser queimada, exclamou alegremente, batendo as mãos: «Fogo! Fogo!... Deus vos abençoe, meus queridos e bons senhores, vou finalmente aquecer-me!»

Uma outra, rapariga duns dezasseis anos, duma extraordinária beleza, inspirou a Giovanni um terror inolvidável.

Às perguntas e às instâncias dos juízes, dava sempre como única resposta o mesmo grito terrível e suplicante: «Matai-me, matai-me!»

Pretendia que o diabo «passeava no seu corpo como na própria casa». Não queria que lhe falassem em penitência ou em perdão, porque se julgava grávida dum demónio. Implorava aos juízes que a queimassem antes que o monstro viesse ao mundo. Como era órfã e muito rica, pela sua morte os seus bens deviam ir parar às mãos dum velho parente afastado, um grande avarento. Os padres sabiam que se a desgraçada conservasse a vida legaria todas as suas riquezas à Inquisição, e faziam diligências por salvá-la. Era, porém, tudo em vão; ela gritava incessantemente: «Sei bem que Deus nunca me perdoará! Queimai-me, queimai-me, antes que eu me mate!»

O principal inquisidor, frei Giorgio Casale, era um velho alcachinado, de rosto magro, pálido, meigo e bondoso, fazendo lembrar S. Francisco. Segundo o juízo dos que o conheciam pessoalmente, era o homem mais bondoso da terra, desinteressado, casto, cumpridor dos jejuns e levando uma vida de asceta. Quando Giovanni o observava com atenção, parecia-lhe, efetivamente, que não havia no seu rosto nem maldade nem malícia, que sofria mais que as próprias vítimas, e que se as atormentava e queimava era com piedade delas, e por estar convencido que as não podia salvar de outra maneira das penas do Inferno. Mas às vezes, e sobretudo no meio das mais requintadas torturas, ao escutar as confissões mais monstruosas, passava nos olhos de frei Giorgio uma expressão tal que Giovanni se perguntava quem era mais louco e mais desrazoável: se o juiz, se os acusados? A demência que reinava nos quartos de tortura, no meio das vítimas e dos carrascos, espalhava-se por toda a cidade. Criaturas sensatas começavam a acreditar em coisas de que, no tempo ordinário, se teriam rido como de fábulas. As denúncias multiplicavam-se: os criados acusavam os patrões, as mulheres os maridos, os filhos os próprios pais.

Foi queimada uma velha por ter dito: «Que o Diabo me ajude, se Deus o não puder fazer!»

Por ter contado às vizinhas que a sua vaca dava três vezes mais leite que qualquer outra, uma pobre criatura foi declarada feiticeira e condenada. O mais odioso, porém, era o facto do crescente zelo dos padres inquisidores não fazer cessar os manejos diabólicos; pelo contrário, fazia-os continuar com maior ardor; dir-se-ia até que os incitava.

Já nada admirava, tudo era possível. Corria a notícia de frei Giorgio ter descoberto na Lombardia uma conspiração de doze mil feiticeiras e feiticeiros, cujo fim era atrair sobre a Itália três anos de esterilidade tal, que as pessoas esfomeadas se comessem umas às outras como animais.

O principal inquisidor sentia-se aterrorizado da violência crescente e do furor combativo das legiões satânicas.

— Não sei como isto acabará! — disse uma vez frei Michele a Giovanni, num momento de confidência. — Quantos mais queimamos, mais nascem das próprias cinzas!

As torturas habituais, tais como as botas de Espanha, o torniquete de ferro que se apertava com um parafuso até os ossos das vítimas estalarem, o suplício das unhas cortadas com tesoiras em brasa, não passavam de jogos infantis em comparação com as torturas requintadas da invenção de frei Giorgio, «o homem mais meigo do mundo». Assim, entre outras coisas, o *tormentum insomniae*, o suplício da insónia, que consistia em fazer andar os acusados de dia e de noite ao longo dos corredores, sem os deixar descansar, de tal forma que os pés se enchiam de feridas e os desgraçados acabavam por endoidecer.

Em breve, frei Giorgio anunciou ao povo uma esplêndida festa a fim de aterrorizar os inimigos da Igreja e inundar de alegria os corações fiéis aos seus ensinamentos: um auto de fé de cento e trinta e nove feiticeiros e feiticeiras, na Praça do Broletto.

Quando frei Michele deu esta notícia a Giovanni, este empalideceu e exclamou: «E Monna Cassandra?»

Até ali, apesar da fraqueza aparente do frade, Beltraffio não conseguira saber nada a respeito da sua amiga.

— Monna Cassandra foi condenada como os outros, se bem que merecesse um suplício ainda maior. Frei Giorgio julga ser ela a maior de todas as feiticeiras que ainda conheceu; o sortilégio que a torna insensível à tortura é tal que, sem falar já de confissão ou arrependimento, não temos podido obter dela uma única palavra, nem sequer um gemido; não ouvimos ainda o som da sua voz.

Dizia isto, olhando fixamente para Giovanni, como quem espera qualquer esclarecimento. Beltraffio teve a tentação de acabar, por uma vez, de se denunciar, de se declarar cúmplice de Cassandra, a fim de morrer com ela. No entanto, conservou o silêncio, não por cobardia, mas porque uma estranha indiferença se apossara dele havia alguns dias, uma indiferença semelhante ao malefício que protegia a rapariga quando a submetiam à tortura. Tornara-se insensível como um ser cuja vida estivesse em suspenso.

III

No dia seguinte, Beltraffio não saiu do quarto. Desde pela manhã que se sentia doente. Conservou-se na cama até à noite, sem ideias, como mergulhado numa espécie de letargia.

Ao cair da noite, ouviram-se por toda a cidade os sons dos sinos. As suas vozes não eram nem fúnebres nem alegres, um cheiro vago mas repugnante a queimado, espalhava-se por todas as ruas. Este odor aumentou ainda o sofrimento de Giovanni: começou a sentir náuseas.

Levantou-se e saiu.

O ar estava sufocante, húmido e quente, como o de uma sala de banhos; era a atmosfera habitual dos dias de verão ou de outono na Lombardia, quando sopra o «sirocco». Não chovia, mas umas gotas miúdas escorriam dos telhados e das árvores. Os pavimentos das ruas estavam lustrosos. O estranho odor era, cá fora, mais intenso, no meio do nevoeiro cerrado, amarelo e pegajoso.

Apesar da hora avançada, as ruas estavam apinhadas. Todos os passeantes vinham do mesmo sítio, da Praça do Broletto. Ao examiná-los, parecia-lhe que também vinham mergulhados no mesmo entorpecimento que o dominava. A multidão fazia um ruído surdo, abafado, confuso. Algumas conversações entrecortadas chegavam-lhe aos ouvidos; e compreendeu a causa daquele cheiro repugnante que o impressionava. Era o relento que se desprendia dos corpos humanos carbonizados. Apressou o passo, correu quase, sem saber para onde ia, atropelando as pessoas, cambaleando como um ébrio e tiritando de febre. Sentia as emanações infectas persegui-lo, envolvê-lo, sufocá-lo, penetrando-o até aos pulmões, e comprimindo-lhe as fontes, com uma dor que lhe causava vertigens.

Mais tarde, não se lembrou como tinha chegado ao convento de S. Francisco, nem como entrara na cela de frei Benedetto. Os frades deixaram-no passar, mas frei Benedetto não estava; tinha partido para Bergamo. Giovanni fechou a porta, acendeu uma candeia e deixou-se cair, exausto, sobre o catre.

Nesta cela que lhe era tão familiar tudo estava impregnado de paz e de santidade. Ali não chegara ainda o terrível cheiro; respirava-se esse perfume caraterístico dos conventos, que parecia ser composto de incenso, de azeite, de cera, de verniz fresco ainda, e do olor dessas tintas ingénuas de que o frade, na sua ignorância dos progressos da arte, se servia para pintar as Madonas, de rostos infantis, os Santos, e os Anjos de asas transparentes, com caracóis doirados e túnicas azul celeste.

À cabeceira do leito, um crucifixo estava pregado na parede branca e nua.

Giovanni ergueu para ele os olhos. O Salvador estava ali sempre, com os braços pregados na cruz, prodigalizando, num apelo, a paz ao coração dos homens. «Vinde a mim, vós todos que sentis a alma fatigada e pesada de culpa.» Não seria esta a verdade, única e perfeita? Pensou Giovanni. Não devo eu prosternar-me e exclamar: «Senhor, ajuda-me a crer?»

A prece, porém, gelava nos seus lábios. Sentia que mesmo que a perdição eterna o ameaçasse, não seria capaz de mentir, nem esquecer tudo o que sabia; sentia que lhe era impossível repelir ou conciliar

as duas verdades que se digladiavam na sua alma.

Como sempre, com o mesmo desespero silencioso, desviou-se do crucifixo; e nesse momento pareceu-lhe que o nevoeiro viscoso penetrara já naquele derradeiro asilo, trazendo consigo as nauseabundas emanações.

Cobriu o rosto com as mãos.

Continuava a sentir vertigens. Tinha a garganta seca; a sede atormentava-o. Lembrou-se que a um canto da cela havia um cântaro com água e arrastou-se até lá, agarrado às paredes; bebeu alguns golos, humedeceu a fronte, e ia de novo deitar-se, quando de repente, sentiu uma presença estranha. Voltou-se, e viu, por debaixo do crucifixo, um vulto confuso, embrulhado num hábito de frade, com o capuz encobrindo-lhe o rosto. Giovanni admirou-se, porque se lembrava de ter fechado a porta à chave, mas não se atemorizou. Sentiu antes uma espécie de alívio, como se tivesse logrado acordar depois de persistentes esforços; a cabeça doía-lhe menos.

Aproximou-se do intruso misterioso, para o ver melhor. O desconhecido ergueu-se, deixou cair o capuz e Giovanni viu um rosto branco como o mármore, impassível, com os lábios dum vermelho de sangue, com os olhos doirados como o âmbar, e aureolado por uns cabelos pretos, que dir-se-iam mais vivos e expressivos que o próprio rosto, semelhantes às serpentes que Leonardo pintara na cabeça da Medusa.

Lentamente, solenemente, com um gesto de maldição, Cassandra, porque era ela, ergueu os braços.

O hábito negro caiu-lhe aos pés e ele viu a brancura resplandecente do seu corpo, esbelto como o corpo de Afrodite, saindo do túmulo ao fim de dez séculos.

Olhou uma derradeira vez para o crucifixo, e um ultimo pensamento de terror atravessou-lhe o cérebro como um relâmpago!

«A diabinha branca.» E foi como se o véu da vida se rasgasse na sua frente, desvendando-lhe o último segredo da união suprema.

Cassandra aproximou-se, prendeu-o nos seus braços e apertou-o contra o coração.

Caíram sobre o humilde leito do frade; Giovanni sentiu o frio virginal do seu corpo; sensação, ao mesmo tempo, agradável e terrível como a morte.

No dia seguinte de manhã, o frade encontrou-o estendido e inanimado.

IV

Uma noite de inverno, Leonardo estava sentado no seu quarto e ouvia os rugidos da tempestade. Pensava em Monna Lisa.

Pensava também na morte; e este pensamento, que o assediava cada vez com mais frequência, confundia-se com a recordação de Gioconda. De repente, alguém bateu à porta. Ergueu-se e abriu. Um jovem desconhecido, de cerca de dezanove anos, de olhos bondosos e alegres, com as faces rosadas pelo frio e flocos de neve ainda a derreterem-se nos anéis dos cabelos castanhos, entrou no quarto.

— *Messer* Leonardo! — exclamou — Não me reconheceis? Leonardo mirou-o com atenção e lembrou-se, de repente, do seu amiguinho Francesco Melzi, que conhecera menino, com sete anos de idade e com quem passeara pelos bosques de Vaprio.

Beijou-o com paternal ternura.

Francesco chegava de Bolonha, onde seu pai se fixara depois da invasão dos franceses em 1560, não tendo querido assistir à desonra e aos desastres da sua pátria. Ali, o ancião contraíra uma grave doença que devia durar muitos anos. Quando enfim morreu, Melzi apressara-se a correr em busca de Leonardo cuja promessa ainda não tinha esquecido.

— Que promessa? — perguntou o mestre.

— O quê? Não vos recordais? E eu que esperava!... Foi alguns dias antes da nossa separação, na aldeia de Mandello, junto ao lago de Lecco, no sopé da montanha. Tínhamos descido a uma mina, e vós, receando que eu caísse, tomastes-me nos braços. Quando eu soube que partíeis para a Romênia, a fim de entrar ao serviço de César Bórgia, comecei a chorar e quis sair de casa para vos seguir. Dissuadindo-me do intento, destes-me então a vossa palavra que, quando eu fosse crescido...

— Ah! Sim! Sim! Já me lembro! — interrompeu Leonardo alegremente.

— Até que enfim! Bem sei, *messer*, que não precisais de mim para nada. Mas eu não vos estorvarei. Não me mandeis embora! De resto, isso é-me indiferente porque eu não vos deixarei de maneira nenhuma; fazei de mim o que quiserdes, mas eu não vos abandonarei nunca mais! Quero ser vosso discípulo.

— Querido filho! — disse Leonardo, comovido.

Beijou-o novamente e Francesco fez-se pequenino contra o seu peito com a mesma confiada ternura, como quando era menino e Da Vinci lhe pegava ao colo.

V

Desde que Leonardo deixara Florença em 1507 e fora nomeado «pintor da corte ao serviço do rei de França Luís XII», nunca mais recebera os seus honorários, não podendo contar senão com algumas magras e fortuitas receitas. Tinham-no esquecido completamente, e ele não sabia tornar-se lembrado, com quadros entregues no momento oportuno, porque, com a idade, trabalhava cada vez menos e mais devagar. Como antigamente, estava sempre em precária situação e o seu orçamento cada vez mais embrulhado. Pedia emprestado a toda a gente suscetível de lhe poder valer e até aos próprios discípulos; nunca pagava as dívidas antigas, nem cessava de contrair outras novas.

Esperava pacientemente a sua vez nas antecâmaras dos Senhores, no meio dos outros pretendentes, e, à medida que a velhice se aproximava, «o pão do exilado parecia-lhe cada vez mais amargo, e as escadas dos amos e protetores, mais difíceis de subir». Enquanto Rafael, aproveitando a generosidade do papa, se tornara um opulento patrício romano, enquanto Miguel Ângelo amealhava economias para possíveis dias difíceis, Leonardo conservava-se como sempre fora, sem lar nem fortuna, e esperava a morte cheio de desalento.

Resolveu então deixar Milão e passar ao serviço dos Médicis. Morto o papa Júlio II, sucedeu-lhe Giovanni Médicis, com o nome de Leão X. O novo papa nomeara seu irmão Juliano, grande capitão e porta-estandarte da Igreja Romana, cargos exercidos outrora por César Bórgia. Juliano partiu para Roma e Leonardo acompanhou-o. Preparou-se para prestar ao novo senhor os serviços que já prestara a Ludovico, quando abandonou Lourenço, a César quando abandonou o Mouro, a Soderini quando deixou aquele e finalmente a Luís XII, com a mesma docilidade melancólica, peregrino eterno, continuando sempre a mesma viagem.

«Em 23 de setembro de 1513», notou no seu diário com o habitual laconismo, «parti de Milão para Roma acompanhada de Francesco Melzi, Salaino, César, Astro e Giovanni.»

CAPÍTULO XVI
Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo e Rafael
(1513-1515)

«Aos ultrajes opõe a paciência; esta é semelhante aos agasalhos que protegem o friorento. Quanto mais forte é o frio, mais quentes devem ser as tuas vestes: assim o frio não te afligirá. Faz o mesmo quando te ofenderem. Quanto mais dolorosa for a injúria, maior deve ser a tua paciência; e a afronta não te magoará.

Leonardo da Vinci.

I

Fiel às tradições da sua família, o papa Leão X soube fazer-se passar por um grande protetor das artes e das ciências. Ao receber a notícia da sua eleição, dissera a seu irmão Juliano de Médicis:

— Gozemos o poderio pontifical, visto ser essa a vontade de Deus!

E o seu bobo favorito, frei Mariano, acrescentou com uma seriedade filosófica:

— Comecemos, Santo Padre, por viver exclusivamente para os nossos prazeres, pois tudo o mais não passa de loucura!

O papa rodeou-se de poetas, de músicos, de pintores e de sábios. Qualquer medíocre artista, mas de inspiração fácil e fluente, podia contar junto dele com um bom lugar e uma proveitosa recompensa. Assim começou «o século de oiro» dos literatos, imitadores dos antigos, para quem a perfeição absoluta, quer dizer, a prosa de Cícero e a elegância de Virgílio, eram artigos de fé e objetos de culto.

«Pensar que os poetas modernos poderiam ultrapassar os antigos, é uma irreverência e uma impiedade!» diziam eles.

Os padres não se referiam a Jesus Cristo pelo seu nome, visto esse nome não se encontrar nos discursos de Cícero; as freiras tornaram-se Vestais, e o Espírito Santo era o sopro de Júpiter Olímpico. Pediram ao papa para contar Platão como um dos seus Santos.

O papa estimava muito os seus sábios e os seus artistas, mas preferia-lhes os bobos. Fez presente duma coroa de loiros a Coerno, o celebre poetastro, ébrio e glutão, e encheu-o de tantas benesses como as que conferia a Rafael Sanzio. Gastou enormes quantias em festins sumptuosos que oferecia àqueles que tinham conseguido captar-lhe as graças, mais ele próprio distinguia-se por uma grande sobriedade, visto a sua saúde não lhe permitir nenhum excesso. Uma doença incurável, uma fístula, minava o corpo deste epicurista. Uma chaga secreta, o tédio, roía-lhe a alma.

Para o seu jardim zoológico, mandava vir de países longínquos os animais mais raros; para a sua coleção de bobos, procurava os seres mais disformes, os monstros de aberrações mais cómicos, os loucos saídos dos hospícios. Mas nem as pessoas nem os animais conseguiam distraí-lo.

As festas e os ágapes deixavam-no indiferente; os divertimentos mais alegres não logravam animá-lo; nunca o seu rosto perdia a habitual expressão de fadiga e de tédio. A política era o único campo em que o seu carácter se manifestava verdadeiramente; era frio, cruel e perjuro, tanto como o próprio Bórgia.

No seu leito de morte, Leão X foi abandonado por todos, exceto pelo bobo favorito. Frei Mariano, homem bom e piedoso, o único que até ao fim lhe foi fiel. Foi ele que, ao ver o papa morrer como um pagão, lhe implorou, com os olhos rasos de lágrimas: «Pensai em Deus, Santo Padre, pensai em Deus!» Era um sarcasmo involuntário, mas o mais cruel com certeza que jamais atingiu o eterno zombador.

Alguns dias depois da sua chegada a Roma, na antecâmara do papa, Leonardo esperava a sua altura para se apresentar ao Pontífice. Não era a primeira vez que vinha, porque, mesmo para aqueles que Sua Santidade tinha prazer em receber, era muito difícil obter dele uma audiência. Depois de três horas duma espera improfícua, Leonardo retirou-se cheio de mágoa. Sabia que nesse mesmo dia o papa conversara demoradamente com o seu rival Miguel Ângelo.

II

Havia algum tempo que Leonardo sentia estranhos pressentimentos, que, no entanto, parecia-lhe, não assentavam em nenhuma base sólida. Os cuidados da sua vida, os insucessos na corte de Leão X e de Juliano de Médicis, não o perturbavam; tinha-se habituado. E contudo, os seus alarmes aumentavam; durante essa esplendorosa tarde de outono, sobretudo, ao voltar do Vaticano, sentia-se invadido por uma espécie de angústia, de temor duma desgraça iminente.

Nessa época, o artista morava, como no tempo de Alexandre VI, a poucos passos do Vaticano, por detrás da Basílica de S. Pedro, numa das dependências do Palácio da Moeda. O edifício, que dava para uma estreita passagem, era velho e sombrio. Depois da partida de Leonardo para Florença conservara-se muitos anos desabitado; a humidade tinha-o invadido e o seu aspeto era cada vez mais triste.

Leonardo entrou numa grande sala, de teto abobadado e paredes gretadas. As janelas abriam-se em frente do muro da casa vizinha, tão próximo, que, apesar da hora pouco adiantada da tarde, a quadra estava já escura.

A um canto, com as pernas cruzadas sob o corpo, estava sentado o entrevado mecânico, Astro. Aplainava umas tabuinhas e, como habitualmente, baloiçando o corpo, trauteava, entre os dentes, a sua canção monótona:

Crrroá, crrroá,
Voam os corvos,
Voam as águias,
Nos raios de sol,
Crrroá, crrroá...

Leonardo sentiu-se confrangido.

— Que tens tu, Astro? — perguntou carinhosamente, passando a mão pela cabeça do estropiado.

— Nada — respondeu este, contemplando o mestre com o seu olho único onde parecia brilhar um clarão de malícia. — Eu, nada, mas Giovanni... Ah! Foi melhor assim. Voou...

— O que dizes, Astro? Onde está Giovanni?

O artista sentiu de repente que os seus pressentimentos e angústias se referiam a Beltraffio.

Sem prestar mais atenção a Leonardo, o doente recomeçara a aplainar.

— Astro — disse o artista, segurando-lhe na mão, — Astro, amigo, vê se te lembras do que me querias dizer, vamos. Onde está Giovanni? Ouviste, Astro, quero vê-lo imediatamente!... Onde está ele? Que lhe aconteceu?

— Então ainda não sabeis? — perguntou o enfermo. — Está lá em cima... Muito longe... Muito

longe... Vai voando...

Parecia procurar as palavras e não as encontrava. Mas isso acontecia-lhe muitas vezes. Embrulhava as frases, misturava os termos...

— Então não sabeis? — repetiu tranquilamente. — Bem, vamos! Vou mostrar-vos. Mas não vos atemorizeis, foi melhor assim!

Ergueu-se custosamente e, coxeando, dirigiu-se para a escada cujos degraus rangiam sob os pés.

Subiram ao sótão.

O calor ali era sufocante. A palha e os detritos dos pássaros espalhavam um cheiro desagradável. Pela trapeira passava um raio de sol vermelho e empoeirado; quando entraram, um bando de pombos ergueu voo, num sussurro de asas.

— Ali — disse Astro, apontando tranquilamente para o fundo do sótão já escuro.

Leonardo divisou, sob uma das traves transversais, Giovanni, hirto, imóvel, os membros inteiriçados, os olhos desmesuradamente abertos que pareciam olhar com fixidez.

— Giovanni! — gritou Leonardo, com voz angustiada.

Precipitando-se para ele, viu o rosto do seu discípulo horrivelmente congestionado. Tocou-lhe na mão... estava gelada. O corpo oscilava, suspenso por uma forte corda de seda, das que o mestre empregava nos engenhos de voar. Esta fora passada numa argola de ferro, evidentemente colocada ali há pouco tempo. Ao lado do suicida via-se um bocado de sabão que lhe servira certamente para friccionar a argola.

Astro, recaído na sua inconsciência, aproximou-se da trapeira e olhou para fora.

A casa estava construída numa colina donde a vista se estendia sobre os tetos de telhas, as torres e os campanários, sobre a planície da campina romana, duma tonalidade esverdeada, ondulando como o mar, aos raios do sol poente. Os arcos negros dos aquedutos irrompiam aqui e ali, por entre a linha contínua das montanhas: Albano, Frascati e Rocca di papa. No céu puro perseguiam-se as andorinhas...

Astro contemplava com os olhos cerrados e um sorriso luminoso nos lábios, baloiçando o corpo e imitando com os braço os movimentos das asas:

Crrroá, crrroá. Voam os corvos. Voam as águias, Nos raios de sol, Crrroá, crrroá...

Crrroá, crrroá,
Voam os corvos,
Voam as águias,
Nos raios de sol,
Crrroá, crrroá...

* * * * * * * * * *

Leonardo quis fugir, chamar por socorro, mas não podia fazer um movimento. Conservou-se muito tempo imóvel, num torpor de pânico, entre os dois discípulos, um morto, o outro demente...

Alguns dias depois, arrumando os papéis de Beltraffio, o mestre encontrou um «diário» que leu atentamente. Na última página, datada do próprio dia do suicídio, havia a seguinte nota:

«Cassandra, a diabinha branca... vejo-a por toda a parte... sempre. Maldita seja! Cristo e o Anticristo reunidos... Mais vale morrer! Entrego a minha alma nas Tuas mãos, Senhor! Julga-me!»

III

Depois da morte de Giovanni, a permanência em Roma tornou-se-lhe insuportável.

A incerteza, a expectativa, a inatividade, tudo o irritava. As suas ocupações habituais, leituras, experiências, a mecânica, a pintura, só conseguiam inspirar-lhe repugnância. Não suportava as longas noites de outono, encerrado em casa, só, na companhia do pobre Zoroastro e da sombra de Giovanni, e ia muitas vezes a casa do embaixador de França, que se correspondia com Niccolo Maquiavel e lhe dava notícias deste.

O pobre Maquiavel continuava sempre desafortunado: nenhum dos seus empreendimentos chegava a resultado profícuo; o insucesso era constante e completo. Vivia na maior miséria e as suas cartas vinham cheias de lamentações a propósito de tudo e de todos.

Ao ler essas cartas, Leonardo compreendeu quanto Niccolo, apesar do contraste das naturezas de ambos, lhe era querido. Lembrou-se de Maquiavel ter profetizado que os seus destinos seriam sempre semelhantes, que toda a vida errariam sem lar nem fortuna, e que neste mundo só havia «lugar para a plebe». Com efeito a vida de Leonardo em Roma decorria sem glória, como a de Maquiavel: o mesmo tédio, a mesma solidão, a mesma inação forçada e torturante, a mesma consciência do génio e da impotência.

Leão X, sempre ocupado com os seus poetas e com os seus bobos, não arranjara ainda oportunidade para receber Leonardo. Para se desembaraçar dele, encarregou-o de aperfeiçoar a máquina que servia para a cunhagem da moeda papal. O artista, que não desdenhava qualquer trabalho, por mais modesto que fosse, desempenhou-se com êxito deste encargo e inventou uma máquina de onde as moedas saíam, não irregulares e franjadas como dantes, mas irrepreensivelmente redondas.

Os negócios iam de mal a pior, as antigas dívidas embaraçavam-no cada vez mais, e a maior parte dos seus ganhos era devorada pelo pagamento dos juros. Sem a intervenção de Francesco Melzi, que herdara do pai e o ajudava constantemente, Leonardo passaria fome.

No verão de 1514 adoeceu com a malária. Era a primeira vez que uma enfermidade grave o afligia. Não quis chamar médico nem tomar remédios. Apenas Francesco o tratava e Leonardo dedicava-se-lhe cheio de reconhecimento. Parecia-lhe que Deus lhe enviara aquela criança para que fosse o seu último amigo, o seu anjo da guarda, o amparo da sua desolada velhice. O artista sentia-se esquecido pelos grandes do mundo, e, de tempos a tempos, tentava ainda fazer-se lembrar, tendo escrito, durante a doença, a Juliano de Médicis, por diversas vezes, a pedir-lhe trabalho.

Só no outono se viu livre das febres, mas sentia-se ainda muito alquebrado. Uns poucos de meses tinham já decorrido sobre a morte de Giovanni, mas Leonardo, cada vez mais abatido, não o podia esquecer — parecia ter envelhecido uns poucos de anos! Um estado de angústia e uma fadiga mortal apossavam-se dele. Às vezes, com um resto de ardor, tentava qualquer ocupação — antes predileta, — as matemáticas, a anatomia, a pintura, ou retomava os seus estudos da máquina voadora; depressa porém se cansava e punha tudo de lado, para principiar outro trabalho, que a seguir abandonava por sua vez, cheio

de tédio. Nesses momentos, os mais tristes, procurava distrair-se fabricando brinquedos, objetos de cera, lagartos com asas, e outros prodígios.

Um dia, ouviu por acaso César de Sesto que dizia, ao reconduzir uns visitantes:

— E a isto chegámos... Agora, diverte-se fabricando brinquedos. O velho perdeu o siso, temos de reconhecer que o desgraçado caiu na segunda infância! Começou pelas asas humanas e acaba nos bonecos de cera! A montanha deu à luz um rato!

E acrescentou com um riso maligno:

— Não compreendo Sua Santidade: dizem que os bobos são o seu forte, e *messer* Leonardo seria para ele um verdadeiro tesouro. Nasceram um para o outro. Na verdade, devíeis fazer diligências, senhores, para que ele chamasse a si o meu mestre! Estou certo que este ficaria encantado.

Este gracejo estava mais perto da verdade do que parecia. Quando a notícia das engenhosas invenções de Leonardo chegou aos ouvidos do papa, Leão X sentiu tal desejo de as conhecer, que se declarou pronto a desculpar o ateísmo de Leonardo, e a afrontar o receio que ele lhe causava. Os cortesãos faziam compreender ao pintor que tinha chegado o momento oportuno, e que se apresentava finalmente a ocasião de poder fazer concorrência a Miguel Ângelo e a Rafael. Mas, como muitas vezes acontece, Leonardo desprezou esse conselho de sabedoria e não soube, ou não quis, aproveitar a ocasião e agarrar a Fortuna pelos cabelos.

Adivinhando instintivamente que César de Sesto era desleal com o mestre, Francesco advertia-o constantemente. Leonardo, porém, não queria acreditar.

— Deixa-o, não fales mais dele! — dizia, tomando o partido de César. — Tu não sabes como ele me estima, embora aparente detestar-me. É um desgraçado; mais desgraçado mesmo que...

Não acabou a frase, mas Melzi compreendeu o que ele queria dizer: «mais desgraçado do que Giovanni Beltraffio».

— Não me compete a mim julgá-lo. Quem sabe se o culpado não serei eu?

— Vós? Com César? — perguntou Francesco admirado.

— Sim, amigo. Tu não podes compreender. Eu julgo às vezes ter comigo um malefício e fazer a desgraça dos que de mim se aproximam. Parece-me que tenho «mau olhado».

E a seguir, depois dum momento de reflexão, acrescentou:

— Não te preocupes com ele, Francesco, nem receies nada! Ele não me trairá nem me deixará nunca. A sua revolta e a sua luta são anseios da sua alma, que aspira à liberdade; que se procura e força por encontrar-se. Deixemo-lo! Que o Senhor o ajude! Sei bem que, quando ele conseguir a vitória, voltará para mim, me perdoará e compreenderá como o estimo; e então lhe darei tudo o que possuo e lhe revelarei todos os segredos da arte e da ciência, para que ele os transmita ao mundo depois da minha morte!

Já durante o verão, enquanto Leonardo estivera doente, César desaparecia com frequência, semanas

inteiras. No outono, saiu um belo dia e não tornou mais a voltar.

Tendo notado a sua ausência, Leonardo interrogou Francesco. Este, confuso, baixou os olhos e respondeu que César partira para Siena, onde o chamara um negócio urgente. Francesco receava que o mestre quisesse também saber a razão por que César partira sem se despedir. Mas, fingindo acreditar na mentira, o mestre falou noutra coisa. Apenas os cantos da boca lhe estremeceram e se abaixaram nessa expressão de amargura desdenhosa que, cada vez mais frequentemente, lhe toldava o semblante.

Algumas semanas mais tarde, indo Leonardo e Francesco de passeio para os lados da ponte de Santo Ângelo, foram forçados a afastar-se para deixar passar um cortejo composto por meia centena de peões e cavaleiros, aparatosamente vestidos, que enveredavam pela estreita rua do Borgo Nuovo.

Leonardo olhou-os distraidamente, pensando que se tratava do séquito de qualquer grande senhor romano, cardeal ou enviado estrangeiro. Mas um dos jovens componentes do grupo atraiu-lhe a atenção. O seu trajo era mais rico que o dos companheiros e montava um soberbo cavalo branco, árabe, cujo bridão estava cravejado de pedras preciosas.

Pareceu ao artista ter já visto aquele rosto noutro sítio. De repente, lembrou-se dum adolescente franzino e pálido, vestido com um fato negro, puído, roto nos cotovelos, enodoado de verniz, que encontrara oito anos antes, em Florença, no claustro de Santa Maria Nuova, quando ali estivera exposto o seu quadro *Batalha de Anghiari*. Lembrava-se desse jovem se ter aproximado dele e lhe ter dito com um entusiasmo tímido: «Vós sois o maior mestre do mundo, *messer* Leonardo! Miguel Ângelo não é digno sequer de vos amarrar os sapatos!» E agora, esse principiante tinha-se tornado o rival feliz de Leonardo e de Miguel Ângelo: o «deus da pintura», Rafael Sanzio.

O seu rosto, então infantil, ingénuo e inexpressivo, tornara-se um pouco mais forte, flácido e pesado.

Saía do seu palácio do Borgo e dirigia-se ao Vaticano, a uma audiência do papa, rodeado, como de costume, de amigos, de discípulos e de admiradores. Nunca saía de casa sem uma escolta de honra, constituída por meio cento de homens, de tal maneira que cada uma das suas deslocações parecia uma marcha triunfal. Rafael reconheceu Leonardo, corou, e, com um respeito quase exagerado, descobriu-se e saudou-o.

Alguns dos seus discípulos que não conheciam Da Vinci, voltaram-se admirados para contemplar esse velho, vestido mais que modestamente, que se afastava para lhes dar lugar e que o «divino» saudava com tal respeito.

Sem se preocupar com mais ninguém, Leonardo contemplava estupefacto — não querendo acreditar nos seus olhos — um homem que seguia ao lado de Rafael no meio dos seus discípulos mais solícitos: César de Sesto.

Subitamente, compreendeu então a ausência de César, a mentira ingénua de Francesco e os seus receios. Este último discípulo em quem depositara as suas esperanças acabara por traí-lo.

IV

O papa, acedendo às instâncias de seu irmão Juliano, encomendou a Leonardo um pequeno quadro.

Segundo o seu costume, o artista não se apressou, adiando de dia para dia a execução do trabalho. Fazia experiências preliminares, ocupava-se do aperfeiçoamento das tintas e da invenção duma nova laca para esta obra.

Ao conhecer esta notícia, Leão X exclamou com fingido desespero:

— Nunca faremos nada com este original! Preocupa-se com o acabamento do trabalho, antes de o ter principiado!

Os cortesãos ouviram este gracejo e espalharam-no por toda a cidade. A sorte de Leonardo estava comprometida. Leão X, grande conhecedor de coisas de arte, pronunciara a sua sentença. Daí para o futuro, Pedro Bembo, Rafael, o anão Baraballo e Miguel Ângelo, podiam dormir sobre os seus louros: o seu rival deixara de existir. E todos, como se se tivessem conluiado entre si, desviaram-se dele e riscaram-no da sua memória como quem olvida um morto. Esta sentença do papa chegou aos ouvidos de Leonardo; ouviu-a, porém, com a mesma indiferença que se a tivesse previsto.

Leonardo mudara muito nos últimos tempos. As suas feições mostravam-se fatigadas e envelhecidas. Os cabelos, já grisalhos, com tonalidades amareladas, tornavam-se raros no alto da cabeça, descobrindo uma fronte austera, sulcada de profundas rugas. Na nuca eram ainda espessos e sedosos e juntavam-se sob a face, numa longa barba ondulada e também grisalha.

Os olhos azuis, encovados sob as espessas sobrancelhas, conservavam a sua expressão penetrante; o olhar era ainda vivo e agudo. Mas não era já uma energia indomável, uma vontade sobre-humana que se refletia naquela nobre fisionomia: era um abatimento profundo, uma fadiga infinita. Nas pregas das faces cavadas, no lábio inferior um pouco proeminente, nos cantos rebaixados da boca fina, traía-se uma amargura desdenhosa, uma invencível repugnância. Era ainda Prometeu, mas um Prometeu resignado, velho, quase caduco.

Francesco observava-o muitas vezes, e um sentimento de piedade e de mágoa invadia todo o seu ser.

V

No primeiro de janeiro de 1515, morreu o rei de França, Luís XII. Não tendo filhos, tinha designado como herdeiro o seu mais próximo parente, Francisco de Valois, que tomou o nome de Francisco I.

Logo após a sua coroação, o jovem monarca decidiu empreender a conquista da Lombardia. Com uma rapidez incrível atravessou os Alpes, apareceu de repente na Itália, e depois da vitória de Marignan entrou triunfalmente em Milão.

Pouco mais ou menos nessa época, Juliano de Médicis partiu para a Saboia. Vendo que nada lhe restava já a fazer em Roma, Leonardo resolveu tentar fortuna junto do novo rei, e no outono desse ano partiu para Paris, onde se encontrava a corte de Francisco I.

Os vencidos organizavam festas em honra dos vencedores. Leonardo foi convidado para fazer parte da comissão que organizava esses festejos e admitido, na qualidade de mecânico, graças à recordação, que perdurava na Lombardia, dos seus êxitos na corte de Ludovico.

Construiu um leão automático, que numa dessas festas devia atravessar toda a sala, parar diante do rei, erguer-se nas patas traseiras e, abrindo o peito, deixar cair aos pés de Sua Majestade um feixe de lírios de França.

Este brinquedo foi mais decisivo para a sorte de Leonardo que todas as suas outras obras, invenções e descobertas.

Francisco I atraía, à sua corte os sábios e os pintores italianos, e, como o papa não deixasse sair nem Rafael nem Miguel Ângelo, o rei convidou Leonardo, oferecendo-lhe setecentos «escudos» por ano e o pequeno castelo de Cloux, na Touraine, ao pé de Amboise.

O artista aceitou, e, com sessenta e quatro anos, o eterno exilado deixou novamente a sua pátria, desta vez sem esperança de regresso, mas sem saudades. Levou consigo o seu velho servidor Villanico, a criada Mathurina, Francesco Melzi e Zoroastro de Peretola.

VI

Naquela época do ano era muito difícil viajar no Piemonte. A estrada seguia o vale dum afluente do Pó e atravessava a seguir um desfiladeiro estreito entre o Monte Thabor e o Monte Cenis.

Os viajantes saíram da aldeia de Bordonecchia, de manhã muito cedo, a fim de chegarem a esta passagem ainda de dia.

As mulas de tiro e de sela subiam o estreito atalho que ladeia o precipício, batendo o solo com as ferraduras e fazendo tilintar os guizos.

Em baixo, nas planícies voltadas ao sul, anunciava-se já a primavera, enquanto nas alturas reinava ainda o inverno. Mas naquela atmosfera seca, rarefeita e calma, o frio não era desagradável. Ao fundo, emoldurados, no céu pálido, brilhavam os picos nevados dos Alpes.

Numa das voltas do caminho, Leonardo, no desejo de ver de perto as montanhas, afastou-se só com Francesco e começou a subir a uma altura vizinha, donde melhor podia ver os cumes resplandecentes.

O som dos guizos perdeu-se a pouco e pouco, na distância. No meio do profundo silêncio da montanha, os viajantes não ouviam mais que o ruído do próprio coração, e às vezes o estrondo surdo e prolongado dum desabamento, semelhante a um trovão, repetido pelos ecos das montanhas.

Iam subindo sempre, Leonardo apoiado ao braço de Francesco.

— Olhai, olhai, *messer* Leonardo — exclamou Melzi, apontando o abismo que se lhe abria aos pés, — lá está outra vez a planície de Doria-Riparia! É naturalmente a última vez que a vemos. Quando formos atravessando o desfiladeiro, temos que dizer-lhe adeus para sempre.

— Além, é a Lombardia, a Itália! — acrescentou com voz comovida.

Os olhos brilhavam-lhe de emoção e de tristeza.

Repetiu ainda mais baixo:

— Pela última vez!...

O mestre voltou-se para o lado que Francesco lhe indicava, para o lado da sua pátria, mas o seu rosto conservou-se indiferente. Mantinha-se hirto, silencioso, o olhar cravado nas neves eternas do Monte Thabor, do Monte Cenis e da Rocchia Melone.

No céu claro, as alturas nevadas brilhavam e erguiam-se como uma muralha gigantesca que Deus tivesse construído para separar os dois mundos.

O rosto pálido de Leonardo iluminava-se ao seu reflexo, — sorria como elas. Contemplando essas massas luminosas e o céu límpido, pensava em Gioconda e na morte, dois pensamentos entre os quais,

habitualmente, não fazia distinção.

CAPÍTULO XVII
A morte — O precursor alado

As tuas asas são semelhantes às dos anjos

Inscrição num ícone de S. João Batista.

Há de ter asas!

Leonardo da Vinci.

I

Em pleno coração da França, nas margens do Loire, erguia-se o castelo real de Amboise. À tarde, quando os últimos reflexos do sol se extinguiam no rio deserto, as muralhas construídas de pedra da Touraine, dum branco doirado, tomavam ao crepúsculo as tonalidades pálidas da alga marinha, e todo o castelo se esfumava no ar, leve como uma visão, aéreo como uma nuvem.

Em roda das suas torres aglomeravam-se os tetos pontiagudos de Amboise, cobertos de ardósias negras, lisas e brilhantes, com altas chaminés de tijolo. As ruas tortuosas, estreitas e sombrias, tinham um aspeto medieval; as cornijas, as gárgulas, os cantos das janelas, estavam cheios de esculturas representando ventrudos frades folgazões, calçados de botas altas, com cabaças e rosários; clérigos, juízes, graves doutores em Teologia e burgueses cautelosos e desconfiados, oprimindo contra o peito as escarcelas repletas. Personagens em tudo semelhantes a estas esculturas, passavam nas ruas da cidade; tudo respirava a fartura duma burguesia limpa, fria, devota e praticando uma economia vizinha da avareza.

Quando o rei chegava a Amboise para caçar, a pequena cidade animava-se, ouviam-se os ladridos dos cães, o tropear dos cavalos, os ruídos das trompas; as vestes dos cortesãos cintilavam; à noite, o castelo resplandecia de luzes.

Depois, partido o rei, Amboise recaía no seu marasmo; apenas aos domingos, as burguesas, com coifas de renda branca, se dirigiam à missa. Durante a semana a cidade parecia morta: nenhum passo humano, nenhuma voz ressoava na rua, — apenas o grito das andorinhas pairando sobre a torre do castelo ou no fundo de escura oficina, o murmúrio da roda na banca dum torneiro, perturbavam esta quietação. Nas tardes de primavera quando a frescura dos plátanos enche os jardins dos arrabaldes, os rapazes e as raparigas brincavam com a seriedade e a compostura de pessoas crescidas; davam-se as mãos e dançavam bailes de roda ao som duma velha canção a S. Dinis, protetor da França.

A sudeste do castelo e a cerca de dez minutos de marcha deste, no caminho para o moinho de São Tomás, seguia-se um outro castelo mais pequeno, o castelo de Cloux, que pertencera outrora a um gentil-homem da corte de Luís XI.

Uma alta muralha dum lado, uma ribeira do outro, limitavam este domínio. Diante da casa, um prado húmido estendia-se até à beira; à direita erguia-se o pombal; os olmeiros e as nogueiras entrelaçavam os seus ramos, e, na sombra que deles caía, a água, apesar do seu rápido curso, parecia imóvel e estagnada como a água dum poço ou dum pântano.

Através da folhagem dos olmeiros e dos castanheiros, desenhavam-se os muros do castelo, construído em tijolos róseos, com uma orla ameada em pedra de Touraine, que enquadrava os ângulos das fachadas, as janelas em ogiva e as portas. A pequena edificação restaurada quarenta anos atrás, parecia nova, vista do exterior, e tinha um aspeto alegre e hospitaleiro.

Foi neste castelo que Francisco I instalou Leonardo da Vinci.

II

O rei acolhia sempre Leonardo com ternura, conversava muito tempo com ele acerca dos seus trabalhos passados e futuros e tratava-o respeitosamente por «mestre» e «pai».

Leonardo propôs-lhe reconstruir o castelo de Amboise e cavar um enorme canal que iria transformar a província vizinha, a pantanosa Sologne deserta, estéril e insalubre, num jardim florido. Este canal devia reunir as águas do Loire e do Saône em Mácon, e unir, pela província de Lião, o coração da França, a Touraine, com a Itália, abrindo um novo caminho desde a Europa setentrional até às costas do Mediterrâneo. Era assim que Leonardo sonhava prodigalizar a um país estrangeiro os benefícios duma ciência que a sua pátria lhe desprezara.

Uma vez, percorrendo a região, entrou em Loches, cidadezinha nas margens do Indre, rodeada de férteis pastagens e de magníficos bosques. Fora ali que, no torreão dum velho castelo real, Ludovico, o Mouro, duque da Lombardia, estivera recluso durante oito anos e onde acabara por morrer. Um velho carcereiro contou a Leonardo como o Mouro tentara uma vez fugir, escondendo-se numa carroça, debaixo duns feixes de palha de centeio; por não conhecer o caminho, porém, perdera-se num bosque vizinho, e, perseguido, fora na manhã seguinte descoberto e recapturado.

O duque de Milão passou os últimos anos da sua vida em meditações devotas, em preces e nas leituras de Dante, o único livro que lhe fora permitido trazer de Itália. Aos cinquenta anos parecia um velho caduco. Raras vezes, quando até ele chegavam os rumores dos sucessos e das convulsões políticas da sua pátria, os olhos brilhavam-lhe com o fogo de outrora. Em 17 de maio de 1508, após uma curta doença, extinguiu-se suavemente.

Segundo as narrativas do carcereiro, o Mouro inventara, alguns meses antes de morrer, uma estranha distração: pedira pincéis e tintas e tinha começado a pintar as paredes e as abóbadas da prisão. Leonardo encontrou numa muralha a seguinte inscrição composta pelo duque num péssimo francês:

Je porte en prison pour devise que je m'arme de patience par force de peines que l'on me fait porter.

Uma outra inscrição ocupava todo o teto; começava por enormes letras góticas de três côvados de altura:

* * * * *

Depois, como o espaço lhe faltasse, continuou em letras mais pequenas e muito apertadas: «*Net pas contan...*»

Ao meditar na sorte do infeliz duque, Leonardo recordou-se do que, outrora, um viajante regressado de Espanha lhe tinha contado acerca da ruína dum outro seu protetor, César Bórgia.

Por traição do papa Júlio II, sucessor de Alexandre VI, César caíra em poder dos inimigos. Levado

para Castela, fora encerrado na torre de Medina del Campo, donde conseguira fugir com risco da vida.

Chegara a Pamplona à corte do seu cunhado o rei de Navarra, e ficara ao serviço deste como «condottière». Assim que em Roma se teve notícia da fuga de César, o terror espalhou-se por toda a Itália. O papa tremia. A cabeça de César foi posta a preço — dez mil ducados.

Uma tarde de inverno de 1507, numa escaramuça com os mercenários franceses de Beaumont, junto das muralhas de Viana, César, precipitando-se no meio das fileiras inimigas, viu-se abandonado dos seus e caiu trespassado de golpes. Os mercenários, seduzidos pela elegância das suas vestes e da sua armadura, arrancaram-lhas e abandonaram o cadáver completamente nu no fundo duma ravina.

Durante a noite, os navarros saíram da fortaleza e descobriram o corpo. O rosto do morto, voltado para o céu, tinha um aspeto soberbo; via-se que aquele homem morrera da mesma maneira que tinha vivido: sem medo nem remorsos.

A duquesa de Ferrara, Lucrécia Bórgia, chorou o irmão durante toda a sua vida. Quando morreu encontraram-lhe no corpo um cilício.

A jovem viúva de César, a princesa Charlotte d'Albret, que, durante os poucos dias que viveram juntos, se lhe tinha dedicado completamente, votou-lhe até à morte um amor fiel. Encerrou-se voluntariamente numa reclusão perpétua, no castelo de La Motte-Feuilly, não abandonando os aposentos forrados de veludo negro senão para percorrer os lugares vizinhos dando esmolas e pedindo aos pobres que rezassem pela alma de César.

Os vassalos do duque de Romênia, pastores meio selvagens das gargantas dos Apeninos, conservaram durante muito tempo uma lembrança reconhecida do seu príncipe; fizeram dele um deus, o restaurador da justiça na terra. Os músicos mendigos iam pelas vilas e aldeias repetindo a «triste endecha do duque de Valentinois» onde havia este verso:

Fe cose estreme, ma senza misura.

As vidas destes dois homens, César e o Mouro, cheias de feitos tão brilhantes, passaram como uma sombra sem deixar vestígios. Leonardo, ao compará-las com a sua própria, considerava-a menos estéril e isso servia de lenitivo às suas amarguras.

III

A reconstrução do castelo de Amboise e projeto do canal da Sologne terminaram como quase todas as empresas deste género.

Convencido, pelos seus conselheiros, da impossibilidade de executar os tão arrojados projetos de Leonardo, o rei esfriou a pouco e pouco nos entusiasmos que estes a princípio lhe causaram e acabou por se esquecer deles completamente. O artista compreendeu que não devia contar demasiado com a boa vontade de Francisco I. Tal qual o Mouro, César, Lourenço de Médicis e Leão X, também este o abandonava no meio dos seus empreendimentos. A sua derradeira esperança, de ser enfim compreendido e poder dar ao mundo uma parte, ainda que pequena, de tudo quanto durante a sua vida acumulara em si de conhecimentos e de poder realizador, mostrava-se mais uma vez ilusória; resolveu abandonar a partida, refugiar-se para sempre no isolamento e abster-se definitivamente de toda e qualquer ação.

Na primavera de 1517, Leonardo voltou ao castelo de Cloux, doente e combalido pelas febres contraídas nos pântanos da Sologne. No verão melhorou; nunca, porém, a partir dessa época, recuperou verdadeiramente a saúde.

A célebre floresta de Amboise vinha quase até junto das muralhas do castelo, na outra margem do rio.

No verão, todos os dias, depois da refeição, Leonardo saía apoiado ao braço de Francesco Melzi, pois que se encontrava ainda muito fraco; por um estreito atalho, deserto, penetravam no bosque e sentavam-se nuns rochedos. O discípulo deitava-se na relva, junto do mestre, e lia-lhe Dante, a Bíblia, ou qualquer filósofo da antiguidade.

Em roda, tudo estava tranquilo e silencioso; apenas algum pássaro soltava às vezes a sua queixa melancólica.

Um dia, o discípulo, erguendo os olhos, viu o mestre mergulhado numa estranha imobilidade: parecia escutar o silêncio, olhava o céu, as folhas, as pedras, as ervas, os musgos, como a dizer-lhes o último adeus antes da separação eterna.

Pouco a pouco, o torpor que como um sortilégio emanava do silêncio, apoderou-se também de Francesco e este sentiu-se confrangido. Contemplou Leonardo; um pressentimento doloroso e uma grande piedade invadiram-no. Timidamente, sem pronunciar uma palavra, apoiou os lábios sobre a mão do artista.

O mestre acariciou-lhe enternecidamente a cabeça, como o faria a uma criança assustada, e essa carícia era tão melancólica que Francesco se sentiu ainda mais comovido.

Nesse dia, o pintor começou um quadro extraordinário representando o deus Baco, quadro que nunca terminou; abandonou-o por um outro ainda mais extravagante: *João, o Precursor*.

Trabalhou nele com tal obstinação e febre que dir-se-ia pressentir a aproximação do fim e recear que as forças, que sentia diminuir quotidianamente, o não deixassem terminar essa última criação onde tentava exprimir o segredo mais íntimo da sua vida, aquele que até ali escondera não só aos homens como a ele próprio.

O fundo do quadro lembrava a obscuridade daquela Caverna onde nasciam o medo e a curiosidade e de que ele falara outrora a Monna Lisa Gioconda. Mas essa obscuridade que ao princípio parecia impenetrável, ia-se tornando tão transparente, à medida que o olhar nela penetrava, que as mais negras sombras se fundiam por fim numa espécie de claridade. E, por um milagre de arte, o rosto e o corpo nu do Adolescente, duma rara beleza, talvez feminina, ou semelhante a uma ilusão, surgia dessas trevas!

IV

Na primavera de 1517 realizaram-se em Amboise solenes festividades pelo nascimento dum filho de Francisco I. O papa, convidado como padrinho, enviara para o representar seu sobrinho Lourenço de Médicis, duque de Urbino, irmão de Juliano e noivo duma princesa de França, Madalena, filha do duque de Bourbon.

Entre os convidados de diversas potências europeias, era esperado para estas cerimónias o embaixador da Rússia, Nikita Karatcharov, que devia vir de Roma, onde se encontrava representando o grão-duque na corte de Sua Santidade.

Havia muito tempo já que Leão X entabulara relações com o soberano de Moscovo, Vassili Ivanovitch; contava fazer dele um poderoso aliado na Liga dos Estados europeus contra o sultão Selim que, engrandecido pela conquista do Egito, sonhava com a invasão da Europa. O papa acalentava além disso um outro projeto: a união das Igrejas; e, se bem que o grão-duque nada tivesse feito ainda para justificar esta esperança, Leão X enviara como seus legados a Moscovo dois dominicanos, os Irmãos Schomberg. O Pontífice Romano comprometia-se a respeitar as cerimónias e os dogmas da Igreja oriental, se Moscovo concordasse em reconhecer a supremacia espiritual de Roma; prometia confirmar um Patriarca russo independente, conferir ao grão-duque uma coroa real, e, se Constantinopla fosse conquistada; ceder-lhe esta cidade. O grão-duque, reconhecendo as vantagens de estar nas boas graças do papa, enviara-lhe por sua vez dois embaixadores, Dmitri Gerassimov, um erudito e diplomata de grande valor, e Nikita Karatcharov, aquele mesmo que vinte anos antes tinha assistido, em Milão, na companhia de Danilo Marmirov, às festas do século de oiro, e conversava com Leonardo a respeito da Rússia.

A missão principal da embaixada russa a Roma vinha indicada nas instruções do grão-duque, da seguinte forma: «Enviar a Moscovo um homem competente para a exploração de minas, alguns arquitetos, um perito no manejo de artilharia, um pedreiro apto a construir palácios, um bom ourives cinzelador, um médico e um organista.»

O escriba principal de Karatcharov era o empregado da chancelaria, Ilia Copila, um velho de sessenta anos, que tinha às suas ordens dois escribas menores, Eustáquio Gagar e o seu sobrinho, Fedor Rudometov, «Fedka», como familiarmente lhe chamava.

Unia-os aos três um comum amor pela arte da imaginária: Fedor e Eustáquio eram nela dois mestres reputados e Ilia Copila um erudito conhecedor.

Filho duma pobre viúva que confecionava as hóstias para a Igreja da Anunciação de Ouglitch, Eustáquio fora recolhido, quando por morte de sua mãe ficara órfão, em casa dumas almas caridosas que o tinham mandado como aprendiz para uma oficina de iluminista. Tendo passado por todos os graus da iniciação, a começar pelo humilde lugar de moço que levava a água aos compositores das tintas, chegara enfim a desenhador e, graças à sua vocação natural, alcançara uma tal segurança nesta arte que fora convidado para ir a Moscovo decorar o palácio do patriarca.

Fora ali que travara relações de amizade com Fedor Rudometov, outro jovem pintor imaginário, que

trabalhava no palácio.

Um rico senhor de Moscovo, espírito liberal e civilizado, que vira trabalhar estes artistas, testemunhou-lhes o seu apreço e interesse, e, persuadido que uma viagem ao estrangeiro lhes seria de grande proveito, arranjara-lhes os empregos na Embaixada.

Ainda em Moscovo, em casa do seu protetor, no meio dos objetos preciosos vindos de além-mar, entre os livros proibidos e as conversações heréticas acerca das doutrinas judaizantes, a crença de Fedor se sentira abalada. No estrangeiro, as maravilhas vistas nas cidades italianas de Veneza, de Milão, de Roma e, finalmente, de Florença, tinham acabado por lhe dar volta à cabeça e vivia num estado de constante deslumbramento. Visitava com o mesmo interesse as baiúcas dos jogadores, as bibliotecas, as antigas catedrais e os antros mal-afamados. Chegara a um tal estado de heresia que, não se contentando já com a «sofística estrangeira», professava ainda as mais avançadas teorias dos filósofos russos; por exemplo, as dos partidários dos heréticos que pretendiam que Jesus Cristo ainda não tinha nascido e que, quando tal sucedesse, o Filho do Homem não o seria por virtude da própria substância, mas sim por efeito da graça divina. Professava igualmente, «que se não devem adorar as imagens, a cruz e o cálice».

A vida e os costumes dos países estrangeiros eram para Eustáquio Gagar motivos da mesma curiosidade e admiração que para o seu companheiro Fedor. Às opiniões heréticas deste não atribuía demasiada importância, antes as considerava mais como sinais de atrevimento e de orgulho, do que como impiedades verdadeiras. Eustáquio pedia a Deus forças e raciocínio suficientes para «separar o joio do trigo, o bem do mal, e encontrar o caminho da verdadeira filosofia», sem se afastar da crença dos seus pais, como Fedor, mas também sem rejeitar sistematicamente tudo quanto era estrangeiro, como Ilia Copila. E, apesar das terríveis dificuldades desta tarefa, uma voz secreta dizia-lhe que ela era santa e que Deus o ajudaria a realizá-la.

Um dos embaixadores russos que se encontravam em Roma — Nikita Karatcharov, — partiu para Amboise a fim de assistir ao batismo do Delfim recém-nascido. Era portador dos presentes do grão-duque ao rei Francisco I: uma peliça de cetim vermelho bordada a oiro e forrada de arminho, uma outra peliça forrada de castor, uma terceira, de marta, seiscentas peles de martas zibelinas e raposas azuis e uma infinidade de pássaros raros.

Entre os escribas e secretários de embaixada, iam Nikita, Ilia Copila, Fedor Rudometov e Eustáquio Gagar.

V

No fim de abril de 1517, uma manhã muito cedo, o guarda florestal do rei viu, na estrada real que atravessa a floresta de Amboise, alguns cavaleiros tão extravagantemente vestidos e falando uma língua tão rara, que se deteve e os ficou seguindo muito tempo com os olhos, sem lograr compreender se seriam turcos, enviados do Grão-Mogol, ou do próprio Prestes João, que vivia lá no fim do mundo, nas regiões em que o céu se juntou com a terra.

Mas não eram nem turcos nem delegados do Grão-Mogol ou do Prestes João. Eram representantes dessa raça feroz «de la gent bestiale», como dizia Contarini, oriundos duma região mais bárbara que o fantástico país de Gog e de Magog: os russos da embaixada de Nikita Karatcharov. Os fatos que tanta admiração tinham causado ao guarda florestal eram as vestes de cerimónia ordinariamente usadas nas festas russas: os casacos de escarlate, os cintos, as botas de marroquim vermelho, chegando até acima dos joelhos e com as biqueiras reviradas à moda tártara, os turbantes duma altura desmesurada, bordados a pérolas e forrados de marta zibelina.

Um comboio de pesados carroções com a criadagem da embaixada e os presentes destinados ao rei, fora enviado à frente. Fedor acompanhava-o, montado num fogoso cavalo picarço.

Era tão alto, que os transeuntes na rua o olhavam com espanto. Tinha um rosto de maçãs largas, chato e bronzeado, cabelos negros como o azeviche, olhos dum azul pálido e um olhar indolente e ao mesmo tempo cheio de insaciável curiosidade; essa expressão contraditória e instável, peculiar aos eslavos, mistura de timidez e de insolência, de simplicidade e de malícia, de tristeza e atrevimento.

Fedor escutava a conversa de dois companheiros, também ao serviço da embaixada, que discreteavam acerca dos hábitos da vida no estrangeiro.

Adiante, a uma certa distância dos carroções, seguiam, também a cavalo, Ilia Copila e Eustáquio Gagar.

O rosto de Ilia era carrancudo, severo, com a barba e os cabelos brancos; tudo nele respirava uma gravidade calma, mas, nos olhos pequenos, esverdeados e lacrimosos, brilhava às vezes a malícia irónica e certo espírito de intriga.

Eustáquio era homem duns trinta anos, mas tão débil e franzino que de longe dir-se-ia um adolescente. Usava uma barbicha talhada em bico. O rosto era incaracterístico, insignificante, um desses rostos que se não fixam. Muito raramente, quando se animava, a expressão dum sentimento profundo parecia iluminar os seus olhitos pardos.

Por algumas palavras soltas que lhe chegaram aos ouvidos, pareceu a Fedor que Gagar e Copila, que iam à sua frente, falavam acerca da pintura de imagens; esporeou o cavalo para os alcançar e ouvir o que diziam.

— Hoje em dia — dissertava Ilia Copila, — imprimem as imagens dos santos em folhas de papel e

copiam sem vergonha as pinturas latinas da decadência. Com modelos dessa ordem, os iluministas pintam a Santa Mãe de Deus com a cabeça descoberta e os cabelos frisados...

— E porque não, paizinho? — replicou Fedor, com uma intonação de fingido respeito e depois de se ter refrescado com alguns golos da sua cabaça. E acrescentou, dissimulando uma intenção provocante: — Não pretenderás, com certeza, que apenas os russos saibam pintar imagens! Com que direito podemos nós condenar a arte estrangeira, se esta nos apresenta obras tão santas e tão belas como os modelos?

— Não compreendes nada! — interrompeu Copila, franzindo os sobrolhos. — Estás a dizer coisas proibidas e cheias de maldade.

— Proibidas porquê, pombinho?

Fedor mostrava-se ofendido.

— Porque é preciso não transgredir os limites eternos! Aquele que louva e respeita uma crença estrangeira ofende implicitamente a sua própria.

— Mas quem fala aqui em crença, paizinho?!

E Começou então um arrazoado em que pretendia demonstrar que as imagens feitas na Rússia eram diferentes de cidade para cidade, da mesma maneira que os originais dos antigos pintores diferentes uns dos outros. Onde estaria então a verdade? Por outro lado, nem todos os santos são semelhantes: uns são magros, outros gordos. Onde procurar os modelos? Não, — o pintor não deve limitar-se a copiar cegamente, mas ter sensibilidade e respeitar a sua inspiração!

Fedor falava com uma eloquência um pouco presumida mas ao mesmo tempo com o entusiasmo dum sentimento sincero.

Eustáquio calava-se. O brilho dos seus olhos denunciava a atenção e a avidez com que escutava.

— A tradição dos Santos Padres — continuou Ilia em tom solene, — diz que, segundo Deus, o que é santo é também belo...

— E o que é belo é também santo — retorquiu Fedor, — o que vem a dar na mesma, paizinho.

— Não, não é a mesma coisa! — exclamou o velho, agastado. — Há uma beleza que é de origem demoníaca.

Voltou-se para o sobrinho e olhou-o com ferocidade; sentia vontade de o desancar com um bastão nodoso que era habitualmente o seu supremo argumento. Mas Fedor susteve-lhe o olhar sem baixar os olhos, e então Copila ergueu o braço direito e, como quem pronuncia uma maldição contra o Espírito impuro, exclamou:

— Que o Céu te confunda, maldito! Morras tu, e as tuas astúcias, contigo! Cristo é o meu Salvador, a minha Luz, a minha, alegria e força indestrutível!

Os cavaleiros estavam chegados à orla do bosque. Deixando à esquerda a muralha do castelo de Cloux, entraram na cidade de Amboise.

VI

A embaixada russa ficou alojada em casa do notário real, mestre Guilherme Borreau, perto da torre do relógio; era esta a única casa ainda devoluta na cidade, já completamente cheia de estrangeiros.

Eustáquio e os camaradas tiveram de se contentar com um pequeno quarto, uma espécie de sótão. Aí, no vão da trapeira, o jovem imaginário instalou uma pequena banca, pregou uma prateleira na parede onde colocou as pranchetas de iluminar, os frascos da cola transparente e os cadinhos de barro, cheios de oiro líquido, arranjou uma armação de madeira coberta de feltro, que lhe servia de leito, e suspendeu à cabeceira a imagem da Virgem de Ouglitch.

O aposento não era espaçoso, mas era claro e alegre. Da janela, por entre os tetos e as chaminés, a vista espalhava-se sobre o Loire, verde, sobre os prados distantes e os cimos azulados das florestas.

Uma tarde, alguns dias após a sua chegada a Amboise, Eustáquio estava sentado, sozinho, à sua banca; os seus companheiros tinham ido ao castelo assistir a um torneio dado em honra do duque de Urbino.

Tudo estava tranquilo, ouvia-se apenas, cá fora, sob a janela, o arrulhar dos pombos, o murmúrio sedoso das suas asas, e, às vezes, um carrilhão discreto dar as horas na torre vizinha.

Eustáquio lia o seu livro preferido, livro sabido já de cor: o *Manual do Imaginário*, código de sucintas formas, dispostas pela ordem dos dias e dos meses, acerca da maneira de representar os santos.

A discussão entre Fedor e Ilia, ouvida durante a travessia do bosque, despertara nele um sentimento inquietante há muito oculto no seu subconsciente e que tudo quanto vira no estrangeiro mais reforçara. Procurava uma solução nas páginas do seu manual. Leu a passagem referente ao martírio de Santa Catarina de de S. Filareto que, nos limites da senectude, ainda eram belos e tinham «as faces rosadas como maçãs».

Parecia a Eustáquio que Fedor tinha razão, que «os rostos dos santos deviam ser luminosos e jucundos, porque Deus está nimbado de beleza» e tudo quanto é belo vem de Deus. Voltou algumas páginas e então leu o seguinte:

«O dia 9 de novembro é consagrado à memória de Santa Teoctista de Lesbos: um caçador encontrou-a no deserto e ofereceu-lhe a capa para lhe cobrir a nudez. A santa estava de pé, na sua frente, terrível, sem nenhuma aparência humana; os olhos perdidos no fundo das órbitas davam ao seu rosto a expressão duma morta há muito tempo enterrada; respirava a custo e mal se lhe ouvia a voz. Nada nela denunciava a beleza humana.»

«Portanto — pensou Eustáquio, — nem tudo quanto é santo é belo; sob uma forma horrenda pode ocultar-se uma alma angelical.»

Pôs de lado o livro e pegou noutro; era um antigo livro de salmos, escrito em Ouglitch, em 1485.

Fora neste manuscrito que ele aprendera a ler e sempre sentira profunda admiração por aquelas imagens simples e mal gravadas que comentavam os salmos.

Desde a sua saída de Moscovo que o não folheara. Agora, depois de ter visto as variadíssimas esculturas antigas dos palácios e das praças de Florença, de Roma e de Veneza, estas imagens tão conhecidas desde a meninice tomavam aos seus olhos um sentido novo e imprevisto: compreendia que aquele homem vestido de azul, vazando a água da sua ânfora inclinada, era o deus dos rios; a mulher deitada no chão, no meio das ervas, era Ceres, a deusa das searas; o adolescente, cingido duma coroa real e entronizado num carro atrelado a fogosos cavalos ruivos, era Apolo; e o velho barbudo a cavalo num monstro verde, ao lado da mulher nua, era Neptuno com uma Nereida.

Por que milagre, por quantas vicissitudes e transformações teriam passado os deuses expulsos do Olimpo e refugiados em qualquer antigo manuscrito de Bizâncio, antes de chegarem a Ouglitch e serem recolhidos pelo velho artista russo?

Deformados por um desenhador bárbaro, pareciam atónitos e comprometidos na sua nudez. No meio dos profetas austeros e dos ascetas, davam a impressão de estar meio gelados, com os corpos nus entorpecidos pelo frio da noite boreal. E apesar disso, aqui e ali, na curva dum cotovelo, no desenho duma espádua, no torneado duma perna, brilhava o reflexo distante da sua beleza eterna.

E Eustáquio sentia-se confuso e aterrorizado ao reconhecer nas imagens dos livros dos salmos de Ouglitch, que lhe pareciam santas e lhe eram familiares desde a meninice, a sedução da impureza helénica.

À memória acudiam-lhe outras imagens profanas, as lendas dos «epítomes russos», as pálidas sombras da antiguidade pagã, a Górgona, com rosto humano, pés de cavalo e uma cauda; o Centauro, com cabeça de homem e pés de burro; os sátiros que habitavam nos bosques com os animais.

Eustáquio estremeceu e, tornando a si, persignou-se devotamente e murmurou o apotegma dum erudito russo, que ouvira uma vez citar a Ilia Copila:

— São tudo falsidades, não há Centauros, nem Górgonas, nem criaturas cobertas de pelos, tudo isso são criações dos filósofos gregos. Os Santos Padres e os Apóstolos proíbem a beleza.

E, a seguir, pensou:

«Será verdadeiramente assim? Tudo isto será falso e mentiroso?»

Ergueu-se e foi buscar a uma das prateleiras a prancheta com um desenho, por ele começado, representando uma composição com o seguinte tema: «Toda a criatura ergue os seus louvores para o Altíssimo.» Os diversos personagens do quadro estavam tão delicada e minuciosamente desenhados, que só podiam ser bem observados com o auxílio duma lente.

Nos Céus, estava o Todo-Poderoso num Trono; a seus pés, as sete esferas celestes, o Sol, a Lua e as estrelas, com a inscrição: «Louvai o Senhor, Céu dos céus, louvai-O; estrelas e luz, Sol e Lua, louvai-O!» Por cima, pairava um bando de pássaros; ao longe o granizo, a neve, as árvores, as montanhas e as chamas saindo da terra; as feras mais diversas e os répteis; um abismo hiante como uma caverna com a legenda: «Louvai-O, vós, árvores férteis, louvai o Senhor!» Aos lados do quadro, rostos de anjos, de

santos, de juízes, de reis, de príncipes, e multidões humanas: «Louvai-O, vós todos, louvai-O, filhos de Israel e vós, todas as raças e povos da terra!»

Durante este trabalho, e não sabendo como exprimir por outra forma os sentimentos que lhe enchiam a alma, Eustáquio acrescentara, por sua própria inspiração, a estes rostos habituais, o martírio de S. Cristóforo, com cabeça de cão, e o Centauro, o deus-fera.

Sabia estar violando a tradição do manual, mas não tinha dúvidas da sua absoluta sinceridade: parecia-lhe sentir uma mão invisível a guiá-lo.

E, conjuntamente com o Céu e com o Inferno, com o fogo e o espírito divino, com as colinas, as árvores, e os animais, os répteis, os homens e as forças imateriais, com o S. Cristóforo e com o Centauro cristianizado, a alma de Eustáquio cantava também: «Que todas as criaturas louvem o Senhor!»

VII

Francisco I era um grande amoroso. Gostava de todas as mulheres e para ele não havia feias. Costumava dizer que até a mulher mais destituída de beleza possuía sempre qualquer encanto que faltava às outras. Quando partia para a guerra levava consigo, além dos ministros, bobos, anões, astrólogos, cozinheiros, padres e negros, uma numerosa coorte de «sacerdotisas de Eros», capitaneadas pela venerável matrona, Jehanne Linière. Eram de todas as festas e de todos os divertimentos, comparecendo até nas procissões religiosas. Em viagem, a corte misturava-se de tal maneira a estas alegres pecadoras que era difícil marcar uma linha de separação entre elas e as donas. As «flores do pecado» eram de certo modo também damas da corte, e as damas, pelos seus galantes passatempos, regalavam aos maridos as comendas doiradas da Ordem de S. Miguel Arcanjo.

A prodigalidade do rei com as mulheres era ilimitada. As contribuições e os tributos aumentavam constantemente, mas apesar disso nunca havia dinheiro. Quando o povo já não tinha mais nada para dar, Francisco I confiscava as baixelas dos grandes senhores; uma vez, mesmo, deu ordem para fundir e amoedar a grade de parte que cercava o túmulo do grande S. Martinho de Tours. Isto não representava porém heresia, mas sim falta de dinheiro, pois o rei proclamava-se «o filho dileto da Igreja Romana» e perseguia toda a espécie de heresias e de ateísmos, como se fossem ofensas pessoais.

No tempo de S. Luís, uma lenda espalhada entre o povo atribuía aos reis de França a virtude de curar certas mazelas com o contacto das mãos. Pela Páscoa, Natal, Santíssima Trindade e ainda outras festas, os escrofulosos em busca de alívio afluíam de todos os cantos da França, e até da Itália, Espanha e da Saboia.

Durante as festas do batizado do Delfim, vieram a Amboise muitos doentes. No dia marcado, deixaram-nos entrar no pátio do palácio real, onde Francisco I cumpria as formalidades habituais. Antigamente, no tempo em que a Fé era mais sólida, Sua Majestade, passando por diante dos doentes, fazia um sinal da cruz sobre cada um, e, tocando-lhes com o dedo, dizia: «O rei te tocou, Deus te curará.» Com o tempo, porém, a fé decresceu as curas tornavam-se mais raras, e agora a frase consagrada revestia a forma dum voto: «Que Deus te cure, visto o rei já te ter tocado.»

No fim da cerimónia trouxeram ao rei uma bacia e três toalhas molhadas, uma em vinagre, outra em água simples e a terceira em essência de laranja. Francisco I lavou as mãos, o rosto e o pescoço.

O espetáculo de tanta miséria humana, de tantas disformidades e chagas, trouxe ao rei o desejo de retemperar a alma e repousar os olhos, proporcionando-lhes uma diversão agradável. Lembrou-se do projeto, já várias vezes adiado, de ir com alguns membros da sua corte ao *atelier* de Leonardo, e dirigiu-se ao castelo de Cloux.

Durante todo o dia, apesar da fraqueza que ainda o afligia, o pintor tinha trabalhado aturadamente no quadro de S. João Batista.

Os raios oblíquos do sol poente entravam pelas janelas semiogivais do *atelier*, grande aposento retangular, forrado de tijolos e cujo teto era atravessado por traves de castanho. Aproveitando a última

claridade do dia, Leonardo tentava acabar a mão direita do Santo, que mostrava a cruz.

Ouviram-se debaixo das janelas ruídos de pessoas e vozes.

— Não deixes entrar ninguém! — disse o mestre voltando-se para Francesco Melzi. — Ninguém, ouviste? Diz que estou doente!

O discípulo saiu para o corredor, no intuito de despedir as visitas importunas, mas, ao reconhecer o rei, inclinou-se respeitosamente, e escancarou a porta. Leonardo mal teve tempo de encobrir o retrato de Gioconda, que se encontrava ao lado de S. João Batista: escondia-a sempre porque não queria que estranhos a vissem.

O rei entrou no *atelier*.

Vinha vestido com uma riqueza de acentuado mau gosto, de cores berrantes; o tecido das vestes, cheio de bordados, de oiro e de pedrarias, uns calções justos, de veludo negro, um gibão muito curto, do mesmo tecido entremeado de brocado de oiro, com as mangas largas e entufadas e uma gorra chata, ornamentada com uma pluma branca de avestruz. O gibão, decotado em quadrado, descobria o pescoço delgado e branco como marfim; de toda a sua pessoa se exalava um intenso perfume. Contava então vinte e quatro anos; os seus admiradores pretendiam que o seu rosto exprimia tal majestade que mesmo quem não o conhecesse adquiria imediatamente a certeza de estar em frente do rei. Tinha efetivamente uma figura nobre, esbelta, cheia dum vigor pouco comum; sabia encantar pelas atitudes cheias de sedução; o seu rosto, porém, dum oval estreito, muito branco, cercado duma barba crespa e negra como o alcatrão, a testa estreita, o nariz comprido e pontiagudo, os olhos maliciosos, ora frios ora ardentes, os lábios delgados, vermelhos e húmidos, tudo isto tinha uma expressão desagradável de sensualidade, — qualquer coisa de faunesco, que fazia lembrar o bode e o macaco.

Leonardo, conforme a etiqueta, preparava-se para dobrar o joelho diante de Francisco I, mas o rei deteve-o, curvou-se para ele e beijou-o respeitosamente.

— Há muito tempo que nos não vimos, mestre Leonardo! — disse o rei, amavelmente. — Como tens passado, tens trabalhado muito? Tens qualquer quadro?

— Tenho estado doente, majestade! — respondeu o pintor, e pegou no retrato de Gioconda, para o pôr de lado.

— O que tens aí? — perguntou o rei, indicando o retrato.

— É um antigo retrato, Sire, que vós já conheceis.

— É o mesmo, mostra-mo outra vez! Os teus quadros, quanto mais a gente os vê, mais nos agradam!

Como o pintor hesitasse, um dos cortesãos aproximou-se e descobriu o retrato.

Leonardo ficou contrariado; o rei sentou-se numa poltrona e durante muito tempo contemplou o quadro em silêncio.

— É maravilhoso! — exclamou, finalmente, saindo do seu embevecimento. — É a mulher mais bela que os meus olhos ainda viram! Quem é?

— É Madona Lisa, mulher de Giocondo, cidadão florentino.

— Há muito tempo que a pintaste?

— Há dez anos.

— E é ainda tão bela?

— Já morreu, Sire!

— Mestre Leonardo da Vinci — disse Saint-Gelais, o poeta da corte, — trabalhou neste quadro durante cinco anos e ainda o não terminou; pelo menos, é o que ele diz.

— Não o terminou? — disse o rei admirado. — Não, não acredito! Parece estar viva, só lhe falta falar! Na verdade — acrescentou, voltando-se para o pintor, — é caso para te invejarmos, mestre Leonardo! Cinco anos junto duma mulher como esta; não tens de te queixar do destino! E que fez o marido durante esses cinco anos? Se ela não tivesse morrido, creio que tu continuarias a tua obra indefinidamente!

E ria maliciosamente, piscando os olhos ardentes; mais do que nunca, tinha o aspeto dum fauno; a ideia da honestidade de Monna Lisa e da fidelidade ao marido, não lhe passava sequer pelo espírito.

— Amigo Leonardo — acrescentou sorrindo, — tens bom gosto para as escolher! Que ombros, que pescoço! E o que não se vê deve ser ainda mais belo...

Contemplou-a com um olhar irreverente e cheio de sensualidade.

Leonardo calou-se, empalideceu e baixou os olhos.

— Para realizar uma obra semelhante — disse o rei, — não basta ser um grande pintor, é preciso penetrar todos os mistérios do coração feminino, esse labirinto de Dédalo, essa meada que nem o próprio Diabo é capaz de desempecer! Julgais, às vezes, uma mulher meiga, tímida, humilde; junta as mãos como uma freira, parece não ser capaz de fazer mal a uma mosca; mas experimentai confiar nela, tentai adivinhar o que se passa na sua alma!...

Leonardo afastou-se um pouco, com o pretexto de colocar em melhor posição um cavalete de outro quadro.

— Não sei se será verdade, Sire — disse Saint-Gelais, em voz baixa, ao ouvido do rei, de maneira que Leonardo não pudesse perceber, — asseveraram-me que este original não só não amou Monna Lisa, mas que nunca em sua vida amou qualquer mulher, e que é absolutamente casto.

E, mais baixo ainda, com um sorriso significativo, acrescentou qualquer coisa de muito indiscreto, talvez sobre os amores de Sócrates, sobre a beleza de alguns discípulos de Leonardo e sobre os hábitos licenciosos dos mestres florentinos. Francisco I admirou-se, mas, a seguir, encolheu os ombros com o sorriso complacente dum homem compreensivo e mundano, sem preconceitos, aproveitando ele próprio a vida como pode, e não impedindo que os outros façam o mesmo. A sua atenção foi depois atraída por um esboço que se encontrava ao seu lado.

— E este quem é?

— A julgar pelos cachos de uvas, deve ser um Baco! — sugeriu o poeta.

— E aquilo? — disse o rei mostrando outro quadro.

— É outro Baco! — respondeu Saint-Gelais depois duma curta hesitação.

— É curioso! — notou Francisco I. — Os cabelos, o peito, o rosto, parecem duma mulher. A cabeça é semelhante à de Monna Lisa: é o mesmo sorriso.

— Talvez seja andrógino! — notou o poeta.

E quando o rei, que não era demasiado culto, lhe perguntou o que significava esse nome, Saint-Gelais contou-lhe a antiga fábula de Platão acerca dos seres com dois sexos, homens-mulheres, mais perfeitos e mais belos que os homens, filhos do Sol e da Terra e reunindo em si princípios dos dois sexos: tão fortes e orgulhosos que, como os titãs, tinham projetado marchar contra os deuses e escorraçá-los do Olimpo. Júpiter reprimira a rebelião, mas não querendo aniquilá-los completamente para se não privar das suas preces e oferendas, com um dos seus raios separou-lhes os corpos em duas partes. E desde esse tempo, os homens e as mulheres, cheios de angústia, perseguem-se uns aos outros atormentados pelo insaciável desejo que se chama o amor e que atesta à humanidade a reunião primitiva dos dois sexos no mesmo indivíduo.

— Talvez — acrescentou o poeta, — mestre Leonardo nesta conceção tentasse ressuscitar o que já não existe na Natureza, procurando reunir o que os deuses separaram: o princípio masculino e o feminino!

Durante esta explicação o rei contemplava o retrato com o mesmo olhar impudente e cínico que tivera instantes antes para a Monna Lisa.

— Resolve o problema, mestre! — disse, voltando-se para Leonardo. — É Baco ou o Andrógino?

— Nem um, nem outro, Sire! — respondeu Leonardo, corando como um criminoso. — É João Batista.

— S. João Batista? Não é possível!

Então, fixando atentamente o quadro, o rei descobriu na sua sombria profundidade uma fina cruz de junco. Perplexo, abanou a cabeça. Esta mistura do sagrado e do profano parecia-lhe uma zombaria, mas ao mesmo tempo agradava-lhe. E, assim, admitiu logo que lhe não devia atribuir uma demasiada importância: era uma excentricidade, como outra qualquer, do génio de Leonardo.

— Mestre Leonardo, compro-te os dois quadros! Quanto queres por eles?

— Sire — respondeu timidamente o pintor, — ainda não estão acabados, precisava antes...

— Não falas sério! — interrompeu Francisco I. — O S. João podes acabá-lo, se assim o desejas, esperarei. Mas, quanto à Gioconda, proíbo-te que lhe toques mais! Não conseguirias aperfeiçoá-la; e quero tê-la em minha casa, quanto antes, amanhã, ouviste? Diz quanto queres, sem receio, que eu não

discutirei.

Leonardo via a necessidade de descobrir uma desculpa, um pretexto qualquer para recusar. Mas que poderia ele dizer a um homem que transformava tudo aquilo a que se referia em trivialidade, ridículo e indecência? Como explicar-lhe o que representava para ele a Gioconda, e por que razão não consentiria em separar-se dela por dinheiro nenhum?

O rei pensava que Leonardo refletia com receio de vender muito barato.

— Bem, se não queres tu fixar o preço, fixo-o eu!

Admirou a Monna Lisa e disse:

— Três mil «escudos». Achas suficiente? Três mil e quinhentos!

— Sire — murmurou de novo o pintor com voz trémula; — asseguro-vos... — Deteve-se: o seu rosto empalideceu.

— Vamos, quatro mil, mestre Leonardo! Parece-me que é bem pago!

Um murmúrio de admiração espalhou-se entre os cortesãos: nunca nenhum mecenas, nem mesmo Lourenço de Médicis, dera uma tal quantia por um quadro.

Leonardo ergueu os olhos para Francisco I, com uma angústia inenarrável. Estava prestes a cair-lhe aos pés para lhe suplicar, como se se tratasse da própria vida, que lhe não arrebatasse a Gioconda. Julgando ver na sua emoção um sinal de reconhecimento, o rei ergueu-se para partir e beijou novamente o pintor.

— Fica então combinado? Quatro mil. Terás o dinheiro quando quiseres, e amanhã mandarei buscar a Gioconda. Fica sossegado, destino-lhe um bom lugar, ficarás contente! Conheço bem o valor da tua obra e quero conservá-la para a posteridade.

Quando o rei saiu, Leonardo deixou-se cair aniquilado numa poltrona. Contemplou o retrato com um olhar triste, desolado, não querendo ainda acreditar o que acabava de acontecer. Projetos absurdos e pueris acudiam-lhe ao espírito: escondê-la em qualquer parte para que o rei a não pudesse encontrar, e não a entregar nunca, mesmo que o ameaçassem de morte, ou então mandá-la para Itália com Francesco Melzi e a seguir fugir ele próprio.

A noite caía. Francesco veio diversas vezes ao atelier espreitar o mestre, sem se atrever a perturbá-lo. Leonardo estava sempre na mesma posição em frente do retrato: na obscuridade, o seu rosto parecia imóvel e pálido, como o dum cadáver.

Durante a noite, o artista foi ao quarto de Francesco, que já estava deitado mas que ainda não conseguira adormecer.

— Levanta-te, vamos a Amboise! Desejo falar ao rei.

— Mestre, é já muito tarde! Estais fatigado, atormentado e poderíeis recair. Será melhor deixar essa visita para amanhã.

— Não, não, já, imediatamente! Acende uma lanterna e vem comigo! Se não queres, irei eu sozinho.

Sem discutir mais, Francesco ergueu-se, vestiu-se, e partiram ambos.

VIII

Do castelo de Cloux a Amboise eram dez minutos de caminho; trilho áspero, íngreme, mal calçado; Leonardo avançava penosamente, encostado ao braço do discípulo.

A noite estava negra, sem estrelas. O vento soprava rijo. Os ramos das árvores agitavam-se como sacudidos por um arrepio mórbido. Lá em cima, através das folhagens, brilhavam as janelas iluminadas do castelo. Ouvia-se o som da música. O rei ceava na companhia dum pequeno grupo dos membros mais escolhidos da corte e divertia-se com um dos seus passatempos favoritos: fazer beber por uma grande taça de prata, cujos preciosos cinzelados representavam as mais escabrosas cenas de devassidão, todas as donzelas e damas da corte. Recreava-se em observar-lhes as diferentes atitudes: umas riam, outras choravam de vergonha, outras ainda zangavam-se; havia as que fechavam os olhos para não ver e as que fingiam ver sem compreender.

Entre as damas encontrava-se a própria irmã do rei, a princesa Margarida, a «pérola das pérolas», como a apelidavam. Era célebre pela sua beleza e pela erudição. A arte de seduzir era o seu forte. Encantadora para todos que dela se aproximavam, a todos se conservava indiferente, exceto ao irmão. Amava-o com um amor ilimitado e singular: as suas fraquezas pareciam-lhe perfeições: os defeitos, virtudes; e a sua máscara de fauno, um rosto de Apolo. Confiadamente, cegamente, por ele daria tudo: alma e corpo. A maledicência da corte exagerava talvez o amor de Margarida.

Em todo o caso, Francisco I abusava desse sentimento: punha constantemente à prova a dedicação da irmã, não somente nos seus trabalhos, doenças, ou nos perigos que o ameaçavam, mas também nas suas aventuras galantes.

Vieram-lhe anunciar mestre Leonardo; o rei deu ordem de o receber e, acompanhado de Margarida, dirigiu-se ao seu encontro.

Quando o pintor, perturbado, com os olhos baixos, atravessou as salas iluminadas, por entre duas filas de damas e cavaleiros, olhares admirados e trocistas fixaram-se nesse velho alto, de compridos cabelos brancos, de aspeto sombrio e atemorizado.

— Mestre Leonardo! — disse o rei saudando-o e beijando-o respeitosamente, como costumava. — Sede bem-vindo! Que te posso oferecer? Tu não comes carnes, mas talvez uns legumes, uns frutos?...

— Agradeço-vos, Sire... Perdoai-me, desejo falar convosco!

O rei contemplou-o fixamente.

— Que tens tu, querido amigo? Estás doente?

Afastou-se um pouco com ele e perguntou-lhe, indicando a irmã:

— Não te incomoda que ela assista?

— Oh! Não, de maneira nenhuma — respondeu o pintor, curvando-se diante de Margarida. — Ouso até esperar que Sua Alteza intercederá por mim junto de Vossa Majestade.

— Fala! Sabes que eu estou sempre disposto a ser-te agradável.

— É ainda o mesmo assunto, Sire. Trata-se do quadro que desejais comprar, o retrato de Monna Lisa.

— O quê? Ainda? Porque o não disseste logo? És um original! Pensava que tínhamos chegado a um acordo no preço.

— Não se trata de dinheiro, Sire.

— O que é então?

Perante o olhar indiferente do rei, Leonardo sentiu de novo a impossibilidade de lhe falar de Gioconda.

— Sire — começou timidamente o pintor, fazendo um esforço para dominar a vergonha que o paralisava, — Sire, sede misericordioso e não me priveis desse quadro! De todas as maneiras ele será vosso e eu não tenho necessidade de dinheiro: deixai-mo somente por algum tempo ainda, até que eu já não exista!

Calou-se, incapaz de acrescentar mais uma palavra; e, numa súplica desesperada, os seus olhos voltaram-se para Margarida.

— Sire — disse a irmã, — acedei à súplica de *messer* Leonardo! Ele é bem digno dela, sede magnânimo!

— Também vós, madame Margarida, tomais o seu partido? Mas então isto é uma verdadeira conspiração!

Ela pousou a mão sobre o ombro do irmão e segredou-lhe ao ouvido:

— Não haveis compreendido nada? Ele ainda a ama!

— Mas ela já morreu!

— Que importa! Os mortos também se amam! Não me haveis dito que ela vivia ainda, no retrato? Fazei-lhe a vontade, meu irmão, não atormenteis o pobre velho!

Uma recordação vaga atravessou o espírito de Francisco I: reminiscência meio apagada, um pouco infantil, de ter lido qualquer coisa acerca da união eterna das almas, do amor para além da vida, da fidelidade cavalheiresca. Quis ser generoso.

— Seja, mestre Leonardo — disse o rei sorrindo. — Fazes de mim tudo o que queres! E soubeste escolher uma eloquente protetora. Podes ficar sossegado, concedo o que me pedes! Não te esqueças, porém que o retrato me pertence e que o dinheiro vai ser pago adiantadamente.

No olhar de Leonardo passou um lampejo de alegria tão pueril e tão digna de simpatia que o rei sorriu cheio de benevolência e, batendo-lhe amigavelmente no ombro, acrescentou:

— Não receies nada, querido Leonardo, dou-te a minha palavra que ninguém te roubará a tua Lisa!

As lágrimas assomaram aos olhos de Margarida: com um terno sorriso estendeu a mão ao pintor, que lha beijou silenciosamente.

A música começou: tinha principiado o baile. Os pares começaram a dançar e mais ninguém falou nessa visita extraordinária que tinha atravessado a festa como uma sombra, para desaparecer de novo nas trevas da noite sem estrelas.

IX

Francesco Melzi, que ia entrar na posse duma pequena herança, necessitava de certos documentos que se encontravam em casa do notário real, mestre Guilherme Borreau, em Amboise. Mestre Borreau era uma pessoa instruída, agradável e que nutria grande amizade por Leonardo.

Conversando uma vez com Francesco acerca dos trabalhos do mestre, contou-lhe, sorridente, que um pintor maravilhoso, oriundo das terras do Norte, estava hospedado em sua casa. Como Francesco o interrogasse a esse respeito, fê-lo subir ao sótão e aí, ao fundo do mesmo, junto do pombal e no vão duma mansarda, mostrou-lhe o *atelier*, em miniatura, do pintor de imagens santas, Eustáquio Gagar.

No seu regresso, para distrair o mestre, que, havia muito tempo, vivia sempre absorvido pelos seus pensamentos, Francesco contou-lhe que descobrira uma autêntica curiosidade, o *atelier* dum pintor bárbaro, e incitou Leonardo a ir ele próprio visitá-lo.

Da Vinci lembrou-se então da conversa que tivera em Milão, no palácio do Mouro, com o embaixador russo Nikita Karatcharov, acerca da longínqua Moscóvia, e sentiu desejos de conhecer esse pintor que vinha de regiões quase fabulosas. Uma tarde, alguns dias depois da visita do rei, dirigiram-se a casa de mestre Guilherme. Os camaradas de Eustáquio tinham ido todos a um baile de máscaras que havia no castelo, mas Eustáquio, a quem as mulheres decotadas assustavam, que receava as orgias, a música e as canções diabólicas, ficara sozinho em casa, a trabalhar na sua obra: «Todas as criaturas louvam o Senhor.»

Estava completamente absorvido no trabalho quando, de repente, ouviu um ligeiro ruído e um sussurro de asas. Eustáquio sabia que a vizinha, a jovem mulher do velho padeiro, costumava dar de comer aos pombos. Muitas vezes a espreitava às escondidas. Naquela ocasião, lá estava ela no vão sombrio da janela aberta, por cima do muro, rodeada de ramos de lilases; um corpete decotado descobria-lhe o pescoço branco; tinha um rosto aprazível, pintalgado por algumas sardas quase impercetíveis, e os cabelos loiros.

Olhou-a, correspondeu mesmo ao seu sorriso com outro sorriso involuntário, mas dominou-se em seguida, refletindo que toda a mulher é um agente do Inferno, que é preciso evitar a sua beleza, sendo mil vezes preferível refrear a febre do desejo a possuir uma dessas criaturas, porque a febre, depois dos seus estragos, sempre nos abandona, enquanto a mulher, essa não nos larga mais em toda a vida.

Entregou-se ao trabalho e começou a pintar uma mártir de cabelos de oiro, como os da linda padeirinha. Ouviram-se então vozes na escada. Blaise, o velho intérprete da embaixada, entrou acompanhado pelo proprietário, mestre Borreau, por Leonardo e Francesco Melzi.

Quando Blaise explicou a Eustáquio que os recém-vindos desejavam visitar o *atelier*, este sentiu tal confusão e vergonha que, assustado e silencioso, se conservou de pé, sem ousar erguer os olhos, a não ser para contemplar Leonardo. O rosto do velho mestre parecia a Eustáquio ser-lhe já familiar: descobriu-lhe uma semelhança flagrante com o rosto do profeta Elias, que vinha representado no *Manual do Imaginário*.

Depois de examinar os utensílios do pequeno *atelier*, sobretudo os pincéis, como nunca vira outros iguais, a atenção de Leonardo foi atraída para a iluminura com a legenda: «Todas as criaturas louvam o Senhor.» Apesar das confusas e dificultosas explicações de Blaise, o pintor compreendeu imediatamente o assunto, e espantou-se que um bárbaro, filho duma raça selvagem, estivesse assim tão iniciado na ciência profunda da humanidade.

Folheou a seguir, cheio de curiosidade, o *Manual do Imaginário*. Era um enorme manuscrito, com as margens delicadamente ornadas de desenhos a lápis e a tinta vermelha.

Leonardo sentia que aquilo não era a verdadeira pintura, mas que, apesar da imperfeição do desenho, da má distribuição da luz e das sombras, da falsa perspetiva e da errada anatomia, havia ali como nos velhos mosaicos bizantinos, esse poder que nasce da fé e uma exaltada compreensão da beleza.

O que sobretudo o impressionou, foram as duas reproduções de S. João Batista Alado: um, segurava na mão esquerda um cálice de oiro em que estava o Menino Jesus, para o qual ele apontava com a mão direita; o outro, contra todas as leis da Natureza, possuía duas cabeças: uma viva sobre os ombros, a outra morta num prato que segurava nas mãos. Ambas elas tinham expressões estranhas e terríveis: os olhos desmesuradamente abertos, a barba e os cabelos em desalinho. O hábito sacerdotal, de pelo de camelo, abria-se alado; os ossos das mãos e dos pés ressequidos, só cobertos pela pele, pareciam leves, feitos para voar, como os ossos e as cartilagens dos pássaros; atrás das espáduas, umas asas enormes, como as dum cisne ou dum desses grandes passarolos — *grandi uccelli*, com que Leonardo sonhara durante toda a vida. À lembrança de Leonardo acudiram as palavras do profeta Malaquias, que tinha, uma vez, lido no diário de Giovanni Beltraffio:

«Aguardai, vou enviar o meu mensageiro! Ele preparará o caminho à minha frente! E, de súbito, entrará no seu templo o Senhor que procurais e o mensageiro da aliança que desejais. Ei-lo que chega!»

X

Mal o rei saiu de Amboise, o silêncio e a tranquilidade habituais caíram de novo sobre a cidade. Ouvia-se apenas o tocar monótono dos carrilhões da torre do Relógio, e, à tarde, o grito dos cisnes, nos mouchões arenosos do Loire.

Leonardo trabalhava no S. João Batista. Mas cada vez trabalhava com mais dificuldade e mais lentamente. Parecia às vezes a Francesco que o mestre desejava o impossível.

Certas tardes, ao crepúsculo, o ancião erguia o pano que tapava a Gioconda e contemplava-a demoradamente. Nessas ocasiões, Francesco julgava descobrir — ou seria efeito da desigual distribuição da luz e da sombra — que a expressão de Lisa e a do Adolescente mudava nos dois quadros; dir-se-ia que se animavam tornando-se vivos.

A saúde do mestre decaía gradualmente. Em vão Melzi lhe suplicava que deixasse o trabalho, que repousasse; a nada ele atendia.

Num dia de outono, em 1518, estando a pintar, vacilou de repente e caiu; Francesco, que se encontrava no outro extremo do *atelier*, correu, chamou por socorro, e transportaram-no para o quarto.

Conforme o seu costume, não quis chamar o médico e recusou todo o tratamento; conservou-se na cama durante seis semanas. O lado direito do corpo ficou paralítico; a mão direita completamente tolhida. O restabelecimento operou-se com grande dificuldade e muito lentamente.

Durante toda a vida, Leonardo se servira das duas mãos com quase igual habilidade: ambas lhe eram úteis para o trabalho, pintando com a direita e desenhando com a esquerda. Desta faculdade resultava, segundo diziam, a sua superioridade sobre os outros pintores. Ao sentir os dedos da mão direita, por efeito da paralisia, entorpecidos e inúteis, Leonardo sofria pela perspetiva de nunca mais poder pintar.

Nos princípios de dezembro, pôde enfim levantar-se, mas sem ainda sair do quarto.

Uma tarde, quando todos dormiam, depois da refeição, Francesco, precisando falar ao mestre e não o tendo encontrado nos seus aposentos, desceu ao *atelier*, abriu a porta e olhou cautelosamente. Havia já tempo que Leonardo, cada vez mais misantropo, e irritável, proibira que alguém entrasse sem ser chamado, como se receasse ser vigiado ou interrompido.

Pela porta entreaberta, Francesco viu o mestre, de pé, em frente do S. João: tentava pintar com a mão doente; o rosto estava desfigurado, numa convulsão de desespero, os lábios crispados, as sobrancelhas franzidas e as madeixas brancas dos cabelos colados à testa, empastadas de suor. Os dedos rígidos recusavam-se a obedecer; o pincel tremia na mão do grande artista como na mão dum principiante inexperiente. Transido de terror, não ousando mexer-se, sustando a respiração, Francesco contemplou esta derradeira luta do espírito ainda vivo com a carne agonizante.

XI

O inverno nesse ano foi rude: as pontes foram destruídas pelos blocos de gelo que o Loire arrastava; nos caminhos os homens morriam de frio e os lobos vinham até às portas da cidade; o velho jardineiro assegurava mesmo tê-los visto, uma noite, sob as janelas do castelo; ninguém se atrevia a sair sem armas; as aves migradoras caíam geladas. Uma manhã, ao sair de casa, Francesco encontrou, caída na neve, uma andorinha semimorta e levou-a ao mestre. Este reanimou-a com o seu sopro e construiu-lhe um ninho, num canto da chaminé, tencionando liberta-la na primavera.

Já não tentava trabalhar; tinha retirado para o fundo do *atelier* o S. João, por acabar, outros quadros e desenhos e os pincéis e as tintas. Os dias decorriam tristemente. Às vezes de tarde, chegavam o notário, mestre Guilherme e um frade confessor de Francesco, um velhote agradável e bem humorado. Ficavam horas inteiras a jogar às cartas e às damas.

Naquela época do ano anoitecia cedo. Depois dos amigos saírem, Leonardo ficava, durante muito tempo, a passear no quarto, dum lado para o outro, olhando de vez em quando para o pobre Zoroastro. Mais do que nunca, a presença do impotente era para ele um remorso vivo, uma ironia lançada ao esforço maior de toda a sua vida: dar asas aos homens. O desgraçado passava os dias acocorado a um canto, carpinteirando e cantando, baixinho, sempre a mesma cantiga. A sua melancólica canção parecia tornar o *atelier* ainda mais enervante e monótono, e a luz fria do crepúsculo mais desoladora. Finalmente, a noite caía de todo, e um silêncio de morte pairava em toda a casa. Lá fora, o vento uivava, levantando turbilhões de neve; os ramos nus das velhas árvores rumorejavam; dir-se-iam gigantes malfazejos ralhando e questionando entre si. Às vozes do vento juntavam-se outras mais lamentosas: eram os lobos que uivavam na orla do bosque. Francesco acendia então o fogo e Leonardo sentava-se junto do lar. Melzi tocava razoavelmente a cítara, tinha uma voz agradável e, às vezes, para dissipar as ideias negras do mestre, tocava e cantava. Um dia cantou-lhe a velha canção composta por Lourenço de Médicis para acompanhar a marcha triunfal de Baco e Ariana, essa canção de amor simultaneamente triste e alegre:

Quant'é bella giovinezza!
Che se fugge tuttavia!
Chi vuol esser lieto, sia:
Di doman no c'é certezza.

Com a cabeça caída, Leonardo ouvia, recordando a noite de Estio, as sombras negras como o pez, a luz da Lua opalina quase branca, a rua deserta e os sons da cítara em frente da «loggia» de mármore, na mesma canção de amor. Então acudia-lhe ao pensamento a Monna Lisa.

Os últimos acordes tremulavam e morriam misturados com os ruídos surdos do vendaval. Francesco, sentado aos pés do mestre, erguia então os olhos e via as lágrimas correrem pelas faces de Leonardo.

Quando relia o seu diário, Da Vinci anotava-o com novos pensamentos acerca da única coisa em que pensava: a morte.

Uma vez teve um estranho pesadelo: que o tinham enterrado vivo e que, sufocado e num esforço enorme de pavor, tentava despedaçar o caixão. No dia seguinte, relembrou a Francesco o seu desejo de que o não enterrassem sem que os primeiros sintomas da decomposição se tivessem declarado.

Naquelas longas noites de inverno, evocava os anos da sua longínqua infância na aldeia de Vinci; frequentemente recordava as suas descobertas e invenções, e as máquinas com que pretendera dar à humanidade o domínio total da Natureza.

Quando, às vezes, Francesco lhe lia o Evangelho, ouvia-o com agrado.

XII

Pela manhã, ao levantar-se, contemplava através dos vidros gelados os montículos de neve, o céu pardacento, as árvores cobertas de geada, e parecia-lhe que aquele inverno não acabaria nunca.

Nos começos de fevereiro o tempo melhorou. No espaço exposto ao sol os blocos de neve suspensos nos beirais dos telhados derretiam-se e caíam em gotas de água clara; os pardais chilreavam, o gelo fundido fazia círculos aos pés das árvores e através das nuvens entremostrava-se um céu pálido e azul. Quando pela manhã os raios oblíquos do sol entravam no *atelier*, Francesco instalava ali o mestre, numa poltrona; o velho conservava-se sentado muitas horas, a cabeça descaída, as mãos magras cruzadas sobre os joelhos. Nas mãos inertes e nos olhos semicerrados havia uma expressão de abandono total e de fadiga infinita.

A andorinha estivera presa todo o inverno no *atelier*: Leonardo domesticara-a; pousava-lhe na mão, no ombro, voejava em torno do quarto, e deixava-se agarrar e beijar na cabeça. Ao observar-lhe os voos, de novo nascia no seu espírito a ideia das asas humanas.

Uma vez, abrindo a grande arca que estava a um canto dum quarto, rebuscou nos papéis e cadernos acumulados, misturados a desenhos de máquinas, as diversas notas que reunira para os duzentos *Livros sobre a Vida e a Natureza*, que pretendera escrever.

Toda a sua vida tencionara arrumar e coordenar aquele caos, de forma a reunir os elementos para a sua grande obra mas sempre acabara por adiar para o dia seguinte esse enfadonho trabalho. Sabia que um tal livro seria duma utilidade extraordinária para os homens, e que as suas descobertas influiriam decisivamente nos seus destinos. Mas sabia também que isso seria um trabalho gigantesco para as suas forças, que nunca lograria acabar e que tudo morreria tão inutilmente como tantas outras coisas que perecem neste mundo. Encontrou um pequeno caderno amarelecido pelo tempo, intitulado *Os Pássaros* e começou a lê-lo. Nos últimos anos abandonara completamente os seus estudos e planos sobre a máquina de voar, sem deixar contudo de pensar nela constantemente. Agora, no fim da vida, resolveu tentar um supremo esforço e começou a trabalhar com a mesma persistência e febril entusiasmo que dedicara ao *S. João*, sem pensar na morte, dominando a fraqueza da doença e esquecendo-se até de dormir e de se alimentar. Passava as noites completas embrenhado nos cálculos e desenhos.

Assim decorreu uma semana. Francesco não o abandonava um momento, não dormia de noite, vigiando e espiando, temeroso e triste, o rosto do mestre, desfigurado pelo esforço duma vontade furiosa e pelo desejo veemente de chegar ao fim. Extenuado pelas vigílias, uma noite o discípulo adormeceu de fadiga, numa cadeira, junto do lar apagado.

A madrugada despontava; a andorinha, desperta, chilreava e Leonardo, com a pena na mão, continuava curvado sobre a mesa de trabalho, coberta de papéis cheios de cálculos.

De repente, a cabeça descaiu-lhe: a pena rolou no chão e um grito quase indistinto expirou-lhe nos lábios; o peso do seu corpo, caído sobre a mesa, fê-la tombar e o mestre escorregou, ficando estendido sobre o soalho. Francesco precipitou-se e chamou o criado; ergueram-no e transportaram-no para o leito.

Era um segundo ataque de paralisia.

O doente conservou-se alguns dias sem conhecimento, continuando, no delírio, os seus cálculos matemáticos. Assim que recuperou a razão, pediu que lhe trouxessem os desenhos da máquina de voar, e nem as súplicas de Francesco o fizeram desistir do seu intento. Quando lhe entregaram o caderno pegou nele e escondeu-o debaixo do travesseiro.

Melhorava lentamente e durante muito tempo não se pôde levantar. Francesco, que o não desamparava dia e noite, adormecia esgotado pela fadiga. Uma noite, ao despertar, — tendo dormido talvez cerca de uma hora, — verificou com terror que Leonardo se tinha levantado. Angustiado, desceu e pela porta entreaberta do *atelier* viu o mestre sentado à banca de trabalho, com a cabeça entre as mãos. De repente, pegou na pena e começou a riscar páginas inteiras cheias de cálculos, e, ao voltar-se e dar pela presença do discípulo, ergueu-se cambaleante.

Francesco correu ao seu encontro para o segurar.

— Eu bem te prevenira, Francesco, que havia de acabar com tudo isto — murmurou com um sorriso calmo e enigmático. — Pois bem, foi agora! Acabou-se! Fica tranquilo que eu não recomeçarei! Estou farto! Sinto-me velho e tornei-me estúpido; já não sei nada, do pouco que sabia esqueci-me. Faltam-me as forças para prosseguir. Que o diabo leve a máquina de voar! — concluiu cheio de raiva.

Agarrando as folhas e os cadernos, amarrou-os e rasgou-os. A partir de então, o seu estado agravou-se rapidamente e o discípulo viu bem que Leonardo já se não levantaria. Ficava às vezes dias inteiros mergulhado numa letargia semelhante ao desmaio.

Francesco era devoto, e acreditava com simplicidade nos mandamentos da Igreja. Neste capítulo Leonardo não conseguira exercer sobre ele nenhuma influência. Por seu lado, Francesco sabia que o mestre não cumpria os seus deveres religiosos, mas adivinhava que apesar de tudo não era um ateu. Isto lhe bastava e proporcionava-lhe uma certa consolação.

Agora, porém, o pensamento de que Leonardo pudesse morrer impenitente, aterrava-o, e daria de boa vontade a sua alma para salvar a do mestre. Contudo, não se atrevia a falar.

Uma tarde, sentado à cabeceira do doente, contemplava-o, sempre obcecado por esse terrível pensamento: a morte sem Sacramentos.

— Em que pensas? — perguntou-lhe Leonardo.

— O irmão Guglielmo esteve cá esta manhã — respondeu Francesco, hesitante; — pretendia ver-vos, mas eu disse-lhe que não era permitido.

O mestre fitou demoradamente o discípulo e viu no seu olhar uma súplica cheia de temor e de esperança.

— Não é bem isso que tu pensas, Francesco! Porque não me dizes a verdade?

O discípulo calava-se, com os olhos baixos.

Então Leonardo compreendeu tudo e voltou o rosto, franzido de contrariedade. Sempre desejara

morrer como tinha vivido, na liberdade e na verdade, mas tinha dó de Francesco. Valeria a pena, naquele momento, quando sentia que a sua vida estava terminada, perturbar aquela humilde fé, contristar o amorável coração do seu último discípulo, que o amava tão profunda e sinceramente?

Olhou-o, acariciou-lhe a mão com a sua e disse-lhe, num sorriso cheio de bondade:

— Filho, manda chamar o irmão Guglielmo, que venha amanhã ver-me! Quero confessar-me e comungar. Pede também ao notário para vir!

Francesco não respondeu nada e beijou a mão de Leonardo comovido e cheio de gratidão.

XIII

No dia seguinte, 23 de abril, era sábado de Aleluia. Quando, pela manhã, chegou o notário, mestre Borreau, Leonardo ditou-lhe as suas últimas vontades: deixava, como testemunho de reconciliação, a seus irmãos com quem andava em demanda, quatrocentos florins; ao discípulo Francesco Melzi legava os livros, os aparelhos científicos, os manuscritos, e o resto dos honorários a receber do erário real; ao criado Batista o mobiliário do castelo de Cloux e metade de uma vinha que possuía em Milão; a outra metade deixava-a ao discípulo Andréa Salaino, e finalmente um vestido preto de bom pano com uma coifa de peles e dois ducados em prata à velha criada Mathurine.

Sobre as cerimónias fúnebres e tudo que dizia respeito à sucessão, confiava os cuidados a Francesco Melzi, a quem designava como testamenteiro.

Francesco e mestre Guilherme resolveram logo fazer funerais que persuadissem toda a gente que Leonardo, em contrário dos rumores correntes, morrera como um crente e um filho submisso da Igreja católica.

O artista aprovou tudo e, para mostrar ao discípulo como concordava de boa mente com os seus projetos, fez mais um legado de dez libras destinado às velas das missas que se celebrariam pelo repouso de sua alma, e mais também setenta soldos a distribuir por esmolas aos pobres.

A seguir, entrou no quarto do doente, com os Santos Óleos, frei Guglielmo, e nessa ocasião todos se afastaram.

Quando saiu, o frade tranquilizou Francesco, asseverando-lhe que seu mestre cumprira com humildade todos os ritos exigidos pela Igreja e se mostrara obediente à vontade de Deus.

— Diga o mundo o que disser — concluiu, — justificar-se-á com as palavras do Senhor: «Felizes os que têm a alma pura, porque esses verão a Deus!»

Durante a noite, o doente sentiu sufocações. Francesco receava a todo o momento que ele lhe morresse nos braços. Porém, na manhã seguinte, — domingo de Páscoa, — sentiu-se melhor. As sufocações, contudo, não tinham passado completamente e o discípulo abriu a janela. No céu azul voavam as pombas brancas e o murmúrio das suas asas misturava-se ao som festivo dos sinos que tocavam pela Páscoa. Mas o moribundo já não podia ver nem ouvir nada.

Parecia-lhe que um peso enorme, como o de um bloco de pedra que tivesse caído sobre ele, o esmagava. Tentava erguer-se para se libertar desse peso mas não lhe era possível fazer qualquer movimento. Às vezes, com um esforço desesperado, conseguia libertar-se e voar sustentado por umas asas gigantes; mas de novo os pesos caíam sobre ele, e a luta começava até poder vencer outra vez e voar para muito longe...

Assim viveu alguns dias sem recuperar completamente a consciência, exânime, quase morto. Até que na manhã de dois de maio o frade e o discípulo verificaram que a respiração se tornava cada vez mais

fraca e frei Guglielmo leu então a prece dos agonizantes.

Uma hora depois, Francesco, ao colocar-lhe a mão sobre o coração, notou que este já não batia, e cerrou-lhe piedosamente os olhos.

Enquanto Francesco e os velhos criados lavavam o corpo, abriram todas as janelas e as portas.

A andorinha aprisionada, que ficara em baixo no *atelier* e da qual naqueles dias ninguém se lembrara, ao ver-se livre, voou pelas escadas até ao quarto do morto.

Voejando por cima dele, por entre os círios fúnebres que brilhavam, com uma chama trémula, à claridade matinal do sol, veio pousar, segundo o seu costume, sobre as mãos de Leonardo. Depois, subitamente, bateu as asas, ergueu-se ao alto e pela janela aberta voou para o céu, soltando um grito de alegria. Francesco pensou que pela última vez o seu mestre querido realizava uma daquelas ações que tanto prazer lhe causavam: dar a liberdade a uma ave.

Conforme os desejos do defunto, o corpo conservou-se no quarto durante três dias.

Os funerais fizeram-se segundo o estabelecido; frades, vigários, capelães, acompanharam o féretro com sessenta mendigos, levando cada um a sua vela; rezaram-se numerosas missas nas quatro igrejas de Amboise e distribuíram-se aos pobres os setenta soldos. As almas cristãs podiam concluir que tinham acompanhado ao último repouso um filho obediente da Santa Igreja católica.

Ficou enterrado na Igreja de S. Florentino; mas o seu túmulo, depressa esquecido, confundiu-se com o solo que o rodeava e a própria recordação desapareceu em Amboise. O lugar onde tinha sido enterrado Leonardo ficou desconhecido para a posteridade.

Ao escrever aos irmãos do artista, anunciando-lhes a sua morte, Francesco dizia:

«Não consigo exprimir a dor que sinto pela morte daquele que foi para mim mais do que um pai. Enquanto eu viver hei de chorá-lo porque ele me tratou sempre com um grande e enternecido amor. Penso que é dever de todos chorar a perda de um homem semelhante; a Natureza não criará nunca um outro igual! Que Deus, Todo-Poderoso, o tenha em sua Santa glória.»

XIV

No dia da morte de Leonardo, Francisco I andava caçando na floresta de Saint-Germain. Ao ter conhecimento do fim do artista deu ordem para colocarem os selos no *atelier*, até à sua chegada a Amboise, pois desejava escolher para si os melhores quadros.

Francisco I tinha, no entanto, nessa época, cuidados bem mais importantes. Cinco meses antes, em 12 de fevereiro de 1519, morrera o imperador Maximiliano. Três reis, o de França, o de Espanha e o de Inglaterra, disputavam a coroa do Santo Império, com todos os ardis e intrigas de que eram capazes. Francisco I sonhava já que, se conseguisse reunir nas suas mãos os cetros dos reis de França e o dos imperadores romanos, fundaria uma monarquia sem precedentes na Europa. Estava disposto a gastar três milhões para corromper os eleitores, e procurava a aliança do papa, prometendo-lhe fazer uma cruzada contra os turcos, para libertar o Santo Sepulcro. Jurava que três meses depois de eleito entraria vencedor em Constantinopla e ergueria de novo a cruz sobre a cúpula de Santa Sofia.

Leão X, conforme os seus hábitos, embaía-os a todos com promessas e passava dum rival a outros sem dizer sim nem não.

Um dos embaixadores russos, Dmitri Gerassimov, voltara nessa altura para Moscovo; o outro, Nikita Karatcharov, conservava-se em Roma. Este último, ao ter conhecimento da próxima eleição do imperador e das negociações entabuladas a esse respeito entre Francisco I e o pior inimigo do seu soberano, o rei Segismundo, dirigiu-se a França, acompanhado do legado do papa, a fim de obter informações mais exatas e minuciosas. Como na sua primeira viagem, acompanhavam-no o velho escriba da chancelaria, Ilia Copila, o intérprete Blaise e os dois jovens escriturários, Fedor Rudometov e Eustáquio Gagar.

Eustáquio, como então faziam todos os viajantes russos, tinha um diário de viagem onde notava tudo quanto via e ouvia de mais notável. Assim, entre outras impressões, escrevia a respeito de Florença:

«A cidade de Florença é grande e formosa, nunca vi outra semelhante. As igrejas são magníficas; os palácios de mármore branco, altos e soberbos; há também na cidade um grande templo de mármore branco e preto. Arrumado ao templo, um campanário de mármore branco. Há coisas que eu não posso compreender. Subimos ao alto desta torre e contámos os degraus; quatrocentos e cinquenta. O que o meu espírito pôde apreender, descrevo-o eu tal qual o vi; mas não posso contar o que para mim é incompreensível.»

Assim terminava a descrição de Eustáquio.

Efetivamente, ele não soube descrever aquilo que mais o impressionara. Entre os baixos-relevos hexaedros de Giotto que ornamentam o andar inferior da gigantesca torre sineira, a «Campanile» da catedral de Santa Maria del Fiore e que representam os estágios sucessivos da evolução humana: a criação do gado, a agricultura, o ensino dos cavalos, a invenção dos navios e do tear, a exploração dos metais, o desenho, a música, a astronomia, vira também o hábil mecânico Dédalo experimentando as enormes asas de cera da sua invenção; o corpo coberto de penas, as asas ligadas ao tronco por correias

segurando com as mãos as alavancas interiores que as acionavam, e tentando levantar voo.

Fora este mesmo baixo-relevo que inspirara outrora ao jovem Leonardo, recém-chegado a Florença, ao sair da aldeia natal, a primeira ideia da máquina voadora e do homem-pássaro.

Esta imagem enigmática do Homem alado impressionou tanto mais Eustáquio quanto lhe recordava a imagem que andava desenhando para o ícone do Precursor. Com uma vaga emoção que lhe parecia profética, sentia o contraste existente entre as asas materiais do mecânico Dédalo, construídas decerto por meio de qualquer ardil diabólico, e as asas espiritualizadas do anjo incarnado, João, o Precursor.

Francisco I saiu de Saint-Germain para ir caçar nas florestas de Fontainebleau, e só voltou depois a Amboise. Foi aí que se lhe reuniu, nos primeiros dias de junho de 1519, o enviado russo Nikita Karatcharov. A casa do notário real, mestre Guilherme Borreau, na rua principal, junto da torre do Relógio serviu-lhe ainda, desta vez, de alojamento.

Assim que chegou, o rei foi visitar o *atelier* de Leonardo. Na tarde do mesmo dia a princesa Margarida, acompanhada do príncipe eleitor de Brandeburgo e de outros gentis-homens estrangeiros entre os quais Nikita Karatcharov, dirigiu-se também para o castelo de Cloux.

Fedor aconselhou seu tio Ilia e Eustáquio Gagar a irem com ele igualmente a casa de Leonardo, asseverando-lhes que ali encontrariam muitas e curiosas coisas para admirar.

O intérprete Blaise agregou-se-lhes e partiram todos para o castelo.

Quando chegavam, Margarida de Valois e os outros convidados tinham já acabado a visita e dispunham-se a partir. Apesar disso, Francesco Melzi recebeu-os com a mesma afabilidade que dispensava a todos os visitantes estrangeiros, sem preocupações de categoria ou qualidade: conduziu-os ao *atelier* e começou a mostrar-lhes tudo que nele se encontrava.

Com uma admiração tímida contemplavam as máquinas desconhecidas, as esferas astronómicas, os globos terrestres, os quadrantes, um enorme olho humano de cristal destinado aos estudos da ótica, instrumentos de música demonstrativos das leis da acústica, desenhos anatómicos e esboços de terríficas máquinas de guerra. Tudo isto arrebatava Fedor e lhe parecia a demonstração da mais elevada ciência, no campo da «astrologia e da alquimia superior». Ilia Copila franzia os sobrolhos e desviava-se benzendo-se devotamente. Eustáquio ficou particularmente impressionado pelo velho esqueleto duma asa quebrada, semelhante à duma gigantesca andorinha. Quando Francesco Melzi lhe explicou sucintamente, por intermédio de Blaise, que era uma parte da máquina voadora em que o mestre trabalhara toda a sua vida, Eustáquio recordou-se de Dédalo, o homem alado do campanário de mármore de Florença, e os mais estranhos e pungentes sentimentos despertaram em si com redobrada força.

Ao contemplar os quadros, deteve-se perplexo em frente de João, o Precursor; pareceu-lhe primeiro uma mulher, e não podia crer nas palavras de Blaise, que lhe asseverava, segundo os dizeres de Francesco, que era o S. João Batista; mas, ao observá-lo mais atentamente, viu o cajado encimado por uma cruz, semelhante à que os pintores de imagens russos costumam pintar sobre o ícone de João. Sentia-se perturbado, mas, apesar de toda a diferença que havia entre aquele Áptero e o Alado, que lhe era familiar, quanto mais o olhava mais o impressionava a rara beleza que irradiava do adolescente, semelhante a uma mulher, e do sorriso misterioso com que ele apontava a cruz do Gólgota.

Ficou em frente do quadro numa espécie de encantamento, como enfeitiçado, sem ter consciência de nada, sem conseguir fixar os seus pensamentos, sentindo apenas o coração bater-lhe mais apressado, sob a influência duma emoção inexprimível.

Ilia Copila não se podia conter; cuspiu para o chão, furioso, e exclamou:

— Impureza satânica! Inconveniência vergonhosa! Pois quê? Este devasso ou esta rameira nua, sem barbas nem bigode, pode por acaso ser o Precursor?! Se é o Precursor, será do Anticristo, que não do Cristo. Vamos, Eustáquio, partamos daqui quanto antes, para não macular os nossos olhos; ortodoxos como nós não devem sequer olhar estas imagens diabólicas! Malditas sejam elas!

E agarrando Eustáquio pelo braço, arrastou-o quase à força para longe do quadro. Muito tempo depois de ter saído de casa de Leonardo, não conseguira ainda acalmar-se e continuava as suas imprecações contra os sofismas e as irreverências impiedosas dos pintores latinos.

Eustáquio, mergulhado nos seus próprios pensamentos, ouvia-o sem lhe prestar atenção. Cismava noutra coisa: na imagem satânica. Tentava esquecê-la mas não podia; a figura misteriosa do Áptero, de rosto feminil, erguia-se na sua frente, terrífica e atraente ao mesmo tempo, perseguindo-o como uma obsessão.

XV

Nesta segunda viagem de Karatcharov a Amboise, como a afluência de estrangeiros fosse menor, o notário pudera instalar a embaixada russa em local mais vasto e mais cómodo, no andar inferior da casa. Mas Eustáquio, preferindo a solidão, desejou viver no mesmo quarto em que estivera dois anos antes, sob o teto, ao lado do pombal; e como então, arranjou o seu minúsculo *atelier* no vão da trapeira.

Ao sair do castelo de Cloux dirigiu-se a casa e, ansioso de afastar a tentação, começou a trabalhar numa imagem já quase terminada: esse *João, o Precursor*, de duas cabeças e com duas asas gigantescas que, em pleno céu azul, se mantinha ereto sobre a montanha de areia.

Faltava-lhe apenas terminar o doirado da parte inferior das asas e encetou essa tarefa com o maior ardor.

O trabalho, porém, não lhe proporcionava a ambicionada paz de espírito; as asas do Precursor ora lembravam as do mecânico Dédalo ora as da máquina voadora de Leonardo. A cabeça do Áptero, o misterioso adolescente, erguia-se sempre na sua frente e, apagando o rosto do Alado, seduzia-o, aterrava-o alternadamente.

Sentia-se angustiado e opresso, o pincel caiu-lhe das mãos e reconheceu que lhe era impossível trabalhar. Saiu e vagueou por muito tempo, primeiro pelas ruas da cidade, depois nas margens do Loire. O Sol já se escondera; o céu verde pálido e a estrela Vénus refletiam-se no rio, unido e liso como um espelho. No horizonte subia uma nuvem; relâmpagos de calor fuzilavam como asas de fogo gigantes, agitando-se convulsivamente no ar calmo e pesado. No meio do silêncio, o coração de Eustáquio confrangia-se ainda mais, cheio de dor e de inquietação.

Voltou novamente a casa, acendeu uma lâmpada diante da imagem da Virgem de Ouglitch, e rezou durante muito tempo; a seguir, estendeu a peça de feltro sobre a estreita caixa que lhe servia de leito, despiu-se e deitou-se. Foi em vão, porém, que tentou conciliar o sono.

As horas sucediam-se; tão depressa sentia calor, como tiritava de frio. Na obscuridade atravessada pelo clarão dos relâmpagos, conservava-se estendido, os olhos abertos, escutando o silêncio no qual lhe parecia ouvir estranhos rumores, murmúrios de vozes apagadas e sons indistintos e quase impercetíveis. Pensamentos sem nexo atravessavam-lhe o espírito; lendas maravilhosas acudiam-lhe à memória: via a terrível fera Indrika, que «passeia na terra como o Sol no céu», o monstruoso pássaro Stratina que vive no fim do oceano, agita as vagas e faz naufragar os navios; depois, era o irmão do rei Salomão, esse Centauro, que de dia reina sobre os homens, e de noite, transformado em animal, vagueia pela terra; eram os seres que jamais morrem e caminham sobre os precipícios, tão altos e tão magros que se desfazem ao sopro do vento como uma teia de aranha, pairando no eterno turbilhão, por cima dos abismos. Os galos cantaram então pela segunda vez e isto fez-lhe lembrar uma antiga lenda: no fim da noite, os anjos vão buscar o Sol ao trono de Deus e levam-no para o oriente; os querubins agitam-se, os pássaros todos tremem de alegria e então o galo, levantando a cabeça, acorda, bate as asas, e canta anunciando a luz ao mundo.

E todos estes pensamentos incoerentes se sucediam no espírito, sobrepondo-se uns aos outros e enovelando-se como fios, tal qual num delírio. Susteve a respiração e rezou uma prece, mas sem resultado; as visões tornavam-se cada vez mais indistintas e importunas.

Subitamente o rosto feminino de S. João surgiu da sombra e ergueu-se na sua frente cheio de vida e nimbado de uma beleza diabólica. Com um sorriso terno e irónico, contemplava fixamente Eustáquio; e o seu olhar era tão agudo e sedutor, que o iluminista se sentiu gelado de pânico e um suor frio cobriu-lhe a fronte.

Acendeu, então, a candeia, decidido a velar o resto da noite e foi buscar um velho livro de lendas russas, que principiou a ler.

Até que finalmente adormeceu com um sono agitado.

XVI

Eis o que ele sonhou: uma mulher de rosto e asas de fogo, vestida de uma casula ofuscante, estava sentada sobre o crescente da Lua no meio das nuvens. Por cima dela, erguia-se um tabernáculo com sete pilares e tendo no frontispício esta inscrição: «A Sabedoria construindo a sua casa.» Profetas, bispos, velhos e anjos portadores de hóstias, os arcanjos, os domínios, os tronos, os reinos e as potências, rodeavam-na; e entre a multidão dos profetas, ao lado da Sabedoria, estava João, o Precursor, com os pés e as mãos emagrecidas e espalmadas como patas de cegonha, e asas imensas e brancas, como as que tinha o ícone.

A cabeça, porém, era diferente; na fronte calva, nas rugas obstinadas, nos sobrolhos hirsutos, na longa barba e cabelos grisalhos, Eustáquio reconheceu um rosto que se lhe tinha gravado na memória, o do ancião parecido com o profeta Elias, que dois anos antes tinha vindo ao seu *atelier*: o rosto de Leonardo da Vinci, o inventor das asas humanas. Por baixo, as nuvens em que pairava a mulher, chamejavam no azul do céu, iluminando as cúpulas doiradas e as torres dos templos; mais em baixo ainda, viam-se campos negros recém-lavrados, florestas azuis, rios de águas claras e no horizonte uma planície indefinida que Eustáquio reconheceu ser a terra russa.

Então os sinos começaram a repicar; os eleitos entoaram um coro triunfal: «Aleluia»; os que tinham seis asas, cheios de terror, taparam o rosto e começaram também a cantar: «Que toda a carne humana se acalme e aguarde no meio do pavor e da angústia!» Sete arcanjos agitaram as asas, enquanto se fazia ouvir. E o ribombar de sete trovões. Por cima da mulher com rosto de fogo, a Santa Sofia, que é a sabedoria de Deus, o céu abriu-se e qualquer coisa de branco apareceu, qualquer coisa de terrível como um sol. Eustáquio compreendeu que era o «Capuz Branco», cuja história lera essa noite no repositório das antigas lendas russas. Era a coroa de Cristo que predizia a grandeza terrestre e celeste da terra da Moscóvia.

O pergaminho que o Precursor trazia nas mãos desenrolou-se e Eustáquio pôde ler o que ele continha: «Aguardai, vou enviar à minha frente o meu mensageiro a preparar o caminho, e subitamente entrará no seu Templo o Senhor que procurais, e o mensageiro da aliança que desejais. Olhai, eis que está a chegar!»

O ribombar dos trovões, os frémitos das asas, a aleluia triunfal e o repicar dos sinos misturavam-se num coro único de louvores à santa Sabedoria.

E campo e bosques e rios e montanhas, e todos os infinitos longes da terra russa, respondiam a esse canto.

Eustáquio despertou. Era ainda muito cedo, mal despontava a aurora.

Ergueu-se, abriu a janela e aspirou o odor fresco e perfumado das folhas das ervas molhadas que chegava até si; tinha chovido durante a noite. Na extremidade do céu, no sítio onde ia nascer o Sol, as nuvens acumuladas purpureavam-se e doiravam-se. As ruas da cidade dormiam ainda naquele anúncio da aurora; apenas o esbelto e branco campanário da capela de Saint-Hubert se iluminava duma claridade

verde pálido. O silêncio era perfeito e cheio de majestosa expectativa. Sobre os bancos de areia do Loire deserto ouvia-se apenas o grito dos cisnes selvagens.

O pintor de ícones sentou-se à pequena banca no vão da trapeira, em frente da prancheta inclinada onde desenhava e na qual estava incrustado, num dos lados, um tinteiro de osso; aparou uma pena de pato e abriu um grande caderno. Era um novo *Manual do Imaginário*, obra de grande fôlego que andava preparando.

«Qual foi o princípio do ícone? Não provém do homem, mas do próprio Deus Padre, que engendrou o Filho; é a sua Palavra, a sua Imagem viva»: tais eram as últimas palavras que Eustáquio escrevera na véspera. Molhou a pena e acrescentou: «Eu, pecador, tendo recebido de Deus o privilégio do talento, não o quis esconder debaixo da terra, quis trabalhar para o bem de todos. Vós, meus irmãos, para quem faço os meus trabalhos, suplico-vos que dirijais ao Senhor uma prece ardente, para que eu, que desenhei a sua face e as dos seus servidores, os Santos, possa ver a sua imagem divina e as dos eleitos, lá no Reino dos Céus, onde a sua glória e grandeza são exaltadas por todos os espíritos, hoje e perpetuamente, pelos séculos dos séculos, Ámen!»

Enquanto ele escrevia, o disco do Sol, como um trovão incandescente, apareceu sobre o negrume da floresta. No beiral do telhado, os pombos, num frémito de asas, levantavam voo.

Um raio de sol entrou pela janela e caiu sobre a banca de Eustáquio, onde estava o ícone de João, o Precursor, iluminando-lhe as asas, cuja face interior era de oiro vermelho como o fogo, e a exterior branca como a neve. Todas abertas no azul do céu, por cima da terra amarela e do negro oceano, eram semelhantes às asas dum cisne gigante; cintilavam na púrpura do sol como se, subitamente, tivessem sido animadas duma vida sobrenatural.

Eustáquio lembrou-se então do sonho; pegou num pincel e, mergulhando-o em tinta vermelha, escreveu sobre o pergaminho branco do Precursor alado:

«Aguardai, vou enviar o meu mensageiro a fim de preparar o caminho à minha frente, e subitamente o Senhor que vós procurais entrará no seu Templo, e com ele o mensageiro da aliança que desejais. Eis que se aproxima!»

FIM

Índice

CAPÍTULO I A diabinha branca
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
CAPÍTULO II Ecce Deus — Ecce Homo (1494)
I
II
III
IV
V
CAPÍTULO III Os frutos venenosos (1494)
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
CAPÍTULO IV O sábado das feiticeiras (1494)
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
CAPÍTULO V Seja feita a vossa vontade (1495)
I
II
III
IV
V
VI
CAPÍTULO VI Diário de Giovanni Beltraffio (1494-1495)
CAPÍTULO VII O Auto-de-Fé das «Vaidades» (1496)

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
CAPÍTULO VIII Idade de Oiro (1496-1497)
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
CAPÍTULO IX Os cisnes (1498-1499)
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
CAPÍTULO X Águas calmas (1499-1500)
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
CAPÍTULO XI Voará! (1500)
I
II
III

IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
CAPÍTULO XII Ou César — ou nada (1500-1503)
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
CAPÍTULO XIII A fera escarlate (1503)
I
II
III
IV
V
CAPÍTULO XIV Monna Lisa Gioconda (1503-1506)
I
II
III
IV
V
VI
CAPÍTULO XV Para ressuscitar os mortos (1506-1513)
I
II
III
IV
V
CAPÍTULO XVI Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo e Rafael (1513-1515)
I
II
III
IV
V
VI

CAPÍTULO XVII A morte — O precursor alado
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI